



LUNA AND THE LIE

MARIANA ZAPATA

NEW YORK TIMES AND USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



Moderadoras

Lilly Draconi, Meghan Williams & Kamylee Bennett

Staff

Tradução

Rainha das Sombras

Revisão Inicial

Seda

Revisão Final

Phoenix

Leitura Final

Cris

Conferência

Flávia A. Queen

Formatação

Meghan Williams

Disponibilização

Equipe Queens of Shadows

2019

Luna and the Lie

Mariana Zapata

O problema dos segredos é que eles são fáceis de serem descobertos.

Luna Allen fez algumas coisas que ela preferiria que ninguém nunca soubesse. Ela também sabe que se pudesse voltar no tempo não mudaria nada.

Com três irmãs que ela ama, um trabalho que ela (principalmente) adora, e uma família formada por amigos que ela fez ao longo dos anos, Luna acha que tudo deu certo do jeito que deveria.

Mas quando um desses segredos envolve o homem que assina seu contracheque, ela não consegue encontrá-lo para se desculpar.

Apesar do fato de que ele não é o homem mais amigável do mundo.
Ou o mais paciente.

Às vezes, há coisas que você prefere guardar para si mesmo.



Em memória da minha Tia Evi
Te amo sempre e para sempre

Capítulo 1

Foi o —Maldita, Luna, — que me fez abrir uma pálpebra.

Mas foi a voz retumbante e profunda que me fez mirar meu olho na direção do homem que estava a uns três metros de distância.

O homem que tinha as mãos nos quadris enquanto franzia a testa.

Para mim.

Se tivesse que adivinhar porque eu era a sortuda ganhadora daquela reprovação, poderia ter sido porque estava de olhos fechados por... Eu olhei para o meu velho, mas fiel relógio G-Shock... nos últimos 20 minutos.

Quem eu estava enganando? Eu teria apostado todo o meu dinheiro exatamente por isso.

Quando o vi naquela manhã inclinado sobre o capô aberto de um caminhão GMC dos anos 1950, uma sugestão de uma camisa de compressão branca aparecendo sob o macacão, sabia que ele estava de mau humor, para começar. Não que alguém estivesse de bom humor numa manhã de sexta-feira, mas... o homem que me olhava estava sempre de mau humor quando usava branco. Era um fato.

Definitivamente não ajudou, quando lhe trouxe sua xícara de café naquela manhã, e ele me perguntou: —Você decidiu?

E como toda vez que ele fez a mesma pergunta, eu lhe dei a mesma resposta que sempre tive e sempre teria. —Ah, não.

Você poderia imaginar que ele finalmente teria começado a esperar minha resposta depois de fazer a mesma pergunta setecentas vezes e obter a mesma resposta, mas isso ainda o irritava depois de todo esse tempo.

E embora não fosse completamente fora da norma para ele, meu chefe, um dos meus dois chefes, se você quiser precisão, dizer —Maldita, Luna, — também não era comum. Eu não gostava de ter problemas. Meus amigos disseram mais de algumas vezes que eu era alérgica a ter pessoas loucas ou decepcionadas comigo. Era uma maldição que eu não conseguia me livrar, não importando quantas vezes isso funcionasse contra mim.

Eu não pude deixar de dar ao homem com as mãos nos quadris e uma carranca no rosto, um sorriso. Eu pensei em piscar para ele porque sabia o quanto piscar o irritava, mas eu não sabia. Era uma camisa branca, afinal de contas, e eu tinha que conservar minha energia onde pudesse, quando ainda tinha, pelo menos oito, horas antes de ir para casa no fim de semana.

—Sim? — Eu fui como uma resposta ao seu ‘maldita Luna’ em vez de o que eu fiz? Eu não fiz nada de errado ao fechar os olhos por alguns minutos.

... Tecnicamente.

Ripley estreitou os olhos, tentando nivelar o olhar apenas em mim, ignorando os outros sete funcionários sentados em torno da sala de descanso onde temos nossas reuniões semanais toda sexta-feira. Às nove da manhã, duas horas depois que eu começo a trabalhar, todos os funcionários da Cooper's Collision and Customs entraram para ouvir nossos chefes repassarem coisas como

projetos futuros, projetos atuais, atualizações de status, problemas, queixas, discussões sobre quem estava exagerando com o purificador de ar no banheiro....

Não era exatamente divertido, e não era um segredo que só sofríamos durante a reunião porque fomos pagos. Era difícil o suficiente ficar acordado em qualquer manhã durante a semana de trabalho, mas na sexta-feira, com o fim de semana a apenas algumas horas de distância, além do calor de tantos corpos sentados ao redor, era quase impossível não fechar os olhos.

Ficar acordada até tarde depois da meia-noite para assistir a um filme de terror com Lily também não ajudou, mas quando ela perguntou, eu não consegui encontrar forças em mim para dizer a ela que não. Nosso tempo juntas estava acabando, e eu sabia que um dia me arrependeria de não aproveitar todas as oportunidades que tivemos para sair. Aprendi essa lição com minhas outras duas irmãs.

Mas eu tinha certeza de que o homem me encarando naquele momento não sabia, ou se importava com nada disso, e suas próximas palavras confirmaram isso.

—Nós não falamos sobre você tirar uma soneca durante nossas reuniões? — Ripley fez a pergunta em um tom que não era exatamente legal.

Não que isso realmente tenha sido.

Mantive um olho nele enquanto permanecia na mesma posição em que estivera quando ele me chamou, deitou-se sobre a mesa com um cotovelo plantado, o queixo apoiado na minha mão aberta. Em vez de ambos os meus olhos estarem fechados, eu só tinha um

aberto. Eu mantive o sorriso no meu rosto enquanto lhe disse a resposta que ambos estávamos totalmente conscientes: —Sim, nós conversamos sobre isso. — Apenas no caso de ele esquecer o que exatamente disse, lembrei-o. —Você me disse para não fazer isso.

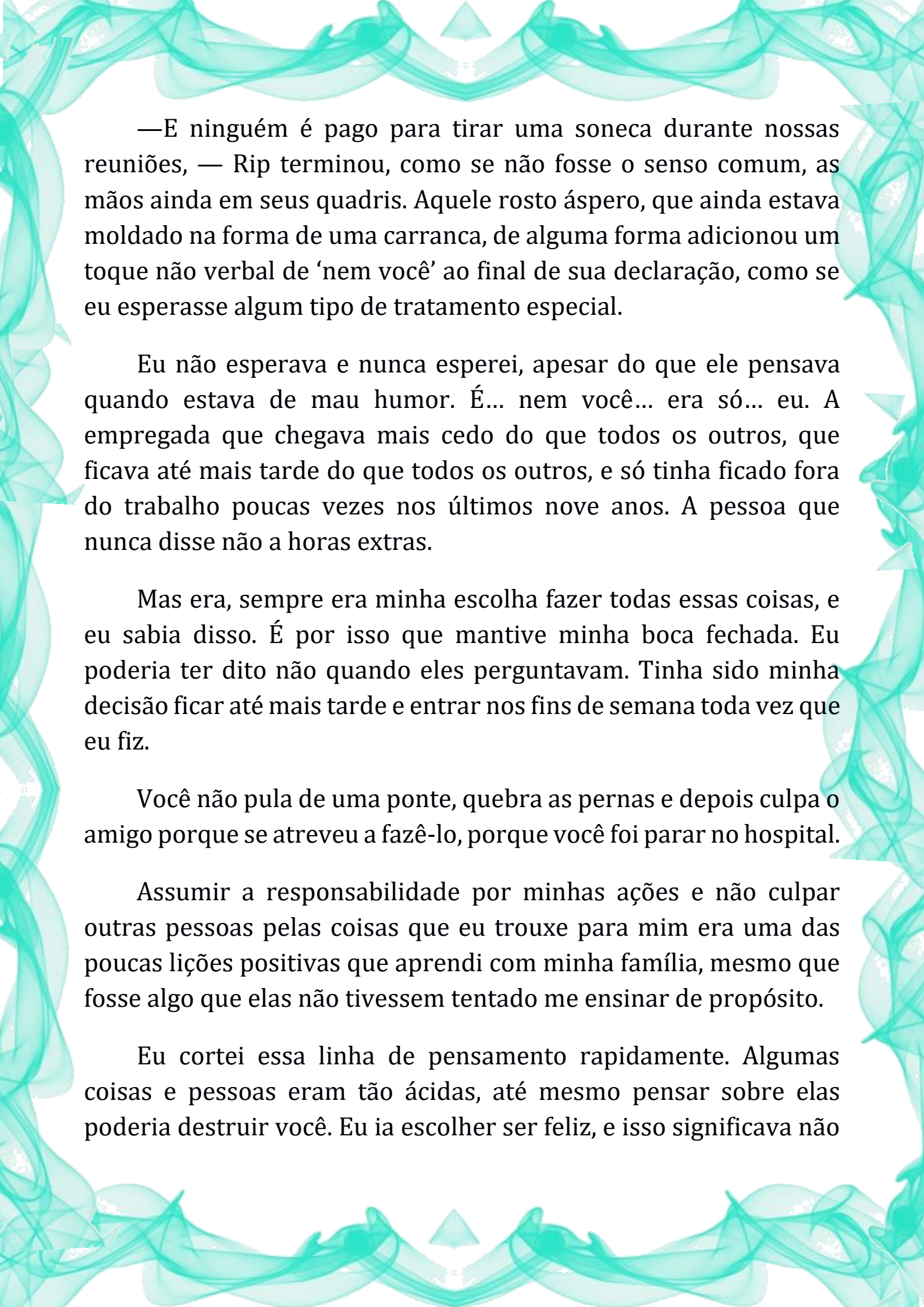
Porque ele tinha dito. —Luna, você precisa parar de dormir durante as malditas reuniões. Se você quiser tirar uma soneca, espere a porra das oito horas até chegar em casa, entendeu? — Tivemos essa conversa a portas fechadas e com o sr. Cooper, o homem que me contratou, meu chefe e proprietário original e, a partir de três anos, o agora coproprietário da Cooper's Collision and Customs, presente.

Eu recebi a mensagem dele e respeitei.

Meu chefe, pelo menos aquele que franziu a testa para mim, não reagiu fisicamente à minha resposta. Ele nem piscou quando confirmou o que nós obviamente sabíamos —Sim. Foi exatamente o que eu disse.

Ao lado dele, mas recuando verbalmente, Cooper tossiu, mas não disse uma palavra. Eu não levei isso para o lado pessoal. Eu escutei o suficiente de suas lutas para saber que tinha demorado o suficiente para chegar a esse ponto em seu relacionamento de trabalho, discordando um do outro, mas não discutindo sobre isso na nossa frente. Eu tinha certeza que não era a única que não sentia falta dessa fase em nossas vidas na CCC. Por um tempo, todos nós nos sentamos tão quietos quanto possível, olhando para a parede, fingindo que estávamos em outro lugar.

Eu tinha conseguido esse Ph.D. há muito tempo atrás.



—E ninguém é pago para tirar uma soneca durante nossas reuniões, — Rip terminou, como se não fosse o senso comum, as mãos ainda em seus quadris. Aquele rosto áspero, que ainda estava moldado na forma de uma carranca, de alguma forma adicionou um toque não verbal de ‘nem você’ ao final de sua declaração, como se eu esperasse algum tipo de tratamento especial.

Eu não esperava e nunca esperei, apesar do que ele pensava quando estava de mau humor. É... nem você... era só... eu. A empregada que chegava mais cedo do que todos os outros, que ficava até mais tarde do que todos os outros, e só tinha ficado fora do trabalho poucas vezes nos últimos nove anos. A pessoa que nunca disse não a horas extras.

Mas era, sempre era minha escolha fazer todas essas coisas, e eu sabia disso. É por isso que mantive minha boca fechada. Eu poderia ter dito não quando eles perguntavam. Tinha sido minha decisão ficar até mais tarde e entrar nos fins de semana toda vez que eu fiz.

Você não pula de uma ponte, quebra as pernas e depois culpa o amigo porque se atreveu a fazê-lo, porque você foi parar no hospital.

Assumir a responsabilidade por minhas ações e não culpar outras pessoas pelas coisas que eu trouxe para mim era uma das poucas lições positivas que aprendi com minha família, mesmo que fosse algo que elas não tivessem tentado me ensinar de propósito.

Eu cortei essa linha de pensamento rapidamente. Algumas coisas e pessoas eram tão ácidas, até mesmo pensar sobre elas poderia destruir você. Eu ia escolher ser feliz, e isso significava não

pensar em porcaria velha. Hoje ia ser um bom dia, e assim será amanhã, no dia seguinte e no dia seguinte.

Foi com esse pensamento que mantive o sorriso no rosto e deixei que o homem ficasse olhando para mim. Demorava muito mais do que rasgar uma camisa branca para eu fazer carranca ou ferir meus sentimentos. Era preciso muito mais do que pensar em certas pessoas por um segundo para fazê-lo também.

O ponto era: eu estava cansada. Eu fechei meus olhos. Ele me chamou minha atenção para isso. Não havia nada para ficar chateada.

—Luna, — Rip disse meu nome naquela voz ridiculamente baixa que me pegou totalmente desprevenida a primeira vez que eu ouvi. —Nós nos entendemos? Não há sextas durante a reunião. Não é tão difícil de entender, é?

De algumas cadeiras para baixo, alguém bufou, mas eu sabia pelo som quem era, então, não me preocupei em perder meu tempo olhando naquela direção, muito menos deixando sua diversão em me colocar no lugar me incomodando.

Eu ainda mantive os cantos da minha boca no alto do meu rosto quando acenei apenas uma vez para o meu chefe. Eu o entendi alto e claro. Também entendi o olhar que o Sr. Cooper estava lhe dando em seu lugar à esquerda de Ripley. Ele não deveria estar gritando comigo, ou qualquer um de nós na loja. Isso era outra coisa que os dois proprietários de uma das mais bem-sucedidas oficinas de automóveis em Houston, Texas, tinham passado muito tempo conversando no escritório quando não sabiam que eu estava bisbilhotando...

O que era o tempo todo.

Não que eles soubessem disso.

Pelo menos eu esperava que eles não o fizessem, mas não era como se eles fossem sutis ou secretos sobre isso também.

* * *

Tudo começou há três anos.

A Cooper's Collision and Customs tinha sido uma empresa familiar que havia sido iniciada pelo pai de Cooper nos anos 1940. A loja tinha sido bem-sucedida por toda a vida quando consegui o meu trabalho quase seis anos antes daquele dia que pôs tudo em movimento. Todos os funcionários da CCC eram pagos de forma justa, eram pagos a cada duas semanas e o Sr. Cooper tinha sido, e ainda era, praticamente o melhor chefe do mundo. Na minha opinião, ele era um dos melhores homens em todo o mundo, e eu duvidava que alguém com quem trabalhasse argumentaria isso.

Um dia tudo estava normal. Nós tínhamos um chefe. Havia dez de nós. Tudo estava bem. E no dia seguinte, eu comecei a trabalhar, ignorei a picape clássica da Ford estacionada no pequeno lote do cliente, e então ouvi a voz familiar do Sr. Cooper e uma muito mais profunda no escritório às sete da manhã, falando sobre como eles iam dividir os lucros e para onde a empresa mudaria.

Isso chocou o inferno fora de mim. Então, novamente, eu não tinha certeza de como não poderia ter chocado o inferno fora de mim. Dividir lucros? Movendo um negócio que estive no mesmo

lugar nos últimos oitenta anos? A loja sempre esteve cheia de trabalho. As coisas pareciam estar bem.

Honestamente, mesmo agora, eu ainda não entendi por que o Sr. Cooper tinha decidido aceitar outra pessoa para cuidar de seus negócios.

Eu os ouvira falar o máximo que consegui antes de sair para fingir que nada havia acontecido, mesmo que parte de mim estivesse pirando com as implicações que a conversa significava. Não foi até alguns meses depois, meses em que eu mantive minha boca fechada no caso de eu não ter escutado corretamente, quando o Sr. Cooper deixou cair a bomba em todos durante uma reunião na manhã de sexta-feira.

—Tenho grandes novidades, — o anjo de um homem disse a todos nós. Eu era provavelmente a única pessoa que havia notado o quanto suas mãos estavam tremendo, porque ninguém mais havia mencionado isso depois. —Estamos mudando a loja.

Todos começaram a falar de uma só vez, mas o Sr. Cooper os ignorou e continuou falando.

—Nós precisamos de mais espaço após anos trabalhando aqui. Estamos muito apertados. Vocês estão cientes disso. Estamos nos mudando para uma instalação de 40 mil metros quadrados...— Ele disse algumas outras coisas que eu não conseguia lembrar quando ele estava sentado lá, mãos enfiadas nos bolsos de seus jeans desgastados. Então, e só então, ele respirou fundo e deixou cair a verdadeira bomba em cima de todos, todos, exceto eu, pelo menos. —Essa não é a única coisa que está crescendo também. Com mais espaço, podemos lidar com mais negócios.

Todo mundo tinha parado de falar naquele momento, e eu apenas me sentei lá com as mãos entre as minhas coxas, pressionando meus lábios enquanto meu estômago revirava ao saber que eu não tinha imaginado aquela conversa meses atrás.

—Lucas Ripley vai se juntar à equipe, — Cooper, um homem que todos nós amamos, respirou, quase como se não tivesse certeza sobre as novidades também. Ou talvez eu estivesse apenas imaginando isso. —Ele será coproprietário da Cooper, e irá aumentar e cuidar da parte de restauração do negócio a partir de agora. — Ele engoliu em seco, cruzou os braços sobre o peito e perguntou: —alguma pergunta?

Felizmente para mim, todos estavam ocupados demais com a menção de que a loja estava se movendo, se expandindo e com novo dono, que não perceberam que eu não havia feito uma única pergunta.

Nenhum de nós se perguntou quem era Lucas Ripley, ou por que ele estava ingressando no negócio.

E no dia seguinte, quando eu comecei a trabalhar e encontrei um caminhão semi familiar estacionado bem ao lado do Mustang maravilhosamente restaurado do Sr. Cooper, eu tinha descoberto bem rápido a quem o carro pertencia. Porque nos anos em que trabalhei para o sr. Cooper, ninguém mais, exceto ele e eu, aparecemos tão cedo.

Ninguém.

E quando eu entrei no prédio e passei pelo escritório para ir ao espaço onde passei a maior parte do meu tempo pintando, fazendo

trabalho de carroçaria ou detalhando, não fiquei totalmente surpresa em encontrar o Sr. Cooper atrás de sua mesa, falando para um homem sentado do outro lado.

O homem era enorme, e a camisa de mangas compridas que ele usava no meio de julho era basicamente uma segunda pele. Cobria tudo, desde os pulsos até a clavícula, conseguindo mostrar alguns centímetros de pele tatuada no pescoço. Talvez, pensei, fosse uma daquelas camisas que mantinham uma pessoa tranquila.

Quando parei ao lado da porta, percebi que, mesmo de perfil, o homem tinha o rosto mais rabugento e cruel que eu já vira na vida. Eu não sabia como explicar, mas ele era, ele era lindo.

E eu quero dizer apenas malditamente masculino. Como apenas testosterona e o que diabos mais os homens tinham.

Eu via homens lindos em estado selvagem de vez em quando. Eu os via on-line com mais frequência. Mas aquele, aquele que eu soube instintivamente que ia ser meu novo chefe, aquele sentado na cadeira com ombros e um corpo superior que pertencia a um lutador profissional, bateu a maioria desses homens que eu tinha visto no passado. Ele não era o que minhas irmãs teriam babado. Ele não parecia um modelo. As maçãs do rosto eram largas, a estrutura óssea quadrada e a boca ainda não estavam exatamente cheias. No entanto, embalados juntos, era um rosto inesquecível.

Um rosto deslumbrante.

E eu soube instantaneamente que seu rosto e aqueles bíceps do tamanho de uma coxa, e antebraços do tamanho de um bezerro que

estavam cobertos por uma camisa de mangas compridas apertadas, iam me assombrar.

E isso me surpreendeu.

Então isso me irritou por um segundo enquanto pensava no quanto eu não queria um novo chefe. Quente ou não. Eu amava o Sr. Cooper e sabia onde estava com ele. Ele me fez sentir segura. Esse novo homem era um estranho que eu não sabia o que fazer. Ele não seria apenas alguém com quem eu poderia trabalhar casualmente.

Olhando para trás, porém, não havia como eu saber o quanto Lucas Ripley me perseguiria no futuro. Eu não tinha ideia de como tinha entrado naquela sala para me apresentar e o que ele acabaria me devendo.

E eu definitivamente não sabia o quanto essa dívida acabaria incomodando-o todos os dias.

O que sabia e lembrava era como eu tinha ficado na porta do escritório original da Cooper's Collision and Customs, acenei e sorri para os dois homens lá dentro.

—Luna, — o Sr. Cooper me cumprimentou imediatamente, sorrindo tão amplamente que, se eu não o conhecesse tão bem, teria perdido o quão tensos seus ombros estavam. —Bom Dia.

—Bom dia, senhor Cooper, — respondi antes de voltar minha atenção para o homem gigante sentado do outro lado da mesa.

O homem enorme olhou para mim, olhou de volta para o Sr. Cooper e finalmente olhou de volta na minha direção. Aquele rosto, mal-intencionado por causa do aperto ao longo de sua mandíbula e

o entalhe constante entre as sobrancelhas, não tinha mudado nada. Ele não tinha sorrido de volta para mim ou sequer tentou parecer amigável. Ele apenas... olhou.

Em um piscar de olhos, esse olhar se transformou em um clarão.

E meu coração fez o que sempre fazia quando eu conhecia alguém que não queria gostar de mim, isso fez com que o resto de mim quisesse que essa pessoa gostasse de mim, talvez esse possível novo chefe.

Essa foi outra maldição que eu não consegui me livrar mesmo depois de todos esses anos, a necessidade de ser amada. Realisticamente, eu sabia que poderia sobreviver a alguém que não fosse fã de Luna Allen, mas... sempre tentei. Eu poderia culpar aquelas pessoas que não pensam sobre essa necessidade, já me deixei pensar sobre isso.

Mas eu não faria.

—Oi, — eu disse, dando um passo e imediatamente colocando a mão entre nós. —Eu sou Luna.

E o Sr. Cooper, sendo o Sr. Cooper, disse: —Ripley, esta é a Luna Allen. Ela faz toda a nossa pintura e ajuda muito com a lataria e detalhamento quando precisamos dela. Luna, este é Ripley, meu... parceiro de negócios.

Eu notei bem sua hesitação em se referir ao novo homem como seu parceiro de negócios, mas não tinha pensado muito nisso depois. Especialmente quando meu novo chefe levou seu tempo levantando a mão de onde estava descansando em sua coxa e

deslizou seus longos dedos e palma larga contra a minha, dando-lhe um aperto por um momento antes de liberá-lo quase tão rapidamente. Seus olhos se estreitaram um pouco, mas eu percebi, e isso apenas desencadeou essa necessidade em mim ainda mais.

—É bom conhecê-lo, — eu disse a ele, puxando minha mão para trás.

Meu mais novo chefe me observara atentamente; seus olhos, essa sombra em algum lugar entre um azul e verde irreal, voltaram para o Sr. Cooper mais uma vez antes de voltar para mim.

Eu não estava preparada para a pergunta que saiu de sua boca quase que imediatamente. —Você tem idade suficiente para trabalhar aqui? — Ele perguntou com um tom que, eu tinha certeza, era a coisa mais próxima de uma voz estridente que já ouvi pessoalmente.

Eu não pude deixar de olhar para o meu chefe de longa data, mas isso foi porque ele tinha perguntado basicamente a mesma coisa antes de me oferecer um emprego quando eu tinha dezessete anos. Então sorri ainda mais quando voltei minha atenção para o homem com tatuagens de cor escura que subia até a mandíbula dele. —Sim.

Ele não perdeu uma batida, e aqueles olhos azul-esverdeados, que pareciam estalar sob cílios curtos, mas muito curvados, estreitaram novamente. —Quanto tempo você trabalha aqui?

Eu também não perdi nada. —Seis anos.

Isso me deu um piscar de olhos antes que a voz profunda e rouca perguntou: —O que você sabe sobre pintura?

O que eu sei sobre pintura?

Eu quase perdi meu sorriso, então, mas consegui não o fazer. Ele não foi a primeira pessoa a me fazer esse tipo de pergunta. Eu era uma das poucas mulheres que já conheci que faziam pintura de autos. Quando criança, eu nunca teria pensado que pintar carros e peças era o que acabaria fazendo para ganhar a vida, muito menos que ao crescer eu amaria e seria muito boa nisso, se eu mesma me dissesse isso, mas a vida era louca assim.

Então eu disse a esse homem, que estava cometendo o mesmo erro que quase todos que conheci tinham feito também, a verdade. —Eu sei tudo sobre pintura. — E eu sorri para ele porque não estava sendo arrogante. Estava apenas lhe contando a verdade, e não me senti tímida do jeito que o Sr. Cooper sorria enquanto fazia isso.

O novo homem piscou novamente e sua voz ficou ainda mais baixa quando ele levantou as sobrancelhas grossas e castanhas para mim. —O que você sabe sobre o trabalho de funilaria? — ele atirou em seguida, referindo-se ao ato de consertar imperfeições físicas menores ou maiores ou danos a um veículo.

Eu ainda consegui manter meu sorriso no rosto. —Quase o mesmo. — Ele não sabia disso então, mas o Sr. Cooper me fez começar a trabalhar na carroceria antes de me mudar para pintura, anos atrás. Eu também era muito boa nisso.

Mas esse homem que tinha se tornado meu novo chefe olhou para o Sr. Cooper sentado do outro lado da mesa por um momento, antes de voltar seu olhar para mim e perguntar com uma voz firme que eu não tinha certeza do que pensar: —O que você sabe sobre carros clássicos?

E merda.

Eu olhei para o Sr. Cooper, mas ele estava ocupado olhando para o outro homem para ver que queria sua atenção e apoio. Então disse a primeira coisa que pensei. —Algumas coisas. Nem tudo, mas não sou ignorante sobre o assunto.

O homem que eu pensava que era lindo momentos antes, pressionou aquela boca não fina, mas não cheia. Então ele perguntou: —Você sabe como soldar?

Eu sabia como soldar? Eu estreitei meus olhos para ele. —Isso é um teste?

Esse homem que eu mal conheci não hesitou em repetir a pergunta exatamente da mesma maneira que havia originalmente apresentado.

E eu sabia que ele estava me testando. Então, dei de ombros e contei a verdade. —Eu sei o básico.

Aquela boca torceu para o lado enquanto aquele corpo grande e volumoso se recostava na cadeira em que estava sentado. Um queixo coberto de barba castanho-escuro, com toques de cinza prateado, misturados com uma polegada mais alta do que um momento antes, confirmava que ele ainda estava tentando me testar. —Se você estivesse fazendo funilaria e encontrasse chumbo, o que você faria?

Com o canto do olho, vi o Sr. Cooper suspirar e cobrir os olhos com a mão. Foi a primeira de muitas, muitas vezes que eu o assisti fazer a mesma coisa nos próximos três anos, mas isso é outra história.

Felizmente, e eu soube então que sorte eu tinha de saber a resposta, senão tinha certeza que teria me demitido se não soubesse, disse a ele a resposta certa. —Você não pode soldar sobre o chumbo. Você tem que queimá-lo.

O homem recostou-se no banco, cruzou os braços sobre o enorme peito e disse, com total seriedade, totalmente condescendente, da mesma forma que faria centenas de vezes nos anos seguintes, —Você vai fazer.

Eu faria.

E eu fiz.

* * *

Isso tinha sido anos atrás, e desde então, descobri como lidar com Lucas Ripley, ou Rip, ou Ripley, como ele nos disse para chamá-lo de volta naquela época.

Então, quando ele me perguntou se o entendia ou não a respeito de sua política de tirar uma soneca, disse a única coisa que poderia ter tido. —Entendi. — E disse o mais feliz que pude, mesmo sabendo que minha resposta iria irritá-lo ainda mais do que ele já estava.

Mas a vida era toda sobre as pequenas coisas, e obter uma saída de Rip sem exatamente irritá-lo era um jogo que eu gostava de jogar mais do que deveria. De vez em quando, se a situação estivesse certa e ele estivesse usando a camisa de compressão azul-marinho, eu poderia tirar um sorriso dele. E em raras ocasiões, poderia ter um

rápido meio sorriso dele, que desapareceria em um piscar de olhos mais tarde.

E se meu pequeno coração suspirasse por aquele sorrisinho sorrateiro ou sorriso afetado, não era da conta de ninguém além do meu.

E minhas irmãs.

E minha melhor amiga.

Mas foi isso.

Eu não me permiti pensar muito em fazê-lo ter uma expressão que não fosse uma carranca, uma leve irritação ou um revirar de olhos. Eu definitivamente não ia pensar sobre o rosto em branco que poderia ter amado e odiado ao mesmo tempo. Não.

Mas mesmo assim.

Levaram apenas dois dias trabalhando no CCC para que ele perguntasse, com um olhar de rabugento, se eu sempre sorria o tempo todo. Mas foi o sr. Cooper quem lhe respondeu que sim. Porque eu sorria.

Naquele momento, na sala de descanso, abri meu outro olho e sorri para o homem que usava uma camisa de manga comprida, quase de gola alta, que se agarrava a cada enorme músculo do peito. —Mas eu não estava dormindo. Eu ouvi tudo o que você disse, — terminei de explicar.

Não fiquei surpresa quando o homem que honestamente só ficou mais atraente ao longo dos anos; mesmo quando a dobra entre as sobrancelhas se aprofundou e os sulcos que envolviam sua boca

se tornaram mais pronunciados; mesmo que com aquela idade de quase quarenta e um anos e um corpo que vinha em minha direção; me perguntou: —Sim? O que eu disse? — ele tentou desafiar.

Ele poderia ser uma dor na bunda às vezes; ele realmente merecia que eu mexesse com ele. Alguém tinha que fazer.

Ligeiramente para o lado dele, o Sr. Cooper olhou para o teto, e juro que ele começou a falar o começo de um Pai Nosso. Dois dos caras sentados ao redor da mesa começaram a murmurar sob suas respirações. Peguei uma sugestão de —micro gerador idiota— saindo de um deles, e Rip deve ter também por que seus olhos imediatamente varreram a sala como se estivesse procurando por quem disse isso.

A última vez que ele fez isso, duas pessoas foram demitidas, e eu gostava delas.

—Primeiro você falou que as pausas para o almoço estavam demorando demais, — soltei. —Então você estava falando sobre como a loja precisa ser esvaziada depois de ter sido usada porque não é o seu trabalho.

Interromper a observação dele nos demais funcionários deve ter feito o truque para fazê-lo esquecer o que ele pretendia fazer, porque eu só tinha conseguido algumas palavras quando voltei a ser o foco de sua atenção indesejada. E isso porque ele usava aquela camisa branca, e eu geralmente tinha uma taxa de sucesso de 40% de sair de conversas com ele, não me importunando em dias brancos. Os dias de camisa cinza eram cerca de 70%. Os dias da camisa da Marinha eram cerca de oitenta e cinco. Nos dias da

marinha, eu sabia que poderia dar um tapa nas costas dele e não ficar sequer vermelha. Aqueles dias eram meus favoritos.

Eu fiz meu sorriso aumentar e até levantei minhas sobrancelhas para ele, esperando pelo melhor. —Isso é bom o suficiente, ou você quer que eu tente te dar uma repetição palavra por palavra do que você disse? Porque eu provavelmente posso, chefe. — Ele poderia chupar esses fatos.

Aquele rosto que eu espreitava com mais frequência do que olhava para qualquer outro negócio, não mudava nada. Ele nem sequer piscou. Então, novamente, ele deveria saber que eu não estava mentindo. Para ser justa, porém, não achava que Rip confiava em alguém na loja. Nem mesmo o Sr. Cooper, se os argumentos que eu tinha ouvido significam alguma coisa, e eles tinham que significar algo. A última vez que estive em torno de pessoas que discutiram muito, elas realmente se odiavam.

Eu deixei meus lábios puxarem para trás para que pudesse mostrar a ele meus dentes enquanto forçava um grande sorriso falso em sua direção, e, ao meu lado, meu colega de trabalho riu.

Meu chefe, esse chefe, ainda não estava achando graça.

Mas ele não disse —Maldita, Luna— novamente, então eu ia tomar isso como uma vitória.

—Como eu estava dizendo, — Rip finalmente continuou depois de talvez dois segundos me encarando com seu rosto inexpressivo, voltando sua atenção para o meio da sala e me banindo de sua linha de pensamento, ele tinha muita prática fazendo isso, —só porque temos uma equipe de limpeza chegando, não significa que você

tenha o direito de deixar uma bagunça. Ninguém está aqui para ser empregada de ninguém, ou babá.

Colocando minha mão sobre a minha boca, escondi meu bocejo enquanto olhava para o colega de trabalho sentado à minha direita, olhando fixamente para a parede. O homem de quarenta e cinco anos respirava com dificuldade, mas com firmeza, com a boca solta o suficiente para eu saber que ele havia adormecido com ela aberta. A minha esquerda, meu outro colega de trabalho, um homem de 30 anos que estava na loja quase tanto tempo quanto eu, balançavam o pé. Percebendo-me olhando em sua direção, ele deslizou um sorriso na direção de Rip, sacudindo a cabeça ao fazê-lo. Jesus, ele falou. Era em momentos como esse que eu realmente me lembrava de quão sortuda eu era de ter esse trabalho, como tive sorte de que quase todos os caras com quem trabalhei serem legais e me tratarem bem.

Pelo menos agora eles são.

Muitos homens foram demitidos ou desistiram, até que a CCC chegou aos funcionários que tinha atualmente, mas eu não poderia estar mais feliz. Consegui este trabalho quando tinha dezessete anos, um dos últimos que tentei ser contratada. Quase não o consegui. O anúncio para trabalhar no que achava que era uma oficina mecânica não tinha sido exatamente o que estava esperando. Mas nesse ponto da minha vida, quando conheci o Sr. Cooper, ele me deu duas opções: trabalhar para ele ou... não.

Eu tinha aceitado o trabalho, porque quando você tem dezessete anos com duzentos dólares, não faz ideia do que poderia fazer com sua vida, apenas sabendo que não poderia voltar ao que tinha antes, e alguém lhe dá um chance... a primeira chance real que alguém já lhe deu...

Você não pode dizer não.

Eu devia ao Sr. Cooper tudo. Realmente devia. Ele mudou minha vida mais do que qualquer outra pessoa jamais poderia ou gostaria, e o agradeci diariamente por anos. Eu tinha certeza que ele não tinha ideia do que fazer comigo naquela época, mas me ofereceu um emprego, me deu uma casa, me deu uma chance de lutar, o resto é história.

Meu celular vibrou no meu bolso, e coloquei minha mão dentro para retirá-lo assim que Ripley começou a dizer algo sobre ser mais eficiente. Fiquei de olho nele enquanto estava lá, aqueles braços musculosos cruzados sobre o peito, e coloquei em cima da minha coxa. Não estava prestes a ser pega com isso, especialmente depois de já irritá-lo no início do dia. Ainda tínhamos o dia todo à nossa frente.

Mantive meu olhar no chefe enquanto abria a tela inicial do celular. Rip ainda estava falando, sua atenção permanecendo ao redor da sala como se ele estivesse se certificando de que nenhum de nós estivesse dormindo enquanto falava. Eu olhei para baixo e vi que tinha recebido uma nova mensagem de texto de um número que não estava salvo na minha lista de contatos. Tinha certeza que seria uma das minhas irmãs, mas não era. Eu não me deixei ficar desapontada com isso.

De olho no Rip, abri a mensagem e a li o mais rápido que pude.

210-555-1230: AQUI É JULIUS THOMAS. PRECISO FALAR COM VOCÊ O MAIS BREVE POSSÍVEL. POR FAVOR ME DÊ UM CHAMADO ASSIM QUE FOR POSSIVEL.

Julius Thomas? Eu não conhecia ninguém com esse nome. O mesmo número me telefonara ontem, mas ignorei a ligação e o correio de voz que havia deixado. Era um número de Santo Antônio..., mas não deveria haver ninguém me chamando de lá.

Eu paguei todas as minhas contas. Tinha esquecido de pagar a conta de luz, mas só haviam dois dias de atraso. Provavelmente era um golpista, apostado. Perdedores.

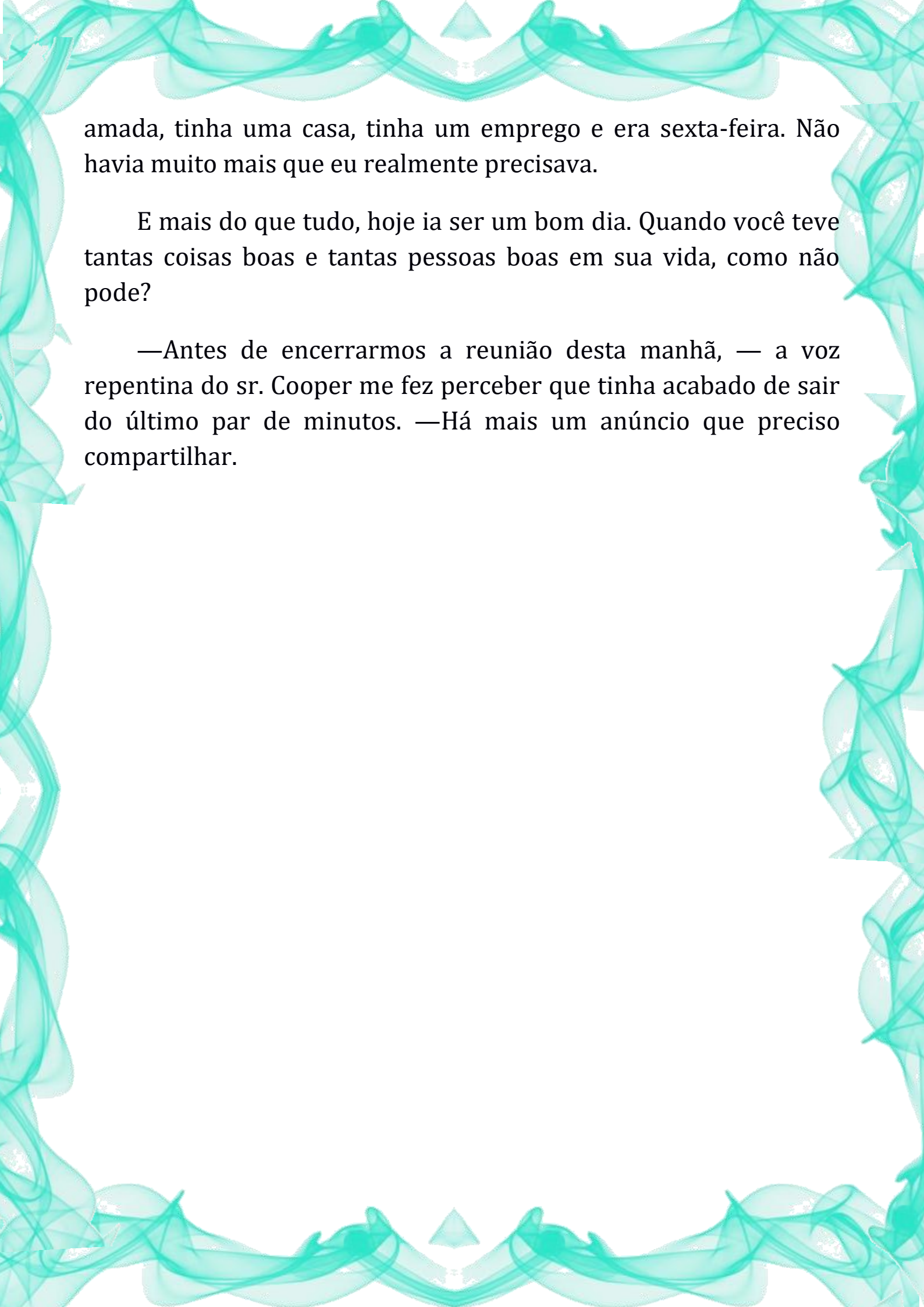
Coloquei meu telefone de volta no meu bolso com a minha atenção diretamente no homem ainda falando com a sua bunda contra o balcão. Deslizei meu olhar para o Sr. Cooper que estava lá, ouvindo Rip com uma expressão engraçada no rosto que não reconheci. Não era frustrante por uma vez.

Eles nem tinham estado no meio de uma discussão quando comecei a trabalhar naquela manhã.

Assim que comecei a tentar descobrir o que a expressão do Sr. Cooper significava, um ronco da minha esquerda me fez deslizar o pé e chutar meu colega de trabalho, Miguel. Ele sugou um ronco áspero, todo o seu corpo enrijeceu quando ele praticamente acordou.

—Filho da puta, — sussurrou enquanto se sentou um pouco mais reto. —Obrigado, Luna.

Eu não deixaria nenhum deles entrar em apuros se pudesse ajudar, e eles sabiam disso. Nem mesmo aquele do outro lado da sala que tinha se divertido com Rip me pegando de olhos fechados. Eu amo este lugar. Lucas Ripley me importunando de vez em quando ou não, amava esse lugar e as pessoas que trabalhavam aqui. Era

A decorative border made of overlapping, wavy teal lines frames the text on the page.

amada, tinha uma casa, tinha um emprego e era sexta-feira. Não havia muito mais que eu realmente precisava.

E mais do que tudo, hoje ia ser um bom dia. Quando você teve tantas coisas boas e tantas pessoas boas em sua vida, como não pode?

—Antes de encerrarmos a reunião desta manhã, — a voz repentina do sr. Cooper me fez perceber que tinha acabado de sair do último par de minutos. —Há mais um anúncio que preciso compartilhar.

Capítulo 2

Talvez eu tenha falado um pouco cedo demais antes de confirmar que teria um bom dia.

Meu dia não começou imediatamente a piorar depois que a reunião terminou, mas... caiu logo depois.

As coisas sempre poderiam ser piores. Sempre.

Quando comecei a trabalhar naquela manhã, iniciei em um projeto menor que não me levaria muito tempo para preparar. Primer é uma espécie de revestimento de preparação que você coloca nas coisas antes de pintar. Ajuda a pintar melhor a superfície, ajuda a aumentar a durabilidade da pintura e ajuda a proteger o material a ser pintado. Quando você está lidando com um carro que nunca teve outra pintura em sua vida, o primer era um dos passos mais importantes antes de mudar sua cor.

No momento em que a reunião iniciou, eu tinha terminado meu projeto e ido para a sala de descanso, já verificando os outros trabalhos que tinha na agenda. Normalmente, possuía uma ideia bastante decente, pelo menos uma semana ou duas antes do trabalho, do que estaria fazendo em uma data específica. Todos na loja faziam isso. Nós éramos uma máquina bem lubrificada porque passamos por projetos em diferentes estágios. Agendamento adequado era algo que o Sr. Cooper se destacava ao devolver os carros para seus proprietários o mais rápido possível.

Isso era parte da razão pela qual a loja não tinha apenas sobrevivido, mas prosperado apesar das recessões. Nós

trabalhamos duro, trabalhamos o mais rápido possível sem comprometer a qualidade, e o Sr. Cooper cobrava preços justos por tudo. Cooper não era o mais barato, mas também não era o mais caro. Eu tinha ouvido falar de amigos, mais do que o suficiente ao longo dos anos, sobre como eles estavam sobrecarregados ou como um mecânico demorou muito para trabalhar em algo.

O Sr. Cooper não jogava esse tipo de jogo. Todos deveríamos trabalhar juntos. E nós geralmente fazíamos.

Geralmente.

A questão era que o carro que eu precisava para trabalhar em seguida tinha sido adicionado à minha agenda como um trabalho de emergência que o proprietário havia solicitado, e estava pagando uma fortuna, para que nós o fizéssemos até a próxima semana. Mas no instante em que fui procurar o carro, encontrei-o na mesma condição em que o vira na última vez em que estive olhando-o.

Não estava pronto. Nem perto de estar pronto.

E foi por isso que, duas horas após o término da nossa reunião, me encontrei indo almoçar, um pouco irritada.

Só um pouco. Porque não estava prestes a ficar brava. Não era grande coisa no grande esquema da vida. Se algo não mata ou magoa a mim ou a alguém que amo, não deixo que a raiva se demore no meu interior por muito tempo. Os caras de funilaria, os funcionários cujo único trabalho era consertar as imperfeições antes de enviar um carro para mim, não tinham terminado. Não havia sentido em ficar toda nervosa, mas um pouco frustrada era o suficiente.

Eu tinha melhores maneiras de gastar minha energia; naquele dia terminaria a lataria do carro.

Minha frustração deve ter ficado aparente no meu rosto, porque mal entrei na sala de descanso quando o Sr. Cooper perguntou: —O que há de errado, pequena Luna?

Não pude deixar de sorrir com o termo de carinho que o homem mais velho me chamava quando estávamos fora da loja, ou quando ninguém mais estava por perto enquanto estávamos trabalhando. Nós nunca conversamos sobre isso, mas sabia que ele fazia isso para que ninguém assumisse que ele tinha favoritos. Eu tinha certeza que todo mundo sabia que eu era a favorita, de qualquer maneira.

Não era apenas alguém que ele levou para sua casa e para sua vida e família.

Nós não escondemos que passamos aniversários, ação de graças e dias de Natal juntos, e em anos passados, véspera de Ano Novo também. Agora ele alegou que estava velho demais para ficar acordado até a meia-noite. Ele fazia parte da minha família por uma década. Assim como sua esposa. Assim como minhas irmãs também.

Porque ele era minha família, porque me conhecia tão bem, não conseguia esconder o fato de que algo estava me incomodando, especificamente uma pessoa que trabalhava para ele.

A mesma pessoa com quem nunca fui totalmente honesta.

—Não é grande coisa, — menti, tentando dar-lhe um sorriso genuíno, mas devo ter falhado porque a expressão preocupada em seu rosto não mudou.

O homem de setenta e um anos de idade, em uma nova camisa verde-oliva de colarinho colado com COOPER'S COLLISION AND CUSTOMS costurada no peito, continuava franzindo a testa. —Luna, — disse ele enquanto eu andava atrás dele, colocando minha mão em seu ombro por um momento, antes de ir para a geladeira. — Mesmo que seja um pouco, o que há de errado? São as garotas?

—Não, as meninas estão bem, — eu respondi, sabendo que ele estava se referindo às minhas irmãs mais novas.

—Algo errado na casa?

—Não, está tudo bem, Sr. C, eu juro, — eu parcialmente menti, pegando minha lancheira de dentro da geladeira, finalmente me perguntando por um momento o que minha irmãzinha tinha feito. Eu tinha trabalhado até tarde na noite anterior, e quando cheguei em casa e tomei banho, ela já havia arrumado minha marmita e colocado na geladeira para o dia seguinte.

Isso foi definitivamente algo que eu poderia ser grata por hoje. Graças a Deus minha irmãzinha me faz almoçar todos os dias. Ela era a melhor cozinheira da família e não era mesquinha. E eu não ia me deixar ficar triste porque em menos de dois meses minha cozinheira pessoal ia me deixar.

—Diga-me para que essa tensão nesse rosto. — A voz calma e cuidadosa do Sr. Cooper me trouxe de volta à beira de estar triste por causa de algo que eu tinha prometido a mim mesma que não ficaria chateada. Minha irmãzinha estava crescendo e indo para a faculdade. Eu sempre soube que isso ia acontecer. Era o que esperava. Já havia passado por isso com minhas outras duas irmãs e estava orgulhosa dela, delas, e feliz. Eu estava.

Mas nunca ia contar a ninguém que já chorei duas vezes só de pensar em Lily saindo.

E eu definitivamente não ficaria chateada com isso no trabalho. Não, com certeza não.

—Você está triste ou com raiva, Luna? Não posso distinguir.

Colocando minha bolsa na mesa ao lado do banco em que o Sr. Cooper estava, comecei a puxar os recipientes para fora, olhando os tupperwares de plástico. Havia três. Um estava cheio de verduras picadas. O segundo tinha o que parecia arroz, feijão e carne moída, e o menor parecia estar cheio de salada. Humm...

—Não estou triste. Eu juro. — Mentirosa. —O carro que preciso começar hoje não estava pronto, é tudo, — disse a ele, abrindo as pálpebras para dar uma espiada dentro deles, tentando ignorar a sensação de ser uma dedo-duro por dizer isso.

—Isso parece bom, — o homem muito mais velho comentou quando me virei para enfiar a mistura de feijão no micro-ondas. Sua voz era quase um sussurro quando ele perguntou: —Quem deveria estar trabalhando nisso primeiro?

Mordi o lábio enquanto empurrava botões na tela. Eu não ia ficar brava e não ia assumir o pior. —Você sabe quem, — eu disse a ele em minha voz normal, porque não estava fazendo nada de errado com ele, então, não ia ser reservada.

E ele sabia. O Sr. Cooper poderia ser o chefe, um dos chefes, mas raramente me queixava a ele sobre qualquer coisa, principalmente porque raramente havia coisas para reclamar. Eu não ia tagarelar sobre ninguém e colocá-los em apuros. Nunca abusaria do meu

relacionamento com o Sr. Cooper, e era por isso que estava totalmente bem sendo geralmente profissional na loja.

Mas...

Eu tinha dito a ele algumas vezes no passado sobre um certo colega de trabalho que achei que não era apenas um idiota, mas uma dor no rabo. Mas só para mim. Porque essa foi a minha sorte.

Eu não disse nada para colocar o cara em apuros, mas apenas para desabafar. O Sr. Cooper era maduro o suficiente e profissional o bastante para tomar minhas palavras, um dia em sua casa, pelo que eram: sua figura de filha queixando-se para sua figura paterna sobre um certo alguém que havia traído alguém que eu amo. Exceto que nunca lhe contara essa parte.

Esse —alguém que eu amo— é uma das minhas irmãs mais novas. Então, claro, isso já seria um ataque contra o idiota que fez minha irmã chorar. O fato dele não ser muito legal comigo até agora não ajudava nosso relacionamento.

Mas neste caso, o Sr. Cooper, o dono do negócio, espiou a nossa conversa, e eu vi a cabeça dele se balançar na minha direção, uma carranca no rosto bem-amado dele. —De novo? Ele não fez algo assim há algumas semanas?

Ele tinha. Duas semanas atrás exatamente. E um mês antes disso, ele também fizera isso, mas em menor escala.

Mas fiz a mesma coisa que em todas as outras vezes; respirei e fiz o que precisava fazer. Era o meu trabalho, e não ia me meter em problemas porque alguém não fazia o dele. A única razão pela qual o Sr. Cooper descobriu há duas semanas foi porque ele entrou para

me encontrar colocando o enchimento em um carro, e não tinha entendido por que eu era a única a fazê-lo quando sabia que tinha outras coisas em minha agenda.

Assisti os segundos na tela do micro-ondas. —Eu trabalhei nisso por duas horas, Sr. C. Ainda tenho outros dois antes mesmo de começar a prepará-lo. Deveria trabalhar em outro depois disso também.

Adeus, meus planos esta noite.

Eu estava ficando irritada novamente. Não porque ia ter que ficar até tarde, mas porque ficaria atrasada, pois meu sexto sentido disse que meu colega de trabalho não tinha terminado o trabalho de propósito. Ele negaria isso pelo resto da sua vida, mas eu sabia a verdade. Ouvi rindo naquela manhã quando Rip chamou minha atenção.

—Ele explicou por que não terminou? — ele perguntou, parecendo genuinamente confuso.

Eu não o culpei. Ao mesmo tempo, aqueceu meu coração que ele não esperava o pior das pessoas... mesmo se eu tivesse a sensação de que ele deveria esperar o pior da pessoa que estávamos falando. Duvidava que Jason alguma vez estragasse coisas que o Sr. Cooper lhe pediu para fazer.

Mordi o interior da minha bochecha novamente e mantive minha voz baixa enquanto olhava para a porta para ter certeza de que ninguém estava lá, ouvindo. —Ele disse que algo surgiu com outro carro e não teve a chance de terminá-lo.

Não tinha certeza se ele sabia que eu tinha o mesmo trabalho que ele fez em um ponto. Os carros que estavam no cronograma para pintar tinham prioridade sobre todo o resto. Não havia nenhuma razão para que Jason, a dor em minha bunda em questão, simplesmente não tivesse chegado a ele, quando sabia muito bem que precisava dele.

Esse fedelho que o Sr. Cooper havia contratado há seis meses, sem eu saber que era ele que tinha sido contratado até que fosse demasiado tarde, iria tentar me dar mais trabalho a fazer. Jason não era tecnicamente um funcionário efetivo. Ele ficou preso cobrindo quem estava de férias ou tinha um dia de folga; ele era basicamente eu quando tinha a idade dele, fazendo o que quer que alguém me pedisse.

—Está tudo bem, — parei, lembrando-me novamente de tudo que tinha. Eu era amada, tinha um bom emprego, tinha uma casa. Estava feliz e segura. E, mais importante ainda, minhas irmãs também. Então isso não era grande coisa. —Eu posso terminar isso a tempo.

Mas o Sr. Cooper parecia estar hesitando, provavelmente ainda tentando descobrir uma razão pela qual algo assim teria acontecido que não fosse malicioso. —Você quer que eu fale com ele? , — ele perguntou depois de um momento.

Eu soltei um suspiro quando joguei um recipiente no outro antes de pegar o recipiente de pico e colocá-lo com o resto da minha comida.

Estava um pouco chateada, mas era o suficiente para colocar o parasita humano em apuros?

Odiava como pensar nisso me fazia sentir culpada.

—Não, — me encontrei resmungando para ele. —Eu darei a ele o benefício da dúvida.

Lá fui eu deixar isso de lado novamente. Definitivamente não ia dar isso a ele. Sabia que estava mentindo. Apenas sabia disso.

Mas a ideia de ele se meter em confusão porque reclamei com um dos patrões, um chefe que faria qualquer coisa por mim, se eu pedisse, fazia me sentir mal. Ele era um bosta mentiroso, mas você nunca sabia o que alguém estava passando em sua vida para fazê-los agir como um idiota. Mesmo que a atuação como um idiota tenha durado pelos últimos seis meses, e os seis meses que ele namorou minha irmã antes de dormir com outra garota. Talvez ele precisasse de dinheiro. Talvez eu parecesse com a mãe dele e ele tivesse problemas com a mamãe. Talvez estivesse estressado e por acaso eu era o alvo mais fácil para descontar sua raiva.

... Mas provavelmente não.

—Tem certeza que...?

Eu deslizei-lhe um olhar. Então, assenti.

O Sr. Cooper levantou as sobrancelhas grossas e grisalhas para mim, piscando os olhos azuis brilhantes, o rosto profundamente enrugado e muito sério.

—Eu tenho certeza, — confirmei quando comecei a cavar a comida com o garfo que minha irmãzinha tinha embalado para mim em casa. Não confiava na limpeza dos outros caras mais do que em copos na loja, e ela sabia disso.

Meu telefone decidiu apitar no bolso da frente do meu jeans naquele momento. —Um segundo, — disse a ele quando puxei para fora e olhei para a tela.

Thea: Eu vou ficar em Dallas neste final de semana, mas vou descer para a formatura da Lily, com certeza. Preciso fazer algum dinheiro

Eu digitei minha resposta para a minha irmã instantaneamente, ignorando o aperto de decepção que sabia que não tinha razão para sentir, quando entendi porque ela não estava vindo visitar novamente. Era só que não a via há quase três meses.

Eu: Tudo bem. Boa sorte.

Um segundo se passou antes que recebesse uma resposta.

Thea: Beijos.

—Kyra? — ele perguntou, referindo-se a uma das minhas três irmãs mais novas. A mesma que Jason, o idiota, namorou.

—Não, Thea, — corrigi. Thea era a mais velha depois de mim, com vinte e um anos. Pressionei o botão de início do meu telefone para fechar o aplicativo e coloquei meu telefone na mesa, entre a comida. —Ela não vem neste fim de semana depois de tudo, — disse a ele quando peguei meu garfo de volta.

Ele sabia tudo sobre a última vez que ela prometeu vir e acabou furando. Assim como nesta visita fracassada, havia me marcado no cronograma para que todos soubessem que não havia como trabalhar no final de semana. Não era inédito para mim trabalhar aos sábados. Eu tinha contas, nenhuma árvore de dinheiro e

nenhum papaizinho; era tudo sobre aquela vida de horas extras. Mas eu poderia ser honesta e dizer que estava ansiosa para ter tempo livre para passar com minhas irmãs. Ah bem. —Eu acho que eles ofereceram a ela mais algumas horas na escola, ou algo assim.

A maneira como ele disse —Oh— deixou evidente que podia ver através de mim. O Sr. Cooper conhecia minhas irmãs quase tão bem quanto eu. E porque ele sabia, era porque falei com ele sobre isso muitas vezes, assim, teve uma ideia decente com que frequência Thea e Kyra cancelavam vir para casa.

Mesmo que sempre tenha sido por um bom motivo.

Dei a ele outro sorriso apertado antes de dar uma cutucada na minha comida. —Ela disse que, com certeza, vai descer para a formatura de Lily na próxima semana, então é bom.

—Isso é bom, — ele concordou... muito mais suavemente do que precisava, porque realmente não era um grande problema que ela não vinha para visitar depois de tudo.

Não era.

—Não posso acreditar que a garota está finalmente se formando. Juro que ela ainda tem onze anos.

Isso me fez sorrir. —Eu também, Sr. C, eu também. — Apenas algumas semanas atrás, tínhamos ido procurar apartamentos para ela em Lubbock.

Ou o Sr. Cooper percebeu que eu não queria mais pensar nisso, ou entendeu que não havia mais nada a dizer, porque deu outra mordida em seu sanduíche de atum antes de murmurar: —Queria

lhe dizer que teve alguém ligando esta manhã perguntando por você.

Franzi a testa enquanto olhava para a minha comida.

—Era um homem.

Eu pisquei.

—Pedi algumas vezes por um nome, mas ele não me disse, — continuou.

Não havia como ser um cliente, porque raramente conhecia qualquer um deles. Eu podia andar pela loja enquanto um ou dois conversavam com o sr. Cooper ou Rip sobre um carro em que estávamos trabalhando, ou um carro que queriam comprar, mas era raro que deixassem os clientes entrarem no andar principal durante o horário de trabalho. Mas eu, pessoalmente, falando com algum deles? De jeito nenhum. As únicas pessoas que tinha que ouvir eram o Sr. Cooper e Ripley.

—Não tinha certeza se, talvez, você estivesse tentando obter uma linha de crédito ou se alguém estivesse tentando verificar seu emprego... — Ele soltou essa gargalhada adorável como se não pudesse me imaginar se candidatando a trabalhar em outro lugar. — Mas também não queria confirmar que você trabalha aqui. Você sabe, apenas no caso. — Nós dois sabíamos o que ele queria dizer com uma situação justa. Apenas no caso de ser alguém com quem eu não queria falar. Apenas no caso de ser alguém que eu não me importaria que assumisse que estava morta. —Eu perguntei a ele com quem eu estava falando, então ele perguntou novamente se

poderia falar com você. Fomos para trás e para frente antes que ele me agradecesse, depois desligou, mas algo parecia profissional.

Hmm.

Não havia razão lógica para que alguém ligasse procurando por mim.

Pelo menos não alguém que eu quisesse contato.

—Vou deixar você saber, se ele chamar de novo, — ele me disse. —Eu farei a mesma coisa. Não vou dizer que você não trabalha aqui, mas também não vou dizer que você trabalha.

—Obrigada, Sr. C, — murmurei, tentando pensar, mas também dando uma mordida na comida que minha irmãzinha preparou para o almoço. Deixei meu olhar deslizar para ele, pegando a tensão em seus próprios ombros. Eu tinha uma ideia de qual era a causa. — Você está bem? Fiquei muito surpresa quando você anunciou que Rogelio está saindo.

O homem mais velho grunhiu enquanto mastigava. A última coisa que ele disse durante nosso encontro foi que um dos funcionários de longa data da loja estava saindo para começar sua própria oficina mecânica. —Estou feliz por ele, — finalmente disse, e eu sabia que estava dizendo a verdade. —Mas você sabe como é difícil encontrar trabalhadores, e agora preciso arranjar outra pessoa antes que saia. Nós sofreremos se acabarmos com falta de pessoal.

Nós sempre estávamos quase sofrendo e com uma pessoa a menos seria difícil.

Ele encolheu o ombro mais perto de mim. —Vou encontrar alguém. Recebo currículos o tempo todo de jovens que saem da escola.

Sorri para ele. —Se houver algo que possa fazer, avise-me.

O Sr. Cooper colocou o braço em volta dos meus ombros e me abraçou ao seu lado.

Ele raramente fazia isso, e me pegou de surpresa, tanto que mal tive tempo de sorrir para ele.

Sua risada silenciosa me fez olhar para onde seus olhos estavam focados: no meu pulso. Na pulseira de pequenos donuts de plástico com cobertura colorida, na minha mão esquerda para ser específica. —Eu estava me perguntando qual era a sua diversão do dia.

Dei a minha mão uma sacudida. —Lily comprou para mim, —expliquei.

—Isso é muito divertido, pequena lua, — o homem mais velho confirmou com um sorriso caloroso.

—Luna, — veio uma voz masculina familiar que me fez olhar para a porta quando o braço do sr. C. começou a recuar.

Com certeza, o corpo maciço de Rip ocupou a largura do batente da porta enquanto ele estava lá, com um pedaço de papel manchado de graxa em sua mão, seu olhar fixo em mim. Totalmente ignorando o Sr. Cooper sentado ao meu lado, puxando o braço de volta para o lado dele. Ele não estava franzindo a testa, mas havia algo em sua expressão...

—Ei, Rip, — eu disse, dando-lhe um sorriso quando me endireitei.

Ele inclinou o queixo para cima, fazendo meus olhos se moverem para as linhas ao lado de sua boca de todas as carrancas que ele faz. Sua voz era rouca e irritada. —Você ainda não começou a mexer no Thunderbird?

—Ainda não. — Devo contar a ele sobre o que aconteceu? Olhei para a camisa dele mais uma vez e pensei em como ele estava mal-humorado na reunião naquela manhã. Por causa do estrago de Jason, ele me empurrou para o carro que estava perguntando.

—Me faça um favor. — Seus olhos ficaram em mim tão intensamente que me fez sentir como se tivesse feito algo errado, deixando o Sr. Cooper me dar um abraço. Mas eu não tinha, e Rip estava bem ciente da relação de pai e filha que eu tinha com o homem mais velho. Convidei-o para a minha casa duas vezes para o Dia de Ação de Graças, deixando claro que o sr. Cooper e sua esposa estariam lá também para que não achasse que estava tentando flertar com ele. Ele não apareceu nem na hora. —Eu mudei de ideia sobre isso e deixei uma nova ordem de trabalho para ele em sua mesa. Dê uma olhada nisto. Eu sei que nós temos a cor pré-estabelecida, então use isso em vez disso, entendeu?

Eu assenti. Nova ordem de trabalho. Nova cor. Ele estava usando aquela voz de latir, algo de sua bunda. Tudo certo.

Os olhos azul-esverdeados de Ripley se estreitaram enquanto me observava da porta, intencionalmente ainda sem olhar para o homem ao meu lado. —Você precisa anotá-lo? — ele perguntou, mergulhando naquele tom condescendente apenas um pouco.

Eu deixo isso deslizar para fora de mim. —Não, eu vou lembrar.

Da porta, Rip me deu um aceno antes de sair. Eu não precisava vê-lo sair para saber como sua bunda parecia naqueles macacões. Era perfeitamente proporcional em comparação com o resto de seu corpo construído como um tanque. Grande e grosso.

Ao meu lado, o Sr. Cooper soltou um suspiro que eu ouvira cem ou duas vezes antes. Eu não podia culpá-lo. Quanto menos eles se comunicavam, melhor para o dia de todos.

Especialmente o dele.

Mas naquele momento, eu não conseguia me concentrar na bunda de Rip, ou no prazer que eu tinha sentido ao ver seu rosto não completamente carrancudo em minha direção, mesmo que fosse por apenas um segundo. Às vezes ele vinha almoçar ao mesmo tempo que eu. Às vezes ele se sentava ao meu lado e comia. Seu cotovelo escovava no meu. Às vezes, o antebraço dele tocava o meu. Se fosse um bom dia, ele me dava uma sobrancelha que eu recebia como se fosse um sorriso. Se fosse realmente um bom dia, eu poderia falar com ele sobre o carro que estava restaurando, e poderíamos conversar sobre isso por alguns minutos.

Eu desisti de tentar fazer perguntas pessoais a ele, dois meses depois dele chegar ao CCC.

Mas nos dias em que o Sr. Cooper e eu por acaso comemos ao mesmo tempo, nada disso acontecia. Eu assisti Rip se virar e sair, notando como o Sr. Cooper estava sentado ali e tentou não deixar que isso o incomodasse.

Nesse dia, era impossível não perceber que ser ignorado era devorador para o homem mais gentil que eu já conheci.

Então, virei minha cabeça para o meu chefe favorito e dei a ele um sorriso que provavelmente viu. —Eu já te disse que a camisa colorida parece muito legal em você? Você não parece ter mais de sessenta e cinco anos, Sr. C.

* * *

Somente horas mais tarde, que percebi o quão ruim foi e eu tinha estragado tudo.

Eu não tinha certeza do que exatamente tinha se encaixado para mim no último segundo, assim que comecei a me agachar para continuar movendo a pistola pela superfície da placa de metal que eu estava pintando. Mas algo tinha acabado de ser clicado quando parei em frente ao carro entre a porta traseira e o porta-malas. Aquele clique tinha dito, Luna, espere um minuto.

Espere um minuto.

—Merda. — Eu puxei o capuz do meu macacão para baixo, levantei meus óculos para descansar no topo da minha cabeça, e puxei minha máscara para o meu queixo, tentando pensar, enquanto olhava para o painel na minha frente.

Mas a cor do carro não mudou sem os óculos de proteção.

Ainda era um azul prateado.

Ainda era o Silver Mink.

Eu deixei a ordem de trabalho para você no topo da sua mesa, Rip disse durante o almoço.

Eu havia pegado a ordem de serviço na mesa. Eu sabia. Silver Mink, dizia. Eu sabia. Eu não teria estragado a leitura.

Mas... Silver Mink... algo sobre a cor, sobre o nome, não se encaixava bem.

Silver Mink, Silver Mink, Silver Mink...

Silver Mink não era a cor original que ele pedira?

Eu tinha lido a ordem errada?

Coração enlouquecendo instantaneamente, eu engoli e tentei pensar sobre o que eu fiz. Peguei a ordem de serviço, li três vezes e fui buscar a tinta. Eu sabia disso com certeza. Eu sabia disso.

Mas...

Corri de volta para a minha mesa e passei pelas ordens de serviço em cima dela. Por volta de um minuto, achei – eles mais parecidos. Eu enlouqueci quando encontrei.

Levou apenas um segundo para procurar a ordem de serviço no meu computador para confirmar minhas suspeitas.

Eu tinha começado a pintar o carro com uma cor diferente.

Putá merda.

Não Brittany Blue.

Não Brittany Blue como uma das ordens de serviços solicitadas. A ordem certa.

Por que não verifiquei duas vezes? Eu sempre fazia. Sempre.

—Merda. — Eu pisquei várias vezes olhando para o pedido, a vontade de vomitar ficando forte e forte. —Merda, merda, merda!

Eu queria dar um soco na parede. Me socar seria o mais certo a fazer. Mas o fato era que eu me lembrava de que estava pensando sobre o telefonema que o Sr. Cooper havia mencionado, e sobre a minha irmã me abandonando, e frustrada com o meu colega de trabalho por me atrapalhar. Eu voltei para o andar de baixo depois do almoço, ainda pensando em coisas que eu não poderia mudar mesmo se quisesse, fosse para o meu estande, gastasse mais quatro horas lixando o carro, em seguida, preparando-o. Deixei assar enquanto pegava o primeiro arquivo que encontrei o Thunderbird, li e finalmente tirei a tinta do armário onde guardávamos todos os suprimentos extras não utilizados.

O resto era história. Peguei a tinta, preparei tudo, Miguel me ajudou a movimentar os carros. Então eu entrei no estande e comecei a pulverizar, minha cabeça voltando para o texto e o telefonema apesar dos fones de ouvido que eu tocava na trilha sonora do Wicked em meus ouvidos. Então, então, clicou.

Merda, eu li a ordem de serviço errada.

Ah não. Oh não, oh não, oh não.

—Merda do caralho, — eu sussurrei para mim mesma, pânico enchendo meu estômago, deixando-me nauseada instantaneamente. Instantaneamente.

Por um microssegundo, perguntei-me como poderia consertar isso sem envolver ninguém. Mas tão rapidamente quanto me perguntei isso, eu me lembrei que não havia jeito. O que eu ia fazer? Esconda o carro e faça tudo de novo? O primer só precisava de um dia para secar.

Eu não tinha certeza se acreditava em milagres e não ia começar agora.

Minhas mãos subiram para o meu cabelo, alisando o cabelo que eu tinha prendido atrás das orelhas para mantê-lo fora do meu rosto. Puxei as pontas com força. Mas a cor não mudou e as palavras na ordem de serviço não desapareceram magicamente, e eu ainda estava na merda.

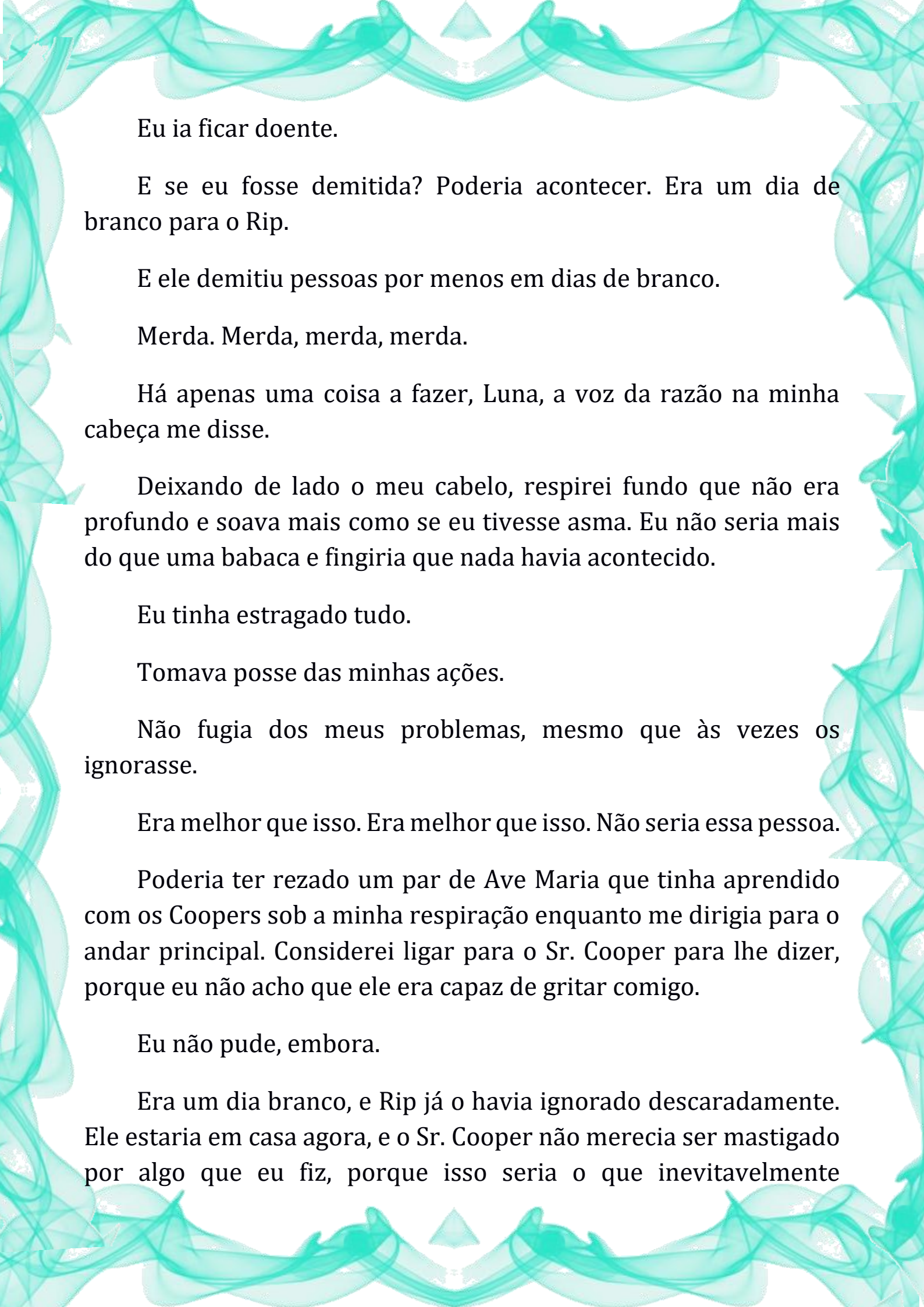
Havia apenas uma coisa que poderia fazer.

Engole essa, tetas de açúcar, minha irmã diria.

E se você for demitida? Meu cérebro tentou perguntar ao resto de mim.

Eu tinha estragado uma vez antes, mas foram rodas que havia estragado, e apenas duas delas.

Eu raramente gritei. Eu nunca me atrasei. Eu não conseguia lembrar de reclamar. Claro, o Sr. Cooper foi a coisa mais próxima que já tive do que um pai de verdade deveria ser. Mas isso seria centenas de dólares em trabalho que precisariam ser refeitos por minha causa. Esse dinheiro era principalmente o que eles me pagavam por hora de trabalho e a tinta que eu tinha acabado de desperdiçar. Tudo porque não tinha tido tempo para encontrar as duas ordens e olhar para as estúpidas datas.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text.

Eu ia ficar doente.

E se eu fosse demitida? Poderia acontecer. Era um dia de branco para o Rip.

E ele demitiu pessoas por menos em dias de branco.

Merda. Merda, merda, merda.

Há apenas uma coisa a fazer, Luna, a voz da razão na minha cabeça me disse.

Deixando de lado o meu cabelo, respirei fundo que não era profundo e soava mais como se eu tivesse asma. Eu não seria mais do que uma babaca e fingiria que nada havia acontecido.

Eu tinha estragado tudo.

Tomava posse das minhas ações.

Não fugia dos meus problemas, mesmo que às vezes os ignorasse.

Era melhor que isso. Era melhor que isso. Não seria essa pessoa.

Poderia ter rezado um par de Ave Maria que tinha aprendido com os Coopers sob a minha respiração enquanto me dirigia para o andar principal. Considerarei ligar para o Sr. Cooper para lhe dizer, porque eu não acho que ele era capaz de gritar comigo.

Eu não pude, embora.

Era um dia branco, e Rip já o havia ignorado descaradamente. Ele estaria em casa agora, e o Sr. Cooper não merecia ser mastigado por algo que eu fiz, porque isso seria o que inevitavelmente

aconteceria se o usasse como um amortecedor entre mim e a pessoa que realmente me dera as ordens para o projeto que eu tinha estragado.

Tentei dizer a mim mesma que não havia nada para me preocupar. O que o Rip ia fazer? Gritar comigo? Não seria a primeira vez que alguém faria isso. Eu dominei a gritaria quando criança. Não era como se ele me batesse ou me chamasse de idiota, ou indicasse que toda a minha existência era um erro. Ele faria uma careta, usaria aquele tom condescendente que usava em todos regularmente, talvez ele ficasse irritado por alguns dias, e então...

Se ele decidir me demitir.

Nada demais.

Poderia encontrar outro emprego. Tive ofertas de emprego aparecendo há poucos meses. Claro, nenhum deles estava em Houston, e, com certeza, não queria mudar de emprego e começar tudo de novo em torno de pessoas que não me conheciam e não se importavam comigo, mas...

Não se atreva a ficar chateada, Luna, meu cérebro me avisou. Você nem pense nisso.

Eu respirei fundo novamente, mas ficou irregular e falho. Eu admitiria meus erros, havia jurado a mim mesma há muito tempo. Assumirei a responsabilidade pelas minhas ações.

Não exagere, eu disse a mim mesma quando coloquei um pé na frente do outro, indo para o andar principal da loja e olhando em volta para os oito carros diferentes estacionados lá dentro no momento. Havia quatro pistas. Cada pista tinha dois carros. Três

pistas geralmente eram reservadas para carros que estavam fazendo trabalhos mecânicos, geralmente um carro envolvido em uma colisão. Uma pista sempre era reservada para qualquer carro, ou carro que Ripley estivesse restaurando.

Com certeza, a maioria dos mecânicos do CCC tinha encerrado o dia, mas ainda vi duas cabeças no chão que não eram a mistura marrom e prata de Rip.

Na pista mais distante de onde eu estava, pude vê-lo tirando os assentos de um GTO que não tinha visto antes do almoço.

Por quê? Por que eu estraguei tudo hoje? Porcaria, porcaria, porcaria.

Eu tinha feito isso. Não havia como esconder isso. Não poderia voltar no tempo e mudar meu erro, tanto quanto gostaria.

Assuma isso. Eu tive que assumir isto. Mentir era ruim na maior parte do tempo. Fingir ser burra era pior.

Repeti todas as coisas para mim quando cruzei entre os carros, ignorando propositalmente os olhares que recebi dos dois sujeitos que ainda estavam trabalhando, enquanto me dirigia para Rip. Não era incomum perder a cabeça, mas também não era normal.

Talvez conseguiria que ele falasse comigo em seu escritório ou no meu estande.

Como poderia ter estragado assim? Realisticamente, sabia que as pessoas cometiam erros. O homem que me ensinou tudo o que sabia tinha errado o tempo todo.

Ok, isso nunca aconteceu enquanto Rip estava no CCC, e nunca foi um erro deste tamanho. Quando o antigo pintor de chumbo desarrumara, estava escolhendo o tom de cor errado ou não percebendo que algo precisava de uma camada extra de claridade. Não era um pedaço de carro com a cor errada.

Você não vai chorar, Luna. Você não vai chorar. Ele não vai bater em você, e se ele gritar, você pode tomar melhor do que ninguém aqui. Se for demitida, a culpa é sua. Você não pode culpar ninguém além de si mesma. Você vai ficar bem. Thea, Kyra e Lily são quase todas autossustentáveis. Um dia você poderá rir do dia em que estragou tudo. Pode levar apenas uma década para chegar lá. Você é uma pessoa decente e tenta fazer o que é certo, mesmo que seja uma droga.

Foi com esse pensamento que movi meu traseiro em direção ao homem que havia se escondido no carro. Eu não podia ver sua cabeça ou seu corpo quando me aproximei. Eu poderia lidar com isso, prometi a mim mesma.

Então eu fiz isso.

Rip estava tirando os parafusos do banco do motorista, como eu esperava, então, caminhei para aquele lado e fiquei lá, observando-o de joelhos, metade da parte superior do corpo dentro do carro, a outra metade ajoelhada sobre uma toalha suja no chão de concreto.

Ele não me viu ou me ouviu.

Conhecendo-o, ele pode estar apenas fingindo que não.

Então disse, alto: —Ei, Rip. — Ele ia saber que algo estava errado, eu apenas sabia disso.

Ele não parou de trabalhar e, se revirou os olhos, eu não tinha ideia, mas peguei a resposta dele: —O quê?

O quê? Não o que você quer ou o que você precisa. Era um dia branco. O que eu esperava?

—Posso falar com você?

—Fale, — foi sua resposta simples.

Eu poderia fazer isto.

—Podemos conversar no escritório ou no meu estande? — Eu praticamente coaxeí, estremecendo e esperando que ele sentisse notasse.

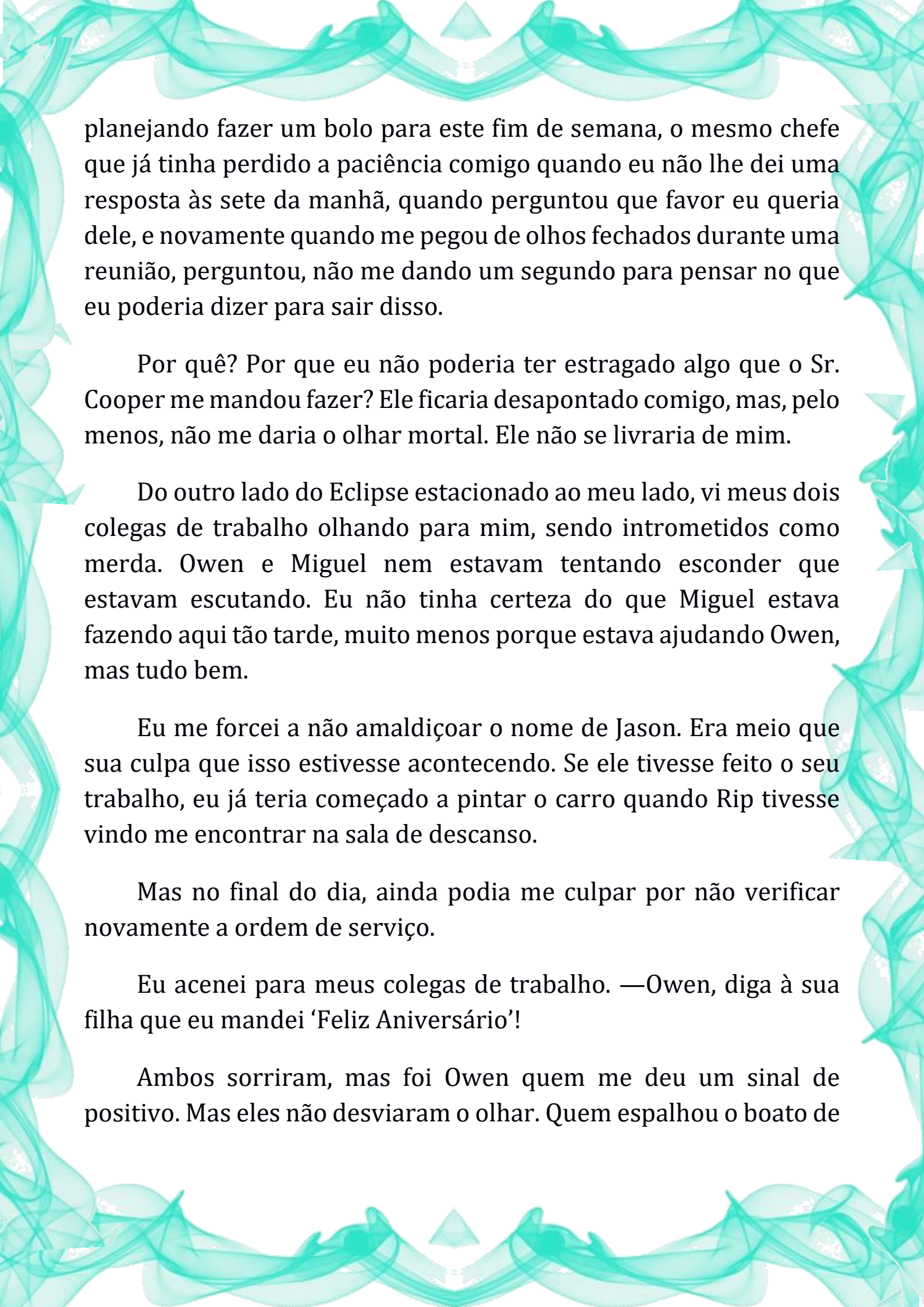
Só então vi seu braço parar de se mover, mas ouvi sua voz claramente enquanto ele murmurava: —Ocupado, Luna. Está tudo bem?

Se está tudo bem? OK. Esse foi um sinal decente.

Mas eu ainda não consegui dizer nada mais do que, —Eu te disse que seu cabelo está bonito hoje? — A maneira como ele o separou parecia muito legal hoje. Eu não estava mentindo.

Apenas parando.

—Fale, Luna, — ele claramente resmungou, ciente de que eu estava cheia disso. —Eu não tenho o dia todo. Eu preciso tirar esse carro. Está tudo bem? — meu chefe, o mesmo chefe que eu estava

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text on the page.

planejando fazer um bolo para este fim de semana, o mesmo chefe que já tinha perdido a paciência comigo quando eu não lhe dei uma resposta às sete da manhã, quando perguntou que favor eu queria dele, e novamente quando me pegou de olhos fechados durante uma reunião, perguntou, não me dando um segundo para pensar no que eu poderia dizer para sair disso.

Por quê? Por que eu não poderia ter estragado algo que o Sr. Cooper me mandou fazer? Ele ficaria desapontado comigo, mas, pelo menos, não me daria o olhar mortal. Ele não se livraria de mim.

Do outro lado do Eclipse estacionado ao meu lado, vi meus dois colegas de trabalho olhando para mim, sendo intrometidos como merda. Owen e Miguel nem estavam tentando esconder que estavam escutando. Eu não tinha certeza do que Miguel estava fazendo aqui tão tarde, muito menos porque estava ajudando Owen, mas tudo bem.

Eu me forcei a não amaldiçoar o nome de Jason. Era meio que sua culpa que isso estivesse acontecendo. Se ele tivesse feito o seu trabalho, eu já teria começado a pintar o carro quando Rip tivesse vindo me encontrar na sala de descanso.

Mas no final do dia, ainda podia me culpar por não verificar novamente a ordem de serviço.

Eu acenei para meus colegas de trabalho. —Owen, diga à sua filha que eu mandei ‘Feliz Aniversário’!

Ambos sorriram, mas foi Owen quem me deu um sinal de positivo. Mas eles não desviaram o olhar. Quem espalhou o boato de

que as mulheres eram piores fofoqueiras do que os homens, nunca tinha trabalhado com um grupo de homens regularmente antes.

—Luna, que porra é essa? — Rip perguntou, seu tom finalmente assumindo um tom impaciente.

Agora ou nunca.

—Hmm, — eu parei mais um pouco, obrigando-me a desviar o olhar de Miguel e Owen para um cotovelo que começou a se mover novamente dentro do GTO.

—Você vai dizer alguma coisa, ou não? Isso precisa ser feito, — ele continuou soando ainda mais agravado e impaciente.

Eu poderia fazer isto. Eu precisei.

—Luna, — Rip falou o meu nome, toda e qualquer facilidade finalmente desapareceu de sua voz.

—Rip, — eu comecei fechando os dois olhos por um momento. —Estraguei tudo.

Houve uma pausa, e então ele perguntou, lentamente, tão devagar, não fui tola o suficiente para assumir que não tinha me ouvido. —O que isso quer dizer?

Ele ia me fazer isso. Claro que ele ia. —Eu estraguei tudo, — repeti. Eu não merecia estremecer. Isso realmente foi minha culpa. E do Jason. —Peguei a ordem de serviço errada para o Thunderbird. Em vez do Brittany Blue, eu fiz o Silver Mink que estava na ordem original, e já comecei a pintar antes de me dar conta do erro. — Eu fiz isso. Estava enlouquecendo. Sabia que era inútil e não significava nada, mas ainda joguei —Eu realmente sinto muito.

Em algum momento, seu cotovelo parou de se mover. Inferno, eu tinha certeza que ele até parou de respirar porque os dois centímetros de sua metade superior que não estavam escondidos dentro do carro também não estavam se movendo. Oh inferno.

—É minha culpa. Eu apenas... me distrai. Deveria ter checado novamente o sistema e não o fiz. Sinto muito.

Ainda assim, ele não disse nada.

Porcaria.

—Posso ficar até mais tarde hoje para começar a consertá-lo. Segunda-feira posso fazer o primer, e se eu ficar até tarde, posso me recuperar novamente...

Ele parou de ouvir. Eu poderia dizer. Então parei de falar.

Seu corpo começou a se mover. Primeiro notei mais de seu abdômen, depois a parte superior do peito, seguida de seu pescoço, e finalmente a cabeça saiu de dentro do carro que ele estava desmontando. Aqueles olhos intensos se concentraram em mim, um rosto cuidadosamente vazio que eu já tinha visto antes, geralmente à distância. Normalmente, como uma observadora e não o foco dele.

E eu sabia. Eu sabia...

Ele ia me ajudar.

Lucas Ripley não me decepcionou. Sua voz era calma e quase fria quando disse: —Eu especificamente lhe perguntei se você precisava escrevesse essa merda. Lembra disso?

Oh cara. Tudo ia acabar mal.

O que mais eu poderia fazer, além de acenar com a cabeça?

Aqueles olhos quase verde-azuis nem sequer piscaram. — Perguntei se você precisava de mim para escrever e você disse não, — continuou olhando para mim com aquele rosto furioso que era tão grosseiramente bonito, que eu não queria olhar para ele, não naquele momento. A voz dele ficou ainda mais fria, se é que isso era possível, e juro que podia sentir a pele nas minhas costas se arrepiar. —E vou ter que pagar horas extras para o trabalho que já foi feito? — Ele estreitou aqueles olhos intensos. —Tenho que pagar para você corrigir um erro que você fez?

Tudo que eu pude fazer foi ficar lá.

Eu tinha estragado tudo. Não havia como escapar disso. —Rip, me desculpe. Nunca cometi um erro assim antes...

Aquela mão gigante salpicava em algum tipo de óleo ou gordura cortada no meio do corpo dele. —Esse não é o maldito ponto, Luna, — ele retrucou, olhando para mim. —É uma perda de tempo. É um desperdício de dinheiro. É um desperdício de porra de tinta. — Rip sacudiu aquele cabelo castanho escuro que tinha apenas algumas linhas de prata, bem a tempo de seu aniversário na próxima segunda-feira.

Ele estava colocando em real espessura, e eu estava tomando tudo, sentindo-me cada vez pior a cada segundo. Ele estava certo. Ele teria ficado zangado com quem cometesse o mesmo erro; o que apenas minimamente me fez sentir melhor. —Eu sinto muito. Vou ficar até tarde e você não precisa me pagar. Eu sei que é minha culpa, — respondi, esperando que Owen e Miguel não pudessem ouvir o

quanto minha voz tinha enfraquecido. Eu tive que apertar meus punhos quando o desejo de quebrar meus dedos ficou forte.

Meu chefe levantou as grossas sobrancelhas escuras de uma forma que confirmou que não ia sair de nada, e eu definitivamente não iria ser absolvida de uma coisa pirada. —Agora você vai tentar me dar um maldito peso de culpa por dizer merda como qualquer chefe faria? — Suas sobrancelhas se abaixaram, e aquela boca que eu pensei que era muito sexy nos bons dias permaneceu em uma carranca. —Você não vai me fazer sentir mal, Luna. Você fodeu e esse é o fim da história.

Eu tinha fodido. Não estava tentando fazer parecer de outra maneira. Balancei a cabeça para ele, certificando-me de evitar olhar para onde tinha visto meus colegas de trabalho pela última vez. — Eu sei, Rip. Não estou tentando... me desculpe. , — disse a ele.

Ele balançou sua cabeça. O homem tirou um pano limpo de dentro do macacão e varreu-o sobre o rosto enquanto murmurava: —Desculpa não conserta nada.

Claro que não. Apreendi essa lição muito antes de ele entrar na minha vida.

—Eu sei disso. Eu farei tudo sozinha. Vou começar com isso...

Seu rosto ainda estava coberto enquanto ele respirava, —Não se incomode.

O que isso significa?

—Mas eu posso fazer isso. Sei que é minha culpa...

—Não. — Ele afastou o pano do rosto e se concentrou no meu instantaneamente. Sua mandíbula estava firme e, se eu tivesse dúvidas, ele ficaria chateado, então teria recebido uma confirmação. Havia mais linhas na testa do que já tinha visto antes. —Mantenha a tinta da mesma cor que você já fez, — resmungou, arrastando o pano rudemente sobre as mãos enquanto seus olhos praticamente queimavam um buraco odioso direto no meio das minhas feições. — Só para constar, é uma grande merda.

—Sinto muito, — murmurei, ignorando o fato de que eu tinha certeza de que meus colegas de trabalho tinham começado a se aproximar de nós para ouvir melhor.

Rip sacudiu a cabeça novamente. —Desculpas não consertam seu erro. Vá pintar o carro da cor que você já começou.

—Mas...

—Eu não quero mais falar sobre essa merda, Luna. — Ele olhou para o teto antes de dizer com uma voz cristalina: —E isso está sendo registrado no seu arquivo.

No meu arquivo? Como um primeiro aviso? Atingir três avisos eu seria demitida? Era assim que essas coisas funcionavam? Eu nem sabia que isso era uma coisa.

Olhei para ele, pressionei meus lábios juntos, e, então, respirei pelo nariz. Não ficaria chateada por ter problemas. Eu não estava.

Rip, por outro lado, me observou com aquele rosto silenciosamente furioso que dizia que nem queria me olhar em primeiro lugar. Não queria olhar para o meu rosto, que geralmente era sem maquiagem, menos o batom rosa que usava todos os dias.

Não queria olhar para o cabelo azul algodão doce que tinha mantido no ano passado. Não queria olhar para mim.

Ele não seria a primeira pessoa.

—Eu sinto muito, — disse a ele, tentando me agarrar ao que restava do meu orgulho, sentindo-me quase uma polegada de altura.

Ele apenas olhou para mim e eu sabia que ele não ia dizer mais nada.

Desculpei-me e quis dizer isso. Era tudo que eu podia fazer. Virei e me dirigi lentamente para o caminho por onde vim, propositalmente evitando fazer contato visual com os caras assistindo, porque não queria ver pena em seus rostos. Eu provavelmente só tinha ficado a duas pistas de distância quando ouvi Rip dizer: —Vocês todos vão voltar ao trabalho, ou o quê?

Eu pressionei meus lábios e olhei para o meu bracelete de donut, esfregando meu polegar sobre um deles. Poderia ter sido pior.

Ele poderia ter me demitido, e talvez então, pudesse ter conseguido retribuir o favor que sentia como se me devesse pelos últimos três anos. Aposto que isso o teria feito feliz.

Tudo estava bem, mesmo que não parecesse assim.

As coisas sempre poderiam ser piores.

Capítulo 3

Todas as luzes estavam acesas dentro de casa quando estacionei na garagem às dez da noite.

Literalmente cada uma.

Suspirei quando desliguei a ignição e disse a mim mesma que logo não haveria ninguém na casa para acender uma única luz. Ou fazer meu almoço. Ou me dar um abraço quando eu precisasse. Ou me chamar para ficar acordada até tarde para assistir a um filme de terror.

Aquele lembrete apenas me fez suspirar novamente, mas por um motivo totalmente diferente.

Então lembrei-me de quão alto seria minha conta de eletricidade neste verão se minha irmãzinha não se acalmasse, abri a porta do carro e saí.

No escuro, era muito difícil ver a velha casa, exceto pelos quadrados e retângulos de luz atrás das cortinas que Thea, minha irmã um pouco mais nova, havia comprado como presente de aniversário há um ano atrás.

Subindo os dois degraus, passei minhas chaves em volta do meu dedo indicador e, em seguida, enfiei na fechadura e a virei. A televisão soou, mas de alguma forma minha irmãzinha, Lily, me ouviu abrir a porta porque ela gritou: —Luna? É você?

—Não, é o machado assassino. — Eu deixei cair minhas chaves na tigela que minha outra irmã tinha comprado para o meu aniversário no mesmo ano. —Você fez algo para o jantar? — Por favor por favor por favor....

—Não, eu pedi pizza! — minha irmãzinha respondeu de onde ela geralmente estava em uma rara sexta-feira que não estava trabalhando — na frente da TV porque o último ano do ensino médio era aparentemente cansativo. Não que eu soubesse disso.

Eu sempre fui capaz de ver através da baboseira da minha irmã. Ela ficou em casa sem trabalho às sextas-feiras para não gastar dinheiro. Ela estava sempre economizando para alguma coisa. No último ano, estava economizando para as despesas da faculdade. No ano anterior, para um carro — um carro que acabei dividindo com ela.

Ao pensar em pizza, meu estômago roncou, lembrando-me que não tinha terminado meu almoço, e desde então, só tinha comido uma banana e um punhado de Skittles do meu esconderijo não tão secreto depois do meu incidente com Rip. Eu pensei que era algum tipo de milagre que eu não tivesse uma dor de cabeça, mas a Coca-Cola que eu tinha com os Skittles provavelmente ajudou.

Estava cansada. Dentro e fora. Não importava o quanto eu tivesse tentado não chafurdar na culpa que sentia por estragar tudo — e o quanto eu tentava não pensar sobre o quão impiedoso Rip havia sido sobre isso — isso acontecera. Sua expressão facial, tom e a culpa no meu intestino apenas continuaram correndo em um loop na minha cabeça. O aperto no meu peito não tinha ido a qualquer lugar em horas.

Ele ainda estava pendurado em torno do meu coração. Eu estava envergonhada e desapontada comigo mesma.

Desculpas, não conserta seu maldito erro.

Suspirei mais uma vez enquanto desamarrava minhas botas e depois as afastava, deixando-as bem ao lado do Converse preto de Lily, olhando para o par de tênis amarelos xadrez e New Balances rosa lá também.

Esfregando minha testa com as costas da minha mão, arrastei meus pés na direção da sala no final do corredor. Ao passar, ainda havia muitas coisas que eu queria refazer em casa, e derrubar algumas dessas paredes era a próxima na minha lista. Espero que consiga que a Lily me ajude antes que saia, e se minhas outras irmãs vierem me visitar, poderia ajudar também. Não havia horas suficientes no dia, ou dias do ano.

Na sala de estar, encontrei-a sentada entre uma garota e um garoto da mesma idade que eu conhecera antes. Eu levantei minha mão para eles, mas dei um beijo na loira que estava no meio.

—Ei, — eu disse para os três, observando minha irmãzinha levantar os braços até o teto para me fazer vir em sua direção.

Ela era a mais carinhosa da família, o que era apenas mais uma razão pela qual sentiria falta dela quando fosse para a faculdade. Esse pensamento me perfurou direto no intestino.

Ela estava se formando no ensino médio na semana que vem. Semana que vem. Ela teria dezoito anos em algumas semanas. Legalmente uma adulta, mas para sempre minha irmãzinha que

crescera rápido demais, não importava o quanto eu tentasse impedir que isso acontecesse.

Dobrando-se sobre o encosto do sofá, os braços de Lily foram ao redor do meu pescoço enquanto pressionou minha bochecha no lado do rosto dela. —Dia difícil, querida?

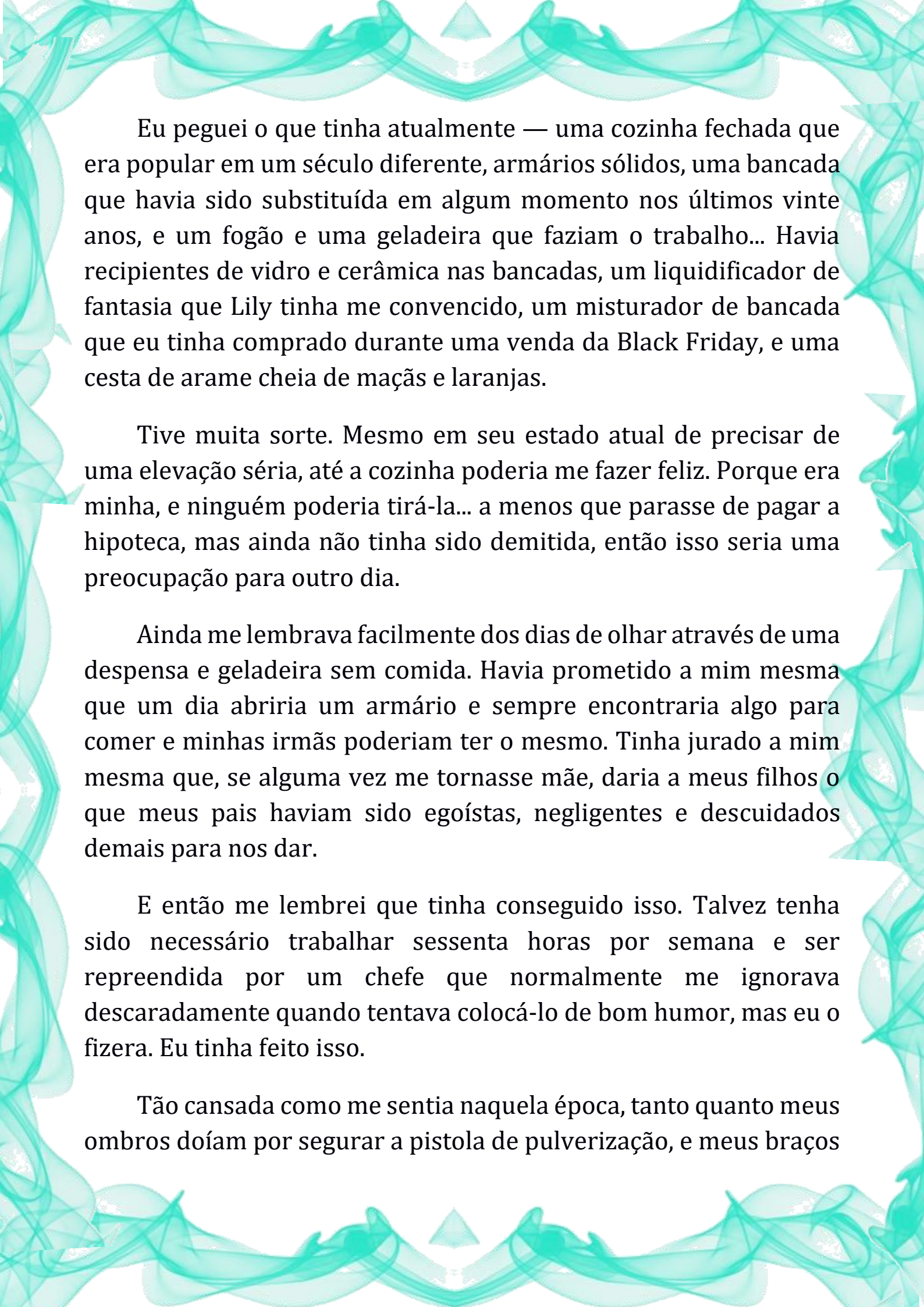
—Não foi o melhor, mas não foi o pior, docinho, — fui direto em sua bochecha e soltei um beijo rápido nela.

—Desculpe, boo. — Ela me bicou de volta. Seus olhos verdes — o mesmo tom que o meu e as duas irmãs também — eram mais vigilantes. Ela havia me dito muitas vezes como eu trabalhava demais e ia me desgastar muito rápido. —Quer que a gente vá para o meu quarto? — Seu olhar foi para o meu pulso e ela sorriu. —Oh, olha, você está usando.

Eu dei a ela outro beijo na bochecha antes de me endireitar. — Claro que estou, e não a menos que você se importe se eu ficar aqui um pouco com sua pizza que sobrou.

Ela fez uma careta. —Você está cheirando muita fumaça de tinta hoje.

Eu fiz uma careta para ela antes de me virar e ir para a cozinha por outro corredor. Eu realmente precisava abrir mais a casa e melhorar o layout. Eu tinha conseguido os planos para ela logo depois de ter comprado o lugar, e aposto que poderia encontrar um engenheiro ou um arquiteto que pudesse me dizer quantas paredes eu poderia derrubar. Eu trabalhei muito para realmente assistir um monte de shows da Home Remodelling Network, mas tinha uma ideia geral do que queria que esse lugar parecesse eventualmente.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the text on all sides.

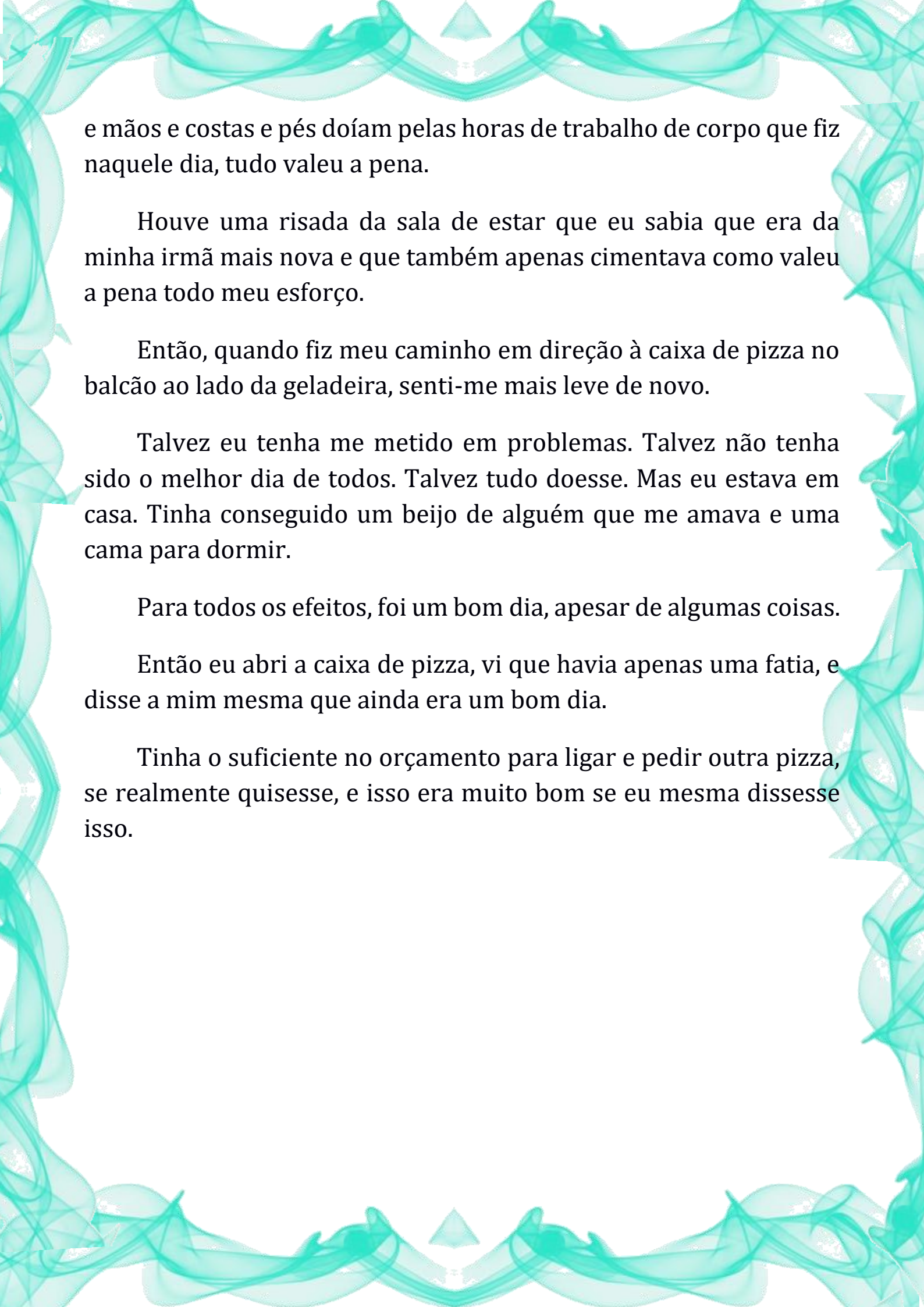
Eu peguei o que tinha atualmente — uma cozinha fechada que era popular em um século diferente, armários sólidos, uma bancada que havia sido substituída em algum momento nos últimos vinte anos, e um fogão e uma geladeira que faziam o trabalho... Havia recipientes de vidro e cerâmica nas bancadas, um liquidificador de fantasia que Lily tinha me convencido, um misturador de bancada que eu tinha comprado durante uma venda da Black Friday, e uma cesta de arame cheia de maçãs e laranjas.

Tive muita sorte. Mesmo em seu estado atual de precisar de uma elevação séria, até a cozinha poderia me fazer feliz. Porque era minha, e ninguém poderia tirá-la... a menos que parasse de pagar a hipoteca, mas ainda não tinha sido demitida, então isso seria uma preocupação para outro dia.

Ainda me lembrava facilmente dos dias de olhar através de uma despensa e geladeira sem comida. Havia prometido a mim mesma que um dia abriria um armário e sempre encontraria algo para comer e minhas irmãs poderiam ter o mesmo. Tinha jurado a mim mesma que, se alguma vez me tornasse mãe, daria a meus filhos o que meus pais haviam sido egoístas, negligentes e descuidados demais para nos dar.

E então me lembrei que tinha conseguido isso. Talvez tenha sido necessário trabalhar sessenta horas por semana e ser repreendida por um chefe que normalmente me ignorava descaradamente quando tentava colocá-lo de bom humor, mas eu o fizera. Eu tinha feito isso.

Tão cansada como me sentia naquela época, tanto quanto meus ombros doíam por segurar a pistola de pulverização, e meus braços

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text on the page.

e mãos e costas e pés doíam pelas horas de trabalho de corpo que fiz naquele dia, tudo valeu a pena.

Houve uma risada da sala de estar que eu sabia que era da minha irmã mais nova e que também apenas cimentava como valeu a pena todo meu esforço.

Então, quando fiz meu caminho em direção à caixa de pizza no balcão ao lado da geladeira, senti-me mais leve de novo.

Talvez eu tenha me metido em problemas. Talvez não tenha sido o melhor dia de todos. Talvez tudo doesse. Mas eu estava em casa. Tinha conseguido um beijo de alguém que me amava e uma cama para dormir.

Para todos os efeitos, foi um bom dia, apesar de algumas coisas.

Então eu abri a caixa de pizza, vi que havia apenas uma fatia, e disse a mim mesma que ainda era um bom dia.

Tinha o suficiente no orçamento para ligar e pedir outra pizza, se realmente quisesse, e isso era muito bom se eu mesma dissesse isso.

Capítulo 4

Eu sabia que deveria ter me virado e esperado para pegar meu café quando entrei na sala de descanso e ouvi meus chefes discutindo na semana seguinte.

Novamente. Talvez pela milésima vez ou bem perto disso.

Em minha defesa, se eu saísse toda vez que os ouvia brigando por algo, raramente conseguiria tomar uma única xícara de café. Ou comer meu almoço. Ou encher minha garrafa de água. Ou descobrir se eu li corretamente no mural de notas em Post-It.

Naquela manhã, mais do que o normal, eu precisava de cafeína. Tive um sonho com meu pai pela primeira vez em meses. Eu senti tão real que tinha acordado com lágrimas rolando pelo meu rosto. Fazia anos desde a última vez que chorei tanto... e isso só me fez chorar ainda mais. Parecia que estava de volta vivendo com eles, de volta àquelas noites em que meu pai se embriagava e passava de insuportável a ser um pesadelo; voltando aos dias em que, se tivesse sorte, a mulher que minhas irmãs conheciam como mãe estaria no sofá, louca de rir, fazendo nada além de me deixar saber o quanto ela me odiava. Eu acabei ficando acordada, deitada na cama, dizendo a mim mesma, coisas que tinha dito mil vezes.

Eu era amada. Eu tinha um teto sobre minha cabeça. Comida para comer. Uma cama para dormir. Dinheiro na minha conta bancária.

Lembrei-me de que a vida era um presente — às vezes uma que você queria retornar e outras vezes que você gostaria de manter

para sempre, mas ainda assim era um presente. A grama pode parecer mais verde do outro lado, mas pelo menos você ainda tinha grama. Havia lugares no mundo que não tinham nenhuma para começar.

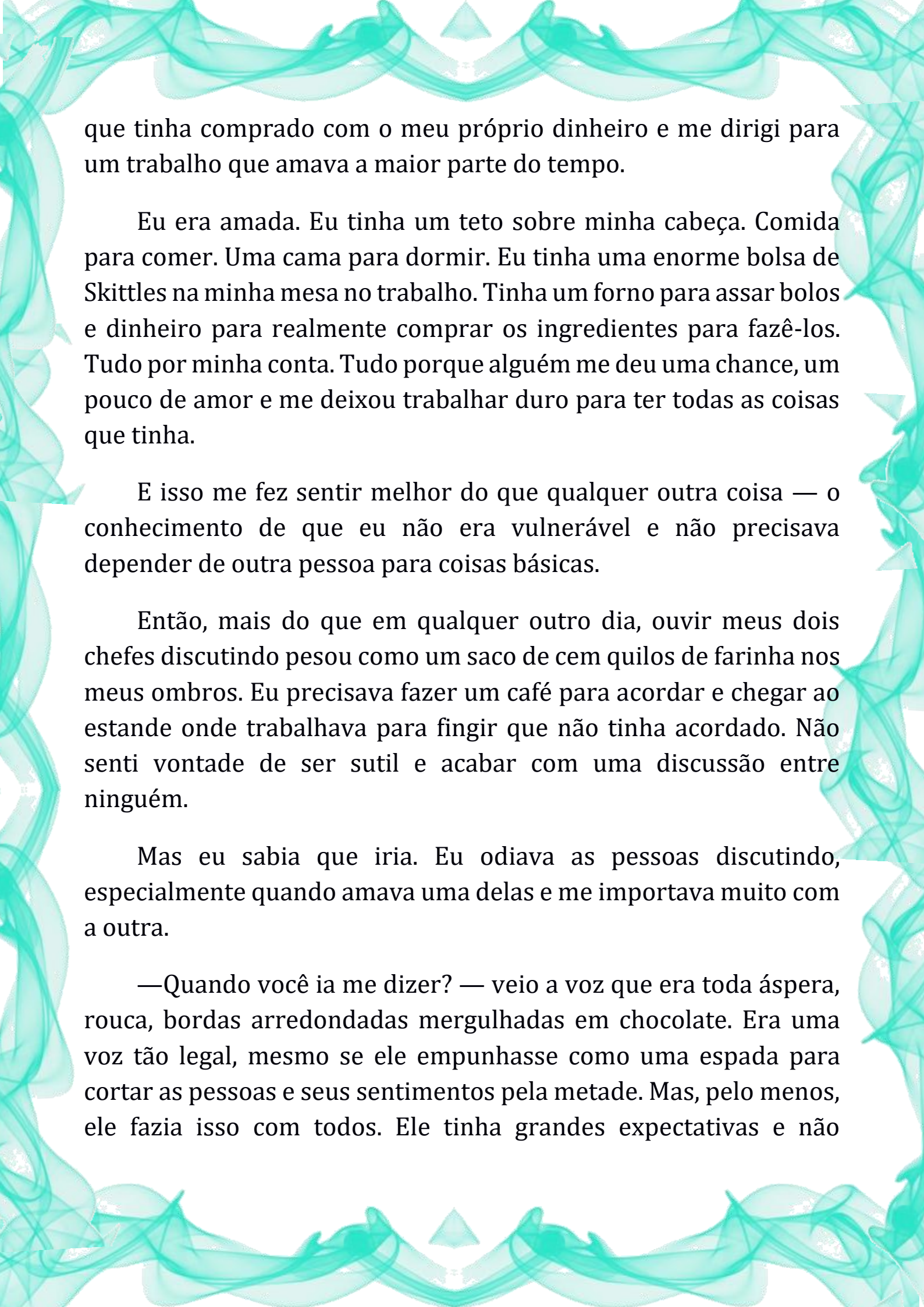
Eu estava bem.

Eu tinha mais do que jamais teria me permitido esperar.

Eu estava bem.

Estava realmente feliz que minha irmãzinha pudesse dormir com qualquer coisa. Caso contrário, dizer-lhe porque eu tinha acordado chorando, minhas entranhas teriam uma dor real. Enquanto eu passava longos períodos de tempo pensando sobre eles, sobre aqueles momentos da minha vida, minha irmã mais nova tinha decidido apenas nunca pensar neles em primeiro lugar — pelo menos não que eu soubesse. Eu já havia tentado antes que ela discutisse, só para ter certeza de que estava bem, mas ela recusou.

Saber tudo o que eu tinha, e lembrar-me disso, não ajudara muito, mas fizera o suficiente. Isso me fez respirar fundo, sair da cama para a qual eu tive que esperar seis meses para ter, e tomar banho no meu banheiro em uma casa em que eu tinha uma hipoteca — uma hipoteca que eu pagava todo mês e até conseguia colocar um pequeno extra. Peguei minha sacola da geladeira, cheia de comida que Lily tinha comprado naquele fim de semana, e de alguma forma consegui me lembrar de pegar o bolo que fiz na noite anterior enquanto Lily fazia nosso jantar. Eu lutei com ela por tanto tempo sobre como deveria comprar comida na escola, mas ela insistiu que tinha gosto de lixo e que poderia fazer algo dez vezes melhor sozinha. Depois de tudo isso, eu dirigi para trabalhar em um carro

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text, creating a frame-like effect.

que tinha comprado com o meu próprio dinheiro e me dirigi para um trabalho que amava a maior parte do tempo.

Eu era amada. Eu tinha um teto sobre minha cabeça. Comida para comer. Uma cama para dormir. Eu tinha uma enorme bolsa de Skittles na minha mesa no trabalho. Tinha um forno para assar bolos e dinheiro para realmente comprar os ingredientes para fazê-los. Tudo por minha conta. Tudo porque alguém me deu uma chance, um pouco de amor e me deixou trabalhar duro para ter todas as coisas que tinha.

E isso me fez sentir melhor do que qualquer outra coisa — o conhecimento de que eu não era vulnerável e não precisava depender de outra pessoa para coisas básicas.

Então, mais do que em qualquer outro dia, ouvir meus dois chefes discutindo pesou como um saco de cem quilos de farinha nos meus ombros. Eu precisava fazer um café para acordar e chegar ao estande onde trabalhava para fingir que não tinha acordado. Não senti vontade de ser sutil e acabar com uma discussão entre ninguém.

Mas eu sabia que iria. Eu odiava as pessoas discutindo, especialmente quando amava uma delas e me importava muito com a outra.

—Quando você ia me dizer? — veio a voz que era toda áspera, rouca, bordas arredondadas mergulhadas em chocolate. Era uma voz tão legal, mesmo se ele empunhasse como uma espada para cortar as pessoas e seus sentimentos pela metade. Mas, pelo menos, ele fazia isso com todos. Ele tinha grandes expectativas e não

deixava ninguém na loja se dar bem com as coisas. Eu e minha confusão incluídos.

Independentemente de como ele esteve comigo na sexta-feira, eu ainda tinha feito um bom e grande bolo de aniversário para ele ontem. Eu fiz um para todos, mesmo os que não podia suportar no CCC. Eu não tinha isso em mim para ser malvada e separá-los por não trazer algo para eles também. Mas minhas pessoas favoritas na loja pegaram seus bolos favoritos. Todos os outros receberam qualquer mistura de caixas à venda.

—Ripley, me dê um tempo. Eu não achei que você se importaria— a outra voz, a que eu estava ouvindo durante os últimos dez anos da minha vida, respondeu. Era mais suave, mais leve, paciente.

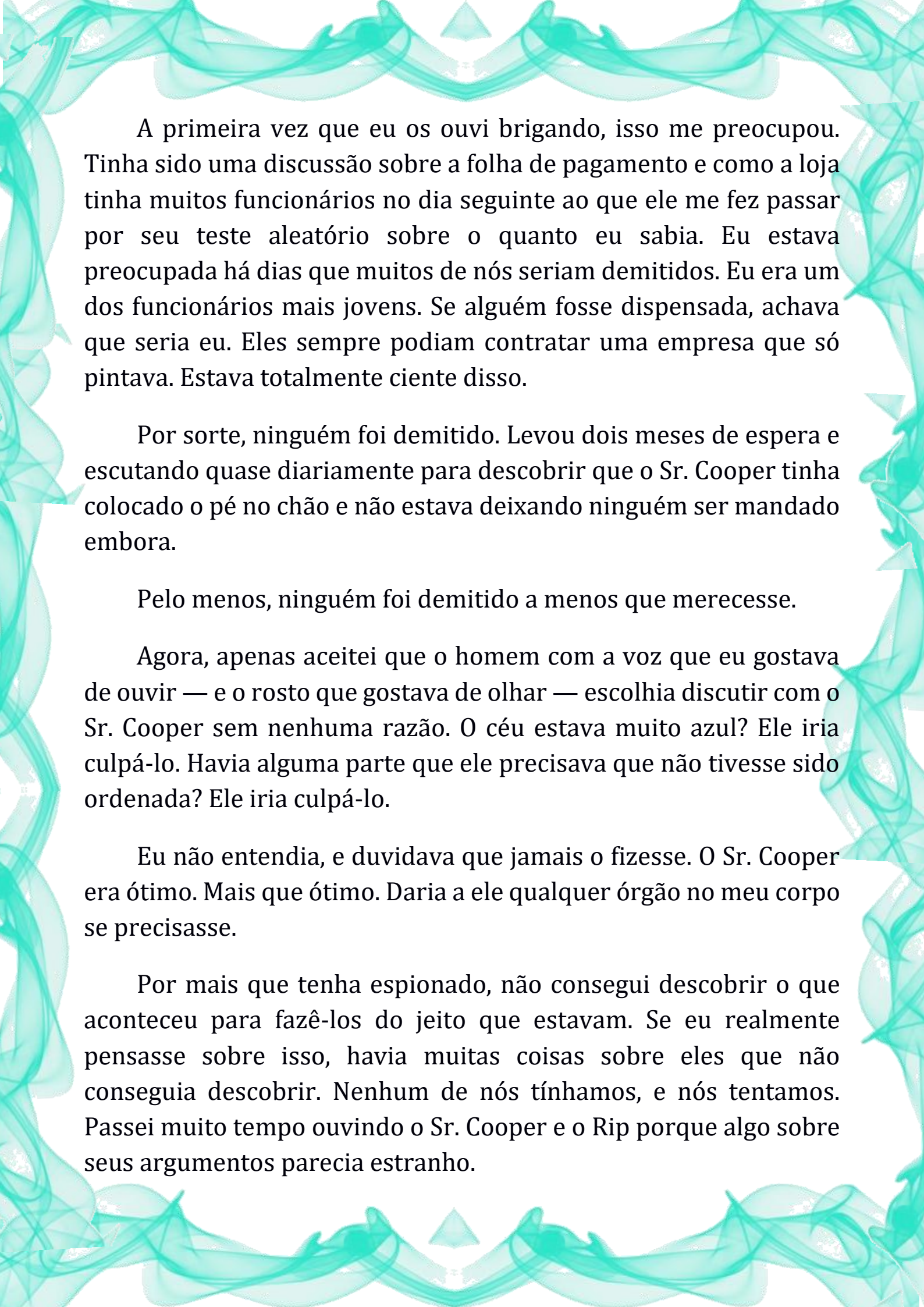
O exato oposto de Ripley em mais de uma maneira.

—Você acha que eu não me importo com quem você contrata para trabalhar comigo?

—Claro que você se importaria com isso, mas tudo que fiz foi postar um anúncio para a vaga do trabalho. Eu não achei que precisava verificar com você sobre postar um. Vamos, filho, — disse Cooper.

—Não me chame assim. Eu não sou seu filho.

Se eu tivesse um dólar para cada manhã que eu entrasse na sala de descanso e os ouvisse discordando sobre alguma coisa em um dos dois escritórios, teria dinheiro suficiente para ir para as férias na Grécia para as quais eu estava me prometendo desde sempre.

A decorative border made of overlapping, wavy teal lines frames the text on all sides.

A primeira vez que eu os ouvi brigando, isso me preocupou. Tinha sido uma discussão sobre a folha de pagamento e como a loja tinha muitos funcionários no dia seguinte ao que ele me fez passar por seu teste aleatório sobre o quanto eu sabia. Eu estava preocupada há dias que muitos de nós seriam demitidos. Eu era um dos funcionários mais jovens. Se alguém fosse dispensada, achava que seria eu. Eles sempre podiam contratar uma empresa que só pintava. Estava totalmente ciente disso.

Por sorte, ninguém foi demitido. Levou dois meses de espera e escutando quase diariamente para descobrir que o Sr. Cooper tinha colocado o pé no chão e não estava deixando ninguém ser mandado embora.

Pelo menos, ninguém foi demitido a menos que merecesse.

Agora, apenas aceitei que o homem com a voz que eu gostava de ouvir — e o rosto que gostava de olhar — escolhia discutir com o Sr. Cooper sem nenhuma razão. O céu estava muito azul? Ele iria culpá-lo. Havia alguma parte que ele precisava que não tivesse sido ordenada? Ele iria culpá-lo.

Eu não entendia, e duvidava que jamais o fizesse. O Sr. Cooper era ótimo. Mais que ótimo. Daria a ele qualquer órgão no meu corpo se precisasse.

Por mais que tenha espionado, não consegui descobrir o que aconteceu para fazê-los do jeito que estavam. Se eu realmente pensasse sobre isso, havia muitas coisas sobre eles que não conseguia descobrir. Nenhum de nós tínhamos, e nós tentamos. Passei muito tempo ouvindo o Sr. Cooper e o Rip porque algo sobre seus argumentos parecia estranho.

Eu tinha certeza de que havia algum ressentimento sério, pelo menos na parte de Ripley, mas não conseguia descobrir por quê. Por que o Sr. Cooper traria alguém para a empresa — sua empresa — com quem ele não se dava bem?

Tinha que haver uma razão pela qual um homem aparecesse um dia e se tornasse nosso mais novo chefe, quase sem aviso, sem nada mais do que um sorriso tenso do dono do negócio e um ‘Eu gostaria que todos vocês conhecessem Ripley’ na sala de descanso.

Ripley, esse homem que constantemente mantinha sua pele coberta por camisas de mangas compridas. Nunca, nunca o vi usando qualquer outra coisa. Não quando trabalhávamos até meia-noite. Não quando trabalhamos até as duas horas da manhã. Não às sete da manhã. Nem mesmo num sábado. Ele constantemente escondia todas as tatuagens que tinha.

No começo, eu me perguntava se elas eram feias ou velhas, mas ele não me parecia o tipo de pessoa que se importava com o que as outras pessoas pensavam. Além disso, ele não teria acabado de tê-los refeito se fosse esse o caso? Cooper nunca havia lucrado tanto financeiramente, e o negócio só havia prosperado nos anos desde que se expandira para o mercado de restauração — especificamente com os carros que Rip comprava, restaurava e depois vendia. Eu não conseguia pensar em um único carro em que ele tivesse trabalhado, que não tivesse sido lançado em questão de semanas por muito mais do que havia investido neles. Ele poderia facilmente ter tatuagens refeitas se não gostasse delas. A única explicação razoável que poderia pensar era que algumas tatuagens eram intensamente pessoais. Não andei por aí mostrando o que eu tinha por perto.

Uma parte de mim estava esperando que um dia ele escorregasse e puxasse sua camisa pelo antebraço ou algo assim. Ele poderia acidentalmente puxar sua camisa também se quisesse, e eu não reclamaria. Conhecendo-o, esse dia nunca viria. Se ele não os tivesse mostrado, eu realmente duvidava que ele fosse.

Então, novamente, não era da minha conta o que eles eram. Se eu quisesse saber mal o suficiente, acho que poderia ter usado o favor que ele me devia para que me dissesse, mas não o fiz...

Concentrando-me naquele momento, decidi fazer a mesma coisa que sempre fiz quando os ouvi. Enquanto estava nisso, poderia deixar obolo que fiz para o Rip. Até o ano passado, nem sabia em que dia era seu aniversário; a única razão pela qual descobri foi porque ele jogou a carteira para mim um dia, para que pudesse pegar seu cartão de crédito e comprar o almoço, e a carteira de motorista dele estava ali.

No ano passado, ele parecia que não sabia se queria jogar seu bolo fora ou comê-lo, mas ainda me agradeceu.

Eu estava esperando exatamente a mesma coisa este ano, mas isso era bom o suficiente para mim.

Depois de encher a cafeteira com água de um filtro novinho em folha, peguei o recipiente secreto de descafeinado. Escondi-me em um dos armários e coloquei um pouco no cesto. Então, virando-me para me certificar de que ninguém estava se escondendo em um canto e observando o que fiz, enchi o resto com café normal. Até agora, desde que assumi o primeiro pote de café, ninguém havia pegado a minha mistura. Caso contrário, haveria muito choro por beber descafeinado.

O fato era que eu não precisava de minhas mãos tremendo de muita cafeína quando tinha que lidar com tinta, e era a última coisa que a maioria das pessoas com quem trabalhava precisava para deixá-las ainda mais conectadas do que o normal.

Liguei a cafeteira e esperei.

Também continuei ouvindo os dois homens na sala ao lado porque não havia mais nada a fazer. Pelo menos foi o que disse a mim mesma para justificar a espionagem. Não estava do lado de fora da porta do escritório com o meu ouvido pressionado ou nada. Não foi minha culpa que o prédio não fosse à prova de som.

—Da última vez que chequei, este é o nosso negócio e tomamos decisões juntos, — a voz mais profunda resmungou.

—Você está bravo com um anúncio?

—Estou ficando louco por você não ter me incluindo nas decisões que me afetam, — respondeu o jovem.

Eu tive que dar razão para o Sr. Cooper. Eu não sabia por que Rip estava discutindo com ele sobre um anúncio de vaga de emprego. Quero dizer, realmente?

—Ripley, eu não contratei ninguém. Tudo o que fiz foi colocar um anúncio.

—Não é que você tenha colocado um anúncio. É que você não me contou sobre isso. Eu estou doente e foddidamente cansado de você fazer as coisas sem me dizer. Você não escuta.

—O que eu não escuto sobre você? — Cooper perguntou, finalmente soando um pouco impaciente.

—Onde você quer que eu comece? Você quer que eu trabalhe meu caminho de volta ou trabalhe do meu jeito para isso?

Eu estremei.

Isso não ia ficar melhor. Eu não precisava de uma bola de cristal para saber que isso ia desmoronar rapidamente. Porcaria.

Então, fiz o que estava fazendo quando achei que os argumentos deles estavam à beira da espiral fora de controle — como aquela vez em que ouvi algo sair de dentro do escritório e depois não vi o Sr. Cooper na loja. Ele tinha finalmente me dito, semanas depois, que não estava acostumado a ter alguém para quem responder e precisava de tempo para fugir porque a pressão sanguínea subiu tanto que seu peito doía.

Eu não queria que o Sr. Cooper, que estava tomando remédio para pressão desde que eu o conhecia, tivesse um problema no peito. Então, teria que ser a única a fazer alguma coisa. Ninguém mais faria.

Uma lembrança de meu pai me chamando de intrometida escorregou em meus pensamentos por um segundo, mas forcei as memórias para baixo e peguei duas canecas do escorredor ao lado da pia e despejei quantidades idênticas de açúcar em cada uma.

A luz da máquina de café apareceu, assim que terminei de despejar o último gole em uma das canecas. Ao mesmo tempo, ouvi o Sr. Cooper levantar a voz do outro lado da parede, parecendo mais frustrado do que o ouvi há muito tempo. —O que eu sinceramente fiz ultimamente para fazer você ser assim comigo?

Parte de mim desejou que não fosse a décima vez que eu tinha ouvido aquelas palavras exatas ditas em voz alta.

Isso só me fez pensar ainda mais o que diabos isso significava.

O que eu sinceramente fiz ultimamente para fazer você ser assim comigo? Quero dizer, essas foram algumas palavras duras. Palavras ressentidas. Mas foi até onde eles foram.

Preenchendo as xícaras com o café quente, mexi as duas com a mesma colher e deslizei as alças da sacola de compras carregando o recipiente do bolo ao redor do meu pulso. Então, peguei as canecas pelas alças, ignorando quantas vezes fiz exatamente a mesma coisa para as outras pessoas na minha vida — exceto naqueles casos, o café nunca fez nada, não importando o quanto eu quisesse. Sempre voltava para me morder na bunda.

Mas mesmo assim.

—Sr. Cooper? — Eu chamei enquanto saía da sala de descanso e virava para a esquerda. Certificando-me de que eu não derrubasse café em mim, bati meu cotovelo contra a porta fechada ao lado da que acabara de sair. A única coisa que diz a alguém o que havia atrás da porta era uma pequena placa verde desbotada que dizia ESCRITÓRIO. Nós a trouxemos conosco durante a mudança do edifício original do CCC.

Houve uma pausa antes que a voz familiar do Sr. Cooper gritasse: —Bom dia, Luna. Entre. — Algo que ele sempre falava toda vez que batia à sua porta.

Eu me fiz sorrir quando abri a porta e encontrei o Sr. Cooper atrás de sua mesa, parecendo muito desgastado logo tão cedo. Seu

cabelo já era uma mistura de prata e branco quando o conheci, mas era difícil não notar o quanto mais havia agora. As linhas em seus olhos eram mais profundas do que lembrava, e seus lábios finos estavam apertados com tanta frequência que agora era difícil lembrar como eles eram quando não estavam.

O homem precisava de férias, e não apenas um refúgio rápido de fim de semana, mas um ótimo passeio longo. Eu deveria mencionar isso para Lydia. Ele precisava começar a cortar suas horas também, enquanto ele estava nisso, mas isso era outra batalha.

—Bom dia, Sr. Cooper, — respondi enquanto dava um passo para dentro do minúsculo ambiente que ele chamava de seu escritório. —Eu ouvi vocês dois aqui e queria trazer-lhes um pouco de café antes de ir ao estande e começar. — Caminhei em direção à sua mesa e entreguei a caneca branca lascada que dizia COOPER'S COLLISION AND CUSTOMS, que era mais do que provável que era tão velha quanto eu.

O Sr. Cooper sorriu para mim, mas pude ver a tensão ao longo dos seus olhos. —Você não precisava, — disse, como se todas as manhãs nós fizéssemos essa rotina de eu fingir vir aqui para ser legal, mas todos nós sabíamos que não era exatamente a verdade. Talvez eles não soubessem o quanto eu bisbilhotava quando falavam em vozes normais, mas todos nós sabíamos que não havia como ignorá-los quando levantavam suas vozes ou gritavam.

—Não é problema, — disse a ele enquanto suas mãos apertavam o fundo da caneca que tirou de mim. Olhei para ele e levantei minhas sobrancelhas. —Belo corte de cabelo.

—Obrigado, — ele respondeu, uma expressão cautelosa limpando suas bochechas enquanto continuava sorrindo.

Lancei-lhe um sorriso, exceto que não foi forçado nem tenso, antes de me virar com a outra mão estendida, segurando a segunda caneca de café — uma peça vintage que Lenny me dera dizendo *Cats The Musical* — e enfrentei o outro homem na sala. Não deixei minha expressão mudar. Mantive o grande sorriso no meu rosto. —Trouxe o seu também, Rip, — disse, segurando com calma a xícara de café, meus olhos se colando à sugestão de uma tatuagem em sua garganta que ele sempre escondera na camada cinza de gola alta que usava.

Escondi minha surpresa que ele estava discutindo com o Sr. Cooper em um dia que usava cinza e deixou meu sorriso crescer ainda mais, em vez de ser uma praga. Talvez a sexta-feira não tivesse ido muito bem, mas por experiência, ele não guardava rancor por muito tempo. Além disso, não ia perguntar se eu decidira que favor queria, porque não estávamos sozinhos. Ele me encontraria mais tarde e faria isso.

Olhei como ele levantou a mão, que parecia ter o dobro do tamanho da minha. Então observei seus dedos e as costas de sua mão — cobertos por um sombrio ceifador em miniatura com uma foice e outras linhas pretas espessas aleatórias, e uma carta que eu tinha certeza de que era um M no dedo anelar — pegaram a xícara de mim. Então, e só então, deixei-me olhar para cima e encarar o rosto que eu pensava demais para o meu próprio bem, mesmo quando ele não estava sendo o mais gentil.

Porque mesmo que só pensasse sobre ele uma vez por dia, era demais. Eu sabia onde estávamos. Eu também tinha um radar interno para coisas inúteis, e ele era um desses.

Não estava apaixonada nem nada, mas gostava de muitas coisas sobre ele. O que eu, honestamente, provavelmente gostei mais foi que ele não aceitava a baboseira de ninguém, mesmo que levasse isso um pouco longe às vezes. Admirava Lucas Ripley. Admirava muito sobre ele. Talvez não fosse o homem mais gentil ou o mais doce do mundo, mas não era mau ou desnecessariamente rude... a maior parte do tempo. Os outros caras da loja o chamavam de durão, mas eu achava que ele era um homem decente.

Eu gostava do Rip da mesma forma que gostava das bolsas da Louis Vuitton, que eu sabia de forma realista que nunca possuiria, porque sempre havia algo em que eu precisava gastar dinheiro. Só porque elas nunca seriam minhas não significa que eu não pudesse apreciá-las. Assim...

O que eu não gostei foi o quanto ele estava rabugento com o Sr. Cooper, mas o Sr. Cooper me disse há três anos para não deixar que isso me incomodasse, depois que comentei sobre isso. —Eu o conheço desde sempre, pequena lua. Ele é um bom garoto por baixo de tudo. Não pense duas vezes sobre isso. Eu posso aguentar.

—Obrigado, Luna, — o homem enorme respondeu.

—De nada, — eu disse, como em todas as manhãs em que nós fizemos a mesma troca.

Porque isso era o que fazíamos todas as manhãs, mesmo que ele não estivesse brigando com o Sr. Cooper quando apareci. Eu fazia café, preparava um copo como ele preferia — aprendi como gostava observando-o algumas vezes quando estávamos na sala de descanso — e o levava para qualquer carro que ele estivesse trabalhando no espaço aberto. Eu colocava a caneca na superfície plana mais

próxima e dizia: —Bom dia. — Então, dependendo da cor da camisa que ele estava usando, ele iria me dizer —Obrigado— claramente ou em um resmungar. Eu diria: —De nada. — Ele me perguntava — Você decidiu? — Eu diria a ele que não, e, dependendo do humor dele, eu perguntaria se teve uma boa noite ou um bom final de semana, ou o que seja. Eu teria uma resposta de uma palavra ou duas palavras, se tivesse sorte, e era isso.

Puxei as alças da sacola do meu pulso e a abri. —Feliz Aniversário. — Eu puxei a bandeja de metal com a tampa de plástico para fora e, em seguida, segurei em sua direção, ainda sorrindo. —É chocolate com cobertura de baunilha, — eu expliquei, ainda segurando em direção a ele.

Aqueles olhos verde-azulados se arregalaram.

Então aqueles olhos — aqueles malditos olhos que eram um tom de cor que não pareciam naturais — foram para o bolo e depois de volta para o meu rosto.

Seus olhos se arregalaram um pouco mais.

Então ele fez isso.

Pela primeira vez em meses, sua boca inclinou-se talvez um milímetro. No máximo um milímetro. Mas foi um sorriso. Um pequeno sorriso que poderia ter sido interpretado uma dúzia de outras maneiras por pessoas que não tinham passado muito tempo olhando para o rosto desse homem... mas eu tinha, e sabia o que era. Um pequeno sorriso.

Tudo por causa de um bolo de aniversário.

Como um manequim sem esperança, meu coração bateu.

—Jura? — ele perguntou, soando como se não estivesse apenas discutindo há dois minutos. Como se ainda estivesse surpreso por eu ter feito isso para ele, embora eu tivesse feito o mesmo no ano passado. Sua boca ainda estava formada naquele sorriso microscópico, e eu podia ver seus olhos perdidos em meus brincos do dia. Eles eram cupcakes. Eu os coloquei por que era aniversário dele.

Então eu balancei a cabeça, ainda sorrindo. —Eu não queria deixá-lo na geladeira, caso você não quisesse compartilhar.

Isso e ele não gostaria que alguém soubesse muita coisa sobre o seu quadragésimo primeiro aniversário.

Aquelas mãos enormes vieram e pegaram o recipiente de mim, movendo-o para cima e para baixo como se ele estivesse testando o peso. Era apenas um bolo em uma panela normal com uma tampa. Não era uma grande coisa. A coisa toda levou talvez trinta minutos no total para misturar ingredientes e depois decorar. Não foi nada. Mesmo. Acabei de me lembrar de como era querer um bolo de aniversário e não ter ninguém por perto para comprar um ou fazer um para mim. As meninas eram jovens demais então.

—Obrigado, Luna.

Eu tentei não irradiar para ele, mas tinha certeza que falhava. —Feliz aniversário. — Eu não ia avisá-lo que estava escrito Feliz Aniversário Chefe por dentro. Espero que isso o faça sorrir quando ele estivesse sozinho em um quarto escuro. —Você não parece ter mais do que quarenta anos.

Ele não reagiu à minha piada. Aqueles olhos quase cor de cera ainda estavam focados na tampa vermelha quando murmurou: —
—Você vem ao Mickey hoje à noite?

Mickey's era o bar a poucas quadras, onde todos na loja comemoraram aniversários ou apenas aleatoriamente se reuniram para bebidas algumas vezes após o trabalho. Ele nunca fez questão de passar algum tempo com qualquer um de nós. Nem no último aniversário dele, nem de mais ninguém. Assim....

—Claro, — eu disse a ele, apenas segurando meu sorriso. Eu teria que dizer à minha irmã que estava saindo, mas de acordo com seu horário de trabalho na geladeira, ela serviria mesas até as dez horas, de qualquer maneira.

Rip assentiu com a cabeça, aquele pequeno sorriso se desfazendo até que sua expressão facial foi apenas... mais relaxada do que o habitual. —Tudo certo.

Esse foi o nível de excitação que eu estava esperando, e isso me fez sorrir.

Tudo bem. Eu estava pronta para dar o fora de lá e começar a trabalhar, esquecer o meu pesadelo dessa manhã, e apenas... ficar bem.

—Eu espero que você goste do seu bolo, mas eu deveria ir ao estande, — eu disse a ele, dando um passo para trás e mantendo o sorriso no meu rosto.

—Dia cheio? — O Sr. Cooper perguntou, soando tão profissional quanto ele era comigo quando estávamos na frente do Rip.

Eu me virei para olhá-lo e assenti, dando-lhe um resumo do que eu tinha na agenda. —Tem sido tão úmido, a pintura está dando uma dor de cabeça na secagem, mas eu vou resolver isso.

O Sr. Cooper assentiu. —Miguel ligou hoje.

Miguel era um dos caras da loja e uma das minhas pessoas favoritas na CCC. Ele telefonava a cada dois meses, geralmente sempre em uma sexta-feira, mas quando o fazia, era para pegar seus filhos mais cedo na escola para que pudessem fazer alguns passeios. Eu pensei que era doce. Por ele ter uma segunda-feira de folga, especialmente em um dia que não era feriado escolar, era estranho. Eu teria que mandar uma mensagem para ele e ver se estava bem.

Rip foi quem continuou falando. —Eu precisava da ajuda dele. — Eu já sabia onde isso estava indo. —Acho que você pode encaixar algum tempo para me ajudar a terminar um pouco de carroceria e fazer, pelo menos uma camada de primer, antes de ir hoje?

Bem, o único plano que eu tinha para a noite era sua festa de aniversário... e, mesmo que esse não fosse meu único plano há dois minutos atrás, eu já sabia que teria dito sim.

Mesmo que eu preferisse não adicionar mais itens à minha lista de coisas para fazer. Eu acho que poderia pular um intervalo para o almoço e comer no meu estande? Isso me daria algum tempo.

Não era como se eu precisasse ir ao aniversário dele, em primeiro lugar.

Ou precisava chegar lá em um determinado horário.

—Você não precisa, — o Sr. Cooper acrescentou um momento depois.

Eu assisti Ripley abrir a boca para argumentar? Para dizer a ele que eu precisava? Eu não tinha ideia — mas ele fechou quase imediatamente. Eles não deveriam discutir na frente dos funcionários.

Até eu.

Mas eu não perdi o olhar agravado que ele atirou no Sr. Cooper por me dar uma saída.

—Está tudo bem, Sr. Cooper. — Eu estava de olho em uma bancada de granito que estava fora do meu orçamento, e mais horas extras significavam que eu estava cada vez mais perto de conseguir isso. Eu balancei a cabeça para Rip, ainda dando a ele um sorriso. — Deixe-me ver minha lista do dia e reorganizar algumas coisas, mas acho que posso fazer funcionar.

Foi o Sr. Cooper quem perguntou: —Tem certeza?

Não muito, mas sim.

Rip assentiu, mas eu pude ver o olhar que meu primeiro chefe atirou no homem que estava compartilhando suas responsabilidades com ele agora. Ele não estava satisfeito.

—Se você precisar de ajuda, avise-nos. Eu estive pensando que Jason deveria ter algum tempo no estande— — o Sr. Cooper ofereceu depois de um momento, observando-me atentamente. O estande era o que chamamos de sala grande, isolada e iluminada, onde a pintura acontecia na loja. Era onde eu passava a maior parte

do meu tempo, a menos que estivesse ajudando a fazer carroceria ou detalhando, se as coisas fossem lentas.

A ideia de passar tempo com Jason soou pior do que passar pimenta nos meus olhos, mas assenti e mantive a careta do meu rosto. Pelo menos eu esperava que sim. O Sr. C sabia melhor do que ninguém como eu me sentia sobre ele. Se estava tentando me fazer trabalhar com ele... talvez soubesse algo que eu não sabia. Então, novamente, talvez ele não tenha, e descobriu que a única maneira de consertar as coisas entre nós era nos unir. Eu não era fã desse plano embora. —Obrigada.

A boca do Sr. Cooper deu forma a um sorriso que aliviou meu horror sobre Jason um pouco. Eu imaginei que ele estava satisfeito por eu não estar automaticamente lhe dizendo para não enviar aquela dor no traseiro para mim. —Vamos conversar mais tarde?

Não pensando em nada disso, eu disse: —Claro. Vejo você mais tarde. Vou começar a trabalhar. — Olhei na direção de Ripley, observando brevemente sua camisa de mangas compridas e o jeans que tinha tantas manchas neles que mal havia qualquer indício de azul sobre eles, e dei-lhe um último sorrisinho. —Tenha um bom dia, Rip. Feliz aniversário novamente.

Da mesma maneira que ele sempre fez e provavelmente sempre faria, ele grunhiu sua resposta. —Obrigado, Luna.

—Até mais tarde, — eu disse ao Sr. Cooper.

—Deixe-nos saber se você precisar de ajuda, — o homem mais velho me chamou quando saí do estande. —Eu posso conseguir Jason para voltar lá, se for necessário.

Eu levantei minha mão e acenei em reconhecimento.

Engolindo o pulsar no meu peito do sorriso que Rip tinha compartilhado, fiz meu caminho em direção à sala de descanso e tentei preparar meu café o mais rápido possível. Eu ia precisar de cada minuto que pudesse conseguir, se quisesse ir ao bar para o aniversário de Rip.

Eu me perguntei por que ele tomou essa decisão, mas depois decidi que não importava, não é?

Mal consegui uma colher de chá de açúcar de coco em minha caneca de viagem, quando ouvi os homens do outro lado da parede começarem a falar novamente.

Mas desta vez quase sussurrando. Acho que, ou eles não perceberam quão boa era a minha audição, ou quão finas eram as paredes, porque eu podia ouvir tudo.

Foi o Sr. Cooper quem falou primeiro. —Ela é uma garota tão legal.

Houve uma pausa que eu não tinha certeza do que fazer e, em seguida, uma resposta de —Sim.

Essa foi provavelmente a coisa mais legal que ele já disse, além dos elogios ocasionais que ele deu a um dos meus trabalhos de pintura.

Então o Sr. Cooper continuou falando: —Você deveria...

A resposta veio na forma de uma palavra. —Não.

Não.

Não o quê?

O que diabos o Sr. Cooper estava tentando dizer antes que Rip o cortasse? Ele deveria o que? Dizer obrigado? Comprar-me um cartão? Ser um pouco mais amigável? Não ser tão abrupto com alguém que era um pouco mais afeiçãoada a ele do que ele provavelmente merecia? Eu nunca tinha dito nada ao Sr. Cooper, ou a qualquer pessoa da loja, sobre achar Rip atraente ou algo assim. Eu não podia vê-lo fazendo um —não— tão forte para o Sr. Cooper sugerindo que ele me agradecesse ou me comprasse um cartão de agradecimento, mas...

Não havia como ser qualquer outra coisa. Como o Sr. Cooper diria a ele que estivesse interessado em mim. E como Rip até colocaria pensamentos em sua cabeça assim. Okay, certo.

Eu não pude nem...

O que estava fazendo? Eu realmente deixaria um sonho idiota sobre o meu pai, deixar-me para baixo? Eu estava tentando sentir pena de mim mesma? Eu ficaria perturbada porque Rip não gostava de mim? Eu sabia muito bem que nunca havia sido uma possibilidade em primeiro lugar. Ele mal podia falar comigo sem bufar e rosar metade do tempo. Ele concordou que eu era uma garota legal, não que eu fosse bonita, ou que ele deveria me convidar para um encontro ou algo assim.

Eu precisava começar a trabalhar e esquecer tudo isso. Estava indo para organizar tudo isso e apenas... jogar fora. Eu fiz o suficiente ao longo dos anos. Eu poderia fazer isso de novo.

E eu fiz. Enrolei a pequena ferida que sentia pela ideia de que Rip nunca estaria interessado em mim, meu sonho sobre duas pessoas que não sabiam o que era bondade se as chutasse na cara... e eu a deixei cair na imaginária lata de lixo que estava cheia de outras coisas que eu não deixava mais me machucar.

Eu estava bem. O coração é mais resistente do que qualquer um já acreditou, e eu gostava de pensar que o meu era forte.

Corri para derramar leite no meu copo, misturar o café, mexer tudo, e então levar minha bunda para baixo para poder ir trabalhar.

Eu estava bem. Eu era amada. Eu tinha tudo de que realmente precisava. E minha irmã fez uma torta de cereja e eu tinha certeza de que ela colocou alguns pedaços na minha lancheira. Isso era definitivamente algo muito bom hoje.

Eu estava na Cooper há tanto tempo que poderia ter ficado com uma venda nos olhos, por sorte. Descendo as escadas e para a frente, o andar principal, onde os reparos e remodelagem acontecia. Descendo as escadas e para a esquerda, em seguida, em linha reta, eu poderia pegar o corredor que levaria à parte do prédio onde eu trabalhava. Não era nada chique, mas havia duas grandes portas. Uma que levava ao corredor ligado ao andar principal e outro que se abria para o estacionamento em torno do edifício. O resto da sala era bastante espesso, contendo uma mesa com um computador e uma impressora, três máquinas diferentes usadas para agitar a pintura, uma grande pia industrial com sabonetes e produtos ao lado e duas cadeiras. O grande estande branco encostado a um canto ocupava um terço da sala.

Eu já tinha deixado minhas coisas quando apareci pela primeira vez. Eu coloquei meu copo na mesa e fui destrancar a gaveta para pegar as pastas dos projetos em que trabalharia. Abri o primeiro e comecei a ler o que precisava ser feito, quando meu telefone tocou.

Com os olhos ainda na pasta, abri a gaveta onde coloquei a bolsa e puxei o celular para fora.

Eu só hesitei por um segundo. Era o mesmo número que me ligou e me mandou uma mensagem na semana passada. O que eu tinha ignorado.

Eu atendi. —Olá?

Houve um som do outro lado da linha antes que uma voz que eu não reconheci respondeu: —Olá, posso falar com a senhorita Luna Allen?

Senhorita Luna Allen? Isso foi formal. Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém usou a palavra senhorita comigo. —Olá, sou eu.

—Oh, — a voz masculina desconhecida respondeu. —Olá, senhorita Allen. Como você está hoje?

—Estou indo muito bem, — eu menti um pouco. —Como você está?

—Eu estou bem. Obrigado por perguntar, — respondeu o homem. —Meu nome é Julius Randall e estou chamando em nome da senhorita Eugenia Miller.

À menção do nome da minha avó, meu peito ficou apertado. Eu não tinha ouvido o nome dela em... anos. Não desde que eu tinha ido buscar Thea, Kyra e Lily de sua casa.

Não volte aqui, Luna, ela me disse a última vez que a vi. Saiam dessa casa e nenhuma de vocês poderá voltar.

E eu não voltei. Nenhuma de nós o fez.

—Está tudo bem? — Eu perguntei, ignorando o quão baixa minha voz tinha ficado.

—Infelizmente, Miss Miller faleceu no sábado à noite.

Eu engoli e pisquei.

—Eu tentei entrar em contato com você quando ela entrou pela primeira vez no hospício... — Ele parou antes de limpar a garganta. —Ela especificamente pediu que eu encontrasse você.

Ela queria que eu soubesse que ela estava doente?

Eu não tinha...

Algo pesado — culpa, era uma maldita culpa — pousou no meu peito. Ele tinha me ligado antes porque ela estava pedindo... talvez não eu especificamente, mas minhas irmãs? Para vê-las uma última vez? Para nos certificarmos de que dissemos adeus, mesmo que ela não estivesse ciente disso?

—Eu sinto muito, — murmurei, tentando processar suas palavras. —Não falo com a minha avó há anos.

Houve uma pausa do outro lado. —Peço desculpas por ser o portador de más notícias, senhorita Allen, mas ela deixou muito claro que quando chegasse a hora, queria que você fosse informada.

Parecia que as palavras foram sugadas para fora da minha boca. Eu não me perguntei por que ela queria isso. Eu sabia que ela tinha se importado com minhas irmãs. Ela as acolheu há três anos antes de decidir que estariam melhores longe, longe do resto da família. Ela nos disse para não voltarmos.

Nós nunca tínhamos sido tão próximas em primeiro lugar, e... porque a vida ficou tão louca depois disso, eu não mantive contato. Eu não havia percebido que minhas irmãs também não tinham. Nós raramente conversamos sobre a vida antes delas terem vindo para Houston.

—Você pode me contar o que aconteceu? — Eu perguntei, o peso ainda pesando no meu peito.

—Ela sofreu complicações de pneumonia, — o homem na linha explicou em uma voz suave, mas profissional. —Ela havia sido diagnosticada com demência há alguns anos. Os preparativos para o funeral foram resolvidos. Houve um anúncio no jornal. O funeral será na próxima quinta-feira.

—Esta quinta-feira?

—Peço desculpas se isso parece de última hora, — o homem pediu desculpas, muito educado para dizer que ele tentou me avisar que ela não estava indo bem. —Eu posso lhe fornecer as informações de serviço, se você estiver interessada em participar.

Interessada em participar de seu funeral?

A realidade do que isso significava subitamente clicou, mas...

Minha avó queria que eu fosse. Ou, pelo menos, uma das minhas irmãs. Caso contrário, não teria pedido a seu advogado para entrar em contato comigo. Ela queria que nós soubéssemos.

Eu não queria ir.

Eu me senti mal por pensar isso, mas...

Eu não queria ir. Eu não queria que Kyra, Thea ou Lily fossem também. De jeito nenhum.

Ela sabia que havia uma razão pela qual não nos víamos pessoalmente desde os vinte anos. No entanto, ela ainda perguntara em algum momento quando estivera bem o suficiente para fazer esse tipo de pedido. Depois de tudo o que vovó Genie tinha feito... pegando três crianças enquanto eu estava em Houston, a centenas de quilômetros de distância, trabalhando e tentando arrumar minha vida, eu poderia fazer isso. Para ela.

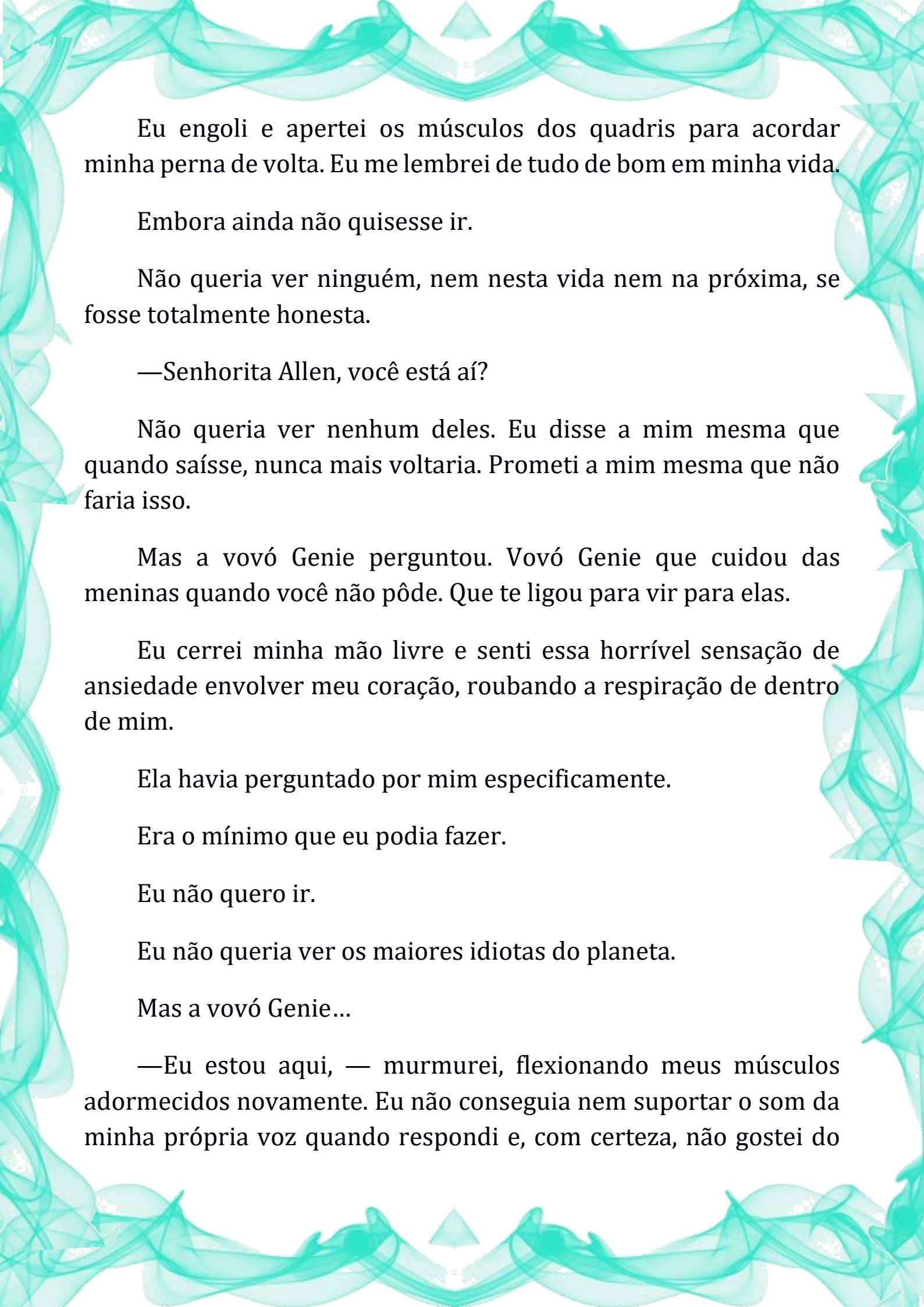
Oh, Deus, mas eu não queria. Eu não queria ir. Eu não queria, não queria, não queria.

A ideia de minhas irmãs irem era ainda mais insuportável.

Memórias da minha vida antes de eu ter dezessete anos, antes de dar o fora daquela casa, rasgaram através de mim e um dos meus joelhos ficou instantaneamente entorpecido.

Eu não queria ir.

—Senhorita Allen? , — o homem falou.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text.

Eu engoli e apertei os músculos dos quadris para acordar minha perna de volta. Eu me lembrei de tudo de bom em minha vida.

Embora ainda não quisesse ir.

Não queria ver ninguém, nem nesta vida nem na próxima, se fosse totalmente honesta.

—Senhorita Allen, você está aí?

Não queria ver nenhum deles. Eu disse a mim mesma que quando saísse, nunca mais voltaria. Prometi a mim mesma que não faria isso.

Mas a vovó Genie perguntou. Vovó Genie que cuidou das meninas quando você não pôde. Que te ligou para vir para elas.

Eu cerrei minha mão livre e senti essa horrível sensação de ansiedade envolver meu coração, roubando a respiração de dentro de mim.

Ela havia perguntado por mim especificamente.

Era o mínimo que eu podia fazer.

Eu não quero ir.

Eu não queria ver os maiores idiotas do planeta.

Mas a vovó Genie...

—Eu estou aqui, — murmurei, flexionando meus músculos adormecidos novamente. Eu não conseguia nem suportar o som da minha própria voz quando respondi e, com certeza, não gostei do

som disso, como disse: —Você pode me dar um segundo para pegar um pedaço de papel para escrever a informação?

—Claro, senhorita Allen. Enquanto você faz isso, gostaria de informá-la sobre uma questão de herança que a senhorita Miller dotou a você em seu testamento. Existem alguns formulários que você precisará preencher e mandar de volta para mim...

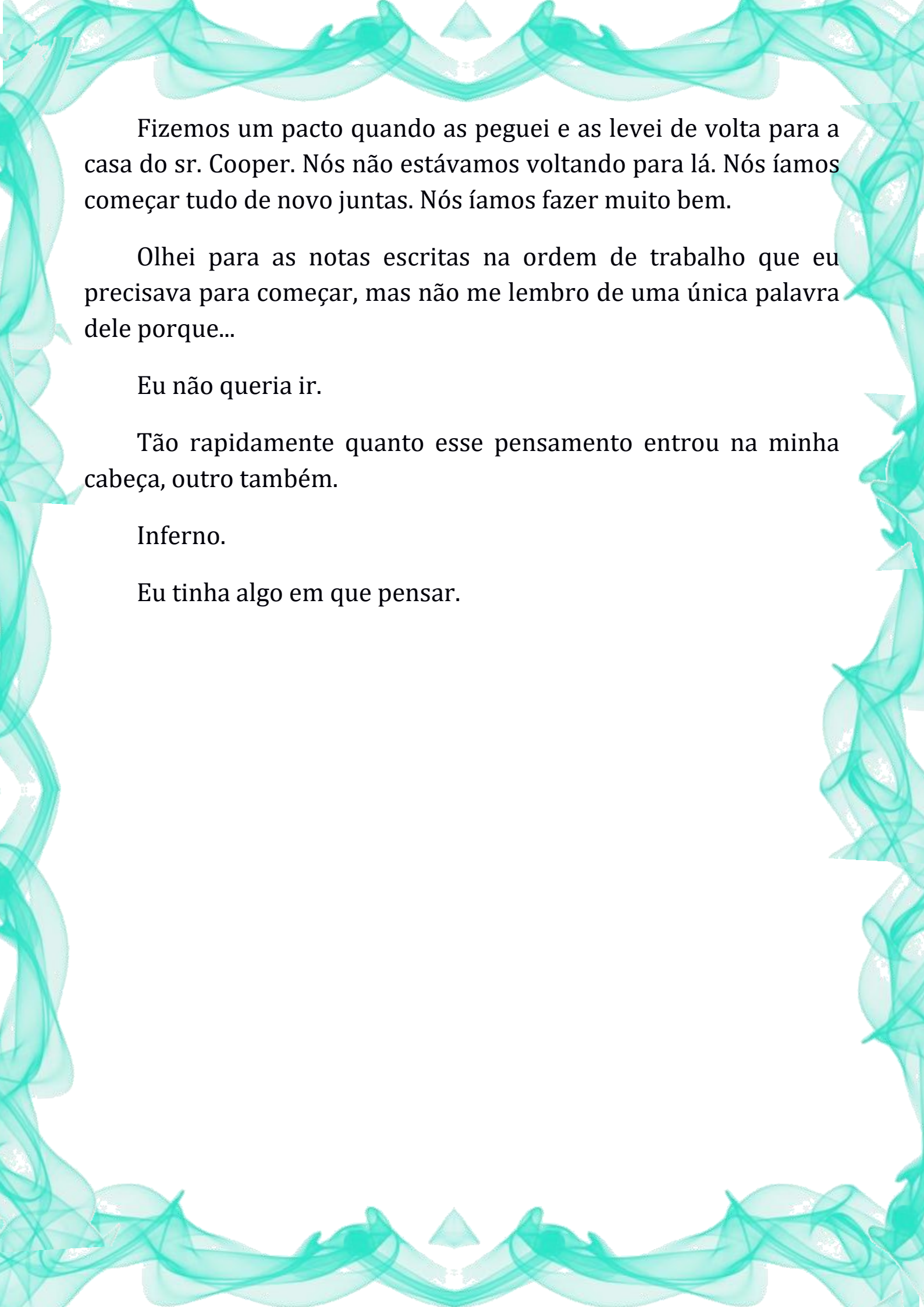
Eu odiava o quanto minha mão tremia quando escrevi o nome e o endereço da casa funerária, memorizando o tempo para isso. Eu deixo a informação sobre herança entrar num ouvido e sair do pelo outro. Nada disso importava para mim, nem um pouquinho, especialmente quando eu estava concentrada demais em todas as notícias que vieram com a vovó Genie falecendo, em primeiro lugar. Sobre o que ir ao funeral dela pode significar.

Eu pensei que era melhor que isso. Pensei que tinha superado isso. Eu cresci. Fiquei mais forte.

Eu não queria ir. Eu não queria ir. Eu não queria ir embora. Não para Santo Antônio. Não para qualquer lugar perto de Santo Antônio.

Parte de mim queria acreditar que eles não estariam lá. Ou talvez se estivessem, não teriam coragem de dizer nada para mim. Eles escolhem pessoas que acham que são mais fracas que eles. Eu era mais velha e mais forte.

Lily e as meninas podem ficar zangadas quando disser a elas que eu não queria que fossem, mas elas vão superar isso.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines that resemble smoke or liquid, framing the text on all sides.

Fizemos um pacto quando as peguei e as levei de volta para a casa do sr. Cooper. Nós não estávamos voltando para lá. Nós íamos começar tudo de novo juntas. Nós íamos fazer muito bem.

Olhei para as notas escritas na ordem de trabalho que eu precisava para começar, mas não me lembro de uma única palavra dele porque...

Eu não queria ir.

Tão rapidamente quanto esse pensamento entrou na minha cabeça, outro também.

Inferno.

Eu tinha algo em que pensar.

Capítulo 5

Eu tomei muitas decisões idiotas na minha vida.

Muitas.

Eu poderia ser honesta sobre isso, principalmente porque eu aprendi lições valiosas de cada confusão na minha vida.

Não perca seu tempo esperando que as pessoas mudem, e se você acha que pode estar iniciando seu período menstrual, não arrisque e saia de casa sem um absorvente interno.

Honestamente, a lista era muito longa, mas essas eram minhas lições favoritas.

Mas quando me sentei lá no bar, em uma mesa vazia, sozinha, aceitei o fato de que vir aqui hoje à noite poderia facilmente cair como uma daquelas decisões idiotas. Mais burra do que quando eu comprei roupas de tamanho menor do que usava para me —motivar a perder peso. — Elas ainda estavam no meu armário com as etiquetas. O problema com essa decisão idiota era que eu duvidava que houvesse alguma lição a ser aprendida com isso.

Ninguém me forçou a ir ao bar. Ninguém havia sussurrado em meu ouvido: —Luna, estrague seu dia inteiro contemplando a ideia de pedir a Rip para descontar a seu favor. Corra pelo trabalho, vá ao bar para comemorar seu aniversário e depois aja como se estivesse tudo bem.

Eu ia pedir um favor a Rip.

Um favor que ele tecnicamente me devia. Um favor que ele geralmente me perguntava sobre, todos os dias em que trabalhávamos juntos, a menos que fosse uma daquelas manhãs que me fez romper uma discussão entre ele e o Sr. Cooper e depois não nos vimos pelo resto do dia.

Eu não queria perguntar, embora.

Eu não queria perguntar nada a ele.

O problema era que não queria ir sozinha ao funeral da minha avó. Apenas a ideia de ir sozinha me deixou mais enjoada do que pedir algo a Rip. Mas o quase pânico que tive com a ideia de ter minhas irmãs comigo superou tudo de longe, e pedir ao Sr. Cooper ou a um dos meus amigos para ir comigo, e possivelmente ver de perto com quem eu estava relacionada...

Não. Apenas não.

Era apenas uma viagem para Santo Antônio. Nove horas no total. Ele só teria que se sentar lá e possivelmente dar às pessoas aquele olhar mortal que aperfeiçoou antes de começar a trabalhar na CCC.

Não era nada para se preocupar. De alguma coisa, Rip deveria estar feliz, isso era tudo que eu ia perguntar a ele. Ele não deveria? Talvez estivesse de bom humor, não tendo que me fazer a mesma pergunta apenas para obter a mesma resposta o tempo todo.

Ele queria se livrar desse fio solto entre nós desde o começo. Ele nunca escondeu isso. Nem uma vez. Então eu ia lhe fazer um favor e acabar logo, depois de tanto tempo.

Talvez ele até me agradecesse.

Okay, certo. Eu perdi minha mente. Eu seriamente ia pedir um favor a Rip? Ripley, o mesmo homem que, baseado nas cicatrizes nos nós dos dedos que marcam as letras que ele tatuou, provavelmente já teve mais brigas em sua vida do que um lutador profissional de MMA? Eu ia pedir para ele ir comigo ao enterro da minha avó, para que ele impedisse que minha família tentasse falar comigo?

Eu era patética... realmente era. Assim como meu pai disse durante boa parte da minha infância.

Triste, idiota.

Essa memória saiu de lugar nenhum.

Eu pisei de volta em sua pequena caixa.

E tendo um bom dia. Minha irmã havia colocado um pedaço de torta de cereja no meu almoço, e isso era algo muito bom hoje. Eu tinha feito todo o meu trabalho e depois mais alguns.

Eu estava feliz. Era amada. Tinha tudo e mais que eu poderia ter desejado.

Poderia fazer isto. Eu fiz coisas mais assustadoras do que pedir algo. Passei por toda essa porcaria.

Era exatamente o que eu ia pensar quando estava sentada sozinha assistindo Rip no bar enquanto ele tomava um drinque, e esperando que mais colegas de trabalho aparecessem, porque até agora ninguém mais havia chegado lá ainda. Conhecendo a maioria dos meus colegas de trabalho, eles não vinham ou estavam em casa antes do jogo, também conhecido como cervejas, para que não

gastassem muito com bebida no bar. Não seria a primeira vez que eles faziam isso.

A coisa boa comigo foi que não bebia tanto assim em primeiro lugar. Não gostava da ideia de estar em um carro com um estranho bêbado ou mesmo um pouco embriagado. Além disso, havia também aquela preocupação que sempre carregava dentro de mim sobre como agiria se estivesse sob a influência de qualquer coisa.

Eu realmente ia perguntar a ele?

Meu telefone tocou de dentro da minha bolsa. Peguei e vi o nome da minha melhor amiga na tela, e uma ideia surgiu para mim. Se Rip me dissesse que não, eu sempre poderia dizer a ela para pedir a uma de suas amigas para ir comigo. Uma delas diria sim. Eu não me importaria com o que alguém que eu não conhecia pensasse.

Sempre havia um plano B.

Lenny: O que você está fazendo hoje à noite?

Eu não hesitei em responder. Não era como se houvesse mais alguma coisa para fazer além de olhar em volta e se estressar.

Eu: É o aniversário do meu chefe e estou no bar.

Lenny: Rip?

Eu: sim.

Percebi logo que estava tão ocupada que não mandei uma mensagem a ela o dia todo.

Eu: Minha avó morreu alguns dias atrás. Advogado dela ligou para me contar sobre os preparativos para o funeral. Ela pediu que ele me avisasse...

Uma onda de tristeza e culpa me fez prender a respiração antes de continuar digitando.

Eu: O funeral é na próxima semana em Santo Antônio. Eu não quero ir, mas devo a ela por ter ficado com as meninas. Melhor eu ir do que Lily, Kyra ou Thea.

Minha cabeça estava começando a doer, ou estava imaginando?

Agarrando meu telefone na minha mão, olhei para cima, para o homem a três metros de distância. Eu estudei suas costas largas, não mais cobertas por uma camisa cinza, mas sim por uma Henley verde profundo que abraçava a extensão plana de seu estômago, cada entalhe de sua coluna e a curva de seus músculos laterais, mas, ainda assim, agarrava sua cintura. Ele era totalmente grande por toda parte. Em toda parte. Eu o observei o suficiente para saber. Eu poderia viver o resto da minha vida e não esquecer qualquer parte de como ele era.

Suspirei, mas ainda não desviei o olhar. Ele já estava no bar há, pelo menos, cinco minutos, ou ainda esperando por sua bebida, ou fingindo que eu não era a única pessoa do trabalho aqui.

Meu telefone tocou novamente.

Lenny: Isso é um saco. Eu sinto muito.

Lenny: Eu vou com você. Eu não estou com medo.

Mordi o interior da minha bochecha e digitei minha resposta.

Eu: Eu sei que você iria Len, mas você ainda está se recuperando da sua cirurgia e não pode sufocar ninguém.

Eu sabia que deveria dizer a ela que estava pensando em perguntar a Rip, mas ela não sabia sobre o favor. Ela ouvira, melhor do que ninguém, exatamente o que eu pensava sobre ele. Não faria sentido para ela porque um homem que mal falava comigo iria comigo de volta para casa.

Tinha me enterrado em uma mentira por não dizer a verdade, e agora não havia maneira de sair disso sem ter que explicar a coisa toda, e tanto quanto amava e cuidava de Lenny DeMaio, não era da sua conta para contar a ela o que aconteceu.

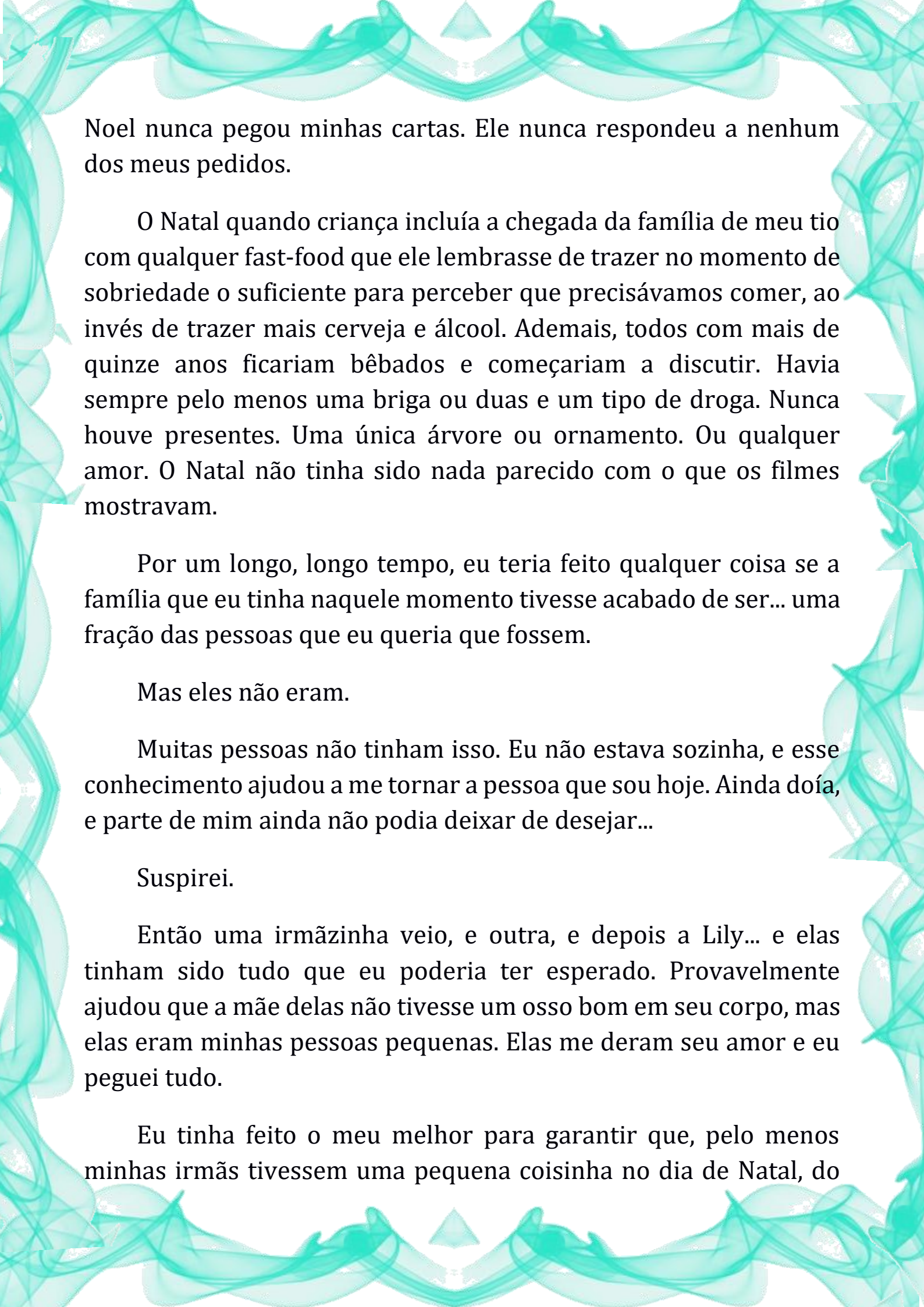
Rip e eu éramos as únicas duas pessoas no mundo que precisavam saber a verdade.

Eu: Funeral de um familiar.

Funeral de um familiar. Como se houvesse outra pessoa na minha família biológica, além das minhas irmãs, que eu sentiria falta ou visitaria quando elas estivessem fora. Quão triste era isso?

Quando eu estava crescendo, teria feito qualquer coisa para um pai me amar. Por uma mãe que me abraçaria e colocaria Band-aid nos meus machucados. Por um irmão mais velho para me proteger quando as pessoas eram más. Para meu pai brincar comigo. Para a pessoa que eu chamei de minha mãe durante anos me abraçar. Para meu irmão mais velho apenas prestar atenção em mim.

Tinha uma leve lembrança de escrever uma carta para o Papai Noel, quando ainda estava esperando que ele finalmente pudesse encontrar minha casa, para que eu pudesse pedir coisas. Mas o Papai

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text, resembling stylized waves or smoke.

Noel nunca pegou minhas cartas. Ele nunca respondeu a nenhum dos meus pedidos.

O Natal quando criança incluía a chegada da família de meu tio com qualquer fast-food que ele lembrasse de trazer no momento de sobriedade o suficiente para perceber que precisávamos comer, ao invés de trazer mais cerveja e álcool. Ademais, todos com mais de quinze anos ficariam bêbados e começariam a discutir. Havia sempre pelo menos uma briga ou duas e um tipo de droga. Nunca houve presentes. Uma única árvore ou ornamento. Ou qualquer amor. O Natal não tinha sido nada parecido com o que os filmes mostravam.

Por um longo, longo tempo, eu teria feito qualquer coisa se a família que eu tinha naquele momento tivesse acabado de ser... uma fração das pessoas que eu queria que fossem.

Mas eles não eram.

Muitas pessoas não tinham isso. Eu não estava sozinha, e esse conhecimento ajudou a me tornar a pessoa que sou hoje. Ainda doía, e parte de mim ainda não podia deixar de desejar...

Suspirei.

Então uma irmãzinha veio, e outra, e depois a Lily... e elas tinham sido tudo que eu poderia ter esperado. Provavelmente ajudou que a mãe delas não tivesse um osso bom em seu corpo, mas elas eram minhas pessoas pequenas. Elas me deram seu amor e eu peguei tudo.

Eu tinha feito o meu melhor para garantir que, pelo menos minhas irmãs tivessem uma pequena coisinha no dia de Natal, do

dinheiro que roubei de quem quer que fosse burro o suficiente para deixar sua bolsa ou carteira por perto. Uma escova de cabelo da loja de promoções. Algumas presilhas de cabelo. Talvez não fosse nada chamativo, mas era algo, e nenhuma delas jamais se queixou.

É por isso que eu ia para Santo Antônio. Então elas não iriam. Então até a vovó Genie não estaria sozinha com pessoas que ela não tinha sido capaz de suportar enquanto estava viva.

Minha melhor amiga me escreveu de volta imediatamente, salvando-me de seguir esse caminho de desejos inúteis que nunca se tornariam realidade.

Lenny: Eu tenho outro braço, cadela, e duas boas pernas.

Lenny: Eu conheço pelo menos três caras na academia que fingiriam ser seus guarda-costas, se você os alimentasse.

Isso solidificou o plano B, mesmo que eu odiasse pedir favores quase tanto quanto odiava confiar em pessoas.

Meu único consolo com Rip foi que ele me devia em primeiro lugar. Pelo menos achava que me devia. Também ajudava que eu não conseguisse pensar em uma única pessoa, um grande lutador de MMA ou não, que fosse tão assustador ou intimidador quanto Lucas Ripley. Essa era a verdade.

O fato de que eu não me importava de olhar para ele, e que eu gostava dele quando não estava resmungando para mim, era apenas um fator minúsculo. Minúsculo, minúsculo.

Apenas idiotas gostavam de homens com quem não tinham chance.

Mas essa era minha maldição — amar e cuidar de pessoas que não me amavam nem se importavam comigo. Pelo menos não do jeito que eu queria.

Com Rip, aceitei o nosso relacionamento desde o começo.

Com tantos homens no mundo que meu coração poderia suspirar de vez em quando, quando eu não o tinha refreado, fora de todos os homens que poderiam ter a capacidade de me fazer dominar olhando para fora do canto do meu olho, tinha que ser um dos meus chefes que teria esse efeito em mim.

Claro que tinha que ser.

Meu chefe não tão legal.

Porque era minha maldição.

Sou tão idiota.

Segurando meu telefone no meu colo, olhei para cima, mesmo que uma parte gigante de mim não quisesse, mas tudo que vi foi a mesma coisa que tinha visto momentos antes. Um homem, que sabia que tinha um metro e noventa e quatro, sentando-se em um banquinho alto. Um homem com cabelos castanhos profundos com um toque de cinza prateado. Um homem com um rosto que geralmente era colocado em uma expressão agravada ou irritada... exceto quando havia boas notícias relacionadas ao trabalho. Bem mais de duzentas libras derramaram sobre uma armação que era toda sólida. Coxas enormes, bunda grande, antebraços do tamanho dos meus bíceps, se não maiores, um peito que poderia funcionar como uma cama para um cão de tamanho médio...

Foco, Luna, apenas pergunte a ele, minha consciência me disse. Ele te deve. Ele te deve muito. Tipo muito mesmo.

Apertando meus olhos, tentei dizer ao meu coração mudo para se acalmar. Tentei dizer aos meus olhos para irem para outro lugar. Em qualquer outro lugar. Alguém mais.

Mas o coração quer o que quer. E tem medo do que quer ter medo, não importa o quão razoável você tente ser sobre isso.

Como um idiota destemido.

A vibração do meu colo me fez olhar para a tela para ver a última mensagem que havia chegado.

Lenny: Não vá ao funeral se você não quiser. Sua avó entenderia.

Aquele sentimento nojento e espesso inundou meu estômago novamente, cobrindo a frustração que eu sentia comigo mesma por ser atraída por Rip em primeiro lugar. Mas se havia algo que pudesse me fazer esquecer disso, era a culpa que sentia por sair da vida de minha avó tantos anos atrás e nunca mais vê-la.

Nós duas sabíamos que era a única maneira que as coisas poderiam ser entre nós, mas ainda assim não me ajudava a me sentir melhor.

Eu: Eu tenho que ir, mesmo que prefira ficar presa atrás de alguém dirigindo dez milhas abaixo do limite de velocidade por uma hora. Você sabe o que ela fez por nós. É o mínimo que posso fazer.

Isso Lenny sabia. Ela e sua família estavam lá quando eu tinha tomado minhas irmãs. Ela sabia quase tanto quanto eu deixo alguém

saber, menos os Coopers. Não foi tudo. Ninguém sabia sobre todas as pequenas peças, mas era muito.

Dois segundos se passaram antes que eu recebesse uma resposta.

Lenny: A oferta está de pé.

Lenny: Você é a melhor pessoa que conheço.

Eu sorri para o meu celular.

Eu: Eu também te amo

Lenny: [emoji com olho rolando]

Lenny: Eu estava mandando mensagens para você porque vovô G está fazendo margaritas e ele estava perguntando onde você estava.

Eu: Diga a ele que eu o amo.

Lenny: Eu vou. Você achou o Rip?

Eu: estou observando-o.

Lenny: Perseguidora.

Eu: Ele está na minha frente, não posso evitar.

Lenny: Tenho certeza que é o que todo perseguidor pensa.

Arrisquei outro olhar para o homem e contive um suspiro.

Eu: Às vezes não entendo por que ele é assim.

Lenny: Por que ele parece estar preso e isso é o mais distante de como todos os idiotas que você já namorou se parecem?

Lenny: O vovô G diz que ele também te ama e te convidou a vir e trazer a garota com você se ela estiver por perto. Eu não disse a ele que você está no bar, senão ele gostaria de se convidar. Você sabe como esse homem fica em público.

Eu quase ri do primeiro comentário e definitivamente ri do segundo. Rip parecia que tinha feito o tempo. Isso foi injusto, mas era a verdade.

Por tudo que eu sabia, ele provavelmente tinha.

Então, novamente, eu provavelmente estava julgando por um rosto que ele não tinha como dizer. Por tudo que eu sabia, ele tinha um coração de marshmallow e resgatava e reabilitava pequenos animais quando ele não estava no trabalho. No fundo, ele poderia ter uma disposição afetuosa e amorosa que compartilhava apenas com poucas pessoas — pessoas que haviam conquistado sua confiança.

Você nunca soube.

A ideia de colocar um pequeno sorriso no meu rosto me manteve lá enquanto digitei uma mensagem de volta, deixando o primeiro comentário sozinha.

Eu: Eu não sei por quanto tempo estarei aqui, mas se sair em breve, vou passar aí. Diga ao vovô G que a garota está trabalhando hoje à noite. Vocês todos estão vindo para a formatura, certo?

Lenny: Sim. Eu estou pronta para chorar neste sábado.

Lenny: Eu tenho um colo para você a caminho.

Ela não era a única a se preparar para chorar neste fim de semana, e isso me deixou feliz por algum motivo.

Eu ainda estava sorrindo com o texto de Lenny quando Rip se virou de onde estava no bar, segurando um copo com algum líquido escuro dentro, e instantaneamente fechou o seu olhar em mim.

Eu não hesitei em sorrir mais antes de colocar meu telefone de volta na mesa, mesmo quando meu coração começou a bater no fato de que estava prestes a pedir algo para ele.

Não queria. Nunca quis. Tinha planejado nunca pedir a ele nada.

Mas...

Bem...

Eu pediria a ele por isso.

Eu precisava. Pelas minhas irmãs. Por mim, porque estava realmente nervosa voltando sozinha para o lugar onde cresci.

Quase como se ele pudesse sentir o que estava acontecendo dentro de mim, seus olhos se estreitaram um pouco, apenas o suficiente para eu ser capaz de dizer que ele tinha. E por causa disso, fiz o meu sorriso o maior possível, até mesmo mostrando os dentes. Ele já tinha a sensação de que algo estava acontecendo. Não havia como esconder isso, infelizmente. Eu era uma mentirosa decente até as pessoas me conhecerem.

Rip ficou ali por um segundo me observando com aquelas sobrelhas castanhas escuras sobre os olhos azul-esverdeados.

No momento em que outro segundo se passou, ele deu um passo à frente. Então outro pé foi em frente. E outro.

Ele estava vindo em minha direção com sua camisa verde de manga comprida apertada, exibindo mais tatuagens no pescoço do que eu jamais havia visto nos anos em que nos conhecíamos. Havia um crânio — um crânio real — tatuado sobre o pomo de Adão, com linhas e formas espalhadas ao longo dos lados. E eu estava pensando comigo mesma que queria mudar minha mente sobre o favor..., mas não consegui.

Eu não faria.

Fiz coisas mais assustadoras do que isso. Faria coisas mais assustadoras do que isso. O medo, pensei, era mais como um alucinógeno. Estava tudo em sua mente, e não havia nada para realmente ter medo, desde que você soubesse e esperasse o pior e o melhor.

—Oi, aniversariante, — consegui dizer, ainda sorrindo para ele com o meu coração estúpido batendo na minha garganta, embora tenha dito que não, tentando o meu melhor para não olhar muito duro com a tinta muito escura permanentemente gravado em sua pele.

Rip me deu uma olhada com o canto do olho quando puxou a cadeira na frente da minha. Ele tomou o assento. Bem ali. Direto para mim.

OK. Eu poderia jogar esse jogo. Poderia ficar calma.

—Você está aqui há muito tempo? , — ele perguntou com aquela voz profunda e resmungona que constantemente soava irritada... mesmo agora.

Eu balancei a cabeça. —Apenas cerca de vinte minutos, — respondi. —Você?

Ele fez um barulho que soou como um grunhido quando ergueu o copo do que quer que estivesse bebendo até os lábios e tomou um gole.

Bem, não era como se importasse há quanto tempo ele estava por perto.

—Alguém mais vem? — Perguntei a ele quando não disse nada depois de colocar o copo de volta na mesa. Eu ouvi alguns caras conversando sobre o convite de Rip quando fiz uma pausa no banheiro, mas não ouvi mais do que isso.

Seu olhar não tinha deixado o meu a partir do momento em que ele me viu, e não foi a lugar nenhum quando deu de ombros e disse: —Duvido.

Eu devo ter feito uma careta porque ele acrescentou, casualmente, —Eu não sou exatamente o favorito de ninguém, Luna.

O sorriso caiu da minha boca, e não pude deixar de franzir a testa para ele. Na dureza de suas palavras. Na essência... natural delas. Isso não era muito bom para ele assumir. Isso não era muito bom de assumir, e isso me incomodou... mesmo que fosse verdade que o Sr. Cooper era minha pessoa favorita na loja. E eu era dele. E o Miguel...

Porcaria.

—Tenho certeza... — Comecei antes de ser cortada.

—Não sou, — ele me disse, batendo suas unhas curtas contra o vidro. Rip inclinou o queixo para cima um milímetro, me dando uma visão um pouco melhor da barba rasa em sua mandíbula. Ele engoliu em seco, tudo sobre sua linguagem corporal dizendo que estava me dizendo essas palavras, desta forma, porque não era um grande problema para ele. Ele não se importou. Por que deveria? Seu corpo disse.

Suas próximas palavras confirmaram isso. —Eu não estou por perto para ser amigo de ninguém.

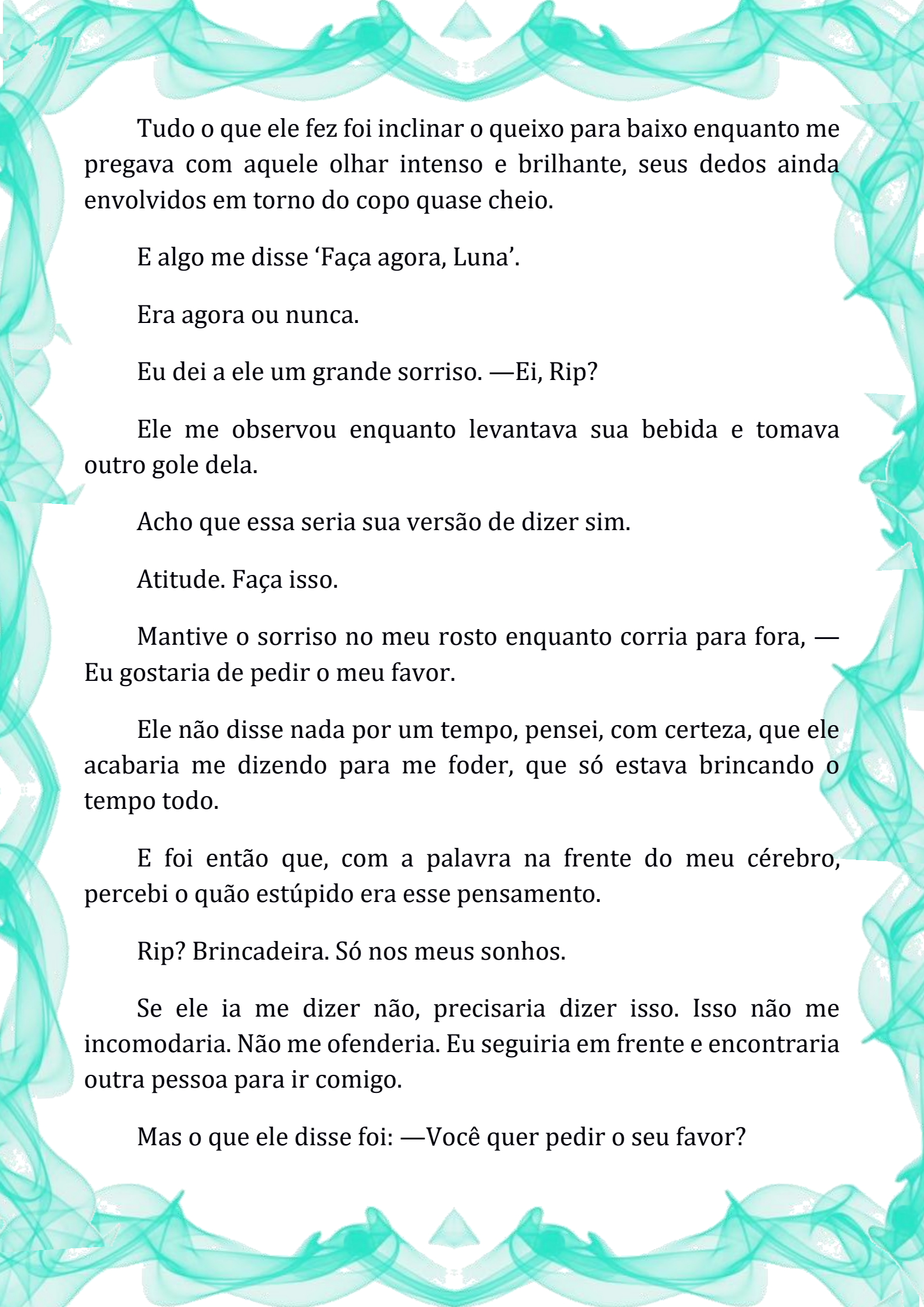
Tudo bem, então.

Eu queria dizer a ele algo que faria parecer que não era como se alguém o odiasse ou não gostasse dele.

A maioria dos caras era apenas... cautelosos.

Mesmo eu estava cautelosa, e ele não me assustava ou me intimidava... a menos que eu estragasse tudo.

Mas eu não sabia o que dizer para esse comentário. Odiava mentirosos tanto quanto odiava pessoas bêbadas agressivas e cenouras cozidas. Então fiz a única coisa que consegui pensar: sorri para ele e encolhi os ombros. Ele não parecia nem um pouco magoado ou triste com o que estava dizendo. Quem era eu para fazer um grande negócio se ele alegasse que não se importava? —Você gostou do seu bolo?

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text.

Tudo o que ele fez foi inclinar o queixo para baixo enquanto me pregava com aquele olhar intenso e brilhante, seus dedos ainda envolvidos em torno do copo quase cheio.

E algo me disse ‘Faça agora, Luna’.

Era agora ou nunca.

Eu dei a ele um grande sorriso. —Ei, Rip?

Ele me observou enquanto levantava sua bebida e tomava outro gole dela.

Acho que essa seria sua versão de dizer sim.

Atitude. Faça isso.

Mantive o sorriso no meu rosto enquanto corria para fora, — Eu gostaria de pedir o meu favor.

Ele não disse nada por um tempo, pensei, com certeza, que ele acabaria me dizendo para me foder, que só estava brincando o tempo todo.

E foi então que, com a palavra na frente do meu cérebro, percebi o quão estúpido era esse pensamento.

Rip? Brincadeira. Só nos meus sonhos.

Se ele ia me dizer não, precisaria dizer isso. Isso não me incomodaria. Não me ofenderia. Eu seguiria em frente e encontraria outra pessoa para ir comigo.

Mas o que ele disse foi: —Você quer pedir o seu favor?

O —Sim— que saiu dos meus lábios baixo e estúpido, mas se ele não entendesse, meu aceno teria que ser o suficiente.

Rip... Rip ficou sentado lá, abaixando o copo para a mesa. Ele soltou um suspiro profundo que mal consegui ouvir. Um músculo em sua bochecha se contraiu. Então ele apenas disse uma palavra, e não era a que eu estava esperando. O que eu queria, mas não antecipado. —OK.

OK?

Foi isso?

Aprendi quando criança a nunca dar a alguém uma razão para duvidar de sua resposta se você já tivesse conseguido a que você queria. Então, tudo bem. Talvez não tenha confiado na facilidade com que a resposta chegou, mas trabalharia com isso. —Preciso que você vá comigo para um funeral.

O único sinal que tive de que ele me ouvira era suas narinas dilatadas. Então ele piscou. Lucas Ripley sentou-se no banquinho, aquela camisa apertada curvando-se sobre o peito impressionante, e apertou os lábios. Sua sentença foi lenta. —Você quer que eu finja que vamos nos casar ou algo assim?

Sim. Minha boca se abriu. Então fechou.

Foi a minha vez de olhar para ele. Minha vez de pressionar meus lábios juntos.

Então, e só então, inclinei meu rosto até o teto e pirei de rir.

Batia palma da minha mão sobre os olhos, me inclinei para trás em meu banquinho, assim como ele tinha feito, e ri ainda mais.

Estava tão envolvida que quase perdi a maneira como ele gritou: —O quê?

Ele achava que eu queria que fingíssemos que estávamos noivos?

Ri ainda mais, largando a palma da minha mão, mas apenas para arrastar as costas dela em meus olhos.

—Que porra é tão engraçado? , — ele rosnou.

Não pude deixar de sorrir para ele, neste momento, para mim mesma, para tudo, e não pude deixar de rir enquanto dizia: —Não, não quero que você finja que estamos noivos.

Comecei a rir novamente, olhando para o teto como eu fiz, antes de alguma forma conseguir falar, —Por que... por que eu iria querer isso?

Juraria aos meus futuros filhos que o rosto dele ficou instantaneamente vermelho. Se alguém me perguntasse se achava que ele era fisicamente capaz de corar, teria pensado que eles eram malucos. Mas lá estava: vermelho nas bochechas. Até no nariz dele.

Em qualquer outra pessoa, teria sido adorável porque ele estava fazendo cara feia ao mesmo tempo.

—Não, não é isso que estou pedindo. — Eu ri novamente, genuinamente tentando parar, mas não sendo capaz disso, porque seu rosto ainda estava vermelho, e eu estava comendo tudo. —Eu não estava esperando que você dissesse isso. Foi direto de uma com-rom (comédia romântica), — praticamente gargalhei, imaginando-o assistindo uma em casa, sorrindo para si mesmo.

Meu chefe franziu a testa. —O que é uma com-rom? —

Como se ele não soubesse o que era uma com-rom. Claro. Eu poderia deixar ir. Por agora.

Dei uma olhada em seu rosto vermelho-rosa e perdi tudo de novo. Fingir que vamos nos casar. Quem imaginaria que Rip me faria rir quando estava tão estressada em pedir a ele pelo meu favor todo maldito dia?

Ele nem me deixou aproveitar porque sua expressão foi vou te matar — como quando rachei de rir às suas custas. —Tudo o que você quer é que eu vá a um funeral com você então?

E havia a lembrança do que eu estava pedindo a ele. Porque estava perguntando.

O sorriso e a risada instantaneamente deixaram meu rosto e meu coração quando assenti, a severidade de tirar toda aquela alegria. —Sim, por favor.

Seus olhos não se estreitaram. Ele até perdeu o rosto do serial killer. Apenas me observou. Não tinha certeza se ele não confiava em mim ou não acreditava que era isso que eu estava pedindo a ele, mas realmente não me importava.

Apenas olhei de volta para ele, uma única lembrança saindo de mim enquanto pensava sobre o porquê de nunca ter planejado voltar para casa.

Eu vou te matar, Luna! Você sempre volta, e vou literalmente te matar, seu pequeno pedaço de merda! Eu não posso acreditar em você!

Foi o suficiente para me fazer engolir. O suficiente para sentir culpa por uma fração de segundo antes que amassasse com o salto das minhas botas de trabalho. Eu não tinha motivos para me sentir mal.

Rip esperou, pensando quem sabe o que, antes de me dar um aceno rápido, como se fosse uma transação comercial, finalmente chegamos a um acordo depois de muita discussão.

O que acho que foi.

Eu tinha feito algo por ele que agora estava fazendo algo de volta por mim. Foi o que ele ofereceu. Era ideia dele.

Mas então ele me perguntou algo surpreendente. —Tem certeza disso? É isso que você quer que seu favor seja?

Assenti gravemente. —Eu não queria te pedir nada, mas, sim, é o que quero. — Dei a ele um sorriso que fez meus dentes doerem com o quão duro estavam pressionando um ao outro na memória que tinha acabado de empurrar de volta para fora do meu cérebro. —Por favor.

Estava fazendo isso pela vovó Genie. Estava fazendo isso por Thea, Kyra e Lily. Estava passando por isso porque fazer a coisa certa dificilmente era o mais fácil de se fazer

Esse homem bonito e de rosto duro, que mal conhecia depois de três anos, continuou me observando atentamente. Ele bebeu sua bebida por um momento e depois dois. Deslizou outro olhar com olhos estreitos enquanto fazia isso, mas não era um mau, ou mesmo um irritado.

—Ok, — foi a resposta de Rip.

Oh.

—Ok, — suspirei, aliviada como não poderia colocar em palavras deslizando sobre todo o meu corpo. Somente. Gostei. Disso.

OK.

—Ótimo, — disse pulando sobre ele antes que ele pudesse mudar de ideia. —Obrigada.

Aqueles olhos coloridos se desviaram para um dos meus ouvidos e ficaram lá por um momento enquanto ele se recostava em seu assento. —Quando?

—Quinta-feira, — respondi, tentada a levantar e tocar meu brinco, mas não o fiz. —Vou precisar do dia de folga. Nós vamos precisar do dia de folga.

Ele assentiu novamente, parecendo tão à vontade que era como se eu não tivesse pedido nada a ele.

—Fica em Santo Antônio.

Isso fez com que ele fizesse uma careta e me perguntei por quê. Mas quando não reclamou ou mudou de ideia, mantive minha boca fechada. Se não quisesse fazer isso agora por qualquer motivo, não protestaria ou tentaria fazê-lo mudar de ideia. Sempre houve plano B e plano C.

—Um dia? , — ele perguntou, sua voz soando depois daquela careta inicial.

—Sim. — Não havia nenhuma maneira no inferno que queria ficar em Santo Antônio mais do que precisava. Mesmo uma noite seria demais. Um dia seria muito.

Eu não teria admitido nada disso embora.

Ele apenas inclinou o queixo para baixo, moveu seu olhar para o lugar vazio na mesa, e então olhou para o meu rosto. Quase perdi a maneira como as narinas dele explodiram novamente. —Quinta-feira então.

Esta quinta-feira. Não tinha me dado conta o quão logo isso era, até então.

—Sim, — concordei, esperando que ele não pudesse ouvir o quanto já estava com medo disso.

Antes que pudesse dizer outra palavra, ou ele poderia, uma mão pousou no meu ombro e deu um aperto.

Eu não precisava olhar para saber que era um dos meus colegas de trabalho.

Fiquei um pouco surpresa quando ouvi —Parabéns— na voz profunda do Sr. Cooper.

Com a exceção de talvez duas ou três vezes, o Sr. C nunca tinha saído conosco antes. As únicas vezes que ele fez foram para a despedida de solteiro de Owen, que não era uma festa porque ele não queria irritar a sua dama, e celebrou quando outro colega de trabalho, depois de terminar a faculdade, conseguiu um emprego como engenheiro.

Além disso... nunca.

E então outra voz veio.

—Feliz aniversário, Ripley, — a voz feminina que eu sabia que pertencia à esposa do Sr. Cooper.

Se eu não tivesse movido meu olhar de volta para Rip, teria perdido o jeito que, como cada palavra que saía da boca da Sra. Cooper — Lydia era o nome dela — o rosto do Rip mais duro se tornava. Tinha ficado agradavelmente em branco enquanto nós estávamos fazendo arranjos para uma expressão instantaneamente protegida quando o Sr. Cooper tinha falado... e então com as palavras da Sra. Cooper, sua mandíbula ficou mais definida. Os tendões em seu pescoço se tornaram mais pronunciados. Então ele lentamente se sentou na cadeira que tinha acabado de começar a relaxar.

Ripley nunca era uma pessoa confortável e descontraída.

Mas ele nunca tinha olhado do jeito que fez naquele momento também. Pelo menos nunca na minha frente, e o vi chateado e irritado com os outros caras da loja antes.

Nem mesmo quando o fiz ficar louco por estragar a cor naquele Thunderbird ele tinha feito uma cara tão fria.

Mas isso... isso não era raiva. Não era fúria nem decepção. Pelo menos não exatamente. Eu estava familiarizada com essas expressões.

Parecia um milhão de emoções diferentes embrulhadas dentro de um corpo pronto para explodir nas costuras.

Ele nunca tinha olhado para o Sr. Cooper assim antes, mesmo quando não sabia que eu estava assistindo.

Não havia como a sra. Cooper ter feito nada com ele. Ela era uma das mulheres mais legais que eu já conheci. Era amorosa, carinhosa e calorosa. Me deu inúmeros abraços e me fez um bolo de aniversário todos os anos desde que nos conhecemos.

O Sr. Cooper a chamava de santa antes e eu acreditava nisso. Vivi com ela por anos. Passei quase todos os feriados juntos desde que comecei a trabalhar para a CCC.

Se ele era maravilhoso, ela era tão maravilhosa, e eu amava os dois.

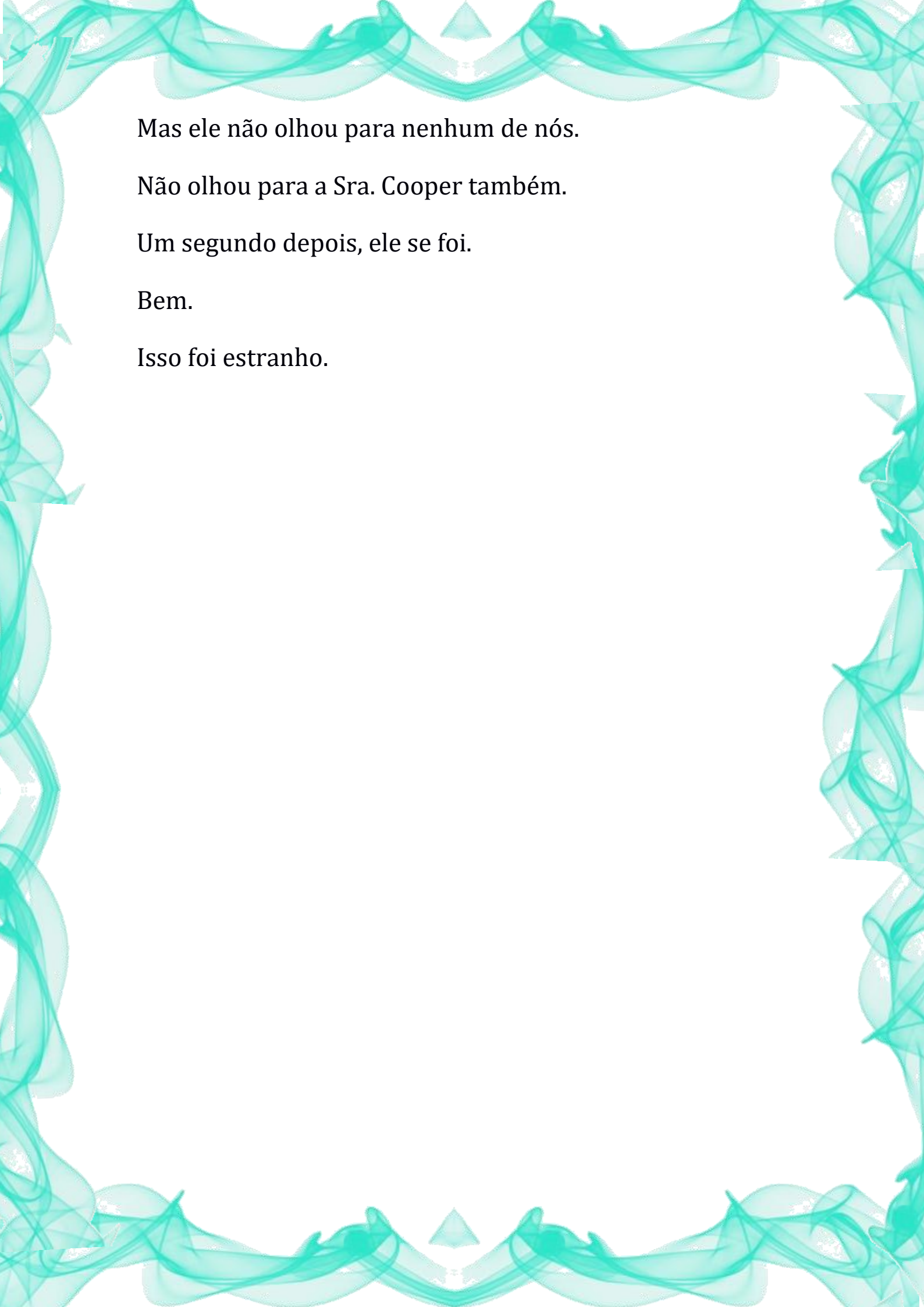
Então, quando ouvi a respiração profunda que Rip soltou, não sabia o que pensar. Ele soou... ele soou como se tivesse visto uma tempestade e decidiu colocar venezianas em cima de si mesmo. De nós.

Vi quando seus olhos foram do sr. Cooper para a sra. Cooper e depois de volta para o homem mais velho, com o pomo de Adão saliente mais do que jamais vira. Então ele disse: —Obrigado, — como se alguém estivesse torturando-o para falar a palavra.

Não precisei olhar para os Coopers para sentir a tensão entre eles.

Ficou ainda mais forte quando Ripley pegou sua bebida da mesa, colocou-a na boca e a jogou de volta, nem mesmo estremeendo ao fazê-lo.

Em um movimento rápido, ele empurrou o tamborete para trás e murmurou: —Obrigado pelo bolo de aniversário, Luna. Vejo vocês no trabalho, — falando comigo e com o Sr. Cooper, obviamente.



Mas ele não olhou para nenhum de nós.

Não olhou para a Sra. Cooper também.

Um segundo depois, ele se foi.

Bem.

Isso foi estranho.

Capítulo 6

Eu não poderia dizer que não fiquei aliviada quando comecei a trabalhar no dia seguinte e só encontrei o caminhão de Rip no estacionamento. Sem o carro do Sr. Cooper, sabia que não ia entrar e ouvi-os discutindo sobre o que aconteceu na noite anterior. Estranho. Não tinha certeza do que estava acontecendo com ele e com o Sr. Cooper ultimamente, mas as coisas pareciam mais tensas do que o normal, e elas nunca tinham sido tão boas para começar.

No caminho para o CCC, tinha pensado em tentar evitar Rip para que não lhe desse uma chance de me dizer que mudou de ideia sobre ir a Santo Antônio. Então decidi que não ia ser muito covarde. Porque se estivesse nervosa, ele começaria a se perguntar por que eu estava assim.

Fiz meu caminho para dentro, deixei minhas coisas como sempre, então subi as escadas para começar a fazer café. Não tinha visto meu chefe bancando o guarda-costas durante meu percurso, mas não pensei em nada disso. Não podia ouvi-lo em seu escritório também, mas havia meia dúzia de lugares em que ele poderia testar. Fiz os dois cafés e desci, encontrando-o inclinado sobre o capô aberto do caminhão GMC em que estava trabalhando. Pelo que pude ver, não estava usando uma camisa branca por baixo do macacão azul-marinho que usava. Eu tinha certeza que era... cinza. Cinza não era uma ótima cor para seu humor, mas não era branco.

Assim.

Agir normalmente.

Não dê a ele uma razão para pensar duas vezes sobre a ajuda.

—Bom dia, patrão, — falei, parecendo normal.

Ele não olhou enquanto estava sob o capô, mas ouvi sua voz baixa e quase resmungada: —Bom dia.

Pelo menos ele respondeu. Já é um começo.

—Estou deixando seu café no banco azul, — disse a ele enquanto estava colocando-o em um dos muitos baús de ferramentas ao longo da parede.

Houve uma pausa e depois um —Obrigado, Luna, — que não soou tão resmungado quanto seu ‘Bom dia’ tinha saído. Talvez porque foi a primeira vez na eternidade que ele não precisou perguntar se eu havia escolhido o favor que queria dele.

Talvez.

Eu dei um passo para trás e olhei a bunda parcialmente delineada por baixo do material folgado do macacão que ele já usava. Só por um segundo. Seus ombros e braços eram tão largos que ele teve que se espremer em um extragrande que era folgado no meio. Eu me deixei olhar mais uma vez antes de basicamente gritar: —De nada! — Perguntar a ele como o resto de sua noite tinha ido parecia uma ideia terrível, então não perguntei.

Consegui dar talvez três passos para trás e nem sequer me virei para voltar, quando ouvi: —Espere um segundo.

Parei no lugar. —Precisa de algo?

Meio escondido dentro do carro, ele não levantou a voz quando disse: —Quero falar com você sobre o Mustang que tem no cronograma. Segure-o até que eu pense mais um pouco. Eu vou descer e dizer o que mudar mais tarde. Combinado?

Não tinha olhado através da papelada ainda, mas tudo bem. — OK. Eu vou trabalhar em torno disso.

—'Ok, — ele ecoou debaixo do capô.

Fiz meu caminho em direção ao meu espaço, segurando meu café e tentando lembrar o que exatamente tinha que fazer. Eu estava tentando o meu melhor para não pensar em minha avó. Ou no funeral. Ou a minha ida até Santo Antônio. Ou na formatura da minha irmã e como isso significava o começo do fim. Em vez disso, pensei em como a noite tinha sido agradável depois que Rip saiu. Eu me diverti bastante com os Coopers e os dois funcionários do CCC que acabaram aparecendo.

Então era isso que eu tentaria fazer, e se isso exigisse que dividisse tudo o que estava acontecendo na minha vida, bem, poderia fazer isso.

Consegui entrar no meu estande e abrir minha gaveta para pegar meus arquivos e encontrar o que estava procurando. Era um Mustang que havia colocado na cartilha na semana passada, mas eles tinham me impedido de terminá-lo. Esse tipo de coisa acontecia com bastante frequência, eu não pensava em nada disso.

Felizmente, sempre havia algo para trabalhar. Eu passei pelos álbuns no meu celular, escolhi a trilha sonora de Grease e comecei o meu dia.

* * *

Acabei de terminar o que pude para o dia e em seguida fui procurar Rip.

—Ele saiu, — Miguel, um dos meus colegas favoritos, me disse.

Eu pisquei para um dos dois únicos homens no CCC que estavam lá quase tanto quanto eu. —Onde ele foi?

Meu colega de trabalho apertou os olhos. —Acho que ele foi ao estoque procurar algumas peças que não conseguiu encontrar.

Seus olhos castanhos claros deslizaram para o lado antes de voltar para mim, e ele não podia esconder a hesitação em seu tom quando perguntou, tentando não fazer uma careta quando provavelmente silenciosamente me implorou para não aceitar sua oferta. —Quer que eu ligue para ele?

Eu balancei a cabeça. Mesmo que não fosse uma grande diferença, ele era um pouco mais legal comigo do que para o resto dos caras da loja. Rip raramente me xingava, pelo menos. Mas eu ainda gostava que Miguel fosse legal comigo. —Está bem. Eu posso ligar para ele.

Ele nem se incomodou em tentar esconder o suspiro aliviado. —Deixe-me saber se você precisar de ajuda.

—Eu vou. Obrigada, Miguelito.

Ele sorriu com o apelido que eu havia tomado de sua esposa há muito tempo. Com outro sorriso apontado diretamente para ele, voltei para o meu estande e disquei o número de Rip da memória.

Ele respondeu imediatamente. —Rip falando.

—Oi, chef, é Luna...

—Sim?

—Ei, eu preciso começar esse Mustang. O que você queria conversar comigo?

Havia uma voz masculina no fundo, do outro lado da linha, e parecia que ele estava perguntando algo... —O que? — Rip perguntou, apontando a pergunta para mim, depois de um momento.

—O Mustang. Estou ligando sobre o Mustang.

Definitivamente havia mais irritação em seu tom. —E...?

Bati minhas unhas no balcão da primeira e única mesa do meu estande. —Você me disse que queria falar sobre o Mustang esta manhã.

Havia mais barulho no fundo, vozes falando sobre outras vozes e, finalmente, —não sei do que você está falando.

Eu mordi o interior da minha bochecha. —Então você não quer falar sobre isso?

Havia mais vozes no fundo, mas depois de um momento ele voltou na linha. —Estou ocupado, Luna. Você não tem o suficiente

para fazer? — Ele estalou, fazendo-me afastar o telefone do meu rosto para olhar para ele.

Santo Deus. Alguém estava mal-humorado. Isso foi exatamente o que estava antecipando dele depois da noite anterior. Putz.

—Eu acho que não, chefe, — murmurei, ainda fazendo uma careta para o telefone antes de trazê-lo de volta ao meu ouvido. — Eu só queria ter certeza de que estávamos na mesma página.

Ele fez um daqueles sons grunhidos.

E então desligou na minha cara.

Deixando cair o fone de ouvido no balcão, balancei a cabeça e peguei o arquivo do Mustang de novo. Ele fez parecer que o estava chamando por nenhuma razão maldita.

Quanto mais cedo começasse, mais cedo eu poderia acabar com isso.

Talvez eu pudesse realmente sair a tempo e chegar em casa cedo o suficiente para ligar para minhas irmãs e contar sobre a vovó Genie e o funeral. Mas parte de mim esperava que a ligação pudesse durar um pouco mais também.

* * *

Eu tinha acabado de fechar as portas do estande depois de colocar uma segunda camada de cor no Mustang quando a porta do meu estande se abriu. Minha mão foi para o topo do meu traje de proteção para que eu pudesse arrastar o zíper quando o grande

corpo de Rip apareceu, coberto da clavícula aos dedos do pé em seus macacões e botas de trabalho, que tudo deveria estar bem e normal, mas...

Ele tinha essa expressão em seu rosto que só tinha visto algumas vezes antes.

A última vez foi o dia do episódio da cor do Silver Mink, também muito recentemente.

—Hey, — eu disse a ele, ouvindo a cautela na minha própria voz. Eu até parei de arrastar o zíper para baixo ao redor do meu umbigo.

Seu tom combinava com o brilho da morte que ele estava me dando. —Que cor pintou a porra do carro?

Eu parei completamente de tentar puxar o meu macacão e vi quando ele parou a um metro e meio de distância, seu queixo tão duro quanto costumava ser. Acho que disse alguma coisa, mas não me lembro exatamente. Eu pedi duas semanas atrás... Eu quase estreitei meus olhos, tentando pensar porque ele estava ali, olhando para mim como se eu tivesse acabado de perder sua chave de sorte.

Sua mandíbula se moveu para o lado e depois para o outro lado e seu pomo de Adão se inclinou. Aquela linha profunda formada entre as sobrancelhas dele e algo que estava bem perto da hesitação me fez desistir totalmente de me mover e me focar no homem parado a poucos metros de mim.

—Luna

Soou como se ele tivesse grunhido meu nome, ou eu estava imaginando?

Claro que não estava imaginando.

Quando sua mão fechada atingiu a testa, eu sabia que ele estava definitivamente chateado com alguma coisa. Eu só não sabia o que. Eu fiz exatamente o que ele pediu, não fiz?

—Que cor você pintou a porra do carro? , — ele repetiu devagar.

Pressionei meus lábios por um momento antes de responder, cuidadosamente, observando-o o tempo todo, —A cor que estava na ordem.

Rip inclinou a cabeça para trás, mostrando-me a longa linha de pescoço grosso e musculoso e o perfeito pomo de Adão enquanto ele soltava um suspiro tão áspero que era impossível para mim não o ouvir. —Eu não... , — ele começou a dizer antes de parar com um grunhido áspero.

Ele não... o que?

Sua voz ficou ainda mais baixa. —Eu não lhe disse para não fazer nada até conversarmos?

—Sim. — Eu estreitei meus olhos, perguntando-me o que tinha acontecido para deixá-lo tão nervoso. Havia relido a ordem três vezes para ter certeza de que estava certo. Até olhei para as datas e verifiquei o sistema do computador para ter certeza de que não havia nenhum outro pedido escrito para ele desde então.

Não houve.

Então... —E eu liguei para você... — Eu parei, mais confusa sobre o porquê ele estava olhando para mim como se quisesse me matar de novo, tão cedo.

Os olhos de Rip não se moveram em minha direção. Seu punho ainda estava em seu rosto. —Luna

Parte de mim sabia que não era hora de brincar, mas... ainda disse isso. —Ripley

Sim, isso o fez mover os olhos de volta para mim de alguma forma, aquele olhar atirando diretamente pelo nariz enquanto sua mandíbula ficava ainda mais apertada. Chateado. —Eu não estou brincando, agora, — ele sussurrou para mim.

Foi a minha vez de engolir. Até o meu pobre coração ficou apertado com a expressão que ele estava mirando no meu caminho.

Rip estava furioso. Por minha causa.

Então pisquei e me perguntei o que diabos tinha feito para merecer isso.

Ele deve ter sido capaz de ler minha mente porque disse. —Eu pedi a você para falar comigo sobre o carro, não foi? — Ele estalou, sua voz quase quieta, mas ainda tão furiosa me pegou totalmente desprevenida.

Prendi a respiração e depois assenti porquê... bem, ele tinha.

Mas a coisa era que eu tinha tentado falar com ele sobre isso. Havia ligado para ele. Só não achei que era o momento certo para discutir isso. Do jeito que ele ainda estava olhando para mim. Eu não achei que o tempo mudaria tão cedo.

—Por que você pintaria o maldito carro depois que eu disse que queria falar com você sobre isso? — Ele se queixou, honestamente, verdadeiramente zangado.

Ainda assim, fiquei lá.

Ele não ia me machucar ou dizer qualquer coisa que eu não tivesse ouvido antes de uma boca que eu amava.

Então não menti. Ou me incomodei tentando me explicar. Eu aprendi há muito tempo que quando certas pessoas estavam loucas, não havia raciocínio com elas. E o Rip... ele estava sendo um idiota — um idiota de verdade, se eu fosse totalmente honesta, porque tinha ligado para ele — mas não estava com medo. Não estava preocupada. Não verdadeiramente.

Eu fiquei lá, meu coração batendo um pouco mais rápido do que antes, e disse a ele a verdade que não me ganharia mais pontos. — Eu pinteí porque te liguei para falar sobre o carro, e você disse que não tinha ideia do que eu estava me referindo. — Eu mantive minha voz firme. —Fiz o meu trabalho.

Eu tinha feito.

Seus dedos se soltaram e ele engoliu novamente. —Mas eu especificamente lhe disse para esperar que falasse com você sobre isso.

Prendi a respiração e não desviei meu olhar do rosto dele, nem por um segundo quando lhe disse a mesma coisa que já tinha. —Eu sei, mas liguei para você sobre isso.

Aqueles dentes brancos brilharam de repente, e ele assobiou naquele tom feio e mesquinho, —Eu não queria que você pintasse a porra do carro daquela cor, Luna!

Tudo bem.

Tudo estava bem. Tudo estava bem. Tudo estava bem.

Eu finalmente me permiti respirar pelo nariz e tentei manter minha voz calma enquanto dizia a ele, novamente, como um manequim que não sabia em primeira mão que você não poderia falar com alguém que já estava bravo, —Mas liguei para você...

—Eu estava fodidamente ocupado!

Eu só... apenas fiquei lá, honestamente, seriamente, totalmente confusa. O que diabos estava acontecendo com ele? Era uma coisa para ele estar com um humor rabugento e reclamar e ser condescendente, mas isso?

Ripley olhou para mim e balançou a cabeça, sua respiração entrecortada, entrando e saindo de suas narinas. Ele largou a mão e levantou-a de volta para o topo de sua cabeça.

Eu não me mexi.

Rip balançou a cabeça, sacudiu a mão para o lado e murmurou com aquela voz calma e louca que não sabia o que fazer. —Faça tudo de novo.

Faça tudo de novo?

Isso era uma piada?

Não era a rainha do drama, e não me sentia ofendida facilmente, mas tudo o que pude fazer foi literalmente ficar ali.

O que ele estava me pedindo para fazer...

Apertei meus olhos fechados, apertei minhas mãos e disse a mim mesma que não havia nada para se preocupar. Não era como se não fosse paga por hora. Não era como se isso fosse me machucar.

Além de internamente por ser acusada de algo que não era tecnicamente minha culpa.

Pelo menos eu pensava assim.

E você errou não muito tempo atrás, meu cérebro me lembrou.

—Comece agora. Eu vou encontrar a amostra de tinta e ligar na loja. Vou chamar alguém para pegá-la— — ele disse naquela voz baixa e gelada que não me agradava em nada.

Não disse nada enquanto abria os olhos e apenas olhava para ele, indignada, e não sei o que mais tomava fôlego e a luta fora de mim.

Ele queria que eu comesse de novo. Queria que pintasse um projeto no qual já estava trabalhando. E se isso não bastasse, ele estava me culpando.

Nós dois sabíamos que eu estava certa. No fundo, ele precisava saber que eu não estava errada. Porque nós dois sabíamos que tinha ligado. Não era minha culpa que ele não estava prestando atenção, ou estava muito distraído para me dizer o que queria.

Definitivamente não era minha culpa que estivesse em um rolo com seus gatilhos e temperamento curto.

Mas não liguei para ele ou disse nada disso na sua cara.

Ele era meu chefe.

Este era um trabalho que não queria perder, especialmente não por algo que uma parte do meu subconsciente percebeu que não valia a pena.

Mas aquela pequena parte de mim... aquela pequena Luna que tinha sido culpada por coisas que não tinham nada a ver com ela, não era uma fã de ser culpada por algo que não estava nem perto de ser sua culpa. Eu estava cansada disso.

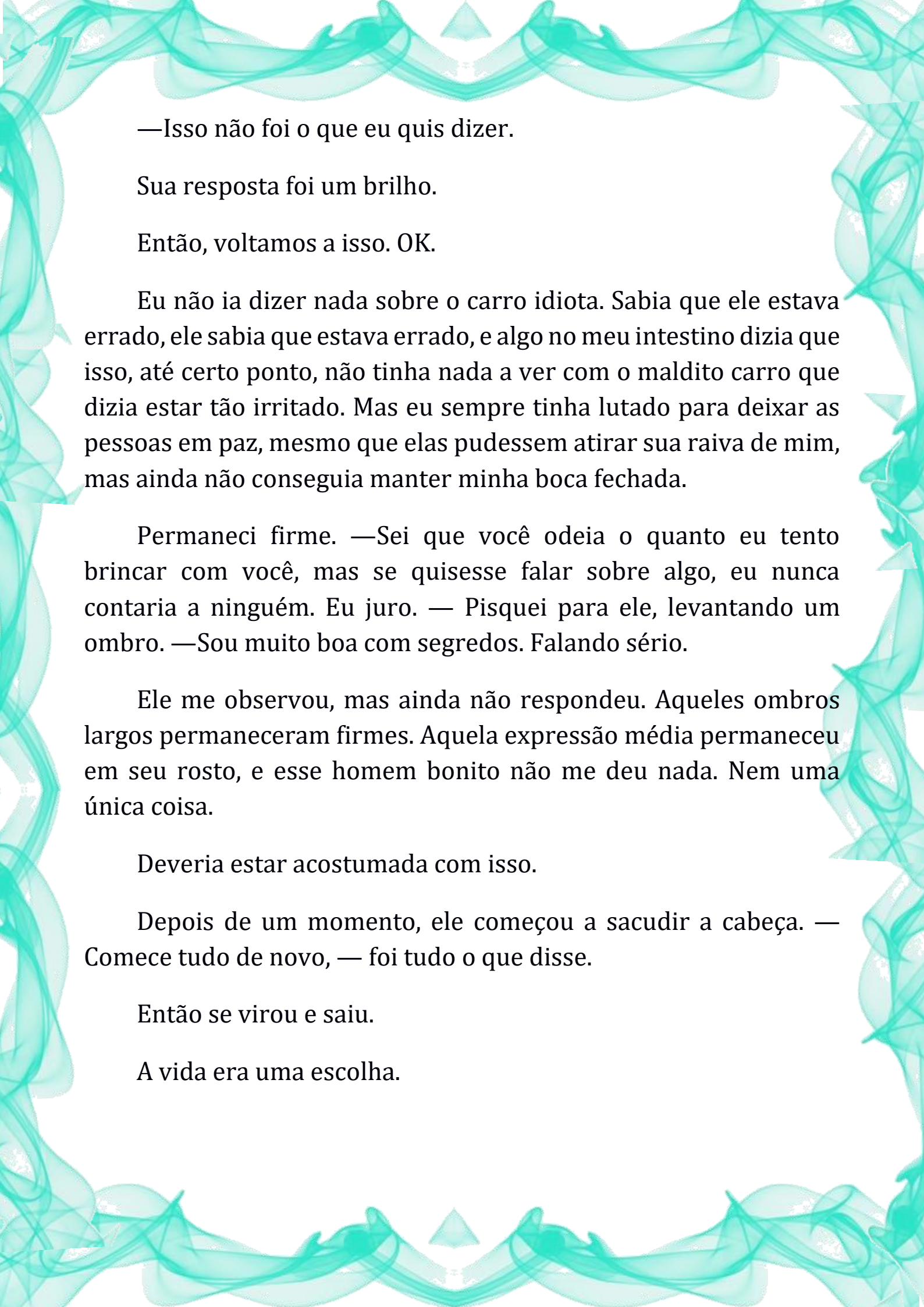
Mas ele era meu chefe.

Meu chefe estava olhando para mim, enquanto eu olhava de volta para ele.

Havia alguma coisa acontecendo com ele. Eu sabia. Isso não era típico dele. Ele não poderia ter escondido esse tipo de loucura por três anos, e eu tinha que entender isso.

Mordi o interior da minha bochecha e apenas enfrentei a situação. O que ele ia fazer? Gritar para mim mais um pouco? Então perguntei a ele, mesmo que não tivesse certeza se isso voltaria e me morderia ainda mais. —Rip, o que há de errado?

Aqueles olhos azuis ficaram trancados em mim. Seu corpo quase quieto, mas ele disse: —Você fodeu o carro, Luna. O que você acha?



—Isso não foi o que eu quis dizer.

Sua resposta foi um brilho.

Então, voltamos a isso. OK.

Eu não ia dizer nada sobre o carro idiota. Sabia que ele estava errado, ele sabia que estava errado, e algo no meu intestino dizia que isso, até certo ponto, não tinha nada a ver com o maldito carro que dizia estar tão irritado. Mas eu sempre tinha lutado para deixar as pessoas em paz, mesmo que elas pudessem atirar sua raiva de mim, mas ainda não conseguia manter minha boca fechada.

Permaneci firme. —Sei que você odeia o quanto eu tento brincar com você, mas se quisesse falar sobre algo, eu nunca contaria a ninguém. Eu juro. — Pisquei para ele, levantando um ombro. —Sou muito boa com segredos. Falando sério.

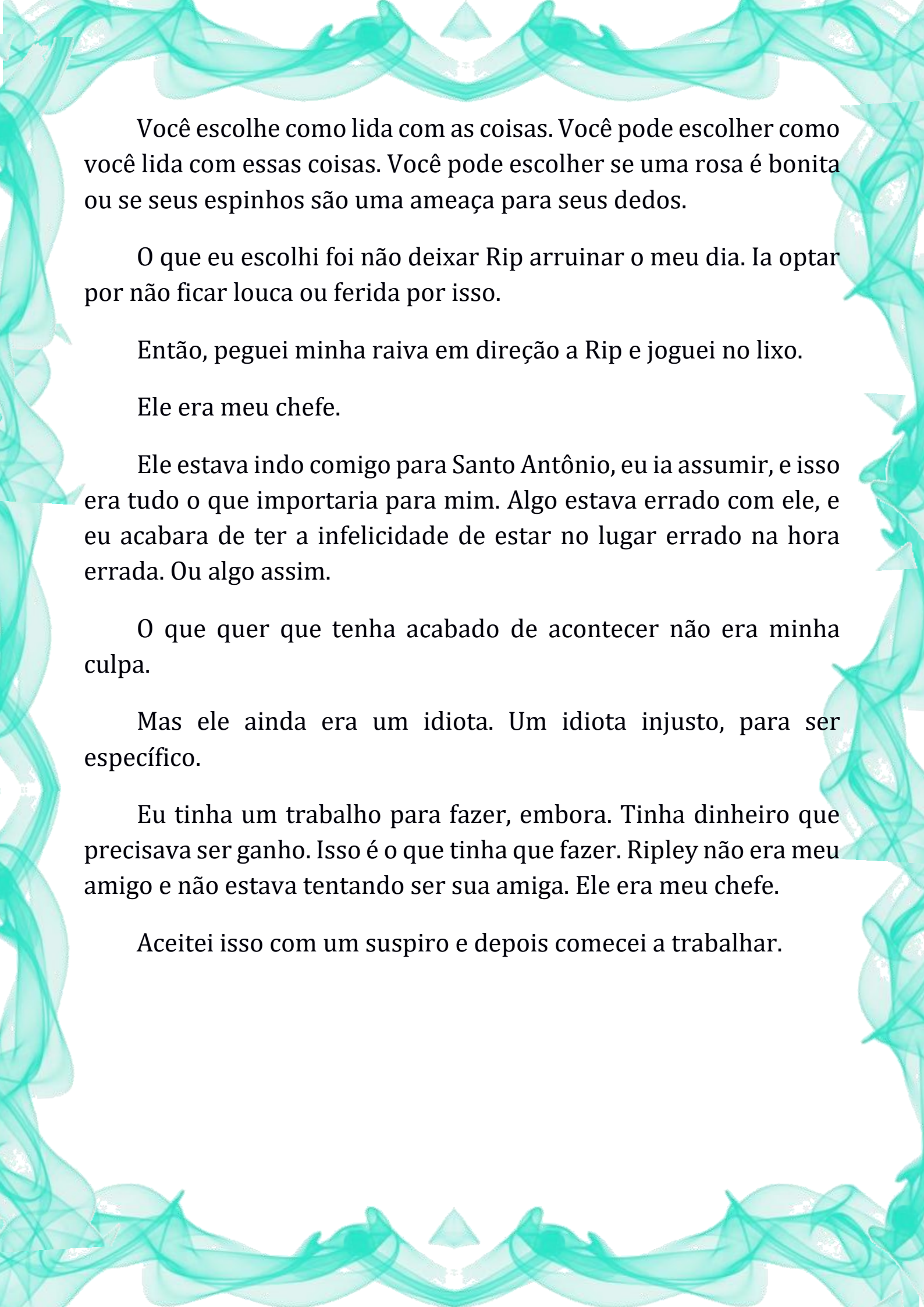
Ele me observou, mas ainda não respondeu. Aqueles ombros largos permaneceram firmes. Aquela expressão média permaneceu em seu rosto, e esse homem bonito não me deu nada. Nem uma única coisa.

Deveria estar acostumada com isso.

Depois de um momento, ele começou a sacudir a cabeça. — Comece tudo de novo, — foi tudo o que disse.

Então se virou e saiu.

A vida era uma escolha.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text.

Você escolhe como lida com as coisas. Você pode escolher como você lida com essas coisas. Você pode escolher se uma rosa é bonita ou se seus espinhos são uma ameaça para seus dedos.

O que eu escolhi foi não deixar Rip arruinar o meu dia. Ia optar por não ficar louca ou ferida por isso.

Então, peguei minha raiva em direção a Rip e joguei no lixo.

Ele era meu chefe.

Ele estava indo comigo para Santo Antônio, eu ia assumir, e isso era tudo o que importaria para mim. Algo estava errado com ele, e eu acabara de ter a infelicidade de estar no lugar errado na hora errada. Ou algo assim.

O que quer que tenha acabado de acontecer não era minha culpa.

Mas ele ainda era um idiota. Um idiota injusto, para ser específico.

Eu tinha um trabalho para fazer, embora. Tinha dinheiro que precisava ser ganho. Isso é o que tinha que fazer. Ripley não era meu amigo e não estava tentando ser sua amiga. Ele era meu chefe.

Aceitei isso com um suspiro e depois comecei a trabalhar.

Capítulo 7

Quando cheguei à loja no dia seguinte, trinta minutos mais cedo do que o habitual, disse a mim mesma que estava fazendo isso porque tinha muito trabalho a fazer.

Não porque estava guardando rancor por Rip.

E definitivamente não porque tivesse tido outro sonho ruim, incluindo meu pai, que me fez acordar suando. Eu não conseguia lembrar exatamente o que havia acontecido, apenas fragmentos, mas o medo e a náusea estavam lá. Viva e presente mesmo depois de tanto tempo.

Eu tinha acordado assustada e me virei o resto da noite, tentando evitar o pouco de dor que senti por causa disso. De como tudo pareceu real. Talvez porque o que lembrei fosse tão parecido com as coisas que realmente aconteceram. A burra idiota. Sendo chamada de nomes desagradáveis. A embriaguez... Aquele medo.

O que o sonho não continuou me lembrando era como cresci. De como saí de lá e consegui com que minhas irmãs também saíssem.

Desde aquele momento, essa decisão, eu me agarrei a cada momento de felicidade que pude.

Então, assim como fiz nos últimos dez anos, quando me senti mais desamparada do que nunca, fui para o único lugar que sempre tirava minha mente das coisas que não queria pensar. Fui para a oficina.

Disse a mim mesma que isso funcionava a meu favor, porque não tive exatamente a tarde mais produtiva do dia anterior, graças às horas que passei corrigindo ‘meu erro’. Miguel veio e me ajudou por cerca de uma hora, contando-me tudo sobre como Rip o havia mastigado por ficar em seu caminho.

Mas mesmo com a ajuda dele, ainda não tinha conseguido o suficiente. Não ajudou o fato de ter saído do trabalho às cinco horas. Rip não olhou para mim quando passei por ele com todas as minhas coisas, mas estava pronta.

Pronta para fingir que não tinha ouvido uma única palavra que ele poderia ter dito, desde que ele fingiria que eu não tinha ligado para perguntar sobre uma única coisa, a qual ele explodiu comigo.

Ugh.

Não podia dizer que meu dia melhorou quando cheguei em casa.

Minha irmã estava em casa, e isso foi ótimo, mas no segundo em que falei sobre o telefonema que recebi há alguns dias — não que admitisse essa parte , — tudo desmoronou rapidamente. Especificamente, a parte que me levou a ir a Santo Antônio, foi como jogar gasolina em um pequeno incêndio.

—Por que você está fazendo isso? , — Lily lamentou. Ela ficou de pé assim que mencionei o nome da cidade que visitaria pela primeira vez em seis anos. —Você sabe como eles são!

Claro que sabia como eles eram. Como poderia esquecer?

Aquela conversa se espalhou por toda parte e incluiu uma ligação de três vozes no viva-voz com nossas outras duas irmãs, que ficaram tensas e quietas enquanto Lily reclamava por quinze minutos sobre o quão idiota eu era por estar indo.

Tinha a sensação de que todas iam me dar um gelo por um tempo, mesmo durante o fim de semana, quando todas viriam para a formatura de Lily, mas elas não mudariam minha opinião. Eu sabia que a melhor coisa que poderia fazer pela minha sanidade mental era não pensar nessa viagem para que não ficasse mais nervosa, ou começasse a duvidar de mim mesma mais do que já estava. Eu precisava ir. Era a coisa certa a se fazer.

Então, sabia que naquela manhã precisava excluir todo o resto e passar o dia preparando o carro para o Turquesa Tropical que cobriria o azul-acinzentado pálido que tinha sido no dia anterior. Então, eventualmente, pulverizaria mais cor antes de terminar com duas demãos de claro.

Viva.

Eu odiava cometer erros, mesmo que o que aconteceu não tivesse sido tecnicamente um. Lembrei-me de Mack, o homem que me ensinara tudo o que sabia, dizendo-me uma vez que era muito dura comigo mesmo quando não fazia alguma coisa certa. Todo mundo comete erros, ele disse, dando-me um tapa nas costas. Não é o fim do mundo, garota lunar.

E parte de mim estava bem ciente disso. Mas a maioria de mim não podia deixar de lado essa mentalidade, não importa quantos anos eu tivesse. Provavelmente porque pensei que a coisa toda era

principalmente culpa de Rip. Eu liguei para ele. Ele não estava prestando atenção, mas ainda era minha culpa.

Como sempre foi.

Se eu parasse no drive-thru e comprasse uma xícara de café, em vez de fazer o meu próprio, era só porque estava com vontade de tomar um mocha de chocolate branco em vez da mesma coisa que tinha todas as manhãs. Se minhas mãos não fossem tão firmes como normalmente eram... Oh inferno.

Eu estava no meio do trabalho no maldito Mustang na grande sala ao lado da minha, quando por acaso olhei para cima e vi um rosto familiar do outro lado da janela da porta.

Rip.

Não querendo estragar o meu fluxo para que eu pudesse começar a preparar mais cedo do que tarde, voltei minha atenção para trás e movi meu braço junto. Continuei me movendo, terminando a última seção antes de parar.

Se ele precisasse de alguma coisa e não quisesse esperar, poderia deixar uma nota.

Ele sabia melhor do que tentar me fazer parar no meio do que estava fazendo. Não queria estragar de novo, especialmente não na frente dele.

Quando finalmente terminei, deixei o bloco de lixar no chão e puxei meu capuz para baixo, meus dedos se prendendo por um segundo na minha bandana quando fiz meu caminho em direção à porta para abri-la.

—Bom dia, — disse, tentando não soar como um murmúrio enquanto tirava os óculos e puxava meu respirador sobre minha cabeça. A maioria dos caras apenas usava máscaras, mas eu não me arriscaria a mexer com as coisas que voltariam e me matariam mais tarde.

Ele piscou, e foi então que percebi que não estava com o macacão. Estava com a camisa cinza, só que desta vez estava debaixo de uma camiseta preta justa que dizia COOPER'S COLLISION AND CUSTOMS em letras amarelas de calêndula. Eu esqueci que hoje era um dia de leilão. E mesmo que não quisesse ou quisesse, olhei para baixo para ver que ele usava uma calça jeans desbotada que não tinha manchas e botas que não eram as mesmas que usava na loja o tempo todo.

Um pequeno saco de papel branco pendia ao seu lado, preso por seu dedo indicador e polegar.

Mordi o interior da minha bochecha, lembrando o quão injusto ele tinha sido ontem.

Então me lembrei de que ele era meu chefe e, mesmo se estivesse errado — e estava — eu teria que ser a única a comer merda, a menos que quisesse trocar de emprego.

E não queria fazer isso.

—Luna, — ele disse com aquela voz profunda que normalmente parecia um dedo frio na minha espinha, mas hoje não fez nada.

Ok, principalmente nada.

—Bom dia, chefe, — o cumprimentei, meu rosto em linha reta.

Rip empurrou a pequena sacola branca para mim. —Eu não estou bravo com você, — ele disse a primeira coisa, sua voz calma, aqueles olhos lindos fixados no meu rosto.

Ele não estava com raiva de mim?

Como se eu tivesse feito algo errado, em primeiro lugar, para irritá-lo?

Pressionei meus lábios e olhei para a bolsa que ele ainda estava segurando entre nós.

Aqueles olhos se moveram sobre o meu rosto, e algo pequeno se moveu através do Ripley, quase... suavizando? Agradável? ...Culpa? —Não é o fim da porra do mundo, Luna.

De todas as palavras...

—Não posso deixar você escapar com coisas que não deixaria o resto dos caras escaparem, — ele continuou, me observando de perto com aquele rosto que não tinha certeza de como tirar da seriedade. —Fazer pra mim um bolo de aniversário não te dá um cartão de Passe Livre.

Tudo o que pude fazer foi olhar para ele e engolir sua referência de Monopólio.

Ele deu uma sacudida leve na sacola branca, aproximando-se ainda mais de mim. —Eu trouxe para você aquela merda de donut que você gosta. Pegue. — Ele continuou, como se não tivesse ideia do que era meu donut favorito.

Mas a única pessoa que não tinha ideia do que estava acontecendo era ele.

Ele me trouxe um donut?

Era este o seu jeito de se desculpar por me culpar por algo que não era minha culpa?

Sim. Era isso. Tinha que ser.

Era realmente o jeito de se desculpar.

Uma pequena parte de mim queria guardar rancor...

Mas a maioria dos ressentimentos era uma perda de tempo. Eles eram um vórtice onde você perdia tempo, energia e felicidade. Tempo, energia e felicidade que você poderia aplicar para algo que era bom, algo de que toda a sua vida se beneficiaria. Algo que poderia realmente te fazer feliz.

E eu queria ser feliz mais do que queria estar certa.

Foi por isso que só me mantive com grandes rancores, e raramente me permiti pensar neles. Usualmente.

Olhei para Rip mais uma vez, então olhei para a bolsa... e então suspirei.

Ia escolher, talvez não necessariamente ser feliz, mas ia escolher não ser louca. Ripley não seria a primeira pessoa a me culpar pelas coisas que causaram. Se alguma coisa, ele pode ser um dos muitos, mas ele foi um dos poucos a se desculpar... à sua maneira.

Isso valia algo. Mais do que algo, realmente. E se realmente pensasse sobre isso, poderia ter apreciado o esforço necessário para fazer o máximo que ele fez. Eu não tinha evitado dizer a minhas irmãs que sabia de algo há dias porque não queria que elas ficassem mais furiosas comigo do que já estavam?

Não queria ser hipócrita.

Mordi o interior da minha bochecha e disse: —Obrigada, — embora parecesse mais uma pergunta.

Ele inclinou o queixo para baixo uma vez e apenas uma vez, estreitando os olhos como se pudesse ler minha mente.

Não disse que sentia muito por reclamar de mim — sem motivo , — mas me trouxe um donut. Meu favorito. Não tinha percebido que ele tinha prestado atenção suficiente para saber algo assim.

Estendi a mão lentamente, como se ele fosse mudar de ideia e afastar no último minuto enquanto pegava a bolsa dele, observando seu rosto enquanto fazia o mesmo comigo, procurando por quem sabe o quê. Para se certificar de que não desisti? Para ter certeza de que não chorei?

Eu mal tinha tomado quando ele perguntou: —O quanto você está ocupada hoje?

Era difícil não pensar que essa era uma pergunta capciosa; ele sabia que eu tinha um carro inteiro para preparar e pintar antes de tentar pegar as coisas para que não ficasse para trás, desde que estava tirando um dia de folga para ir para Santo Antônio. — Bastante ocupada.

Seus olhos deslizaram ao redor do estande por um momento antes de abaixar o queixo de uma forma que parecia mais para ele do que para mim. —Termine o que você está trabalhando e me encontre do lado de fora.

—Por quê?

Ele ainda não olhou para mim. —Há um leilão acontecendo. Você vem comigo.

O que? —Mas...

—Se apresse. Começa em uma hora, — ele declarou dando um passo atrás, e finalmente fazendo contato visual direto novamente. Seu rosto estava suave. Nenhuma sugestão de frustração ou aperto em tudo, e eu não tinha certeza do que pensar sobre isso.

—Eu preciso terminar esse carro.

Aqueles olhos brilhantes pousaram em mim e suas sobrelanceiras subiram um quarto de polegada. —Isto pode esperar.

Agora poderia esperar?

—Mas— — por que ele quer que eu vá, em primeiro lugar? —
—Senhor Cooper vai com você.

Nas raras ocasiões em que fui, foi com o Sr. Cooper, mas a última vez que tinha ido com ele tinha sido... três anos atrás? Quatro anos atrás? Talvez mais tempo? Quando comecei a tentar aprender coisas sobre carros, ele me levava o tempo todo e apontava para as coisas, explicando tudo o que conseguia pensar e tudo o que eu estava curiosa. Gostei muito. Nunca teria imaginado o quanto isso me interessaria.

Mas desde que assumi a posição de pintora principal, eu tinha outras coisas para fazer.

—Ele não vem hoje. Sua vez.

Estendi a mão para apertar um dos brincos de rubi falsos em forma de coração, que coloquei naquela manhã, com a ponta do meu dedo indicador. —Mas...

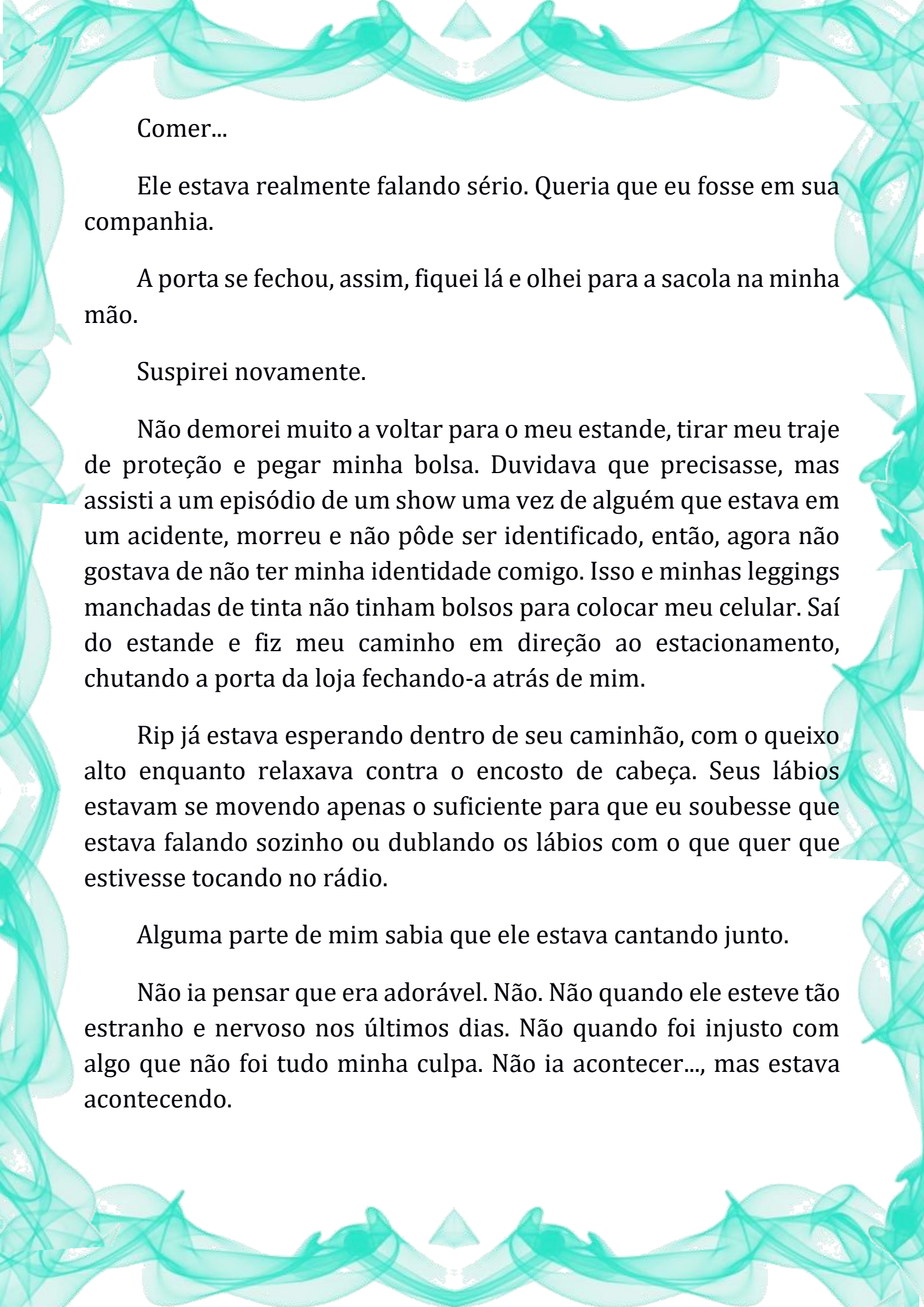
Os olhos de Rip se afastaram para o lado do meu rosto por um momento antes de se concentrar novamente. —Tudo pode esperar. Encontro você no meu caminho.

Estava falando sério sobre eu ir com ele. —Mas... , — murmurei, parando, porque não tinha certeza de outro argumento para dar quanto a razão que deveria ficar.

Além de ter me enganado no dia anterior, não havia motivo para eu querer ficar e trabalhar. Quem diria não para tirar algumas horas de folga? Eu, aparentemente, e nem tinha certeza se sabia por que estava lutando contra isso, além de estar um pouco ressentido com a forma com o que fez. Claro, ia perdôá-lo e superar isso, mas eu não era um robô. Não podia simplesmente ligar e desligar meus sentimentos. Precisava de, pelo menos dez, minutos.

—Vou lidar com isso se você ficar para trás. Vamos, — ele afirmou naquela voz que estava em algum lugar entre paciência e a perda dela.

Ele deu outro passo para trás e então se virou para a porta, chamando por cima do ombro: —Você pode comer isso na minha caminhonete. Vamos lá.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text on the page.

Comer...

Ele estava realmente falando sério. Queria que eu fosse em sua companhia.

A porta se fechou, assim, fiquei lá e olhei para a sacola na minha mão.

Suspirei novamente.

Não demorei muito a voltar para o meu estande, tirar meu traje de proteção e pegar minha bolsa. Duvidava que precisasse, mas assisti a um episódio de um show uma vez de alguém que estava em um acidente, morreu e não pôde ser identificado, então, agora não gostava de não ter minha identidade comigo. Isso e minhas leggings manchadas de tinta não tinham bolsos para colocar meu celular. Saí do estande e fiz meu caminho em direção ao estacionamento, chutando a porta da loja fechando-a atrás de mim.

Rip já estava esperando dentro de seu caminhão, com o queixo alto enquanto relaxava contra o encosto de cabeça. Seus lábios estavam se movendo apenas o suficiente para que eu soubesse que estava falando sozinho ou dublando os lábios com o que quer que estivesse tocando no rádio.

Alguma parte de mim sabia que ele estava cantando junto.

Não ia pensar que era adorável. Não. Não quando ele esteve tão estranho e nervoso nos últimos dias. Não quando foi injusto com algo que não foi tudo minha culpa. Não ia acontecer..., mas estava acontecendo.

Consegui manter o sorriso no meu rosto, uma mão segurando minha bolsa, a outra segurando meu donut, e vi a cabeça de Rip se virar para olhar para mim enquanto eu caminhava em direção à sua caminhonete. Antes que estivesse lá, ele estendeu a mão e abriu a porta para mim por dentro, empurrando a porta aberta. Entrei, tomando cuidado para não arranhar o couro ou fazer qualquer outra coisa que estragasse o interior completamente restaurado.

—Tentei vir o mais rápido que pude, — disse a ele enquanto colocava minha bolsa no chão e pegava o cinto de segurança.

Ele colocou o caminhão na direção. —Só estive aqui por um minuto.

Atirei-lhe um olhar com o canto do olho quando fechei a porta e finalmente coloquei a pequena bolsa branca no meu colo, perguntando-me mais uma vez porque ele queria que eu fosse.

E onde estava o Sr. Cooper?

Esperei até que puxasse o caminhão pelo portão que estava conectado à cerca que percorria todo o prédio antes de perguntar: —Você se importa se eu fizer uma ligação rápida?

A única resposta que recebi foi uma sacudida de cabeça.

Inclinei e puxei meu telefone da minha bolsa, indo direto para os meus favoritos e procurando por um dos dois únicos nomes de homens que eu tinha guardado com os meus favoritos.

A linha só tocou duas vezes antes de uma voz familiar ser tocada. —Pequena lua, — respondeu Cooper, soando totalmente normal, totalmente bem.

—Ei, senhor C, — respondi.

—Pretendia ligar para você ontem à noite. Miguel me mandou uma mensagem sobre mim com Rip— — mudei meus olhos para o lado para ter certeza de que alguém não estava escutando. Se estava, o rosto dele não registrava nenhum sinal de que havia escutando o Sr. Cooper falando sobre ele — —mas Lydia chegou em casa e me distraiu.

—Está tudo bem, — disse antes que ele pudesse continuar. —
Está tudo bem.

O suspiro que ele soltou me disse que não concordava comigo, e isso aqueceu meu coração.

—Estava ligando para dizer que vou com o Rip para o leilão hoje.

Silêncio.

Deslizei meu olhar de volta para Rip e vi sua bochecha mais próxima de mim fazendo essa coisa estranha de contração muscular.

—Não sei quanto tempo nós estaremos fora, mas só queria que você soubesse, no caso de alguém ligar para perguntar onde estou. Ele disse que você não ia à loja hoje.

Houve outra batida de silêncio. —Então, tudo bem. Certo. —
Outro momento de silêncio. —Isso é bom, Luna.

—Você está bem?

Mais calmo, então, —Tenho uma consulta médica. Estarei lá amanhã.

Uma consulta médica? —Você está tendo problemas com a pressão arterial novamente?

O zumbido que ele fez em resposta foi 1000% falso. Era a sua maneira de não querer mentir, mas também não queria dizer a verdade.

—Isso é o que pensei, — murmurei. —Boa sorte com sua consulta e me diga como foi. — Parei. —Não se esqueça de contar ao médico sobre como você está comendo carne, sanduíche e pizza congelada no trabalho quando acha que ninguém está olhando.

Desliguei depois que o Sr. Cooper começou a rir e, eventualmente, disse que me veria na sexta-feira.

Mas, falando sério, esperava que ele contasse ao médico sobre os lanches que ambos sabiam que não podia comer. Tinha feito o que podia, jogando coisas fora quando as encontrava. Deslizando meu telefone de volta dentro da minha bolsa, me sentei de volta e coloquei minhas mãos em minhas coxas, olhando para Rip com o canto do meu olho.

—Poderia ter dito que ele tinha uma consulta médica, — afirmou, dirigindo o caminhão em uma faixa da esquerda.

Não pude deixar de morder o interior da minha bochecha e fazer uma careta. Ele poderia ter me contado? —Eu não tinha certeza se você sabia. — Honestamente, não tinha certeza se ele teria se importado o suficiente para saber ou perguntar. Então, novamente, com base nas coisas que tinha ouvido, Rip provavelmente pediria ao Sr. Cooper para trazer uma nota médica para provar que realmente fez o que disse que faria.

Mas isso não deveria ser da minha conta.

Nenhum de nós disse nada por um tempo. Olhei pela minha janela e às vezes olhei para Rip, mas realmente passei o tempo todo dizendo ao meu corpo para relaxar. Não guardaria esse rancor contra ele quando pediu desculpas, pelo menos pediu desculpas mais do que qualquer outra pessoa na minha vida normalmente fez ou faz. Perdoei as pessoas por fazerem o pior. Havia algo acontecendo com ele que não entendia completamente, mas poderia ser paciente. Poderia entender. Algumas pessoas só tiveram que resolver as coisas por conta própria.

Mais importante, precisava lembrar — e aceitar — que ele era meu chefe. Por mais que tentasse, por mais que desejasse às vezes, no fundo da minha mente, no canto mais profundo e secreto da minha alma, isso era tudo o que haveria de ser. Nós não éramos amigos, e ele não tinha interesse em ser gentil, educado ou legal.

Ele estava bem, não sendo o favorito de ninguém. Não era o que queria. Não era o que iria querer.

Meu coração doeu por um momento enquanto me sentava lá, pensando por um segundo sobre esse pensamento. Sobre como passei os últimos três anos olhando e pensando um pouco demais sobre alguém com quem não tinha chance. Era apenas... admiração. Admiração séria.

Mas, talvez, em vez de sonhar acordada com aquela bolsa Louie Vuitton, que, realisticamente, nunca economizaria para comprar, poderia ir até a loja e comprar uma bela bolsa por um décimo do preço. Faria tudo o que a outra fazia. A única diferença era que estaria ao meu alcance. Poderia pagar.

Não precisaria ser um sonho. Não era como se acreditasse neles em primeiro lugar.

—Você vai comer esse donut hoje? , — Rip perguntou do nada.

Olhei para ele. Estava tentando fazer uma piada? Nada em seu rosto parecia particularmente divertido ou brincalhão, mas... —Sim.

—Você não está de dieta, certo? — Ele perguntou quando nos guiou para a autoestrada. Nem sabia onde diabos estávamos indo.

Se ele fosse qualquer outra pessoa — e se meus pensamentos anteriores não fossem sobre Rip e sua falta de amizade — teria rido. Em vez disso, mal consegui não sorrir. —Não.

Quer dizer, não era tão magra como costumava ser quando era adolescente. Também trabalhei muito — e estava com preguiça — para ir ao ginásio cinco dias por semana..., mas tentei o meu melhor. Comia razoavelmente bem, em alguns dias comia mais que razoável, mas principalmente, nunca diria não a um donut. Ou a uma fatia de torta de cereja.

Mas especialmente não é meu donut favorito.

—Há uma razão para você não ter comido então?

Toquei as pontas dos meus dedos ao longo do topo da sacola, que estava abaixada. —Acho que poderia comer no leilão. Eu não queria arriscar a sujar seu carro.

Aqueles olhos se moveram em minha direção. —Você não vai.

—Mas não quero ter uma chance. — Não precisava olhar em volta para ver que o interior estava imaculadamente limpo. Ele

mantém o exterior lindamente detalhado constantemente. Até o escritório dele era bem impecável.

—É só um caminhão. Se houver migalhas, temos como limpar,
— foi seu argumento naquela voz fria e descontraída.

Isso não era nada do que esperava que ele falasse. —Você tem certeza?

—Sim, tenho certeza, Luna. Coma a porra de donut. Não comprei para você olhar.

Ok então, se ele insiste.

Desenrolei a parte de cima da sacola e enfiei a mão para retirar o meu prato. Meu prazer que o chefe me comprou. Porque ele pode ter se sentido um pouco mal. Pensei. Talvez.

Porque ele deveria.

Inclinando-me para frente, peguei meu celular na minha bolsa e apertei o ícone da câmera. Olhando para Rip, notei que ainda estava olhando para frente. Tirei uma foto do donut, prendi-a a uma mensagem de texto e enfiei meu celular sob a minha coxa.

—Não sabia que você era uma daquelas pessoas que tiravam fotos de sua comida, — disse baixinho.

Aquelas pessoas. Pressionei meus lábios para não sorrir.

—Minha irmãzinha realmente gosta disso, — expliquei, ainda tentando não sorrir. —Estou apenas esfregando na cara dela.

Ele demorou tanto para responder, que não esperava quando a pergunta de sua boca foi: —Todas as três são mais jovens que você?

Não tinha certeza de como ele sabia que eu tinha três irmãs em primeiro lugar.

—Sim, as três. Minha irmãzinha, a que enviei a foto, fará dezoito anos em algumas semanas. É uma veterana no ensino médio, — disse a ele, trazendo o donut na minha cara e dando uma mordida, apenas segurando um gemido de como era bom. —As outras duas têm dezenove e vinte e um, mas não moram mais comigo.

A única coisa que ele fez para reconhecer que estava ouvindo foi concordar, e eu não queria oferecer mais nenhuma informação que provavelmente não se importava muito.

Ele ainda não disse uma palavra enquanto eu comia o resto, ignorando como esse açúcar fazia meu estômago doer.

Assim que estava prestes a levar a boca ao donut para a última mordida, fiz uma pausa. —Você quer um pedaço?

Houve um huff que me fez virar o pescoço para olhar para ele. O único lado do rosto que podia ver estava inclinado para cima. —Estou bem.

Terminei de comer antes que ele pudesse mudar de ideia. Estava no meio de lamber meus dedos quando Rip falou de novo.

—A que horas você quer sair amanhã?

Quase engoli em seco, mas fazer isso seria uma dica do quanto temia a viagem, e não queria dar a ele uma razão para não ir comigo. —O funeral é às onze. Então sete e meia está bem para você?

Não houve hesitação, pelo menos verbalmente, mas de onde eu estava sentada, podia ver a maneira como sua bochecha flexionava, e isso só confirmou que não queria fazê-lo pensar duas vezes antes de concordar. —Está bom para mim. Vou buscá-la, — ele ofereceu.

—OK.

Perfeito. Simplesmente perfeito.

Não queria ir. Deus, não queria ir.

Mas estava indo e isso não ia mudar, então, precisava viver com isso e aceitar a situação. Não havia sentido em arruinar o dia temendo o inevitável. Então, mudei de assunto e mantive minha voz brilhante. —Então, há alguma coisa específica que você esteja querendo comprar hoje?

Foi a pergunta certa a ser feita.

E ouvi-lo falar não era uma dificuldade, só porque tinha uma voz agradável.

* * *

Eu o perdi.

Porcaria!

Rip e eu nos separamos meia hora atrás. Nós tínhamos chegado ao leilão cedo o suficiente para realmente dar uma boa olhada em todos os carros que estavam estacionados no ferro-velho. Nunca tinha estado neste em particular antes, mas ouvi tudo sobre Rip e o

Sr. Cooper às vezes fazendo ótimos negócios aqui. Este leilão só acontecia uma vez a cada dois meses; em algumas visitas, eles não compraram nada. Foi um dos menores leilões deste lado do estado. Algumas vezes por ano, um dos dois homens comparecia às vendas maiores que ocorriam em outras cidades ao longo do sudoeste.

Felizmente, encontrei dois carros que atingiram quase todos os critérios que Rip tinha me dado no caminho. Um deles tinha um pouco mais de ferrugem do que gostaria, mas ainda estava em melhor forma do que alguns dos carros que ele havia comprado no passado. O outro era ótimo, mas tinha visto alguns caras de lojas de restauração que estava familiarizado com olho também. Todos nós fizemos questão de não fazer contato visual uns com os outros, então sabia que eles estavam falando sério sobre isso. Não ia ser exatamente um roubo, mas teria valido a pena.

E agora o leilão estava marcado para começar em... alguns minutos e eu não tinha ideia de onde ele estava. Tentei ligar para o celular dele, mas não respondeu. Lembrei-me de vê-lo deixar o celular na caminhonete. Levantando as pontas dos dedos dos pés, olhei para o lado, tentando ignorar todos os loiros e homens de cabelos negros, procurando aquele com a tonalidade perfeita de castanho principalmente de mogno.

Já tinha feito um homem parar e perguntar se havia algo que ele pudesse me ajudar. Realmente duvidava que ele acreditasse em mim quando disse a ele que estava procurando pelo meu chefe. Virando-me para encarar o fim do lote pelo qual andei pela última hora, estiquei meu queixo o mais alto que pude. Olhando, olhando, olhando...

Bingo.

Mais alto do que todo mundo, maior do que todos, e usando aquela camisa apertada que deveria estar quente demais para ser usada em Houston, mas aposto que era uma feita para o calor, vi Rip.

Tinha as mãos nos quadris enquanto falava com outro homem dois ou três centímetros mais baixo que ele.

Não tinha certeza do porquê me surpreendeu que ele conhecesse as pessoas, muito menos que parecia ter uma conversa com alguém, mas aconteceu. Não era como se não falasse, mas geralmente falava para as pessoas e não com elas. Mantendo o meu olhar nele para que não o perdesse novamente, comecei a fazer o meu caminho.

Olhei o outro homem. Parecia estar perto da idade de Rip, se não um pouco mais velho e magro. Mas foi a tatuagem que ele tinha em um lado do seu pescoço que me fez focar.

Olhei de relance para Rip, depois de volta para seu amigo, e mantive meu olhar lá. Tatuagens escorriam pelos braços do homem em grossas marcas pretas que eram realmente difíceis de distinguir, mas algo sobre elas...

O homem balançou a cabeça para Rip, mas seu corpo permaneceu relaxado.

Mas Rip... Rip estava olhando em volta neste momento. Para mim?

—Senhoras e senhores, o leilão começará em cinco minutos. Repito, em cinco minutos, — uma voz estalou sobre os alto-falantes do leilão.

Merda.

Levantei a mão sobre a cabeça e acenei. —Rip! — Gritei.

Sua cabeça virou para a esquerda antes de se mover lentamente para o lado, como se ele estivesse procurando por mim.

Acenei mais um pouco, sentindo-me mal por interrompê-lo, mas sabendo que precisava mostrar a ele o que achava que gostaria de ver antes que o tempo acabasse. Foi por isso que ele me trouxe, não foi? Aproximei percorrendo a pequena multidão o mais rápido que pude. Não demorei muito para ficar a poucos metros de onde Rip e o outro homem ainda estavam de pé. Acenei minha mão tão alto sobre a minha cabeça quanto possível. —Chefe!

Ele deve ter me visto porque levantou o queixo, os olhos cobertos pelos óculos escuros, em minha direção. Mas sua boca começou a se mover. Rápido.

Mas não rápido o suficiente antes de eu estar ao seu lado, compartilhando um sorriso entre ele e seu amigo. Seu amigo que estava olhando para mim com uma expressão surpresa, mas curiosa em seu rosto enquanto Rip terminava o que estava dizendo com um 'até logo', e tudo estava acabado.

E antes que pudesse dar uma palavra, meu chefe bateu a palma da mão contra o outro homem e se virou para mim.

OK.

Ele não queria que eu conhecesse seu amigo. Tudo bem. Certo. Era meu chefe. Não havia razão para eu encontrar seu amigo.

O outro homem soltou um suspiro antes de encolher os ombros e virar-se para ir quem sabe onde.

O sorriso que dei a Rip foi genuíno. Ele era meu chefe e não me devia nada além de um salário pelas horas que eu trabalhava. — Desculpe, por interromper, mas queria que você visse esses dois carros antes do leilão começar, — disse a ele, não deixando a curiosidade tirar o melhor de mim.

Havia algo de errado em sua expressão facial. —O que você achou? , — perguntou soando totalmente normal, ou tão normal como sempre. Não me dando uma única dica de quem era o outro homem, mas por que iria?

Prendi meu polegar por cima do ombro para apontá-lo na direção de onde encontrei as mercadorias. —Há ferrugem em ambos, mas nada pior do que o que você conseguiu antes. Deixe-me mostrar-lhe, chefe. Acho que com um pouco de TLC eles ficariam muito legais.

Seus olhos pareciam varrer meu rosto e minha cabeça, e eu não sentia falta do jeito que ele posicionou seu corpo para me impedir de ver o homem com quem estava falando. Disse: —Mostre-me.

Eu fiz, e estava muito orgulhosa de mim mesma quando ele acabou ganhando os dois.

Capítulo 8

Quando meu alarme disparou no dia seguinte, o pavor que não sentia há anos retornou instantaneamente e me deu vontade de vomitar.

Fazia muito, muito tempo desde que estive tão nervosa ou sobrecarregada ao ponto de querer vomitar.

Mas, ainda assim, arrastei-me para fora da cama. Tinha que me levantar. Não queria, mas tinha que fazer.

Tomei banho mesmo tendo tomado na noite anterior, coloquei maquiagem, me vesti e fui para a cozinha, ignorando a maneira como meus joelhos queriam se mexer e meu estômago queria se revoltar. Ouvi panelas batendo na área da cozinha. Normalmente eu estava a caminho do trabalho, e minha irmã Lily geralmente estava no chuveiro, então me surpreendeu ouvi-la bater.

Se as batidas significavam alguma coisa, era que ainda estava brava comigo. Não a tinha visto nos últimos dois dias. Ela estava em seu quarto quando cheguei em casa e não se incomodou em sair para dizer 'oi'.

Com certeza, no segundo em que entrei na cozinha e a encontrei, cavando violentamente o que parecia farinha de aveia em duas tigelas no balcão, isso confirmou que ela estava de mau humor. Lily era como eu: uma pessoa matinal. Ao contrário de nossas outras duas irmãs, nunca tive que estar em seu pé sobre acordar na hora da escola. Geralmente estava de bom humor, mas Lily estava sempre de melhor humor que eu.

Hoje era a exceção, pela aparência e som dela.

—Bom dia, — disse-lhe suavemente, odiando que estivéssemos nessa posição em primeiro lugar.

Ela não olhou para mim, e isso me deu a chance de ver que não tinha tomado banho ou algo ainda. Estava de pijama. —Bom dia, — ela praticamente grunhiu, quase me fazendo sorrir.

De olho nela, fui até os armários ao seu lado, observando enquanto raspava as frutas cortadas de uma pequena tábua de corte nas tigelas e depois sacudia algumas nozes também. Enchendo meu copo com água, tentei o meu melhor para ignorar o quanto meu estômago doía. Eu não queria ir.

—Você tem tempo para comer, não é? , — minha amada irmãzinha resmungou, soando mais mal-humorada do que jamais a ouvira.

—Sim, — respondi antes de engolir o copo inteiro de água, quando ela deslizou uma das taças em cima do balcão.

Ela grunhiu antes de voltar para o fogão e pegar a panela com a qual cozinhará. —Coma. Quem sabe quando você vai almoçar?

Não senti vontade de sorrir, realmente não senti, mas o carinho por essa menina não tão pequena fez meu peito doer... com amor, é claro. Com tanto amor, lembrei-me de porque eu estava indo hoje. Então ela não precisaria. —Obrigada, Lily, — disse-lhe quando abri uma das gavetas e puxei uma colher.

Lily grunhiu de novo quando ligou a torneira na pia e esperou, depois colocou a panela sob a corrente de água.

Eu não disse uma palavra enquanto pegava uma colherada depois da outra de aveia com frutas enquanto ela terminava de lavar tudo. Comi tão rápido que, quando terminou, mais da metade estava no meu estômago, e, sinceramente, não tinha certeza se havia provado mais do que a primeira mordida.

Não queria ir.

—Quando você vai estar de volta?

Pisquei de costas enquanto ela estava na frente e curvada sobre a pia. —Não sei com certeza. Acho que talvez por volta das três. —Bati a ponta da colher contra o meu nariz, vendo sua espinha se enroscar ainda mais na área da pia. —Não ficarei lá mais do que preciso, querida, prometo.

A respiração profunda que ela tomou fez com que os ombros subissem alguns centímetros; até pude ver sua costela se expandir também. Mas minha irmã não fez nenhum som. Também não se virou.

Queria ir e dar-lhe um abraço, mas meus pés não se mexiam. Queria dizer a ela que tudo ia ficar bem. Que não queria ir em primeiro lugar, mas que devia à vovó Genie por cuidar dela por anos.

Mas...

Não tinha certeza se poderia lidar com isso se ela se afastasse de mim ou me dissesse para não a tocar. Não seria a primeira vez que uma das minhas irmãs faria isso. Então, como uma covarde, fiquei lá, apertando minhas mãos ao meu lado e apenas observando minha irmãzinha lutando com o que estava pensando. Ela era a

última pessoa no mundo que gostaria de machucar ou que tivesse raiva de mim.

—Lily, eu te amo. Não quero ir, mas uma de nós tem que ir, e se papai e sua mãe estão lá... Não quero que eles vejam você. Não quero que eles vejam nenhuma de vocês. Nada de bom viria disso, e em algum lugar lá no fundo, você sabe disso— — disse a ela baixinho. — —Vai ficar tudo bem. Prometo. Sua mãe provavelmente estará muito bêbada e papai... Não se preocupe comigo, ok? — Mostrei uma foto de Ripley. Ninguém vai querer mexer com ele, e eu posso cuidar de mim mesma.

Ela suspirou.

E ainda assim apenas fiquei lá, realmente querendo ir até ela, mas apenas... não sendo capaz. Meus olhos pegaram o relógio no fogão, vendo o 7:25 e suspirando. —Não vou trabalhar depois. Se você não tem planos, podemos fazer alguma coisa juntas.

Minha irmãzinha suspirou de volta. —OK.

—OK? — Repeti a ela para ter certeza, que assentiu: —Sim, ok.

Pressionando meus lábios juntos, coloquei o resto da farinha de aveia em minha boca enquanto pegava um café gelado engarrafado da geladeira. Em seguida, enchi uma garrafa de água do filtro e tinha acabado de pegar minha bolsa quando Lily murmurou: —Você tem seu spray de pimenta?

Congelei. Então olhei dentro da minha bolsa para me certificar de que estava lá. —Tenho, — disse a ela, olhando para o presente que me comprou para o meu aniversário no ano passado.

Me virei em sua direção, segurando minhas coisas na mão, e a encontrei ainda de frente para a pia. Queria dar-lhe um abraço. Realmente queria dar-lhe um abraço, ou receber um em troca, mas precisaria de toda a minha bravura para mais tarde.

—Preciso ir, mas tenha um bom dia na escola, ok? Obrigada pelo café da manhã.

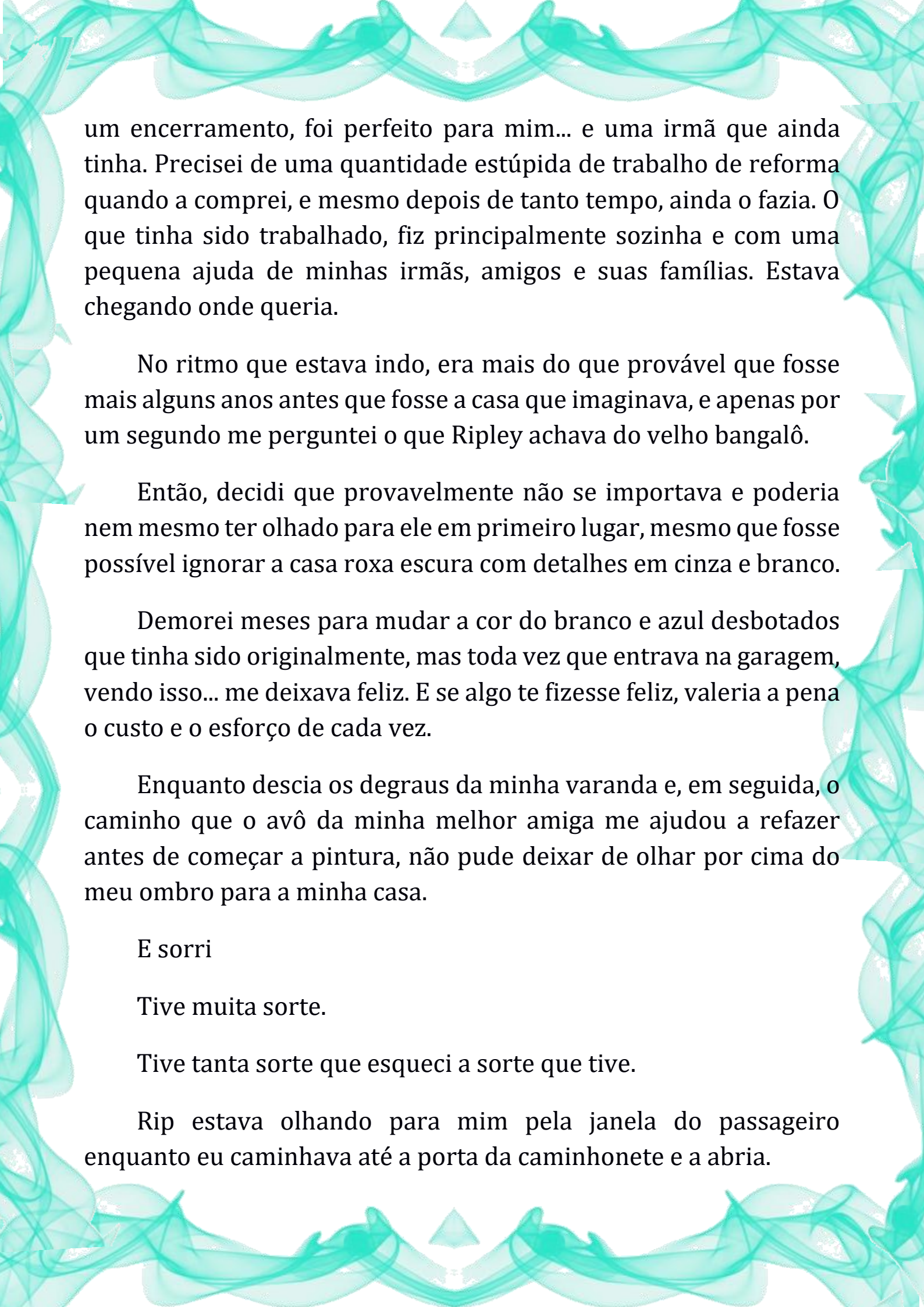
—Boa sorte.

Sorri atrás dela e segurei minhas coisas no peito, então me virei. Mal tinha passado pelo corredor quando minha irmã mais nova gritou: —Eu te amo, Luna! Não estou brava com você! Só quero que você fique bem!

Mordi o lábio e balancei a cabeça, alívio me inundando. —Eu sei. Também te amo! Não se preocupe comigo e tenha um bom dia na escola! — Olhei de volta, certificando-me de não deixar minha voz me trair.

Peguei minhas chaves e me dirigi para fora, tentando ao máximo ignorar o modo como meu coração batia com firmeza, mas um pouco mais rápido que o normal. Mal tinha trancado a porta da frente e me sentei no degrau mais alto quando uma familiar caminhonete amarela parou na frente da minha casa. De acordo com o meu relógio, na hora certa.

Não me perguntei como Ripley sabia meu endereço, mas imaginei que teria pedido se precisasse. Alguns dos meus colegas de trabalho já haviam me visitado desde que comprei a minha casa, e os Coopers, é claro, sabiam onde eu morava. Em apenas cerca de mil e quinhentos metros quadrados e com o preço que tinha vindo a ser



um encerramento, foi perfeito para mim... e uma irmã que ainda tinha. Precisei de uma quantidade estúpida de trabalho de reforma quando a comprei, e mesmo depois de tanto tempo, ainda o fazia. O que tinha sido trabalhado, fiz principalmente sozinha e com uma pequena ajuda de minhas irmãs, amigos e suas famílias. Estava chegando onde queria.

No ritmo que estava indo, era mais do que provável que fosse mais alguns anos antes que fosse a casa que imaginava, e apenas por um segundo me perguntei o que Ripley achava do velho bangalô.

Então, decidi que provavelmente não se importava e poderia nem mesmo ter olhado para ele em primeiro lugar, mesmo que fosse possível ignorar a casa roxa escura com detalhes em cinza e branco.

Demorei meses para mudar a cor do branco e azul desbotados que tinha sido originalmente, mas toda vez que entrava na garagem, vendo isso... me deixava feliz. E se algo te fizesse feliz, valeria a pena o custo e o esforço de cada vez.

Enquanto descia os degraus da minha varanda e, em seguida, o caminho que o avô da minha melhor amiga me ajudou a refazer antes de começar a pintura, não pude deixar de olhar por cima do meu ombro para a minha casa.

E sorri

Tive muita sorte.

Tive tanta sorte que esqueci a sorte que tive.

Rip estava olhando para mim pela janela do passageiro enquanto eu caminhava até a porta da caminhonete e a abria.

—Bom dia, — cumprimentei quando entrei e o fechei atrás de mim.

Ele ainda estava me olhando enquanto puxei o cinto de segurança em todo o meu corpo e prendi, notando a jaqueta preta no assento entre nós. Só então ele disse: —Bom dia.

Arrumando minha bolsa e bebidas no chão, deslizei minhas mãos pelas minhas coxas para alisar minha saia preta e depois lhe dei um sorriso. Tive que jogar de forma fácil e legal e não como tivesse acordado naquela manhã à beira de rezar por um desastre natural que não nos deixaria chegar a Santo Antônio. —Quer que nos direcione ou você sabe como chegar lá? — Perguntei quando finalmente tive a chance de olhar para o meu chefe.

E ao olhar para ele, a primeira coisa que notei foi o fino lenço preto e branco que ele usava.

Em junho.

Então a segunda coisa que notei foi o seu maldito corpo.

Avisei-o que iríamos a um funeral, mas não estava pronta para... isso. Ripley se vestiu como nunca, jamais, eu o vi antes. Com uma camisa cinza-escuro por baixo do cachecol enrolado no pescoço, seus olhos pareciam ainda mais brilhantes do que o normal. Olhei para seus sapatos pretos brilhantes — sapatos que pareciam novos em folha. Calça preta que parecia nova. Olhei para a jaqueta preta entre nós e pensei que parecia que nunca tinha sido usada também.

Forçando meu olhar de volta para o rosto dele, peguei rente, e a maneira como seu cabelo curto estava estiloso me deu a ideia de

que tinha colocado algo nele que fazia com que parecesse mais controlado do que o normal.

Lucas Ripley se produziu.

E se eles estivessem lá, levaria-o para ver as pessoas mais terríveis que já conheci na vida.

Provavelmente.

Mais do que provável.

Quem estava enganando? Esta era eu. Seria a minha sorte dez vezes mais que todos eles estariam lá. Até meu irmão mais velho. Por que não.

Não tinha mais a mesma cor de cabelo ou comprimento, mas eles sabiam quem eu era.

Poderia fazer isso. Faria isso. Era por apenas algumas horas.

Precisava me recompor antes que ele descobrisse o quanto eu não queria que isso acontecesse. Então disse as primeiras palavras que me vieram à mente quando me sentei lá. —Você parece elegante. — O que era um eufemismo.

Como ele respondeu? Ao estender a mão para puxar a gola da camisa, cavou sob o lenço que usava, puxando-o e murmurando: — Sinto-me um idiota.

Surpreendi-o quando ri. —Você não se parece com um. — Meu sorriso não foi forçado ou falso também. —Você está ótimo, — disse a ele.

O que ele fez? Revirou os olhos, mas não perdi o jeito que suas bochechas pareciam ficar um pouco rosadas. Não sabia que alguém era tímido.

—Então, GQ? Precisa de mim para nos navegar ou você sabe como chegar na cidade?

Ele revirou os olhos novamente enquanto colocava o caminhão na direção. —Sei como chegar lá. — E se tiver imaginado por um segundo que ele murmurou —Infelizmente, — então, estaria certa.

* * *

Nenhum de nós conversou muito nas próximas três horas.

Rip tinha colocado o rádio na estação de músicas antigas, o que me fez sorrir enquanto olhava pela janela porque essa era a última coisa que teria imaginado que ele iria ouvir. Eu o peguei cantarolando algumas músicas, e isso me fez sorrir ainda mais. Ele não estava exatamente tentando esconder isso. Joguei paciência no meu celular até ficar enjoada, então joguei novamente quando o pior passou.

Mas como os minutos se passaram, e depois uma hora, depois outra hora e outra hora...

Minha náusea piorou por razões que não tinham nada a ver com uma pequena tela em um carro em movimento; todos os exercícios respiratórios do mundo não fizeram nada. Nem fechar meus olhos e dizer a mim mesma que precisava me animar e que podia lidar com o que acontecesse. Todo o otimismo que senti

naquela manhã tinha lentamente desaparecido enquanto a realidade de onde estava indo se tornava cada vez mais presente.

O caminhão não ia quebrar e acabaria me fazendo perder o funeral.

Estava indo e estava acontecendo.

Mas iria sobreviver, e essa era a parte mais importante.

Nós dirigimos ainda mais para a cidade e, lentamente, peguei muitas coisas que eram familiares a partir de quando tinha vivido em San Antônio. A cidade mudou muito nos últimos quase dez anos, mas não o suficiente para ser completamente diferente de onde cresci.

Não tinha planejado voltar.

Liguei o aplicativo de navegação no meu telefone e coloquei o endereço que o advogado havia me enviado. O aplicativo disse que nós tínhamos doze minutos de viagem ainda. O funeral deveria começar em vinte, então a chegada não poderia ter sido melhor.

Juntei meus dedos e os coloquei entre as minhas coxas. Meio que gostaria de ter prestado mais atenção ao Sr. Cooper quando ele recitou um Pai Nosso quando estava irritado e precisava se acalmar.

—Você vai ficar bem? , — Rip finalmente falou depois de horas de quase silêncio.

Olhei para o perfil dele pelo que poderia ter sido a vigésima vez — talvez a quinquagésima vez — desde que entramos no carro. O aperto em sua mandíbula só havia ficado mais pronunciado milha

após milha. As linhas em seus olhos se aprofundaram. Sua coloração era diferente. Mais vermelho.

Não estava imaginando o fato de que ele honestamente parecia estar temendo isso tanto quanto eu.

Mas era porque estava comigo e não queria estar?

—Sim, claro, — disse-lhe honestamente, mas o observei ainda mais perto. —Você está bem?

Seus dedos flexionaram no volante e sua voz era áspera quando respondeu simplesmente: —Sim.

Ele estava cheio disso. Realmente temia isso.

Só assim, a culpa fez meu estômago sentir tudo de novo, por uma razão que não tinha nada a ver comigo e com o que queria.

Talvez ele não lidasse bem com funerais. Talvez o tenham feito se sentir mal. Como deveria saber? Trabalhei cercada por homens por quase a última década, e ao longo desse tempo, aprendi que mesmo que eles não quisessem fazer algo — e quero dizer que realmente não quisessem fazer algo — iriam de qualquer jeito, se envolvesse ou comprometesse seu orgulho.

Não forçaria alguém a fazer algo que não queria por minha causa.

—Você pode simplesmente me deixar e voltar. Posso retornar para Houston, — ofereci observando as linhas ao longo de sua boca me dizendo o quão desconfortável estava.

Porque o coloquei nessa situação.

O homem ao meu lado me lançou um olhar tão lento que uma preguiça teria conseguido pegá-lo. Suas sobrancelhas subiram quase ao mesmo ritmo, e ele trancou aqueles olhos azul-esverdeados em meu rosto e disse com aquela voz rouca: —Não estou fazendo isso.

O orgulho era uma cadela.

—Estou falando sério, Rip. — Dei a ele um sorriso que era apertado e provavelmente totalmente falso. —Posso ir sozinha. Não é grande coisa. Você já fez o suficiente.

Juro que ele revirou os olhos. —Cala a boca, Luna.

Ele era tão mentiroso. —Parece que você está doente, chefe.

—Estou bem, — tentou insistir.

Pressionei meus lábios e olhei para a coloração em seu rosto. —É por isso que você tem apertado o volante com tanta força que os nós dos dedos estão brancos? — Perguntei-lhe, apertando meus lábios novamente... porque... bem, era a verdade.

Aquela mandíbula dura empurrou de um lado para o outro, e ele até balançou a cabeça um pouco. —Luna, estou bem, — tentou me dizer.

—Não quero que você faça algo que não quer fazer.

Ele não disse uma palavra por um momento, mas observei quando seus ombros perderam um pouco de sua tensão e baixaram inesperadamente. Sua voz estava calma quando disse: —Não tenho nenhum problema em ir ao funeral. Você pode ficar tranquila.

Mordi o lábio e observei-o, tentando decidir se precisava continuar discutindo com ele. Era óbvio que não queria estar aqui. Não era tão cega ou idiota. Também acreditei quando disse que não era com o funeral que tinha um problema.

Mas então o que mais poderia incomodar Rip... seria o Sr. Cooper ou Lydia? Ou idiotas no trabalho?

Assim que abri a boca para dizer-lhe para esperar no carro, seus dedos se flexionaram no volante de novo, e ele me disse: — Estou fazendo isso com você. Devo-lhe. Está bem.

Ele me devia.

Essa era a única razão pela qual estava aqui. Não era como se não soubesse desse fato, e isso não deveria ferir meus sentimentos. Porque não aconteceu. Ocorreu que meu coração apertou um pouco com a lembrança de que era apenas um favor... um favor que ganhei com uma mentira... porque estava comigo naquele momento, sentado a menos de meio metro de distância em uma camisa social, calças e um cachecol com um casaco entre nós. Parecendo mais bonito do que jamais poderia ter imaginado, se fizesse esse tipo de coisa.

Mantive minha boca fechada e balancei a cabeça, mesmo que as chances fossem de que ele não me visse fazer isso.

O navegador deu uma instrução para um próximo turno de um quarto de milha de distância, e ele entrou na pista um segundo antes de perguntar: — De quem é o funeral que estamos indo?

Apertei meus dedos juntos com mais força. Devia-lhe alguma informação, não é? — Minha avó.

Seu —Oh— foi apenas sobre o que estava esperando. O que não esperava era a maneira como a pergunta dele saiu. Talvez tenha sido o fato de trazido a questão em primeiro lugar. A última vez que estive doente, não perguntou se estava me sentindo melhor, me perguntou se ainda continuava doente? Assim, o —Você está bem? , — logo em seguida, me pegou totalmente desprevenida, especialmente quando saiu macio.

Mas ainda menti. —Estou bem.

Não senti falta do jeito que seus olhos deslizaram em minha direção, sua expressão refletindo o tom de sua voz — pensativa, diferente. —Você não parece bem.

Ele não precisava saber que não me sentia bem com essa coisa toda. Então fiz uma careta. Então dei de ombros. —Estou apenas...

Deveria contar a ele?

Nah. Era gananciosa e mentirosa o suficiente para manter o mal para mim desde que já estávamos tão perto. Além disso, ele estava sendo um mentiroso sobre estar se sentindo bem comigo, quando estava claro que não estava.

—Não estive em casa... em Santo Antônio, — corrijo, odiando que chamei esta cidade de casa, —há um longo tempo.

Suas mãos se flexionaram no volante mais uma vez, e não tinha certeza se imaginava que sua voz parecia ficar mais profunda, perdendo aquela vantagem quase doce para ela. —Você morava aqui?

—Sim, — disse a ele vagamente. —Cresci aqui.

Aqueles olhos vieram em minha direção novamente, e um músculo em sua bochecha ficou tenso. —Quando você se afastou? , — resmungou a pergunta. Essas eram perguntas mais pessoais do que ele me fez nos três anos em que nos conhecíamos.

Apertei meus dedos juntos. —Alguns meses antes do meu décimo oitavo aniversário. Então são nove anos.

Ele fez outra cara pensativa que tinha as sobrancelhas juntas e aquele pequeno traço entre as elas, provavelmente se perguntando por que eu teria me afastado naquela idade. Então, quando perguntou: —Você tem família aqui? — percebi que estava tentando descobrir exatamente isso.

Enquanto poderia ter dito tudo a ele uma semana atrás... não queria fazer isso então.

Olhei para frente e parei de franzir a testa. —Minha avó é a única pessoa que ainda chamaria de família e não a vejo há anos. Acabei de descobrir sobre o funeral na segunda-feira, antes de pedir para você vir comigo.

Suas sobrancelhas fizeram aquela coisa pensativa de novo, e um pouco mais de culpa encheu meu estômago.

Deveria contar a ele? Pelo menos avisá-lo? Se estivesse em sua posição...

Deveria contar a ele. Nunca fui boa em jogar. Nunca havia gostado de outras pessoas jogando comigo também. Era a coisa certa a se fazer.

—Rip?

—Hmm?

Poderia fazer isto.

—Olha, quero que você saiba que tenho pessoas com quem estou relacionada que possam estar no funeral e... as coisas são complicadas com elas... e pedi para você vir comigo porque é a maior pessoa que conheço, e não acho que alguém iria mexer de bom grado com sua pessoa, e, também não acredito que deixaria alguém mexer comigo demais se estivesse por perto, mesmo que... você sabe... não ache que me deve uma... , — divaguei, tentando pensar em minhas palavras e não tenho certeza do que mais o inferno dizer que não seria eu admitindo o quanto minha família era uma merda.

Apertei meus dedos novamente. —Meu plano é cuidar do meu próprio negócio, ir ao funeral e voltar para casa. Só quero que saiba por que estamos sentados sozinhos. Não quero falar com nenhum deles se estiverem lá, — disse-lhe, deixando de fora a parte que o avisou que metade das pessoas na sala poderia acabar nos olhando como se quisessem me matar.

Lá. Ele não podia dizer que não o avisei. Isso é o que ia dizer a mim mesma pelo menos.

A última coisa que esperava era o jeito esquisito que o canto de sua boca ia para o lado.

Então, esperei até que soltasse um suspiro que não fosse infeliz exatamente porque... porque ele ainda estava fazendo aquela coisa de sorriso.

—O quê? — Perguntei devagar.

Ele ainda estava fazendo aquela expressão facial quando disse: —Não achei que você me convidou para ir a algum lugar porque não queria ir sozinha.

Pressionei meus lábios antes de resmungar em um quase sussurro, —Mas você pensou que queria que você fingisse ser meu namorado.

Isso fez com que aquele risinho ficasse rápido e, definitivamente, não imaginei a aspereza em sua voz quando respondeu: —Não, não fiz.

Explodi em pânico rindo, lembrando dele perguntando se íamos fingir que nos casaríamos.

Casados. Eu e o Rip. Pssh

Rip, por outro lado, decidiu me ignorar lá no assento ao seu lado, enquanto voltava para o tópico original. Mas nada podia esconder a cor em suas bochechas ou a maneira como sua coluna endireitou depois que comecei a rir. —Percebi que havia algo mais que você queria, tudo bem? Se fosse algo importante, imaginei que teria dito alguma coisa.

E isso me fez calar a boca. Então tive que morder minha bochecha.

O suspiro de sua boca foi direto para o meu coração. —Não fiz, e não dou a mínima para o que você quer, Luna. Se pudesse fazer isso, eu faria.

Por causa do favor.

—Sinto muito— Comecei, me sentindo culpada de novo, porque não importa o quanto ele pudesse negar, ainda podia sentir que estava adiando alguma coisa com toda essa situação. Estava aqui por causa de seu orgulho e aquele elefante branco não ia permitir que admitisse nada.

—Não, — ele me cortou. —Não é um grande negócio. Não é nem um pequeno negócio.

De alguma forma, consegui conter um suspiro. Esperava que ainda pensasse assim quando estivéssemos voltando para Houston. Esperava que pensasse isso quando estávamos sentados na funerária para começar.

—OK. — Ainda me sentia mal, independentemente do que disse.

Talvez para ele, isso não fosse um grande problema, mas para mim, era, e independentemente do motivo de estar aqui, realmente estava agradecida por este ser o caso.

Em pouco tempo, Rip estava puxando sua caminhonete para uma casa funerária que parecia levemente familiar. Pelo que podia lembrar, minha avó não tinha vivido muito longe deste lado da cidade. Duas vezes, tinha andado de bicicleta — algo que tinha comprado roubando pequenas notas da carteira do meu pai ao longo de seis meses, quando desmaiou pela casa — para a casa dela quando não podia ficar na minha casa um minuto a mais. Embora ela não tivesse vivido em um lado bom da cidade, ainda assim era muito melhor do que onde havíamos morado.

Então, novamente, em muitos momentos, o inferno teria sido um lugar melhor do que onde eu morava.

Engoli aquela lembrança e fiz o sinal da cruz dentro de mim. O lote estava apenas a meio caminho cheio, principalmente com carros de modelo antigos. Não vi a espancada Voyager que meus pesadelos tinham memorizado, mas, novamente, não estava esperando.

Rip puxou o caminhão em um local e estacionou, seu corpo se deslocando para o meu, todos os ombros largos e peito enorme contido dentro daquela linda camisa, antes que fizesse a mesma pergunta de antes. —Você está bem?

Não. —Sim, — menti, ouvindo parecer fraca e cheia de merda até para mim, mas você tinha que fingir até conseguir, ou algo assim.

Ele piscou, e naquele momento, definitivamente sabia que eu estava cheia disso. Mas Rip me observou com aqueles olhos por mais um momento antes de desligar a ignição. —Pronta então? — perguntou, chamando meu blefe.

Agora ou nunca, Luna.

—Pronta, — concordei, dando-lhe um sorriso alegre que por dentro parecia muito mais uma careta.

Abri a porta um segundo antes de ele abrir a sua e nós dois as fechamos ao mesmo tempo.

Eu estava bem. Era amada. Tinha tudo e mais do que sempre quis. Estava escolhendo ser feliz pelo resto da minha vida.

Nada disso estava indo para casa comigo. Não deixaria isso.

Engoli quando fiz meus pés me levarem um passo mais perto e depois outro passo mais perto do prédio de tijolos.

Meu coração batia no meu peito e, sinceramente, parte de mim parecia que realmente queria, poderia ter desmaiado. Desmaiar seria uma desculpa perfeitamente aceitável para não entrar no prédio.

Mas isso não ia acontecer.

Quando o corpo alto e musculoso de Rip se aproximou para caminhar ao meu lado, cada vez mais perto do edifício, eu me forcei a respirar fundo, não tinha percebido que estava segurando.

Poderia fazer isso. Não havia nada para se assustar. Sobrevivi em uma casa com essas pessoas por dezessete anos.

Nada iria acontecer.

Eu não tinha uma única palavra para compartilhar com Rip quando nos aproximamos das portas. Ele abriu uma e me fez sinal para a frente, o rosto sério, mas focado no meu quando fizemos contato visual. Consegui dar-lhe um sorriso apertado quando entrei.

O hall estava frio e aberto, e imediatamente encontrei uma foto enorme da minha avó em uma moldura dourada vistosa com o seu nome em uma placa com os anos que ela tinha vivido. Já havia visto a foto antes. Ela tinha ido a um desses Glamour Shots, o que deveria ter sido há vinte anos, pelo menos, imaginei... Parecia do jeito que eu me lembrava dela melhor: com seu cabelo castanho-loiro que compartilhava com ela em ondas curtas, seu rosto cheio e destacado pelo batom rosa mais brilhante que já vi. Tinha conseguido meu

amor pelo seu batom. Ela nunca teve medo de alguma cor maluca e nunca saiu de casa sem ele.

O que mais me impressionou foi que ela não estava sorrindo. Nunca tinha sido uma pessoa sorridente, mas seus lábios estavam pressionados juntos em algo parecido com um. Parecia orgulhosa e até um pouco esnobe. Era estranho pensar que essa proprietária bem-sucedida de salão de cabeleireiro, uma mãe solteira que criara dois filhos sozinha, também estaria relacionada a dois filhos que cresceriam para serem homens maus e violentos. Eu tinha ouvido uma vez ela dizer que ela tinha vergonha deles. Eu também tive.

Como poderia ter passado os últimos seis anos sem vê-la?

Ela foi a única a me mostrar bondade, mesmo que não tivesse sido amor caloroso e reconfortante, mas tinha sido alguma coisa.

Se não fosse por sua oferta para cuidar das minhas irmãs quando finalmente estava tão desesperada para sair, poderia ter ficado por mais tempo em um lugar que era muito perto do inferno. E quem sabe o que teria acontecido com minhas irmãs se tivessem ficado presas naquela casa por mais tempo.

Minha avó tinha colocado a semente para deixar na minha cabeça um dia, quando fomos até a casa dela para tomar banho, porque a nossa água tinha sido desligada e me disse: —Vá, Luna. Eu cuido das crianças. Mas você precisa ir.

Saí quando não pude ficar mais tempo... depois de fazer a primeira e única coisa que garantiria que Lily, Thea e Kyra não ficariam presas naquela casa por mais tempo.

Não tinha certeza do que teria acontecido se ela não me ligasse quando descobriu que meu pai estava saindo da cadeia para que pegasse minhas irmãs.

Tinha enviado um cartão de aniversário e de Natal todos os anos desde então, mas ela nunca me mandou nada de volta ou ligou quando deixei meu número de telefone em um dos cartões. Isso não mudou nada.

Vovó Gen, me desculpe. Eu te amei, e sempre serei grata por você me ajudar a sair daqui e cuidar das garotas o maior tempo que pude.

Rip roçou meu braço e parou ao meu lado. Estava olhando ao redor do prédio, e se eu não estivesse imaginando, ele voltou a ficar tenso novamente. Podia vê-lo se demorando no retrato da minha avó.

EUGENIA MILLER

1945 - 2018

Ver seu sobrenome era... estranho. Isso me atingiu mais forte do que quando vi no final dos nomes das minhas irmãs. Eu não tinha visto por conta própria desde que eu decidi que não queria um lembrete disso.

Algumas pessoas pareciam estar penduradas em uma porta à esquerda do retrato, e eu as observei. Eles não pareciam familiares embora.

Agora ou nunca, certo?

Eu poderia fazer isso. Estava indo. Então, quando isso terminar, estarei voltando para a minha casa para ver minha irmã, e então teria um trabalho para ir para no dia seguinte.

Respirando pelo nariz, disse a Rip: —Podemos ir sentar.

Ele olhou para mim, e assentiu. Nós caminhamos para frente, ele ao meu lado o tempo todo, enquanto nos dirigíamos para a porta aberta. O homem e a mulher ali em pé nos deram um sério aceno quando passamos por eles. A sala estava cheia de filas e fileiras de bancos com uma área elevada como um estrado na frente, onde havia um caixão. Aberto. Como eu esperava no estacionamento, apenas as primeiras três filas de bancos estavam preenchidas, e não pude evitar olhar de trás de uma cabeça para outra.

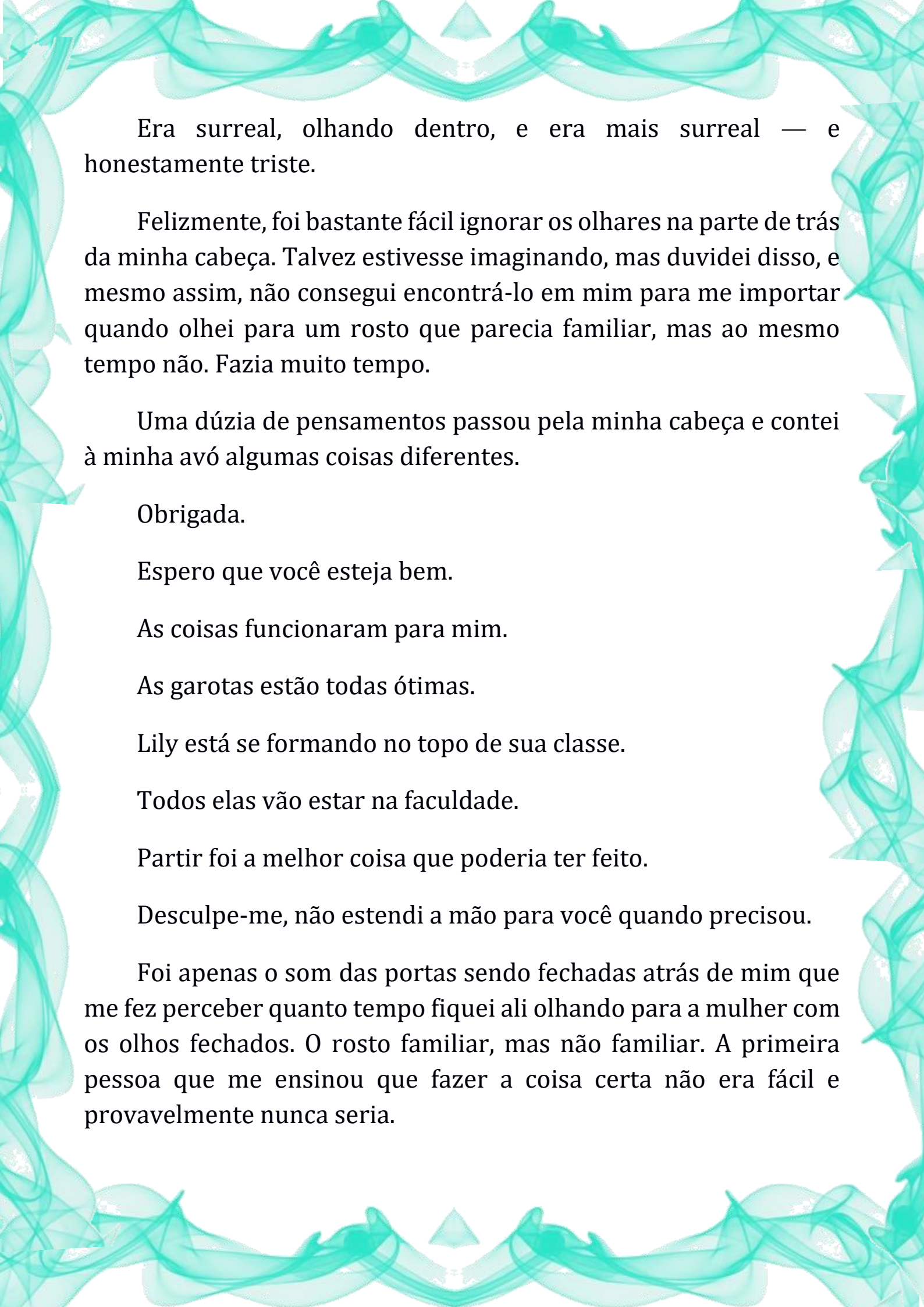
Parei. Com as costas da mão, toquei os dedos soltos de Ripley e sussurrei: —Preciso ir até lá dizer adeus. Se você quiser apenas esperar aqui, não demorarei muito.

Sua resposta sussurrada não hesitou em nada. —Eu irei.

Levantei minha mão e esfreguei meu osso da sobrancelha, não porque ele queria ir comigo — não era nada disso — mas só porque... aquele caixão e as costas daquelas cabeças me faziam sentir hesitante e ruim ao mesmo tempo.

Ainda balancei a cabeça para Rip, incapaz de reunir qualquer tipo de expressão facial que dizia que estava bem. Porque eu não estava me sentindo bem assim. Não estava mal, mas não estava bem.

Ripley inclinou o queixo para mim e foi isso que me fez continuar em movimento. Seguimos pelo corredor central, onde Rip andou para o lado enquanto eu dava um passo para a área elevada.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the entire page. The lines are layered and flow in a symmetrical pattern, creating a delicate, lace-like effect around the text.

Era surreal, olhando dentro, e era mais surreal — e honestamente triste.

Felizmente, foi bastante fácil ignorar os olhares na parte de trás da minha cabeça. Talvez estivesse imaginando, mas duvidei disso, e mesmo assim, não consegui encontrá-lo em mim para me importar quando olhei para um rosto que parecia familiar, mas ao mesmo tempo não. Fazia muito tempo.

Uma dúzia de pensamentos passou pela minha cabeça e contei à minha avó algumas coisas diferentes.

Obrigada.

Espero que você esteja bem.

As coisas funcionaram para mim.

As garotas estão todas ótimas.

Lily está se formando no topo de sua classe.

Todos elas vão estar na faculdade.

Partir foi a melhor coisa que poderia ter feito.

Desculpe-me, não estendi a mão para você quando precisou.

Foi apenas o som das portas sendo fechadas atrás de mim que me fez perceber quanto tempo fiquei ali olhando para a mulher com os olhos fechados. O rosto familiar, mas não familiar. A primeira pessoa que me ensinou que fazer a coisa certa não era fácil e provavelmente nunca seria.

Foi só então que dei um passo para trás e dei um sorriso agridoce no rosto de minha avó, antes de finalmente me virar e imediatamente avistar Ripley a talvez um metro de distância, de costas para a parede...

Com seu olhar nos bancos.

Sabia o que estava fazendo quando olhei na direção do que ele estava focado. Alguma parte de mim sabia que as chances eram de que eu não gostasse do que ia ver. Mas fiz mesmo assim.

Foi a minha sorte que o primeiro rosto em que pousei foi o último que gostaria de ver sentado ali. Olhando para a frente. Cara em branco. Fingindo que nem estava lá.

Meu pai parecia vinte anos mais velho do que da última vez que o vi. Como minha avó, ele parecia familiar, mas não era. Parecia um inferno.

Muita coisa poderia acontecer em uma década, imaginei.

O principal é que não senti nenhum tipo de terror passando por mim enquanto olhava em seu rosto. Meus joelhos não tremeram. Bile não se levantou na minha garganta.

De qualquer coisa, esse frescor inundou minha pele e minhas veias quando o levei para dentro.

Quando meus olhos se voltaram para a mulher sentada ao lado dele, não tinha certeza do que pensar quando mal a reconheci também. Seu rosto estava vazio e cheio de feridas. Ela estava mais magra do que antes. Muito mais fino. Mas se ele parecia vinte anos

mais velho, ela parecia trinta anos mais velha. Os anos não tinham sido gentis com ela. Não que eles já tivessem sido.

Do outro lado dela estava um homem com quem eu cresci, mas mal sabia.

Meu primo.

Claro que eles estavam aqui. Todos eles, menos meu irmão mais velho e meu tio, que ainda estavam na cadeia, mas isso não era chocante. Essas eram as pessoas que estavam no topo da minha lista para aqueles seres humanos com os quais não queria ter nada a ver.

Não me permiti pensar enquanto girava onde estava e fui em direção a Rip, quando um homem de terno andava pelo corredor central. Estava olhando para Rip quando sua atenção estava nas pessoas nos bancos que não queria olhar por outro segundo. Seus olhos finalmente voltaram para mim assim que parei a um passo de distância, sua mandíbula fazendo aquela coisa de tensão novamente.

OK.

Balancei a cabeça e ele piscou devagar o suficiente para concordar comigo. Nós nos movemos juntos pelo corredor ao longo da parede. Meu coração batia, batia, batia apenas mais rápido que o normal quando passamos por um corredor após o outro até que parei em apenas algumas filas antes da saída. Deslizando todo o caminho, sentei-me enquanto o homem de terno parou atrás de um púlpito montado à direita do caixão da minha avó. Ripley sentou-se diretamente ao meu lado, o tecido do paletó, que tinha colocado enquanto caminhávamos em direção ao prédio, roçando meu

cotovelo nu. Eu tinha enrolado as mangas da camisa de botões preta que tinha enfiado na minha saia.

O contato corporal não fez nada para mim.

Eu podia ver a parte de trás de suas cabeças na segunda fila, mas me concentrei no homem que começou a falar sobre minha avó em palavras vazias e vagas que não iria lembrar. Tinha a sensação de que ele deve usar genericamente para os outros o tempo todo. Meu rosto ficou quente enquanto me sentava lá, ouvindo muito mal o que estava sendo dito. Este zumbido começou a sibilar nos meus ouvidos, mas fiz o meu melhor para ignorá-lo... meu coração parecia querer sair do meu peito.

O braço de Rip se moveu, roçando meu cotovelo ainda mais.

Mas mantive meu olhar direto para frente.

Em menos tempo do que esperava, o homem parou de falar e explicou as instruções para a carreta que iria para o cemitério onde a avó Genie seria enterrada.

E ainda, meus ouvidos zumbiram.

Eu não queria levantar tão rápido, mas fiz, e, felizmente, o Rip também. Nós fomos as primeiras pessoas a sair e as primeiras a andar em direção ao lote. A tensão no corpo de Rip era algo que poderia facilmente ter provado. Senti em todos os lugares, mesmo que não entendesse e não estivesse na mentalidade enquanto saíamos.

Sabia que algo estava errado no segundo em que entramos em sua caminhonete e ele fechou a porta com força, meu nome saindo de sua boca, terminando em uma vogal dura. —Luna?

Estava olhando pela janela para o espelho lateral. Meu primo estava fora da porta, com a cabeça balançando ao redor do estacionamento. Provavelmente procurando por mim. —Sim?

Sua respiração ficou alta, mas foi firme; não tive problema em ouvir isso. —Seu sobrenome é realmente Allen?

Merda.

Essa sensação latejante instantaneamente perfurou o meu olho direito e me fez esfregar meus lábios. Meus dedos até ficaram dormentes antes de estremecer — por dentro e por fora.

Isso era apenas a última coisa que esperaria que ele perguntasse.

De alguma forma conseguiu descobrir a verdade, porque não havia como mentir. Este não era o tipo de coisa que poderia tentar esconder quando havia um punhado de pessoas que conheciam a verdade. —Legalmente, sim. — A dor da minha cabeça ficou mais forte antes de admitir lentamente: —Mas nem sempre foi.

Teria ele reconhecido o sobrenome da minha avó? O que tive nos primeiros dezoito anos da minha vida?

Foi exatamente por isso que mudei. Isso foi o que estava tentando evitar. Apenas um punhado de pessoas — incluindo o Sr. Cooper — sabia que nem sempre fui um Allen. Ninguém mais na loja, nem mesmo os outros caras que haviam trabalhado lá quase tanto

quanto eu, sabiam disso. Eles não tinham motivos para saber que meus irmãos tinham um diferente. Eu era a única até agora que odiava o suficiente para não querer mantê-lo. Lily mencionou antes que queria mudar também, mas ainda era muito jovem.

Rip fechou os olhos em algum momento. Sua testa ficou alinhada quando franziu a testa. Podia ver aquele peito grande e grande inalando e exalando, e sua voz estava incrivelmente calma quando ele respirou. —OK.

OK?

Ele... sabia?

Será que ele leu o jornal e reconheceu o nome e viu como era a minha família e juntou tudo?

Não foi um grande fracasso. Papai só foi preso por três anos. Seu irmão era uma história diferente. Mas enquanto eu estava crescendo, todos sabiam que o sobrenome Miller não tinha sido o melhor. Talvez eles não soubessem especificamente sobre a metanfetamina, mas eles sabiam que havia algo, e ninguém nunca fez nada.

Até que eu fiz.

Não conseguia nem sentir vergonha se Rip soubesse que parte da verdade tentei tanto evitar.

—Costumava ser Miller. — Tentei evitar fazer parecer que era algo que tinha tentado esconder. Mesmo que tivesse. —De acordo com minha certidão de nascimento, o sobrenome de minha mãe tinha sido Ramirez, mas quando mudei meu nome, não quis escolher

qualquer coisa que um deles pudesse pensar. Você sabe que o primeiro nome do Sr. Cooper é Allen, e pensei que Luna Allen parecia um bom nome.

As linhas na testa e ao longo de sua boca ficaram ainda mais profundas, e não podia sentir falta do jeito como ele balançava a cabeça devagar, pensando quem sabe o quê. A pele em suas bochechas mudou de cor e ficou... rosa? Por quê?

—Eu mudei há oito anos, — expliquei a ele, olhando pela janela para olhar pelo espelho lateral novamente. Mais pessoas saíram do prédio, mas nenhuma delas parecia familiar.

Me perguntei se meu pai já tinha chegado em qualquer carro em que ele estivesse agora, sem que eu percebesse.

—Sr. Cooper e Lydia me levaram ao tribunal dois dias depois do meu aniversário de dezoito anos para que pudesse começar o processo. Eles pagaram as taxas de depósito. O juiz finalmente concedeu minha petição, e... mudei, — expliquei ainda olhando pelo espelho lateral, a dor atrás do meu globo ocular, ainda afiada. — Ninguém além de minhas irmãs, os Coopers, e agora você, sabe que mudei.

A respiração que Rip soltou foi baixa e longa, e o couro rangeu quando se mexeu.

Eu era uma covarde e não queria olhar para ele. —Você viu nas notícias?

Ele não respondeu. O couro apenas rangeu mais, e o próximo suspiro que soltou foi ainda mais alto que o último. O mais profundo que provavelmente já tinha ouvido dele.

Do lado do espelho, vi um carro funerário se aproximar da frente do prédio e um policial aparecendo do nada em uma motocicleta.

Era a hora de ir.

Ir e ver meu pai, cuja menor ofensa era vender drogas. O homem que eu teria perdoado por fazer isso, se tivesse sido apenas uma pessoa decente. Se tivesse escolhido ser... diferente.

—Se você não quer ir para o enterro, entendo, — encontrei-me dizendo a Rip enquanto lutava contra o desejo de esfregar meu rosto com a palma da minha mão.

Houve outro suspiro — não tão profundo, mas ainda desligado — e então ele disse: —Podemos ir. — As palavras mal saíram da sua boca quando ligou o caminhão e depois o colocou em movimento.

Podia sentir as rodas em sua cabeça girando. Podia sentir sua tensão. Não gostei disso.

Ele pensou...

—Eu não sou... como eles, — disse, apenas no caso de ele estar pensando assim. Sou confiável. Nunca realmente menti para ele antes. Não havia roubado uma única coisa em anos e, mesmo assim, àquela que já fizera era subjetivo. Pelo menos pensava assim. — Nunca fiz um único medicamento na minha vida. Raramente bebo. Nunca faria qualquer coisa para machucar alguém na loja ou em qualquer outro lugar, mesmo que eles merecessem isso.

Sua zombaria quase me fez pular. Seus dedos flexionaram no volante para o que poderia ter sido a centésima vez desde que ele me pegou. —Não é isso que estou pensando.

Prendi a respiração e continuei olhando para ele e suas características faciais, que, contudo, não deram uma única pista. — Não é?

Rip zombou de novo, sacudindo a cabeça enquanto sua atenção estava do outro lado do para-brisa. —Você é uma boa menina. Todo mundo sabe que sim. — Ele fez uma pausa e um músculo em sua bochecha se contraiu.

—Ninguém é fodidamente perfeito, Luna, mas conheço uma boa garota — uma boa pessoa — quando vejo uma. — Sua respiração era mais um suspiro. —E você é. Não estou prestes a começar a contar com você sobre as merdas que fizemos no passado. Sei que você não é como... eles lá.

Meu nariz formigou, e eu não... Não queria falar sobre as coisas que fiz. —Não os vejo desde que saí quando tinha dezessete anos, — corri para fora. —Eu te disse, não sou... é complicado. Nós não... gostamos uns dos outros.

Uma linha de alguma forma se formou enquanto estávamos conversando, seguindo o carro funerário que acabara de partir. Rip apertou a caminhonete entre um Chevy Impala e uma pequena picape Toyota. Olhei para trás para ter certeza de que não era alguém que conhecia no caminhão.

Eu não iria abandonar os covardes que chamei de membros da minha família para fazer algo estúpido como, acidentalmente,

acender uma luz ou olhar para baixo. É com quem e com o que eu estava relacionada.

Porcaria. O que diabos estava pensando? Não tinha nenhum direito de estar aqui.

Sim, você tem, Luna. Tem todo o direito. Acha que eles estavam perto de vovó Genie? Acha que eles estariam aqui se não houvesse algum outro motivo? Eles nunca fazem nada, a menos que consigam tirar algo disso.

As pessoas não mudam. Bem. A maioria não.

—Me desculpe, não disse a você, — disse a ele. —Acho que esperava que eles não viessem.

Ele não disse nada. Apenas dirigiu, e enquanto o silêncio se estendia, tudo que podia fazer era ficar onde estava e, depois de um momento, olhar pela janela. A dor atrás do meu olho piorou quando seguimos em frente.

Nós entramos no cemitério e estacionamos depois de um momento. Prendi a respiração quando saímos do caminhão e caminhamos na direção de onde dois arranjos de flores em forma de coração estavam localizados. Rip andou ao meu lado o tempo todo, a tensão ainda vindo direto dele. Dizia alguma coisa sobre o quanto eu desconfiava das pessoas com as quais estava relacionada, que ficava olhando por cima do ombro para ter certeza de que nenhuma delas estava nos seguindo.

Tinha certeza de que, se olhasse para a história da família Miller, a palavra —traição— teria que ter sido originada de um ancestral em algum lugar da linha.

Felizmente, não vi nenhum deles, pelo menos não diretamente atrás de nós. Quando paramos no cemitério, um buraco que parecia pequeno demais para um caixão, manteve minha cabeça voltada para baixo, mas não fechei os olhos.

O braço de Rip roçou meu cotovelo enquanto se acomodava tão perto de mim que podia sentir o calor de seu corpo. Não foi bem-vindo. O tamanho dele, o conhecimento que mais do que provavelmente não deixaria ninguém fisicamente me machucar, mesmo que estivesse infeliz com tudo isso — incluindo descobrir que eu estava relacionada a um criminoso — me fez sentir melhor. Estava quente demais para a minha camisa de mangas compridas, e só podia imaginar o quão quente ele tinha que estar em sua jaqueta e camisa social, mas não se queixava ou agia de forma que o incomodava.

Tinha a sensação de que era ele que me impedia de andar enquanto observava as três pessoas que eu não via há anos se aproximando lentamente.

A mãe de minhas irmãs não olhou para mim.

Mas meu primo estava olhando. Ao lado dele, o homem que era metade responsável pela minha existência agia como se eu fosse invisível.

Fiquei lá e observei os dois.

Desejei que mais tarde pudesse ter olhado para trás naquele momento e ter sido a pessoa maior. Que poderia e teria desviado o olhar deles, enquanto o capelão ou o que quer que fosse que ele disse, palavras mais genéricas sobre uma mulher que

provavelmente nunca conheceu. Gostaria de ter me deixado focar na vovó Genie e nas poucas lembranças que tinha dela.

Mas não fiz nada parecido.

Enquanto o homem continuava, fiquei ali parada e me revezei encarando meu primo e o homem que minha certidão de nascimento dizia ser meu pai.

Meu primo basicamente rosnou.

Meu pai olhou através de mim com aqueles olhos verdes que via toda vez que olhava no espelho.

O braço de Rip roçou o meu algumas vezes, mas estava muito presa no meu próprio momento para me preocupar com o quão entediado ele deveria estar. Ou quão decepcionado poderia estar comigo em razão de estar relacionada com essas pessoas. Havia um milhão de outras coisas que ele poderia estar pensando, e nenhuma delas era boa.

Foi somente quando o capelão parou de falar e as outras trinta pessoas ao nosso redor se aproximaram do caixão com lembranças, que parei de olhar e dei um passo à frente para deixar cair a pequena foto de minhas irmãs no buraco.

Estava pronta para sair e não tinha nada a ver com as pessoas do outro lado do caixão.

Só queria voltar para casa, para o lugar que me fazia sentir segura, para as pessoas que me faziam sentir amada, para a vida que me fazia feliz — que jurei de agora em diante só me faria mais feliz.

Virando-se para encarar Rip, que parecia ter toda a sua atenção focada em mim, encontrei seus olhos e assenti.

Ele acenou de volta, seu olhar passando rapidamente por mim, e nós voltamos para a caminhonete, evitando velhas lápides e flores.

Felizmente, não tinha sido capaz de relaxar ou baixar a guarda, porque ouvi os passos apressados vindo e estava parcialmente esperando a mão que envolvia meu pulso, o aperto firme e doloroso e mesquinho, um segundo antes de me puxar.

Ou tentar.

Porque não deixei isso acontecer. Passei anos com Lenny na academia para saber como me defender. Foi assim que nos conhecemos. Ela havia ensinado um curso de autodefesa que eu havia feito. Então continuou me ensinando coisas depois que terminou. Então não me contive quando joguei meu cotovelo o mais forte que pude para trás, e em um movimento que a teria deixado orgulhosa, chutei minha perna direita para fora, sentindo a conexão com a perna esquerda. No segundo em que a pessoa atrás de mim tropeçou para frente, agarrei seu braço direito e o estendi em direção reta em uma chave de braço — um movimento de submissão que esticou seu cotovelo — seu cotovelo, eu conhecia bem, porque sabia quem era.

Foi o mesmo movimento que Lenny e eu tínhamos trabalhado uma e outra vez, tantas vezes, que tinha ficado doente e cansada de fazer isso. Tinha valido totalmente a pena, imaginei, porque por instinto tinha acabado de... chutar, como ele havia dito que seria.

—Que porra é essa! — a voz que não reconheci mais, assobiou.

—Não me toque, — falei para o meu primo enquanto olhava em seu rosto, apertando ainda mais meu aperto, sabendo que estava machucando-o e não dando uma única porcaria.

Tinha visto Rip fora da visão periférica parar e me virar, mas eu tinha isso.

Sempre tive isso. Mesmo quando era mais jovem. Porque talvez eu fosse uma Allen agora, mas tinha sido uma Miller, e ser uma menina, ser mais jovem, não significava nada. Tinha entrado em brigas com todos os garotos Miller da minha idade, até mesmo alguns que não eram da minha idade. Eles eram todos valentões e idiotas. Cada um deles.

Este especificamente tinha sido o primeiro que me derrubou. Ainda tinha uma pequena cicatriz na testa de uma dessas vezes. Quando olhei para a sua própria cicatriz na bochecha, pude ver a que lhe dei quando tinha 14 anos, na maçã do rosto, o mais forte que pude.

—Coloque suas mãos em mim novamente, e vou quebrar a sua mão, — disse a ele, falando sério.

Seu rosto, magro e oval, estava comprimido e com dor quando ele tentou empurrar o braço para longe, mas não havia como ele conseguir. —Deixe-me ir, sua puta do caralho.

Eu não era ele, lembrei quando finalmente o soltei, empurrando-o para longe ao mesmo tempo, de modo que o homem que era apenas alguns centímetros mais alto do que eu, tropeçou para trás.

Ele também parecia terrível. Podia ver a mancha em seus dentes, a magreza em suas bochechas e a descoloração em seus olhos.

Isso foi o que evitei. Isso foi o que minhas irmãs evitaram.

Graças a Deus. Graças a Deus.

Dei um passo para trás e só parei quando esbarrei na massa dura de um corpo que pertencia a Ripley. Suas mãos não me tocaram. Ele não fez nada além de estar lá.

Espero que ele tenha pelo menos dado aquele olhar ao meu primo, o mesmo que sabia muito bem que os caras da loja se viravam e se afastavam.

—Só vim aqui para a vovó Genie, — disse ao meu primo o mais calmamente que pude, embora não me sentisse tão calma. —Apenas me deixe em paz.

—Deixar você sozinha? — meu primo rosnou quando ele agarrou seu braço. —Você veio aqui. Você sabia o que diabos você estava fazendo. Nós dissemos a você para não voltar.

Ele estava certo.

Foi uma decisão mútua de certa forma.

Mas isso não mudou o fato de que ele poderia ter me deixado ir embora.

—Vim para o funeral. Não quero nenhum problema, — tentei dizer a ele, mas ele já estava balançando a cabeça antes mesmo de eu terminar a primeira frase. —Nunca vou voltar depois disso. —

Quase acrescentei ‘acredite em mim’ até o fim, mas sabia que seria inútil.

Honestamente, tinha uma ideia do que ele ia dizer antes que falasse, e meu primo nunca tinha sido o mais brilhante ou criativo da família. —Sua puta do caralho...

Minha mão se formou em um punho, pronta.

Mas senti isso então. As mãos nos meus ombros.

Ouvi isso então. A profundidade do resmungo do homem atrás de mim.

Então peguei em tudo que saía da boca de Rip, o estrondo de cada palavra se gravando em mim para o resto da minha vida.

—Você pode calar a porra da sua boca.

Então preendi a respiração novamente enquanto observava a calma dentro da voz de Ripley.

O que testemunhei, porém, foi como meu primo abriu a boca para dizer alguma coisa, depois fechou-a. Ele fez uma careta que dizia que não queria fazer isso, mas o fez e deu um passo para trás. E outro passo para trás, o rosnado em seu rosto crescendo enquanto recuava cada vez mais.

Mantendo a boca fechada o tempo todo.

Não foi até que ele estava a pelo menos vinte pés de distância que as mãos em meus ombros caíram.

Só então Rip deu um passo para trás.

No momento em que me virei para olhar para o guarda-costas que tive que usar o meu primeiro e único favor, suas mãos estavam no lenço ao redor de seu pescoço.

Ele estava apertando-o por algum motivo.

Suas bochechas estavam mais coradas do que qualquer outra vez que tinha visto, e os tendões em suas mãos estalavam com restrição.

E seu olhar... estava no chão, seus lábios finos.

Tinha feito isso. Estava bem. Era amada. Tenho uma casa. Tinha tudo o que queria e precisava e muito mais.

No entanto, saber tudo isso não impediu meu corpo de quebrar em um arrepio.

Talvez a adrenalina tenha desaparecido e me deixado chocada com a visão do que aconteceu com as pessoas que compartilhavam genes comigo. Talvez fosse a lembrança do que me restava. De quão desesperada eles me fizeram sentir que deixei a casa aos dezessete anos, sem saber o que ia fazer, sem saber onde moraria. De como estava com medo depois.

Mas principalmente, talvez apenas me sentisse sobrecarregada com o vazio que sentia por tanto tempo. De quanto queria que as coisas fossem diferentes. De quanto tinha sofrido de anseio por coisas que nunca tinha recebido.

Poderia ter sido qualquer uma dessas coisas e todas essas coisas.

Me senti solitária por tanto tempo, a lembrança de que minha irmãzinha estava finalmente me deixando, logo me atingiu como uma bola de demolição no peito.

Queria amor, e mesmo depois de todos esses anos, encontrei, mas não o tive.

Tinha quase vinte e sete anos e ainda estava procurando. Não parei de querer depois de todo esse tempo. Aqui estava eu, incapaz de abraçar minha irmã porque estava preocupada que não me recuperaria se ela não me deixasse. Porque tinha duas outras irmãs que me afastaram por raiva anos atrás, e nunca consegui superar isso. Isso foi quem me tornei por causa deles.

Eu os odiei.

Fiquei lá, e tudo que pude fazer foi respirar de tal forma que soava quase como um suspiro.

Nunca na minha vida fiz algo malicioso só por ser uma idiota. Tinha me sacrificado pelas minhas irmãs. Tinha batalhado por nós, dia após dia. Tentara ser uma pessoa boa e decente porque era quem queria ser.

E aqui estavam essas pessoas que me trataram como merda total em toda a minha infância, tentando fazer a mesma coisa depois de tanto tempo.

Eu os odiei. Odiei tanto que não consegui recuperar o fôlego. Não consegui pegar minha própria respiração por causa deles.

Se isso não fosse ruim o suficiente, me odiava também por deixar meu estúpido primo me pegar agora.

Não vi os olhos de Rip quando eles me cortaram, e não vi aquela expressão dura e áspera se transformar em uma que ainda estava dura, mas surpresa. Nunca veria a maneira como a cabeça dele recuava, o queixo abaixado e as narinas dilatadas.

—Luna...

Cerro os dentes quando as lágrimas borbulham em meus olhos de repente, mas me fiz olhar para ele. Não estava envergonhada. Não estava envergonhada com nada disso. Tudo isso apenas me deixava irritada.

Estava escolhendo ser feliz. Estava escolhendo ser feliz todos os dias pelo resto da minha vida, e nada e ninguém iria tirar isso de mim. De jeito nenhum.

Mas por que as coisas não poderiam ter sido diferentes?

—Você está bem? — Ele perguntou, ainda levando seu tempo com suas palavras, sua expressão parecendo uma mistura de horror e choque enquanto me observava.

—Sim. — Mordi minha bochecha e depois balancei a cabeça imediatamente. —Não.

Aqueles olhos cortados em algum lugar atrás de mim por uma fração de segundo antes de retornar ao meu rosto. Aquela expressão estrangeira desaparecendo naquela face que era minha favorita. Seu peito se expandiu com um grande fôlego, e ele estava totalmente sério quando perguntou: —Quer que eu vá lá fora?

—Sim.

Um de seus grandes pés se mexeu.

—Mas não faça isso. — Estendi a mão para limpar os meus olhos com as costas da minha mão, agradecida por ter usado rímel à prova d'água e colocar um spray fixação para maquiagem no rosto naquela manhã, só por precaução. Sabia melhor do que deixar isso chegar a mim. Sabia melhor. Estava melhor.

—Luna...

Limpei sob meus olhos com o dedo indicador e senti um arrepio passar por mim, violento e desconfortável, começando pelos meus ombros e descendo, e apenas... sugando. Apenas sugando, sugando, sugando. Teria sido realmente muito para pedir, para que as coisas fossem um pouco diferentes? Acabar de chegar a um funeral e passar por isso sem um lembrete do que tinha crescido e tentei o meu melhor para seguir em frente?

Sabia que tinha perdido a cabeça quando perguntei a ele em uma voz que não era totalmente firme: —Me dê um minuto, ok?

Ele nem sequer pensou nisso. —Certo.

Lambi meus lábios.

Quando era adolescente, eu me perguntava como as coisas teriam sido se minha mãe não tivesse morrido dando à luz a mim. Se ela fosse uma mãe melhor do que a única que cresci conhecendo. Me perguntei se talvez nosso pai fosse diferente.

Mas quando fiquei mais velha, percebi que as coisas poderiam ter sido piores.

Tinha que aceitar que nunca saberia o quão diferente as coisas poderiam ter sido.

Tudo o que pude fazer foi ficar parada e diminuir a respiração, inspirar e expirar.

—Apenas mais trinta segundos, — disse a ele, em silêncio, tentando ignorar a dor no meu peito.

Mas ele não escutou. Ele se moveu e, antes que percebesse, algo quente e pesado caiu sobre meus ombros e braços.

Era suas mãos cobrindo meus ombros, sobre o que tinha que ser seu paletó, e deslizou sobre meus braços, suas mãos moldando-se frouxamente sobre meus músculos e ossos. A pele das palmas das mãos e dos dedos finalmente pousou nos meus pulsos. Ele estava quente. Aquelas palmas continuaram se movendo para baixo até que estavam segurando minhas mãos. Seus dedos permaneceram lá. Segurando-os lá.

Então eles se afastaram.

Sempre soube que ele era realmente um homem decente.

Foi quando me forcei a dar um passo para trás. Respirar. Lá no cemitério, com a jaqueta de Ripley nos meus ombros, funguei e limpei meus olhos com o dedo mais uma vez, olhando para tudo e nada ao mesmo tempo.

Não foi tão difícil olhar para Rip quando limpei meus olhos novamente. Seu rosto estava de volta a essa expressão fria e distante. Nenhum significado. Nenhuma surpresa. Apenas... legal.

—Obrigada, — disse a ele em uma voz que estava honestamente orgulhosa. —Podemos ir agora?

Era apenas suas narinas que diziam que algo estava passando por seu cérebro porque suas feições não contavam nenhuma outra história.

As únicas palavras que nós compartilhamos durante as próximas três horas foram quando ele parou em um posto de gasolina e perguntou se eu queria algo rápido do tipo fast-food, mas apenas isso.

Quando ele parou na minha casa depois de tudo isso – o relógio em meu telefone dizia que eu tinha uma hora até que Lily chegasse em casa — estendi a mão e coloquei a minha mão sobre a dele, onde estava no volante. Não fazíamos mais do que acidentalmente roçar dedos em anos e, aqui, duas vezes por dia, havíamos feito mais do que isso. Estranho como coisas assim funcionavam.

—Obrigada, Rip. — Encontrei aqueles olhos azul-esverdeados e lhe disse: —Minha irmã está se formando no sábado. Se você quiser vir depois das seis, você é mais que bem-vindo. Nós vamos ter comida e bebidas e outras coisas.

Dei um aperto, apenas um, e depois me afastei.

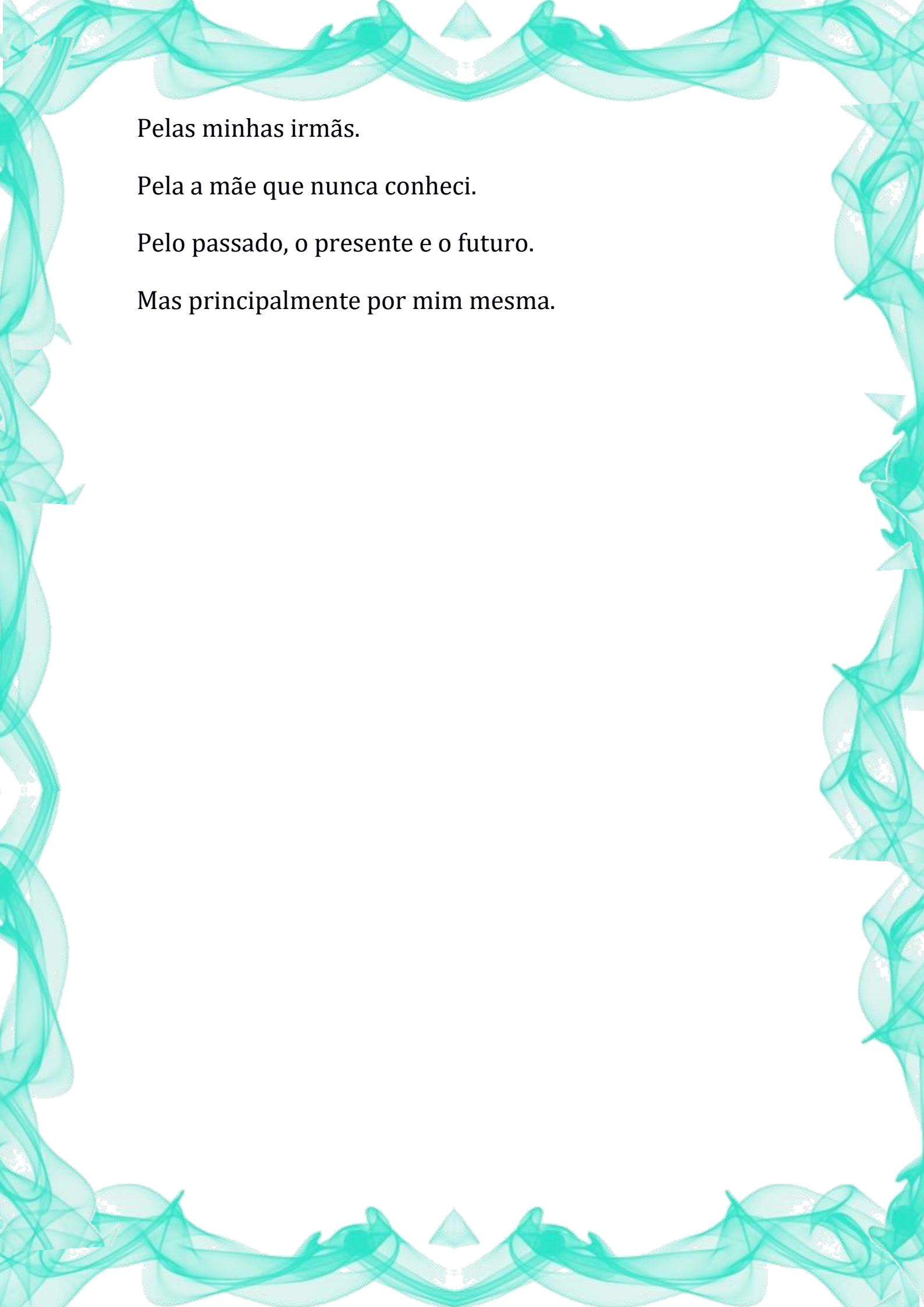
Abri a porta e deslizei para fora. Então, fechei a porta, dei um passo no meio-fio e levantei minha mão.

Ele não acenou de volta.

Mas esperou até eu abrir a porta da frente antes de partir.

Fui para o meu quarto, tirei minhas roupas e depois chorei.

Pela vovó Genie.



Pelas minhas irmãs.

Pela mãe que nunca conheci.

Pelo passado, o presente e o futuro.

Mas principalmente por mim mesma.

Capítulo 9

Enquanto eu não amo reuniões pelas manhãs de sexta-feira, não as odeio no mesmo nível que odeio cenouras cozidas.

Mas aquela sexta-feira pode ter sido a exceção.

O dia anterior tinha acabado de ser... não o melhor da minha vida, mas também não o pior. Mesmo depois de ter sido deixada em casa, não ficou muito melhor. Chorei, pelo que imagino, cerca de uma hora antes de limpar meu rosto e me lembrar de quantas coisas maravilhosas eu tinha.

No momento em que Lily entra na casa gritando —LUNA! — no alto de seus pulmões, como se estivesse esperando que eu não tivesse voltado para casa, meus olhos ainda estavam vermelhos e inchados.

Ela correu para o meu quarto e foi para dentro. Minha irmãzinha deu uma olhada em como estava, sentada na beira da minha cama, e se arrastou atrás de mim, envolvendo os braços a minha volta.

—Foi tão ruim assim? — ela perguntou.

—Em uma escala de 1 a 10. Poderia ter sido melhor, mas poderia também ter sido pior, — admiti para ela, colocando minhas mãos para descansar sobre os antebraços que cobriam meu pescoço.

Lily tinha acabado de me abraçar mais forte. —Você quer me dizer o que aconteceu?

—Eles estavam lá, — eu disse a ela vagamente. —Sua mãe ainda está drogada. Papai parece um inferno. Rudy agarrou meu pulso, mas o coloquei em uma chave de braço, e Rip praticamente ameaçou chutar sua bunda, e então ele me deixou em paz.

Minha amada irmãzinha beijou minha cabeça pelo menos cinco vezes antes de dizer: —Você deveria ter quebrado o braço dele.

—Eu sei.

—Chutou suas bolas?

—Duas vezes pelo menos.

—Cuspiu em seus olhos.

—O vinagre doeria mais, — tentei fazê-la rir, e fiz isso. Não foi uma grande gargalhada, mas foi algo.

—Estou feliz que Rip foi com você, — ela continuou, sua voz mais leve do que tinha sido um minuto antes.

—Eu também, — disse apoiada em seu antebraço, descansando meu queixo sobre ele.

Minha irmã me abraçou ainda mais perto. —Me diga o que o seu chefe gosta de comer, e farei isso por ele. Ele merece isso por ameaçar o estúpido Rudy.

Ela não sabia o que eu tinha feito e não tinha ideia de que basicamente havíamos feito esse arranjo por causa de um favor. Não

estava prestes a corrigi-la. Ela tinha o suficiente para se preocupar, então apenas assenti.

Sua mão esfregou minhas costas quando disse: —Vamos lá. Vamos para Red Lobster e aproveitar o desconto de meu emprego antes que ele acabe. Por minha conta.

Foi assim que acabamos indo para Red Lobster para um jantar mais cedo e depois ao cinema. Para manter minha mente longe das coisas, Lily alegou, e funcionou, pelo menos até eu tentar dormir. Então tudo voltou para mim. O jeito que meu pai me ignorou, como se eu estivesse morta para ele. O que meu primo fez. As cento e uma memórias que não me permiti pensar anos atrás.

Nada me ajudou a relaxar, e nada me manteve dormindo quando consegui cochilar. Deitei e virei a noite inteira, pensando em todas as coisas que deveria ter feito de forma diferente e todas as coisas que eu não teria feito de forma diferente.

Estava saudável. Tinha um lugar para morar e pessoas que se importavam comigo.

E encontrei um novo batom na minha gaveta de roupas íntimas que tinha esquecido completamente.

Lily e eu tivemos um bom tempo juntas.

Consegui sair para o trabalho antes que minha irmã saísse do quarto. Tinha esquecido tudo sobre o dia da semana e o que significava.

Havia nossas reuniões semanais e depois as reuniões mensais. As mensais eram uma vez a cada quatro semanas em que os

funcionários iriam, não apenas o sr. Cooper ou Ripley. Era a vez de todos os outros.

Eu as odiava.

Talvez tenha sido principalmente por causa do dia anterior, ou talvez porque preferiria estar no estande trabalhando em vez de sentar-se em uma cadeira na sala de descanso, ouvindo os caras reclamarem um do outro.

Porque é para isso que as reuniões eram: putaria. Muita e muita putaria. Odiava isso.

As reuniões eram um mal necessário, embora. Ao longo dos anos, tinha visto as coisas ficarem tão quentes entre os caras que as lutas irromperiam. Trabalhei em torno de tantos homens por tempo suficiente, que percebi que eles não poderiam simplesmente superar as coisas eventualmente. O problema era que, se alguém se envolvesse em uma briga, eles seriam demitidos.

Isso tinha acontecido antes e eu tinha certeza que ia acontecer de novo, com reuniões mensais ou não.

Então, por uma hora, talvez uma hora e meia, dependendo de quão estressados e chateados estavam os caras, eu apenas ficava sentada ali e olhava para o espaço, para que não fosse alertada por ter meus olhos fechados. Passei a maior parte da minha infância zoneada de pessoas discutindo; isso não era nada incomum para mim.

Nada além de chato.

E tedioso.

E honestamente um pouco doloroso.

Com exceção de Jason, eu realmente gostei de todos com quem trabalhei. Não conseguia entender por que eles não deixavam a porcaria.

—... E é besteira que estou preso fazendo todo o lixamento enquanto todo mundo finge que eles estão ocupados fazendo algo para que eles possam entrar e fazer o enchimento. O meu maldito braço também se cansa — murmurou Jason, do lado oposto da mesa, com os cotovelos nos joelhos, o rosto tão irritado quanto a voz dele.

Até eu revirei os olhos.

Foi Miguel quem jogou as mãos para o ar. —Você está mentindo...

O Sr. Cooper suspirou e se sentou ao meu lado. Eu não tinha chegado a dizer-lhe como o dia anterior tinha sido, mas ele me deu um abraço quando me sentei ao seu lado, então percebi que teve uma dica pela minha linguagem corporal, de que não havia sido ótimo.

Houve um gemido antes de Miguel continuar falando. —Você nem sempre faz todo o lixamento. Pare de exagerar.

Evitei fazer uma careta e deixei minhas pálpebras caírem.

—Parece que sim. Todo mundo precisa puxar seu peso e fazer o mesmo trabalho. Quero fazer o preenchimento do corpo também. Faço carroceria. Não apenas lixo. —

—E eu não apenas... — meu colega de trabalho continuou enquanto o abandonei para me concentrar no homem que segurou

minhas mãos e colocou o casaco em volta dos meus ombros não vinte e quatro horas antes.

Meus olhos se concentraram no pedaço de tatuagens no pescoço de Rip. Eu tinha trazido o café como se fosse normal naquela manhã, e ele me disse obrigado como se também fosse normal. Não havia nada que indicava que as coisas eram diferentes.

Isso me fez sentir muito melhor no dia anterior do que eu esperava.

Os caras balbuciaram por mais algum tempo, mas aproveitei o tempo para examinar minha lista mental do que precisava pegar na loja hoje para a formatura da Lily antes de ir para casa. Ela não queria balões porque entendia que desperdiçássemos hélio neles. Já tinha avisado para fazer uma reserva em um restaurante para um almoço tardio depois da cerimônia, mas sabia que haveria pelo menos algumas pessoas que voltariam para casa conosco. Então, precisava pegar alguns lanches para alimentá-los. Bebidas. Gelo. Salgadinhos...

. —.. passar esta semana no estande.

O estande? As palavras me tiraram da minha cabeça. Olhei para o Sr. Cooper, que tinha começado a falar em algum momento, e foquei no meu homem mais velho favorito.

—Você está bem com isso, Luna? — Seus olhos se focaram em mim como se não tivesse notado que eu não estava prestando atenção.

Merda.

—O que disse?

Sua expressão dizia que ele estava bem em se repetir. —Jason vai te ajudar no estande pelas próximas semanas, a partir de hoje.

Ah não.

Não, não, não, NÃO.

—Não estou muito atrasada com as coisas. — Sorri, pressionando minha mão contra meu estômago subconscientemente. —Se precisar de ajuda, sei que posso pedir. — Fiz questão de manter meus olhos no meu chefe e manter um sorriso no rosto.

—Nós conversamos sobre Jason treinando no estande, lembra?

Todos na sala se voltaram para olhar para Jason. Jason, o cara que propositalmente não terminava os projetos, então eu ficava presa fazendo isso. Jason, aquele que tem muito prazer quando me meto em encrenca. Jason, o idiota que havia traído minha irmãzinha.

Jason, o cara que sabia que eu tinha conhecimento de que ele não prestava e não gostava de mim desde então.

Ótimo.

Tudo o que consegui fazer foi acenar com a cabeça e deixar meu sorriso ficar apertado.

Não queria nem olhar para ele. Não gostava dele, que, definitivamente não gostava de mim, e a única maneira de trabalharmos juntos era dando um ao outro uma tonelada de espaço.

Espaço duplamente grande.

—Sei que você pode resolver suas coisas, mas não precisa ficar até mais tarde se conseguir ajuda e acabar com as coisas mais rápido, — continuou Cooper, dando-me um sorriso caloroso como se realmente achasse que estava me fazendo um favor.

Não precisei olhar para Jason para saber por que preferia ficar até a meia-noite do que receber ajuda dele.

O que houve comigo e esses idiotas na minha vida? Era como se Deus quisesse que conhecesse o melhor e o pior nos extremos. Não havia intermediários com alguém que conheci.

—Você está bem com isso, Jason? — O Sr. Cooper perguntou a ele.

Atrás de mim, o cara que honestamente não suportava disse: — Sim.

Sim.

Claro que isso aconteceria.

Sobrevivi ao funeral da minha avó ontem. Minha irmã estava se formando amanhã. Acho que poderia passar por isso também.

—Ótimo, — me encontrei resmungando.

Hoje ia ser um bom dia. De alguma forma.

* * *

Podia contar em uma mão o número de pessoas em minha vida que realmente odiei.

A maioria das pessoas que poderia tecnicamente chamar de minha família.

Honestamente, isso era muito bonito.

Odiar alguém para mim significava que, se precisassem de um transplante e eu fosse a única pessoa no mundo capaz de lhes dar o que precisavam, ainda não o faria.

Mas, provavelmente, daria um rim a um total estranho, se fossem gentis em me pedir.

Para mim, havia uma diferença entre não gostar de uma pessoa e odiá-la. Havia muitas pessoas de quem não gostava por uma razão ou outra — elas eram egoístas, malvadas, grosseiras e qualquer combinação de todas essas coisas. Mas se eles absolutamente precisassem de algo que eu tinha, as chances eram de que daria a eles. Talvez não sorriria como faço, mas faria o que precisava ser feito. Se fosse a coisa certa a fazer.

Conheci muitos idiotas na minha vida — era parente da maioria deles — mas Jason... Jason estava em uma liga própria.

E não era uma forma gentil de dizer.

Estava beliscando a ponta do meu nariz para que não ficasse tentada a beliscá-lo naquela tarde.

—Por que você fez isso? — Perguntei-lhe devagar, tentando ao máximo soar como Ripley, toda agradável e calma, embora não

sentisse nenhuma das emoções... Por dentro, o chutara nas bolas pelo menos quatro vezes nos últimos cinco minutos.

Talvez até vinte vezes.

A maneira como o inútil levantou os ombros como se não soubesse por que havia claramente ignorado as instruções que deixei para ele fazer enquanto estava no almoço, apenas me deixou mais irritada. As instruções não poderiam ter sido mais precisas.

Duas demãos de primer. Duas demãos de primer. Duas. Não uma. Duas.

E o que ele fez?

Uma demão.

E no tempo que levei para ir ao banheiro, conversei com o Sr. Cooper sobre o que havia acontecido no funeral, e para ele me dizer que ele tinha certeza de ter encontrado um substituto para o mecânico que saiu, Jason tinha ido em frente e começou a adicionar cor sem dar o primer tempo suficiente para secar. Nem tinha certeza de onde ele tirou a tinta.

Não foi nem um erro de novato. Foi um erro idiota.

Havia dito a ele, pelo menos cinco vezes, que precisávamos deixar o primer secar por, pelo menos, vinte e quatro horas depois da última demão. Não dez minutos. Especialmente não quando uma demão não tinha sido suficiente, em primeiro lugar.

Podia sentir minha pálpebra esquerda começar a se contorcer já. Respirei profundamente pelo nariz e depois deixei sair da minha

boca. Ele fez isso de propósito. Sabia que ele tinha feito errado de propósito. Apostaria minha vida nisso.

—Parece tudo bem, — tentou dizer, virando as costas para mim para saber quem diabos sabe o quê.

Meus olhos examinaram as rodas e o desconforto deslizou ao redor da gola da minha camisa. —Jason, precisava de duas.

—Mas isso não parece ruim.

Soprei ar em minhas bochechas e deixei que elas ficassem inchadas por um segundo enquanto tentava pensar sobre o que poderia — e deveria — dizer. —Esse não é o ponto, — disse o mais paciente que pude, antes de me agachar para olhar para as rodas que estavam em cima de um cobertor grosso. Não precisava de uma lanterna para ver que havia uma linha de cores irregulares ao longo do lado dela. Podia ver indícios de cinza sob o vermelho, facilmente. Queria dizer a ele que tinha estragado essa parte também, mas... tinha estragado o suficiente por apenas perder uma camada de primer em primeiro lugar. Tive a sensação de que ele não tinha sequer agitado a lata de tinta em primeiro lugar.

—Não conto, se você não contar, — meu novo assistente — e esperançosamente muito temporário — tentou dar uma risadinha.

Levantei-me e suspirei. Estava feito. Não havia nada que pudesse fazer agora. Não havia sentido em ficar chateada. Não ia lembrar daqui a dez anos, mas... —Tem que tirar tudo, e agora vamos ter que fazer tudo de novo, desde o começo, — disse a ele, esmagando seus sonhos.

Não precisava olhar para ele para saber que tinha que estar me dando uma cara de —você está brincando comigo. — Mas o que ele esperava?

Deveria ter dito algo ao Sr. Cooper no instante em que ele mencionou essa parceria.

Mas não fiz, e isso era minha culpa.

—E ele precisa secar corretamente, — expliquei, andando pelo outro lado das rodas e me inclinando para trás para pegar outra linha de cor irregular em toda a coisa. Ele estava trabalhando com pressa. É por isso que ficou tão ruim. Porque decidiu se apressar, porque decidiu fazer isso em primeiro lugar, estava além dos meus conhecimentos.

Todos nós tivemos que começar em algum lugar. Nós todos estragamos alguma coisa. Poderia manter isso em mente. Poderia lhe dar outra chance.

Só ia ser difícil quando toda vez que olhasse para ele, pensasse sobre todas as vezes no passado que tinha certeza que ele tinha tentado me atrapalhar.

—Depois que secar, vou ajudá-lo a fazer um pouco do lixamento, se eu tiver tempo, e você pode tentar fazer o primer novamente, — disse a ele.

Ele ficou boquiaberto. —Me ajudar a fazer um pouco do lixamento?

—Sim. — Olhei para ele para encontrá-lo fazendo uma careta para mim. —Vou te ajudar. Não posso abandonar minhas coisas

agora por causa disso. Se tiver uma chance, provavelmente poderei te ajudar.

Meu colega de trabalho piscou, e o homem que tinha vinte anos — velho demais para ser um bebê chorão — praticamente gritou. — Mas isso vai levar horas!

Duh. Eu dei a ele o mesmo encolher de ombros que me deu. Era culpa dele não ter lido as instruções ou decidido ignorá-las. Como era mesmo aquele ditado? É melhor pensar antes de agir?

—Sr. Cooper disse que deveria te ajudar no estande— — começou Jason, sua voz já indignada e surpresa.

Aqui vamos nós.

Assenti. —Isso é parte do processo.

—Mas e os caras da equipe? Por que eles não podem fazer isso? , — tentou perguntar.

—Porque eles já têm seu próprio trabalho a fazer. — Que ele sabia perfeitamente disso. —Eles já trabalharam nisso. Você pode perguntar se vão ajudar, se tiverem uma chance, mas geralmente eles estão mais ocupados do que eu, e não vou pedir por você. Se fosse a única que estragou tudo, não gostaria que ninguém soubesse. Faria tudo sozinha, mas cabe a você o que fazer.

Talvez mencionar que eu ficaria envergonhada se fosse ele não seja a coisa mais legal do mundo, mas...

Esse cara engravidou outra garota enquanto namorava minha irmã de dezoito anos. No tempo que ele trabalhou aqui, nunca tinha

ouvido nada sobre ele ter um filho ou filha. Mas isso não era da minha conta.

Não consegui encontrar em mim qualquer simpatia por ele. Para a outra garota? Com certeza. Mas o Jason? Nem um pouco.

—Mas... — ele começou a engasgar.

Realmente não estava nem perto de estar com vontade de lidar com ele. —Olhe, Jason, vá falar com o Sr. Cooper ou Rip sobre isso se você não quiser fazer. Tenho muitas coisas para fazer, não posso parar meu trabalho por você. Já estraguei tudo este mês e tive que confessar isso. Deixei instruções e elas não foram seguidas. Não estou fazendo isso por você. Ponto final. — Não vou me desculpar, amigo.

Jason, que era cerca de três centímetros mais alto que eu e em boa forma, engoliu em seco. Vi a fúria em seus olhos e não gostei disso. Nunca gostei. Foi por isso que dei a ele o máximo de espaço possível.

Mas... o Sr. Cooper, que nunca pediu nada, queria que eu trabalhasse com ele. Poderia fazer isso por ele. Eu faria.

—Não estou tentando ser uma idiota. Não posso ficar bem com você pulando dois passos importantes. Ficaria furiosa se pagasse milhares de dólares por uma pintura que não fosse feita corretamente. O Sr. Cooper também não ficaria bem com isso. Nós temos uma reputação, e não vou deixar isso voltar para mim. Me desculpe, mas você tem que fazer isso de novo.

Ele ainda estava me dando uma expressão de raiva e aqueles olhos redondos e mesquinhos.

Sr. Cooper, Sr. Cooper, Sr. Cooper. Eu poderia fazer isso pelo Sr. Cooper.

—Eu estraguei tudo antes também. Acontece— — acrescente, tentando fazê-lo se sentir melhor. —Está bem. Pode ser consertado. Não é grande coisa. — Nós não precisamos contar ao Rip, então ele deveria ser grato por isso.

Mas ele não era. —É muito trabalho para um pouquinho de merda...

Tudo bem, talvez o Sr. C acabasse me devendo se eu sobrevivesse a isso.

—Não é um pequeno erro. É um grande problema. Não quero mais discutir sobre isso, — disse a ele, tentando manter minha voz calma e minha expressão leve e não é como se tivesse acabado de chutá-lo nas bolas vinte e uma vezes na minha cabeça. —Vamos sair daqui e entrar na sala para que você possa começar, e posso continuar meu trabalho. Preciso terminar esse capô mais cedo possível, e ainda tenho que gravar as linhas.

Ele não se mexeu e não respondeu. Tudo o que fez foi continuar me dando aquele olhar feio que já tinha visto muitas vezes por pessoas muito melhores em fazer isso.

Ah, bem louco isso. Apontei para as rodas. —Vamos fazer agora.

Sua mandíbula se apertou, mas ele assentiu depois de um momento, e foi só por causa disso que virei as costas para a direção das grandes portas duplas que ocupavam quase uma parede inteira da cabine. Elas tinham que ser grandes o suficiente para carros inteiros entrarem facilmente.

E foi no segundo que virei as costas que ouvi um resmungo: — Foda-se cadela.

Talvez se ele fosse um adolescente, poderia ter deixado passar.

Se não fosse sempre um idiota para mim, poderia ter deixado passar.

Se não soubesse que era um mentiroso e um trapaceiro, poderia ter deixado passar.

Mas esse não era o caso.

Virei-me devagar, decidindo se ia ou não contar ao sr. Cooper depois, quando a porta que ligava o meu estande ao resto da instalação se abriu. Por ela apareceu o rosto bonito que tinha sido muito legal para mim, menos de vinte e quatro horas atrás.

... e mais uma pessoa que tinha uma pequena ideia da bagunça da qual eu tinha vindo. Mas ele nunca diria nada a ninguém. Não contaria ao resto dos caras da loja quem era meu pai ou que esteve na cadeia.

Mas ninguém sabia que isso aconteceu por minha causa.

Rip segurou a pesada porta aberta com um ombro, os macacões abotoados até o topo. Seu rosto não refletia que ele pensava diferente de mim. —Luna, você se importa de ficar esta noite e me ajudar com o GTO que encontramos no leilão? — Ele perguntou da mesma forma que pediu duzentas outras vezes no passado.

Deveria ter dito não. Depois de lidar com Jason, só queria ir para casa. Queria me livrar de quão frustrada ele já tinha me

deixado. Além disso, realmente tinha coisas que precisava comprar para amanhã.

Mas ainda balancei a cabeça.

É para isso que servem as lojas de vinte e quatro horas.

—Só preciso de você por algumas horas. Quero que ele seja feito o mais rápido possível, — continuou, seu olhar deslizou para Jason e descansou lá por um momento.

Perguntei-me se ele podia sentir a vibração preguiçosa e dor na bunda saindo dele também, mas Jason tinha trabalhado no chão tempo suficiente para que, aposto, fizesse o suficiente para não ser perceptível. Caso contrário... bem, caso contrário, imaginei que Rip o teria demitido.

—Claro, — respondi.

—'Okay, — ele respondeu. Seu olhar permaneceu no outro homem, mas poderia dizer que o entalhe entre as sobrancelhas se formou. Talvez ele realmente pudesse sentir isso também. —Tudo bem?

Não, mas eu disse: —Sim.

Rip virou esse olhar para mim.

Dei a ele um sorriso que, se me conhecesse um pouco melhor, teria percebido.

—Deixe-me saber se alguma coisa estiver acontecendo, — Rip disse em uma voz que estava muito calma.

Deixe-o saber se algo estava acontecendo? Poderia saber que eu estava a segundos de colocar essa pessoa na minha lista permanente de ódio? Estava literalmente pensando em enviar Jason para o Sr. Cooper, mas mesmo para mim, contar sobre ele para Rip parecia um pouco duro.

Não estava de mau humor.

Esperei até que Rip estivesse fora do estande antes de voltar minha atenção para o imbecil que estaria presa no futuro próximo.

Amo meu trabalho. Amo as pessoas aqui. Tinha muita sorte.

Mas ainda não suportava essa hemorroida humana. —Bem, vamos pegar as rodas para que você possa começar.

* * *

—Rip? — Chamei mais tarde naquele dia enquanto olhava para uma pequena parte de um painel do GTO. Havia chumbo nele, mas não tinha certeza se queria que eu queimasse — o que não queria fazer – se ele fosse fazer isso.

Não tive resposta.

—Rip?

Nada.

Onde ele estava?

Juraria que o tinha visto há menos de dez minutos; o celular dele apitou, mas não o vi saindo. Não precisava olhar para o relógio

digital na parede para saber que eram quase oito horas. Queria chegar em casa. Tudo doía hoje. Estava cansada. Exausta, honestamente.

Mas primeiro, realmente precisava perguntar a Rip sobre o carro, e o outro funcionário, que esteve aqui até uma hora atrás, tinha ido embora. Ele queria jantar com a família e não o culpava. Eu disse a ele para ir.

—Rip? — Chamei novamente, desta vez ainda mais alto.

Escutei, mas não havia nada. Nem um barulho. Nem uma voz. Nada.

Onde diabos ele estava?

De pé, com uma mão indo para a base da minha coluna porque doía o tempo todo, gritei ainda mais alto e mais irritante, — Ripppppp?

Minha voz ecoou na grande sala principal, me fazendo sorrir.

— Rip? — Chamei novamente, mas ainda nada.

Não demorei mais que alguns minutos para subir as escadas e conferir seu escritório e a sala de descanso. Então só levei mais alguns minutos para ir ao meu estande, mas ele também não estava lá. Abri a porta e chamei por ele no banheiro, ainda não me deu uma resposta.

Ele não teria me deixado aqui sem dizer uma palavra.

Pelo menos ele nunca fez isso antes. Não me dava um abraço e um beijo de despedida no final do dia, quando estávamos

trabalhando juntos, mas nunca saiu primeiro. Duvidava que começasse agora.

Tentando adivinhar onde mais ele estaria, imaginei que talvez estivesse do lado de fora. Minha parte inferior das costas se contraiu enquanto me dirigia para a porta dos fundos e lentamente a abri, tentando ouvi-lo. A cerca e o portão ao redor do prédio mantinham as pessoas que não deveriam ficar por perto, afastadas daqui, mas se alguém realmente quisesse invadir, poderiam pular a cerca. A loja tinha holofotes automáticos e câmeras de segurança ao redor do prédio que eram acionados com qualquer movimento, depois das seis da tarde.

Mal abri a porta quando ouvi sua voz baixa.. —.. não é disso que estou falando.

Hesitei por um segundo, não tenho certeza se deveria esperar até que ele desligasse o telefone, mas... era trabalho.

Fechando a porta atrás de mim, mais silenciosamente do que precisava, para ser honesta, segui de onde a voz dele estava vindo. O estacionamento estava quase vazio, exceto por um punhado de carros de clientes esperando para serem recolhidos, três máquinas que estavam na lista para restaurações, meu carro e sua caminhonete.

—Shorty disse que eles te trouxeram. Tudo o que estou dizendo é o que ele disse para mim, certo? — Uma voz desconhecida falou, me fazendo parar.

Ele não estava sozinho.

Eu devo...?

—Por quê? Paguei meu caminho para fora. Estou fora. Eu estou fora. Não há uma razão para qualquer um deles me fazerem voltar, — Rip respondeu, confirmando que não estava imaginando sua voz começando a aumentar.

—Cara, eu não sei. Não quero nada com isso também. Tenho uma vida agora. Uma vida real. Tenho uma criança a caminho; não quero um pedaço disso, — o homem desconhecido falou. —Sabia que essa merda iria explodir em seus rostos. Eles estão ficando desesperados, aposto. Não é como se tivessem tantos aliados.

—É claro que sabíamos que isso ia acontecer. Eles também saberiam se estivessem prestando atenção. Mas isso não importa, porque não tem como saber onde diabos estou. Nenhum deles sabia meu nome. Eles conhecem o seu?

—Não. Por que saberiam? Não é como se tivéssemos preenchido os formulários do Imposto de renda. Shorty é o único que meio que sabe que ainda estou por perto, e isso é só porque ele é o único que tem algum negócio comigo. Não o vejo desde que saímos. A única razão pela qual ele ligou hoje, foi para me dizer o que ouviu. Avisar-nos no caso de alguém tentar nos perguntar sobre a volta, eu acho.

Houve um silêncio tenso que pareceu durar mais do que os dois segundos que realmente aconteceu. —Eu não vou voltar.

—Eu também não vou voltar. Parei— — o estranho falou calmamente.

Rip suspirou alto o suficiente para eu ouvir. Então ele disse: — Eu sou muito velho para essa merda. Liam é muito velho para essa

merda. Tenho uma coisa boa aqui, não vou estragar tudo, brincando com esses idiotas novamente.

—Parece que sim, — o estranho respondeu com uma risada calma. —Não admira que você fosse tão bom em consertar a merda, cara.

O —uh-huh— me fez dar um passo para trás. —Porra, cara. Eu não preciso de nenhum tipo de merda voltando aqui.

—Não deveria, — o homem tentou assegurar-lhe. —Não sei por que eles mencionaram você depois desse tempo, mas Shorty vai me avisar se mais alguma coisa acontecer.

—Espero que sim. — Rip continuou falando, —Estava em San Antônio ontem, mas ninguém me viu. Mesmo que tenham, isso não significa nada.

Houve silêncio, então: —Que porra você estava fazendo lá?

Outra pausa. —Nada. Estava lá por algumas horas. Não se preocupe com isso.

—Você tem certeza que ninguém viu você?

—Tenho certeza.

Mas eu podia ouvir o engate na voz de Ripley. Soou diferente do que o habitual, só um pouco, apenas o suficiente para saber que havia algo grande fora do que ele disse.

Ele estava mentindo? Quem poderia tê-lo visto em Santo Antônio que ele não queria ver? Ou ser visto por alguém?

Nunca quis ver minha família. Não era de falar, mas...

Dei dois passos para trás. Então peguei mais alguns que me levaram até a porta. Fiquei quieta abrindo-a e fiquei ainda mais quieta fechando-a atrás de mim quando voltei para dentro do prédio.

Rip pagou a si mesmo o que? O que diabos estava lá para ser pago? E por que ambos estavam preocupados em serem encontrados e serem puxados de volta para alguma coisa? O que estava lá para ser puxado de volta? E por que as pessoas não sabiam seu nome verdadeiro? Quem não tem um nome real em primeiro lugar? Em que situação seria possível não ter um nome real? E ele não queria ser visto em San Antônio?

O que diabos Rip estava fazendo antes de vir aqui?

Não conseguia nem lembrar de caminhar de volta para a sala principal do prédio. Não conseguia me lembrar de me agachar para sentar-me ao lado do carro em que estávamos trabalhando. Tudo que sabia era que da próxima vez que prestei atenção, estava lá, tentando descobrir o que Rip estava tentando evitar de voltar para ele.

Ele esteve na cadeia? Estava foragido? Ele fez algo... ruim?

Tinha mentido para ele antes, mas meu instinto havia dito na época, como naquele momento, que não havia nada para me preocupar. Nada que possa ser ruim.

Não é tão ruim assim, pelo menos.

Ele não tinha o temperamento mais paciente, mas nunca foi remotamente violento. Suas expectativas eram tão altas que não podia vê-lo sendo um trapaceiro. Ele era rude, mas era praticamente justo.

—Luna? — a voz profunda que poderia ter reconhecido em qualquer lugar chamou de perto.

—Estou aqui! — Gritei de volta, levantando-me quando apresentei o que esperava que fosse um sorriso na minha boca.

Ele já estava a quatro metros de distância, uma expressão confusa ainda em suas feições quando levantei minha cabeça. Então essa expressão foi embora e entrou o mais próximo de uma expressão descontraída que achava que ele era capaz de assumir naquele rosto duro. —Tudo certo? — ele perguntou, vindo em minha direção.

Eu ainda estava sorrindo para ele enquanto disse: —Sim. Acabei de ter uma câimbra nas costas.

Ele não parecia que acreditava totalmente em mim.

Então decidi que precisava mudar o assunto. —Há algum chumbo que precisa ser cuidado, mas estava esperando que você pudesse lidar com isso? Eu posso fazer isso, mas você provavelmente fará um trabalho melhor. — Forcei um sorriso. — Não estou dizendo isso para fugir do trabalho ou qualquer outra coisa, mas... eu prefiro não o fazer, se não precisar.

Por mais duro que ele fosse, não parecia nem um pouco decepcionado comigo tentando praticamente me livrar disso. — Mostre-me.

Felizmente, já estava agachada perto de onde o lugar estava, caso contrário... Bem, não sabia o que teria feito, mas teria que mentir melhor sobre alguma coisa. Agachando-se ao meu lado, mostrei-lhe do que estava falando.

—Sim, — ele confirmou o que eu já sabia. —Eu cuidarei disso. Não se preocupe.

Foi o que imaginei. Dei-lhe um sorrisinho mesmo enquanto meu coração corria pelas palavras que meu cérebro ainda estava preso. Pagou seu caminho para fora. Nome real. Demasiado velho para alguma merda.

O que tudo isso significava, não tinha ideia.

Mas meus olhos se desviaram para o colarinho de sua camisa de compressão e ficaram lá mais tempo do que deveriam.

—Você está bem? — ele perguntou aleatoriamente.

Naquele momento, meu sorriso era genuíno quando assenti.

—Ok? — Rip chegou até a perguntar.

—Sim, — disse a ele. —Eu só estou cansada é tudo. Dormi como lixo ontem à noite.

Aqueles olhos azul-esverdeados me observavam, e percebi que ele tinha uma ideia decente do porquê de ter sido esse o caso. Com a mesma rapidez, seus olhos se voltaram para o relógio gigante na parede. —Vá para casa. Faço isso, e então vou sair também. Já fizemos o suficiente.

Olhei para ele, empurrando as palavras que eu tinha ouvido em sua boca minutos antes fora da minha cabeça. —Você tem certeza?

Foi a vez dele de concordar.

—OK. Eu estava... — Meu telefone tocou no bolso de trás das minhas calças, puxei e olhei para a tela. Então enfiei de volta no meu bolso.

Seu olhar seguiu minha mão, e seu rosto estava suave quando ele levantou o queixo, sua sobrancelha indo na mesma direção. — Você não vai atender?

—Não.

Os cantos de sua boca se moviam talvez um milímetro.

—Minhas irmãs me ligaram nas últimas duas horas, apesar de saberem que estou aqui, — expliquei. —Elas chegaram a Houston mais cedo e... — Eu me interrompi, percebendo o que estava fazendo. Este não era o meu outro colega de trabalho que falava sobre minha família. Acenei minha mão na minha frente e balancei a cabeça. —De qualquer forma, acho que vou indo, se você não precisar mais de mim.

A pequena carranca de Rip não tinha ido a lugar algum, mas ele assentiu.

Dei um passo para trás, pronta para me afastar. —Se você quiser vir até a minha casa amanhã, enfim, não vou deixar ninguém te incomodar muito também, — ofereci a ele, sabendo que não iria se comprometer. —Se não, te vejo na segunda. Tenha um bom fim de semana.

Pelo menos o convidei, como sempre fiz.

—Luna, — ele gritou antes de eu dar outro passo.

Parei, meio que esperando que ele me dissesse que havia algo mais que precisava. —Sim?

Meu chefe estava lá, com as mãos nos quadris, observando-me com aquele olhar que nunca entendi completamente.

Eu sorri para ele. —Você está bem, chefe?

Eu assisti seu corpo inteiro expirar antes de sua boca se contorcer e ele disse naquela voz baixa e resmungando: —Decida o que você quer como um favor.

—Como assim?

A próxima expressão que ele me deu, eu entendi. Era a sua expressão Luna não seja uma idiota. Então ele repetiu.

E mesmo depois de se repetir, não tinha ideia do que diabos ele estava falando. Então, perguntei mais uma vez. —Não entendo o favor que você quer que eu decida, — disse, lentamente, como se fosse ele que não estava entendendo o que ele estava dizendo.

Porque esse era o caso exato.

Eu tinha usado isso ontem. Ele não era exatamente nenhum jovem mais, mas não era tão esquecido também.

Passando os olhos com a parte carnuda da palma da mão, ele suspirou meu nome. —Decida um novo favor.

—Que novo favor?

Rip esfregou o rosto novamente, sacudindo a cabeça enquanto ele fazia isso. —Seu outro não contou. Escolha algo novo.

É... o que?

Ele deve ter lido a pergunta no meu rosto porque Ripley murmurou: —Luna, aquele favor não conta. Peça outra coisa.

Uma lembrança de Rip vindo atrás de mim, de dizer ao meu primo para calar a boca, encheu meu cérebro. O alívio disso ainda poderia encher minha boca. Mas nunca poderia tirar vantagem dele. Nunca iria querer isso em primeiro lugar. —Rip, nunca quis o favor. Você não me deve nada.

O homem bonito e estonteante deixou cair as mãos.

—Eu não preciso de um novo favor. Você fez mais do que poderia ter pedido. Isso era o que queria.

Ele me deu aquele olhar de laser que eu amava e odiava ao mesmo tempo. —Não me importo, — tentou me dizer que não estamos falando mais desse ponto.

—Rip...

Ele me deu novamente aquele olhar de Luna não seja idiota. — Não conta.

—Mas não quero mais nada.

—E não quero te dever uma merda, Luna, — ele insistiu, observando-me de perto. —Algo mais, tudo bem? Você pode inventar alguma coisa.

Abri minha boca, mas senti meus olhos se estreitarem. — Ripley, não quero que você me deva nada. Foi uma coisa que disse para você. Isso é tudo.

A mão dele subiu para puxar a gola da camisa, mostrando-me o crânio ali. Sua respiração era profunda. — Eu estou dizendo a você como vai ser. Escolha outra coisa como favor. Eu ter ido com você para esse funeral não foi como um favor. — Ele me alfinetou com um olhar que quase poderia ter me tirado o fôlego. — Isso não foi nada. Me entende?

Claro que ele achava que não era nada. Ele que não entendeu. — Não foi apenas nada para mim, — disse a ele em voz baixa.

Meu chefe, esse homem parado na minha frente, não disse uma palavra. Ele não se mexeu. Não se contorceu. Não recuou.

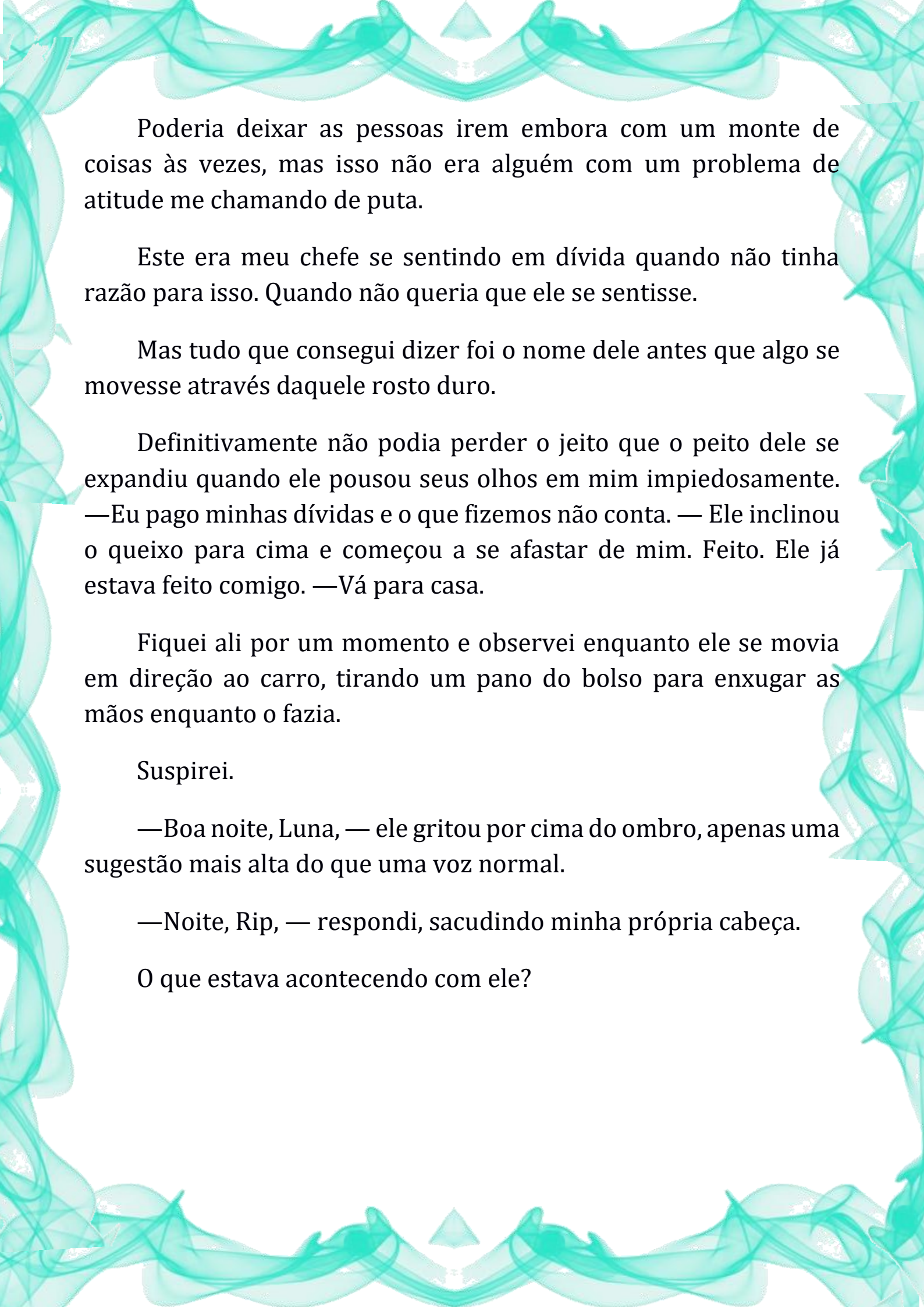
Não discuti.

Apenas olhou para mim.

E tudo que eu podia fazer era dar-lhe um sorriso frágil de volta para mostrar a ele que tinha sido mais que suficiente. Não queria que sentisse que me devia. Não fazia isso.

— Não conta, Luna. Não hoje, não amanhã. Escolha outra coisa ou eu vou. Você me compreende? , — ele me perguntou naquela voz calma, fria e firme, me perfurando com aquele olhar inabalável.

Foi a minha vez de olhar. Minha vez de assisti-lo. Porque conhecia aquele tom e essa voz e o que isso significava.



Poderia deixar as pessoas irem embora com um monte de coisas às vezes, mas isso não era alguém com um problema de atitude me chamando de puta.

Este era meu chefe se sentindo em dívida quando não tinha razão para isso. Quando não queria que ele se sentisse.

Mas tudo que consegui dizer foi o nome dele antes que algo se movesse através daquele rosto duro.

Definitivamente não podia perder o jeito que o peito dele se expandiu quando ele pousou seus olhos em mim impiedosamente. —Eu pago minhas dívidas e o que fizemos não conta. — Ele inclinou o queixo para cima e começou a se afastar de mim. Feito. Ele já estava feito comigo. —Vá para casa.

Fiquei ali por um momento e observei enquanto ele se movia em direção ao carro, tirando um pano do bolso para enxugar as mãos enquanto o fazia.

Suspirei.

—Boa noite, Luna, — ele gritou por cima do ombro, apenas uma sugestão mais alta do que uma voz normal.

—Noite, Rip, — respondi, sacudindo minha própria cabeça.

O que estava acontecendo com ele?

Capítulo 10

—Olha para ela. Parece que ontem mesmo estávamos falando se deveria começar a usar absorventes ou tampões, — minha melhor amiga disse com um suspiro do seu lugar ao meu lado.

Não poderia deixar de observar como olhei para baixo da mesa na mesma direção, contemplando Lily, cercada por um punhado de seus amigos e nossas duas irmãs. Aparentemente, aos vinte e seis anos, estava velha demais para me sentar naquele restaurante que havia reservado meses atrás. No meu meio, havia eu, minha melhor amiga Lenny, seu avô, o melhor amigo de seu avô, o sr. Cooper e Lydia — a grande família que tínhamos feito desde que saí de San Antônio.

Estava me sentindo bastante melancólica o dia todo, e isso piorou quando minha irmã atravessou o palco na arena gigante onde a formatura do ensino médio foi realizada. Eu amo todas as minhas irmãs, mas Lily... Lily era o bebê. Ela era a melhor de todas nós.

Estava feliz por ela, mas ainda me fazia triste que minha irmã estivesse crescendo.

Felizmente, Lenny tinha colocado uma buzina na arena apesar de ter passado pela segurança de alguma forma — não tinha certeza de como, mas ia perguntar depois — e no minuto em que aquela coisa começou a acontecer, deu a todos dentro de cem pés, uma dor de ouvido. Não fui capaz de ajudar, mas me senti alegre, apenas feliz e orgulhosa.

Minha irmãzinha havia se formado no ensino médio e, como nossas outras irmãs, entre os 10% melhores de sua turma, com uma bolsa de três quartos para uma universidade pública em Lubbock.

Aquele pensamento especialmente fez meu peito encher de orgulho quando a vi se inclinar para trás em sua cadeira e rir muito de algo que alguém próximo a ela havia dito.

—Não me lembre. Consegui não chorar e quero continuar assim, — disse à minha amiga mais próxima.

Elena DeMaio, ou Len ou Lenny como todos a chamavam, riu e virou o olhar para minha direção. Com um vestido de algodão abotoado que ela tinha pegado emprestado comigo porque ainda não conseguia levantar um dos braços sobre a cabeça, depois de uma cirurgia que fizera há dois meses, quase parecia gentil com sua tipoia. Quase.

Mas todos nós sabíamos que ela não era, e nós a amamos por isso de qualquer maneira.

Ela era uma das minhas pessoas favoritas em todo o mundo, e eu não tinha ideia de porque essa menina, três vezes campeã nacional de Judô e ex-campeã mundial, me escolheu em uma aula de autodefesa que estava ensinando e decidiu fazer-me sua amiga há oito anos atrás. Lenny tinha literalmente se aproximado de mim enquanto eu estava enxugando o suor e perguntou: —Você quer comer alguma coisa? — Talvez ela tivesse visto a solidão em meus olhos, porque eu estava muito solitária naquela época, ou talvez tivesse ficado entediada, mas ir, tinha sido uma das melhores decisões que já tinha tomado.

Por causa dela, adicionei mais pessoas à minha família — seu avô e seu melhor amigo. Chegar a olhar para os caras quentes em sua academia foi um bom bônus também.

—Você nunca mais me mandou uma mensagem , — Lenny decidiu mudar de assunto, em vez de me lembrar que eu tinha um motivo para ficar um pouco triste. —Como foi lá? Você viu você sabe quem?

Eu olhei para minhas irmãs em volta da mesa e me certifiquei de que o Sr. Cooper estava no meio de uma conversa e não escutando.

Puxando um fio azul do meu vestido, enruguei meu nariz e sussurrei: —Sim, pretendia ligar para você, mas passei o resto do dia com Lily e trabalhei o dia todo ontem.

Ela se inclinou para frente. —E?

Mudei meu olhar de volta para minhas irmãs em volta da mesa. —Vamos apenas dizer que fui toda ninja no meu primo e seu cotovelo vai doer por um tempo.

Ela me deu um soco. Literalmente me deu um soco no ombro, e não me incomodei em fingir que não doeu, mas doeu. —Você não fez!

Esfregando meu braço, assenti. —Sim. Rip ameaçou chutar sua bunda e foi o fim disso. — Eu estremei. —Droga, Lenny, você precisa manter sua força de Amazona para si mesmo. Isso machuca.

Lenny revirou os olhos e afastou minha dor. —Isso é tudo o que aconteceu?

Dei de ombros e olhei para o Sr. Cooper novamente. Eu tinha deixado essa parte da história quando disse a ele. —Sim, basicamente. Meu pai parece uma merda, e a mãe das garotas parece ainda pior. Tenho certeza que está usando metanfetamina agora. Pelo menos é o que parece. Não vou precisar vê-los nunca mais. — Sorri e tentei dar a ela um entusiasmo —Yay.

Ela não ‘gritou’ ou murmurou uma palavra, e isso dizia tudo.

Ao meu lado, o Sr. Cooper estava no meio de uma conversa com o amigo do avô de Lenny. Do outro lado de Lenny, Lydia estavam conversando com o vovô Gus. Estávamos todos familiarizados um com o outro. A maioria de nós tinha jantado juntos no Dia de Ação de Graças quando todos estavam na cidade.

Eles eram tudo que sempre quis.

Ao meu lado, Lenny suspirou e eu tive que olhar para ela.

—Por que esse suspiro?

—Nenhuma razão, — ela mentiu.

Eu fiz uma careta para ela.

Era impossível perder o jeito que ela dava de ombros, o que não estava em uma tipoia. —Você me fez pensar de como eu era quando pequena, costumava chorar sobre o quanto queria que minha mãe ficasse por perto, e como provavelmente tive sorte de que ela não tivesse. — Ela não precisava dizer o que suas palavras realmente significavam. Eu entendia.

Ela poderia ter uma família como a minha. Poderia ter acabado com o meu pai. Ou como a pessoa que eu chamei de mamãe por

muito tempo. Ou meu irmão, que não foi necessariamente ruim, mas nunca foi bom também. Ou qualquer outro dos Millers.

Lenny tinha ouvido pedaços da história suficientes para saber que eu não teria desejado a ninguém.

Quando olhei para a mesa novamente onde minhas três irmãs, que tinha batido minha bunda por todos os dias durante anos, esta pequena parte de mim chorou silenciosamente, que eu não tivesse tido as mesmas oportunidades que elas. Era egoísta e sabia disso, mas também sabia mais do que qualquer coisa que, se fosse preciso, nunca trocaria de posição com nenhuma delas. Nunca.

Eu não pude evitar as palavras que sussurrei para a minha melhor amiga enquanto pensava em como nunca tinha experimentado tantas coisas que outras pessoas tinham como garantidas. Pelo menos tinha conseguido um jantar no dia em que meu diploma GED entrou. Sr. Cooper e Lydia e me levaram para este mesmo restaurante para comemorar aquele dia.

—Eu costumava dizer a mim mesma que tinha sido trocada no nascimento com outra pessoa e meus pais estavam criando outra criança que deveria ser eu, — disse à Lenny em voz baixa, mantendo o olhar em volta da mesa sobre as duas loiras e a outra de cabelos castanhos claros. —Eu pensava nela levando-as para a Disney e para as aulas de balé e jantando em torno de uma mesa todas as noites... e como ela provavelmente estava super feliz.

E no começo, eu queria chorar, pensando em como ela teve sorte e como não tive, e um dia, depois que meu pai agarrou meu braço com tanta força que pensei que ele tinha quebrado em seu estado de embriaguez... pensei sobre como estava feliz por ela ter

conseguido os melhores pais porque pelo menos uma de nós poderia ser feliz. Talvez ela — aquela garota — não fosse capaz de lidar com eles. Mas eu poderia lidar com eles, quero dizer, então funcionou melhor para todos.

Pressionei meus lábios enquanto inclinei minha cabeça para trás e olhei para o teto. Não porque não queria que Lenny me visse chorar — ela já tinha visto muitas vezes no passado , — mas porque não queria nem mesmo olhar para mim mesma naquele momento. Não queria lembrar que era a mesma pessoa que sonhara com essas coisas. Uma parte de mim provavelmente odiaria que tivesse que fazer isso, e era inútil e idiota porque tinha superado.

Mas ainda doía.

Quando você quer sobreviver, seu corpo e seu cérebro se convencerão de qualquer coisa.

Gostaria de ter protegido a pequena Luna de tudo isso. Poderia ter parado o — foda-se Luna , — e o — Por que você está sempre me incomodando? — e —você não tem outro lugar para estar? — e — Sua merda estúpida — e —Deixe-me em paz, — quando tudo o que eu queria era atenção ou carinho do meu pai ou a única mãe que fisicamente conhecia. Poderia ter parado todas as vezes que meu pai me chamara de inútil e me disse que amaldiçoava o fato de ter sido eu quem sobreviveu em vez da minha mãe biológica. Poderia ter ensurdecido os ouvidos da pequena Luna ao ouvir todos os argumentos e as lutas que não tinham nada a ver com ela, mas a comiam do mesmo jeito.

Lamentei isso.

Lamentei por aquela garota tanto, que não posso colocar em palavras.

Chupei meu lábio inferior na minha boca e pisquei.

Agarrei esse conhecimento no fundo do meu coração que era melhor tarde do que nunca. Eu era amada, tinha uma casa, tinha dinheiro e agora um emprego. Estava segura. Estava feliz. Tinha muito mais do que poderia merecer — muito mais do que as pessoas que deveriam me amar teriam desejado alguma vez para mim.

Empacotei esses pensamentos, moldando-os no tamanho de uma bola de basquete, e arremessei em uma rede imaginária longe, longe de mim.

Eu estava aqui. Estava bem. Foi um dia lindo, e estava perto de pessoas que me davam mais amor e felicidade em um mês do que tinha por dezessete anos.

Nunca teria que ver esses idiotas novamente.

E hoje ia ser um bom dia, droga.

Então juntei tudo e finalmente olhei de volta para a minha melhor amiga e perguntei: —Eu te disse que roubei um vidro de colírio uma vez porque queria colocar algumas gotas no café do meu pai, mas sempre fiquei apavorada?

Lenny riu. —Não. Psicopata. Eu te disse que uma vez pedi ao Papai Noel para trazer minha mãe de volta?

Fiz uma careta. —Isso é triste, Lenny. — Pisquei. —Eu praticamente fiz a mesma coisa.

—Uh-huh.

Eu levantei minhas sobrancelhas para ela. —Eu já disse a você que queria ter dez filhos quando era mais jovem?

A risada que saiu dela não era tão forte como normalmente ouvia, mas estava feliz por deixar isso de qualquer maneira. Soava como Lenny, alta e direta e tão cheia de felicidade que era literalmente contagiante. —Dez? Jesus, por quê?

Enruguei meu nariz para ela. —Parecia um bom número.

O escárnio que saiu dela naquele momento era um pouco mais alto. —Você é doida, Luna. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez?

—Isso é o que dez significa. — Sorri para ela. —Eu pensava dessa forma quando era mais jovem, não recentemente. Não posso sustentar dez crianças.

—Ainda bem. Que tal... nenhuma criança?

Olhei para a mesa novamente quando ouvi a risada aguda de Thea. —Ok, filha única. — Eu ri. —Acho que quatro é um bom número agora.

Minha amiga ao meu lado gemeu antes de estender a mão para pegar uma batata, mergulhando-a na pequena tigela de guacamole ao lado. —Olha, vovô Gus era basicamente meu irmão, meu pai, meu tio e meu avô todos juntos em um, e eu tinha um monte de crianças para brincar, — afirmou. —Tudo o que faz você feliz, mas acho que estou bem com zero crianças no meu futuro.

Estendi a mão e peguei um dos pedaços de fajita do seu prato e coloquei na minha boca. —Cuidado, você vai acabar com duas, — disse a ela, cobrindo minha boca enquanto mastigava a carne. — Você já tem essa vibração de 'mãe' acontecendo melhor do que qualquer uma que conheço.

Isso a fez revirar os olhos, mas ela não argumentou que não, porque nós duas sabíamos que era verdade. Ela tinha vinte e sete anos de idade e lidava com bebês adultos todos os dias. Ela abaixou. Eu era amiga dos meus colegas de trabalho. Lenny era babá para os que ela cercava regularmente.

—Como se você fosse alguém para falar, cadela, — ela jogou fora em uma voz mal-humorada que disse que sabia que não podia negar isso.

Ela tinha um ponto lá.

Lenny pegou um pedaço de fajita e jogou na boca antes de murmurar: — —Para registro, você provavelmente deve começar em breve a reprodução desses quatro. Você não está ficando mais jovem.

Eu rolei meus olhos, ainda mastigando. —Cadela

—Cadela

Eu sorri para ela, que sorriu de volta.

—Já que estamos no assunto das crianças, e você não pode ter nenhuma por conta própria...

O sorriso caiu do meu rosto. Esta não foi a primeira vez que tivemos uma conversa semelhante. —Não quero falar sobre isso agora.

Ela me ignorou. —Talvez seja hora de você começar a namorar novamente.

Olhei os lados da mesa. Felizmente, ninguém havia decidido começar a prestar atenção. —Eu não quero falar sobre isso, — insisti.

Ainda assim, Lenny me ignorou. —Quanto tempo passou desde que você namorou a raposa de prata?

—Você tem que falar tão alto? — Olhei ao redor novamente antes de sussurrar: —Três anos, você sabe disso.

—Então tem sido quanto tempo desde aquele cara que queria que você o chamasse de papai?

E ela foi lá.

Comecei a rir, ainda que soubesse que a última coisa que precisava era chamar a atenção das pessoas no jantar que eram cheios de intrometidas. —Cale a boca, Len! — Tentei sussurrar, mas realmente saiu como mais uma risada, maldita Len.

Claro, ela ainda me ignorou enquanto pensava sobre as datas, antes de responder sua própria pergunta. —Três anos também, certo?

—Podemos conversar sobre isso depois? — Eu basicamente implorei a ela, mesmo que ainda estivesse rachando sobre a

memória daquele relacionamento curto e estranho que eu tive com quase nenhuma expectativa.

O bufo de Lenny me disse que não iríamos falar sobre isso mais tarde. Nós íamos falar sobre isso agora. Porque quando Lenny DeMaio queria algo, conseguia.

Tudo foi para o inferno quando o Sr. Cooper se virou e sorriu para nós. —Do que vocês duas estão falando?

Oh inferno. Eu comecei a sacudir a cabeça. —Ela está sendo...

Era tarde demais.

—Eu estou tentando dizer a Luna que ela precisa começar a namorar de novo se quiser ter quatro filhos algum dia, e nós estamos passando a lista de seus ex.

—Só houve um ano e meio, e essa metade foi discutível, — disse, mas sabia que era inútil.

Ainda assim, ela me ignorou. —E lembrei a ela sobre o primeiro.

O rosto do Sr. Cooper instantaneamente caiu. —Não gostei dele.

—Era aquele que queria que você o chamasse de papai? — Vovô Gus, que estava no meio de uma conversa quando olhei para ele há dois minutos, perguntou do nada.

Foi a minha vez de dar um soco no ombro de Lenny e nunca fiz isso antes.

Infelizmente, ela não vacilou nem sequer agiu como se sentisse algo ao concordar com a pergunta de seu avô.

Eu nem sabia porque me surpreendeu que ela tivesse contado sobre ele.

Com o canto do olho, vi o Sr. Cooper vacilar. O homem era para todos os efeitos, meu pai adotivo. Houve uma razão pela qual lhe disse que havíamos terminado depois de um mês, porque as coisas não estavam dando certo. Não porque eu e o homem que eu tinha saído brevemente queria que o chamasse papai na hora do sexo.

—Também não gostava dele, — concordou o homem, que estava em torno da idade do sr. Cooper, se não um ano ou dois mais velho. —Agora o de cabelo prateado que eu gostava, Luna.

Eu também.

—Ele era bom, — concordou Lenny, mas depois balançou a cabeça. —Mas já faz mais de três anos, e acho que é hora de encontrarmos um novo namorado para um certo 'alguém'. — Como se a pessoa não fosse óbvia o suficiente, ela teve a coragem de apontar para mim.

Apenas balancei a cabeça, meu instinto me dizendo que isso estava fora de controle muito rápido. —Estou bem, — tentei insistir, mesmo que... bem, mesmo que eu quisesse alguém na minha vida.

Entrando na conversa agora, Lydia se inclinou para frente do seu lugar, dois lugares abaixo e estendeu a mão para acariciar minha mão. —Lenny tem um ponto, Luna. Você ficaria feliz sozinha, mas a vida é sempre melhor com outras pessoas para compartilhar, você não acha?

Eu pisquei.

—Conheço alguns homens legais que poderia apresentar a você, — a mulher continuou, o rosto pensativo. —Deixe-me ter certeza de que eles não estão em relacionamentos, e vou dizer para você.

Ia matar a Lenny.

—Tudo bem, você não precisa...

—VOCÊ QUER COMEÇAR A NAMORAR NOVAMENTE, LUNA? — Lily basicamente gritou do outro lado da mesa.

Risca isso. Eu ia torturá-la antes de matá-la. Por anos.

Balancei minha cabeça para minha irmã e obriguei-me a sorrir. —Lily, por que você não mostra a todos as fotos da casa em que você vai morar enquanto estiver na faculdade? É muito boa...

Minha irmãzinha traidora fingiu que não me ouviu enquanto continuava. —MEU PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FISICA ACHA VOCÊ REALMENTE BONITA E ELE RECENTEMENTE TERMINOU COM SUA NAMORADA.

Ela teve que gritar isso? Mas como sabia que ele achava que eu era bonita, muito menos como sabia que ele tinha terminado com a namorada, estava além de mim.

—Não, está tudo bem —, — comecei a dizer antes que a atrevida Lenny me cortasse.

—Tem um cara ou dois na Maio House que não são tão quentes que eu poderia te apresentar. — Ela estava se referindo ao ginásio

de artes marciais mistas onde nos conhecemos. O mesmo ginásio que seu avô possuía e que ela trabalhava meio período. Algum dia, quando o vovô Gus finalmente decidisse se aposentar, ela acabaria assumindo o controle.

Eu já podia imaginar como ela me juntaria com alguém de lá. Essa ideia provavelmente me causou mais pânico do que o fato de o Sr. Cooper saber que um cara — o segundo homem com quem eu já dormi — queria que o chamasse de papai enquanto ele estava... fazendo sexo. Deus. Ele provavelmente estava com traumas pela vida agora. Eu realmente ia matar a Lenny. Realmente iria. Sentiria falta dela pelo resto da minha vida, mas tinha que ser feito. Realmente tinha que ser feito.

—Ou você não pode. Apenas deixe isso para lá, — disse a ela, focando nisso por enquanto, em vez dos futuros pesadelos do Sr. Cooper.

Ela me deu uma careta que conhecia muito bem. —Conheço outras pessoas que não são só de lá que poderia apresentar a você. Meu povo conhece pessoas. Isso seria fácil. Certo, vovô?

Meu povo conhece pessoas.

Estes eram seus entes queridos.

Toda essa conversa era minha culpa. Nunca deveria ter querido ter filhos algum dia. Se tivesse apenas mantido minha boca fechada...

—Tenho alguns homens em mente... — O vovô Gus parou de falar, com um olhar distante e muito pensativo no rosto.

Tudo certo. Isso durou tempo suficiente. —Obrigada a todos, até mesmo a você gritando para todo o restaurante ouvir que pode me consertar, mas posso ir atrás dos meus próprios encontros.

Nem sequer acreditei em mim e pelo silêncio que me respondeu, nem eles.

Ia aceitar isso como um elogio que nenhum deles riu.

—Eu conheço pessoas também, — disse a eles, então parei. — Parem de me olhar assim. Conheço pessoas, e eu flerto às vezes. Obrigada pelo otimismo.

Ainda assim, nenhum deles disse uma palavra, e isso pareceu bom.

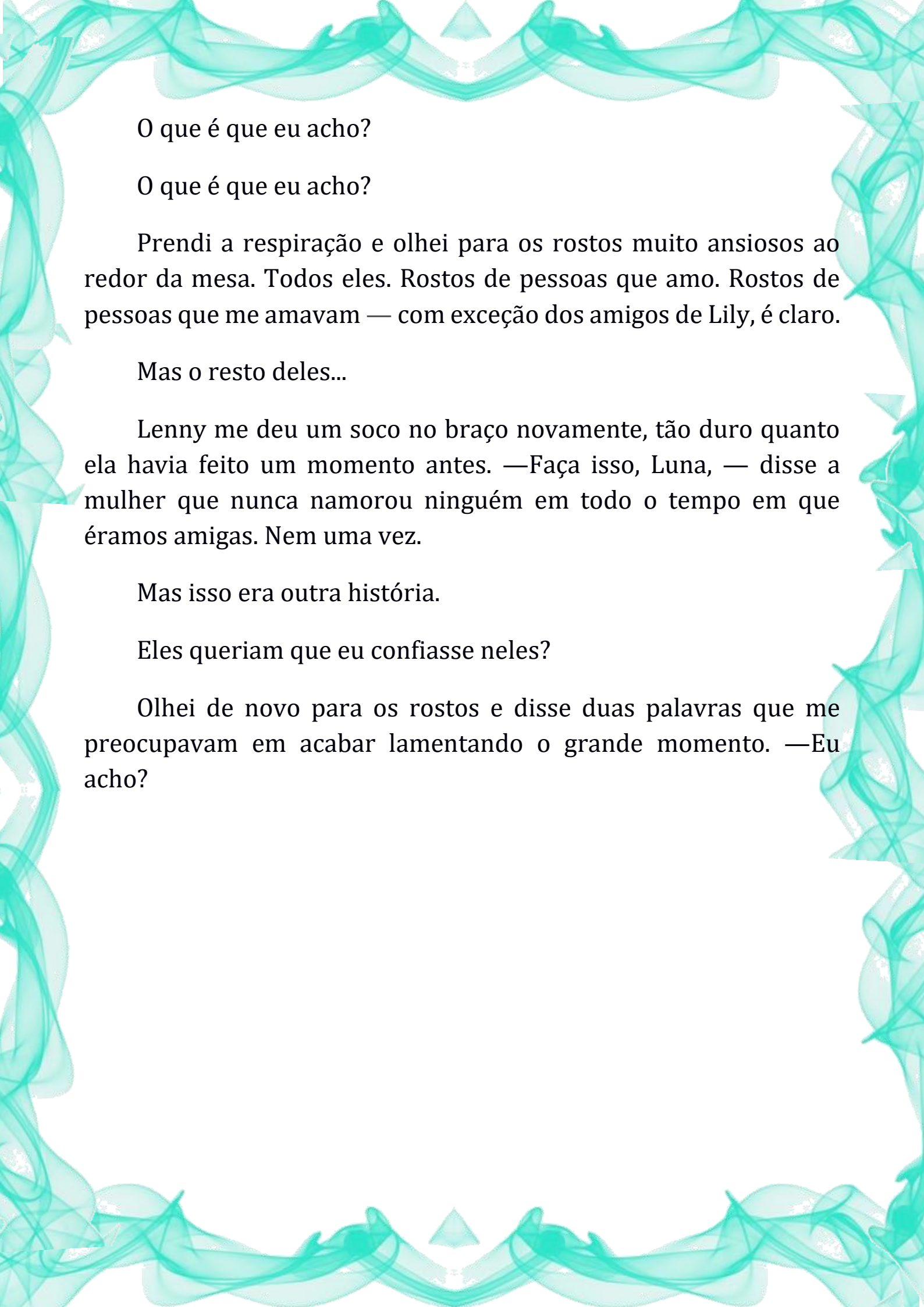
Não.

—Eu não sou tão feia. Eu posso encontrar alguém para namorar comigo, se eu quiser, — disse a eles, secamente.

Foi a Lily que escolheu ignorar qualquer coisa que eu disse. Ela bateu a palma da mão contra a mesa antes de gritar: —Então, como vamos fazer isso? EU POSSO ENVIAR A TODOS UM LINK PARA UM FORMULÁRIO DO GOOGLE ONDE PODEMOS REGISTRAR O LUNA PARA ENCONTROS EM DETERMINADOS DIAS, OU PODEMOS FAZER UM GRUPO NO WHASTAPP.

Oh inferno.

Lydia estendeu a mão e colocou a mão em cima da minha, dando um grande sorriso. —Vamos fazer isso por você, Luna, querida. Talvez seja divertido. Você pode confiar em nós. O que você acha?

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines that resemble smoke or water, framing the text on all sides.

O que é que eu acho?

O que é que eu acho?

Prendi a respiração e olhei para os rostos muito ansiosos ao redor da mesa. Todos eles. Rostos de pessoas que amo. Rostos de pessoas que me amavam — com exceção dos amigos de Lily, é claro.

Mas o resto deles...

Lenny me deu um soco no braço novamente, tão duro quanto ela havia feito um momento antes. —Faça isso, Luna, — disse a mulher que nunca namorou ninguém em todo o tempo em que éramos amigas. Nem uma vez.

Mas isso era outra história.

Eles queriam que eu confiasse neles?

Olhei de novo para os rostos e disse duas palavras que me preocupavam em acabar lamentando o grande momento. —Eu acho?

Capítulo 11

O resto do fim de semana passou em um borrão.

Depois de ficar no restaurante por tanto tempo que os garçons nos deram um olhar sério, todos foram até minha casa como eu esperava. Nosso grupo de quinze se transformou em trinta em algum momento da noite, e acabamos pedindo tudo no menu da pizzaria mais próxima. Os Coopers gastaram uma pequena fortuna comprando sacos de batatas fritas e drinques do posto de gasolina, eu vi, depois que eles saíram por um momento e voltaram carregados de sacolas.

Eu estava de tão bom humor que só me machucou um pouco quando minha irmã Lily veio até mim em algum momento, passou um braço por cima do meu ombro e disse: —Querida, a tia da minha amiga precisa de ajuda no restaurante em Galveston neste verão, e ela disse que iria nos contratar. Seus pais têm uma casa de praia e ela disse que eu poderia ficar com eles. As gorjetas durante o verão são muito boas, mais do que faço agora. Muito mais.

Certamente que não estava me pedindo permissão, contudo, não estava me dizendo que ia fazer isso também.

Sabia o que isso significava. Galveston era uma cidade de praia a pouco mais de uma hora de onde vivíamos. Ela iria ficar lá. Fazendo dinheiro. Não precisava da minha permissão, eu não era sua mãe. Tive a sorte de ser sua guardiã. Nosso relacionamento sempre foi uma dança estranha entre eu ser a coisa mais próxima de

uma figura de mãe que ela tinha, e não queria cruzar a linha, equilibrando ser uma irmã e... sua protetora.

Nunca me vi em posição de dizer a qualquer das minhas irmãs o que elas deveriam fazer ou como deveriam viver suas vidas. Cometi mil erros por conta própria. Não era ninguém para tentar dar-lhes conselhos, muito menos ser qualquer um dos seus modelos. A menos que alguma coisa fosse absolutamente idiota, geralmente ficava de boca fechada sobre o que elas queriam fazer.

Não queria que ela saísse para o que eu imaginaria que fosse o resto do verão.

Mas...

Escondi minha tristeza e sorri para ela. —Isso é ótimo, Lil. Quando começa? Você vai colocar em seu aviso de duas semanas no restaurante ou apenas ligar e dizer que não vai voltar? — Eu perguntei-lhe, referindo-me ao trabalho de garçonne que teve nos últimos quase dois anos.

Ela tinha dito que ia colocar em seu aviso de duas semanas, mas afirmou que seu chefe acabaria em demiti-la quando fizesse. Era o que aquele patrão sempre ajudava, aparentemente. E quando isso acontecesse, então, estaria saindo na sexta-feira, tinha me dito, dando um beijo em minha bochecha enquanto continuava a falar sobre como ia ficar bronzeada e como eu poderia ir aos fins de semana para a praia.

Lily não estava errada. Eu estava sentada em casa um dia depois de sua formatura, quando saiu para o trabalho e ainda estava sentada em casa quando voltou quatro horas depois, dizendo que

seu chefe tinha dito que não precisava se incomodar em terminar suas duas semanas. Então ela estava saindo.

Depois de passar o resto do domingo em casa com apenas Lily, já que Thea e Kyra tinham saído cedo de manhã — uma para Austin e a outra de volta para Dallas — os próximos dias passaram rápido. Ajudei-a a arrumar algumas caixas de roupas e fui com ela comprar um maiô novo. Saímos para jantar com Lenny e vovô Gus na quarta-feira. Naquela mesma manhã, na sexta-feira, tinha ido acordá-la antes de sair para o trabalho e dei-lhe quatro beijos em suas bochechas antes de nos despedirmos, com ela meio adormecida.

Ela prometeu vir de carro a cada duas semanas, e prometi ir visitá-la também, mas sabia como era. Minhas outras duas irmãs haviam prometido a mesma coisa e agora eu mal as via, três ou quatro vezes por ano. Quando me ofereci para ir visitar, elas não tiveram tempo para isso também.

Então, minha irmãzinha, que estava com dezoito anos, em uma casa de praia em uma cidade festeira, estaria voltando em alguns finais de semana quando provavelmente poderia ficar lá e fazer a maior quantidade de gorjetas?

Não colocaria meus dedos no fogo por isso.

Lily ainda me enviava um texto todo dia. E estava apenas a um telefonema de distância.

Naquela sexta-feira, um dia em que eu pedira para sair há alguns meses para uma consulta com ginecologista, estava tentando o melhor que podia para me satisfazer, o que provavelmente explicava por que estava tentando me entusiasmar demais com a

decoração para a festa de despedida de meu colega de trabalho naquele dia. Eu tinha acabado de terminar de aplicar o último pedaço de tecido preto quando uma grande figura parou na porta da sala de descanso.

Com meus braços estendidos o mais alto que podiam sobre minha cabeça, e com pedaços de fita grudados em meus dedos, virei minha cabeça para disparar um sorriso de boca fechada para Ripley. Eu não tinha ficado nem um pouco surpresa por ele não ter passado no sábado. Não foi a primeira vez que o convidei para algo e ele não apareceu. Não era grande coisa.

—Ei, chefe.

O homem grande ficou parado enquanto olhava ao redor da sala. —O que é tudo isso?

—Hoje é o último dia de Rogelio, — eu disse, apontando para as cartas de papelão que soletravam BYE BISH indo para o fundo dos armários da sala de descanso.

Ele coçou a têmpora.

—Estou no meu horário de almoço, — joguei antes que ele tentasse dizer algo sobre eu não ser paga para decorar a festa de despedida de alguém. Tinha sido uma espécie de semana de camisa cinza até agora, e não queria azarar isso.

Seus olhos se dirigiram para a placa e, em seguida, os dois balões pretos diretamente ao lado deles, e tudo o que disse foi — Tudo bem, — naquela voz baixa.

Voltando para a serpentina, pressionei meu dedo contra a fita uma última vez para ter certeza de que estava presa e, em seguida, pulei do topo da escada de dois degraus que tive que arrastar do meu estande até aqui.

—De onde vem tudo isso? — ele perguntou, me surpreendendo.

Dobrei a escada e apoiei-a contra o balcão. —Eu trouxe de casa. Usei para a festa de despedida da minha irmã há dois anos. — Olhei de volta para ele e dei-lhe um sorriso.

—Eu tenho um kit azul em casa, se você quiser que eu use no seu próximo aniversário, — tentei brincar.

Sua risadinha enquanto ele estava lá me fez sorrir ainda mais.

—Tem bolo. Se você quiser um pedaço, Rogelio disse que viria até aqui em... , — olhei para o relógio. —Dez minutos.

Meu chefe não se mexeu, mas não terminou de fazer perguntas. —Que tipo?

—Bolo dos anjos.

Uma daquelas mãos subiu enquanto ele coçava sua garganta, expondo talvez um milímetro a mais do que o habitual. —Você fez isso? — Ele perguntou naquela voz calma que provavelmente era a minha favorita de todas.

—Não. — Com Lily saindo, não queria desperdiçar trinta minutos que poderia ter com ela em outra coisa. —Peguei na padaria. Vou guardar para você um pedaço e colocá-lo na geladeira, se você não estiver por perto, — ofereci antes de voltar meus olhos

para que pudesse terminar de pegar minha bagunça. Tudo estava tão agitado que mal tive a chance de pensar sobre a última conversa longa que tivemos — a que incluía Rip me dizendo que ainda me devia.

Decidi que ainda não era o momento certo para pensar sobre isso. Talvez esta noite quando chegasse em casa. Talvez mais tarde no meu estande, quando tentasse afastar Jason.

Enquanto isso, escondi todas as sacolas que trouxe de casa e tirei o bolo da geladeira para colocá-lo no balcão. Mal tinha empilhado os pratos de papel — porque tenho certeza que ninguém ia lavá-los principalmente os caras, se fossem pratos reais — quando Miguel entrou no refeitório e alegou, —Você não decorou para o meu aniversário.

Deslizei-lhe um olhar. —É festa de despedida de Rogelio. Você sabe que não coloco enfeites a menos que o aniversário termine em um zero. E você tem o que? Mais cinco anos até o seu quinquagésimo?

O homem mais velho me deu uma olhada. —Não me lembre.

Eu ri.

Ele finalmente riu também quando entrou. —Que tipo de bolo você conseguiu?

—Bolo de anjo, mas mantenha seus dedos longe, Ro receberá a primeira fatia.

—Ele está indo embora e você sabe que vai querer metade disso, Luna. Você sabe como ele é, — Miguel tentou argumentar, mesmo quando abriu a geladeira e começou a cutucar dentro.

Rip, que tinha aquecido sua comida enquanto eu estava limpando e conversando com Miguel, puxou uma cadeira da mesa e se sentou nela, colocando um recipiente na frente dele.

Feito, eu peguei o último almoço que poderia ter da minha irmãzinha e me sentei na mesa junto com ele. Estava comendo em pequenas porções enquanto decorava o que ela tinha feito. Bife Salisbury, purê de batatas e espinafre cozido no vapor. Cara, eu ia sentir falta dela.

Miguel sentou-se ao meu lado, abriu a lancheira e tirou um sanduíche e um pacote de batatas fritas.

Eu o cutuquei. —Não é o aniversário da sua esposa hoje?

Ele congelou, e então olhou tão devagar, direto para a parede à frente, que soube a resposta. —Hoje é dia 6? , — ele sussurrou.

Olhei para Rip, e até ele estava olhando para Miguel com curiosidade. —Sim.

Miguel amaldiçoou longamente e baixo em espanhol antes de olhar para mim com uma expressão horrorizada e em pânico.

—Eu me perguntava por que ela estava me dando um olhar estranho esta manhã. — Ele murmurou quase pensativamente, com os olhos arregalados. —Ela vai me matar. Achei que o aniversário dela fosse amanhã.

—Ela não vai matar você, — tentei assegurar-lhe, não acreditando totalmente nas palavras eu mesma. Eu a conhecia. Nós éramos amigas. Ela realmente iria matá-lo.

O rosto que ele fez disse que também não acreditava.

—Ok, talvez, mas eu sei o que você pode fazer. Você já comprou o presente dela?

Ele não tinha. Não precisava dizer isso, eu poderia dizer. —Ia levar as crianças comigo amanhã para obtê-lo.

—Ok, bom. — Botei mais comida na minha boca. —Conheço essa florista que pode entregar flores até as três da tarde, se você as encomendar rápido.

Isso acrescentou um pouco de cor ao rosto dele. —As mesmas que você pediu para Owen no mês passado?

Balancei a cabeça e recebi um aceno em retorno. Esta não foi a primeira vez que a mesma coisa aconteceu com um dos caras da loja. Tinha metade dos dados do cartão de crédito dos caras salvos no meu telefone. Geralmente os ajudava a comprar presentes de Natal para suas esposas e namoradas também, já que eles eram tão preguiçosos.

—Quais são suas favoritas? — Perguntei a ele.

Silêncio.

—Miguelito, de que flores ela gosta?

Ele estava de volta a olhar fixamente.

Nós dois rimos.

—Do que você gosta? — ele me perguntou como se isso fosse ajudar.

Não! —Oh, eu não importo. Não me pergunte.

Miguel piscou. —Luna, o que seus namorados lhe mandaram?

Namorados. Como isso fosse realmente no plural. Eu dei a ele uma cara engraçada antes de puxar meu telefone do bolso e olhar através dos contatos para a florista que alguns dos outros caras tinham usado antes. —Eles nunca me mandaram. Obrigada por me lembrar, — eu disse, tentando dizer isso de forma leve e divertida, como se não fosse um grande negócio.

Porque não era.

Se quisesse flores, poderia comprá-las eu mesma.

—Nenhum deles? , — meu colega de trabalho perguntou, não deixando ir.

Encontrei o contato e coloquei meu telefone na mesa entre nós. —Não.

—Nem mesmo o antigo?

Eu ri e balancei a cabeça. —Pare. — Apontei para o telefone. — Ligue e peça as flores.

Ele sorriu e pegou o celular também, discando rapidamente o número e, em seguida, colocando o telefone sobre o fone, perguntando: —E as suas irmãs?

Não sabia exatamente por que dei uma olhada no Rip, mas o fiz, e felizmente sua atenção estava voltada para sua comida. Então, balancei a cabeça negando.

—Sua formatura do ensino médio? , — ele jogou fora em seguida.

—Ah, eu tenho meu GED. Não terminei o ensino médio da maneira normal.

Miguel piscou e, felizmente, a florista respondeu, porque ele começou a fazer um pedido e depois passou endereço.

Consegui comer o resto do meu bife quando o Sr. Cooper entrou na sala de descanso, uma mão esfregando seu estômago como se estivesse morrendo de fome, seus olhos varrendo a sala. Ele me lançou um grande sorriso. —Parece legal.

Sorri de volta para ele assim que Miguel desligou o telefone e soltou um grande suspiro.

—Ela disse que pode entregá-las em seu trabalho por volta das três.

—Veja. Ela só vai te matar um pouco agora.

Miguel me deu um tapinha nas minhas costas duas vezes. — Obrigado, Lunita. Você é uma salva-vidas.

—Você teria descoberto isso sozinho.

O pânico de Miguel não tinha acabado. —Luna?

Eu inclinei meu queixo para ele enquanto comia o purê de batatas.

Ele deu uma mordida em seu próprio sanduíche. —Acho que precisamos encontrar um namorado para você.

Parei de mastigar ao mesmo tempo em que o Sr. Cooper começou a rir e colocou o que parecia ser um sanduíche de salada de frango no local em frente de onde eu estava sentada.

Balancei a cabeça. —Ignore o Sr. C, Miguel.

Infelizmente, esta conversa interessou o homem que me conhecia há cinco anos. —O quê? Por que você está rindo, Sr. C? Você acha que ela precisa encontrar um namorado também?

Eu falei antes que o Sr. Cooper pudesse falar algo. —Tivemos essa conversa no final de semana. Tudo o que concordei foi de talvez sair para alguns encontros. Talvez. É isso aí.

Miguel assentiu pensativamente, colocando uma batata na boca.

—Ah não. Eu estive em suas reuniões de família.

O outro homem começou a rir.

Eu ia usar esse momento para mudar de assunto. —Enfim, o que acabou acontecendo com o cara que você entrevistou que você gostou? Você está contratando-o?

Me arrependi da pergunta no segundo em que saiu da minha boca.

Especialmente quando os olhos do Sr. Cooper deslizaram para a direção de Ripley. O homem muito mais velho sorriu de qualquer maneira, suas narinas infladas apenas o suficiente para me dizer que não era totalmente genuíno. —Ele veio hoje. Acho que correu bem, mas vamos conversar sobre isso.

—Ele é legal?

O sorriso do Sr. Cooper se transformou em um genuíno. —Você acha que eu contrataria alguém que não fosse legal?

Sorri para ele, mas tudo que conseguia pensar era que a única razão pela qual eu estava tendo um dia decente era porque Jason estava com dor de garganta e não estava falando tanto quanto de costume.

Mas mantive minha boca fechada sobre esse assunto.

* * *

Tinha acabado de dar instruções ao Jason para resto da tarde, minha bolsa e as chaves na mão para que pudesse ir para a minha consulta com a ginecologista, quando ouvi o grito vindo do andar de cima.

Porcaria.

Mesmo?

Todos tiveram uma fatia ou duas de bolo. Deveria ter sido um dia decente. Nenhum dos caras na loja tinha chegado ao meu estande para reclamar de nada também.

E Jason mal me incomodou. Considerando que estava com medo de ir a uma casa vazia, ainda tinha sido um dia bom. Nós tínhamos feito isso através do almoço sem um problema. O resto do dia deveria ter sido livre de problemas também.

Fiz meu caminho pelo corredor em direção à parte principal do prédio e encontrei todos os meus colegas de trabalho ali, ocupados, mas dois deles pararam e estavam olhando para cima, como se pudessem ver através do teto e entrar no escritório sobre nossas cabeças.

Parei lá com a minha bolsa por cima do ombro e olhei na mesma direção.

—Você vai fazer alguma coisa sobre isso? — Miguel, um dos que olhou para cima, perguntou.

Olhei para ele. —Por que eu?

Ele zombou. —Não sou o favorito deles.

Pisquei novamente, ignorando a maneira como Owen, o outro cara que estava olhando para cima, riu.

—Não tenho o seu toque mágico, — acrescentou Miguel.

—Eu não tenho um toque mágico.

Ele olhou para Owen, e ambos assentiram e concordaram ao mesmo tempo: —Sim, você tem.

—Preciso ir. Eu tenho uma consulta médica em... , — olhei para o meu relógio. —..trinta minutos.

O grito ficou mais alto por um breve momento, fazendo com que todos nos concentrássemos na escadaria aberta e no patamar que se alimentava dele.

—Faça alguma coisa, Luna, — disse Owen. —É o último dia de Rogelio. Não quero que hoje seja meu último dia. Miguel não quer que seja seu último dia. Ninguém além de Rogelio quer que seja o último dia deles também. Você sabe como eles conseguem.

Queria discutir, realmente queria, mas sabia quando escolher minhas lutas e, nesse caso, não tinha chance de ganhar. Já sabia que nenhum deles iria subir e dizer qualquer coisa.

—Bando de covardes, — gemi e não pude deixar de sorrir quando eles riram.

Tirei minha bolsa e deixei cair no chão aos meus pés. —Vocês me devem, — murmurei baixinho enquanto ignorava meus colegas de trabalho e subia as escadas, balançando a cabeça.

—Vou te comprar um refrigerante hoje à noite! , — Owen gritou.

—O que está acontecendo hoje à noite? — Parei e olhei para ele.

—Estamos nos reunindo no Mickey's. Eu disse a Jason para lhe dizer horas atrás, — meu colega de trabalho falou.

Aquele maldito. Homem imprestável.

Empurrando isso de lado, meio que respondeu a minha situação em estar em casa hoje à noite, então dei a ele um sinal de positivo. —Eu vou te ver lá então, — disse a ele antes de continuar a subir a escada, ouvindo.

As vozes pararam por um segundo, mas ainda conseguindo ser um zumbido alto e abafado de raiva, mas assim que cheguei ao topo da escada, tudo começou de novo, menos um resmungo não identificado e mais palavras individuais entrelaçadas.

—— tão malditamente desrespeitoso!

—Eu sou fodidamente desrespeitoso? Você está fodendo comigo?

—Não, não estou fodendo com você, Ripley! Você feriu os sentimentos de Lydia! Nós fomos porque ela me disse que eu deveria ir.

Ooh. Eu estremeci com isso. Pensei que tinha sido tempo suficiente para que Rip não trouxesse o assunto sobre eles durante a festa de aniversário. Estava errada. Dei um passo à frente e depois outro. Ainda escutando.

—Não dou a mínima para o motivo pelo qual você foi, ou porque você a levou com você!

—Porque ela é minha esposa, e estamos juntos há quase vinte e três anos! , — meu chefe favorito gritou de volta.

Dei mais três passos, passando pela sala de descanso e me aproximando da porta do escritório quando as palavras se tornaram mais vividas.

—Sim, a esposa com quem você se casou um ano depois que sua última morreu. Você quer falar sobre porra de desrespeito.

O Sr. Cooper já havia se casado antes?

Pisquei na porta, me sentindo... não sei. Chocada? Tomada de surpresa?

Trabalhei para o Sr. Cooper por quase dez anos e nunca tinha ouvido falar de outra esposa.

Havia muitas razões pelas quais as pessoas não compartilhavam informações desse tipo, dizia a mim mesma enquanto levantava a mão. Se a esposa dele tivesse morrido e não quisesse falar sobre isso... não era da minha conta saber por que, muito menos para julgar.

Havia coisas mais do que suficientes na minha vida que preferiria não falar com ninguém.

Mas o conhecimento de que ele teve outra esposa antes da que eu conhecia... Que nós nos conhecíamos há tanto tempo e havia dito a ele coisas que não contei aos outros, quando nunca me disse nada sobre isso...

Isso não é sobre você, lembrei-me. Não era. Nem mesmo perto.

Então, bati.

As vozes ficaram quietas.

Quando o Sr. Cooper disse —Luna, — sua voz estava baixa e tensa.

Claro que ele sabia que era eu. Ninguém mais era burro o suficiente para incomodá-los enquanto gritavam. Ou poderia pensar nisso como se fosse a única corajosa o suficiente para tanto.

Aqueles gatos assustados estavam lá embaixo esperando por um milagre.

O que eles estavam recebendo era eu.

—Estou saindo pelo dia. Tenho a consulta médica e deixei Jason no meu estande. Algum de vocês precisa de alguma coisa antes de eu ir? — Falei, revirando os olhos para as minhas próprias palavras. Não estava nem tentando ser sutil em quebrar seus argumentos. Eles precisaram de alguma coisa? Quando perguntei a eles quando estava prestes a sair? Nunca...

Houve uma pausa que tinha certeza que consistia deles sentados ou em pé em lados opostos da mesa do Sr. Cooper, olhando para a porta ou um para o outro.

Então o Sr. Cooper disse: —Não, estou bem. Obrigado por perguntar.

Fiz uma careta na porta, porque nós dois sabíamos que era besteira.

Então houve um estrondo de um —Vá para o médico, Luna, — que mal entendi.

—Ok, — gritei de novo, estremecendo com o quão falsa e feliz soei. —Tenham uma boa noite!

Dei três passos e parei. Então escutei e esperei.

Mas não havia um único som dentro do escritório.

Até a maçaneta virar de repente e a próxima coisa que eu sabia era que a porta estava sendo aberta.

Porcaria.

Não havia sentido em me esconder ou correr. Isso só tornaria isso óbvio e pior. Então, andei normalmente em direção às escadas para descer, apenas olhando por cima do ombro quando realmente cheguei ao patamar. Foi quando vi que era Rip quem me seguira.

Sua expressão era aquela usual que parecia um trovão engarrafado sob pele e osso.

Acenei para ele.

—Vejo você amanhã, chefe, — disse para ele, sabendo que não obteria uma resposta. Ele era um pequeno ganso rabugento.

Meu celular vibrou no meu bolso e, quando o peguei, o nome da minha irmã apareceu na tela.

Era uma mensagem com imagens do que ela me contara antes, era Jamaica Beach, em Galveston.

Então outra mensagem chegou.

Lily: Queria que você estivesse aqui.

Meu pobre coraçãozinho doía sinceramente, mas eu ainda mandava uma mensagem para ela.

Eu: Eu também. Te amo e fique em segurança.

Digitei outra mensagem e deixei meus dedos passarem pela tela, decidindo se a enviaria ou não.

Enviei.

Eu: Não se esqueça de mim.

Sua resposta foi instantânea.

Lily: Eu nunca poderia esquecer minha IRMÃ FAVORITA.

Sua irmã favorita.

Bem. OK. Ela nunca havia me chamado assim antes, mas gostei. Gostei muito disso.

Tão rapidamente quanto decidi que a ideia de ir para uma casa vazia parecia um inferno, com o meu telefone ainda fora, mando um texto rápido para Lenny.

Eu: Eu tenho um compromisso ginecológico em trinta minutos. Você está livre depois? Meus colegas de trabalho estão se reunindo depois do trabalho, e a garota se foi, e não quero ir para casa cedo demais.

Capítulo 12

—Olha, olha!

Eu já estava olhando para Lenny, que estava atrás do volante do carro dela, gesticulando para mim com uma mão quando saímos do espaço grego onde fomos jantar. —Não, — eu a interrompi. —Eu olhei, e ele está fora do meu alcance.

Ela gemeu.

Olhei para a foto de um homem seminu no meu celular e balancei a cabeça. —Ele está Len. Posso ver isso. Ele provavelmente tem garotas em cima dele o tempo todo. Apenas olhe para ele.

Ela não se incomodou em argumentar que o homem com quem aparentemente tinha me colocado em um encontro — um lutador de MMA aposentado — tinha muitas garotas em cima dele. Ela seria uma mentirosa se o negasse, e Lenny era um monte de coisas, mas não uma mentirosa. Era eu a mentirosa. O caminho que ela decidiu descer foi: —Dá um tempo. Você está fora de sua liga.

Teria rido, mas ela continuava como se soubesse exatamente o que eu ia dizer e não estava prestes a me deixar.

—Você é a melhor, Luna.

Sorri para ela e levantei um ombro. —Tenho meus momentos, — tentei brincar.

—O que você tem a perder? Ele é gostoso, mas você tem aquela coisa da Cinderela— — ela tentou dizer.

Revirei os olhos porque odiei quando ela usou o exemplo da Cinderela em mim. Eu estava geralmente suja, cuidando dos outros, trabalhando demais e pegando a merda de alguém.

—Se ele for idiota durante nosso encontro e me deixar lá por outra garota, estou culpando você, — disse a ela.

Ela riu. —Se ele for uma merda, culpe o vovô Gus. Foi ele quem o escolheu.

Vovô Gus.

—Ele está realmente orgulhoso de si mesmo, a propósito. Juro que ele tinha uma lista e estava checando nomes nos últimos dias. Eu vi que ele tinha um comentário ao lado do nome de um cara que dizia 'muito peludo'.

Foi a minha vez de rir. —Eu amo esse homem.

Lenny sacudiu a cabeça. —Também, mas juro que a única pessoa que o ama mais do que eu é ele mesmo.

Ela tinha um ponto. Enquanto o Sr. Cooper era calmo, tranquilo e tinha todos os traços pessoais de quem era paternal e reconfortante, o vovô Gus de Lenny era... outra coisa.

—Ei, vamos ao Mickey, certo? — Ela perguntou, referindo-se onde eu tinha dito que meus colegas de trabalho estavam se reunindo depois de horas, para comemorar Rogelio nos abandonando.

—Sim.

Depois que minha consulta com a ginecologista terminou, tinha ido ao seu ginásio. O vovô Gus havia nos dispensado, dizendo para levá-la embora. Nós tínhamos saído e ido fazer compras no centro comercial mais próximo e então fomos comer depois. Agora, eu estava arrastando-a junto comigo para o Mickey. Exceto que tínhamos abandonado meu carro na minha casa porque ela era a pior motorista que eu já vi, e não sentia vontade de ser pega por dirigir muito devagar. Ela deveria estar dirigindo com um braço em uma tipoia? Provavelmente não, mas eu não ia ser a única a lhe dizer isso.

—Rip vai estar lá? , — ela perguntou.

—Duvido.

Sua —merda— murmurada me fez rir. Ela vinha tentando, nos últimos três anos, conhecê-lo pessoalmente. Não consegui exatamente que ela aparecesse enquanto eu estava trabalhando.

—Só quero vê-lo. Só uma vez— — ela disse.

—Mostrei fotos a você. — Imagens que eu tinha manobrado para colocá-lo no fundo.

Foi sua vez de fazer um barulho. —Não é o mesmo.

—É o mesmo, — tentei argumentar.

—Talvez seja o meu dia de sorte e ele apareça.

—Não crie esperanças ou você acabará decepcionada.

Nós duas rimos quando o telefone dela começou a tocar de onde tinha colocado no porta-copos entre os nossos lugares.

Conectada ao Bluetooth de seu carro, VOVÔ GUS apareceu na tela de seu painel. Ela não hesitou em responder

—Vovô.

—Você pode voltar para a Maio House?

A preocupação apareceu no rosto da minha amiga. —O que aconteceu?

Houve algum farfalhar, então apenas o som do vovô Gus sussurrando, algo como ‘vou estourar se você usar esse tom de voz comigo novamente’ encheu o carro, mas ele não estava falando com a gente.

Tive que pressionar meus lábios para não rir, e era óbvio que Lenny também estava porque ela me deu uma cara engraçada.

—Houve um acidente, — ele voltou na linha depois de um momento, seu tom misterioso.

—Que tipo de acidente?

Houve um suspiro e outro sussurro que soou como se eu não quisesse ouvi-lo antes que ele voltasse na linha para responder: — Alguém precisa de um par de pontos e não quer ir para o hospital, e Peter diz que não está fazendo isso.

Isso deve ter sido uma explicação suficiente para Lenny porque ela gemeu, obviamente, sabendo quem era o alguém e por que o melhor amigo de seu avô não queria dar pontos no alguém. Eu tinha ouvido o suficiente dela ao longo dos anos para saber que ele colocava narizes regularmente no lugar, colava as coisas de volta, e

podia consertar praticamente todo tipo de luxação sem uma visita a um hospital.

—Tudo certo. Estarei lá em vinte minutos— — ela concordou com uma careta.

—OK. — Ele nem disse —tchau— antes de desligar.

Lenny suspirou, mas eu bati nela.

—Você sabe que eu iria a qualquer lugar com você, mas você sabe que vou desmaiar se ver sangue. — Essa era uma história verdadeira. Eu ficava realmente enjoada. —Você pode me deixar no Mickey desde que estamos mais perto? Se você tiver a chance de voltar, então venha. Se não, vou pegar uma carona para casa com alguém. Ou pegar um Uber. Não estou planejando beber.

Seus dedos já estavam no nariz, apertando a ponta. Por um breve momento, me perguntei quem era aquele alguém. —Você tem certeza?

—Claro que tenho certeza, vaca. Guarde minhas coisas, e vou pegar com você neste fim de semana.

Ela ainda estava beliscando o rosto. —Tenho que trabalhar na academia amanhã, mas me mande uma mensagem depois do encontro. Podemos fazer alguma coisa no domingo— — ela disse, assim que nos levou a um quarteirão do Mickey.

Suspirei com a lembrança de que tinha um encontro no dia seguinte. Já não queria ir. Isso não era um bom sinal.

Lenny puxou o carro até o meio-fio do lado de fora do bar e me deu uma piscadela quase meio desanimada que me disse que ela

estava irritada por dar pontos a alguém... ou levá-los ao hospital. Eu realmente não queria perguntar. —Deixe-me saber quando você chegar em casa, ok? — ela perguntou. —Posso ir buscá-la se você ainda estiver aqui quando eu terminar.

Eu sorri e acenei para ela. —Dirija com cuidado.

Lenny me deu um beijo. —Se Rip aparecer, me ligue.

Balancei a cabeça quando saí do carro dela e fechei a porta atrás de mim, segurando minha bolsa no meu peito.

Ela tocou a buzina no segundo em que eu estava no meio-fio, e nós acenamos uma para a outra antes que quebrasse uma curva em U ilegal que me fez balançar a cabeça enquanto fugia.

Levei apenas um segundo para encontrar minha licença e exibi-la para o segurança que nem olhava para ela. Ele já tinha me visto o suficiente para saber que estava acima da idade. Já eram oito horas quando entrei e encontrei seis pessoas que conhecia: três colegas de trabalho e três esposas e namoradas.

Acenei para eles antes de fazer o meu caminho e dar-lhes todos os abraços, e foi quando estava me virando para ver quem mais estava lá que vi a pequena mesa diretamente ao lado da que eu estava em pé.

Sentado lá, sozinho, estava Rip.

Ele veio?

A surpresa deve ter sido evidente no meu rosto porque Owen deu de ombros para mim e disse um pouco alto demais: —Não achei que ele gostasse tanto de Ro.

Honestamente, nem eu sabia.

Mas ele estava lá.

Fiquei triste por estar sentado sozinho, quando levei apenas um momento para ver mais quatro pessoas que reconheci. A coisa era que nenhuma das cadeiras na mesa em que ele estava era puxada para fora. Ele realmente estava sentado sozinho.

Ele veio e ninguém queria se sentar com ele.

Tinha certeza que a discussão que ele teve com o Sr. Cooper antes não ajudara, mas...

Sabia o que ia fazer antes de meus pés se moverem. Dei de ombros para Owen e inclinei a cabeça para o lado para dizer onde estaria. Ele me deu o mesmo olhar que dei a Lily quando ela comeu cenouras cozidas na minha frente. Gosta mesmo?

E sim, realmente.

Ia precisar mandar uma mensagem para Lenny e deixá-la saber que ela havia perdido a oportunidade.

Tentando não sair muito agressiva, fui em direção ao bar primeiro para pegar um refrigerante. Então me virei e voltei para o caminho por onde viera. Rip não se moveu. Ele ainda estava sentado lá, não em seu telefone, não fazendo mais nada, mas sentado lá. Presente. Eu pensei que era muito mais doce do que tinha o direito de pensar.

—Gostei de vê-lo aqui, — disse a Rip quando cruzei a frente de sua mesa e parei ali.

Meu chefe, que não tinha me visto até aquele ponto, piscou para mim. —Luna

Tanto entusiasmo.

Quando eu estava prestes a perguntar se podia sentar com ele, decidi não me incomodar. Puxei a cadeira e me sentei de qualquer maneira. —Não sabia que você estava vindo.

Aquela bochecha coberta de barba se contraiu. —Não sabia que você também estava.

Levantei um ombro enquanto tomava um gole do meu refrigerante. —Minha irmã foi embora e não quero ficar sozinha em casa.

Ele ergueu o próprio copo até a boca, um líquido com aparência de âmbar e tomou um gole. Não esperava que ele dissesse: —Pensei que a faculdade não começaria até agosto.

Não queria dar a ele um sorriso triste, mas aconteceu, e tentei encobrir, mantendo minha voz leve. —É verdade. O plano era que íamos transferi-la para Lubbock no início de agosto para que pudesse se instalar e encontrar um emprego antes das aulas começarem, mas... a família de sua amiga tem um restaurante em Galveston e eles a convidaram para trabalhar lá durante o verão.

—Galveston? — Ele perguntou com aquela voz incrível, ainda me surpreendendo por manter nossa conversa em andamento.

—Sim. Ficar numa casa de praia e tudo mais. Uma casa totalmente deplorável, ter um tempo miserável, você sabe? — Dei a ele um sorriso real naquele momento.

Rip apenas levantou as sobrancelhas.

—Prometi a ela que iria visitá-la, que prometeu que viria também... Por que essa cara? — Me surpreendi rindo. —Também não acredito. Vou ter sorte se ela vier uma vez. Não sou tão delirante.

Não imaginei o jeito que sua bochecha se contraiu de novo, apenas um pouco, apenas o suficiente para manter o sorriso no meu rosto.

—Estou por conta própria fazendo meus próprios almoços de agora em diante. Não tenho ninguém para assistir filmes de terror com quem ser mais dramática do que eu gritando com as partes assustadoras. E minha casa está vazia, — disse a ele, como se isso fosse algum êxito.

—Seus almoços? — foi o que ele pegou.

Não tinha certeza do quanto ele tinha bebido para que estivesse me fazendo tantas perguntas, mas não ia reclamar. —Não sei cozinhar nem em caso de estar morta de fome, chefe. Pensei que todos soubessem. O forno é a única coisa que posso usar sem estragar.

—Está falando sério? , — ele perguntou em um tom de surpresa.

Assenti.

—Sério?

—Sim, — confirmei. —Não posso nem fazer arroz em uma panela elétrica. Ou sai muito seco ou é mingau. Oh... Uma panela elétrica é...

—Eu sei o que é, — ele me cortou.

Foi a minha vez de fazer uma careta, mas a minha ficou impressionada. Ele sabia o que era uma panela elétrica, mas não um com-rom? OK. —Desculpa.

Ele não reagiu a mim tentando provocá-lo, em vez disso perguntou: —Você não pode nem fazer arroz nisso?

—Não.

—Você sabe que há instruções online.

Ele estava brincando comigo agora? Não pude deixar de observá-lo um pouco. Quanto ele já bebeu? —Sim, eu sei.

—E você ainda estraga tudo?

Pisquei, absorvendo-o tagarelar comigo como uma planta que não via o sol por muito tempo. —Não diria que estrago tudo. É mais como... você precisa mastigar um pouco mais ou um pouco menos.

Foi a sua vez de piscar.

—É uma surpresa. Gosto de manter as pessoas bem informadas.

Se não estivesse adivinhando que ele tomara um par de bebidas antes, o que ele fez em seguida teria confirmado isso.

Sua bochecha esquerda se contraiu. Então a sua direita também, e num piscar de olhos, Lucas Ripley sorria para mim.

Dentes brancos e retos. Aquela boca não fina, mas não cheia, rosa escuro e puxada para cima nas bordas. Ele até tinha uma covinha.

Rip tinha uma covinha maldita.

E eu queria tocá-lo para ter certeza de que era real.

Não pude deixar de pensar que era apenas a coisa mais fofa que já tinha visto, mesmo que tivesse zero chance pensando em algo nesse sentido. Mas era esperta o suficiente para saber que não poderia dizer uma única palavra para mencioná-lo; caso contrário, talvez nunca mais apareça.

Confiei em mim mesma apenas para engolir metade do meu refrigerante antes de dizer: —Você pode fazer arroz, estou supondo? — Se ele quisesse conversar, poderíamos conversar. Era boa em falar.

—Uh-huh, — ele respondeu, soando quase arrogante sobre isso.

Tudo o que consegui fazer em resposta foi sorrir para ele, e por mais cinco segundos, sua covinha — e seu sorriso — responderam a mim.

—Grandes planos para o resto do fim de semana?

Ele me deu aquele rosto presunçoso. —Não— foi sua resposta curta, o que poderia significar milhares de coisas diferentes. —Você já pensou em um novo favor?

Nós estávamos de volta a isso.

Bem, se ele quisesse jogar este jogo, poderíamos jogar. —Não sei do que você está falando.

O rosto presunçoso se transformou no meu favorito. —Luna

Sorri. —Ripley

—Você pensou em um ou não? , — ele resmungou, mas não de um jeito ruim.

Franzi o nariz para ele e me inclinei um pouco para frente enquanto abaixava a voz e dizia: —Pela milésima vez, chefe, você realmente não me deve nada.

—Realmente devo, — ele brincou de volta imediatamente, baixando a voz também.

—Não, você não deve. Estamos quites.

Aquela covinha apareceu e desapareceu de novo tão rápido que pensei que poderia ter sido apenas um desejo pensar que tinha visto de novo. —Não estamos até que eu faça outro favor para você, — ele tentou afirmar.

—É o que estou tentando te dizer. Você não precisa fazer outro favor para mim. Você não precisava fazer nenhum em primeiro lugar.

Ele piscou. —Pense em um favor, Luna.

Pisquei de volta. —Você pensa em um favor.

Ele olhou, e eu definitivamente não estava imaginando que a voz dele caiu nessa coisa que era muito baixa para ser chamada de um sussurro. —Você quer que eu pense em um?

Ignorei o jeito que foi direto para o meu peito e levantei um ombro, mantendo a calma. —Certo. Por que não? — Ele não me deu resposta. Assim como eu pensava. Não é tão fácil assim, Rip? Pensei comigo mesmo antes de dar um tempo.

—Você sabe como fazer trabalho de ladrilho?

—Trabalho de ladrilho? — ele perguntou devagar.

Eu assenti. —Sim. Que tal você me ajudar a arrumar meu banheiro?

—Arrumar seu banheiro? — Ele ecoou, alimentando minha fome interna.

—Só estou jogando fora as ideias, já que você está desesperado e necessitado de querer acabar com esse favor.

Se Rip pudesse ter cuspidido, tinha certeza que teria feito, porque sua expressão... —Você acha que eu estou sendo desesperado e carente?

Ok, então talvez eu só queria ferrar com ele um pouco. Então, mantive minha boca fechada e tomei um pequeno gole do meu refrigerante antes de adicionar: —Tudo bem se você não souber como fazer ladrilho. Poucas pessoas podem separar um carro e reconstruí-lo como você pode.

O silêncio bocejou entre nós por um momento... —Quanto você bebeu?

Comecei a rir. —É refrigerante, chefe. Não bebo muito e especialmente não na frente da maioria das pessoas.

Suas sobrancelhas subiram. —Você não bebe?

Ele ainda estava me fazendo perguntas. OK. —Álcool?

Rip baixou o queixo.

—Uma ou duas, mas mesmo isso é raro. Mas ficar bêbada? Não. Eu fiz isso... duas vezes, e foi por ocasiões especial, — informo a ele.

Seu dedo desenhou um círculo ao redor da borda de seu copo quando ele perguntou: —E quais foram essas ocasiões?

Rip estava tentando me conhecer? Queria estar empolgada com isso, mas... bem... não sabia porque ele estava fazendo isso. Mas tudo bem, não pensaria demais nisso. —Meu vigésimo primeiro aniversário e septuagésimo aniversário do meu melhor amigo, vovô.

Rip olhou para mim. —Hã.

Colocando um sorriso no meu rosto, fui mudando de assunto novamente. —Mas sério, Rip, voltando ao assunto, quero que você saiba que estou falando sério sobre essa coisa de favor. Você não me deve nada. Você não precisa fazer nada. Indo comigo para o funeral foi mais do que suficiente.

—Não me importo com o que você pensa. Ainda te devo.

Fechei meus olhos e não me incomodei em segurar um suspiro. Nem sabia por que eu estava o incomodando insistindo. Como se ele fosse mudar de ideia. Só podia desejar que essa história ficasse para trás.

E realmente, por que ele estava sendo tão falador? Gostei. Gostei muito, mas não fazia o menor sentido.

Assim que estava abrindo a boca para dizer-lhe bem, alguém gritou —Luna! — bem atrás de mim.

Mal consegui olhar por cima do ombro quando um corpo masculino parou ao meu lado. Derrubando minha cabeça para trás, encontrei um rosto familiar sorrindo para mim.

—Como você está? , — ele ainda com cara de vinte e poucos anos de idade perguntou.

—Ei, estou bem. Como você está? — Perguntei ao cara de volta.

—Bom. Owen nos convidou para passar por aqui.

Eu sorri para ele.

—Queria te dizer. Fiz aquela coisa de arroz que você me disse para fazer na última vez que te vi, e funcionou como um encanto. Deixe-me saber se você quiser uma bebida. Eu pago para você, — ele ofereceu, deslizando um rápido olhar antes de soltar sua mão de cima de mim. —Pelo menos eu posso fazer.

—Vou deixar você saber, mas estou feliz que funcionou.

—Até mais, — disse ele com um sorriso antes de se virar e voltar para o bar, desaparecendo em um pequeno grupo de pessoas.

Voltando para Rip, levantei minhas sobrancelhas. —Ele trabalha em uma das lojas de peças que nós pedimos, — expliquei quando percebi que seu olhar estava na direção que o cara tinha ido.

Isso fez meu chefe olhar para mim com aquele rosto estoico.

—Ele é legal, — acrescentei por algum motivo que não tinha certeza.

Seus dedos roçaram a barba cobrindo o queixo, os olhos se concentraram em mim quase que pensativamente.

—O que?

—Nada.

—O que? — Insisto.

—Nada, Luna.

Está bem então. Se ele não queria me dizer, estava bem com isso.

—Luna! — outra voz familiar gritou no bar.

Olhando por cima do meu ombro, o grupo de colegas de trabalho que vi quando entrei — quem estava atrás de mim — acenou em minha direção. —Você pode ter o meu lugar! — um deles ofereceu.

—Estou bem! — Gritei de volta. —Estou bem aqui.

—Tem certeza?

Dei um sinal de positivo.

Quando olhei para frente novamente, Rip estava tomando outro gole e estava me observando.

—O que? — Perguntei.

—Você conhece todo mundo aqui?

Revirei os olhos, esperando que soubesse que eu estava apenas brincando com ele. —Nem todos. Apenas metade deles, — brinquei.

Honestamente, parecia que ele acreditava em mim, mas o que não gostei foi o jeito que sua mandíbula se moveu para o lado, e como sua voz foi de firme para um pouco afiada demais, quando disse claramente: —não preciso de uma babá.

Não pude evitar. Fiz uma careta.

—Não estou sendo sua babá.

—Você não tem que sentar comigo, — disse ele friamente do nada.

O que diabos tinha espetado sua bunda? —Sei disso. Vim até aqui e me sentei com você. Se eu quisesse me sentar em outro lugar, teria, — disse a ele, tentando processar suas palavras e tom. —Mas se você não quer que me sente aqui, posso levantar-me e ir embora. Não vai machucar meus sentimentos se não me quiser por perto. Não quero que minha presença seja um incômodo.

Droga, por que eu não tinha acabado de dizer que ele não machucaria meus sentimentos se quisesse se sentar sozinho? Não queria fazer isso... sobre mim. Mas, independentemente disso, não empurrei meu banquinho para trás e me levantei. Não ia mostrar que suas palavras e seu tom me incomodavam.

Porque elas não fizeram.

Não muito.

Antes que tivesse a chance de dizer qualquer outra coisa, meu telefone começou a tocar de dentro da minha bolsa. Rip não disse uma palavra para confirmar ou negar que ele queria ou não que me sentasse com ele. Não me disse para sair também, mas isso não me fez sentir muito melhor. Olhei para a tela do telefone, vi o nome THEA piscando na tela, e respondi, colocando minha mão ao redor da minha boca para que ela pudesse me ouvir.

—Olá? — Praticamente gritei de qualquer maneira.

—Luna, — sua voz aquosa veio sobre a linha. —Minha casa foi invadida.

Congelo. —O que?

—Meu lugar. Ele foi invadido, — ela explicou com uma fungada que era tão alta que consegui ouvi-la apesar do fundo alto. —O que eu faço?

Merda. —Chame a polícia, mas não a linha de emergência, — falei, tentando pensar. —Você tem certeza de que ninguém ainda está no apartamento?

—Positivo, — ela confirmou, sua voz vacilante e honestamente soando muito em pânico, não que a culpasse. —Você pode... você pode vir?

—Sim, — concordei rapidamente. —Não estou em casa, mas vou sair daqui a pouco. Chame a polícia e comece a fazer uma lista do que eles roubaram. Mas seja o que for, não fique chateada, ok? São apenas coisas. O que importa é que você está bem.

—Ok, vou ligar agora, mas se apresse, por favor.

Meu estômago se virou quando percebi o medo em sua voz. — Eu vou. Apenas não toque em nada. Não sei. Apenas não toque, ok? Estarei aí assim que puder. — Engoli. — Estou feliz que você esteja bem. Mas não se estresse. Tudo pode ser substituído. Envie-me seu endereço, Thea, ok? — Isso vai me poupar tempo de procurar por isso.

Dando-me um adeus rápido, minha irmã desligou e empurrei meu banquinho para trás e fiquei de pé.

Pobre Thea. Não podia imaginar como ela se sentia, muito menos que me ligou antes de chamar os malditos policiais. Estava honestamente surpresa que queria que eu fosse, mas nunca diria não se precisasse de mim. Não para nenhuma das minhas irmãs. Ou alguém com quem me importasse. Mas isso não mudou o fato de que meu relacionamento com a mais velha das minhas três irmãs mais novas tinha sido tenso desde antes de ela sair. Desde a noite em que tentei dar-lhe um abraço e ela me afastou, dizendo-me para deixá-la sozinha. Eu odiava essa cadeia de palavras mais do que qualquer outra. Realmente odiava.

Por que estava pensando nisso? Prometi a mim mesma que não voltaria a isso.

Respirando tranquilamente, abri a tela do meu telefone e rapidamente comecei a percorrer os aplicativos nela.

—Tudo bem? — Rip perguntou, honestamente me lembrando que estava lá. Não tinha certeza de como tinha me esquecido, mas havia.

Abrindo o aplicativo que precisava, olhei para ele e saí correndo: —O apartamento da minha irmã foi assaltado.

O pequeno entalhe entre as sobrancelhas dele apareceu. —Ela está bem?

—Ela não soa como estivesse, — disse a ele, olhando para o meu telefone enquanto colocava o endereço que precisava pegar uma carona. —Ela me pediu para ir vê-la, então preciso voltar para casa e dirigir até lá.

—Dirigir para onde?

Não olhei para ele enquanto batia no ícone de busca para encontrar um Uber no aplicativo. —Dallas. Ela mora em Dallas. — Peguei minha bolsa e observei a tela piscar enquanto procurava.

—O que você está fazendo? — Rip perguntou instantaneamente.

—Tentando chamar um Uber para me levar de volta para casa, — disse a ele, ainda olhando para a minha tela. —Minha amiga me deixou aqui.

Ouvi empurrar o banquinho de volta em vez de vê-lo. —Eu te levo.

Isso me fez olhar para ele. —Você não precisa.

—Vou levar você, e não diga nada sobre o favor também. — Ele já estava de pé e dando a volta na mesa. —Vamos lá.

Pisquei, mas... apertei o ícone para sair do aplicativo.

Talvez devesse ter discutido com ele um pouco mais, mas... talvez ele contasse isso como o favor, uma vez que realmente tivesse uma chance de pensar sobre isso. Não que eu tivesse muita esperança desde que me conduzir a San Antônio não tinha contado, então, duvidei de dirigir por alguns minutos, mas...

Seria sua escolha.

Balancei a cabeça e corri para a porta, acenando distraidamente para os colegas de trabalho que me assistiram sair, dando olhares curiosos, provavelmente porque Rip estava bem atrás de mim. Levou alguns segundos para sair do bar. Rip apontou para a rua e, a meio quarteirão de distância, avistei a caminhonete amarela. Em pouco tempo, estávamos ao lado do caminhão e ele abriu a porta do passageiro para me deixar entrar. No segundo em que meu cinto de segurança estava ligado, ele saiu na rua.

—Você está bem?

Respirei fundo, sem perceber que estava olhando pelo parabrisa. —Sim, estou bem. Apenas um pouco preocupada com a minha irmã, — expliquei, pensando que não sabia o nome dela. —Estou surpresa que ela tenha me ligado, acho. Não é de surpreender que o apartamento dela tenha sido arrombado. Seu apartamento está no bairro mais perigoso em que já estive.

—Ela mora sozinha?

—Não, tem uma companheira de quarto. — Tomei outra respiração dentro e fora do meu nariz. —Sinto muito, Rip, você precisa de mim para lhe dar instruções do meu endereço?

—Sei como chegar lá.

Outra inspiração, outra liberação disso. —Muito obrigada por me levar até em casa, — disse a ele.

—Uh-huh.

Olhei para o relógio e engoli um bocejo. Ia passar da meia-noite quando chegasse na casa dela. Tinha me levantado às 5:45 da manhã. Poderia fazer um pouco de café e ficaria bem. Bem, tão perto quanto possível. No pior dos casos, baixaria as janelas e deixaria o ar me acordar.

Devia estar em meus pensamentos mais do que imaginava, porque a próxima coisa que sabia era que Rip estava puxando sua caminhonete para dentro de uma garagem.

Minha garagem.

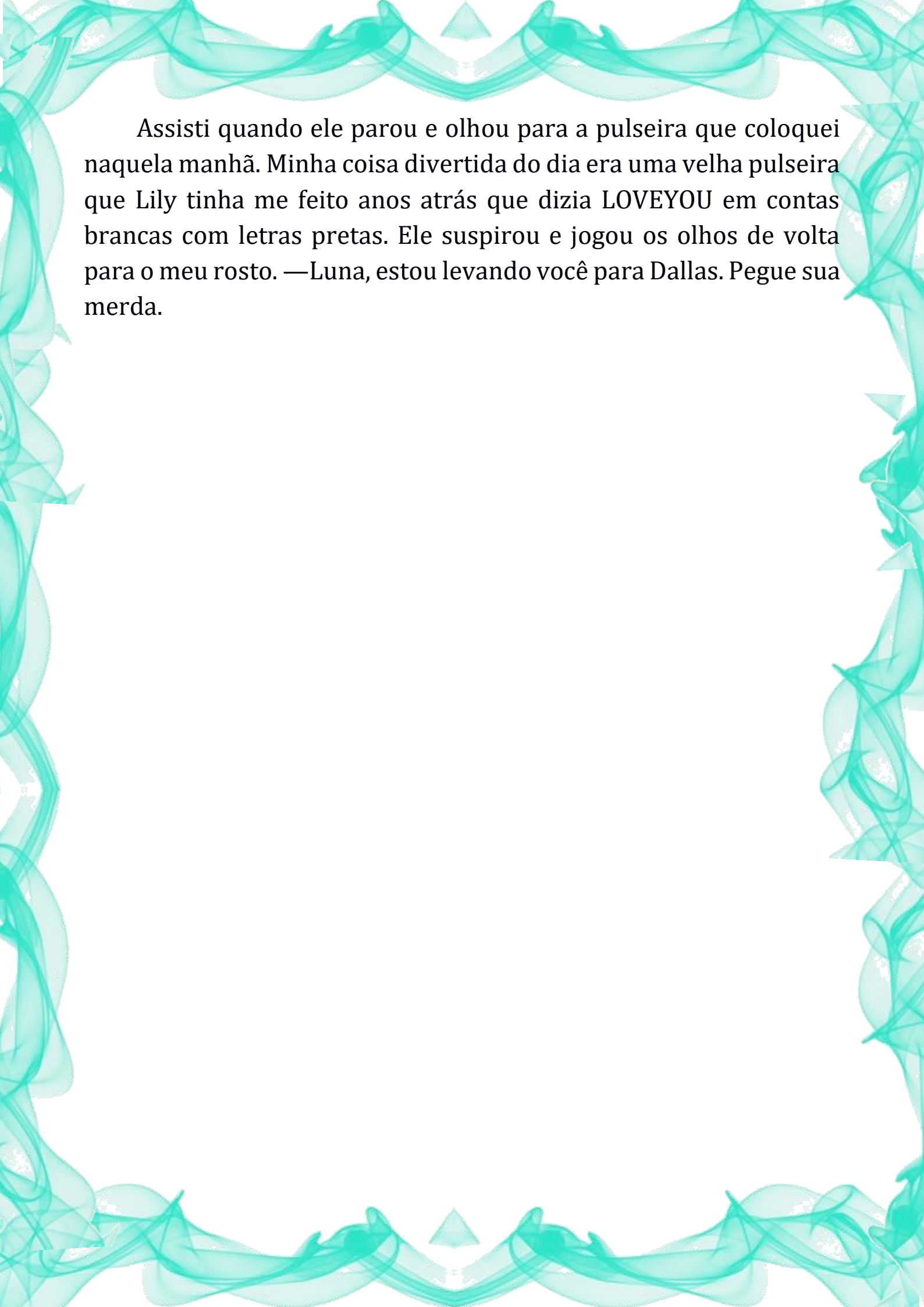
Precisava me recompor. Acalme-se. Concentre-se e continue o mais rápido possível.

—Muito obrigada pela carona, — consegui dizer a ele.

O olhar de Rip estava muito concentrado em mim quando colocou o carro no estacionamento e se recostou no banco, e eu observei quando seus olhos foram para minha casa por cima do meu ombro antes de voltar para mim. Ele lambeu os lábios antes de dizer naquela voz de chefe que me disse para não discutir: —Pegue suas coisas. Eu esperarei aqui fora.

Uh. Talvez ele tivesse bebido um pouco mais do que o habitual. —Você não precisa esperar. Meu bairro é bastante seguro.

Duvidava que alguém me desse uma piscada mais lenta do que a que ele compartilhou comigo naquele momento.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines that resemble smoke or liquid, framing the text on a white background.

Assisti quando ele parou e olhou para a pulseira que coloquei naquela manhã. Minha coisa divertida do dia era uma velha pulseira que Lily tinha me feito anos atrás que dizia LOVEYOU em contas brancas com letras pretas. Ele suspirou e jogou os olhos de volta para o meu rosto. —Luna, estou levando você para Dallas. Pegue sua merda.

Capítulo 13

—Você realmente não precisa fazer isso.

Rip nem sequer bufou ou revirou os olhos quando eu disse as mesmas palavras que já havia dito cinco vezes, desde que ele parou em minha casa e jogou a bomba em mim.

Luna, estou te levando para Dallas. Pegue sua merda.

É claro que eu reagi do jeito que qualquer pessoa sensata faria. Fiquei sentada ali e sem expressão por um minuto até ele erguer as sobrancelhas e dizer: A noite não está ficando mais jovem, menina. Vamos lá.

E isso, isso me tirou do transe.

O que então nos levou a uma discussão de cinco minutos sobre o porquê de ele não ter que me levar e porque estava indo. Quero dizer, ele mal conseguia conversar comigo sem bufar nem sacudir a cabeça. Eu nem sabia que ele tinha uma covinha até hoje à noite. No entanto, queria me levar para Dallas?

Não era o tipo de pessoa para dizer a alguém para não me ajudar, mas simplesmente não fazia sentido.

E ainda assim, ainda me encontrava em sua caminhonete vinte minutos depois com uma sacola cheia de roupas, minha escova de dentes, estojo de lentes de contato e solução.

Suspirei e encostei meu ombro contra a janela. —Rip....

—Luna

Pressionei meus lábios juntos, observando seu perfil. —Vire-se e me leve de volta. Nem deveria ter entrado no carro em primeiro lugar. Você não precisa fazer isso. Tenho certeza de que tem coisas melhores para fazer.

—Não penso assim.

Soltei um suspiro que o fez balançar os olhos para mim.

—Não tenho, — ele repetiu-se, os dedos longos flexionando no volante.

Suspirei novamente. —Foi apenas uma pequena mentira, Ripley.

—Você mentiu para a maldita polícia por mim, Luna. Isso é um crime, caso você não saiba. Não há nada de pequeno nisso.

Acho que não havia como argumentar isso. Coloquei minha mão sobre o meu rosto e respirei fundo, deslizando meu olhar para ele, tentando ser sorrateira sobre isso para que não pudesse me ver fazendo isso. Quem era esse homem? Não que eu estivesse reclamando que ele estava falando comigo e me perguntando coisas e tentando ser legal, mas...

—Por que você está sendo tão chata comigo, por que simplesmente estou indo com você? — Ele perguntou de repente, forçando meus pensamentos de volta.

Parei de tentar ser sorrateira com meus olhares e apenas olhei. —Não estou sendo uma chata. Você está. — Flexionei meus dedos, lembrando que este era meu chefe. —Digo isso com todo o respeito

por você ser proprietário de Cooper e eu ser sua empregada, a propósito. Por favor, não me demita.

Ele balançou a cabeça, e não tinha certeza se era porque não ia me demitir, ou se estava apenas dando nos nervos.

Conhecendo o Rip, pode ser também os dois.

—Olha, eu aprecio você vindo comigo. Realmente aprecio, Rip. Gosto da sua companhia. Você sabe disso. — Não perdi o jeito que ele se virou para olhar para mim, só por um segundo, apenas por uma única fração de segundo, mas não perdi isso. A coisa era que não sabia o que pensar sobre a expressão cautelosa em suas feições quando ele fez isso. —Mas já te disse, você não me deve. Honestamente, provavelmente teria chamado minha melhor amiga para ir comigo se você não tivesse se voluntariado. — Não tinha certeza se ligaria para ela me dizendo para pegar minha merda enquanto se voluntariava, mas perto o suficiente. —Realmente aprecio você vindo comigo, mas não quero ser um inconveniente.

Aqueles longos dedos flexionaram novamente, mas sua atenção permaneceu para frente então. —Você não é.

—Você está estragando pelo menos uma parte do seu fim de semana me levando para Dallas.

—Não estou estragando nada, Luna. — Ele olhou para mim e balançou a cabeça novamente. —Quem te disse que você é um inconveniente?

Não quis dizer para o meu corpo ficar apertado, mas aconteceu. —Ninguém, — tentei dizer a ele o mais brilhantemente possível.

O olhar que me deu disse que achava que eu estava cheia disso.

Ele teria razão, porque estava, e por mais que não quisesse admitir isso, não gostava que ele tivesse essa ideia, especialmente tão rapidamente.

—Não gosto de incomodar as pessoas, só isso. Não gosto de pedir favor a ninguém, e se eu puder...

Querido Deus.

Percebi o que diabos eu acabei de dizer.

Não gostar de pedir a ninguém um favor. Era a verdade. Prefiro ir sem perguntar a ninguém por nada.

E por três anos, estava segurando este favor que Rip sentiu que me devia, sobre sua cabeça.

Não é de admirar que ele quisesse acabar com isso. Fazia total sentido.

Inferno.

—Sinto muito que você sinta que me deve, e entendo por que você quer acabar com esse favor, — murmurei, sentindo meu rosto esquentar quando aceitei o que tinha feito e por que era idiota da minha parte manter discutindo com ele sobre um favor que nunca iria esquecer. Não importa o quanto poderia tentar convencê-lo a sair disso, ele o colocou na sua cabeça dura e nada estava mudando.

—Você não está pedindo. Eu ofereci, — ele sugeriu como se eu realmente olhasse assim.

Desviei meu olhar pela janela e assenti. —Você está certo.

Houve um suspiro, então: —Você não vai mais me dar um momento difícil?

—Não.

Seu —huh— me fez olhar de lado nele.

—Aprecio seu compromisso e como... pacientemente você esteve comigo por causa disso, — disse a ele, um pouco mais relutante do que precisava.

Rip cantarolou.

—Não tenho certeza de quanto tempo isso vai levar. Se você quiser apenas me deixar em Dallas e depois ir...

—O que há com você sempre tentando me fazer desistir de você? — Ele estalou de repente.

Fiz meus olhos se arregalarem em sua atitude frenética. — Porque, lhe disse, não quero incomodá-lo. Não gosto de incomodar ninguém. Não tome isso como pessoal, ok?

Eu não tinha 100% de certeza, mas estava bem certa, ele franziu a testa para mim.

Esfregando minhas mãos contra a minha calça, decidi mexer com ele um pouco mais, murmurando: —No ritmo que você está indo ultimamente, vou começar a pensar que não te irrita tanto quanto você me faz pensar que faço, chefe.

A risada que explodiu dele literalmente me fez segurar a porta que estava encostada. Era tão afiado, tão fora do local, como um maldito fogo de artifício saindo direto dentro da cabine.

Eu pulei. Então, sorri.

E continuei, por que não? Eu o fiz rir. Rip. Rir. —A próxima coisa que sei, nós vamos ser amigos, — continuei murmurando, mal conseguindo não rir.

Sua resposta foi um tremor daquela cabeça bonita e uma risada que continuou.

—Mas realmente, obrigada por vir comigo. E me levado para casa. E por ter orgulho e honra suficientes para manter sua palavra quando você insiste em me fazer um favor que realmente não acho que você me deve, — disse a ele, sorrindo embora não pudesse ver.

A inspiração profunda que ele respirou foi alta e clara. Naquela época, com certeza, sabia, sem dúvida, que ele olhava para mim. — Não tenho muita honra, Luna. Não me dê tanto crédito.

O observei, vendo que ele estava falando sério. —Bem, acho que você tem. A maioria das pessoas simplesmente desistiria e fingiria que eles se esqueceram, se alguém lhes dissesse milhares de vezes que não precisavam de nada.

Seu —hmm— não parecia tão convencido, mas sabia que estava certa. Não havia sentido forçar isso.

Trazendo meu telefone, puxei minhas mensagens com Lenny e mandei uma para ela.

Eu: Hey, indo para Dallas. O apartamento de Thea foi arrombado. Você pode pedir para meu encontro reagendar? Não tenho certeza se vou voltar a tempo amanhã.

Não poderia nem dizer que estava realmente com o coração partido por perder meu primeiro encontro em... seis meses? Talvez até um pouco mais? Duvidava que ficaria tão desapontada se ele não pudesse mudar a data também.

Lenny me mandou uma mensagem de volta dois minutos depois, enquanto Rip mexia no rádio.

Lenny: Ela está bem? Vou mandar uma mensagem para ele. Vai ficar o domingo todo?

Sabia que não havia como ficar até domingo com ela. Definitivamente estava indo para casa em algum momento amanhã. A menos que ela insistisse, mas não iria me preocupar com isso agora. Ela está ocupada. Pelo menos é o que sempre dizia. Levaria todos os meus dedos e de Ripley para contar o número de vezes que eu tinha perguntado ao longo dos anos se ela queria que eu a visitasse, a resposta sendo sempre a mesma: não era um bom momento.

Lenny: Não responda isso. Domingo é bom. Deixa-me ver o que posso fazer.

Maldição. Isso é o que acontece quando alguém te conhece muito bem.

Eu: Ela está bem. E sim, claro, o domingo é bom. Quanto mais cedo melhor.

Lenny: :-)

Pelo menos isso estava resolvido.

A música tocava suavemente no fundo durante todo o trajeto até a casa da minha irmã, agora que Rip e eu havíamos terminado de discutir, pelo menos por agora. Cochilei algumas vezes, mas ele não reclamou ou me deu um tempo difícil. Deixei meu telefone entre nós com a navegação indo. Quando chegamos e vi que estávamos a apenas cinco minutos, sentei-me em linha reta e comecei a prestar atenção.

Não tinha percebido que minha irmã havia se mudado.

Quando a encontrei pela primeira vez em Dallas, há três anos, apenas a segui até seu endereço.

O lugar que tinha ido era um complexo de apartamentos decentes que não parecia muito elegante. Não tinha sido nada extravagante, mas tudo estava bem. Tinha sido basicamente o mesmo tipo de lugar em que havíamos vivido depois de sair do Sr. Cooper.

Mas este lugar, este lugar era bom.

Muito bom.

Muito bom, se os Mercedes e Audis e BMWs que estavam do outro lado do portão significava qualquer coisa.

Dei a Rip o código para o portão — Thea mandou uma mensagem para mim junto com o endereço dela — e não pude deixar de me sentir realmente estranha sobre tudo o que vi. Cada carro era um carro de luxo de modelo antigo, com um punhado de

Hondas e Kias. Agora que pensei sobre isso, Thea não tinha se conduzido para Houston diretamente. Ela geralmente se encontrava com Kyra em Austin e ia com ela.

Por que ela não teria me dito que se mudou?

—Pensei que você disse que sua irmã estava na faculdade, — Rip disse enquanto lentamente passou por um prédio e em direção ao outro, seguindo os sinais do complexo.

Avistei um Range Rover no mesmo momento em que respondia a ele, minha própria voz soando estranha e —Ela está.

—Este é o melhor complexo que já estive.

—Eu também, — murmurei, sentindo-me muito desconfortável, e talvez até um pouco magoada que ela não tenha me dito nada. Achou que eu ficaria com ciúmes ou algo assim?

Mas realmente, como diabos ela podia pagar algo assim? Tinha um emprego na universidade. Tinha aulas de verão. Tinha um estágio e empréstimos.

Eu pagava por seu plano de refeições na escola.

Tinha que haver uma razão para ela não ter me dito que estava morando em outro lugar.

Talvez tivesse conseguido uma nova companheira de quarto que estava morando aqui?

Isso faria sentido. Ainda morava na minha casa que estava arrumando e não queria que eu soubesse que provavelmente tinha um chuveiro e uma bancada de granito enquanto eu ainda

economizava para arrumar minha casa. Thea nunca tinha sido o tipo de pessoa a ser tão humilde, mas...

—Qual é mesmo o número do apartamento?

Disse a ele o número do apartamento que ela me dera.

Logo ao lado, Rip virou em um dos pontos que diziam que estavam reservados para os hóspedes. Com base no número do apartamento, o local ficava no terceiro andar. Saímos e ele deixou-me mostrar o caminho enquanto eu procurava as escadas ou um elevador. Encontrei a escada primeiro e subi, com ele seguindo atrás. No terceiro andar, não demorou muito para encontrar o apartamento que estava procurando.

Toquei a campainha e dei um passo para trás, batendo no lado de Rip. Olhando para cima, encontrei-o olhando para mim e sorri para ele. —Obrigada novamente por vir comigo.

Ele me observou com aqueles olhos azul-esverdeados. Sua voz era baixa, —Claro.

—Deixe-me ver o que ela quer fazer, e vou ver se consigo um quarto de hotel ou algo para você ficar. — Meus olhos deslizaram em direção à porta que ainda não tinha aberto e algo que estava muito perto de ser um mal-estar deslizou sobre mim. —Tinha planejado apenas ficar aqui, mas não sei se isso vai acontecer.

Por que ela não me contou?

Soquei meu dedo para tocar a campainha novamente, então bati nela também. Não era nem uma da manhã ainda. Sabia que ela não estaria dormindo.

A porta ainda não se abriu.

—Ligue para ela, — disse Rip.

Eu apertei a campainha novamente.

Nada ainda.

Puxando meu telefone, disquei seu número da memória e ouvi o telefone tocar dentro. Abruptamente, o barulho parou como se ela tivesse ignorado ou silenciado.

Isso estava realmente acontecendo?

Olhei para Rip e o encontrei ainda olhando para mim, essa estranha expressão em seu rosto.

Frustração e mágoa se acumularam no meu peito instantaneamente, e a próxima coisa que soube fazer foi levantar meu punho e bater a parte externa contra a porta dela o mais forte que pude. Então fiz isso de novo, gritando —Thea! — na porta.

Isso parece que funcionou.

Dois segundos depois, o que soou como um ferrolho virou e a próxima coisa a acontecer foi a porta sendo aberta para mostrar a minha irmã ali. Em um manto, com o cabelo loiro para baixo e os olhos grandes e inchados e debruados em vermelho, parecendo uma bagunça. Não que eu fosse uma pessoa para falar, mas ela realmente parecia uma bagunça, e nunca perdeu a compostura antes.

—Luna, — ela murmurou, genuinamente parecendo surpresa.

—Oi, — disse a ela, tentando não parecer estranha.

Minha irmã de vinte e um anos enxugou o rosto com as costas das mãos, e observei quando ela olhou para Rip atrás de mim e deixou os olhos se demorarem por um momento, essa expressão esquisita e estranha vindo antes dela voltar a falar comigo de novo. —Não tinha certeza se você estava vindo, — tentou afirmar em sua voz igualmente estranha.

Pisquei. —Você me pediu para vir. Mandeí uma mensagem duas vezes enquanto estávamos a caminho. — Tentei dar-lhe outro sorriso, mas não tinha certeza se tinha conseguido. Ela realmente estava prestes a ignorar minha ligação?

—Sim, eu sei, eu só... — Ela balançou a cabeça e deu um passo para trás, fungando quando o fez. —Entre.

Dei alguns passos para dentro, Rip diretamente atrás de mim. Ela mal fechou a porta quando olhei para ela e gesticulei para Rip. —Thea, este é Ripley. Rip, esta é minha irmã Thea.

Foi minha irmã que colocou a mão primeiro, Rip balançou-a com firmeza, mas rapidamente antes de voltar para o meu lado. Seus olhos deslizaram para os meus e não gostei do suspiro que ela soltou. —Os policiais vieram e saíram cerca de uma hora atrás.

Eu assenti. —O que eles disseram?

—Vamos, venha para a sala de estar, — ela disse, seu olhar deslizando de volta para Rip por um segundo, antes de nos levar por um corredor curto que se abria para uma sala de estar e cozinha arejadas. Três peças de sofás azul-marinho de veludo decoravam a sala com uma bela mesa de vidro no meio. Havia luminárias e bugigangas decorando mesas laterais, uma enorme TV montada na

parede com prateleiras flutuantes segurando o que parecia ser um aparelho de DVD e algum tipo de sistema de som.

Era legal, muito legal.

E nada parecia... fora do lugar. Ou ausente. Tudo era imaculadamente limpo, como se soubesse que Thea gostava de suas coisas organizadas.

—Querem algo para beber? — ela perguntou, apertando as mãos na frente de si mesma. Quase torcendo elas.

Minha garganta de repente pareceu seca. —Gostaria de um pouco de água.

—Estou bem, — Rip respondeu, sua voz não soou como ele, mas não pensei demais nisso.

Thea assentiu e foi para a cozinha, tirando uma garrafa de água da geladeira. Notei que não era uma marca sem nome também. Quando deixei Thea, em Dallas, há três anos, tudo em sua despensa tinha sido de uma marca genérica. Inferno, a maioria das coisas na minha despensa eram da marca genérica, a menos que a Lily insistisse. Mesmo quando comprei produtos orgânico, se houvesse o rótulo genérico, é isso que teria.

Minha irmã me entregou a garrafa de água e ficou ali parada.

Tirei dela, abrindo a tampa e bebendo a metade antes de colocá-la de volta. Olhando para o homem ao meu lado, segurei a garrafa para ele, apenas no caso de ele realmente estar com sede. Ele estava. Pegou de mim sem hesitação e bebeu o resto.

Em qualquer outra circunstância, diria a ele que os amigos compartilhavam garrafas de água, mas... bem, essa não era a hora, e eu não estava de bom humor quando minha irmã estava sendo tão estranha.

—Os policiais vieram e perguntaram o que tinha acontecido, fizeram uma lista e então foram embora, — disse Thea, mordendo o lábio a cada poucas palavras. —Eles não pegaram impressões digitais nem nada. Disseram que falaria com o gerente da propriedade para ver as câmeras, mas não sei se conseguiram.

A exaustão me atingiu nos ombros enquanto eu estava lá, e não pude deixar de olhar em volta do resto do apartamento. Havia uma porta do outro lado que parecia levar a algum tipo de corredor, e mais perto de onde estávamos, havia uma porta entreaberta que mostrava um lavabo, e outras poucas portas que poderiam ter levado a uma despensa, talvez outro quarto, e eu não sabia o que mais.

Mas nada parecia fora do lugar.

O lugar estava limpo.

Demasiado limpo?

—O que eles levaram? — Eu me encontrei perguntando à minha irmãzinha.

A mão dela subiu até o rosto para enxugar os olhos novamente. —Meu notebook. Algumas roupas. Algumas joias.

Que joias minha irmã tinha que valia a pena roubar?

—Eles passaram pelo meu quarto e todas as minhas gavetas e abriram tudo na cozinha, mas já coloquei tudo de volta onde deveria estar, — explicou ela, trêmula.

Oh. —Thea, sinto muito. — Se ela fosse Lily, teria abraçado, mas era meu coração que não me deixava levantar meus braços, e meu cérebro que não me deixava me envergonhar se ela não aceitasse meu conforto. Novamente. —Com o que você precisa de ajuda?

Minha irmãzinha mordeu o lábio novamente, sacudindo as mãos e engolindo com tanta força que tive certeza de que sua garganta tinha doído. —Sinto muito, Luna. Realmente não preciso de nada. Nem sequer... nem deveria ter ligado para você. — Ela engoliu em seco novamente, e eu não pude deixar de sentir meus olhos se estreitarem. —Eu não deveria ter pedido para você vir. Eu estava apavorada e você foi a primeira pessoa que pensei em ligar. Estou bem.

—Você não precisa se desculpar por me pedir para vir, — disse à minha irmã. —Eu viria se você apenas pedisse para mim, Thea. Você sabe disso. — Mas....

Suas mãos flexionaram em seus lados e ela balançou a cabeça, dando-me um olhar aguado. —Eu sei, Luna, mas não deveria ter pedido para você. Apenas me assustei.

Nada disso parecia certo. Nada disso. —Está bem. Você está bem, certo?

Minha irmã mais nova assentiu.

—Você tem seguro de aluguel?

Ela levantou um ombro.

Pressionei meus lábios e ignorei a dor crescente no meu peito. —E quanto à sua companheira de quarto? Eles levaram alguma coisa dela?

Seu —não— foi o mais agudo que ela já me deu.

Segurei minha respiração. —Onde ela está?

Ela coçou a bochecha. Se não a conhecesse tão bem como antigamente, não saberia que era o que ela fazia quando estava cheia de besteira. Mas ela souu bem convincente quando disse: —Ela está fora. Estará de volta daqui a pouco. Teve que trabalhar hoje à noite.

Trabalhar? À meia-noite? Com um lugar como este, ela não era exatamente uma garçonete.

Thea levantou as mãos e esfregou os olhos, colocando-me mais no limite. —Sinto muito por fazer você dirigir todo o caminho até aqui para nada.

Não foi tão fácil não recuar.

—Estou bem. Eu sei... Eu sei que é apenas coisas que eles pegaram. Vou descobrir se temos seguro que cobrirá isso. A única coisa que me preocupa é o meu laptop.

Seu laptop. Que ela usa para os estudos. Tentei empurrar para baixo a minha decepção em sua mentira — porque tinha visto esse arranhão — e ela lamentando me fazer dirigir tão longe para vir... disse a mim mesma que eu amava essa pessoa. Queria o melhor para ela, mesmo que estivesse fazendo meu peito doer e não era a primeira vez que tinha feito isso.

—Quanto custa um laptop? — Consegui perguntar, agarrando-me àquele fio de amor como se isso fosse me salvar de cair de um penhasco.

—Você não precisa fazer isso, Luna. Está bem. Posso resolver isso, — disse ela.

—Mas você precisa disso para a escola. Posso lhe enviar algum dinheiro por...

Thea balançou a cabeça bruscamente. —Não, tudo bem, Luna. Eu resolvo isso.

Ela resolve isto? Como?

—Eu prometo, — ela insistiu, apenas fazendo-me ainda mais cautelosa. E magoada.

OK. Forcei minhas mãos a soltar-me, obriguei-me a manter a calma. Para ficar focada nesse amor dentro de mim. —O que posso fazer então? O que você precisa?

—Não preciso de nada, — ela disse, mas suas palavras pareceram como facas cortando meu calcanhar de Aquiles.

Ao meu lado Rip mudou, e sua voz estava baixa quando algo tocou minha parte inferior das costas brevemente, tão levemente que quase não senti. —Vou esperar no carro.

Ignorei a sensação de um nó na minha garganta, concentrando-me na mulher à minha frente. Porque ela era mulher. E por alguma razão não queria que ele fosse, e mais do que provavelmente não entenderia, disse a ele: —Você não precisa ir. Você pode ficar se quiser.

—Luna— A voz de Thea ficou um pouco macia demais. — Prometo que estou bem. Me desculpe por desperdiçar seu tempo.

Ela pode ser uma mentirosa, e pode estar escondendo coisas de mim por algum motivo, mas eu a amava. A amava. —Faria qualquer coisa por você. Você sabe disso.

—Eu sei, mas realmente sinto muito. — Seus olhos deslizaram para o lado, do jeito que eles tinham feito muitas vezes enquanto era mais jovem. —Minha colega de quarto estará aqui daqui a pouco, e preciso falar com ela. — Ela esfregou os olhos novamente, ainda nos evitando. —Tenho que estar no trabalho às oito amanhã, e vou estar lá o dia todo.

—OK. — Sabia o que ela estava tentando dizer. Sabia.

—Nós concordamos em não deixar as pessoas ficarem... , — ela continuou.

Lá estava.

—Estou tão feliz por você ter vindo. Só você faria algo assim. Você é a melhor meia-irmã que eu poderia pedir.

Foi a 'meia-irmã' que finalmente, finalmente me fez estremecer.

Ela só me chamava assim de vez em quando, e apenas nos últimos cinco anos. Antes sempre fui sua irmã. Sua irmã mais velha. E agora, agora eu era sua meia-irmã.

—Eu gostaria de não ter que trabalhar amanhã, mas preciso do dinheiro.

Ela precisava do dinheiro.

—Não sei quando posso voltar, mas vou tentar em breve. —
Minha irmã me deu um sorriso que caiu, que me magoou de novo,
desta vez direto no meu estômago. —Sinto sua falta. Queria ficar
mais tempo do que da última vez.

Tudo que pude fazer foi ficar lá.

Com meu coração sentindo muito perto de quebrar.

Com um nó na garganta que parecia estar crescendo a cada
segundo.

Amava minha irmã. Realmente amava Thea com tudo no meu
coração. Ela tinha sido a primeira pessoa a ser colocada em minha
vida que me amou de volta.

E ela estava, em poucas palavras, me pedindo para sair depois
de ter viajado quase quatro horas para vir e vê-la.

Minha boca se regou e não por um bom motivo.

Mas eu não daria um ataque. Toquei a pulseira LOVEYOU no
meu pulso esquerdo. Eu não imploraria.

Eu apenas... assenti e dei a ela um sorriso que não parecia tão
compreensivo, mas esperava que isso não a fizesse se sentir culpada
também. Ela tinha acabado de me machucar, mas isso não
significava que eu tinha que machucá-la de volta. O que não pude
deixar ir agora era aquela maldita dor em mim. Não ia dar a ela um
tempo difícil por me expulsar.

Mas...

Mas não podia simplesmente sair daqui, deixando-a pensar que ela tinha me enganado tão facilmente. Por mais que queira acreditar que ela não faria isso... ela fez. Ou, pelo menos, estava tentando, e não podia deixar essa coisa pequena ir embora. Não dessa vez.

—Por que você não me disse que se mudou? — Eu perguntei a ela, ignorando como minha voz soava entorpecida.

Ela fez uma pausa, e o rosto que eu conhecia tão bem fez uma careta só um pouco, mas apenas o suficiente. —Eu só... — Ela estava tentando pensar em uma mentira? —Eu... eu não queria incomodar você.

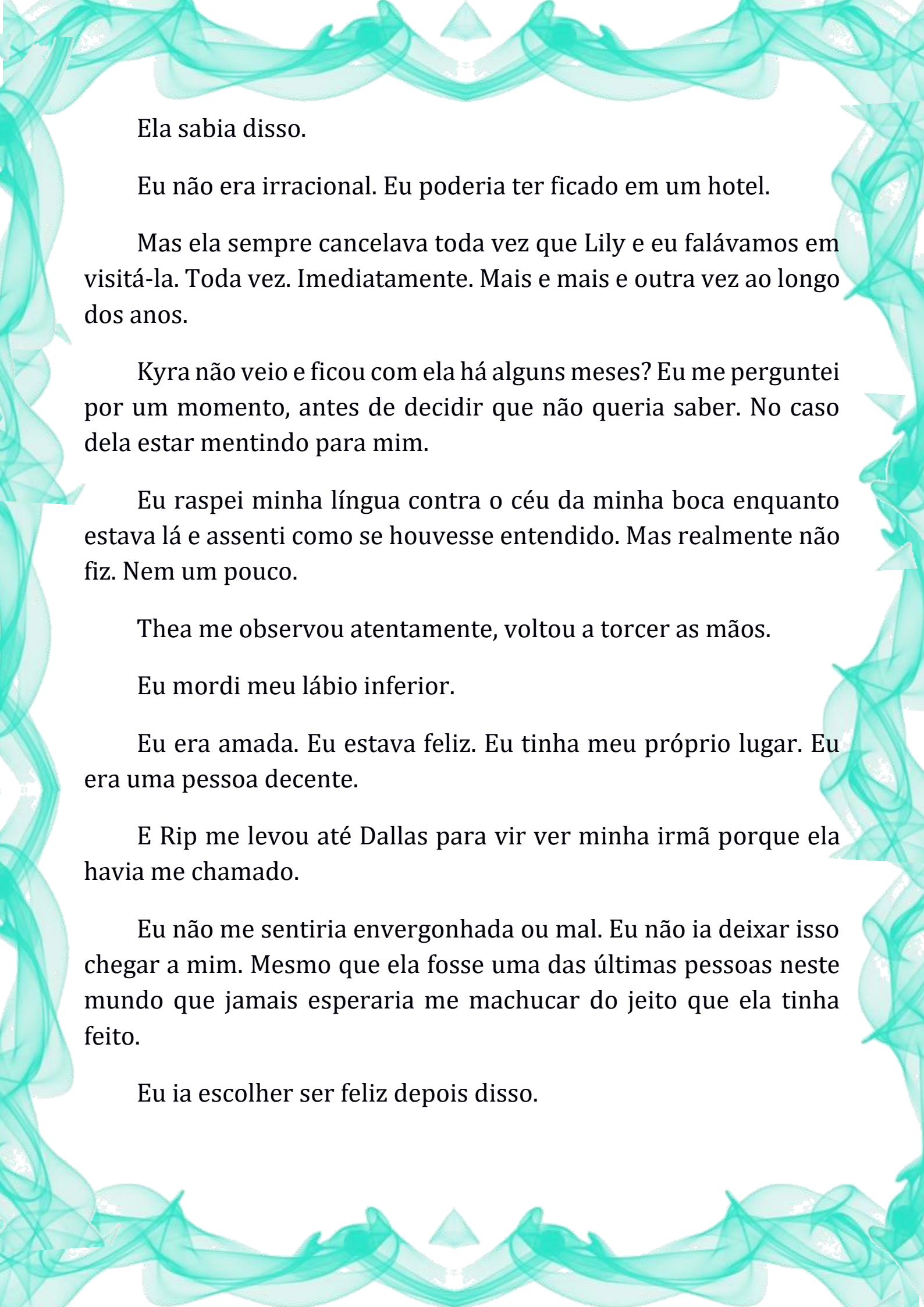
Ela não queria me incomodar.

Talvez eu tivesse, literalmente horas atrás, dito aquelas palavras exatas para o Rip, mas isso foi porque não queria pedir ajuda a ele.

Minha irmã saindo de seu apartamento não estava incomodando. Por que isso seria incomodativo? Como isso seria incomodar?

Thea deve ter percebido o quão fraca era essa desculpa, porque ela me deu um sorriso naquele momento que era tão falso quanto o último. —Minha colega de quarto me convidou para vir morar aqui, mas ela não gosta que as pessoas venham, então eu não vi razão em dizer a você, e então...

Ter que me dizer que eu não tinha permissão para passar a noite? Depois que eu paguei por nosso apartamento sozinha enquanto ela morava comigo por três anos? Eu teria entendido.



Ela sabia disso.

Eu não era irracional. Eu poderia ter ficado em um hotel.

Mas ela sempre cancelava toda vez que Lily e eu falávamos em visitá-la. Toda vez. Imediatamente. Mais e mais e outra vez ao longo dos anos.

Kyra não veio e ficou com ela há alguns meses? Eu me perguntei por um momento, antes de decidir que não queria saber. No caso dela estar mentindo para mim.

Eu raspei minha língua contra o céu da minha boca enquanto estava lá e assenti como se houvesse entendido. Mas realmente não fiz. Nem um pouco.

Thea me observou atentamente, voltou a torcer as mãos.

Eu mordi meu lábio inferior.

Eu era amada. Eu estava feliz. Eu tinha meu próprio lugar. Eu era uma pessoa decente.

E Rip me levou até Dallas para vir ver minha irmã porque ela havia me chamado.

Eu não me sentiria envergonhada ou mal. Eu não ia deixar isso chegar a mim. Mesmo que ela fosse uma das últimas pessoas neste mundo que jamais esperaria me machucar do jeito que ela tinha feito.

Eu ia escolher ser feliz depois disso.

—Ok, Thea, — eu disse a ela com cuidado, incapaz de reunir mais do que apenas um sorriso que consistia em uma bochecha torcida. —Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa, tudo bem? — Eu ainda me encontrei oferecendo.

Ela... ela apenas assentiu.

Dei um passo para trás e pensei no abraço que gostaria de ter recebido ou ter lhe dado, mas ela não deu um passo à frente ou fez um movimento para fazer parecer que também queria.

Então deixo minhas mãos caírem para os lados.

—Tome cuidado, — eu disse a ela, ouvindo como desajeitada minha voz soou.

Ela nem sequer recuou. —Dirija em segurança, — disse como se tivesse outras centenas de vezes quando as coisas entre nós estavam bem e normal. O arranhão que ela fez na bochecha foi a única coisa que me disse que poderia se sentir um pouco mal. E só um pouco. Eu não esperava muito mais que isso.

Eu pensei que eu era uma pessoa forte. Aprendi a perdoar. Era mais paciente do que a maioria das pessoas que eu conhecia. Não era realmente tão mesquinha e não esperava muito de ninguém, nunca.

Mas enquanto andava ao redor da minha irmã com os olhos colados na minha frente, eu me senti mais enjoada do que jamais poderia me lembrar nos últimos dez anos.

Honestamente, genuinamente, parecia que meu coração estava se partindo. Ou talvez a fratura sempre estivesse lá e estivesse

ficando mais larga e mais profunda, cortando-me ainda mais do que antes. Eu não tinha pensado que era possível.

Fui pelo corredor e abri a porta, apertando as mãos ao meu lado e respirando pelo nariz e pela boca.

Ela não chamou novamente.

Ela não mudou de ideia sobre eu sair.

Senti a presença de Rip, ouvi a porta se fechar atrás de nós. Mordi o interior da minha bochecha e desci a escada, sem correr, mas sem andar. E quando cheguei no primeiro andar, com os passos de Rip por perto, parei ali, dando a ele apenas espaço suficiente para andar ao meu redor.

Eu não me sentiria mal. Eu ia ser feliz. Eu estava bem.

Minhas mãos foram para os meus quadris, e respirei fundo pelo nariz, sentindo-me balançando a cabeça mais do que o normal, estando ciente da decisão que eu tomei.

Não havia como ignorar a dor sutil, mas aguda, que se passava no meu coração quando parei ali.

—Eu só preciso de um minuto, — disse a Rip calmamente, ainda na frente dele, para que não pudesse ver meu rosto.

Seu —tudo bem— foi tão baixo e suave como o meu pedido tinha sido, mas eu não estava em condições de analisá-lo de qualquer maneira.

Balancei a cabeça, esperando que ele tivesse visto, e comecei a andar de novo.

Estava escolhendo ser feliz. Estava escolhendo ser feliz. Eu estava...

Não.

Eu não estava feliz. Não consegui nem encontrar um pouquinho disso. Nem uma partícula disso.

Meus pés me levaram para o estacionamento, passando pela caminhonete de Rip. Eles me levaram para o meio do estacionamento no ar abafado de Dallas. Andei até o final do prédio e voltei, respirando pelo nariz e pela boca, balançando a cabeça de vez em quando. O tempo todo, não me deixando pensar em como me sentia triste e magoada. Não me deixando pensar em como não estava feliz naquele momento.

Eu tentei com tudo... forçar minha mente em branco quando me virei e caminhei de volta na direção que eu tinha vindo.

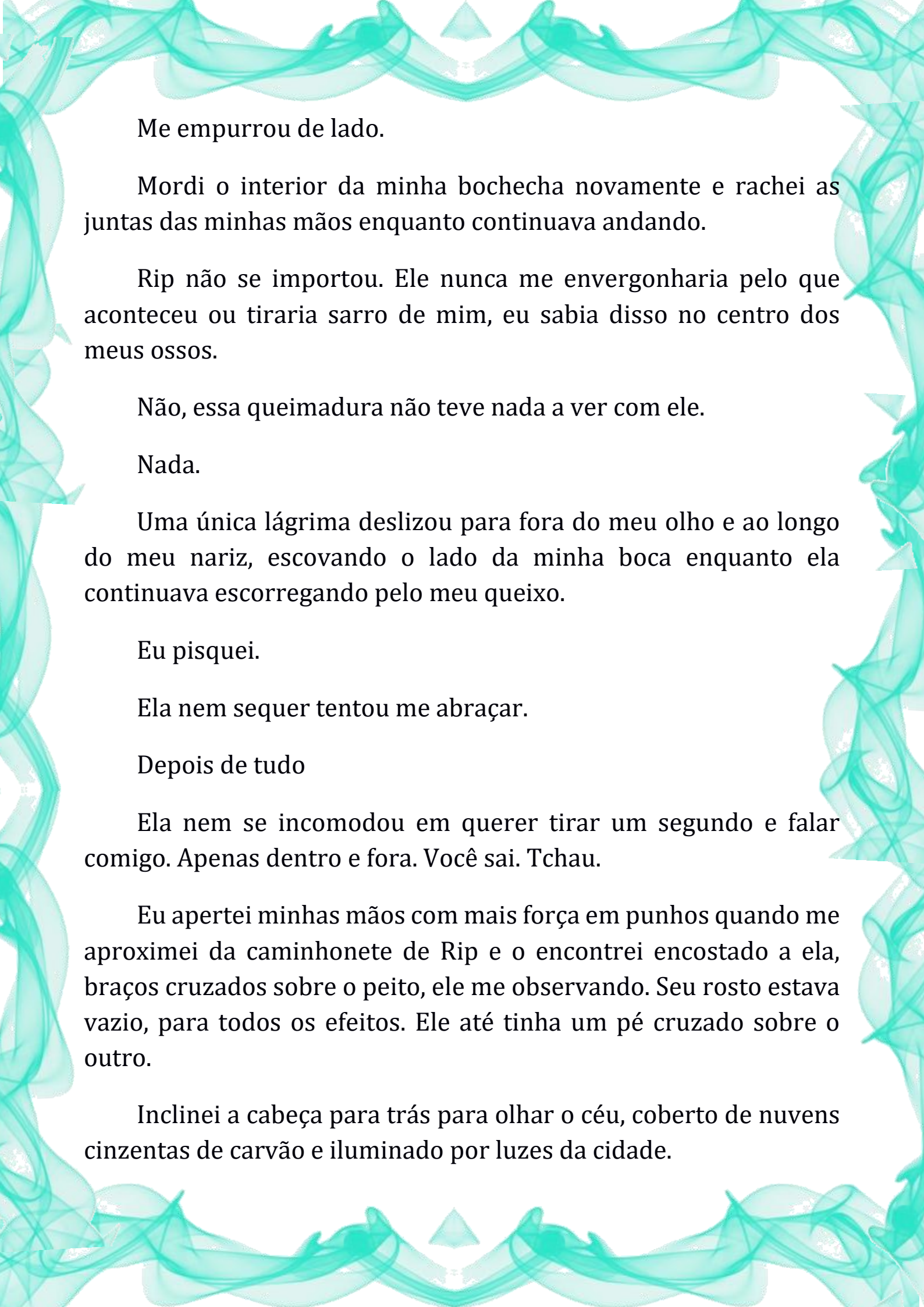
Não ia chorar e não ficaria chateada.

Essa não foi a pior coisa que já aconteceu comigo. Minha irmã me dizendo que eu não poderia ficar com ela. Minha irmã se referindo a mim como sua meia-irmã. Minha própria, porra, irmã não me querendo por qualquer motivo.

Tinha ido até lá porque ela havia pedido. Não porque eu esperava alguma coisa.

Mas esperava mais do que ser mandada para casa depois de dez minutos de estar em seu apartamento, depois que ela me magoou.

Eu especificamente não me deixei pensar em como ela me desconsiderou.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text, resembling smoke or water. It is symmetrical along both the vertical and horizontal axes.

Me empurrou de lado.

Mordi o interior da minha bochecha novamente e rachei as juntas das minhas mãos enquanto continuava andando.

Rip não se importou. Ele nunca me envergonharia pelo que aconteceu ou tiraria sarro de mim, eu sabia disso no centro dos meus ossos.

Não, essa queimadura não teve nada a ver com ele.

Nada.

Uma única lágrima deslizou para fora do meu olho e ao longo do meu nariz, escovando o lado da minha boca enquanto ela continuava escorregando pelo meu queixo.

Eu pisquei.

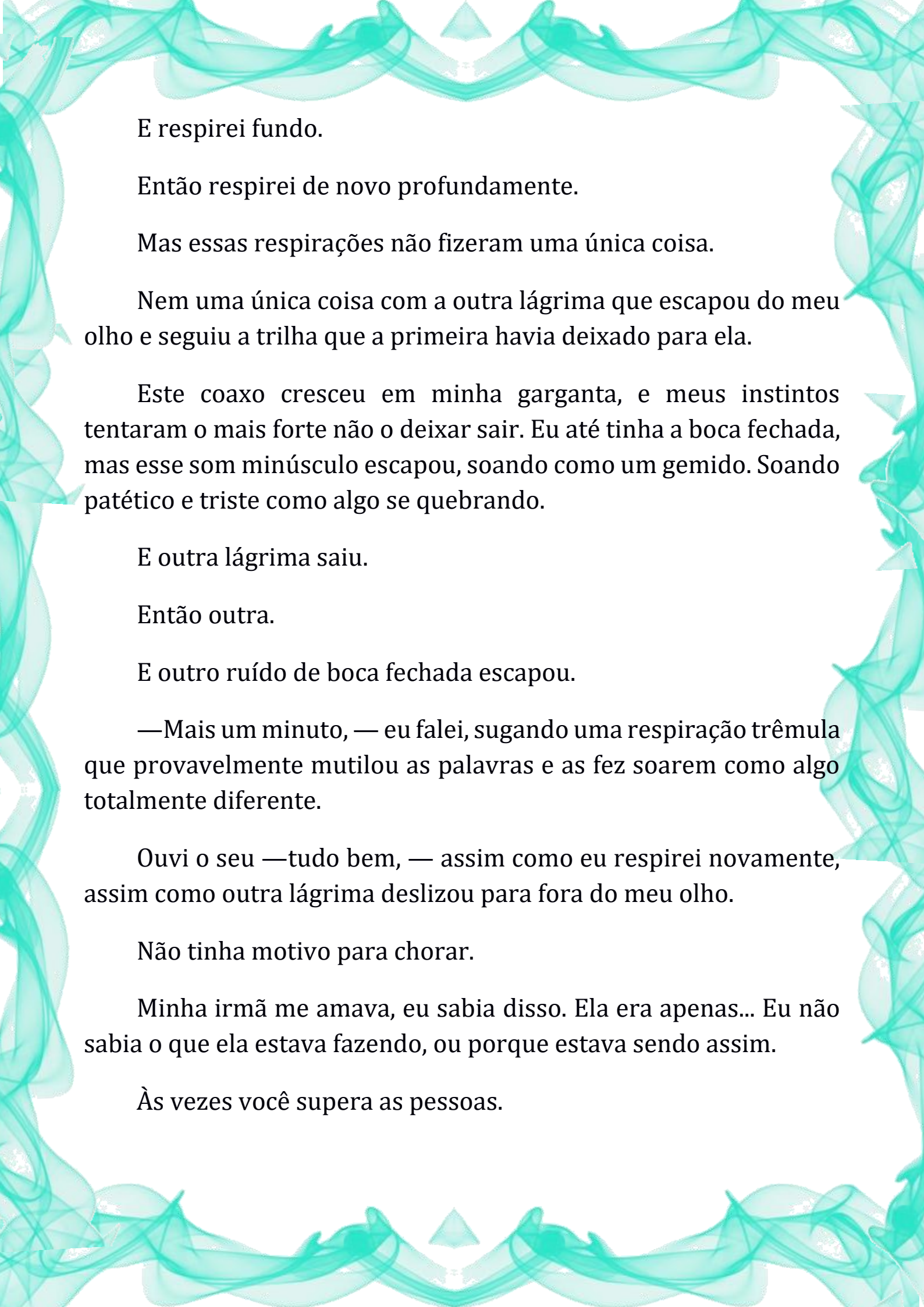
Ela nem sequer tentou me abraçar.

Depois de tudo

Ela nem se incomodou em querer tirar um segundo e falar comigo. Apenas dentro e fora. Você sai. Tchau.

Eu apertei minhas mãos com mais força em punhos quando me aproximei da caminhonete de Rip e o encontrei encostado a ela, braços cruzados sobre o peito, ele me observando. Seu rosto estava vazio, para todos os efeitos. Ele até tinha um pé cruzado sobre o outro.

Inclinei a cabeça para trás para olhar o céu, coberto de nuvens cinzentas de carvão e iluminado por luzes da cidade.



E respirei fundo.

Então respirei de novo profundamente.

Mas essas respirações não fizeram uma única coisa.

Nem uma única coisa com a outra lágrima que escapou do meu olho e seguiu a trilha que a primeira havia deixado para ela.

Este coxo cresceu em minha garganta, e meus instintos tentaram o mais forte não o deixar sair. Eu até tinha a boca fechada, mas esse som minúsculo escapou, soando como um gemido. Soando patético e triste como algo se quebrando.

E outra lágrima saiu.

Então outra.

E outro ruído de boca fechada escapou.

—Mais um minuto, — eu falei, sugando uma respiração trêmula que provavelmente mutilou as palavras e as fez soarem como algo totalmente diferente.

Ouvi o seu —tudo bem, — assim como eu respirei novamente, assim como outra lágrima deslizou para fora do meu olho.

Não tinha motivo para chorar.

Minha irmã me amava, eu sabia disso. Ela era apenas... Eu não sabia o que ela estava fazendo, ou porque estava sendo assim.

Às vezes você supera as pessoas.

Talvez tenha sido o que ela fez. Mudou-se da casa de sua irmã que abandonou a escola e pintava carros para viver. Sua meia-irmã desde que é assim que ela pensava sobre mim agora.

E essa parte da história era o que eu precisava para mais lágrimas saírem dos meus olhos. Uma após a outra, após a outra, até que tinha as partes carnudas das palmas das minhas mãos enfiadas nas órbitas dos olhos, desviando o fluxo de uma lágrima traidora atrás da outra.

—Luna, — veio o grunhido profundo de uma voz.

—Quinze segundos, — eu tentei dizer a ele como disse a mim mesma para parar. Pare.

Pare, Luna.

Você está bem.

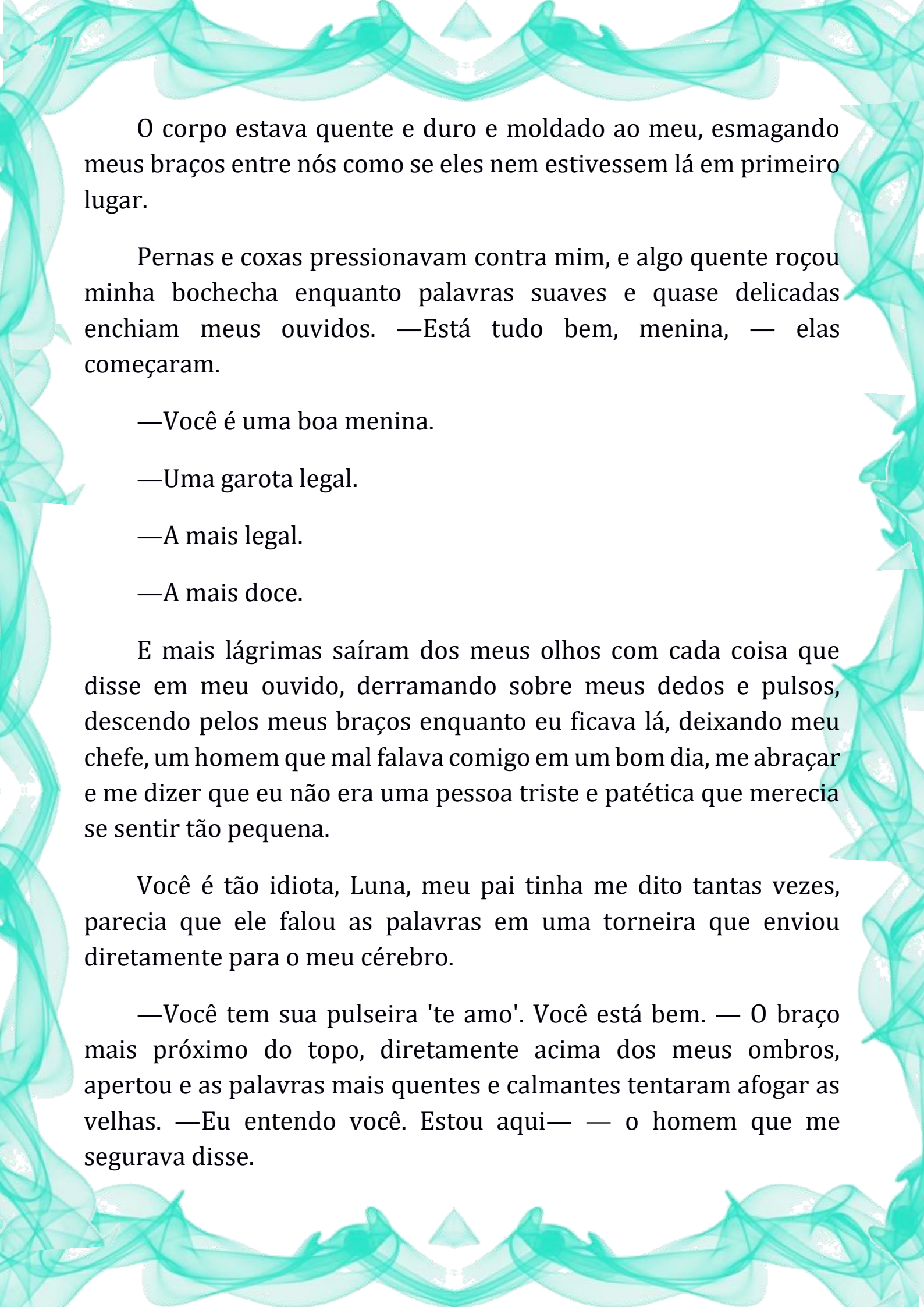
Pare de ser dramática.

Você está levando isso muito pessoal.

Pare com isso.

Juro que ouvi um murmúrio de —Foda-se— em algum lugar perto demais, mas nunca poderia ter certeza.

O que eu pude ter certeza era o corpo que subiu até o meu. O corpo que não me dava a chance de parar de chorar ou até mesmo soltar minhas mãos porque aquele corpo se enrolava em volta do meu. Um braço enrolado sobre o meu ombro, outro logo abaixo dele, cobrindo minhas omoplatas.



O corpo estava quente e duro e moldado ao meu, esmagando meus braços entre nós como se eles nem estivessem lá em primeiro lugar.

Pernas e coxas pressionavam contra mim, e algo quente roçou minha bochecha enquanto palavras suaves e quase delicadas enchiam meus ouvidos. —Está tudo bem, menina, — elas começaram.

—Você é uma boa menina.

—Uma garota legal.

—A mais legal.

—A mais doce.

E mais lágrimas saíram dos meus olhos com cada coisa que disse em meu ouvido, derramando sobre meus dedos e pulsos, descendo pelos meus braços enquanto eu ficava lá, deixando meu chefe, um homem que mal falava comigo em um bom dia, me abraçar e me dizer que eu não era uma pessoa triste e patética que merecia se sentir tão pequena.

Você é tão idiota, Luna, meu pai tinha me dito tantas vezes, parecia que ele falou as palavras em uma torneira que enviou diretamente para o meu cérebro.

—Você tem sua pulseira 'te amo'. Você está bem. — O braço mais próximo do topo, diretamente acima dos meus ombros, apertou e as palavras mais quentes e calmantes tentaram afogar as velhas. —Eu entendo você. Estou aqui— — o homem que me segurava disse.

Ele me tinha.

Talvez só por um minuto. Talvez por dez. E mesmo sabendo que era idiota e que eu não tinha o direito de fazê-lo e precisava juntá-lo, inclinei-me para ele. Eu fui um pouco manca contra seu corpo, inclinei minha cabeça para frente até que descansasse bem entre o pescoço e a clavícula.

Por um momento, deixei Lucas Ripley me segurar enquanto as lágrimas caíam dos meus olhos, fazendo com que as que eu derramei no meu quarto depois do funeral da minha avó parecessem nada.

Tudo que eu sempre quis foi ser amada.

E uma das únicas pessoas que eu esperava amar-me incondicionalmente para o resto da minha vida me deixou sair do seu apartamento, sem falar sobre como a escola estava indo. Ou trabalho. Ou nada.

Nós tínhamos percorrido todo o caminho até aqui e...

Um dos braços ao meu redor se moveu, e o que tinha que ser sua mão pousou na parte de trás da minha cabeça, os dedos mergulhando no meu cabelo, correndo pelas pontas antes de voltar para fazer tudo de novo.

—Mais dez segundos, — eu murmurei em minhas mãos, em sua camisa, para ele.

—Mais dez segundos, — ele concordou em minha bochecha, sua mão em concha na parte de trás da minha cabeça novamente.

Eu respirei fundo pelo nariz e apertei meu rosto ainda mais perto do ponto mais alto do seu peito, sentindo ossos e músculos

duros sob ele — um lembrete de que este homem era imóvel. Resistente. Difícil. Mesmo inclinando-se para ele com mais do meu peso do que eu já havia deixado alguém apoiar, ele segurou-o sem um problema.

Seus dedos percorreram meu cabelo para tocar minha nuca.

Aqueles dedos ásperos e calejados trabalharam o seu caminho para a parte de trás do meu pescoço, para manter minha cabeça no lugar, exatamente onde estava.

Thea me amava. Eu sabia. Mas não parecia. Não parecia.

—Eu só... eu só... — Tentei dizer, mas não consegui encontrar as palavras.

—Eu sei. — Aqueles dedos amassaram meus músculos levemente, a faixa ao redor dos meus ombros se apertando. —Eu sei. Você está bem. Você está bem.

Eu estava bem. Eu estava bem.

Respirei pelo nariz e balancei a cabeça contra ele.

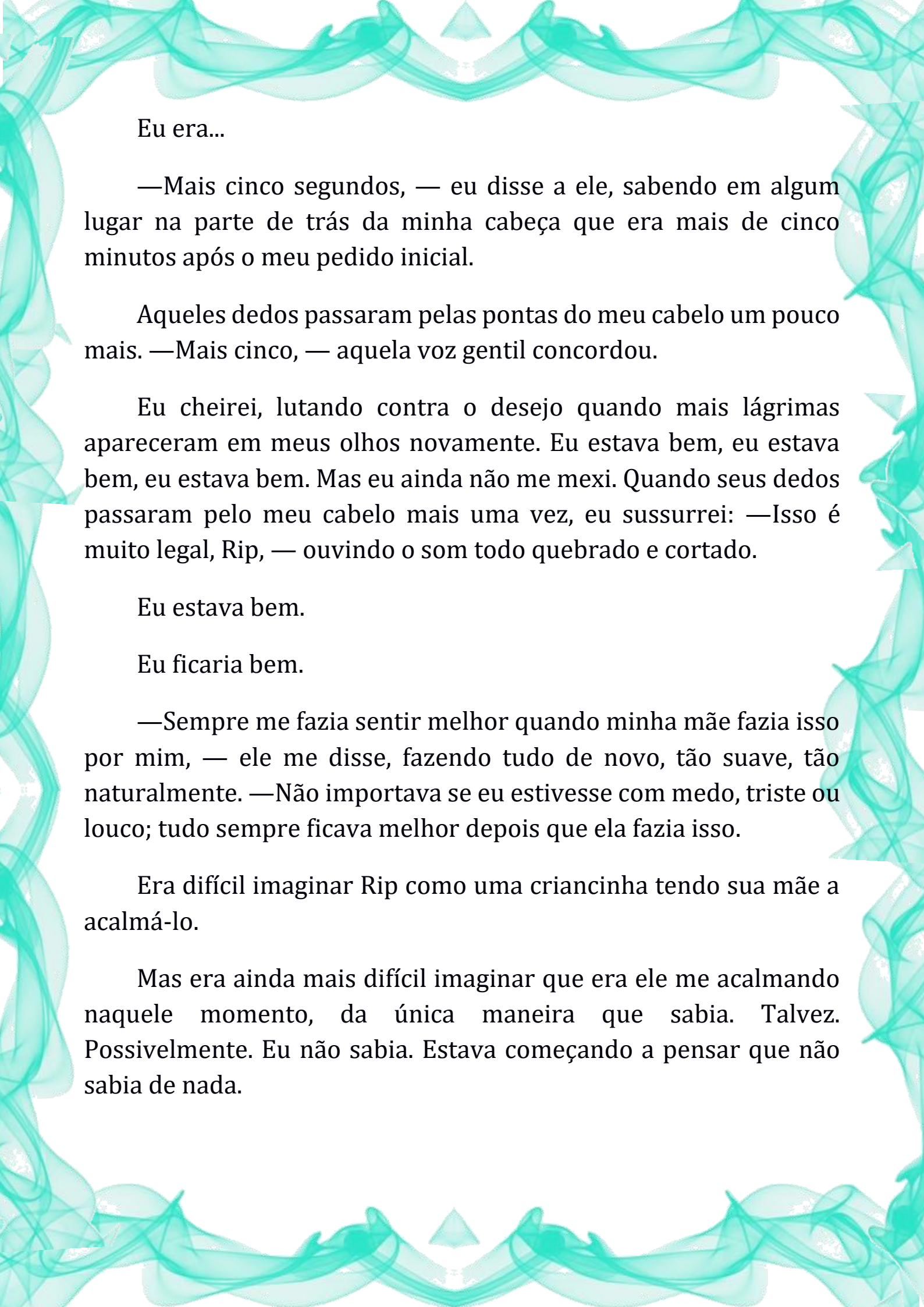
Eu estava. Tinha comida. Eu estava bem. Tinha tudo que queria e precisava.

Eu não ficaria chateada com Thea.

Eu não estava.

Eu não estava.

Eu era boa. Eu estava bem. Eu era amada.



Eu era...

—Mais cinco segundos, — eu disse a ele, sabendo em algum lugar na parte de trás da minha cabeça que era mais de cinco minutos após o meu pedido inicial.

Aqueles dedos passaram pelas pontas do meu cabelo um pouco mais. —Mais cinco, — aquela voz gentil concordou.

Eu cheirei, lutando contra o desejo quando mais lágrimas apareceram em meus olhos novamente. Eu estava bem, eu estava bem, eu estava bem. Mas eu ainda não me mexi. Quando seus dedos passaram pelo meu cabelo mais uma vez, eu sussurrei: —Isso é muito legal, Rip, — ouvindo o som todo quebrado e cortado.

Eu estava bem.

Eu ficaria bem.

—Sempre me fazia sentir melhor quando minha mãe fazia isso por mim, — ele me disse, fazendo tudo de novo, tão suave, tão naturalmente. —Não importava se eu estivesse com medo, triste ou louco; tudo sempre ficava melhor depois que ela fazia isso.

Era difícil imaginar Rip como uma criancinha tendo sua mãe a acalmá-lo.

Mas era ainda mais difícil imaginar que era ele me acalmando naquele momento, da única maneira que sabia. Talvez. Possivelmente. Eu não sabia. Estava começando a pensar que não sabia de nada.

—Ela me colocava para dormir fazendo isso também, — ele continuou indo naquela voz grave que parecia um segredo em si. — Mais dois segundos?

Não seria até mais tarde, muito, muito depois, que eu perceberia que ele estava me provocando.

Mas eu ainda disse: —Sim, por favor— enquanto minhas fungadas ficavam profundas, mas as lágrimas diminuía.

Eu estava bem. Eu estava bem. Eu precisava chorar. Isso não ia me matar hoje, amanhã, daqui a uma semana, ou nunca mais.

E daí?

Então, e se minha irmã tivesse mudado de ideia depois de eu ter dirigido até aqui?

Então, e se ela tivesse mentido para mim? Eu menti cem vezes na minha vida.

Eu estava bem.

Mas eu ainda disse: —mais um.

E Rip ainda respondeu: —Tudo bem.

A tristeza tão profunda que eu não achava que fosse capaz, cobria tudo ao meu redor. As pontas dos meus dedos, o topo das minhas mãos, bem entre minhas omoplatas, bem no centro de mim.

Mas eu embrulhei a memória da minha irmã praticamente me dizendo para sair, e joguei no lixo para que não me machucasse mais.

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo com ela, mas havia alguma coisa. Eu só podia esperar que não tivesse nada a ver comigo.

Estava escolhendo ser feliz. Não ia deixar isso me incomodar mais. Não iria.

—Obrigada, Rip, — sussurrei, ainda pegando essas notas em minha voz que me lembraram que eu tinha sido ferida, e se permanecesse com esse pensamento por mais tempo, faria novamente.

Quando os braços em volta de mim se soltaram um pouco, soltei meus braços de onde eles estavam entre nós. Eu ia fingir que minhas mãos não tremeram — só um pouco — antes de colocá-las em seus quadris. Engolindo em seco, lembrei a mim mesma que estava bem.

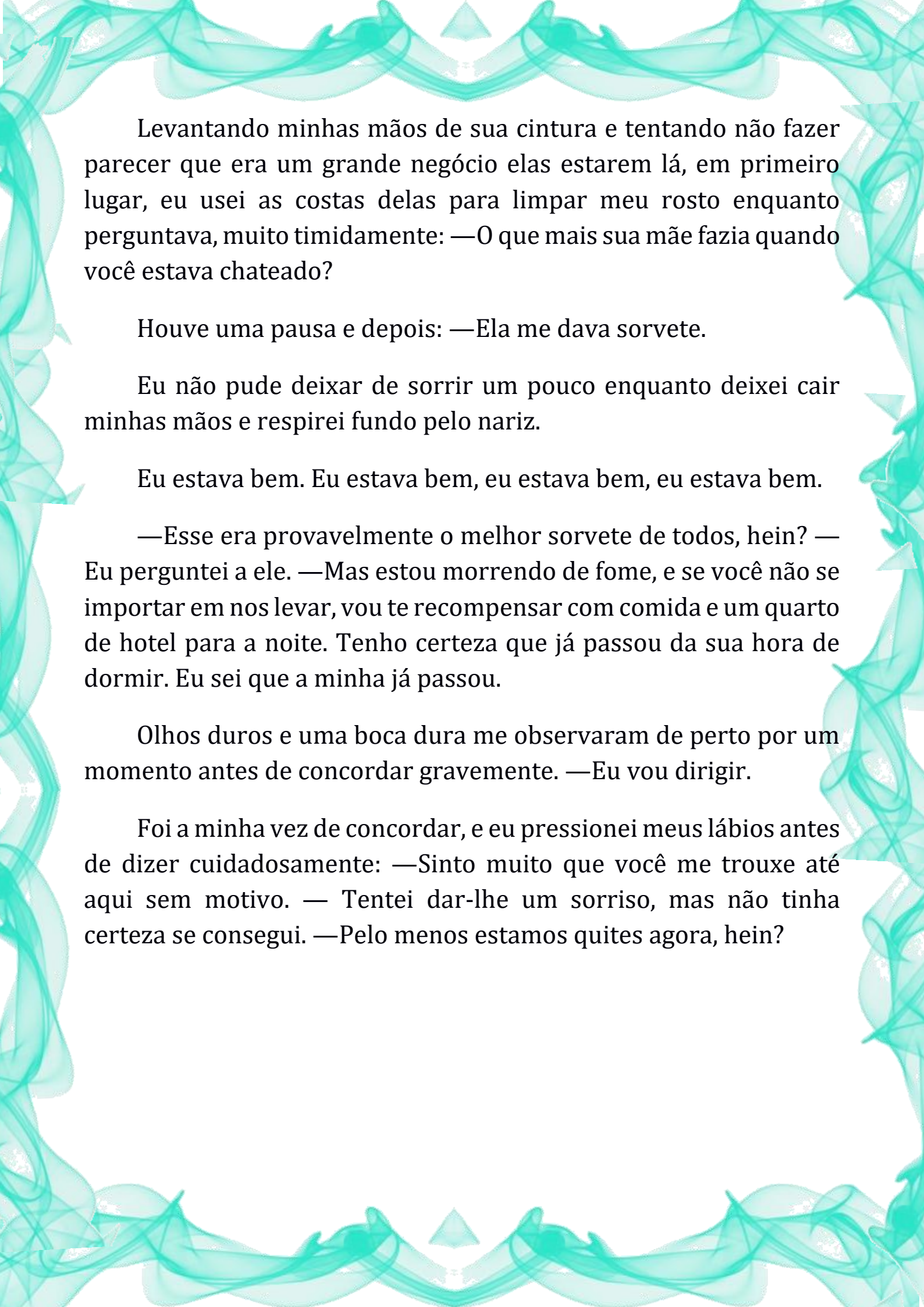
—Obrigada, — eu repeti, forçando-me a inclinar a cabeça para trás para que pudesse olhá-lo nos olhos.

Aquele rosto brutalmente bonito estava focado em mim. Aqueles olhos azul-esverdeados se moveram, olhando de um dos meus olhos para o outro e de volta novamente. Os braços que ele tinha em volta de mim lentamente voltaram para os lados, imprensando os meus onde estavam em seus quadris.

—Você está bem, — ele me disse.

—Estou bem, — eu confirmei.

Aqueles olhos azul-esverdeados ainda se moviam de um lado para o outro enquanto ele dizia naquela voz perfeita e patética: — Eu sei.



Levantando minhas mãos de sua cintura e tentando não fazer parecer que era um grande negócio elas estarem lá, em primeiro lugar, eu usei as costas delas para limpar meu rosto enquanto perguntava, muito timidamente: —O que mais sua mãe fazia quando você estava chateado?

Houve uma pausa e depois: —Ela me dava sorvete.

Eu não pude deixar de sorrir um pouco enquanto deixei cair minhas mãos e respirei fundo pelo nariz.

Eu estava bem. Eu estava bem, eu estava bem, eu estava bem.

—Esse era provavelmente o melhor sorvete de todos, hein? — Eu perguntei a ele. —Mas estou morrendo de fome, e se você não se importar em nos levar, vou te recompensar com comida e um quarto de hotel para a noite. Tenho certeza que já passou da sua hora de dormir. Eu sei que a minha já passou.

Olhos duros e uma boca dura me observaram de perto por um momento antes de concordar gravemente. —Eu vou dirigir.

Foi a minha vez de concordar, e eu pressionei meus lábios antes de dizer cuidadosamente: —Sinto muito que você me trouxe até aqui sem motivo. — Tentei dar-lhe um sorriso, mas não tinha certeza se consegui. —Pelo menos estamos quites agora, hein?

Capítulo 14

Eu sabia que algo estava realmente errado na segunda-feira quando apareci para trabalhar e vi que as luzes do meu estande já estavam acesas.

Havia apenas um carro no estacionamento quando apareci, e tinha sido um que conhecia bem. O dono dele nunca, nos anos em que havíamos trabalhado juntos, entrou no meu estande tão cedo de manhã sem razão. Se realmente pensasse sobre isso, ele provavelmente nunca entraria no meu estande quando eu não estivesse nele, ponto final. Não havia razão para ele começar agora.

Mesmo depois de tudo o que fizemos juntos no fim de semana passado depois de sairmos da Thea.

—Tudo— sendo nós indo para o restaurante vinte e quatro horas mais próximo e comendo hambúrgueres, batatas fritas e um sundae cada; então ficar em um hotel por perto. Em quartos diferentes. A viagem de volta para Houston no dia seguinte não tinha sido estranha..., mas, em vez disso, um silêncio tranquilo e agradável com os dois zumbindo junto ao rádio. Estava tudo bem, mais do que bem, considerando que a sexta-feira me cortou mais fundo do que qualquer outra coisa em muito tempo.

Eu não tinha chorado por Thea desde então. Mesmo que ela não tivesse me ligado, ou se incomodado em mandar mensagens de texto para ter certeza de que voltei para Houston em segurança. Mesmo que ainda sofresse um pouco, como um machucado que você sabia que não ia te matar, mas ainda doía como o inferno.

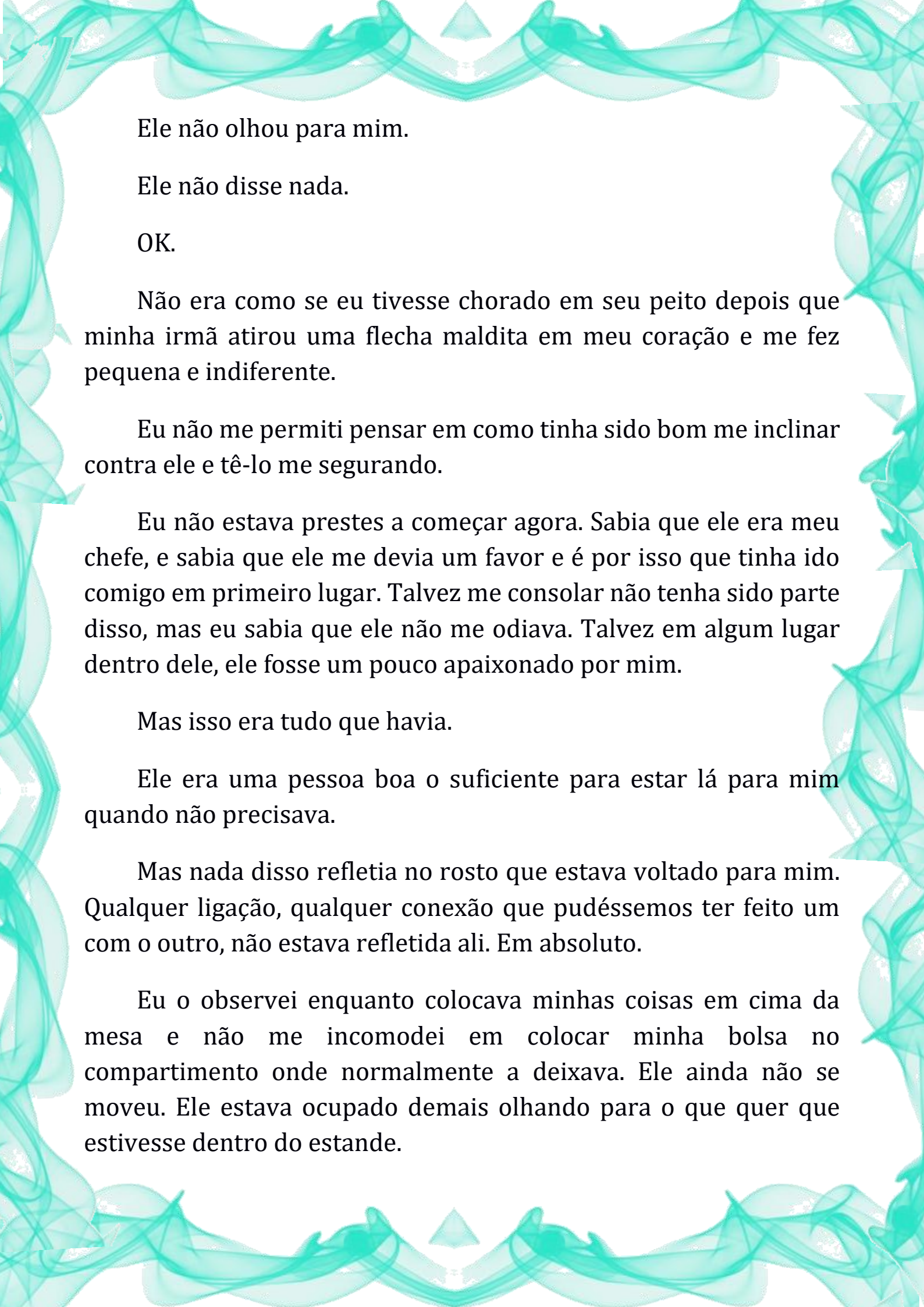
Mas eu não iria demorar mais do que eu precisava. Tinha maneiras melhores de gastar minha energia, e naquele momento, estava tentando adivinhar porque as luzes do meu estande estavam acesas.

Aproximando-me da porta, com as luzes acesas através da janela quadrada na parte superior da porta, equilibrei minha sacola, segurando um recipiente cheio de salteados de legumes que havia feito para durar a semana inteira. Eu não pude deixar de me perguntar por que Rip estaria lá. Para me ajudar? De jeito nenhum. Ele tinha coisas suficientes para fazer. Verificar alguma coisa? Talvez.

Eu tinha deixado Jason com apenas um pequeno projeto antes de sair na sexta-feira para a minha consulta com ginecologista, mas ele deveria tê-lo terminado antes que saísse. As chances eram que Rip estava checando novamente seu trabalho. Ele tinha feito isso com o meu de vez em quando, quando veio pela primeira vez ao CCC, duvidando que eu pudesse fazer o que tinha assegurado que podia.

Então, mesmo que minha cabeça soubesse que algo estava errado, o resto de mim tentou afastar esse sentimento irritante enquanto eu girava a maçaneta e abria a porta. Não havia como ficar surpresa quando encontrei o Rip dentro, parado do lado de fora da porta aberta da cabine, olhando para dentro. Eu não me preocupei quando o encontrei com as mãos nos quadris, fazendo isso.

Mas quando eu disse: 'Bom dia' quando entrei, minha bolsa sobre um ombro, e a outra bolsa nas minhas mãos, e ele não olhou para mim... Foi quando algo em mim confirmou que havia algo errado.



Ele não olhou para mim.

Ele não disse nada.

OK.

Não era como se eu tivesse chorado em seu peito depois que minha irmã atirou uma flecha maldita em meu coração e me fez pequena e indiferente.

Eu não me permiti pensar em como tinha sido bom me inclinar contra ele e tê-lo me segurando.

Eu não estava prestes a começar agora. Sabia que ele era meu chefe, e sabia que ele me devia um favor e é por isso que tinha ido comigo em primeiro lugar. Talvez me consolar não tenha sido parte disso, mas eu sabia que ele não me odiava. Talvez em algum lugar dentro dele, ele fosse um pouco apaixonado por mim.

Mas isso era tudo que havia.

Ele era uma pessoa boa o suficiente para estar lá para mim quando não precisava.

Mas nada disso refletia no rosto que estava voltado para mim. Qualquer ligação, qualquer conexão que pudéssemos ter feito um com o outro, não estava refletida ali. Em absoluto.

Eu o observei enquanto colocava minhas coisas em cima da mesa e não me incomodei em colocar minha bolsa no compartimento onde normalmente a deixava. Ele ainda não se moveu. Ele estava ocupado demais olhando para o que quer que estivesse dentro do estande.

A única coisa lá deveria ter sido as partes que Jason tinha terminado dias atrás.

Oh Deus. Ele estragou algo, não foi?

Mas como? O que? Eu realmente não tinha deixado muito para ele estragar.

—Rip? — Eu chamei novamente, tomando meu tempo para me aproximar dele.

De onde eu estava, ele respirou fundo e vi os músculos de seus antebraços ficarem apertados. Sua atenção vacilou enquanto ele dizia: —Que porra é essa?

Fodido, Jason. Caralho, Jason. Eu sabia. Eu deveria saber disso.

Eu não aprendi a confiar no meu instinto? E meu sexto sentido me disse que Jason encontraria alguma maneira de estragar as coisas?

Maldito inferno.

Eu andei mais rápido em direção ao meu chefe, cortando a distância entre nós até que fiquei um par de pés ao lado dele. Eu segurei minha respiração enquanto observava a visão diante de mim.

Antes de ir embora, tinha terminado a última camada de primer nos painéis de dois quartos. Jason havia prometido tirá-los do estande para que pudesse terminar os quatro conjuntos de rodas para outro projeto. Eu tinha que ir ao médico, e estava tentando dar um tiro no escuro. Dei a ele algo que poderia fazer para ganhar um pouco de lealdade. Para me mostrar que talvez pudesse confiar nele.

Mas quando olhei para o estande, os painéis definitivamente ainda estavam lá.

Painéis que eu sabia que eram de um Ford Mustang de 2010. A mesma marca e modelo do carro que eu tinha deixado na sexta-feira. Só que não era o cinza sólido que eu deixara. E não era a cor tão verde-escura que tinha trancado para usar esta manhã.

Era verde. Um verde manchado que tinha sido aplicado tão mal, eu poderia dizer da distância que estava. Era terrível.

Apenas... em pânico... terrível.

—Merda, — sussurrei para mim mesma, atordoada.

—Você fez isso? — Ele perguntou lentamente, como se não pudesse acreditar que estava me fazendo essa pergunta.

Eu recuei para olhar para ele. —Não! — Eu tinha estragado recentemente, claro, mas nada como isto. Na verdade, não é uma habilidade.

Ele ainda estava focado no carro quando soltou um suspiro profundo que me fez pensar no abraço que me dera do lado de fora do apartamento da minha irmã. —Então quem foi? — Ele perguntou, sem soar como se tivéssemos superado alguma barreira entre nós há menos de dois dias.

Na verdade, parecia antes. Como pior que antes. E eu não gostei do jeito que fez meu peito parecer engraçado.

—Eu não tenho certeza, — comecei a dizer, —mas tem que ter sido Jason. Eu terminei o primer antes de sair na sexta-feira, e ele deveria ficar e fazer as bordas, não trabalhar nisso. — Depois da

nossa reunião de sexta-feira pela manhã, o Sr. Cooper me disse para sair quando fosse a hora e deixar Jason terminar o que fosse necessário.

—Onde está o pedido?

A ordem de trabalho?

Olhei ao redor da sala e tentei encontrar a pasta com todas as informações do pedido. Eu não vi na minha mesa. Deixei lá, com certeza, naquela sexta-feira, então Jason poderia ter acesso a ela se ele precisasse. —Deixe-me encontrá-lo. Eu sei que deixei na minha mesa antes de sair, mas ele só deveria fazer as bordas. Eu disse a ele três vezes.

Eu não conseguia parar de olhar para o maldito carro que tinha passado horas. Eu vi trabalhos de pintura amadores com vezes melhor do que isso. Tirar a cor ia ser uma grande labuta, especialmente depois que tive que fazer a mesma coisa tão recentemente.

—Você o deixou aqui sozinho?

Eu continuei passando pela minha mesa, sabendo que era um pouco covarde por não olhar nos olhos dele enquanto respondia. — Sim. — O Sr. Cooper sabia. Ele foi o único a me dizer para ir antes que ele e Rip tivessem entrado naquele argumento de merda.

Rip soltou outro suspiro profundo que me perturbou.

E ainda assim, não consegui olhar para ele. —Eu não fiz isso, Rip, — disse, me entregando. —Comecei a fazer pedidos de verificação tripla para ter certeza de que estou fazendo a cor certa

depois daquela outra vez há algumas semanas. E definitivamente nunca fiz isso com nenhum carro, mesmo quando estava aprendendo.

Ele soltou outro suspiro, e juro que ouvi seu queixo quebrar.

Jesus Cristo. Isso foi... o que? Três falhas nos olhos dele? Em apenas algumas semanas? Três vezes, agora que algo deu errado?

E ele não colocou os tempos no meu registro ou o que quer que fosse chamado?

Porra.

Acalme-se, Luna. Acalme-se e pense.

Eu queria que Jason fosse demitido? Não. Mas eu queria ser demitida quando ele especificamente fez algo assim, mesmo depois que eu disse a ele para não fazer isso?

Não.

Eu parei de olhar através da mesa e fechei meus olhos antes de esfregar minha testa com a parte carnuda da minha palma. —Jason tem agido como um verdadeiro idiota ultimamente, — eu comecei a dizer a ele, não me deixando sentir mal por jogá-lo na fogueira. — Mas eu não achei que ele faria algo assim. Disse a ele que tudo o que tinha que fazer era trabalhar nos aros, e não em qualquer outra coisa.

A mão de Rip subiu para passar por sua testa.

Ah não.

—Acho que ele está tentando me fazer ser demitida. Você pode olhar para as câmeras e ver que ele ficou depois que eu saí. Eu não voltei para o prédio. Eu saí para a minha consulta e você sabe onde estava o resto da noite.

Ele fechou aqueles olhos azul-esverdeados, e pude ver a tensão em toda a sua parte superior do corpo. Oh cara. Eu mal percebi que era um dia de camisa branca.

—Rip, eu não fiz isso. Eu juro, — eu disse a ele, abrindo meus olhos e esperando que não soasse tão desesperada quanto me sentia, mas ficando nervosa que poderia ser uma boa ideia que fizesse. Não queria a pena de ninguém, especialmente a de Rip. Especialmente não depois de tudo.

Mas se eu fiz as contas corretamente na minha cabeça, isso pode ser três advertências para mim.

—Eu juro pela minha vida que não fiz isso, — corri para fora, deixando cair a minha mão enquanto mais nervos disparavam direto no meu peito.

—Pare de falar, Luna, — disse ele na voz mais baixa que já tinha usado em mim antes. —Apenas pare de falar.

Eu fiz o que ele disse, sentindo náuseas o tempo todo.

Ele não podia me culpar por isso... podia?

Não deveria ter deixado Jason sozinho, ok. Mas tinha. Da mesma forma, o homem que estava diante de mim tinha me deixado sozinha inúmeras vezes quando queria sair do trabalho quatro

horas antes. Não havia —eu— na equipe. Eu tive que ir ao meu compromisso...

Eu estava apenas dando desculpas.

Então, eu não queria ser culpada, mas não queria ser demitida mais do que isso. Eu sabia disso, com certeza. Por um pouco de orgulho valia a pena perder meu emprego? Um trabalho que realmente amava?

Não, não vale.

—Rip, — comecei de novo antes que pudesse me parar. —Eu sinto muito. Eu posso consertar isso.

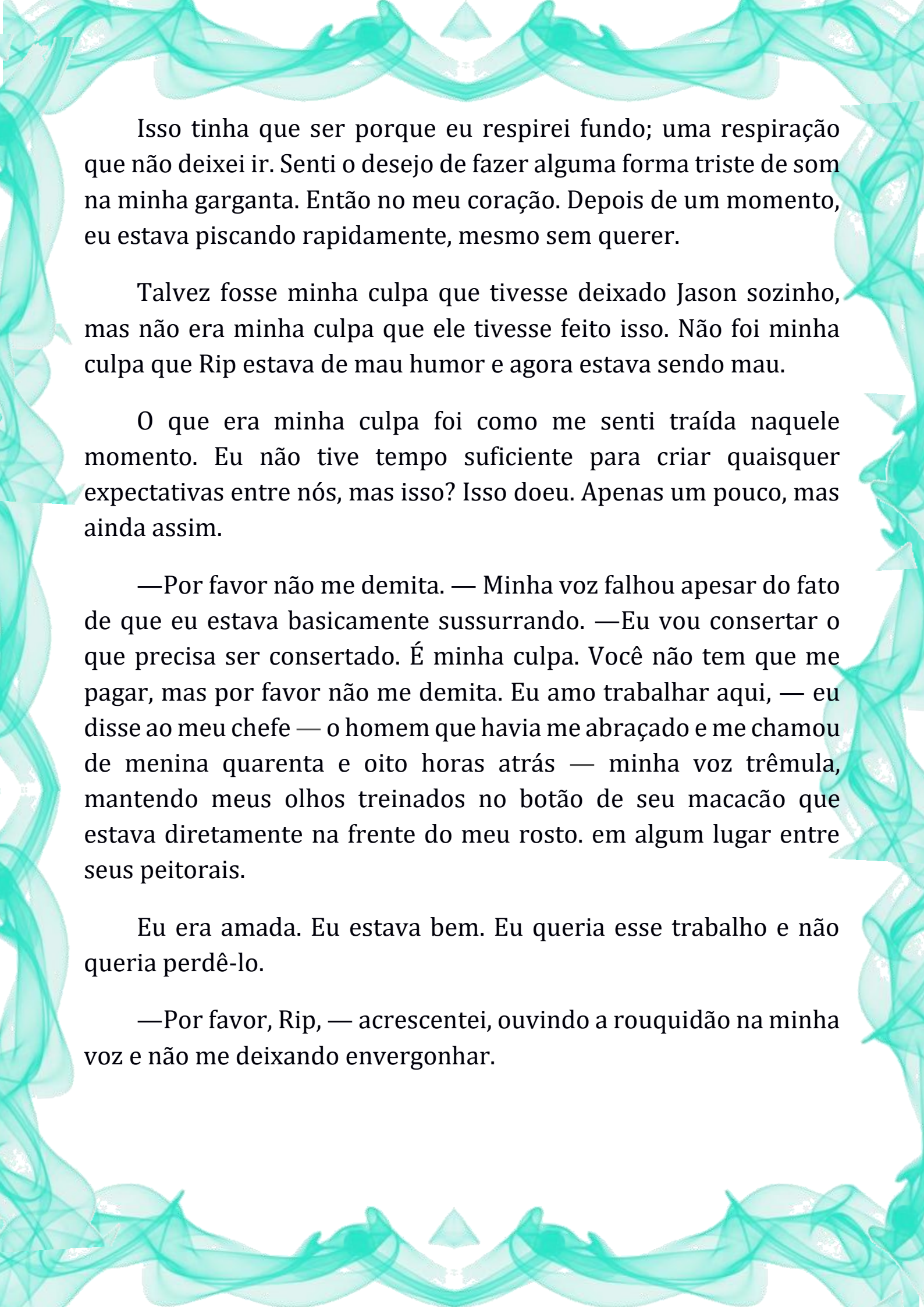
Ele ficou ali parado, como uma estátua. Inspirando, expirando. Ainda. Totalmente, completamente imóvel. Até que —o que acabei de dizer, Luna? Eu não quero ouvir isso agora, — ele respondeu calmamente, o que só fez piorar. Ele ficou furioso. Ele não precisava gritar comigo para eu saber disso.

E o medo no meu estômago piorou.

—Podemos consertá-lo. Só vai levar....

Ele finalmente virou aquele corpo massivo em minha direção para explodir. —Eu não dou a mínima se você pode consertá-lo ou se podemos consertá-lo! Eu só quero que você pare de falar por um segundo! — Ele assobiou, quase a coisa mais próxima de gritar como ele era capaz, eu aposto.

Foi o mais alto que já o ouvi falar antes.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the text on all sides.

Isso tinha que ser porque eu respirei fundo; uma respiração que não deixei ir. Senti o desejo de fazer alguma forma triste de som na minha garganta. Então no meu coração. Depois de um momento, eu estava piscando rapidamente, mesmo sem querer.

Talvez fosse minha culpa que tivesse deixado Jason sozinho, mas não era minha culpa que ele tivesse feito isso. Não foi minha culpa que Rip estava de mau humor e agora estava sendo mau.

O que era minha culpa foi como me senti traída naquele momento. Eu não tive tempo suficiente para criar quaisquer expectativas entre nós, mas isso? Isso doeu. Apenas um pouco, mas ainda assim.

—Por favor não me demita. — Minha voz falhou apesar do fato de que eu estava basicamente sussurrando. —Eu vou consertar o que precisa ser consertado. É minha culpa. Você não tem que me pagar, mas por favor não me demita. Eu amo trabalhar aqui, — eu disse ao meu chefe — o homem que havia me abraçado e me chamou de menina quarenta e oito horas atrás — minha voz trêmula, mantendo meus olhos treinados no botão de seu macacão que estava diretamente na frente do meu rosto. em algum lugar entre seus peitorais.

Eu era amada. Eu estava bem. Eu queria esse trabalho e não queria perdê-lo.

—Por favor, Rip, — acrescentei, ouvindo a rouquidão na minha voz e não me deixando envergonhar.

O silêncio depois que essas palavras saíram da minha boca poderia ter queimado a pele e os músculos dos meus ossos, era tão opressivo.

Eu não ia chorar, mas se acontecesse, não me envergonharia disso. Eu tinha lidado com o suficiente disso no passado, com meus pais me dizendo para deixar de ser um bebê quando dizia a eles algo que me chateava e, em seguida, não queria lidar com as consequências.

Uma pessoa escolhe o que constitui seu orgulho.

Eu costumava pensar que meus pais destruindo meu ego quando criança era uma desgraça, mas agora... agora eu achava que tinha sido um presente. Sabia o que poderia aguentar sem quebrar. Dobrar sem doer. Foi desconfortável. Foi terrível. Mas sabia que a essa dor não matava.

Se o fato de que era Rip me tratando assim era a razão pela qual eu estava lutando para manter tudo junto...

Eu não ia pensar nisso.

Ele era meu chefe e eu havia me esquecido disso de novo. Isso era comigo. Ninguém mais.

Não. Eu não ia pensar em Rip ser a causa, porque não me sentiria assim por mais tempo do que... cinco minutos. Eu faria isso por cinco minutos, e era isso.

Foi isso.

Essa dor na minha garganta... cinco minutos.

Esse senso de traição... cinco malditos minutos e foi isso.

Eu tinha ouvido gritos o suficiente na minha vida. Rip ia ser apenas mais uma pessoa que conseguiu me fazer sentir assim.

Não queria começar de novo. Tinha estragado tudo. Bem. Mas eu não tinha estragado tudo tão mal.

—Por favor, não me demita, — repeti, odiando-me por estar nessa posição em primeiro lugar.

Um minuto arrastado por... talvez até dois minutos. Assim que comecei a aceitar que ele não estava dizendo nada por uma razão, dei um passo para trás, sentindo... quase tão ruim quanto na sexta à noite. Então, finalmente, Rip falou. —Eu não estou te demitindo, — afirmou em uma voz que estava muito perto de um grunhido.

Não parecia que ele não estava me demitindo.

—Eu não estou, — repetiu ele mesmo.

A saliva na minha boca começou a ter um gosto doce enquanto eu ficava onde estava, em todos os sentidos. —Você tem certeza? — Eu me forcei a perguntar.

A voz de Rip estava baixa quando ele murmurou: —Sim.

Está bem então.

Ele não estava me demitindo pelo erro de outra pessoa.

Sentindo a frustração — e a dor — no fundo dos meus olhos, respirei e assenti. Podia sentir minhas narinas dilatando quando dei outro passo para trás. Então outro.

Eu consegui o que queria. Não tinha motivos para ficar chateada. Não porque isso fosse injusto. Não porque ele tinha acabado de ferir meus sentimentos, lembrando-me que era meu chefe e isso era tudo que existia entre nós.

Não porque ele me segurou enquanto eu chorava pela minha irmã me expulsando de sua vida.

—Luna, — veio meu nome naquela voz áspera e murmurada que eu geralmente gostava, exceto naquele momento.

Eu ignorei isso.

—Você vai me ajudar a consertar isso? — Eu perguntei a ele em vez disso, minha própria voz baixa.

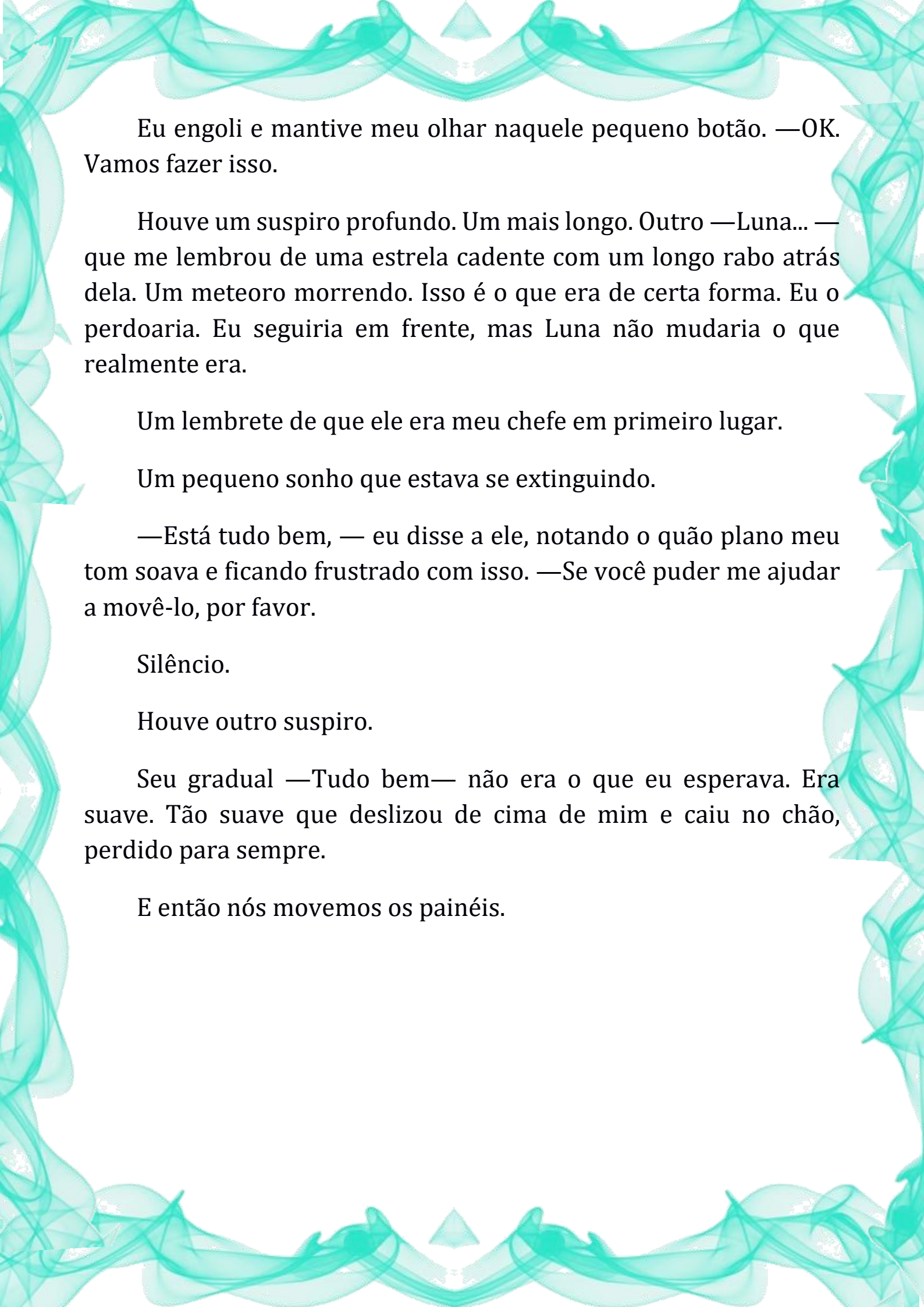
Houve uma pausa de silêncio e eu não tinha ideia se ele estava olhando para mim, fazendo o sinal da cruz ou revirando os olhos. Não fui demitida, e isso era tudo o que importaria então.

Lenny tinha remarcado meu encontro para aquela noite, e mesmo que não estivesse super animada com isso, era algo que podia esperar. Essa pode ser a melhor parte do meu dia, mesmo que nada tenha acontecido. Porque pelo menos eu estava tentando melhorar minha vida. Todos os dias, tentava melhorar minha vida, e isso tinha que significar alguma coisa.

—Luna?

Meu coração começou a bater mais rápido, mas eu também ignorei e consegui perguntar: —Podemos, por favor, fazer isso para que eu possa começar?

Houve uma pausa e depois um suave —Claro.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text, resembling smoke or flowing water.

Eu engoli e mantive meu olhar naquele pequeno botão. —OK. Vamos fazer isso.

Houve um suspiro profundo. Um mais longo. Outro —Luna... — que me lembrou de uma estrela cadente com um longo rabo atrás dela. Um meteoro morrendo. Isso é o que era de certa forma. Eu o perdoaria. Eu seguiria em frente, mas Luna não mudaria o que realmente era.

Um lembrete de que ele era meu chefe em primeiro lugar.

Um pequeno sonho que estava se extinguindo.

—Está tudo bem, — eu disse a ele, notando o quão plano meu tom soava e ficando frustrado com isso. —Se você puder me ajudar a movê-lo, por favor.

Silêncio.

Houve outro suspiro.

Seu gradual —Tudo bem— não era o que eu esperava. Era suave. Tão suave que deslizou de cima de mim e caiu no chão, perdido para sempre.

E então nós movemos os painéis.

Capítulo 15

—Como foi?

Eu coloquei minha comida na mesa ao lado do Sr. Cooper e dei um tapinha no ombro dele. —Como foi o quê, Sr. C? — Eu perguntei, com certeza que ele não estava perguntando sobre o discurso que eu tinha dado a Jason de novo naquela manhã apenas no caso do primeiro, no dia anterior, não ter sido o suficiente.

Ainda estava brava com isso. Repreendê-lo na manhã anterior, depois recusar-me a falar com ele o resto do dia não foi suficiente para tirar a raiva do meu sistema. Eu tinha começado a trabalhar naquela manhã, ainda incapaz de perdoá-lo, e quando ele decidiu testar o meu humor e me fazer uma pergunta sobre uma hora atrás, eu não tinha sido particularmente agradável em minha resposta a ele.

Eu só me senti um pouquinho mal por morder sua cabeça.

Então, novamente, tinha começado o meu dia de péssimo humor por causa dele, então sabia que não deveria.

O Sr. Cooper sorriu para mim, sem me dar uma única pista do que ele estava se referindo, quando puxei a cadeira ao lado dele. — Como foi? — ele perguntou novamente.

Me joguei nele e lhe dei um sorriso de volta. —Sr. C, não sei o que você está perguntando.

Não reclamei sobre o que aconteceu no dia anterior. Até onde eu sabia, apenas Rip, Jason e eu sabíamos sobre sua confusão, e realmente duvidava que ele tivesse descoberto que Rip foi comigo para Dallas no fim de semana. As únicas pessoas que sabiam disso eram Thea, Rip e eu. Por mais que eu estivesse disposta a compartilhar com o Sr. Cooper, a porcaria da minha irmã era uma daquelas coisas raras que preferia guardar para mim mesma. Além disso, não tinha escutado uma única discussão entre ele ou o Rip também...

Ele inclinou a cabeça para o lado. —Como foi seu encontro, pequena lua? Achei que você tivesse me dito que ia no sábado.

Oh. Oh. Que.

Eu havia contado a ele sobre isso. —Oh. Isso não aconteceu no sábado, mas eu me encontrei com ele ontem.

—Tudo correu bem?

Eu levantei um ombro enquanto puxava o topo do meu recipiente de comida. O macarrão era o que eu tinha feito no domingo. Eles estavam cozidos demais, os legumes estavam encharcados, a carne não tinha tempero suficiente, mas... eu tinha conseguido. E não tinha passado mal ontem, então só podia esperar que eles também não o fizessem hoje.

—Ele era... decente, — eu admiti.

O Sr. Cooper riu. —Não foi tão bem então?

Coloquei a tampa da minha comida entre nós com um suspiro. —Eu entrei com zero expectativas, Sr. C, e estou feliz por ter feito isso.

Essa era a verdade. Eu não tinha ido ao bar esperando encontrar o amor da minha vida, mas tinha ido com minhas esperanças de que meu dia não poderia ficar pior depois do que aconteceu com Rip.

Não ficou. Mas não melhorou também.

O homem do meu encontro tinha quarenta e poucos anos e era muito bonito, assim como Lenny me mostrara. Ele tinha sido extrovertido e falador.

Não queria rir quando pensei em como a noite anterior tinha ido, mas aconteceu.

Levantei um ombro enquanto olhava para o Sr. Cooper e bufei, em seguida, balancei a cabeça. —Não foi uma porcaria total. Talvez 50%.

A expressão em seu rosto era tão protetora que aqueceu meu coração a uma centena de graus. —Isso é ruim?

Bem...

Não queria me preocupar com todos os detalhes. Eu tinha chamado Lenny do meu caminho para o trabalho naquela manhã, para que ela soubesse que o homem que o vovô Gus tinha me arranjado um encontro, tinha passado o tempo todo me contando sobre como ele tinha acabado de se divorciar e como estava tão

animado em seguir em frente com sua vida, e fazer todas as coisas que não foi capaz de fazer por todos esses anos.

Tomei como: sou solteiro e não estou ansioso para reviver o casamento a qualquer momento na próxima década.

Só tinha estado em um relacionamento real na minha vida. Eu tinha namorado um outro homem por um tempo, mas não contei isso. Desde então, tinha ido em outro punhado de únicos encontros. Até tentei o aplicativo de namoro online que era mais um site de conexão, e foi aí que eu conheci o cara do me chame de papai. Então, pensei que era muito bom em reconhecer o olhar nos olhos de um homem quando ele não estava pronto para o compromisso.

Pelo menos não compromisso comigo.

O homem que se sentou à minha frente não estava ansioso para se estabelecer de qualquer maneira no futuro próximo. Nem mesmo perto. Nenhuma de suas palavras me deu a impressão de que ele sentia o contrário. Ele disse todas as palavras certas e me disse o quão —fofo— ele achava que eu era, mas tinha sido isso.

—Nada de ruim aconteceu? , — ele perguntou cuidadosamente. Um pouco com muito cuidado, realmente.

Honestamente, eu adorei. Foi um bom lembrete depois de ontem.

Balancei minha cabeça, meus ouvidos pegando o som de dois passos familiares e pesados vindo do corredor. Nada havia acontecido, a não ser pelo fato de ele continuar tentando me convencer de que eu estava basicamente procurando por um telefonema, mas não ia contar isso ao senhor Cooper, pelo menos

naquelas palavras. Abaixei minha voz apenas uma fração. —Não, ele simplesmente não estava procurando por algo sério, e eu poderia dizer. Eu estou... experimentando roupas que não quero comprar, sabe?

O sorriso do Sr. Cooper foi gentil quando ele assentiu. —Eu não invejo esta aventura, pequena lua.

—Eu gostaria de não ter que fazer isso, Sr. C, confie em mim, mas hey, talvez o próximo cara me faça perder o controle e me trate do jeito que você trata Lydia. — Eu dei uma mordida na minha comida e ignorei todas as coisas que estavam erradas com o gosto dela. —Talvez a minha sorte, finalmente, dê uma volta para melhor, — eu cobri a boca e disse a ele.

Encontros ruins acontecem. Eu tinha ouvido falar deles o suficiente dos caras da loja. Já ouvi o suficiente de minhas irmãs. Não desistiria depois do primeiro.

Não ia confiar em vovô Gus novamente para me arranjar outro em breve.

Só tinha dado mais uma mordida quando uma voz que eu estava muito familiarizada falou. —Luna, você tem tempo para ir comigo até a loja e pegar um pouco de tinta?

Ir até a loja e pegar tinta com o Rip? Pela primeira vez? Depois do fim de semana parcial que passamos juntos?

Depois que ele me deu muita porcaria ontem?

Mastiguei o resto do macarrão que tinha na boca e voltei minha atenção para o meu outro chefe, encontrando-o ali de pé com as

mãos nos quadris sobre o macacão, a camiseta na cor marinho hoje. Indo para a cozinha, ele moveu aquele grande corpo atrás da cadeira em que eu estava para pegar algo da geladeira, antes de continuar falando. —Eu quero pegar tinta para o GTO e o SS que você encontrou, mas não gosto de nada no catálogo ou nas amostras que você tem.

Para lhe dar crédito, ele não estava nem um pouco estranho comigo naquela manhã. Eu tinha trazido o café para ele, murmurei um ‘Oi, Rip’ que estava mais fora das boas maneiras do que qualquer coisa. Ele estava trabalhando e tinha gritado atrás de mim, —Luna. — Como se nada tivesse acontecido. Então disse, ainda resmungando: —Deixando seu café no banco. — E ele respondeu: —Obrigado.

E isso tinha sido isso. Normal. Tudo bem... como se ontem não tivesse acontecido.

Então foi com isso que eu disse a ele, parecendo muito indiferente, —Eu posso te passar o endereço da minha loja favorita.

Com o canto do olho, vi o Sr. Cooper olhar entre nós dois — provavelmente surpreso por eu não ter dito imediatamente sim, — mas fingi não ter visto o movimento dele.

O que nenhum de nós poderia ignorar foi Rip dizendo: —Eu quero que você vá comigo.

Ele queria que eu fosse com ele.

O Sr. Cooper olhou para nós dois novamente, e não tinha certeza de quem estava mais surpreso com as palavras de Rip. Eu ou ele. Ele sempre foi tão exigente quanto as pessoas sendo pagas para

realmente trabalhar. Duas pessoas saindo para comprar tinta? Isso era inédito. Me convidando duas vezes para ir a algum lugar com ele em menos de um mês? Era praticamente um milagre.

Meu intestino disse que ele estava fazendo isso porque se sentia mal.

—Você quer que eu vá com você? — Eu repeti, ainda tentando processar seu convite e porque ele estendeu isso.

Seu —Claro— saiu mais como —duh.

Peguei mais macarrão com o garfo e enfiei na boca. Porque eu estava com fome, não porque estava sem palavras.

Definitivamente, não porque uma parte de mim queria ser mesquinha e dizer-lhe que não, não queria ir a qualquer lugar com ele porque tinha sido tão mal no dia anterior.

Eu não. Eu era melhor que isso. Sim.

Ele ainda estava saindo pela geladeira quando continuou. — Você tem tempo, não é?

Se eu dissesse que estava ocupada o suficiente, soaria como se não tivesse o suficiente para fazer. Se dissesse que tinha tempo, soaria como se não tivesse o suficiente para fazer. E se dissesse a ele que mal estava me recuperando depois da porcaria com o Mustang, então soaria como se estivesse abrigando algum ressentimento em relação a ele.

Assim...

Como eu deveria responder a ele?

Eu queria ir?

Não tive que pensar nisso por muito tempo. A resposta foi: não muito. Normalmente, eu não me importaria de ir. Realmente não estava muito ocupada, e não queria estar perto de Jason mais do que precisava desde que estávamos no gelo mais fino do que o habitual. Além disso, não queria falar com o Sr. Cooper sobre o dia anterior e causar outra discussão entre ele e Rip, porque é o que aconteceria. Eu já tinha planejado incomodar os caras no andar de baixo para ver com o que eu poderia ajudá-los.

Mas se eu insistisse que não queria ir, ele saberia que estava machucada, e quase nunca me machucaria. Se ele pensasse isso, saberia que tinha me machucado.

Rip tinha acabado de ser meu chefe. Ele fez comigo o que teria feito com qualquer um dos caras. Não tinha motivos lógicos para levar isso para o lado pessoal.

Mas foi muito difícil saber disso e aceitá-lo.

Era difícil dizer ao seu coração o que seu cérebro era inteligente o suficiente para entender.

—Nada está pendente? — Ele perguntou quando eu ainda não tinha respondido.

Havia sempre algo pendente, tecnicamente.

Ele não esperou que eu respondesse. Ele não me deu uma chance de lhe dar uma resposta. —Termine o seu almoço e depois vamos sair.

Não precisava ir com ele. Na verdade, nem sabia por que ele queria que eu fosse. Ele pode me ouvir às vezes, mas não tanto assim.

Mas...

Eu era melhor que isso. Não ia deixá-lo chegar até mim. Não ia deixá-lo saber que ele tinha.

—Ok, — eu finalmente saí, encolhendo os ombros. Me obriguei a deixar Jason fazer o que estava no cronograma do dia desde que tinha sido apenas pequenos projetos, e observei para ter certeza que ele fez certo. Não queria, mas é por isso que o Sr. Cooper o colocou comigo. Aprender. Eu saindo seria bom, para ambos. Havia apenas algumas coisas no resto do dia que precisavam ser feitas.

Poderia ser uma pessoa madura e razoável e abandonar o dia.

Era amada. Tinha um bom trabalho. Tinha tudo que precisava. Tive um encontro decente na noite anterior e teria outro em breve.

Todos os dias era um novo dia que lhe deram a oportunidade de ter toda a sua vida à sua frente.

E era isso que eu ia continuar dizendo a mim mesma.

* * *

—O que você quer dizer com está indo embora?

Tentei controlar meu temperamento — um temperamento que normalmente não tinha, a menos que fosse provocado, um

temperamento que esse cara parecia despertar como um encantador de serpentes, como se fosse seu superpoder, enquanto meu superpoder era que eu era calma e não ficava brava com isso muitas vezes.

Mas até o Super-Homem tem sua kryptonita.

O meu era um colega de trabalho com um problema de atitude que havia traído minha irmã. Um problema de atitude que eu infelizmente havia notado que, na maioria das vezes, só se manifestou na minha companhia.

Isso parecia ser um tema recorrente durante toda a minha vida, por algum motivo que eu não estava prestes a focar.

—Eu vou sair com Rip para escolher tinta, — disse novamente quando destranquei o armário na mesa que guardava minha bolsa. Só comecei a fazer isso desde que Jason e eu ficamos presos um ao outro. Não confiava nele para não comer os lanches que mantinha lá, ou esfregar minha escova de dentes ao longo de uma borda do banheiro se ele tivesse a chance. O estande era meu. Eu não tinha certeza do que acabaria fazendo se eles tentassem colocá-lo comigo permanentemente, como se eu tivesse sido assistente de Mack por anos, mas me certificaria de que isso não acontecesse.

De alguma forma.

—Por quê? — Ele teve a coragem de perguntar, como da última vez que trocamos palavras, eu não queria estrangulá-lo.

Precisava dar uma resposta? Não, mas fiz assim mesmo. — Porque ele me pediu, — respondi enquanto trancava o armário de volta. Ele não precisava saber que eu havia tentado sair disso.

—Mas agora estou preso aqui fazendo o seu trabalho, — reclamou Jason, como se não fosse pago para fazer exatamente isso. Ele estava agindo como um cachorrinho abusado desde ontem. Todo manso e choroso, mas não de um jeito fofo ou simpático.

Eu me certifiquei de estar de costas para ele enquanto fazia uma careta que não conseguia esconder o quanto ele estava me dando nos nervos. —Ir com ele faz parte do meu trabalho. Você também é pago por hora, então você estaria no estande ou ajudando os outros caras. Se preferir voltar lá, vá dizer ao Sr. Cooper. Ele não vai te forçar a fazer algo que você não quer fazer, — disse a ele, incapaz de esconder totalmente minha irritação.

Mas eu esperava, esperava que ele fosse dizer ao Sr. Cooper que queria sair.

Se ele não estivesse fora daqui quando meu aniversário chegasse, eu sabia exatamente o que iria pedir.

Houve um momento de silêncio e depois —posso ir com ele.

Oh, garoto.

Eu estava escolhendo felicidade e paciência.

Estava escolhendo felicidade e paciência.

Estava escolhendo felicidade e paciência.

Então mordi minha bochecha. —Pergunte ao Rip. Eu ficarei se ele estiver bem com você indo. — Quer dizer, eu ia ser paga de qualquer maneira. Não me importava se acabaria ficando em vez dele.

Então, novamente, eu também tinha 99% de certeza de que Rip não diria sim, mesmo que Jason tivesse coragem de se convidar. Tinha visto o jeito que ele o levou, e aposto que ele o ouviu reclamar o suficiente no chão para saber como ele era. Depois de ontem, ele teve uma experiência em primeira mão da bagunça que era esse bosta.

Eu esperava que, se ele já não o tivesse feito, eventualmente o faria. Ou até mesmo demiti-lo. Estava mais do que um pouco decepcionada por ele não o ter feito ontem.

A falta de resposta que ele deu, mostrou que viu o ponto que eu não estava fazendo, ou entendia que talvez ele não devesse tentar mudar a mente do chefe.

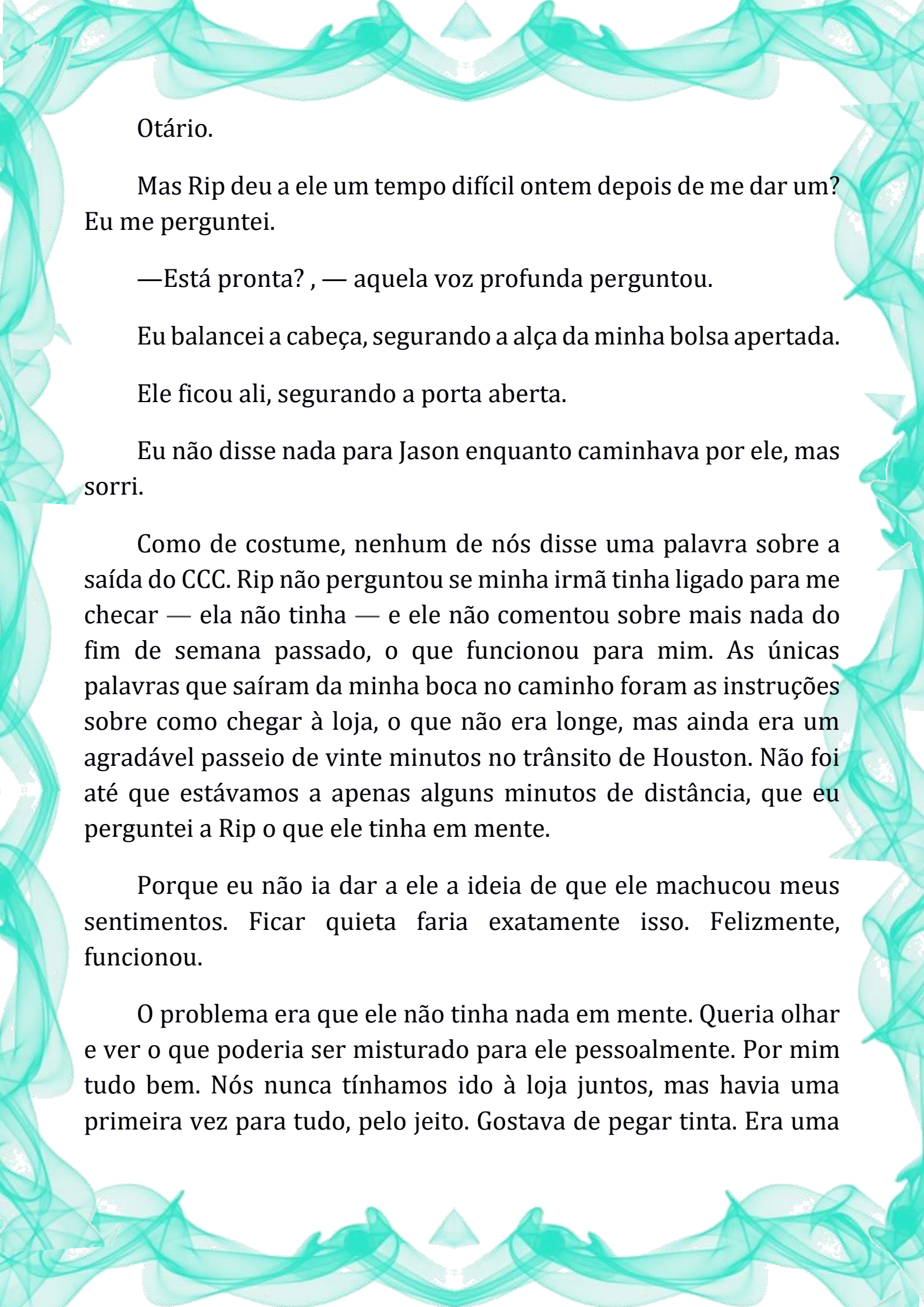
—Você não pode pedir por mim?

—Não, ela não pode, e você não está vindo, — veio uma voz que nós dois reconhecemos.

Uma voz que assustou a nós dois, porque de alguma forma nós dois perdemos a abertura da porta. Perdemos a espionagem. Mas apenas um de nós ficou embaraçado com isso e essa pessoa não era eu.

—Luna vai comigo, — confirmou Rip, parecendo entediado.

Felizmente, ao contrário de suas conversas comigo, Jason conseguiu fechar a boca e não discutir ou implorar, ou ser um idiota passivo-agressivo. Sua cabeça tinha virado para a direção de Rip no segundo em que o ouvimos falar, mas na decisão do nosso chefe, ele deixou cair.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text on the page.

Otário.

Mas Rip deu a ele um tempo difícil ontem depois de me dar um? Eu me perguntei.

—Está pronta? , — aquela voz profunda perguntou.

Eu balancei a cabeça, segurando a alça da minha bolsa apertada.

Ele ficou ali, segurando a porta aberta.

Eu não disse nada para Jason enquanto caminhava por ele, mas sorri.

Como de costume, nenhum de nós disse uma palavra sobre a saída do CCC. Rip não perguntou se minha irmã tinha ligado para me checar — ela não tinha — e ele não comentou sobre mais nada do fim de semana passado, o que funcionou para mim. As únicas palavras que saíram da minha boca no caminho foram as instruções sobre como chegar à loja, o que não era longe, mas ainda era um agradável passeio de vinte minutos no trânsito de Houston. Não foi até que estávamos a apenas alguns minutos de distância, que eu perguntei a Rip o que ele tinha em mente.

Porque eu não ia dar a ele a ideia de que ele machucou meus sentimentos. Ficar quieta faria exatamente isso. Felizmente, funcionou.

O problema era que ele não tinha nada em mente. Queria olhar e ver o que poderia ser misturado para ele pessoalmente. Por mim tudo bem. Nós nunca tínhamos ido à loja juntos, mas havia uma primeira vez para tudo, pelo jeito. Gostava de pegar tinta. Era uma

coisa que eu não me importava em deixar o estande, apesar de na maioria das vezes ele ter sido deixado em nossas entregas semanais.

Rip estacionou seu caminhão no terreno quase vazio e nós dois saímos. Eu estava ocupada pensando sobre que cores ele poderia estar interessado — tentando não pensar no dia anterior também, se eu fosse ser honesta — que mal consegui dizer a ele —obrigada— quando ele segurou a porta aberta para mim.

Uma vez que ambos estávamos lá dentro, finalmente perguntei: —Você está querendo cor clara ou cor escura?

Seus olhos pareciam escanear a loja, e eu tive que me perguntar se ele realmente esteve aqui, ponto final. Eu não penso assim. Ele normalmente só escolhe as cores das amostras. Foi o Sr. Cooper que veio comigo no passado se ele queria algo personalizado, mesmo assim, isso era raro. Tintas personalizadas eram muito mais caras do que as milhares de opções que você poderia escolher diretamente de um catálogo, mas às vezes, com certos tipos de carros que eles compravam, valia à pena fazer algo realmente personalizado. Os dois carros que ele comprou no leilão valeram a pena, então não o culpei por querer fazer algo original.

—Eu vou saber quando ver isso, — ele respondeu enquanto se virou para um corredor que continha pincéis.

Eu quase revirei meus olhos. Então me perguntei por que ele estava na seção de pincel, para começar. Então me lembrei que não precisava me perguntar sobre isso.

—E aí, Luna? , — uma voz chamou por trás do balcão na parte de trás da loja.

Eu não pude deixar de sorrir imediatamente, enquanto estiquei meu pescoço em direção ao balcão, ao longo da parede traseira da loja de tintas. —Oi, Hector.

—Eu tinha a sensação de que hoje seria o meu dia de sorte, — disse o homem realmente bonito, que trabalhava na loja há tanto tempo quanto eu podia lembrar, respondendo de onde ele estava. Ele já estava sorrindo aquele sorriso branco e gigante que tinha que ser um dos mais bonitos que já vi.

Eu bufei. —Você diz isso para todo mundo.

—Só você. — Ele sorriu. —O que você precisa?

Parei em frente ao balcão e dei uma espiada por cima do ombro quando disse: —Meu chefe quer fazer algo personalizado para dois carros que ele vai começar a trabalhar, então tive que trazê-lo para a melhor loja. — De pé na ponta dos meus pés, chamei —Rip?

O que poderia ter sido um grunhido, respondeu da direção de onde eu o vira pela última vez. A loja era bem pequena. Eu não tinha certeza do que ele estava olhando, ou porque não podia vê-lo, mas tudo bem.

Voltei para o meu amigo e me balancei nos calcanhares. —Ele estará aqui em um segundo.

Hector se inclinou para a frente, colocando os cotovelos no balcão entre nós, e fez a mesma pergunta que sempre fazia quando eu vinha vê-lo. —O que você está fazendo no almoço?

Então eu disse a mesma coisa que sempre fiz. —Eu já almocei. O que você está fazendo no almoço?

Ele riu, como se isso fosse novo, e era tão bom quanto seu sorriso. Tão bom quanto tudo sobre ele. —Nada agora, já que você não vem comigo.

—Você está tão cheio disso. — Eu bufei novamente e olhei por cima do meu ombro mais uma vez. Rip ainda não tinha vindo. Voltei-me para o outro homem antes de perguntar, com as sobrancelhas levantadas: —Você tem um?

Ele ergueu as sobrancelhas de volta. —Eu sempre tenho um para você, — disse ele, fazendo parecer mais flerte do que era.

Ele sempre as teve, ponto final, mas esse era o nosso jogo.

Eu vasculhei minha bolsa procurando por um dólar, então pensei duas vezes sobre isso e peguei outro antes de segurar os dois entre nós. —Posso ter dois, por favor?

—Dois? — Ele perguntou quando tomou a nota, em seguida, abriu uma gaveta do outro lado do balcão e puxou o que eu queria quando ele trocou pelo dinheiro. —Ela está economizando para uma bicicleta agora.

—Uma bicicleta? O que aconteceu com o celular que ela queria?

Hector riu quando ele fechou a gaveta. —É, muito tempo passou desde que você apareceu. Ela já vendeu o suficiente dessas coisas para comprar seu celular.

—De jeito nenhum!

—Você provavelmente pagou por um quarto disso, — disse ele.

O som de uma garganta se abrindo atrás de mim me disse que Rip tinha aparecido e, quando me virei, fiquei mais do que um pouco surpresa ao vê-lo passar por mim. Ele estava olhando.

Para Hector.

E porque eu conhecia bem suas características, sabia que o rosto que poderia parecer cuidadosamente indiferente para todo mundo, era uma mentira.

Ele estava irritado.

Mas com o que, eu não tinha ideia.

E isso não era da minha conta.

—Como vai'? — Hector perguntou, sendo tão amigável como de costume. —Com o que posso ajudar?

Quando um momento se passou e meu chefe não disse nada, olhei para o outro homem e disse: —Hector, esse é o meu chefe. — Como isso explicaria tudo. —Rip, este é Hector.

Rip, embora não respondesse, seus olhos estavam atirando um olhar assassino no homem do outro lado do balcão.

OK.

Eu precisava colocar isso em marcha.

Gesticulei em direção ao meu chefe. —Ah, Rip? Você quer vir aqui para poder ter algumas ideias?

Ele não se mexeu e não desviou o olhar do outro homem. Tudo bem.

—Aqui está, Luna, — disse Hector do outro lado do balcão, batendo o que eu sabia que eram pirulitos com sabor de manga cobertos de açúcar ácido, contra o meu antebraço.

Eu comprava um dele — de sua sobrinha para ser exata — toda vez que eu vinha na loja.

Pegando-os, sorri e disse: —Obrigada, — antes de puxar o plástico de cima de um e empurrar a coisa toda em minha boca, e antes de segurar o outro em direção a Rip.

Seu corpo ainda não tinha se movido, mas aqueles olhos azul-esverdeados tinham. Foi para o pirulito. Então voltou para Hector.

—Eu comprei para você, — disse a ele entregando o seu pirulito enquanto enrolava a embalagem com a outra mão e entreguei para o homem na sala que nunca tinha ferido meus sentimentos.

—Luna disse que você estava querendo uma cor personalizada para um par de carros, — Hector disse enquanto jogava o lixo fora.

Rip pegou o pirulito de mim e enfiou no bolso livre.

Seus olhos deslizaram para mim, e de alguma forma eu consegui levantar minhas sobrancelhas para ele porque eu não entendi o que o irritou. —Você está bem?

Ele inclinou o queixo e notei o jeito que soltou uma respiração profunda. Notei a maneira como seus ombros foram empurrados para trás quando ele veio em direção ao balcão. Então eu definitivamente não podia perder o jeito que ele estava ao meu lado, seu braço tocando meu ombro. Sua bota contra o lado da minha bota.

Talvez ele tenha se sentido mal ontem.

Não era como se ele alguma vez tivesse se afastado de mim antes, mas ele nunca chegava a ficar do meu lado, a menos que houvesse uma razão. Essa razão sendo eu estando chateada, se as duas últimas vezes contam. Isso foi algo para se pensar.

—Alguma ideia que você está procurando? — Hector perguntou, seus olhos indo e vindo entre Rip e eu de uma maneira que eu não sabia como entender.

Assim que abri a boca, Rip me cortou. —Vermelho. Vermelho Sangue.

Tenho certeza de que olhei para ele com a boca aberta de surpresa. De onde diabos isso veio? Eu tinha literalmente perguntado a ele no carro se tinha alguma ideia.

—Quase preto, mas não, — continuou Rip.

Hector pareceu pensar por um segundo antes de concordar. — Posso encontrar isso. E o outro?

Aquele rosto bonito se inclinou para olhar para mim, aqueles olhos intensos se demorando no meu cabelo por um momento antes de terminar a caminhada até os meus olhos, e ele perguntou: —Qual é a sua cor favorita?

Minha cor favorita?

Hector respondeu por mim. —É branco, não é?

Eu balancei a cabeça, mas ia culpar o pirulito na minha boca porque fiz. Tivemos muitas conversas sobre cores ao longo dos anos. Claro que ele sabia.

O olhar de Rip se virou para mim, sua testa franzida. — Branco?

Eu balancei a cabeça novamente.

— Por quê? , — perguntou, até mesmo ele não podia acreditar.

Dei de ombros e tirei o pirulito da boca o tempo suficiente para dizer: — É elegante. Tudo parece bem no branco.

Ele piscou.

— Se você misturar as três primárias juntas, você consegue branco. Acho legal. — Eu sorri para ele, de verdade naquela hora. — E eu só pinte um carro branco em anos. Eu não estou cansada disso ainda.

— Que tipo de branco você pode fazer então? — Meu chefe perguntou ao outro homem, mas seu olhar permaneceu em mim.

— Não faça isso por minha causa. Você pode fazer qualquer cor que quiser, — eu falei, não gostando da pressão dele colocando a minha cor favorita em um carro que ele estaria vendendo.

Seu rosto estava super sério. — Eu sei.

Está bem então.

— Mostre-me um branco puro e brilhante com um tom azul, — Rip disse ao outro homem depois de finalmente virar para encará-lo novamente.

Hector balançou a cabeça antes de bicar no teclado do computador.

Bem.

Ele realmente deve se sentir mal.

Bom.

* * *

Foram necessárias dez tentativas diferentes para obter o tom de vermelho que Rip tinha imaginado em sua cabeça, o que levou horas porque a mistura de cores era literalmente uma ciência em que Hector tinha doutorado, e demorou metade do tempo para obter o tom de branco que ele gostou.

Quando Rip disse que eu poderia borrifar uma fina camada de flocos de metal no carro que ia ser o tom de branco que ele escolheu — branco com algumas notas de azul claro — eu tinha os surpreendidos porque adorava fazer flocos de metal e não consegui fazê-los tantas vezes; limpar o estande e a pistola depois de aplicar, era uma dor gigantesca na bunda, mas valia a pena.

Eu mal tinha fechado a porta do caminhão quando Rip carregou a tinta na parte de trás do caminhão — ele me deu um olhar que dizia que eu estava louca quando fui pegar o primeiro contêiner — então recuei, levantando minhas mãos e deixando ele fazer isso. Não era como se eu não tivesse carregado a minha própria pintura para a traseira do caminhão CCC mil outras vezes, mesmo que Hector sempre oferecesse, mas se Rip queria fazê-lo agora, que assim seja.

A porta mal tinha sido fechada quando meu telefone começou a tocar de dentro da minha bolsa. Eu puxei para fora e franzi a testa para a tela. Era o número da loja. —Olá? — Eu respondi.

Em vez da voz do sr. Cooper, ou mesmo de Miguel ou de qualquer outra pessoa, a que eu temia dizia: —Quando você vai chegar?

Eu inclinei meu rosto para a janela à minha direita e mordi o interior da minha bochecha. —Em breve. Por quê?

—Algo não parece certo.

Eu pensei sobre o trabalho que deixei com ele e não entendi como era possível ele estragar qualquer parte dele. Ele deveria ter sido feito até então. Ele deveria estar ajudando no chão. —Como? — Eu ouvi a borda na minha própria voz. Eu realmente estava farta dele. Eu estava tão cansada que estava quase no ponto de ter passado o cuidado de saber se ele foi ou não demitido por estragar tantas vezes.

—Olha... você precisa voltar para que você possa consertar, — afirmou o homem-criança.

Apenas as palavras que eu queria ouvir.

Eu continuei fazendo uma careta. —Diga-me o que você acha que fez de errado, e vou lhe dizer como consertar antes de chegar aí.

A porta do motorista se abriu, e eu não perdi os olhos azulados que se balançaram em minha direção quando Rip entrou.

—É mais fácil te mostrar. Em quanto tempo você vai chegar? , — ele repetiu.

—Eu não sei. Provavelmente não tanto tempo, mas eu preciso que você me conte o que aconteceu porque muitas coisas que você acha que podem estar confusas, podem ser resolvidas, — eu disse, tentando parecer calma, mas apenas pensando em como que ele estragou tudo, poderia sugar o meu tempo quando voltasse deixou um sentimento apertando meu estômago. Já eram quase cinco e eu não estava muita interessada em ficar até mais tarde. Não hoje, pelo menos. Eu deveria ir para a academia com Lenny.

Jason decidiu fingir que não tinha me ouvido. —Quão mais? Vinte minutos?

Mate-o com gentileza, mate-o com bondade, mate-o com gentileza. As palavras sozinhas pareciam uma pedra bem no centro de toda a minha existência. Eu estava tendo que me dizer exatamente essas mesmas palavras ultimamente, e elas não estavam sendo tão eficazes como de costume. —Jason, me diga o que você fez.

Ele me ignorou como sempre fazia. —Não importa. Você vai ter que consertar isso.

O caminhão começou a quebrar meus pensamentos, mas eu mantive meu olhar para frente no prédio em que estávamos estacionados na frente. —Eu não vou consertar nada. Você precisa aprender como consertar. Então, mesmo se eu chegar aí, você ainda terá que fazer isso, ok?

Houve um silêncio do outro lado e depois: —Este não é o meu trabalho.

Oh, não.

Uma grande mão pousou na minha frente, com a palma para cima, e eu olhei para ver que obviamente era de Rip.

Ele abriu e fechou aqueles longos dedos, pedindo o telefone.

Ele...

Bem. Eu já tinha entrado entre esses dois, não estava disposta a me voluntariar para fazer isso de novo.

Larguei o telefone na mão dele, e ele não perdeu um segundo trazendo-o ao ouvido e resmungando: —O que você fez?

Eu não tinha certeza se responderia a essa pergunta se fosse Jason. Honestamente, eu provavelmente desligaria.

—Você está chamando Luna quando você sabe que ela está ocupada, comigo, então eu quero saber o que você fez para você ligar... Você não fez nada? Então por que você está ligando?... Então você estragou tudo? Isso foi o que eu pensei... novamente? O que eu te disse ontem? Suba as escadas, diga a Cooper o que você fez... Sim, ao Sr. Cooper. Sim, aquele que te contratou. Aquele. Vá dizer a ele agora mesmo. Não espere até que ela chegue aí. Ela não está fazendo essa merda. — Houve uma pausa e depois: —Porra, o que você acabou de dizer? — Rip estalou, e eu tive que pressionar meus lábios juntos, mesmo que apenas para manter a boca aberta... em quase alegria.

Ele piscou.

Eu pisquei.

Então ele puxou o telefone para longe do rosto e olhou para a tela.

—Ele desligou na sua cara?

Ele ainda estava olhando para o telefone quando ele murmurou, parecendo irritado: —Este filho da puta...

Ele desligou na cara dele.

E... isso me fez rir.

Talvez tenha sido a expressão facial de Rip, talvez tenha sido a ideia de que ele estava genuinamente indignado, mas eu ri e não parei de rir. A frustração que eu sentia em relação àquele filho da puta, nas palavras de Rip, instantaneamente desaparecendo. Talvez porque foi legal ver que eu não fui a única que foi tratada como lixo. Eu seriamente não podia acreditar que ele tinha ligado. Isso me fez gargalhar e esquecer que deveria ser profissional e tal. —Cuidado, ele vai fingir que caiu a ligação, mas ele está no telefone fixo, — o avisei.

Rip manteve o olhar fixo na tela preta antes de empurrar o celular de volta na minha direção. Seu tom de voz era mal-humorado quando ele perguntou: —Ele sempre é um pedaço de merda? Ele já sabe que tem um ataque contra ele depois de ontem. Agora ele vai ter dois depois dessa merda. Ele não pode se fazer de bobo por muito mais tempo.

Então ele se meteu em problemas. Isso me fez sentir um pouco melhor ontem. Mas eu teria gostado mais se ele pegasse o machado. Quero dizer, Rip se livrou das pessoas por menos, mas isso não era da minha conta.

Felizmente, ele não esperou pela minha resposta, provavelmente sabendo que era um sim. —Ele sempre age assim com você?

Fechei os olhos, ainda olhando para frente. —O que você quer dizer exatamente?

Eu tinha certeza que Rip estalou a língua. Ele reformulou, abençoou seu coração. —Ele sempre age como um idiota assim?

—Bem... — Eu parei, mas por dentro, eu pensei sim, e foi por isso que ele se irritou no dia anterior — porque Jason era um idiota.

Houve um áspero —Hmm. — A bochecha de Ripley fez essa coisa de contração, e eu quase ri novamente com a lembrança de como ele tinha ficado louco. —Se ele fizer a você uma merda assim de novo, você me diz. Entendeu?

Eu fiz uma careta para mim mesma, dizendo a mim mesma para deixar o dia antes de ir — e apenas parcialmente ter sucesso, — mas ainda assim consegui dizer: —Claro. — Se saiu sarcástico, essa não tinha sido totalmente minha intenção.

Aqueles olhos azul-esverdeados se voltaram para minha direção, expondo algo neles que não consegui identificar. —Luna, apenas me diga, tudo bem?

Como se eu quisesse lidar com a atitude de Jason mais do que eu já fiz. Rip poderia tê-lo se ele quisesse. Eu me senti um pouco como se estivesse traindo o sr. Cooper passando por Rip para me livrar dele, mas eu tinha dito ao sr. C sobre como ele agia ao meu redor, e ele ainda o jogava na minha direção. —Claro, — eu concordei novamente, sabendo que eu não soava convincente.

Eu estava escolhendo a felicidade. Eu ia seguir em frente e perdoar Rip pelo dia anterior. Ele teria feito isso para qualquer um.

Eu não deveria levar isso para o lado pessoal.

Eu podia ver suas mãos flexionadas no volante, mas demorou um minuto para a próxima rodada de palavras sair de sua boca. — Diga, pense em outra coisa que você quer.

Meu corpo congelou, escolhendo instantaneamente que focar em vez de... antes. Por que voltamos a isso? Novamente? — Rip, — eu quase gemi. — Não, terminamos. Estamos quites. Estamos bem, como você quiser chamar. — Quase comecei a dizer que estávamos bem, mas isso parecia um pouco exagerado. Em alguns dias, estaríamos bem. Neste momento, estávamos bem.

Ele não olhou para mim embora. — Não estamos.

— Mas nós estamos.

— Não, Luna, não estamos bem. Escolha outra coisa, — ele insistiu, ainda focado à frente.

Ele estava falando sério? Ele passou quinze horas na minha companhia, incluindo o tempo que ele dormiu em um quarto no corredor do meu. Se isso não contasse como um grande favor, um favor que deveria nos fazer totalmente mesmo para todos os efeitos, eu não tinha certeza do que mais faria.

A não ser que....

Ele realmente se sentiu tão mal por ficar com raiva de mim?

—Rip. Só porque... — Minha irmã me expulsou, pensei, mas não disse. — não acabamos tendo que ficar ou fazer nada, não significa que não conte. Você foi comigo. Isso é mais que suficiente. Eu só queria... seguir em frente.

Ele tinha outras ideias embora.

—Muito ruim. — Aqueles olhos azul-esverdeados deslizaram de volta para mim por uma fração de segundo, e eu pude ver o aperto em sua mandíbula. — Descubra e deixe-me saber o que você quer.

—Nada. Eu prometo. Não há outra coisa que você precise fazer. Porque não há. — Realmente não havia.

Aqueles dedos longos bateram ao longo do volante, e sua mandíbula fez aquele aperto mais uma vez. — Sim, existe. O outro não conta. Tudo o que fizemos foi dar uma voltinha e comer um jantar tardio. Descubra, Luna. Eu não quero ter sessenta anos quando você decidir.

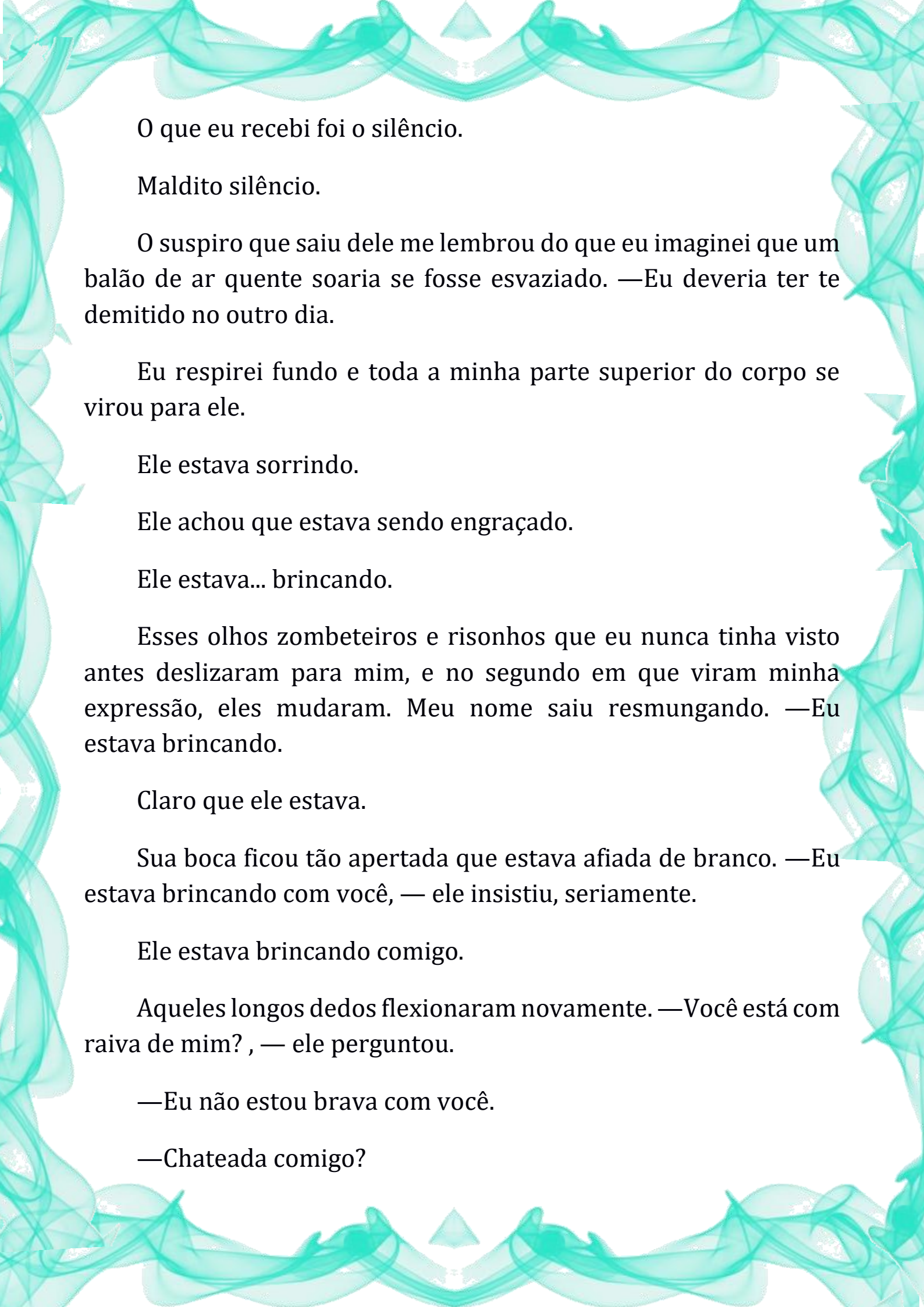
Eu pressionei meus lábios juntos.

Não faça isso, Luna. Tudo é bom e elegante. Não faça isso.

Deixe ir. Deixe-o.

Eu não fiz.

—Então eu tenho... dois anos... antes disso? — Eu sussurrei, fazendo uma careta para a piada que não deveria ter feito, para que pudéssemos nos concentrar no assunto sério da nossa conversa. Então poderia manter a distância que eu deveria colocar entre nós, porque ele era meu chefe.



O que eu recebi foi o silêncio.

Maldito silêncio.

O suspiro que saiu dele me lembrou do que eu imaginei que um balão de ar quente soaria se fosse esvaziado. —Eu deveria ter te demitido no outro dia.

Eu respirei fundo e toda a minha parte superior do corpo se virou para ele.

Ele estava sorrindo.

Ele achou que estava sendo engraçado.

Ele estava... brincando.

Esses olhos zombeteiros e risonhos que eu nunca tinha visto antes deslizaram para mim, e no segundo em que viram minha expressão, eles mudaram. Meu nome saiu resmungando. —Eu estava brincando.

Claro que ele estava.

Sua boca ficou tão apertada que estava afiada de branco. —Eu estava brincando com você, — ele insistiu, seriamente.

Ele estava brincando comigo.

Aqueles longos dedos flexionaram novamente. —Você está com raiva de mim? , — ele perguntou.

—Eu não estou brava com você.

—Chateada comigo?

Eu não olhei para ele quando disse: —Não. — Eu não estava. Eu não estava. —Eu só... — O que poderia dizer? —Você nunca brinca comigo. Estou apenas surpresa. — Eu comecei a estalar meus dedos, mas parei. —Ok, talvez eu esteja um pouco chateada com você, mas está quase passando.

Com o canto do olho, eu o assisti olhar para mim de novo, e mal pude ouvir sua voz quando ele falou de novo. —Eu brinco fora do trabalho, — ele disse suavemente.

Eu não ia pensar demais nisso.

Isso saiu defensivamente, ou foi minha imaginação? —Isso é bom. — Eu era tão otária. Eu realmente era. Ele estava tentando, e eu não tinha isso em mim para afastá-lo. —Você pode brincar comigo sempre que quiser, — eu respondi tão suavemente quanto ele. —Eu não contaria a ninguém. Eu sei que isso não significa nada, e sou muito boa em guardar segredos. Pode ser outro dos nossos segredos.

Eu duvidava que alguma vez me esquecesse do jeito como ele virou a cabeça para olhar para mim, devagar, tão devagar, aqueles olhos como brasas quentes, me puxando para cima. Me vendo. Suas sobrancelhas estavam unidas, como se ele estivesse imerso em pensamentos, e ele apenas...

—RIP! — Eu gritei no segundo quando vi o carro saindo na nossa frente, de repente.

Os freios que ele bateu foram instantâneos. Tão instantâneo, tão inesperado, tão forte, mal tive tempo de respirar e jogar meus braços sobre o rosto. Fechei os olhos assim que o cinto de segurança

sacudiu meu peito, e senti algo me bater entre os meus seios quando os freios de alguém gritaram no fundo. Mas eu sabia que não fizera um pio.

Eu não poderia ter.

Meu cérebro inteiro acabou... desligado.

Meu corpo superior foi para frente...

E a caminhonete fez contato.

Eu não seria capaz de descrever o som do metal de metal. Da caminhonete que entrava no carro que havia saído do que eu descobriria depois, havia um posto de gasolina. Mesmo que alguém tivesse me mostrado amostras de acidentes, eu não teria sido capaz de escolher o que eu tinha ouvido. Acabara de ser barulho.

Mas senti meu corpo tremer. Senti o cinto de segurança cavar no meu ombro. Senti o que eu não sabia até segundos depois, era uma palma grande bem no meio da minha clavícula.

Mais tarde, eu sentiria a dolorosa dor do pescoço e dos ombros.

E assim, tudo estava acabado.

A caminhonete havia parado de se mover, os freios pararam de guinchar e nada além de som ofegante encheu meus ouvidos.

Minha respiração ofegante

—Rip? — Eu respirei fundo quando abri meus olhos e encontrei um para-brisa totalmente intacto na minha frente.

O peso na minha clavícula se moveu, fazendo-me olhar para baixo para ver que tinha sido uma mão — a mão dele — ali. Me segurando de volta. Lá. Bem ali.

Arrastando meus olhos até o pulso, ao cotovelo, ao ombro e depois ao rosto, notei que suas bochechas estavam coradas. Aquela boca não fina, mas não cheia, se abriu. Mas foi a fina fatia vermelha em sua sobrancelha que segurou meu olhar.

—Você está bem? — Eu ofeguei, não tenho certeza se eu seria capaz de ouvi-lo acima do rugido de sangue e adrenalina e, quem diabos sabia o que, inundava meus canais auditivos enquanto meu cérebro registrava que o perigo tinha acabado, e eu tinha certeza que estávamos bem.

Rip piscou. Aqueles cílios negros encaracolados simplesmente caíram, uma vez e depois duas vezes para cobrir os olhos dele brevemente. Suas narinas se alargaram.

—Você está bem? — Eu perguntei de novo, a mão mais próxima dele — que eu tinha enfiado no meu corpo por reflexo — estendeu a mão. Coloquei minhas palmas e dedos em seu antebraço, apenas brevemente sentindo o arrepio sob eles. —Você está bem?

Ele soltou um suspiro agudo e depois assentiu.

Apertei o braço dele de novo, apenas percebendo que estava tremendo. —Eles acabaram de sair do nada. — Eu respirei fundo, tentando diminuir meu batimento cardíaco. —Eu não os vi até que era quase tarde demais, — admiti, ouvindo aquela agitação na minha voz enquanto meu cérebro se recusava a diminuir a

velocidade e, em vez disso, dizia que você estava em um acidente de carro, caso você não soubesse.

Nós tínhamos estado em um acidente de carro.

Merda.

Eu respirei pela boca e deixei minha cabeça cair para trás contra o encosto de cabeça, movendo os olhos para frente novamente para ver que a frente da caminhonete estava esmagada contra o motorista e as portas laterais traseiras de um modelo da BMW. Eu os detalhei o suficiente ao longo dos anos para reconhecer a estrutura corporal.

—Putá merda, — assobieei, tudo sobre mim começando a tremer. Nós estávamos em um maldito acidente de carro. Meu coração parecia bater para fora do meu maldito peito, parecia. — Santa merda.

Engoli. Tentei respirar fundo. Então eu engoli novamente.

Eu estava bem.

Rip estava bem.

Isso era tudo o que importava.

Olhando para o cinto de segurança em todo o meu peito e cintura... não tinha clicado até perceber que Rip tinha feito algum restomod, o que significava que ele modificou seu caminhão. O que significava que ele adicionava cintos de segurança mais seguros desde que seu caminhão tinha sido feito antes da idade dos airbags. E com base no barulho, ele atualizou o sistema de freio também. Se ele não tivesse...

Isso não foi uma coisa boa para se pensar.

O movimento dentro do sedan me disse que o motorista do outro carro também estava bem. A porta parecia estar travada pela maneira como a pessoa do lado de dentro estava se movendo, mas quando consegui pensar com clareza suficiente para decidir sair do carro, o motorista conseguiu abrir a porta e jogou uma perna para fora.

O som de um cinto de segurança me fez olhar para o meu lado para ver a mão de Rip se demorando naquela parte do meu quadril. Ele parecia um pouco pálido, e sua mão não era o que eu chamaria de firme quando pairava ali. Eu não tinha certeza do que diabos estava pensando quando deslizei a minha e a coloquei em cima da dele, tudo indo até o meu cotovelo não muito menos instável do que o dele.

Ele estava me observando, e tudo que eu pude reunir foi um sorriso que provavelmente era tão incerto quanto o resto de mim.

—Filho da puta! — uma voz do lado de fora da caminhonete gritou, e eu não precisei olhar para fora para saber que tinha que ser o motorista do BMW, que eu tinha visto fora da minha visão periférica circulando seu carro.

Meu coração martelou dentro de mim. Eu estava tremendo um pouco. Meu ombro estava começando a doer, mas eu estava bem, assim como o homem ao meu lado. Isso era tudo o que importava.

—Filho da puta! — o motorista do lado de fora gritou. Eu não percebi que Rip não tinha me respondido.

Mas, de alguma forma, consegui me focar o suficiente para dizer: —Eu vou ligar para a polícia, mas vamos sair da caminhonete primeiro.

Ainda assim, ele não disse nada.

Puxando o cinto de segurança ao meu redor e deixando-o cair para o lado entre o assento e a porta, eu tentei o meu melhor para ter meus braços sob controle o suficiente para que eles parassem de tremer. Eu fiquei arrepiada em todos os lugares, mas ignorei também.

Isso tinha sido próximo. Demasiado perto.

—Luna, saia da caminhonete, — Rip finalmente conseguiu dizer, sua voz suave e... desligada.

Eu assenti.

Eu estava bem. Minha adrenalina estava apenas batendo. Eu estava bombeada e agora estava caindo. Nós estávamos seguros. Estava tudo bem.

Não olhando para o homem à minha esquerda, eu me juntei o suficiente para abrir a porta do caminhão e sair, mal conseguindo lembrar da minha bolsa de onde a deixei ao lado dos meus pés. Por sorte, fechei o zíper, então nada havia caído e espalhado pelo chão. Levou apenas um momento para pegar meu celular e apertar o 911.

Levou tudo de mim para prestar atenção e responder às perguntas do atendente, observando Rip parado na frente de seu caminhão mutilado, falando baixinho com o dono da BMW, um homem em um terno cinza que parecia ter a mesma idade de Rip. O

cara do terno parecia chateado, e Rip, ele apenas ficou lá, alguns centímetros mais alto e muito mais largo, com os braços cruzados sobre a cabeça, as palmas das mãos na parte de trás do crânio. Alguns carros pararam, os motoristas saíram para se certificar de que todos estavam bem, mas um casal demorou, aquelas pessoas dizendo algo de volta para o homem de terno.

Ao fundo, eu podia ouvir o leve zumbido de uma sirene da polícia, mas continuei conversando com o que queria que eu esperasse até que a polícia chegasse para desligar. Meu ombro não doía mais do que alguns minutos antes, mas parecia duro.

Respirações profundas. Acalme-se. Estava tudo bem.

O motorista da BMW começou a falar mais alto, e eu o ouvi dizer algo como —idiota!

Rip nem se incomodou em responder. Ele deu um passo para o lado e foi embora. Mesmo com o sol explodindo por toda a estrada, eu podia ver seus olhos se movendo ao redor do acidente, não demorando, mas continuando a deslizar de uma direção à outra até que ele me viu de lado, uma mão segurando o telefone no meu rosto mas meus dois braços se fecharam perto dos meus lados e peito.

Aquelas longas pernas sobre o concreto enquanto ele se dirigia em minha direção, enquanto o outro motorista continuava levantando a voz para discutir com as outras três pessoas que provavelmente tinham visto o que acontecia e estavam lhe dizendo que ele estava errado.

Porque ele estava.

Eu não senti vontade de colocar meus próprios dois centavos e dizer a ele que eu tinha visto a coisa toda acontecer, e que ele era o único que estava incorreto.

Tudo o que eu pude fazer foi ficar lá, observando enquanto meu chefe se aproximava de mim com luzes azuis e vermelhas e brancas piscando em algum lugar ao longe, além da rua movimentada em que estávamos. Quando ele estava a uns três metros de distância, finalmente dei-lhe um sorriso fraco enquanto segurava o telefone no meu rosto. Quando ele estava a um metro e meio de distância, notei a carranca que havia assumido suas feições.

Foi nesse momento que notei os músculos dos braços dele saltando, as contrações nos pulsos, as veias estalando na têmpora e na garganta.

Rip estava tremendo.

Não meio que tremendo como eu estava, mas cheio de tremores. Ele estava pálido. Até seus lábios perderam a cor.

Eu disse alguma coisa para a pessoa pelo telefone que eu esperava incluir pelo menos um 'obrigada', mas eu nunca teria certeza, porque a próxima coisa que estava ciente era acabar com a ligação e enfiar meu celular na minha bolsa que estava assentada no meu quadril.

Aquele corpo inteiro de um metro e noventa e oitenta quilos estava literalmente tremendo.

Ele parecia que não tinha acabado de ver um fantasma, mas uma centena deles.

Eu não parti intencionalmente para agarrar sua mão ou puxá-lo para mim, mas fiz isso. Uma vez, eu tinha agitado da mesma forma que ele estava fazendo naquele momento, e tudo o que eu queria depois era alguém para me abraçar.

E para mim, não havia ninguém para fazer isso.

Mas eu poderia ser essa pessoa para outra pessoa agora.

Eu o conduzi até o meio-fio em que estava parada e observei quando ele afundou, aquelas pernas compridas dobradas no joelho, as mãos soltas ao lado do corpo, as narinas dilatadas com respirações intensas e profundas.

Ele me assustou. Naquele momento, observando seu rosto normalmente bronzeado ficar tão branco, observando o maior e mais absurdo dos homens que eu já conheci tremer, assustou o inferno fora de mim.

—Você está bem, — eu disse a ele, ignorando todo o resto ao nosso redor.

Seus olhos estavam para frente, para mim, mas não para mim, e eu mal notei isso.

Apertei a mão dele e não consegui nada além de outro tremor de osso.

—Rip, você está bem. Esse cara é um idiota, — eu disse suavemente.

Ele ainda apenas olhava para a frente, bem na bainha superior das minhas leggings, já que era o que estava diretamente na frente dele.

Me agachei, minha preocupação aumentou três vezes, e eu peguei sua outra mão, dando a ambas as palmas e dedos muito maiores um aperto. Ele ainda não reagiu.

Eu soltei uma das mãos dele e levantei a minha para o rosto dele, apenas deixando as pontas dos meus dedos roçarem seu queixo com barba. —Ei, você está bem. Nada aconteceu.

Nada.

Mesmo sabendo que eu não tinha nenhum direito e nenhum negócio para tocá-lo, e que ele provavelmente não iria gostar, eu espalmei sua bochecha, sua barba por fazer roçando minha pele. Ela era macia e muito boa de sentir. —Rip?

Nada.

Eu soltei a outra mão e segurei seu rosto na minha direção, tentando pegar seus olhos, mas eles ainda estavam em frente, fora de foco e parados.

O que eu deveria fazer?

Eu ainda podia ouvir as sirenes vindo de longe, mas eu sabia que, além do corte em seu rosto, ele provavelmente estava bem fisicamente. O pior que ele teria eram alguns hematomas e possivelmente seu ombro doendo como o meu.

Eu tentei de novo. —Não foi nada

Nada.

—Ei, você está bem, — eu disse a ele, ainda segurando suas bochechas. —Está bem. Respire fundo.

Ele não fez isso. Ele não fez nada.

Tentei pensar no que eu gostaria se estivesse no lugar dele e hesitei. Mas só dei uma olhada em seu rosto parado para saber que eu ia fazer isso, mesmo se ele me empurrasse e me xingasse mais tarde.

Pelo menos eu estaria pronta para isso.

Então, antes que eu pudesse falar disso, varri minhas mãos de suas bochechas para a parte de trás de sua cabeça, em seguida, movi uma mão para fazer o mesmo gesto por cima dela também. Quando ele não se mexeu, caí de joelhos, ignorando a dor aguda que o concreto enviava através deles, e passei meus braços ao redor de seu pescoço, e o abracei.

Eu pressionei o lado do meu rosto contra o dele, e eu o abracei ainda mais apertado, não o deixando ir.

Mas ainda não foi o suficiente. Ele ainda tremia, aqueles arrepios que fluíam do centro de seu corpo para os dedos.

—Você está bem. Está tudo bem— — repeti, ainda o abraçando. Varri minhas mãos da nuca, através dos músculos do trapézio, sobre os ombros e os braços, aplicando uma leve pressão. Então eu fiz isso de novo e de novo, antes de movê-los logo acima de seu peito, começando lá antes de subir para continuar a rota até a base do seu pescoço, através de seus braços.

O tremor só ficou um pouco melhor.

Foda-se.

Meus joelhos rangeram quando voltei a levantar e fiz algo que nunca havia feito antes. Nada que eu jamais sonhei em fazer com o Rip, nunca. Mas tempos de desesperos exigiam medidas desesperadas.

Eu dei um passo para perto dele e me acomodei, minha bunda, todo o meu corpo, em sua coxa direita, puxando sua perna oposta para que eu vigorosamente me sentasse com as pernas envolta dele, e eu envolvi meus braços e mãos e tanto do meu corpo ao redor dele quanto eu podia. Minha palma foi direto para o topo do seu pescoço e arrastou minha mão por sua espinha, fazendo círculos na base, enquanto a minha outra segurava a parte de trás de sua cabeça.

—Rip, — eu sussurrei ao lado de sua orelha desde que eu tinha colocado minha bochecha a um milímetro de distância dele. —Tudo está bem.

Minha mão circulou suas costas novamente, e eu o abracei mais apertado para mim, seus próprios tremores me movendo também.

—Sou eu, Luna, — eu disse a ele. —Você está bem. Está tudo bem.

Passei a ponta dos meus dedos pelo cabelo curto e macio na parte de trás da cabeça da mesma forma que ele fez por mim fora do apartamento da minha irmã.

—Fale comigo, Rip, — eu disse a ele. —Você está seguro. Você está bem. Nada aconteceu. Eu preciso que você respire fundo.

Nada. Ele ainda não me deu nada.

Corri meus dedos pelo cabelo dele novamente, ouvindo o quase desespero na minha voz. —Você está me assustando. Fala comigo, por favor. Eu não gosto de você tremendo assim.

Eu esfreguei as costas dele. Eu prometi a ele que ele ficaria bem. Eu disse a ele que cuidaria dele.

De novo e de novo até que o grande homem em meus braços se acomodou... um pouco mais, mas era mais que nada. Pelo menos nós estávamos chegando a algum lugar.

—Podemos pegar sorvete depois disso, se você quiser. — Eu continuei falando com ele, não tendo certeza se era isso que estava ajudando. —Aquele sundae que comemos no final de semana foi muito bom, mas eu conheço esse ótimo lugar perto da loja com o melhor sorvete. Eles fazem isso em pequenos lotes todos os dias. Se não pudermos ir hoje, eu trarei alguns no meu horário de almoço em breve.

Eu deslizei minha mão para esfregar a parte de trás de seu pescoço frio, mas úmido. A coxa debaixo de mim flexionou e ficou tensa, e eu coloquei um pouco mais de força em esfregar os músculos duros em sua nuca. —Você sabe, eu sempre imaginei que se minha mãe estivesse por perto, ela teria me abraçado e esfregado minhas costas quando eu precisasse dela. Tentei procurar informações sobre ela algumas vezes, minha mãe, quero dizer, mas há tantas pessoas com o nome Teresa Ramirez, era como procurar uma agulha no palheiro. É por isso que estou em cima de você agora, caso você esteja se perguntando. Eu aposto que ela me faria flan também.

—Uma vez, comprei aqueles pequenos pacotes de pudim quando morei com meu pai, e ele os encontrou e jogou fora. Eu imaginei que minha mãe provavelmente gostava e isso o irritou, mas eu não sei. Tudo era motivo para deixá-lo louco. Talvez ele simplesmente odiasse pudim, mas acho que era mais que isso. Eu não sei, — eu continuei divagando, nem mesmo certa do que diabolos eu estava dizendo, em primeiro lugar, mas sentindo que estava fazendo alguma coisa.

—Se você não comeu pudim antes, eu vou trazer alguns desses da padaria que vou às vezes. Eu diria que faria isso para você, mas você realmente não quer que eu me incomode em tentar. Provavelmente acabaria queimando o pote e toda a minha cozinha. — Eu arrastei minha mão por sua espinha e esfreguei seu pescoço, alternadamente. —Oh! Espere um segundo.

Eu cavei dentro da minha camiseta e desfiz o fecho do colar que eu estava usando. Eu tinha visto aquela manhã e tinha um pressentimento sobre isso. —Que tal isso? — Mesmo com meus dedos ainda um pouco trêmulos, levou apenas um segundo para deslizar a corrente no pescoço de Rip e refazer o fecho para mantê-lo sobre ele. Eu me afastei apenas o suficiente para ver o pingente de sorvete cair no topo de sua garganta. Parecia ridículo lá, mas eu dei um tapinha no lugar de qualquer maneira. —Veja. Está vendo? Tem uma casquinha de sorvete. Para fazer você se sentir melhor.

Seu corpo inteiro se apertou por um momento antes que uma explosão de um barulho alto de seu peito. E no tempo que levei para processar o som, ele desapareceu e seus músculos relaxaram ainda mais. Eu juraria que sua respiração também diminuiu.

—Lá vamos nós, — eu disse a ele, colocando pressão em suas costas e pescoço novamente. —Você está bem. Você está bem.

Por alguma razão, isso só me fez querer abraçá-lo com mais força. Ele era tão grande que era difícil tentar envolvê-lo; meus braços mal conseguiam alcançar. Eu espalmei a parte de trás de sua cabeça e levemente arranhei seu couro cabeludo do jeito que a Lily gostava quando ela era pequena. Ela tinha feito isso comigo também de vez em quando, quando ela estava dormindo, e eu também amava.

Do jeito que seu corpo se soltou, músculo a músculo, percebi que ele também.

Então eu continuei coçando.

Lenta, mas seguramente, aquele grande corpo relaxou contra o meu, não totalmente, mas era algo.

—Você está bem? — Eu perguntei quando o único movimento que senti sair dele foi respirar fundo, profundamente.

Parte de mim esperava que ele se atirasse em mim, para me empurrar para fora do seu colo, para me dizer para me foder.

Mas nada disso aconteceu.

Um dos braços que ele tinha em seus lados subiu e sua mão se estabeleceu no meu quadril, dando-lhe um leve aperto. Sua testa caiu para o local onde meu ombro encontrava meu pescoço, e eu podia sentir suas suaves baforadas de respiração em minha clavícula e peito. Sua mão apertou meu quadril novamente. E meu coração... não sabia o que fazer.

—Diga-me o que você precisa, — eu perguntei a ele.

Ele balançou a cabeça contra mim.

Foi o som de passos que me fizeram olhar por cima do ombro para ver um policial andando pelos carros, indo direto para nós.

Rip deve ter visto também por que ele ficou tenso. Em toda parte. Da coxa abaixo de mim para o volume contra o meu peito, Rip se tornou granito. Eu tomei uma fungada que me disse que ele cheirava levemente a um sabonete perfumado e à frescura de um desodorante esportivo.

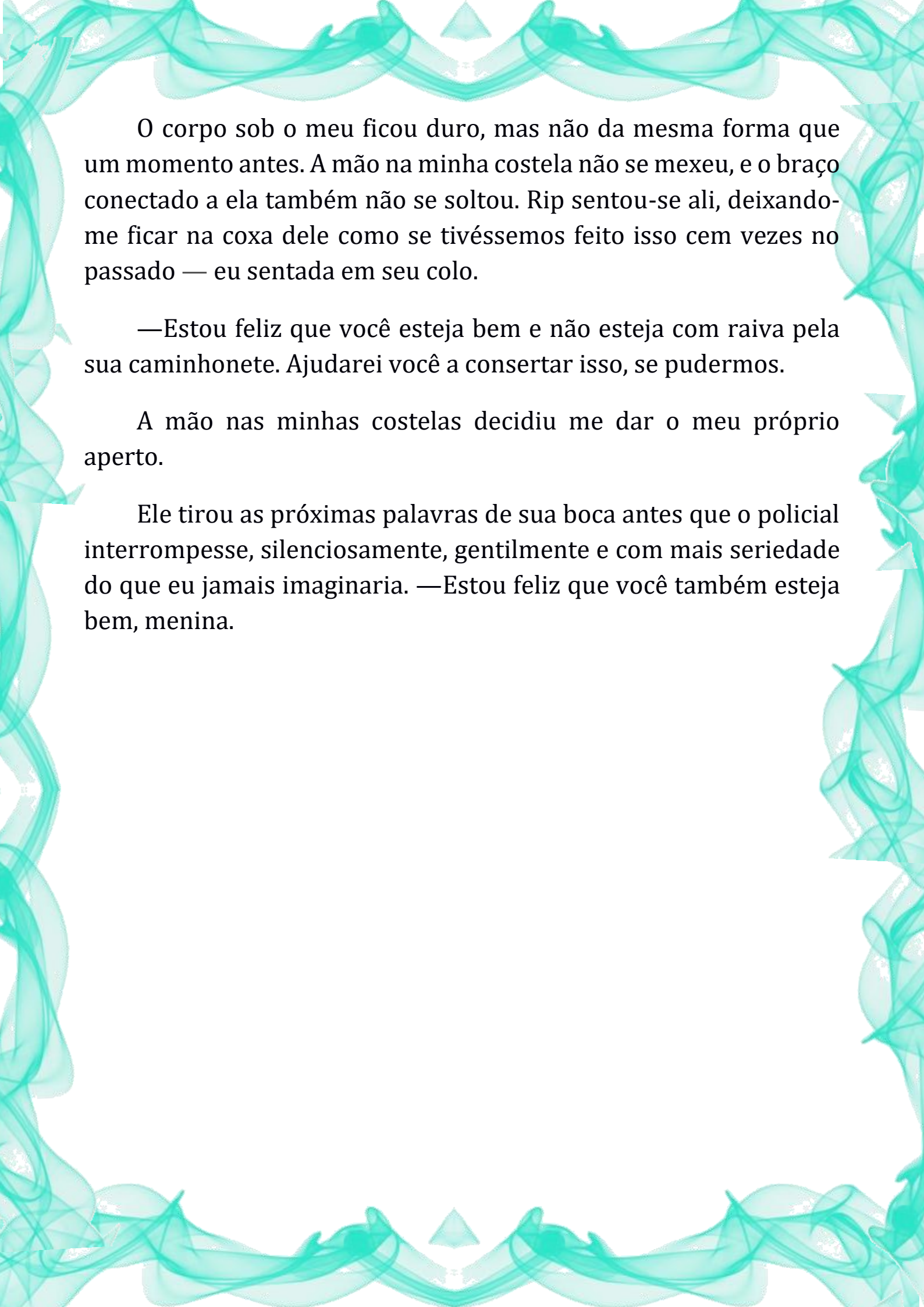
—Nada dói? — Eu sussurrei a pergunta.

Rip sacudiu a cabeça novamente.

—Sinto muito sobre a sua caminhonete.

—É apenas uma caminhonete, — ele respondeu baixinho, me surpreendendo. O peso no meu quadril subiu e seus dedos se estenderam ao redor da minha caixa torácica inferior, seus dedos se moldando ao redor dos meus ossos.

—O policial está chegando, — eu avisei, deixando minha mão arrastar sua espinha mais uma vez. Eu dei a ele um último abraço antes de afrouxar meu aperto, batendo nele. Eu me afastei, a mão dele ainda em minhas costelas, e encontrei seus agora brilhantes olhos azul-esverdeados. Eu sorri para ele, este nó no meu peito se formando quando eu pensei em quão pálido ele estava. —Você salvou nossos malditos rostos instalando esses cintos de segurança, chefe.

A decorative border made of flowing, translucent teal waves frames the text on the page.

O corpo sob o meu ficou duro, mas não da mesma forma que um momento antes. A mão na minha costela não se mexeu, e o braço conectado a ela também não se soltou. Rip sentou-se ali, deixando-me ficar na coxa dele como se tivéssemos feito isso cem vezes no passado — eu sentada em seu colo.

—Estou feliz que você esteja bem e não esteja com raiva pela sua caminhonete. Ajudarei você a consertar isso, se pudermos.

A mão nas minhas costelas decidiu me dar o meu próprio aperto.

Ele tirou as próximas palavras de sua boca antes que o policial interrompesse, silenciosamente, gentilmente e com mais seriedade do que eu jamais imaginaria. —Estou feliz que você também esteja bem, menina.

Capítulo 16

Lily me avisou que eu estaria sofrendo. Ela esteve em um acidente de carro há dois anos. Sua amiga, a motorista, tinha passado direto por uma placa de 'Pare' e tinha sido desossada. Minha irmãzinha foi com o rosto direto no airbag, dois olhos negros e um nariz inchado, mas apesar de tudo o que importava, ela estava bem.

Então, quando mandei uma mensagem para ela, no dia seguinte, para dizer que eu estive em um acidente — porque teria descoberto de alguma forma, e preferia ter sido a única a dizer a ela do que de outra forma — alertou-me. Antes disso, ela havia dito o quanto ficou brava por enviar uma mensagem e não ligado, toda tão séria. O que aconteceu? Basicamente gritou comigo.

Para dar-lhes crédito, Kyra tinha me mandado uma mensagem imediatamente depois, e Thea me enviou uma mensagem apenas uma hora depois. Ela não mencionou nada sobre o fim de semana, e não tive coragem de falar sobre isso.

Mas voltando para Lily, ela disse: Vai doer, querida.

No entanto, ainda estava surpresa quando acordei naquela manhã e senti o que imaginava que uma pessoa que tivesse sido atropelada teria sentido. Meu pescoço doía tanto que não conseguia virar a cabeça em nenhuma direção. Meus ombros doíam. Honestamente, tudo doía, até mesmo o ponto bem no centro do meu peito onde a mão de Rip tinha segurado para não bater.

Levei o dobro do tempo para tomar banho e me vestir, o dobro do tempo para descer as escadas, porque jurei que até meus joelhos sentiam um impacto. Sentia-me como um robô enquanto fazia meu café da manhã e agradei aos céus que fiz o almoço suficiente para durar alguns dias, mesmo que não fosse a coisa mais saborosa que já comi.

Dois analgésicos depois, fui em direção à porta, pegando o resto das minhas coisas e chaves.

Por um segundo, pensei em pedir folga do trabalho. O Sr. Cooper sabia que estivemos em um acidente. Tinha ligado para ele enquanto o policial conversava com Rip para obter sua declaração. Ele foi o único a dirigir para onde estávamos e nos pegar. Ele me deu o maior abraço de todos os tempos, dando-me a oportunidade de sentir um leve tremor que atingiu seu corpo.

Tinha visto o olhar longo e comprido que ele lançara no caminho de Rip, enquanto o homem fazia questão de não olhar para o Sr. Cooper uma vez, enquanto eu estava por perto. Seus olhos estavam grudados no caminhão de reboque que levaria a caminhonete até a loja.

Depois, o homem mais velho me deixou na minha casa e jurou que alguém deixaria o meu carro mais tarde, me dando outro abraço e me dizendo que estava feliz por eu estar bem, depois de me levar até a porta.

Mas assim que pensei em chamar, eu disse a mim mesma, não.

Não estava morrendo. Não havia nada que pudesse fazer em casa para valer a pena ficar. Se tivesse que ir mais devagar, ninguém reclamaria.

Exceto Jason, mas eu não iria desperdiçar meu tempo ou paciência com ele. Hoje não era o dia para ele me dar um tempo difícil. Não com seus dois ataques. Abri a porta da frente e dei um passo para fora, apenas para parar em meus malditos rastros. Porque estacionado na minha garagem, atrás do meu carro, estava uma nova caminhonete preta de cabine dupla.

Sentado claramente no banco do motorista, estava Rip.

Pisquei. Então, pisquei mais um pouco, certificando-me que meus olhos não estavam brincando comigo.

Quer dizer, sabia que não estava imaginando coisas. Este não foi um momento déjà vu, eu estou em um oásis vendo uma miragem. Isso era real.

Rip estava na minha garagem.

Felizmente, consegui manter a postura o suficiente para trancar a porta da frente e descer os degraus, olhando para o meu carro estacionado onde um dos meus colegas de trabalho o deixou, cerca de uma hora depois que o Sr. Cooper me acompanhou até a porta da frente... Rip já estava me observando enquanto me dirigia para ele, e não pude deixar de me sentir ainda mais surpresa quando as portas foram destrancadas, e em vez de a janela ser aberta, ele se inclinou sobre os assentos e empurrou a porta aberta.

Não tinha certeza porque eu sorri exatamente, mas fiz e disse: —Bom dia. — Apenas não perguntando o que você está fazendo aqui?

Rip, que tinha óculos de sol pretos elegantes, inclinou a cabeça para o lado longe de mim. —Entre, Luna.

Entrar. Não era um bom dia ou não estou aqui para buscá-la, ou algo assim.

Apenas... entre.

Consegui olhar para ele por um segundo antes de sair e pegar a altura da picape. Tinha um kit de elevador, com certeza. Escondido nas laterais havia placas de corrida retráteis para dar um impulso aos passageiros. O couro preto cobria o assento do passageiro.

Era literalmente novo.

E eu apenas fiquei lá.

Porque o Rip estava na minha garagem.

Novamente.

Porque queria ter certeza de que eu iria trabalhar.

—Não que eu não esteja feliz em ver você, mas o que está fazendo aqui? — Joguei a pergunta antes que pudesse me impedir, com certeza estava dando a ele um sorriso maluco.

—Estou aqui para pegar você, — ele respondeu como se fosse óbvio.

Não precisava apontar que meu carro estava bem na frente da caminhonete, mas ainda deslizei meus olhos para o lado de qualquer maneira. Porque sim, meu carro estava definitivamente lá. Não adaptei nenhuma tecnologia de camuflagem aleatoriamente durante a noite.

Atrás de seus óculos, as sobrancelhas de meu chefe se levantaram lentamente, e sua pergunta saiu na mesma velocidade, marcada com um pouco mais de sarcasmo do que eu sabia o que fazer. —Precisa de uma carona ou não?

Ele era meu chefe, e sob nenhuma circunstância eu estava prestes a me jogar em seu carro como se estivesse desesperada.

—Posso dirigir eu mesma.

Aquelas sobrancelhas grossas e escuras ficaram de pé, e isso era definitivamente um sarcasmo em seu tom. —Aposto que você não pode olhar por cima do seu ombro, — ele tentou me desafiar, surpreendendo-me ainda mais.

Como a idiota que era, me apeguei à sua brincadeira inesperada de qualquer maneira, quando perguntei de volta: —Mas você pode?

—Uh-huh. Eu não tive tempo de ficar tenso. — Suas sobrancelhas caíram e ele gesticulou para dentro da caminhonete. —Entre, estou te dando uma carona para o trabalho e já estamos atrasados.

Acho que não tinha pensado nisso sob essa luz, mas ele tinha um ponto. Não conseguia virar a cabeça, não o suficiente para ser uma motorista segura, pelo menos. E eu seria realmente teimosa por não querer uma carona para trabalhar com o homem que poderia

ter sido um idiota para mim há dois dias, mas quem sabia que meu coração teria se comportado da mesma maneira com qualquer um dos meus colegas de trabalho? O mesmo homem que me deixou abraçá-lo e consolá-lo depois que teve algum colapso estranho após acidente? Um colapso que não entendi, mas que tinha pensado sobre a noite passada enquanto estava na cama e só tinha conseguido chegar a uma conclusão.

Esse não foi o primeiro acidente em que Ripley esteve.

Não ia perguntar como o primeiro tinha sido. Queria saber, mas também sabia que alguém não reagia do jeito que ele, se não tinha razão.

Suspirei, mas não consegui segurar o sorriso no rosto enquanto contava a verdade. — Não posso levantar meu braço sobre minha cabeça, chefe. Não posso entrar. — Comecei a levantar meu braço para que pudesse mostrá-lo, ficando apenas alguns centímetros antes de ter que parar com um gemido. — Sim, isso não está acontecendo. — Como conseguiria trabalhar, não tinha ideia, mas descobriria.

A expressão que ele me deu, uma leve careta e uma pequena sacudida na cabeça, disse: — Foi o que eu pensei. — Mas, felizmente, ele não esfregou na minha cara quando tocou um botão em algum lugar perto do volante que tinha os estribos caindo no lugar. Então a porta se abriu e ele saiu, circulando em torno da frente do caminhão, antes que eu tivesse a chance de perceber o que exatamente estava acontecendo.

A próxima coisa que eu sabia, Rip estava atrás de mim e aquelas mãos grandes estavam no alto das minhas coxas, logo abaixo da

minha bunda, e ele estava me levantando. Não forçando. Não grunhindo, nada. Apenas um elevador até meus pés estarem sobre o estribo, e então, e só então, me soltou.

Não precisei de mais auxílio para me acomodar em seu carro, apenas reprimindo um gemido no movimento que causou dor no meu pescoço. Se Rip notou, não fez um comentário quando me soltou e deu um passo para trás, batendo a porta fechada. No tempo que levou para voltar para a caminhonete, eu tinha percorrido todas as razões pelas quais isso estava acontecendo.

Então aceitei que havia apenas uma razão que deveria importar, e precisávamos resolver o problema o mais rápido possível.

Esperei até que ele se desviasse da minha garagem e começasse a ir em direção à loja, antes de colocar meu corpo no canto do assento para ter uma visão dele que não me obrigava a virar o pescoço. Ele parecia bem para mim. E era um dia de camisa azul.

—Quão ruim está seu pescoço?

Felizmente, ele não estava olhando meu rosto se contorcer cada vez que dirigia, até mesmo sobre um buraco minúsculo, porque saberia que eu estava cheia disso. —Ruim o suficiente, — disse a ele, lutando contra o desejo de me levantar e tentar massagear meu pescoço.

Seu aceno de cabeça foi uma lenta inclinação para frente de sua cabeça.

Foi quando eu soube que precisava atacar. —Diga, Rip?

—O que?

O que. Eu não sabia por que isso me divertia tanto. —Eu estou bem, ok? Meu pescoço dói e meu ombro também, mas logo vai passar. Você não precisa vir me buscar em casa porque se sente culpado.

Ele me cortou. —Eu não me sinto culpado.

—Oh, — foi a coisa superinteligente pensar assim. Bem. OK. — Tudo bem então.

Então pensei comigo mesma, mentiroso, porque, por que diabos ele apareceria aqui para me pegar? Por que queria? Por que éramos amigos e ele se importava comigo? Nah. Eu me jogava quase diariamente nos sinais que ele me dava que pudesse gostar de mim. Então faria algo parecido com o que aconteceu na segunda-feira e me fazia repensar tudo.

—Foi culpa do outro babaca, — Rip afirmou após um segundo. —Sei que você vai ficar bem, assim como sabia que você viria trabalhar hoje mesmo que estivesse com dor, e provavelmente não será capaz de trabalhar muito antes de ficar muito ruim.

Fiz uma careta para mim mesma. —Posso trabalhar o dia todo. — Já havia trabalhado com gripe antes. Poderia sobreviver a um dia com um pouco de torcicolo.

Um pouco de torcicolo que me fez esconder um gemido quando ele passou por uma lombada rápida demais.

Um olhar para o rosto dele me fez pensar se tinha feito isso de propósito para provar um ponto.

Aqueles olhos deslizaram em minha direção, e juro que um canto da sua boca subiu uma fração de milímetro. —Eu sei.

Ele havia feito isso de propósito. Não tinha certeza de como sabia, mas eu sabia. Bem. Ele não queria que eu engolisse? Não faria. O que faria, seria continuar sendo uma pessoa decente. —Fico feliz que você não se sinta culpado, porque não há motivo para você estar. Mas prometo que você não precisa vir me pegar. Posso dirigir eu mesma.

Rip esperou tanto para dizer —Luna? , — que eu meio que esperava que ele mudasse de assunto.

Isso não aconteceu.

—Sim?

—Se eu quiser vir te buscar, vou te buscar. Lide com isso, — ele afirmou, mais quando me disse. —Você quer parar naquele lugar de donuts que você gosta, ou não?

Empurrei um pouco no lugar, dizendo a mim mesma para não levar seu primeiro comentário muito a sério. —Nós podemos ir ao lugar do donut se você quiser.

—Tudo certo?

Eu me virei para frente novamente. —OK.

—Claro que você não está mais com raiva?

—Tenho certeza.

Ele olhou para mim. —Você sabe quando eu fico de mau humor?

Dei-lhe um pequeno sorriso. —Não, não realmente.

Ouvi Rip respirar fundo antes que sua voz enchesse o carro. —Luna?

—Hmm?

—Minha mãe morreu em um acidente de carro quando eu tinha dezoito anos. Estava com ela quando aconteceu, — Rip disse, fazendo-me congelar no lugar enquanto suas palavras se estabeleciam. —É por isso que eu... foi o que aconteceu ontem. Só queria dizer obrigado pelo que você fez.

Sua mãe morreu em um acidente de carro? A mãe que coçou a cabeça e comprou sorvete para ele se sentir melhor?

Então ele continuou falando, e eu não sabia o que dizer. —Acrescente isso aos nossos segredos, tudo bem? Só achei que você merecia saber.

* * *

Por mais que eu tentasse dizer a mim mesma que havia feito a escolha certa para o trabalho, a verdade era que se tornou uma decisão terrível.

Eu estava com dor. Dor física, se você quisesse ser específica, isso não tinha nada a ver com a dor que a confissão de Rip mais cedo me dera. A confissão que propositadamente não iria pensar até chegar em casa e poder refletir sobre isso em particular. Não tinha certeza se conseguiria pensar em Rip, basicamente se perdendo

depois do acidente por causa de uma experiência traumática em sua vida.

Então mais tarde. Mais tarde eu pensaria sobre isso. Por enquanto, ia me concentrar em como me machuquei fisicamente.

Tinha aprendido bem rápido que não havia algo como olhar por cima do meu ombro ou olhar para baixo. Eu tive que virar meu corpo inteiro de um jeito ou de outro para fazer qualquer uma dessas coisas, e mesmo assim, ainda me machuquei. Tinha murmurado — foda-se — para mim quando me inclinei para amarrar minhas botas mais cedo. A dor deve ter sido tão aparente no meu rosto que nem mesmo Jason me deu a menor dificuldade. Ou isso, ou ele sabia que ainda queria chutar sua bunda depois do meu incidente de segunda-feira com Rip.

Os analgésicos que tomei não fizeram uma única coisa. Quando o almoço chegou, me resignara à ideia de visitar o médico para me certificar de que não estava ignorando um problema maior.

Deixei Jason no estande enquanto me dirigia para o corredor com a intenção de subir as escadas para comer minha porcaria.

Quase encontrei com Miguel pelos banheiros quando ele saiu do banheiro masculino.

—Você é uma ninja maldita, Lu, — ele começou a dizer antes de cortar-se com um piscar de olhos e seguiu-se com um estremecimento. —Você parece uma merda.

Bem. —Obrigada, Miguelito.

Ele nem sequer deu um sorriso com a minha resposta. Em vez disso, olhou-me de um jeito que alguém faria uma lixeira virada. — Você está bem? O Sr. Coop disse que você estava bem ontem, mas parece que está pronta para morrer.

Ah, Miguel — Tudo dói, — disse a ele. — Está me deixando um pouco enjoada.

O estremecimento se transformou em uma careta quando ele deu uma volta em sua inspeção, franzindo o nariz. — Parece ruim.

Não pude deixar de rir, mesmo quando ele enviou uma dor aguda no meu pescoço e me cortou com um gemido. — Oh, meu Deus, não me faça rir.

Seu desgosto pela minha náusea instantaneamente se transformou em preocupação. — Pegue algo. Sério. Você parece uma merda. — Ele ficou pensativo por um segundo antes de soltar sua voz. — Eu sei onde há alguma vodca se você quiser esquecer isso mais rápido.

Eu mal consegui não rir, mas em vez disso dei-lhe um sorriso. — Tudo bem. Posso ver se eles me deixarão sair cedo e ir para um desses pronto atendimento.

Meu colega de trabalho bateu no meu ombro. — Você sabe que eles vão. Mas você sabe que sei onde a vodca está. Você precisa de uma carona, diga-me — ofereceu ele. — Não vi o seu carro no estacionamento. O Sr. Coop vai me deixar levar você.

Mantive meu rosto neutro. — Rip me pegou.

—Parece que nada aconteceu com ele, — Miguel confirmou, voltando a me observar com muito cuidado, como se estivesse me esperando vomitar projétil em cima dele de repente. —O diabo não está levando de volta.

Balancei a cabeça. —Não seja malvado. Mas vou deixar você saber sobre uma carona para o médico, se eu for.

Ele me deu um último tapinha. —Se você sentir como se você fosse vomitar, aponte para Jason.

Ri quando entrei no banheiro e rapidamente fiz as minhas coisas, ignorando a dor que disparou através dos meus quadris enquanto agachava para fazer xixi. Terminando, continuei andando pelo corredor.

—Luna! — A voz familiar do Sr. Cooper ecoou logo adiante, onde estava do outro lado da sala principal. Havia um homem que não reconheci ao lado dele, de jeans e camiseta.

Levantei minha mão apenas sobre o nível da cintura e acenei quando me aproximei deles. —Olá, Sr. C. Olá, outra pessoa.

O sorriso instantâneo do outro homem combinou com o do sr. Cooper. —Nós estávamos prestes a ir te visitar, — meu chefe de longa data me disse.

Estávamos a um metro e meio de distância um do outro quando finalmente consegui dar uma boa olhada no outro cara. Não muito mais alto do que eu, com cabelos loiros escuros, em forma e com um rosto que era tão bonito ao lado de um garoto, meio que me surpreendeu. Tive que olhar de volta para o Sr. Cooper para ver se ele ia me dar um sinal de quem era. Ele não fez isso rápido o

suficiente. —Estou saindo para almoçar agora, mas Jason está no estande, se você quiser passar por aqui, — expliquei, parando a alguns metros de distância deles.

—Eu ia levar Ashton para mostrá-lo ao redor da loja, mas, na verdade, ia ver se você queria ir almoçar conosco depois, — explicou Cooper. —Luna, este é Ashton, nosso novo Rogelio. Ashton, esta é Luna, nossa pintora principal que faz um pouco de tudo por aqui.

Estendi minha mão primeiro em direção a ele, sorrindo, quando pegou a minha e deu um aperto firme, sua própria boca puxada em um sorriso torto que era bem fofo.

—Prazer em conhecê-la, — o novo homem afirmou, assim como ele soltou.

—Prazer em conhecê-lo também, — disse a ele antes de tentar apontar sobre o meu ombro e falhando miseravelmente quando isso doeu também. Gemi e não fiz um bom trabalho escondendo isso. — Estou sempre lá se você precisar de alguma coisa.

—Está doendo tanto assim? — Cooper perguntou, preocupação envolvendo seu rosto e palavras.

Dei a ele um sorriso de dor. —Um pouco, — menti. —la comer alguma coisa, tomar mais alguns analgésicos e ver se isso ajuda alguma coisa. — Quase me perguntei se poderia sair mais cedo, mas não queria dar um mau exemplo na frente do cara novo, fazendo-o pensar que poderia apenas pedir para sair mais cedo. Só faria isso em segredo mais tarde.

—Venha almoçar com a gente, — meu chefe sugeriu, ainda franzindo a testa para mim, seus olhos me olhando assim como o de

Miguel tinha feito. —Vamos ver como você se sente depois. O que você acha?

Queria comer minha comida? Na verdade, não. Iria? Claro que sim. Mas ainda aceitaria a oferta do Sr. C. Nunca diria não para passar mais tempo com ele.

Se o novo funcionário estivesse lá também, bem, não ia reclamar. Gostava de me dar bem com todo mundo com quem trabalhava — Jason sendo a exceção.

—Claro, — concordei, deixando-me olhar para o cara chamado Ashton por uma fração de segundo novamente. —Dê-me um segundo para pegar minha bolsa.

—Você não precisa dessa coisa, — afirmou meu chefe.

Em circunstâncias normais, teria agarrado de qualquer maneira, mas realmente não sentia vontade de andar todo o caminho pelo corredor para pegar da minha mesa. Me senti sem culpa por deixar o Sr. Cooper pagar pela minha comida.

—Nesse caso, estou pronta.

O Sr. Cooper colocou a mão no meu ombro e gesticulou na direção da saída da loja. Liderei o caminho, sorrindo com uma careta para os colegas de trabalho pelos quais passamos. Estávamos no meio do caminho quando senti o Sr. Cooper parar e definitivamente o ouvi dizer: —Vamos almoçar com Ashton. Gostaria de vir conosco?

Sabia que ele estava conversando com Rip, o homem que me comprou não apenas um donut naquela manhã, mas também um kolache. Ainda não estava com fome, mas tinha comido as duas

coisas no caminho para o trabalho desde que ele tinha dirigido com uma mão, segurando seu próprio kolache na outra.

O mesmo homem que me ajudou a carregar minhas coisas dentro da loja e então se virou e saiu do meu estande, apenas jogando por cima do ombro, —Acalme-se hoje. — Se estivesse guardando mais ressentimentos contra ele dois dias antes, esses sentimentos teriam desaparecido depois de tudo isso.

Mas, na pergunta do Sr. Cooper, preparei-me para que Rip lhe desse uma resposta grosseira. Pelo menos ontem, eles não disseram uma única palavra um para o outro. A tensão no carro do Sr. Cooper depois que ele nos pegou foi desconfortável, e isso estava dizendo algo considerando as discussões entre eles que eu havia terminado.

Em vez disso, o que Rip deu a ele foi um —Deixe-me me lavar primeiro.

Ele estava vindo? Conosco? Se eu pudesse mover meu pescoço, faria, só para ver se o inferno tinha congelado.

Ele sabia que o Sr. Cooper estava realmente indo ou...?

A maneira como o Sr. Cooper disse —Ok— significava que não era o único chocado com sua concordância. Quero dizer, até onde pude lembrar, o homem mais velho levou todos os seus novos empregados para comer quando os contratou. No meu caso, ele fez isso e me salvou de viver em um quarto de motel de baixa qualidade, e depois ficou preso comigo por anos vivendo sob seu teto.

Lembrei-me quando ele contratou Jason, eu não fui — porque estava muito ocupada — e nem Rip, por qualquer motivo que poderia ter tido.

Assim....

O Sr. Cooper murmurou —huh— me fez sorrir. —Vamos esperar por Ripley então, — afirmou, soando diferente, mas não de um jeito ruim. Mais... totalmente surpreso. De um jeito bom.

Não se incomodando em virar um círculo para enfrentá-los, apenas fiquei lá até que o Ashton falou e perguntou: —Há quanto tempo você trabalha aqui, Luna?

Então tive que virar completamente para enfrentar meu chefe e o mais novo colega de trabalho. —Nove anos. — Eu parecia orgulhosa de mim mesma ou o quê?

—Luna aqui é a funcionária que tem estado conosco por mais tempo agora, não é mesmo? , — Sr. Cooper perguntou.

Lembrei-me de não mexer a cabeça e dizer: —Sim.

—Se você precisar de alguma coisa, esta é a sua garota. Ela sabe de tudo e, se não, descobre— — continuou o homem mais velho, parecendo um pai orgulhoso. Cara, eu o amava.

—Prontos para ir? , — veio a voz profunda de Rip por trás dos outros dois homens.

O Sr. Cooper assustou, mas assentiu. —Estava pensando em dirigir, mas se você quiser...

Podia ver o rosto de Rip quando respondeu: —Você pode dirigir.

O que estava acontecendo com ele sendo tão agradável e simpático? Percebi o quão calmo o rosto de Rip estava, mas

certifiquei-me de não deixar a minha refletir a surpresa lá. Teria imaginado que eles teriam argumentado sobre isso, mas...

Eles nem sequer discutiram sobre comer hambúrgueres.

Conduzi o caminho em direção à saída e só mantive a porta aberta por tempo suficiente para Rip chegar e tirar o peso de mim.

—Você está bem? , — veio a pergunta atrás de mim, especificamente da boca de Ashton.

Não me incomodei em me virar para dizer: —Apenas estou com torcicolo.

—Nós estivemos em um acidente ontem, — explicou Rip naquela voz baixa e rouca dele.

—Os dois estão bem, — disse Cooper ao novo cara assim que parei bem na frente do carro dele. —Além do pescoço da pobre Luna.

Pobre em tudo, mas eu não precisava ser específica.

Ele abriu a porta e moveu o banco para a frente, então entrei e sentei-me atrás do banco do passageiro. O que não estava esperando era que, em vez do cara novo subindo na parte de trás, foi Rip quem conseguiu se colocar ao meu lado. No processo, ele praticamente pegou três quartos do assento, forçando-me a esmagar o canto enquanto todo o lado esquerdo do meu corpo acabava pressionado contra o dele.

Até a ponta do cotovelo dele estava no alto da minha coxa.

Aqueles olhos azul-esverdeados encontraram os meus quando o Sr. Cooper e o outro cara entraram também. Rip me olhou. —Você está bem?

Não tinha perguntado a ele as mesmas palavras, pelo menos três vezes, no dia anterior enquanto estava tendo seu momento após o acidente?

—Estou bem, — assegurei a ele. —Você?

Ele lançou um olhar como ‘não brinca’.

Olhei para o corte acima de sua sobrancelha.

Não pude me conter. Cutuquei um ponto logo acima, ignorando o flash de dor no meu ombro. O corte já estava totalmente coberto de feridas.

—Estou muito feliz que foi tudo o que aconteceu com você, — sussurrei enquanto soltava minha mão com um gemido mal contido. —Você ligou para o seu seguro?

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto por um momento. — Eles têm que vir dar uma olhada na caminhonete, mas o estrago foi grande. Não tenho certeza se estou disposto a consertar.

Isso me deixou triste, a caminhonete dele era linda. Tinha sido perfeita. —Tem certeza?

Sua bochecha fez a coisa de contração. —Tenho.

Franzi o nariz. —Sinto muito.

Suas narinas se alargaram. —Apenas uma caminhonete. Nada demais.

As portas do carro se fecharam e me disseram que íamos sair.

Sr. Cooper, do banco do motorista, virou a cabeça para olhar em volta do assento e perguntou: —Você vai ao médico?

—Não sei, — respondi, olhando para o comprimento da coxa alinhada com a minha. Era fácil lembrar o quão dura e musculosa era. E eu precisava esquecer que isso aconteceu. Assim como eu precisava empurrar de lado o que Rip me contou sobre sua mãe. — Eu posso acabar indo, mas nada está realmente errado. Tenho certeza que é apenas um torcicolo.

Não era a minha imaginação quando Rip se inclinou para mim, ou que seus dedos roçaram o topo da minha mão quando ele perguntou: —Você quer ir ao médico?

Havia algo em sua voz que me fez querer fechar um olho. — Estou pensando sobre isso. Tenho certeza de que o seguro do idiota vai me reembolsar por isso.

—Vá, — disse o Sr. Cooper de seu assento na frente.

As pontas dos dedos voltaram para o topo da minha mão. Ele nem tentou abaixar a voz. —Eu vou levá-la quando voltarmos.

Eu não estiquei meu antebraço enquanto seus dedos permaneciam sobre meus dedos e, ao contrário dele, eu disse a ele em voz baixa: —Eu estou bem. — Especialmente com ele tocando minha mão.

Ele não aceitou e disse. —Eu vou levá-la quando voltarmos.

Pisquei e tentei novamente, em voz baixa: —Você não precisa me levar.

Foi a sua vez de piscar. —Luna

Eu pisquei de volta. —Ripley

—Eu vou levá-la ao médico, — ele me disse tão alto quanto ele havia dito todas as outras palavras antes.

Ele realmente deve se sentir terrível.

Eu não tinha nenhum problema em ser tão cuidada por sua preocupação. Ele era meu chefe. Se eu não estivesse bem, eu poderia potencialmente fazer meu trabalho horrivelmente.

—Você está sendo muito doce, — eu consegui dizer sem esboçar um sorriso, só por uma dor. —Mas...

Ele não me deixou terminar minha declaração, e eu juro que ele se inclinou para mim ainda mais. —Eu não estou sendo doce.

Sua mãe morreu em um acidente de carro, pensei antes de empurrar isso de lado novamente para mais tarde, como eu havia prometido a mim mesmo.

Eu poderia agir normalmente. Então fechei um olho e aproximei meu dedo indicador e meu polegar. —Um pouco.

Sua mandíbula fez aquela coisa de contração novamente. —Eu não estou, mas você está indo para o médico, e eu a levarei, — ele tentou afirmar. Tentou me dizer.

Mas eu apenas olhei de volta para ele. —Você não precisa.

Seu cotovelo pousou no alto da minha coxa, e eu não tinha certeza se ele estava fazendo isso para me intimidar — o que eu duvidava — ou se ele estava finalmente sentindo o quão apertado o espaço era. —Estou levando você ao maldito médico.

Eu abri minha boca para continuar discutindo com ele, mas foi quando meu telefone tocou. Puxando-o do meu bolso, eu olhei para a tela e não pude deixar de franzir a testa quando o nome de Thea apareceu. Por acaso olhei para o espelho retrovisor e encontrei os olhos azuis do Sr. Cooper nos meus através do reflexo. Ele tinha um olhar engraçado no rosto. Eu sorri para ele antes de cutucar a tela.

—Olá? — Eu respondi, tentando sussurrar desde que Rip já havia conversado mais que o normal na frente de alguém que eu mal conhecia, e meu outro chefe que poderia não entender porque ou como Rip e eu estávamos conversando um com o outro então... quase amistosos.

—Luna, — minha irmã disse meu nome toda receosa.

—Oi, você. — Mordi o interior da minha bochecha quando ela não disse imediatamente mais nada. —Você está bem?

—Estou bem, — ela correu para fora. —Você está?

—Sim. Eu te disse na minha mensagem, lembra? Eu estou bem, — continuei, não gostando do jeito que ela soava. Eu poderia apreciá-la estar preocupada comigo, mas....

Ela te expulsou do seu apartamento.

Então havia aquilo.

—Sim? Nada mais aconteceu? , — ela perguntou, parecendo... diferente.

Eu peguei a parte de trás do assento na minha frente, tentando ignorar a inquietação que seu tom me fazia sentir. —Não, foi apenas um acidente. Apenas um forte impacto, — eu prometi a ela, dizendo a mim mesma para não pensar muito sobre isso. —Você está bem?

—Sim, Luna. Sim. , — minha irmã respondeu um pouco depressa demais.

Ela não parecia gostar disso. Eu abaixei minha cabeça. —Você conseguiu resolver o seu seguro de aluguel? — Eu me fiz perguntar.

Thea fez um barulho estranho que eu não tinha ouvido antes, o que me colocou ainda mais no limite. —Hum, sim. Eles estão cobrindo minhas coisas.

—Bom.

—Estou feliz que você esteja bem, — ela murmurou, parecendo distraída então. —Bem, isso é tudo que eu queria saber. Eu só... queria ter certeza de que você estava bem.

Nos três anos desde que ela havia se mudado sozinha, ela nunca, nem uma vez ligou para ter certeza de que eu estava bem. Eu não era muito melhor em ligar, mas eu enviava uma mensagem para ela pelo menos uma vez por semana.

—Estou bem. — Levantei a cabeça e olhei para o encosto do banco, algo sobre esse sentimento errado e estranho. —Está tudo bem com você?

—Estou bem, não se preocupe comigo. Mas tenho que ir. Eu vou falar com você mais tarde— — ela respondeu rapidamente.

—OK. — Eu parei. Em seguida, acrescentei, surpreendendo-me: —Te amo, Thea.

—Sim eu também.

Então ela desligou e me deixou segurando o telefone contra o meu rosto, franzindo a testa sobre a nossa conversa.

O que diabos foi isso? Thea e eu sempre tivemos o relacionamento mais cru. Nós nunca tínhamos sido tão próximas quanto Lily e eu, ou no caso dela, tão próximas quanto ela era de Kyra. Mas eu ainda a amava. Eu sempre faria, independentemente das coisas que ela havia dito ou feito.

O carro subiu em uma lombada bem na hora, e então ele enviou o cotovelo de Rip diretamente para minha coxa.

—Sua irmã? — Ele perguntou baixinho, forçando-me a levantar os olhos para ele.

—Sim, — eu disse a ele, deixando de fora a parte em que eu achava que algo estava errado porque... bem, por que eu não iria? Eu não precisava pedir sua opinião para saber que ele provavelmente não tinha bons pensamentos sobre ela em primeiro lugar. Honestamente, se nossos papéis tivessem sido invertidos, eu não teria pensado bem em seu familiar se tivessem feito com ele o que ela havia feito comigo.

Mas eu não ia me preocupar com isso.

A decorative border made of overlapping, wavy teal lines that frame the text. The lines are semi-transparent and create a sense of movement and depth.

Em vez disso, olhei e inclinei-lhe um olhar. —E de volta à nossa conversa, eu não vou deixar você me levar ao médico, chefe, mas obrigada novamente por oferecer.

Capítulo 17

Todas as minhas esperanças e sonhos me falharam na manhã seguinte.

Eu disse a mim mesma que estaria melhor. Muito melhor quando acordasse no dia seguinte. Talvez eu ainda estivesse com um pouco de dor, mas nada que eu não pudesse ter de lidar.

Pelo menos era isso que eu realmente acreditava.

Na realidade, tudo doía ainda mais. Tudo o que aconteceu foi cerca de cinco segundos depois que meu alarme disparou para perceber o quanto mais. —Merda, — eu murmurei para mim mesma enquanto estava deitada lá, querendo me massagear e então parando porque levantar o braço mais do que um centímetro só me faria engasgar de dor.

E eu realmente não tive vontade de descobrir com certeza.

Eu nunca ia contar a ninguém o quão alto eu gemi quando rolei para o meu lado e depois me forcei a sentar. Então eu espiei pela janela para me certificar de que não havia uma caminhonete preta estacionada na minha garagem. Não havia.

Depois que ele me deixou em casa ontem à noite, eu disse a Rip que ele realmente não precisava me pegar. Ele havia se contentado em me dar uma olhada, depois levantou um ombro e disse: —OK. — Eu ainda não acreditava totalmente que ele não aparecesse, mas pelo menos o caminhão dele não estava lá.

Demorei muito tempo para tomar banho e vestir as roupas rigidamente; ainda não havia caminhonete quando espiei para fora, e depois demorei ainda mais para fazer o café da manhã e encher outra porção que de alguma forma conseguiu parecer ainda mais suave. Eu não tinha pensado que isso fosse possível.

Passaram-se trinta minutos mais tarde do que eu costumava sair quando abria a porta da frente, fazia malabarismos com as minhas coisas e encontrava um Ford F-250 preto lá.

Com certeza, através do para-brisa, vi um familiar cabelo castanho escuro preso a um enorme corpo atrás do banco do motorista.

No minuto que levei para fechar a porta e descer os degraus, meu chefe estava fora da caminhonete e já segurava a porta do passageiro aberta, o tempo todo me dando um olhar que dizia: 'cale a boca, Luna'.

—Bom dia, chefe, — gritei enquanto caminhava em sua direção, sentindo-me bastante resignada.

Ele tinha seus óculos de sol de novo, e sua voz era tão baixa e rouca como sempre. —Bom dia, Luna.

Parei bem na frente dele, percebendo que ele não usava uma camisa de compressão. Em vez disso, em meados de junho, ele usava uma camiseta branca fina de mangas compridas que terminava no ponto de sua garganta, exibindo uma parte do pescoço grosso.

Eu encontrei seu olhar e levantei minhas sobrancelhas. —O que você está fazendo aqui?

—Pegando você, — ele respondeu, mesmo quando sua mão pegou a bolsa de mim.

Eu poderia ter segurado isto? Certo. Mas eu não ia.

Mas ainda...

—Você não precisa de nada disso, — Rip me disse.

Agora isso me fez hesitar e estreitar meus olhos. —Por quê?

Ele gesticulou para eu entrar no caminhão. —Você não vai trabalhar. Estamos indo ao médico.

Eu olhei para aquele rosto bonito, absorvendo o fato de que ele não estava tentando desviar os olhos ou ser sorrateiro ou qualquer coisa assim. Ele estava falando sério. —Mas eu não preciso ir ao médico, — eu disse a ele com cuidado.

—Você não vai trabalhar. O Inútil pode lidar com tudo o que precisa ser feito. — Ele fez sinal para dentro da caminhonete novamente. —Vamos lá.

Inútil? É assim que ele estava se referindo a Jason agora? Porque se fosse, eu apreciaria tudo sobre isso. Em vez de comentar seu apelido, eu não me mexi e ele percebeu.

E quando ele notou, ele franziu a testa. —Por que você é teimosa? Você está com dores, você esteve em um acidente...

—Então, você esteve no mesmo.

Essa carranca não foi a lugar nenhum. —Eu não estou com dor, — afirmou antes de gesticular em direção ao interior da

caminhonete mais uma vez. —Vá até o maldito médico e mande checar isso. Você poderia ter algum outro problema mais tarde, e o seguro de carro não cobrirá isso, se você não tiver um registro de que você não estava se sentindo bem desde o começo, — explicou ele.

Ele tinha um ponto.

Mas eu sabia que não havia nada de errado comigo.

Uma daquelas mãos subiu para sua cabeça e ele alisou a curva de sua cabeça antes de soltar um suspiro profundo e dizer, calmamente: —Entre. Cooper marcou uma consulta ontem para às oito da manhã de hoje.

O Sr. Cooper fez isso?

Eu nem precisei pensar nisso então. Se o Sr. Cooper queria que eu fosse, então... isso fez toda a coisa diferente. Ele só estava tentando me fazer ir porque ele se importava comigo.

Eu teria trocado qualquer coisa para ter um pai que se importasse comigo quando eu era mais jovem. Eu vou aproveitar agora.

—Tudo bem, — eu concordei, tentando não soar feliz sobre isso, porque eu não estava, especialmente agora que eu conhecia toda a história. Além disso, a única razão pela qual eu não tinha ido ontem foi porque Jason quase estragou tudo, e eu não confiava em deixá-lo sozinho. Ele realmente era como uma criancinha que eu sempre tive que cuidar, exceto que ele não era fofo, curioso ou uma criança pequena.

Se ele estava se sentindo orgulhoso, Rip não disse nada. O que ele fez foi apontar para o interior da caminhonete.

Eu apontei também, apenas para lhe dar um tempo difícil. — Dê-me um impulso?

Eu não perdi sua bochecha contraindo. Eu também não perdi a resposta dele, porque não havia uma. Tudo o que ele fez foi abaixar minha bolsa no chão, vir atrás de mim, e apenas me levantar como tinha feito no dia anterior até que eu pudesse alcançar dentro da caminhonete. Entrei e assisti ele colocar minhas coisas no chão pelos meus pés antes de ir para o outro lado e entrar também.

Nós mal tínhamos saído da garagem quando Rip perguntou: — Você não está chateada?

Eu olhei para ele, pegando a tinta espessa que eu podia ver ao longo do lado do seu pescoço que quase parecia... chamas? Hã. — Por que eu ficaria chateada?

—O compromisso.

Eu tinha certeza que aquilo era, definitivamente, uma caveira e chamas. Tipo de arte criando fogo em chamas. —Não. Eu nunca ficaria brava com alguém se preocupando comigo. — As palavras mal saíram da minha boca quando percebi o quão patético elas soavam.

Ah bem.

—Você tem certeza que você não precisa fazer alguns exames apenas para usar o seguro? — Eu perguntei a ele, só para mexer com ele.

Sua risada não foi uma surpresa em tudo. —Não.

—Você tem certeza?

—Tenho certeza, — ele insistiu, o menor traço de diversão em seu tom.

Sorri apenas porque sabia que ele não veria. —Eu posso ligar e marcar uma consulta para você, se quiser, — continuei.

—Alguém já lhe disse que você é uma dor na bunda? — ele perguntou, enquanto ele mantinha sua atenção para frente na direção.

Eu sorri quando meu celular vibrou do meu colo. Havia uma mensagem da minha irmãzinha Lily.

Lily: Bom dia. Peguei o turno de café da manhã hoje. Sinto muito sua falta.

Eu amava aquela garota.

Eu: Sinto muito a sua falta também, docinho. Tenha um ótimo dia no trabalho. Ganhe alguma gorjeta.

Eu hesitei, então digitei outra mensagem antes que eu pudesse me convencer disso.

Eu: eu te amo

Trinta segundos podem ter passado antes que eu recebesse uma resposta.

Lily: Eu te amo tanto <3 <3 <3 <3 <3 <3

—Boas notícias?

Eu movi meus olhos para ele.

—Você tem um grande sorriso no rosto, — disse ele como uma explicação.

Oh. —Apenas uma mensagem de bom dia da minha irmãzinha. — Eu pensei sobre isso, então pensei sobre o comentário dele sobre sua mãe ontem. Então, antes que eu pudesse pensar duas vezes sobre o que eu estava prestes a perguntar, fui em frente. —Você tem irmãos ou irmãs?

Seu —não— foi imediato. Então ele inclinou a cabeça para o lado e continuou falando. —Minha mãe queria mais, mas isso nunca aconteceu. Não sei por que, mas sou só eu.

Só ele. Eu não sabia porque isso me deixou triste, mas aconteceu. Sua mãe foi embora. Ele não tinha irmãos e eu não fazia ideia do que estava acontecendo com o pai dele.

Se ele o conhecesse.

Não era como se eu conhecesse minha mãe. Ou queria conhecer meu pai depois de um certo ponto.

Mas eu não iria mencionar esse assunto.

Antes que eu pudesse fazer outra pergunta, ele me bateu nisso. —Você falou com sua irmã novamente?

—Qual? — Eu perguntei, mesmo que eu tivesse uma ideia de quem ele estava se referindo.

—Aquela de Dallas.

Eu estava certa. —Apenas ontem. — Mordi minha bochecha e não entendi porque continuei falando. —Mas essa foi a primeira vez desde que fomos... vê-la. Não é normal ela me procurar. Ela nunca me liga —, — a menos que ela precise de alguma coisa, mas ao invés disso, eu disse a ele, —durante o dia de trabalho, a menos que seja uma emergência.

Seu —hmm— soou carregado o suficiente para chamar minha atenção.

—O que? — Eu não pude deixar de perguntar.

Rip não disse nada. —Você teve uma má impressão dela?

Isso me deixou imediatamente na defensiva. —O que você quer dizer?

Ele deve ter percebido algo porque ele me deu uma olhada. — Eu não estou falando merda sobre sua irmã, Luna, — afirmou calmamente. —Tudo o que eu estou dizendo é que há alguma merda acontecendo com ela, e você sabe que existe.

Então eu não tinha sido a única a imaginar isso. —O que você quer dizer com merda?

Ele fez uma careta. —Você não vai ficar toda chateada, vai?

—Não, — eu respondi, soando como se estivesse mentindo, mas não estava. Porque eu não ia ficar brava. Não havia nada para ficar brava. Ele disse que não estava falando merda sobre a minha irmã. Assim...

—Olha, eu não queria dizer nada, mas alguma merda com ela simplesmente não faz sentido. — Ele me lançou um olhar que era como um desafio para eu contradizê-lo.

Eu não faria, porque o comentário dele tinha algo dentro de mim refletindo sobre isso também. —O que não faz sentido?

Ele soltou um suspiro que deveria ter sido um aviso que eu poderia não gostar do que ele ia dizer em seguida. Mas na verdade é hábito de Rip, ele não se conteve. —Você não percebeu, quando fomos ao apartamento dela, que não havia nada de errado com a porta da frente dela?

O que?

—A porta da frente dela, — ele repetiu, como se eu tivesse feito a pergunta em voz alta. —Ela disse que seu lugar foi arrombado, mas não havia nada errado com isso. Eu vi lugares que foram invadidos, Luna. Não parecia que alguém tinha fodido com sua merda. O batente da porta estava intacto. Ela tinha um sistema de alarme.

Levei um segundo para processar suas palavras. Para pensar.

Mas quando chegou a hora... ele estava certo.

Não havia nada de errado com a porta da frente. Eu tocara a campainha. Eu bati nela. Bati sobre ela. E ela morava no terceiro andar. Como eles teriam entrado, a menos que fossem todos os homens-aranha e subissem as varandas, mas por quê? Para entrar pela porta de correr? Todo esse esforço para roubar um laptop de mil dólares, o que eu nem achei que fosse caro em primeiro lugar? Eles não teriam invadido mais apartamentos para valer a pena?

Rip resmungou quando me sentei lá. —Estou só dizendo fatos.

Hã.

Huh.

Ele tinha um ponto.

E esse ponto fez meus ouvidos zumbirem. Porque algo não parecia certo sobre a coisa toda, mas eu não tinha sido capaz de identificar o que ou por quê. Eu tinha acabado de pensar que era Thea agindo de forma estranha, mas não era.

Ou talvez eu apenas quisesse presumir que era isso.

Eu não esperava que ela fosse minha melhor amiga, mas eu não a levei para mentir para mim também, não depois de tudo que passamos juntas. Mas ela tinha. Por alguma razão, ela começou a mentir para mim desde o momento em que ela saiu de casa e não me contou.

... talvez até antes.

Essa traição foi pior que qualquer outra coisa. Por que ela faria algo assim? Alguém invadiu seu lugar depois de tudo?

Eu me perguntei se Kyra sabia que algo estava estranho com Thea. Eu duvidava que a Lily soubesse.

Pela primeira vez, não sabia o que dizer. Tudo o que eu pude fazer foi... pensar sobre isso.

E sentia-me desapontada.

Foi essa decepção que roubou as palavras da minha garganta por um longo tempo depois disso.

* * *

—Obrigada, — eu murmurei para a recepcionista depois de pagar minha conta para a visita do médico, uma hora e meia depois.

A mulher me lembrou novamente: —A farmácia terá sua receita pronta em cerca de trinta minutos.

Repeti o meu —obrigada— antes de escapar pela porta que dava para a sala de espera, onde encontrei o Rip. Ele estava sentado esparramado em uma das cadeiras, braços cruzados sobre o peito, basicamente saindo do assento. Por um segundo, imaginei como seriam seus sofás em casa; então eu disse a mim mesma para parar. Ele se levantou e me olhou, como se eu tivesse uma placa que desse o meu diagnóstico. —Pronta?

—Sim, — eu disse a ele, dando-lhe um sorriso que foi apenas parcialmente forçado. Eu não estava brava com ele por trazer a coisa de Thea, mas isso pesava muito em mim. Tão pesado que eu realmente não sabia o que dizer a ele. O que pensar, mais que tudo.

Eu raramente deixo as pessoas me machucarem, mas Thea não sendo honesta comigo... doía mais do que deveria. Quero dizer, eu não menti para muitas pessoas ao longo da minha vida para ser um hipócrita enorme sobre alguém fazer a mesma coisa comigo? Eu sabia a resposta para isso. Minhas mentiras nem sempre eram brancas.

Eu precisava sair disso, embora.

Então eu arrumei tudo e coloquei de lado. Por agora.

Eu estava bem. Eu era amada. Eu tinha tudo.

Só não a honestidade da minha irmã. E possivelmente a lealdade dela.

E lá fui eu de novo.

—Eu estou bem, — eu me fiz dizer a Rip quando saímos do consultório e pelo corredor em direção à onde ele estacionou sua caminhonete mais cedo. —Eles fizeram um raio-X. O médico diz que está tudo bem, mas estou um pouco a dolorida. — Eu mantive o ‘mesmo que eu disse a você’ para mim mesmo. —Ele pediu uma receita para mim que estará pronta em meia hora, mas não vejo sentido em consegui-la. Eu não vou tomar.

—Por quê?

Que mais orgulho eu tenho? Ele já sabia o suficiente das partes ruins de mim. O que seria mais um, realmente? —Eu não confio em mim mesma em relação a qualquer coisa que possa ser viciante. Não quero arriscar, e as pílulas são um ópio. — Eu olhei para ele enquanto esperava.

Eu não precisava olhar para ele para saber que ele estava sério. Eu pude sentir isso. Podia senti-lo atirar em mim um relance.

Dei de ombros para que ele soubesse que não era grande coisa. —De qualquer forma, se você quiser...

—Você não vai voltar ao trabalho, — ele atirou de volta antes que eu pudesse terminar.

Foi difícil não sorrir. —Eu sei. O Sr. Cooper me enviou uma mensagem enquanto eu esperava por um raio X e me disse para não me incomodar em vir no resto da semana. Eu queria ver se você poderia me dar uma carona para casa, chefe.

Seu grunhido me fez sorrir novamente. —Eu te levo. Eu não esperei aqui sem motivo.

Eu revirei meus olhos.

Então me perguntei o que ia fazer agora. Eu nunca tinha tirado um só dia de folga só para mim. Sempre foi para algo com uma das minhas irmãs, ou nas raras ocasiões em que eu estava doente.

Mas agora? A primeira e única coisa em que pensei foi em Lily. Lily e só a Lily.

E Rip, fazendo aquela coisa em que eu jurei que ele poderia ler minha mente, perguntou: —Você vai ficar bem?

—Sim. Eu estava pensando que talvez pudesse ir ver minha irmãzinha em Galveston.

—Galveston?

—Sim. — E antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, eu já esclareci: —Se eu for, vou pegar um Uber ou algo assim. Eu não vou arriscar minha vida ou de alguém tentando dirigir, ok?

Ele segurou a porta aberta para mim que levava para fora, e eu passei por ele, sentindo os músculos duros em seu peito e abdômen roçar meu braço. Jesus, o homem era musculoso. Forte. Solido.

E meu chefe.

Meu chefe com quem eu precisava continuar mexendo para que ele não pensasse que eu estava pensando em seu corpo.

—A menos que você queira vir? — Eu joguei um verde enquanto eu descia os degraus que levaram para o prédio.

Ele não respondeu quando nós íamos para a caminhonete, e eu não levei para o lado pessoal. Não era como se ele me levasse em algum dos meus convites, e eu perguntei, o que? Cem vezes nos últimos anos?

Puxando meu telefone do bolso enquanto eu andava, encontrei o nome de Lily sob minhas mensagens e sorri para o último que ela me enviou.

Eu mandei uma nova.

Eu: De folga hoje e amanhã, e estava pensando em ir visitá-la, se você tiver algum tempo. Avise- me. Sem pressão.

Se ela estivesse ocupada, eu entenderia. Nada demais.

—Você vai passar a noite ou ir de manhã? — Rip perguntou quando ele abriu o caminhão.

Oh. —Eu estou esperando resposta de volta da Lily, mas se eu for... acho que posso passar a noite. Acho que nunca passei a noite em Galveston antes, agora lembrei isso.

Ele abriu a porta do passageiro antes de ficar diretamente atrás de mim, mãos indo para aquele lugar familiar baixo em meus quadris novamente. —Não vou a Galveston há vinte anos. Ou até mais.

—Você não gosta da praia?

—Eu gosto da praia. Eu não gosto de areia na minha bunda.

Não faça isso. Não faça isso. Não.

Eu não pude evitar. —Tem alguma coisa que você gosta lá? — Eu perguntei.

Rip se engasgou.

Eu ri enquanto eu dobrava minhas pernas para cima enquanto entrava me acomodando. Ele fechou a porta assim que eu estava no banco, e eu não pude deixar de sorrir com o quão desnecessariamente agradável ele estava sendo. No segundo que ele estava atrás do volante, eu disse a ele: —Rip, você sabe que não precisa ser legal comigo por causa do acidente. Não foi sua culpa.

Ele nem se incomodou em me dar um olhar irritado. —Nós já conversamos sobre essa merda.

Essa merda.

E ele não se culpou.

Sim claro.

—Bom, eu estou feliz que você não se culpe, mas sério, você não tem que me levar por aí. Eu não sou uma Donzela. Estamos quites.

Eu ainda iria trabalhar se você e o Sr. C me deixassem, se é com isso que você está preocupado.

O que ele pegou? —Nós ainda não estamos quites, — ele teve a coragem de tentar reivindicar, usando esse tom seco comigo.

Eu não queria ou queria encará-lo, mas... o que diabos? —Por quê?

Ele encolheu os ombros. —Porque nós não estamos.

Naquele momento, meu celular vibrou e olhei para baixo para encontrar uma nova mensagem da minha irmã. Então outro entrou.

Lily: Eu tenho que trabalhar até as 5, mas VENHA ME VER. SINTO TANTA FALTA SUA.

Lily: Você pode ficar no restaurante comigo.

Outro veio antes de eu terminar de ler os dois primeiros.

Lily: Meu quarto é bem pequeno, mas a FESTA DO PIJAMA dá para rolar. Podemos compartilhar uma cama como nos velhos tempos.

E então outro veio, e eu não pude deixar de sorrir em suas mensagens.

Lily: Você já está a caminho?

Eu a amava. Eu a amava tanto.

Eu: Ainda não, mas vou.

—Por que esse sorriso? , — perguntou o homem ao meu lado.

Recolocando meu celular de volta na minha bolsa, eu ainda não conseguia tirar o sorriso do meu rosto. —Minha irmãzinha tem que trabalhar, mas ela me disse para ir vê-la, então eu acho que vou pedir um carro para me levar. — Só de pensar nela me fez sentir melhor. —Eu sinto muito a falta dela, — eu disse a ele com um suspiro. —E mesmo que eu esteja muito triste sobre sua caminhonete, e eu me sinto mal, eu tenho que tirar uma folga, estou animada para ir vê-la. Eu poderia usar algumas dúzias de seus abraços.

Ele murmurou —hummm.

Fazendo uma lista na minha cabeça do que eu deveria embalar, fiquei genuinamente surpresa quando meu telefone começou a vibrar, mas não da maneira que fazia com uma mensagem. Era uma ligação. Esperando que fosse Lily, fiz uma pausa quando a peguei na mão e vi o código da área de San Antônio na tela. Era o advogado de novo?

Eu só hesitei por um segundo antes de responder. —Olá?

Houve um barulho alto no fundo antes que a voz de um homem se aproximasse da linha. —É a Luna?

OK. Isso não soou como o homem com quem eu falei semanas atrás sobre vovó Genie. —Sim? — Eu respondi, sabendo que parecia incerta, mas não me importando de verdade.

—Porra finalmente, — o homem na linha murmurou, e eu tive que puxar o telefone do meu rosto para olhar para ele, por que quem diabos era isso?

—Desculpe? — Eu perguntei quando eu trouxe de volta para o meu rosto.

Ele não me fez esperar. —Precisamos conversar, — continuou o homem, soltando as palavras rapidamente. —Quanto mais cedo melhor.

Espere. Espere.

Eu estava bem. Eu era amada. Eu tinha tudo que precisava.

Exceto por essa conversa com um homem que eu de repente soube, de alguma forma, era meu pai.

Como diabos ele conseguiu meu número?

Meu pai estava me ligando. Depois de nove anos. Depois de me dizer que ele ia me matar. Depois de segurar um...

Acalme-se, Luna.

Eu estava calma. Eu estava calma. Eu estava bem. Eu poderia pensar.

—Nunca mais me ligue, — eu disse lentamente, cortando o homem do outro lado.

O que ele fez? Ele amaldiçoou. Ele xingou como ele fez toda vez que eu tinha pedido para ele crescer. Como se eu fosse um inconveniente, e suas próximas palavras confirmaram que nada havia mudado. —Eu só estou te chamando por causa de sua irmã, não é por causa de qualquer outra coisa.

Por causa da minha irmã? Qual?

—Diga a ela que ela precisa sair do trabalho que ela está. Ela não está mais atendendo minhas ligações.

Recebendo suas chamadas? Ela estava atendendo-as em primeiro lugar? Desde quando? Por quê?

Por que ela faria algo assim?

Eu não pensaria que ele poderia mentir, mas... por quê? Por que ele faria isso?

—Apenas fale com ela. Ela não ganha nada fazendo aquela merda, — ele continuou divagando, falando muito rápido.

Rasgando-me um pouco, palavra por palavra. Ou talvez fosse minha irmã que estava fazendo isso com cada palavra que saía de sua boca.

Minhas mãos começaram a tremer. E quando eu estava prestes a empurrar o celular embaixo das minhas coxas, parei. Então eu tomei uma decisão.

—Eu não sei do que você está falando, — eu disse a ele honestamente, porque eu não sabia, e eu não ia esconder isso. —Mas eu nunca mais quero ouvir sua voz novamente. Não ligue para Lily ou Kyra também. Se fizer isso, ligarei para o seu agente de liberdade condicional. Não pense que não vou.

E eu desliguei.

Então, e só então, eu empurrei minhas mãos tremendo sob minhas coxas enquanto eu soltava uma respiração profunda.

Em nome de Deus no que Thea estava metida? O que diabos ela estava fazendo? Por que diabos ela estava falando com ele, de todas as pessoas enlouquecidas deste mundo?

Apenas quando eu pensei que as coisas não poderiam piorar...

Eu descobri isso?

—Você está bem? , — Rip não esperou para perguntar.

Eu queria dizer que estava bem. Eu realmente queria. Mas não foi com isso que eu respondi. —Sim. Não. Eu acho... acho que você está certo sobre a minha irmã fazendo algo suspeito. Esse era o meu pai que acabou de ligar.

Meu pai. Que piada.

—Eu não falo com ele há anos, e ele apenas disse...

Por que diabos eu estava dizendo a Rip tudo isso?

Deslizando uma das minhas mãos para fora da minha coxa, levantei-a até a minha cabeça e esfreguei a palma da mão na minha testa muito grosseiramente, como se isso apagasse a conversa que tinha acabado de acontecer.

A voz de Rip era baixa e grave, e tão séria quanto ele perguntou: —O que ele queria?

Mantendo o meu olhar para frente, eu mal podia dizer a ele. — Ele disse que minha irmã está fazendo algo que não é bom negócio, mas ele não disse o quê, e... — A amargura, honesta amargura de Deus, inchou na minha garganta pela primeira vez que consegui me lembrar. Eu não estava amarga. Eu não estava. Mas eu senti isso

então. Entendido então. Eu entendi porque as pessoas podiam segurar o ressentimento pelo resto de suas vidas. —Ele disse que ela tem ignorado suas ligações, como se fosse inédito.

Como ela poderia? Depois de tudo que ele disse e fez para mim? Ela era a mais velha. Aquela que testemunhou mais do que o resto das minhas irmãs apenas como nosso relacionamento tinha sido.

E ela estava falando com ele?

—Eu sinto muito. — Eu peguei meu telefone de volta e instantaneamente apertei o número de discagem rápida que eu precisava, meu coração na minha maldita garganta. —Eu preciso ligar para ela.

Ele não respondeu quando eu apertei o ícone para iniciar a ligação. Mas eu me sentei lá, ouvindo, tocou, tocou, mais um pouco, depois tocou um pouco mais. Até que o correio de voz dela chegou.

Então eu liguei para ela novamente, e novamente ela não respondeu. Acalme-se. Eu deixaria uma mensagem.

—Thea, é Luna. Acabei de receber uma ligação de... de casa. Você está bem? — Ela estava conversando com nosso pai pelas minhas costas. Deus, eu estava chateada. Mas, mais... mais do que qualquer coisa... parecia uma facada. Me machucou tanto que mal consegui falar, e mal consegui me manter. Eu mal conseguia pensar. —Olha, eu não sei o que está acontecendo, mas vou ajudá-la de qualquer maneira que puder. Apenas fale comigo, tudo bem? Me ligue de volta por favor. Eu não vou trabalhar hoje. Ligue-me a qualquer hora. — Eu respirei pelo nariz e voltei para fora. —Esteja segura, ok?

Só então eu desliguei, sentindo-me estranhamente... entorpecida.

O que ela estava fazendo?

Puxando minha mão debaixo da minha coxa, eu coloquei as duas no meu colo e olhei para elas, tentando colocar meus pensamentos em ordem. Ela não estava morrendo. Nada terrível realmente aconteceu com ela. Não havia razão para eu enlouquecer e voltar para Dallas para vê-la — não que ela sequer abrisse a porta do apartamento para mim.

Respirei fundo outra vez, que honestamente parecia um silenciador recuado ao sair.

Acalme-se. Eu precisava me acalmar.

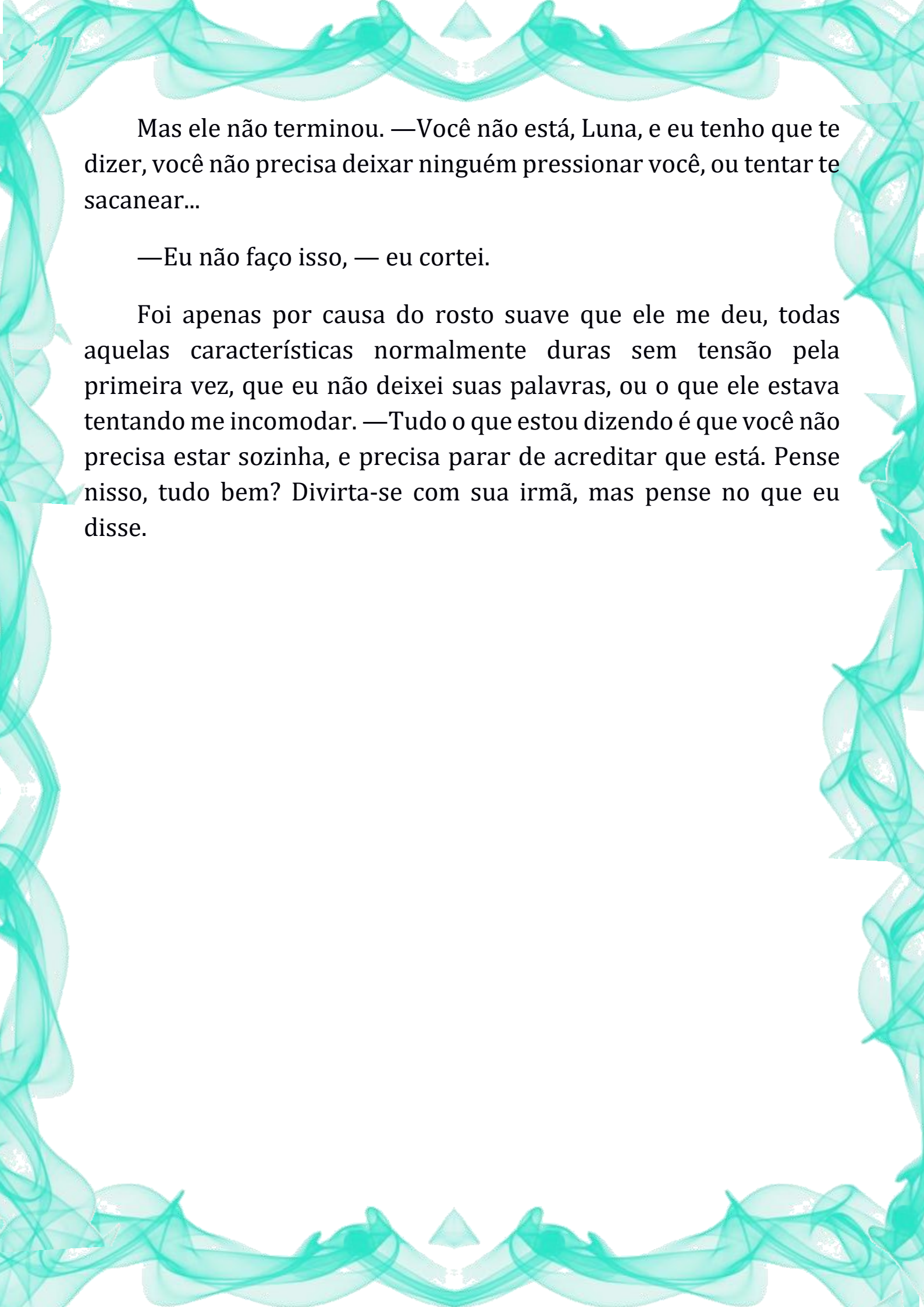
Foi apenas o balanço da caminhonete que me fez perceber que paramos. Bem na frente da minha casa.

—Luna, — Rip disse meu nome devagar e com cuidado. —Você está bem?

Mordi o lábio inferior e ouvi a mentira que queria sair da minha garganta. Eu substituí-o com a verdade. —Eu vou ficar.

Dedos familiares, longos e tatuados se esgueiraram por cima da minha mão e ficaram lá, escovando a pulseira LOVEYOU que eu tinha colocado naquela manhã. A voz de Lucas Ripley varreu-me quando ele disse: —Eu não sei o que está acontecendo com sua irmã, mas você me diz se há algo que eu possa fazer. Você não está sozinha, está me ouvindo?

Eu pressionei meus lábios e assenti.

A decorative border made of overlapping, wavy teal lines frames the text on the page.

Mas ele não terminou. —Você não está, Luna, e eu tenho que te dizer, você não precisa deixar ninguém pressionar você, ou tentar te sacanear...

—Eu não faço isso, — eu cortei.

Foi apenas por causa do rosto suave que ele me deu, todas aquelas características normalmente duras sem tensão pela primeira vez, que eu não deixei suas palavras, ou o que ele estava tentando me incomodar. —Tudo o que estou dizendo é que você não precisa estar sozinha, e precisa parar de acreditar que está. Pense nisso, tudo bem? Divirta-se com sua irmã, mas pense no que eu disse.

Capítulo 18

—Feliz em vê-la de volta, pequena lua, — disse Cooper, enquanto se dirigia para a sala de descanso com sua xícara de café na mão.

Recostei-me na cadeira e sorri. —Eu também, Sr. C. Parece que estou fora há uma semana. — Mas foram apenas dois dias inteiros. Eu poderia ter ficado em casa um dia a mais e ninguém teria dito nada, mas eu não estava prestes a me aproveitar de ninguém

Eu estava sozinha em casa ontem à noite por algumas horas e não sabia o que fazer comigo mesma. Eu tinha aprendido bem rápido quando fui visitar Lily que se eu tivesse cinco segundos livres, acabaria pensando em Thea e no meu pai. E se eu não estivesse pensando neles, pensaria em Rip e seus amigos secretos e sua mãe. Uma vez, e só uma vez, eu me permiti pensar nas últimas palavras que ele me disse antes de me deixar em casa, sobre não pegar a porcaria das pessoas.

Eu não queria pensar sobre nenhum dos dois, especialmente não desde que minha própria irmã não conseguia me ligar de volta, mas não tinha nenhum problema em mandar uma mensagem para a Lily. Era só porque ela estava mandando mensagens de texto para ela, e porque eu tinha ligado para Kyra para ver se tinha ouvido falar dela, para que eu soubesse que ela estava pelo menos viva e decente. Se as coisas fossem ruins, ela não estaria trabalhando e indo para a escola, de acordo com o que Kyra tinha me dito. Eu tive que mentir e dizer a ela que nós tivemos uma discussão e ela estava com raiva de mim.

Isso aconteceu antes.

O homem mais velho colocou a mão no topo da minha cabeça enquanto ele caminhava atrás de mim, me puxando de volta para pensamentos seguros e agradáveis que não estavam centrados em torno da minha irmã emocionalmente me traindo, ou meu pai sendo um idiota. —Você melhorou?

—Sim, — respondi, finalmente capaz de virar o pescoço — pelo menos mais do que antes. A massagem que eu tinha feito na quarta-feira enquanto eu esperava Lily sair do trabalho ajudou. —Como você está? E a sua esposa?

Ele colocou um sanduíche ao meu lado. —Estou bem. Ela está ótima. Ela sente sua falta e me disse para ligar para ela. Fora isso, não tenho queixa.

—Sua pressão arterial?

Ele apenas deu um olhar confirmando.

Eu sorri e sussurrei: —O cara novo?

—Bom, — ele confirmou. —Ele trabalha duro, muito respeitoso e profissional. Eu estou feliz.

—Bom.

—O que você fez em seus dias de folga?

Eu tinha decidido que não ia contar a ninguém sobre a coisa de Thea, incluindo o Sr. Cooper. —Eu fui ver a Lily e fiquei com ela pela noite. Passei a noite passada assistindo TV e lavando roupa.

—Foi em mais em algum encontro?

Inferno. Se não fosse pela minha irmãzinha me mandando uma mensagem naquela manhã, eu teria esquecido tudo sobre isso, mesmo depois que ela o trouxesse uma dúzia de vezes enquanto estávamos juntas. —Hoje à noite, na verdade. Eu vou sair com o professor da Lily.

—Um professor?

Ele parecia cético ou eu estava imaginando?

Eu balancei a cabeça de qualquer maneira.

—Eu poderia ver você com um professor, — disse ele, pensativo. Então ele não era cético sobre isso. Tudo certo.

—Eu não consigo ver. Ela disse que ele é legal. Estamos nos encontrando no Mickey, então espero que tudo corra bem, — eu respondi, olhando para o lado para ver Rip no meio da sala de descanso. Eu nem o tinha ouvido entrar, ele era tão sorrateiro.

Ele me lançou um olhar de pedra que eu não tinha certeza do que pensar.

Quando eu entrei naquela manhã, ele já estava trabalhando. E quando eu levei o seu café não muito tempo depois, nós tivemos a mesma troca que sempre fizemos, exceto que ele perguntou se eu me sentia melhor. Eu tinha dito a ele, sim, e isso tinha sido o fim.

Ele não perguntou sobre a minha irmã depois de se oferecer para me ajudar com a situação dela, se eu precisasse.

Não que eu faria.

Bem, a menos que fosse absolutamente necessário.

—Sentindo-se melhor, Luna? — Outra voz perguntou, atraindo meu olhar de volta para a porta quando Rip andou bem atrás de mim.

Era o cara novo, Ashton, na porta, segurando o que parecia ser uma sacola do Food truck de hambúrguer que ficava a uma quadra da loja.

—Sim, — eu disse, atirando-lhe um sorriso. —Eu finalmente posso virar minha cabeça um pouco.

O homem loiro sorriu quando deixou cair o saco no assento em frente ao meu. —Isso é bom.

—Obrigada, — eu disse a ele.

Fora da minha linha de visão, Rip enfiou algo no micro-ondas.

—Todo mundo estava reclamando de você não estar aqui, — Ashton continuou enquanto ele puxava o seu lugar para fora.

—Aww, eles não têm mais ninguém para encher a paciência, é tudo, — eu brinquei.

Duas mordidas de comida depois, o arranhão da cadeira do meu outro lado sendo puxado não me preparou para ter Rip sentado ali, e ele estava. Ele tinha um recipiente de vidro reutilizável com o que parecia ser... frango, arroz integral e legumes. Então olhei para baixo e encontrei o mesmo macarrão pegajoso e murcho, e os vegetais marrons murchos que ainda não tinham gosto melhor do que no primeiro dia.

Ele deve ter espiado minha comida também porque nossos olhos se encontraram, e eu tive que atirar nele um sorriso.

A bochecha que estava virada para mim, subiu — era aquela com a covinha também — e eu não pude deixar de sentir um pouco de triunfo em nossa piada interna.

Eu cutuquei meu recipiente um centímetro mais perto dele e perguntei, totalmente séria: —Você quer um pouco, chefe?

Aquela bochecha subiu um pouco mais alto quando ele respondeu muito claramente, usando toda a profundidade daquela voz profunda, —Eu estou bem.

—Você tem certeza?

Seus olhos voltaram para a minha comida, e ele pareceu pensar sobre isso por um momento antes de pegar o garfo na minha mão, cavar no recipiente, como se ele tivesse feito uma dúzia de vezes antes, pegou a comida em sua boca no tempo que levei para processar o que ele tinha feito. Sua mandíbula funcionou... Aqueles olhos azuis se arregalaram...

E ele travou.

Ripley literalmente travou a comida em sua boca antes de sua garganta balançar com força, e ele engoliu.

Eu abri minha boca enquanto o assisti sacudir a cabeça depois como se ele estivesse tentando apagar a memória de seu cérebro.

—Rip, — eu consegui falar enquanto ainda estava com a boca aberta.

—Que porra é essa? — Ele perguntou, pegando sua garrafa de água e engolindo metade dela antes de me perguntar, o que eu tinha certeza que ele queria ser uma expressão horrorizada, mas era apenas adorável em vez disso.

—Yakisoba, — eu disse a ele, começando a rir.

Ele olhou para mim. Então ele agarrou minha marmita empurrou a cadeira para trás e jogou tudo dentro no lixo.

—Rip! — Eu assobieei, rindo. —O que você está fazendo? Isso é perfeitamente uma comida boa!

Já empurrando sua cadeira para mais perto da mesa, ele me lançou um olhar enquanto colocava o recipiente agora vazio e pegava o seu próprio. —Não há nada perfeitamente bom em nada disso, Luna, — ele resmungou, balançando a cabeça enquanto raspava metade de sua refeição na minha tigela. Ele olhou de volta para mim com o queixo levantado. —Coma isso.

Eu pisquei, ignorando o sentimento espinhoso que apareceu em meus braços quando percebi o que ele tinha feito. —Eu não quero comer sua comida.

—Luna

—E se você ficar com fome mais tarde porque só comeu metade?

Aquele rosto bonito mudou um pouco, mas depois revirou os olhos e disse com aquela voz mandona: —Coma.

Não tinha me atingido até o momento que nem o Sr. C nem Ashton estavam dizendo uma palavra, desde que Rip se sentou ao

meu lado e começamos a conversar. Eu me perguntei o que o Sr. Cooper pensaria.

Mas Rip falando novamente me fez focar nele. —Você realmente vai discutir comigo para comer? , — ele teve a coragem de perguntar.

Eu pressionei meus lábios e murmurei: —Não. — Então parei de fazer isso, enrolei o dedo no topo da tigela e o arrastei. — Obrigado por compartilhar. Você não precisava.

Sua resposta calorosa foi um grunhido.

Se não fosse pelo meu telefone bipar do seu lugar na minha mesa, eu teria continuado, mas olhei para baixo para ver que tinha recebido uma mensagem da Lily.

Depois da ligação do meu pai, a qualquer hora que o telefone tocasse, isso me deixava paranoica.

Abri a tela e toquei sua mensagem aberta.

Lily: Você está pronta para esta noite?

Ok, pelo menos não era outra coisa. Apenas o encontro desta noite.

O meu pescoço começou a doer de novo, de repente, ou eu estava imaginando isso?

Eu mandei uma mensagem de volta.

Eu: sim...

Eu: Meu pescoço está doendo.

Isso era mais um exagero mais do que precisava ser, mas...

Lily: Não vire a cabeça então, boba.

Espreitando Rip, pude ver que ele tirou uma revista de algum lugar — do bolso? — e desenrolou ao lado dele. Mas parecia que ele estava passando a língua sobre os dentes, fazendo uma careta ao fazê-la. Minha comida tinha esse efeito nas pessoas.

Eu pensei sobre o que digitar de volta, antes de finalmente olhar para a nova comida na minha marmita. Era exatamente o que eu pensava: arroz com legumes e uma coxa de frango. Eu peguei um pouco de arroz com o garfo e enfiei na boca, piscando enquanto mastigava e engolia.

Eu deslizei meu olhar para Rip e dei outra mordida.

Estava delicioso. Eu me perguntei se ele tinha feito isso ou — ou o quê? A menos que ele tivesse um cozinheiro que fosse para a sua casa ou uma mulher que fazia sua comida — ele teria feito isso.

Talvez tenha sido uma mulher que fez isso para ele. Eu não tinha ideia se ele tinha uma namorada. Ou talvez nem uma namorada, mas apenas uma... amiga. Talvez com benefícios. Ninguém jamais mencionou que ele tinha uma mulher em sua vida, e não era como se ele trouxesse alguém para a loja além do cara que ele encontrou no estacionamento.

—Você fez isso? — Eu perguntei a ele.

Ele nem olhou para mim. —Uh-huh.

Está bem então. Eu mandei uma resposta a Lily enquanto eu colocava mais comida na minha boca.

Eu: Eu realmente não quero ir, Lily.

Lily: Vamos lá. Vá. Quem sabe, talvez você se dê bem. Eu prometo que ele é muito fofo.

Eu sabia que ele era fofo. Ela havia me mostrado uma foto dele pelo menos três vezes. Esse não era o ponto embora.

Lily: Mas eu vou ver se ele pode ir outro dia, se você quiser.

Eu não senti vontade de ir em primeiro lugar, mas... eu deveria estar tentando. Assim...

Eu olhei de relance para Rip novamente, observando enquanto ele folheava a revista enquanto cavava seu garfo em sua comida sem olhar para ela. Ele compartilhou sua comida comigo. Comida que ele fez.

O coração quer o que quer, mas o cérebro sabe o que pode conseguir.

E foi com esse pensamento que eu a escrevi de volta.

Eu: Sim, se você puder.

Lily: Ok, eu vou.

Eu só senti um pouco como uma idiota depois disso, mas pelo menos eu não estava cancelando. Eu ainda estava tentando. Apenas não hoje.

Por alguma razão, olhei para o meu outro lado para ver o que o Sr. Cooper estava fazendo desde que ele ficou tão quieto, e tive que

parar, olhando para ele quando vi o sorriso que ele tinha em seu rosto enquanto ele comia seu sanduíche.

—Isso é bom? — Eu não pude deixar de perguntar a ele.

Seus olhos azuis vieram para mim, aquele sorriso ainda em seu rosto, e o Sr. Cooper riu levemente. —Sim, é tão bom, Luna. — Seu sorriso cresceu ainda mais antes de ele mover a mão para acariciar o topo da minha cabeça. —Melhor sanduíche que eu já tive.

* * *

Horas depois, quando eram cinco horas e eu estava praticamente terminando meu trabalho do dia, que consistia em mim mal conversando com Jason, que tinha sido estranhamente decente, chequei meu telefone de novo e encontrei mais mensagens de Lily espalhadas. ao longo da tarde.

Lily: Eu mandei um e-mail para ele, mas não recebi resposta.

Lily: Ainda nada

Lily: Sem resposta, mamãe Luna. Tenho que ir trabalhar, mas vou ver se ele me escreve de volta. Desculpa. <3

Ele não respondeu?

E se ele for ao bar com o qual havíamos concordado em nos encontrar e ficar esperando?

Enviei uma mensagem para minha irmã e disse a ela que estava tudo bem, então peguei minhas coisas para sair. Rip estava ocupado

conversando com alguns caras da loja, então eu não conseguia nem me despedir dele. Eu me despedi de Miguel, que ainda estava me olhando como se eu fosse vomitar nele do outro lado da sala.

Quando cheguei em casa e Lily ainda não tinha me mandado uma mensagem para confirmar se havia conseguido remarcar meu encontro, eu me senti mal. Eu realmente não queria ir, mas eu não estava prestes a deixá-lo esperando também. Eu me forcei a me vestir e ir para o bar.

Na pior das hipóteses, eu telefonaria para Lenny e pediria que ela me ligasse em uma hora se as coisas corressem mal.

Melhor cenário, ele me dar o bolo.

* * *

Eu estava no bar há apenas alguns minutos quando aceitei o fato de que o professor, ou recebera a mensagem da minha irmã e era muito idiota para responder de volta, ou ele havia morrido. Tinha que ser um ou outro. Pelo menos é o que eu ia dizer a mim mesma.

Mas com a pequena chance de ele não ter recebido o e-mail dela e só estar atrasado...

Eu estava esperando. Foi a coisa certa a fazer.

Cerca de cinco minutos sentada lá, checando meu telefone a cada minuto para ver se Lily tinha me mandado uma mensagem, eu estava me chutando na bunda por não apenas ficar em casa em primeiro lugar e correndo o risco de que o professor fosse o único

sentado aqui esperando, ao invés de mim. Então eu pedi um copo de refrigerante e olhei cada pessoa que entrava no bar, esperando que um deles parecesse com o homem da foto que minha irmã me mostrou.

Depois de quinze minutos, eu teria levado alguém tentando olhar em volta, pelo menos havia alguma esperança de que alguém estivesse procurando por mim. Mas a única coisa que acontecia era pessoas que vinham em grupos à procura de uma mesa. Eu ocupei uma mesa de dois lugares no meio do bar.

Não havia ninguém embora. Apenas eu, sentada sozinha, observando outras pessoas. A história da minha vida.

Eu chequei meu telefone mais uma vez e nem me incomodei suspirando quando nada havia mudado na tela. Uma das garçonetes passou por mim com uma bandeja de batata cobertas de queijo derretido e o que eu tinha certeza de que estava recheada de pedaços de bacon. Meu estômago roncou. Eu deveria ter pelo menos comido um lanche antes de vir.

Mais dez minutos. Mais dez minutos e eu sairia e não me sentiria culpada porque ter vindo. Era isso. Eu não ia ficar mais um minuto; eu estava faminta. Se eu quisesse batata recheada eu poderia me contentar com o Jack in the Box a caminho de casa.

Na minha frente havia um grupo de homens de pé ao lado de um alvo de dardos, já meio destruído e o objetivo deles parecia arruiná-lo ainda mais. Um deles jogou um dardo que bateu cerca de um metro à direita, saltando da parede coberta de gesso que já tinha um monte de buracos de outros caras bêbados no passado tentando

jogar o mesmo jogo. Os homens na multidão começaram a rir, mas o mesmo homem foi novamente e fez o mesmo.

Eu olhei para o meu celular.

Três minutos já foram, faltam sete.

—Sozinha?

Eu devo ter ficado tão distraída que levei um segundo para processar quem estava parado na minha frente, segurando algo escuro e âmbar em um copo. Foi a grande mão com os dedos cobertos de tatuagens que eu peguei primeiro. Então foi a manga longa terminando no pulso do homem que eu olhei em seguida.

Havia apenas uma pessoa que eu conhecia que usaria uma camisa de manga comprida no verão. E quando meus olhos se conectaram a um braço grande e musculoso, depois um peito largo, um pescoço grosso e, finalmente, um rosto que eu já havia visto inúmeras vezes...

Tenho certeza de que meus olhos estavam saindo do meu crânio.

—Rip? — Eu poderia ter engasgado como se não soubesse o nome dele.

Aqueles olhos não brilharam e sua boca não tinha a forma de um sorriso. Ele continuou olhando para mim enquanto estava ali, alto como sempre, largo como sempre, e muito bonito enquanto eu me sentava lá, ficando de pé. —Você está aqui sozinha? , — meu chefe perguntou.

Eu estava aqui sozinha?

Eu perdi minha mente. Porcaria. Eu devo ter ficado tão surpresa que não conseguia pensar direito. —Oi. Sim. — Eu sorri, confusa porque ele estava aqui. —Eu deveria ter um encontro, mas eu acho que ele não virá , — eu balbuciei.

Ele coçou a lateral do nariz com o polegar da mão livre. Então ele puxou a única cadeira da mesa e enfiou o corpo enorme nela. Seus antebraços foram para o topo, e aqueles olhos voltaram para mim.

Ele tinha um olhar engraçado no rosto, ou eu estava imaginando?

—O que você está fazendo aqui? — Eu perguntei, olhando em volta — eu não tinha certeza do que, uma mulher bonita com peitos gigantes vindo em nossa direção ou algo assim.

Mas ninguém estava nem prestando a menor atenção à nossa mesa.

Rip teve seu foco no grupo de homens jogando dardos enquanto respondia, casualmente: —Bebendo algo antes de ir para casa.

Bem, isso fazia sentido.

Agarrando a ponta do canudo na minha bebida, mexi com ela enquanto ficava de olho no homem do outro lado da mesa. —Você mora perto daqui?

Ele ainda estava olhando para o grupo de homens. —Não.

Assim.... —Você está aqui sozinha?

—Sim.

Rip virou aquele rosto perfeitamente perfilado para mim enquanto tomava um gole de sua bebida. Preguiçosamente, aquelas sobrancelhas escuras subiram um pouco. —Este é um lugar de merda para conhecer um estranho, menina.

Espera? Havia aquele pouquinho de afeto novamente. —É público.

—Está escuro, — ele respondeu.

Eu pisquei. —Há muitas pessoas aqui.

—Muitas pessoas bêbadas ou prestes a ficar.

—O segurança é quase tão grande quanto você é, — eu disse a ele.

Aquela outra sobrancelha subiu e ele disse lentamente: —O estacionamento é muito escuro.

Eu juro pela minha vida que ele sorriu, e eu ignorei o pequeno prazer que sentia por isso. Ao ser a única que ele faria algo assim parecido com uma piada. Mas isso não significa nada. Eu não podia esquecer isso. Ele era meu chefe, e... ele gostava de mim. Ele gostava. Eu sabia. Ele compartilhou seu almoço comigo. Se isso não fosse carinho, eu não sabia o que era. Eu sabia como compartilhar e todos sabiam disso. Mas Rip? Rip escondeu seu bolo de aniversário para que ninguém mais pudesse tê-lo.

—Por que você escolheu este bar para um encontro?

Finalmente me acertou, então ele estava aqui me observando, esperando pelo meu encontro. Observando-me levar um bolo. Fantástico.

Absolutamente fantástico.

Por que ele estava sempre por perto quando meu lado Luna sem sorte entrava em seu pior momento? Primeiro, meu primo tentando me machucar? Ele estava lá. Minha irmã me chutou para fora de seu apartamento depois de uma viagem de quatro horas? Ele estava lá. Eu estragando tudo no trabalho? Ele estava lá. Mentindo para a mesma irmã? Ele estava lá.

Eu não tinha certeza se acreditava em sinais, mas se o fizesse, esses seriam os principais. Pelo menos é o que eu acho.

Suspirei, afastei essas preocupações e suguei meu canudo só para matar o tempo antes de contar a verdade. —Porque não é tão longe ou tão perto da minha casa.

Eu não imaginei que o olhar dele estava muito estranho como estivesse se divertindo. —Muito esperta.

Eu passei a mão pelo meu rosto.

Querendo mudar de assunto, e aproveitando que ele veio se sentar comigo, me inclinei para frente e coloquei meu queixo no topo da minha palma aberta. —Você vai me dizer onde você mora, ou é muito pessoal? Eu posso colocar isso na nossa caixa de segredos, se você quiser.

Ele moveu a cabeça de um lado para outro antes de responder que é a duas ruas principais que reconheci estar mais ao norte.

—Casa, duplex, apartamento ou complexo?

—Barraco

Eu não deveria ter rido..., mas eu fiz, e quando eu o peguei sorridente, eu sabia que ele tinha dito isso de propósito. Ele estava jogando novamente. Por que agora? Depois de todos esses anos? Eu me perguntei, mas eu me importava tanto assim? Não.

—É uma merda. Apenas um lugar para dormir e comer— — explicou ele suavemente.

Tomei um gole rápido do meu refrigerante. —Quanto tempo é o seu contrato?

—Eu não tenho um.

Ele vivia em um barraco, mas não era um aluguel. Eu não queria dizer que não fazia sentido, mas... não aconteceu.

—Não é exatamente uma casa. — Sua boca se contraiu, e ele disse do nada: —Eu tenho uma casa móvel em um lote.

—É seu?

Rip assentiu.

—Isso não é um barraco de merda então.

—Se você diz, — disse ele, mantendo um olho em mim. —É uma merda, acredite em mim, mas é um lugar para dormir, tomar banho e fazer comida.

—É parecido com o meu também, — eu disse a ele. —Meu lugar não é incrível nem nada, mas é meu, então eu acho que é muito legal.

O pequeno sorriso que ele me deu em minhas palavras me incentivou a continuar falando.

—Você deveria ter visto a minha casa pela primeira vez quando a comprei. Parecia que foi o cenário de um filme sobre uma família que se mudou e as crianças foram possuídas por espírito que estiveram na casa nos últimos duzentos anos. Minha irmãzinha, Lily, costumava enfiar uma cadeira embaixo da porta do armário porque a assustava. Dormi com uma lâmpada acesa durante o primeiro ano, mas não conte a ninguém que lhe contei isso. Eu sempre disse a elas que elas estavam exagerando, mas realmente era assustador lá dentro. Metade do tempo eu esperava que algo me puxasse pelo pé para debaixo da cama.

Os olhos de Ripley se iluminaram e meu peito se encheu de prazer. —Isso é ruim?

Ele não tinha ideia, e isso me fez rir. —Sim. Eu não podia tomar banho em paz sem abrir os olhos a cada dois segundos, só para ter certeza de que nada estava escondido no banheiro comigo.

Rip fez esse barulho rouco que quase soou como uma risada, e eu não ia me deixar reagir. Não.

—Você pode vir um dia, se sentir vontade de ficar possuído ou quiser ter uma ideia de como é, embora muita coisa pareça bem diferente agora. Ainda há muito que eu quero fazer com ela. — Ele estava sorrindo? —Mas é minha, e enquanto eu pagar a hipoteca e os impostos sobre a propriedade, ninguém poderá tirá-la, nem os fantasmas e as criancinhas que vivem nas paredes.

Ele riu de mim. Sério. E essa covinha estava meio que à vista quando ele perguntou: —Quanto tempo você mora lá?

—Um ano e meio. Há quanto tempo você tem o seu lugar?

—Três anos, — ele respondeu sem pensar duas vezes.

Desde que ele veio para Cooper.

Então ele decidiu mudar a conversa comigo. —Você era muito jovem, conseguindo o seu próprio lugar.

Tomei um gole do meu refrigerante. —Eu não queria morar em um apartamento por mais tempo do que precisava. Nós nos mudamos muito quando eu era criança, e eu odiava isso. Então, quando consegui um emprego, guardei tanto dinheiro quanto pude, mesmo que fosse apenas vinte dólares por semana. Meu objetivo era comprar algo quando eu tinha vinte e dois anos, mas depois que minhas irmãs vieram morar comigo, sempre havia outra coisa para gastar dinheiro. O Sr. Cooper ofereceu-se para financiar para mim se eu precisasse, mas consegui a casa por um preço tão bom e acumulei meu crédito ao longo dos anos, então não precisei. Eles já haviam feito o suficiente, assinando meu empréstimo de carro quando eu tinha dezoito anos. — Eu sorri para ele e hesitei com o que eu queria dizer em seguida. —Eu sei que vocês dois não são exatamente os melhores amigos, mas o Sr. C é o homem mais generoso que já conheci. Ele tem sido melhor para mim do que meu próprio pai, mas tenho certeza que você já notou isso agora.

Vários estranhos tinham sido melhores para mim do que meu próprio pai, mas ninguém precisava mencionar isso.

Felizmente, Rip não ficou muito quente e incomodado com o meu comentário. Ele apenas pareceu pensativo por um segundo antes de parecer encolher de ombros e mirar aquele olhar intenso em mim novamente. Até mesmo seu corpo parecia se inclinar para frente quando ele perguntou: —Por que você está aqui, Luna?

—Porque minha irmã tem um péssimo radar para os homens e ela me colocou com alguém que não podia nem encontrar em seu coração solidariedade para reagendar o nosso encontro, ou pelo menos dizer que ele não estava mais interessado?

Seu olhar não se afastou de mim. Nada sobre ele fez, e isso me fez pensar se não era exatamente a pergunta que ele fez.

—Ou você está perguntando por que eu estou tentando ter um relacionamento?

O olhar que ele me deu confirmou que tinha sido sua pergunta original.

Bem. —Porque— foi a minha brilhante resposta.

Isso me fez levantar as sobrancelhas. —Por quê?

Por que me senti tão desconfortável de repente? Eu levantei um ombro. —Porquê. Por que você namora?

Ele piscou. —Eu não namoro.

Foi a minha vez de piscar. —O que você quer dizer com não namora?

—Eu não namoro, — ele confirmou.

Eu olhei. —Por quê?

Aqueles olhos azuis estavam totalmente centrados em mim. — Porque eu não sei. Nunca quis. Não queria estar amarrado. Não gostei de ninguém o suficiente, você escolhe, — ele respondeu facilmente, como se fosse um fato. E talvez tenha sido para ele.

Eu não pude evitar, especialmente quando ele estava sendo tão aberto. Eu imaginei que ele viraria isso em mim mais cedo ou mais tarde, eu sabia o quão persistente ele poderia ser, mas eu ia ordenar isso enquanto ele estivesse disposto. —Você nunca teve uma namorada?

Isso fez uma narina queimando. —Não.

—Nunca?

Ele me deu um dos seus olhares ‘duh’. —Não.

Eu fiz uma careta que fez com que ele fizesse aquela coisa quase sem riso.

—Eu vi a mesma mulher algumas vezes? Sim...

Isso não era ciúme ou qualquer coisa que fizesse meu estômago ficar tenso.

—Mas uma namorada fixa? Uma namorada? Como se fôssemos amigos e conversássemos sobre merda e passássemos mais tempo um com o outro? Nah. — Ele balançou sua cabeça. —Não.

Sexo. Ele estava tentando me dizer que o único interesse em mulheres que ele tinha era apenas se fosse relacionado a sexo. Eu não poderia dizer que não deixou uma sensação estranha no meu

intestino, mas... explicou algumas coisas. Eu não iria me preocupar com aquela coisa amarga no meu estômago com a ideia de ele fazer sexo com as pessoas.

Não era como se eu fosse virgem.

Mas seu comentário e seu olhar me ajudaram a entender porque eu precisava acertar minhas expectativas em relação ao que elas eram.

Ele estava aqui, conversando comigo, e poderia ser gentil, educado e atencioso quando quisesse, mas era isso. Não foi assim que deveria ser uma surpresa ou algo assim. Se eu olhasse de uma certa maneira, talvez isso realmente me fizesse sentir bem que ele me viu em uma luz diferente... de certa forma.

Imaginei.

—Por que você está aqui, Luna? — Ele perguntou de novo, voltando ao assunto mais cedo do que eu esperava.

Eu empurrei suas palavras anteriores de lado e foquei. — Porque eu gostaria de encontrar alguém para ser meu amigo e passar um tempo comigo. — Eu virei as palavras dele sobre ele.

Ele esfregou os dedos contra o copo. —Por que você não tem alguém?

Por quê?

—Pensei que você estava namorando alguém quando nos conhecemos, — continuou ele.

Oh... —Nós já havíamos terminado, mas... você sabe, as coisas acabaram. Ele queria algo que eu não queria, e nós terminamos, — eu disse a ele, sabendo que estava soando como misteriosa, mas esperando que ele não mordesse a isca.

Ele era curioso o suficiente, e eu não pude deixar de sentir sua surpresa. —O que ele queria?

Eu tinha ido direto para isso, não tinha? Eu mexi com meu canudo novamente. —Entre nós?

Ele assentiu.

—Um trio.

Nada em suas características registrou surpresa.

—Com sua ex-esposa, — eu terminei, dando-lhe um sorriso e meio que levantando um ombro. Eu superei isso. Agora isso só me fez rir.

Rip piscou, tomou um gole e, em seguida, levou seu tempo com sua próxima pergunta, fazendo uma cara quase atordoada. —Diga isso de novo.

Eu finalmente ri. —Ele queria que fizéssemos um trio com sua ex-esposa. Aparentemente, isso é algo que ele faz às vezes com outras pessoas, mesmo depois de se divorciarem, mas eu não tinha ideia até que ele perguntou.

Aquele grande corpo se recostou na cadeira, mas aquele rosto engraçado não ia a lugar nenhum. —Ele terminou com você por causa disso?

Eu brinquei com o canudo novamente, olhando para o refrigerante antes de levantar meu olhar de volta para ele. —Eu terminei com ele por isso. Ele disse que estava arrependido e que ele não deveria ter perguntado, mas já era tarde demais. Isso machucou meus sentimentos, e eu não consegui superar isso. Quero dizer, eu não acho que eu estava sendo excessivamente dramática, mas é um pouco estranho que um homem ainda faça sexo com sua ex-esposa. Eles tiveram duas filhas juntas. Sabia?

—Ele jurou que não era grande coisa senão o fizéssemos, que eles estavam acabados por uma razão e que isso não significava nada, era apenas sexo, ele disse. Mas naquela época, ele tinha sido o único que eu já... — Merda. Ele não precisava saber onde o resto daquilo estava indo. Ele precisava? Não. —Ele foi muito legal, e ele me tratou muito bem, e eu sei que ele se importava comigo, mas nessa questão... ele quebrou minha confiança e eu sabia que nunca seria capaz de superar isso. Poderia acontecer de novo, ele tentaria ter um trio com ela novamente mais tarde? Ou ficar entediado comigo e depois encontrar alguém para topar esse trio? Acho que não. Então eu terminei com ele e foi isso.

Essa história doeu muito menos desta vez do que em todas as outras vezes no passado que eu havia recontado.

Ele não tinha quebrado meu coração, mas ele tinha a minha confiança.

Fiquei triste por cerca de dois dias e depois superei. Eu não deixei as pessoas tirarem muito do meu tempo, e é isso que lamento e choramingo fazem. Tempo e energia desperdiçados.

Talvez algumas pessoas pudessem ter um trio... talvez eu pudesse ter se não estivéssemos em um relacionamento e ele não tivesse sido o mesmo homem com quem eu tinha perdido minha virgindade... mas eu tinha certeza de que havia algo em mim que não me deixaria nunca estar nesse tipo de relacionamento.

Eu tive que compartilhar muito na minha vida. Eu pensava que, se eu quisesse ser egoísta de vez em quando, não havia nada de errado com isso.

Eu encolhi os ombros novamente. —E logo depois dele, eu vi esse cara por algumas semanas... meio que como um rebote, eu acho... e foi isso, exceto por um par de encontros aqui e ali a cada poucos meses, mas nenhum deles deu certo. — Eu coloquei um sorriso. —Mas agora que a Lily se foi, todos me convenceram a fazer outra tentativa. Então estou aqui, levando um bolo. Certo.

As narinas de Rip se abriram novamente, e um daqueles dedos grossos foi até a borda de seu copo, circulando-o enquanto seus olhos se desviavam para os meus. —Mas por que você está aqui, menina?

Por que eu estava aqui?

Essa não era uma pergunta repetida.

Eu olhei para o grupo de homens que ainda tentavam jogar dardos. —Estou feliz, mas conheço pessoas que são ainda mais felizes por causa das pessoas em suas vidas, sabe? Eu sempre gostei de ver casais idosos andando por aí, de mãos dadas e coisas assim; eu quero a mesma coisa, ou pelo menos eu quero tentar isso. Eu

quero um parceiro. Eu quero alguém em quem eu possa confiar. Alguém para se aconchegar seria legal. Eu gosto de me aconchegar.

—E se eu tiver que encontrar um monte de caras e sentar em um bar ficando de pé algumas vezes até eu encontrar alguém que me faça sentir... mais feliz do que eu mesma, então valerá a pena algum dia. — Eu sorri para ele para fazer a conversa não parecer tão pesada quanto parecia para mim.

Mas era tudo verdade. Eu só queria alguém. Não apenas alguém, mas alguém especial. Um melhor amigo e amante. Um parceiro. Um parceiro de vida. Eu estava bem estando sozinha, mas não queria ficar sozinha, e havia uma clara diferença.

Rip me olhava e realmente me observava naquele momento. Se ele estava tentando descobrir se eu tinha perdido a cabeça ou se eu era uma coisa para se ter pena, eu não fazia ideia.

Talvez eu devesse ter mantido minha boca fechada. —De qualquer forma, eu provavelmente deveria ir.

Aquele homem grande e bonito se inclinou para a frente em sua cadeira, seus olhos varreram meu rosto e o cabelo ficou muito ondulado por causa da umidade. Eu quase tinha me esquecido de colocar uma presilha de glitter prateado naquela manhã para mantê-lo fora do meu rosto. —Você vai me deixar aqui sozinho?

—Você realmente quer que eu faça companhia a você?

Sua resposta foi longa, longa.

Por alguma razão, isso me fez sentir estranhamente vulnerável. Ele acha que eu sou patética. Eu sei. Mas patética ou não, bem, ele

estava insinuando que ele queria que eu fizesse companhia a ele. — Eu posso ficar, se você quiser.

Ele não disse que queria, mas... continuou olhando para mim.

Então eu tomei isso como um sim. —Ok, eu vou ficar.

Foi a resposta certa.

Ele tomou um gole de sua bebida. —Bom.

Bem, parecia que eu estava ficando um pouco mais agora. Com a nossa conversa ainda mordendo a parte de trás da minha cabeça, eu perguntei de novo: —Então, você nunca teve uma namorada? Não em quarenta e um anos?

—Não.

—Nem mesmo no ensino médio?

Ele balançou sua cabeça.

—Nem uma vez?

—Não. — Ele fez essa cara que quase parecia um desafio. Como um concurso de encarar. —Eu tenho dois números no meu telefone que não pertencem a alguém que tem um pau. Um é a moça que limpa minha casa uma vez por semana...

—Quem é a outra? — Eu perguntei, tentando ignorar a ponta do ciúme esperando no canto da resposta dele.

Isso me deu outra risadinha. —Você, quem diabos mais?

—Eu? — Eu me inclinei para frente então. —Desde quando? Você nunca ligou para o meu celular.

—Desde sempre. Só porque eu não te ligo, não significa que eu não tenha seu número.

Eu não pude deixar de levantar minhas mãos para o meu coração e acomodá-las lá, esse enorme sorriso vindo pelo meu rosto. —Isso significa... Chefe, que somos amigos? Fora do trabalho, claro.

Seu rosto ficou totalmente sério por um momento antes de jogar a cabeça para trás e riu. —Fala sério, Luna. Cristo.

Éramos. Nós éramos totalmente amigos. Ele era meu chefe também, mas isso não significava que não poderíamos ser amigos quando não estávamos na loja. Ou durante o almoço. Ou quando minha vida tentou desmoronar um pouco.

Eu e o Rip

Amigos.

Eu aceito. Eu aceitaria todos os dias do ano, para sempre.

Capítulo 19

—Você está morto, — eu ri de Miguel enquanto caminhávamos em direção ao estande.

—Por que você acha que eu trouxe o carro comigo? , — ele perguntou.

—Ela vai te matar de qualquer maneira. Ainda estou surpresa que ela não tenha feito isso no aniversário dela, — eu confirmei, referindo-me ao carro de sua esposa no começo. Nós tínhamos acabado de passar os últimos dez minutos examinando e estabelecendo um plano para consertá-lo. Aparentemente, ele tinha batido o carro no dela naquela manhã, e ele não teve coragem de contar a ela, então inventou uma mentira e dirigiu o dela para o trabalho de hoje para que pudéssemos consertá-lo, sem que ela descobrisse.

A coisa era que nós dois sabíamos que ela ia descobrir de qualquer maneira. Agora ou depois.

—Eu sei, mas se eu comprar algumas flores e algumas coisas da padaria, eu acho que posso levá-la para ter calma comigo, — afirmou com uma risada.

Eu balancei a cabeça assim que paramos em frente à porta do estande, e ele estendeu a mão para abri-la para mim. —Vou ligar para o meu amigo agora, já que tenho o código da cor, e ele deverá tê-la. É uma cor padrão do estoque. Eu posso ir buscá-la no meu horário de almoço.

Eu estava esperando para ver Jason no estande quando entrei, mas eu não estava esperando para ver o cara novo também. Entre os dois, eles estavam carregando um painel no estande. Jason, sem surpresa, fingiu que não nos viu entrar.

Pequeno idiota.

Ele estava sendo surpreendentemente manso ultimamente — pelo menos com suas palavras, revirar os olhos e reclamar — mas ele não conseguia esconder o fato de que eu podia sentir que ele ainda queria fazer essas coisas. Eu sabia que tinha Rip para agradecer por isso.

—Você é um anjo, Luna, — disse Miguel, dando um tapinha na minha cabeça, já que era assim que todos os caras me mostravam carinho. Como se eu fosse um cachorrinho. Um filhote muito amado. Eu aceito.

Eu sorri para ele. —Eu sei.

—Diga-me se você pode pegar a caneta de tinta. Eu ia pular o meu almoço e dar um jeito nos arranhões. — O homem mais velho fez algo que me fez sentir como se ele estivesse agitando seus cílios. —Você pode fazer a tinta?

Eu sorri para ele. —Você sabe que eu vou.

Ele bateu de novo na minha cabeça. —Um anjo.

—Sou apenas sua amiga e não quero que você morra.

Miguel riu. —Obrigado, Luna. Eu te devo uma.

Eu dei de ombros. Não me agradeça ainda. Deixe-me ligar e encontrar a caneta primeiro, e vou te incomodar quando obtiver uma resposta. Se ele não tem. Eu vou encontrar em algum lugar.

Miguel começou a sair da sala com um sorriso no rosto, como se achasse que estava fugindo do acidente. —Eu te amo mais do que minha própria irmã, — ele gritou.

Eu ri. —Eu vou dizer a ela o que você disse da próxima vez eu a ver.

—Eu vou dizer a ela que você está bêbada, — ele chamou de volta antes de abrir a porta e sair do meu ambiente.

Eu bufei quando me virei e fui em direção ao estande para ver o que exatamente estava acontecendo. Lá dentro, Jason e Ashton estavam arrumando o painel que estavam movendo em algumas banheiras antigas que usávamos para sustentar as coisas. —Precisa de ajuda? — Eu perguntei.

O cara novo sorriu para mim. —Não.

Enquanto a outra dor na bunda murmurou: —Não mais.

E foi o que consegui para parar de pensar que ele estava se comportando melhor.

Eu apenas o ignorei.

—Como está a agenda do teu dia? , — Ashton perguntou quando eles colocaram o painel para baixo.

Eram apenas nove da manhã, mas achei legal que ele perguntasse. —Está ótimo até agora. Como está sendo a sua?

—Boa, — ele respondeu, escovando as mãos em suas calças.

—Meu dia está indo muito bem também, — Jason murmurou.

Eu nem me incomodei em dar-lhe um olhar. —Você está gostando da loja até agora?

—Sim, — ele concordou, enquanto atirava no idiota ao lado um olhar confuso para seus pequenos comentários. —É ótima.

Eu sorri. —Obrigada por ajudar Jason, — eu disse como se ele fosse meu filho que precisava de ajuda.

Que eu acho que de certa forma ele era. Ele era minha pequena merda, garoto mimado que eu ainda estava tentando moldar em uma pessoa decente.

Você sabe, sem falar com ele mais do que eu precisava.

E ele tinha vinte anos em vez do aparente três anos.

—Claro, — disse o novo rapaz.

Eu juro pela minha vida que Jason riu quando ele se virou e saiu da cabine. Eu realmente só queria bater nele às vezes.

—Você conhece algum bom lugar para comer por aqui?

—Sim. Há um food truck no bloco abaixo com hambúrgueres realmente bons, mas acho que já vi você com uma embalagem de lá. Há também um lugar mexicano a cerca de quatro quarteirões o qual muitos de nós realmente gostamos; é um pequeno buraco na parede, mas é ótimo. Se você for entre onze e uma, há especiais de

almoço. E a dois quarteirões de distância, há um lugar com churrasco que é muito bom.

Ele se mexeu. —O lugar mexicano é o seu favorito?

—Sim. Eu não vou lá muitas vezes, mas é o melhor por aqui.

—Você está fazendo alguma coisa no almoço?

—Ela estará ocupada, — uma voz masculina profunda respondeu de algum lugar atrás de mim.

Uma voz masculina profunda que poderia pertencer a apenas uma pessoa.

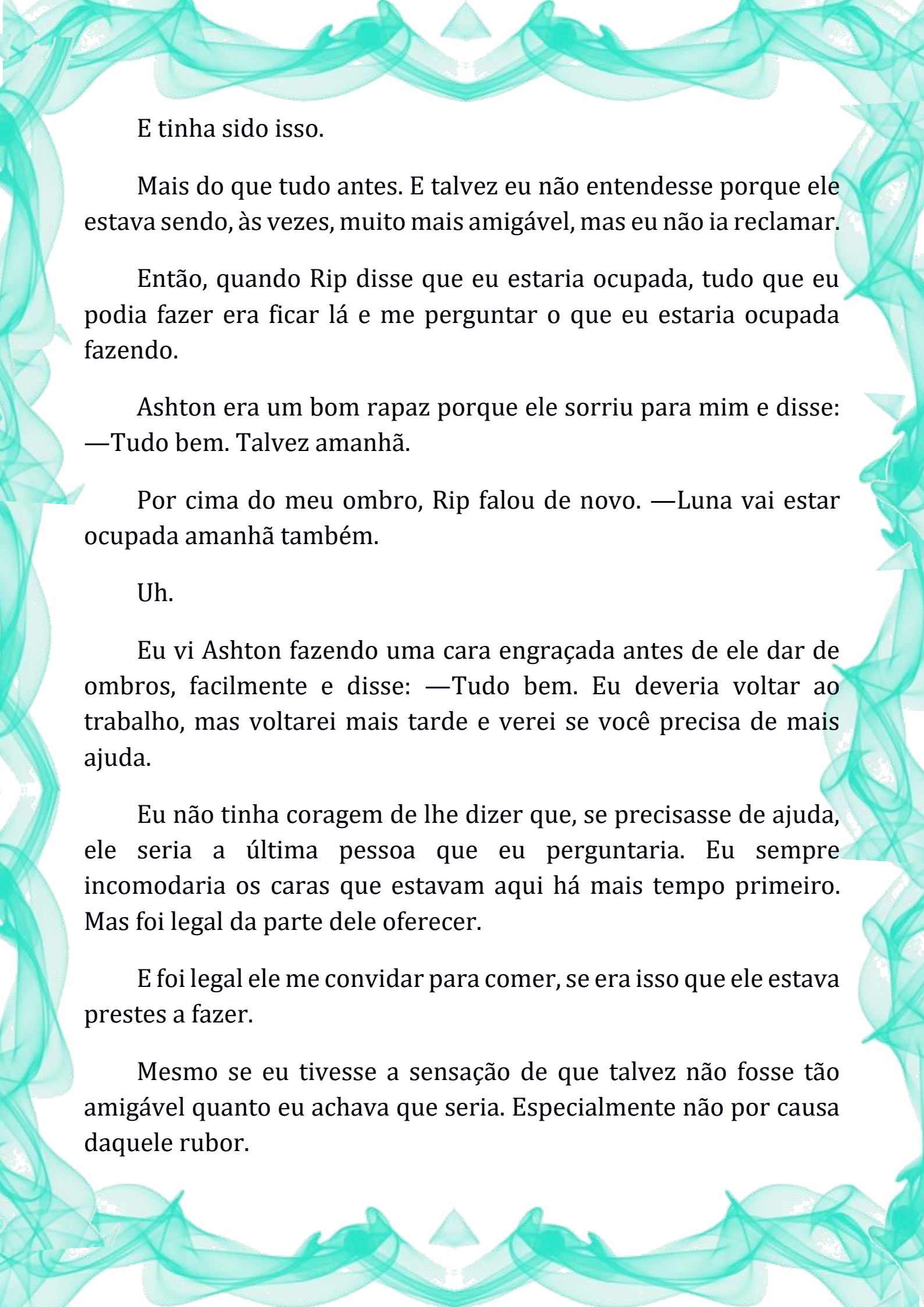
Enquanto eu olhava por cima do meu ombro, com certeza, Rip estava lá, parado na entrada da cabine com aqueles bíceps gigantes cruzados sobre o peito e um olhar suave e agradável no rosto.

Eu estaria ocupada? Desde quando? Eu tinha acabado de falar com ele naquela manhã quando eu trouxe o café dele, e nós não tínhamos falado sobre nenhum tipo de projeto que ele precisava de mim.

Mas ele me deu aquele sorriso que eu gostei e perguntou: — Você estragou o seu almoço?

E eu tinha sorrido de volta para ele, lembrando das duas horas que passamos no bar na sexta-feira e zombamos dele com: —Está um pouco queimado, obrigada.

Ele deixou aquele sorriso em seu rosto quando ele balançou a cabeça e voltou a trabalhar.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text, resembling stylized waves or smoke.

E tinha sido isso.

Mais do que tudo antes. E talvez eu não entendesse porque ele estava sendo, às vezes, muito mais amigável, mas eu não ia reclamar.

Então, quando Rip disse que eu estaria ocupada, tudo que eu podia fazer era ficar lá e me perguntar o que eu estaria ocupada fazendo.

Ashton era um bom rapaz porque ele sorriu para mim e disse: —Tudo bem. Talvez amanhã.

Por cima do meu ombro, Rip falou de novo. —Luna vai estar ocupada amanhã também.

Uh.

Eu vi Ashton fazendo uma cara engraçada antes de ele dar de ombros, facilmente e disse: —Tudo bem. Eu deveria voltar ao trabalho, mas voltarei mais tarde e verei se você precisa de mais ajuda.

Eu não tinha coragem de lhe dizer que, se precisasse de ajuda, ele seria a última pessoa que eu perguntaria. Eu sempre incomodaria os caras que estavam aqui há mais tempo primeiro. Mas foi legal da parte dele oferecer.

E foi legal ele me convidar para comer, se era isso que ele estava prestes a fazer.

Mesmo se eu tivesse a sensação de que talvez não fosse tão amigável quanto eu achava que seria. Especialmente não por causa daquele rubor.

Eu pensei que ele era fofo, mas isso foi o começo e o fim disso. Hector da loja de tintas era um dos caras mais gostosos que eu já tinha visto na minha vida, e isso não significava que eu queria sair com ele. Meus olhos gostavam dele. Meu cérebro gostava dele. Mas meu coração não pensava assim.

—Até mais, Luna, — disse Ashton. Andando bem perto do nosso chefe, ele inclinou o queixo em direção a ele. —Rip.

Eu pisquei e segui Ashton ao sair. No segundo em que não pude mais vê-lo, olhei para Rip, que havia voltado seu olhar para mim naquela hora. —O que estou ocupada fazendo no almoço? — Eu perguntei. —Você queria pegar mais tinta? Porque achei que você ainda estava trabalhando no GTO e no SS.

—Não, — ele respondeu, sem se mover um centímetro, mas em vez disso, apenas me observando. —Eu trouxe a porra do almoço.

Ele me trouxe — ele acabou de dizer o almoço?

—Tem uma marmita na geladeira com seu nome nela, — Rip continuou, me observando com firmeza. —Eu poderia usar sua ajuda mais tarde, se você tiver tempo.

Tudo o que eu ouvi foi algo sobre ele precisar da minha ajuda se eu tivesse tempo, mas o que eu realmente me concentrei foi o recipiente na geladeira com o meu nome nele.

—Me avise quando terminar, — disse ele, dando um passo para trás como se ele não tivesse apenas surpreendido a porcaria fora de mim.

Mas eu ainda poderia ter alguns pensamentos juntos, pelo menos o suficiente para gritar: —O que eu vou fazer amanhã?

Ele ainda estava andando para trás quando me disse: —Eu também estou trazendo seu almoço amanhã.

O que estava acontecendo?

O que estava acontecendo?

—Você não tem que me subornar para ser sua amiga! Eu estive esperando por isso há anos, Rip, — eu gritei atrás dele, ignorando a maneira como meu estômago parecia que tínhamos começado a descer de uma montanha-russa íngreme.

Eu juro que ouvi uma risada quando ele respondeu: —Vá trabalhar e venha me avisar se você tiver tempo para me ajudar.

Nós éramos amigos.

Favor ou não, você não traz comida para alguém de quem não gostava.

Eu realmente não queria sorrir, mas não pude evitar quando ele saiu da sala. Eu ainda estava sorrindo quando Jason apareceu exatamente onde Rip tinha acabado de estar e perguntou: —Se você terminou de flertar, posso começar a usar esses painéis?

Isso limpou a expressão do meu rosto. —Diga algo assim para mim mais uma vez, Jason, e eu vou contra-atacar, tudo bem?

O cara mais jovem zombou, aparentemente de volta ao normal. —O que eu faço com a porra da minha vida não é da sua conta.

Então é para onde estávamos indo hoje. —Do que você está falando? Eu não estou expondo o que você faz com sua vida, Jason. Você disse algo rude, é disso que estou falando.

—Eu estou falando sobre você não gostar de mim e agora ele não gosta de mim também, — ele tentou argumentar.

Foi a minha vez de zombar dele. —Se ele não gosta de você, não é por causa de qualquer coisa que eu disse a ele. Talvez seja porque você desligou na cara dele uma vez que você me ligou, amigo, ou fazendo coisas que você não faz direito. Você já pensou sobre isso?

Sua boca apertou e ele retrucou: —Eu não desliguei na cara dele.

Eu malditamente sabia que ele ia mentir sobre isso. Eu odiava chamar as pessoas de idiotas, mas ele realmente era burro. Eu não senti vontade de discutir com ele sobre isso. O que eu fiz em vez disso foi encolher de ombros para ele. —Eu sei que você sabe porque eu não gosto de você — e eu sinto muito por dizer isso, porque eu nunca disse isso a ninguém antes, mas você nunca foi legal comigo. Mas eu nunca atravessei seu caminho para ser malvada com você por causa disso. Eu não tenho que gostar de você para trabalhar com você, mas eu não iria sussurrar sobre coisas que você fez há dois anos para fazer Rip não gostar de você.

—Olha, você nem sabe o que estava acontecendo entre mim e Kyra.

Eu levantei minhas duas mãos entre nós e disse: —Eu não me importo. Você não precisa explicar nada para mim. — Mesmo que

fizesse todo o sentido, ainda não gostarei dele. —Eu não gostarei de ninguém que fez a minha irmã chorar, por qualquer motivo.

—Eu não sou um idiota, — ele tentou afirmar.

Eu fiquei quieta.

Meu telefone tocando da minha mesa me fez balançar a cabeça enquanto eu andava em torno dele e saía. —Comece no painel, Jason.

Ele amaldiçoou, não alto o suficiente para eu ouvir claramente, mas eu o ignorei e puxei minhas chaves para destrancar minha mesa e puxar meu telefone ainda tocando, apertando o botão atender.

Foi aí que estraguei tudo.

Eu estava tão irritada com Jason que não olhei para a tela antes de responder.

—Olá?

Eu ouvi o —Não desligue— assim que eu estava voltando para ter certeza de que a bunda irritante de Jason não estava me deixando nas minhas costas. —Luna, não desligue, porra, — uma voz masculina semifamiliar cuspiu na outra ponta.

E talvez meu cérebro não reconhecesse isso automaticamente, mas meus instintos o fizeram.

Era meu pai.

—Eu já disse para você não me ligar, — eu sussurrei para o receptor, enquanto me certificava de que Jason não estivesse por perto.

—Você ouviu falar da Thea?

Se eu tinha ouvido falar de Thea?

Eu puxei o telefone para longe do meu rosto e terminei a ligação.

Com a mão livre, não hesitei em discar o número da minha irmã e tentar ligar para ela. Novamente. Como se eu já não tivesse ligado para ela todos os dias desde a primeira vez que esse homem me contatou.

Eu não deveria ter ficado surpresa quando ela não respondeu, mas eu estava.

Que se dane.

Eu disquei o número de Kyra e, felizmente, pelo menos ela atendeu.

—Luna, o que está acontecendo? , — minha irmã do meio respondeu.

—Sua irmã é o que está acontecendo. Você falou com Thea? — Perguntei-lhe diretamente, ouvindo o tremor na minha voz. Por que isso de novo? Papai ligando de novo? Eu não precisava disso. Eu não queria isso.

—Ontem, na verdade, — ela respondeu um pouco desconfortável. Talvez ela tenha ouvido o tremor no meu tom. —Por quê?

Eu queria contar a ela sobre o nosso pai? Inferno. Eu não tinha escolha, tinha? —Papai acabou de me ligar.

Houve uma pausa e depois: —Por quê?

—Ele estava perguntando sobre Thea, Kyra. Ele me disse para dizer a ela para deixar o emprego.

Houve outra pausa. —Ah...

Algo me atingiu no peito.

—Eu sei que ela estava falando com ele...

Eu segurei minha respiração.

—Luna? — ela disse um pouco docemente demais, sua voz um pouco alta demais.

—Sim? — Eu murmurei, tentando me convencer a me acalmar. Para não ficar irritada. Para não ficar brava.

Eu ia ser paciente. Eu ia ficar calma. O que quer que fosse, não seria o fim da vida.

—Não fique brava, — foi o que ela decidiu começar, e é claro que meu corpo decidiu reagir exatamente do jeito oposto ao que ela estava pedindo. Minha pressão sanguínea já estava começando a subir. —Nós duas pensamos que era uma má ideia se nós te falássemos das ligações.

Ambas estavam mantendo isso de mim.

Ambas.

Isso é o que ela estava tentando sugerir.

Duas das minhas irmãs estavam escondendo isso de mim.

Eu devo ter respirado ou algo assim porque Kyra fez um som que soou estranhamente como um gole. —Oh, Luna. Eu prometi a ela que não diria nada sobre o trabalho dela. Mas sobre o papai... não fique brava. Não é grande coisa. Ele liga para ela algumas vezes e eles conversam. Falei com ele algumas vezes...

O que?

E eu parei de ouvir. Eu parei de ouvir porque meus ouvidos estavam zumbindo, e a verdadeira fúria e dor doendo, algo que eu não achava que eu era capaz de sentir enchia meu peito.

Kyra disse algo sobre como isso estava acontecendo há apenas um ano ou dois.

Ela disse mais alguma coisa sobre como ambas me amavam e como isso não tinha nada a ver comigo.

Disse-me para não se preocupar com o que Thea estava fazendo para o trabalho que até o nosso pai desaprovava.

Não tinha nada a ver comigo.

Eu não diria que foi a fúria que roubou as palavras da minha alma. Não diria que foi a raiva que fez meu coração se partir ainda mais. Mas eu perdi algo. Algo que eu não tinha certeza se poderia ou seria capaz de colocar em palavras.

De alguma forma, eu consegui perguntar a outra pergunta que estava me consumindo ultimamente. —Kyra, o que mais ela está escondendo de mim?

O silêncio era uma resposta melhor do que qualquer das palavras que ela poderia ter usado, ou poderia ser.

Mesmo que uma parte de mim não quisesse perguntar e estivesse honestamente com medo de bisbilhotar... Eu não pude evitar. Eu estava cansada dos segredos. Cansada de tanta coisa que não estava pronta para pensar em tudo. —Ela disse a você que seu apartamento foi arrombado? Porque eu nem sabia que ela havia se mudado, e se ela precisa de ajuda, todas vocês devem saber que sempre vou ajudá-la. Eu só quero saber o que está acontecendo, ok?

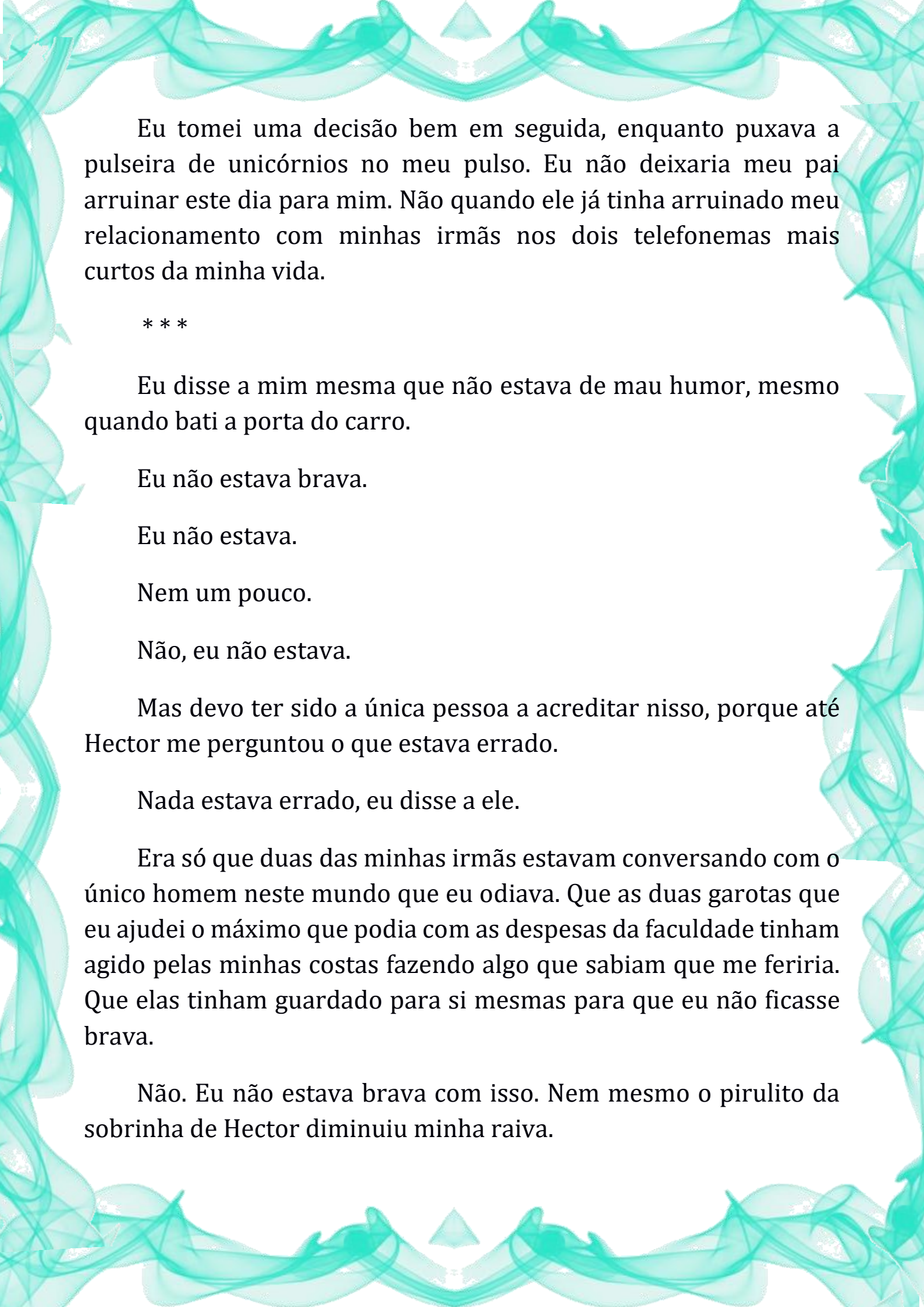
O que recebi foi outra dose de pausa.

Outra resposta que dizia que a confiança que eu achava que existia entre nós era apenas na minha imaginação, e as próximas palavras dela mudaram tudo entre nós para o resto de nossas vidas.

—Eu vou dizer a ela que você ligou e que ela precisa te ligar de volta, — continuou Kyra, ignorando a minha pergunta, mas a única coisa que eu estava ciente era que estava desligando eventualmente. Fiquei ali parada, entorpecida e praticamente destroçada pelo conhecimento que tinham agido pelas minhas costas para falar com alguém que me tratou pior do que o lixo. Alguém que teria deixado que elas morressem de fome se não fosse por mim. Alguém que nunca lavou uma única peça de suas roupas em suas vidas. Alguém que nunca, jamais, comprou um único presente de aniversário ou presente de Natal. Que nunca as apoiou na escola, ou muito menos as encorajou a ir para a faculdade.

E se eu fosse o tipo de pessoa que quebrasse o telefone, eu teria feito isso.

Em vez disso, respirei fundo, incluindo aquela parte de mim que havia perdido, depois me virei e chutei um balde com cinco galões vazio pela sala.



Eu tomei uma decisão bem em seguida, enquanto puxava a pulseira de unicórnios no meu pulso. Eu não deixaria meu pai arruinar este dia para mim. Não quando ele já tinha arruinado meu relacionamento com minhas irmãs nos dois telefonemas mais curtos da minha vida.

* * *

Eu disse a mim mesma que não estava de mau humor, mesmo quando bati a porta do carro.

Eu não estava brava.

Eu não estava.

Nem um pouco.

Não, eu não estava.

Mas devo ter sido a única pessoa a acreditar nisso, porque até Hector me perguntou o que estava errado.

Nada estava errado, eu disse a ele.

Era só que duas das minhas irmãs estavam conversando com o único homem neste mundo que eu odiava. Que as duas garotas que eu ajudei o máximo que podia com as despesas da faculdade tinham agido pelas minhas costas fazendo algo que sabiam que me feriria. Que elas tinham guardado para si mesmas para que eu não ficasse brava.

Não. Eu não estava brava com isso. Nem mesmo o pirulito da sobrinha de Hector diminuiu minha raiva.

Então foi por causa disso que eu não estava prestando nem um pouco de atenção enquanto caminhava em direção ao prédio, segurando a caneta de tinta para carro da mulher de Miguel em uma mão e segurando minha bolsa na outra.

E foi porque eu não estava prestando atenção quando alguém gritou: —Ei! — Eu congelo.

Virando na direção de onde a voz estava vindo, vi um homem parado do outro lado da cerca, bem ao lado de uma picape vermelha abaixada. Um homem por volta de seus quarenta anos com um punhado de tatuagens manchadas em um braço, eu pisquei e disse: —Ei.

O homem sorriu. —Você pode me fazer um favor?

Eu dei um passo à frente. Eu não tinha motivos para ficar brava com ele ou descontar nele. —Depende do que é.

Seu sorriso se espalhou mais. —Você pode pedir a Ripley vir aqui fora?

Eu deixei cair minha expressão agradável. —Quem?

—Ripley, — repetiu o homem, aquele sorriso não chegou a lugar nenhum.

Nunca, nem uma vez, Rip teve alguém vindo. Bem, exceto por aquele cara que eu o peguei conversando, mas... eu não dei uma boa olhada no homem. Este na minha frente o mesmo de antes?

Eu não sabia, mas se não fosse...

—Eu não conheço um Ripley, — eu disse a ele rapidamente.

Seu sorriso era essa coisa de dentes largos que magicamente ficou ainda maior. —Tudo certo. Bem, meu nome é Gio, e eu vou ficar aqui fora por uns... — Ele olhou para o relógio,. —..vinte minutos. — Ele piscou.

Eu levantei minhas sobrancelhas. —Prazer em conhecê-lo, Gio.

Ele sorriu e disse: —Prazer em conhecê-la também, Luna.

Eu estava abrindo a porta da loja quando percebi o que exatamente ele havia dito.

Ele me chamou pelo meu nome. Eu não usava macacões com meu nome neles e, mesmo que o fizesse, não teria deixado a loja com eles. Eu estava muito paranoica por isso.

Como ele sabia meu nome?

Lá dentro, olhei em volta do andar principal procurando o maior homem da loja, mas não vi ninguém com a altura ou a cor do cabelo certo. Não precisei olhar para o relógio para saber que tinha vinte minutos para comer — comer o que Rip me trouxera — antes de voltar ao trabalho. Ou pelo menos, deveria voltar ao trabalho. Eu trabalhei tanto tempo extra que não importava se eu levasse mais quinze minutos, mas tão solitário e quieto como a minha casa era, agora era onde eu preferiria estar.

Subi as escadas, ouvi duas vozes vindo da sala de descanso. Com certeza, Ashton estava lá conversando com um dos outros caras, e bem no final da mesa, sentado em silêncio sozinho, olhando através de uma revista, estava Rip.

Eu sorri para os outros dois caras e vi quando Rip levantou a cabeça, observando-me de volta.

Mantive o sorriso no rosto enquanto abria a geladeira e imediatamente encontrei um recipiente de vidro na prateleira de cima com meu nome rabiscado em um post-it. Através do lado, eu podia ver o que parecia ser macarrão, carne e legumes — exatamente como minha comida deveria ter sido quando eu tinha feito isso.

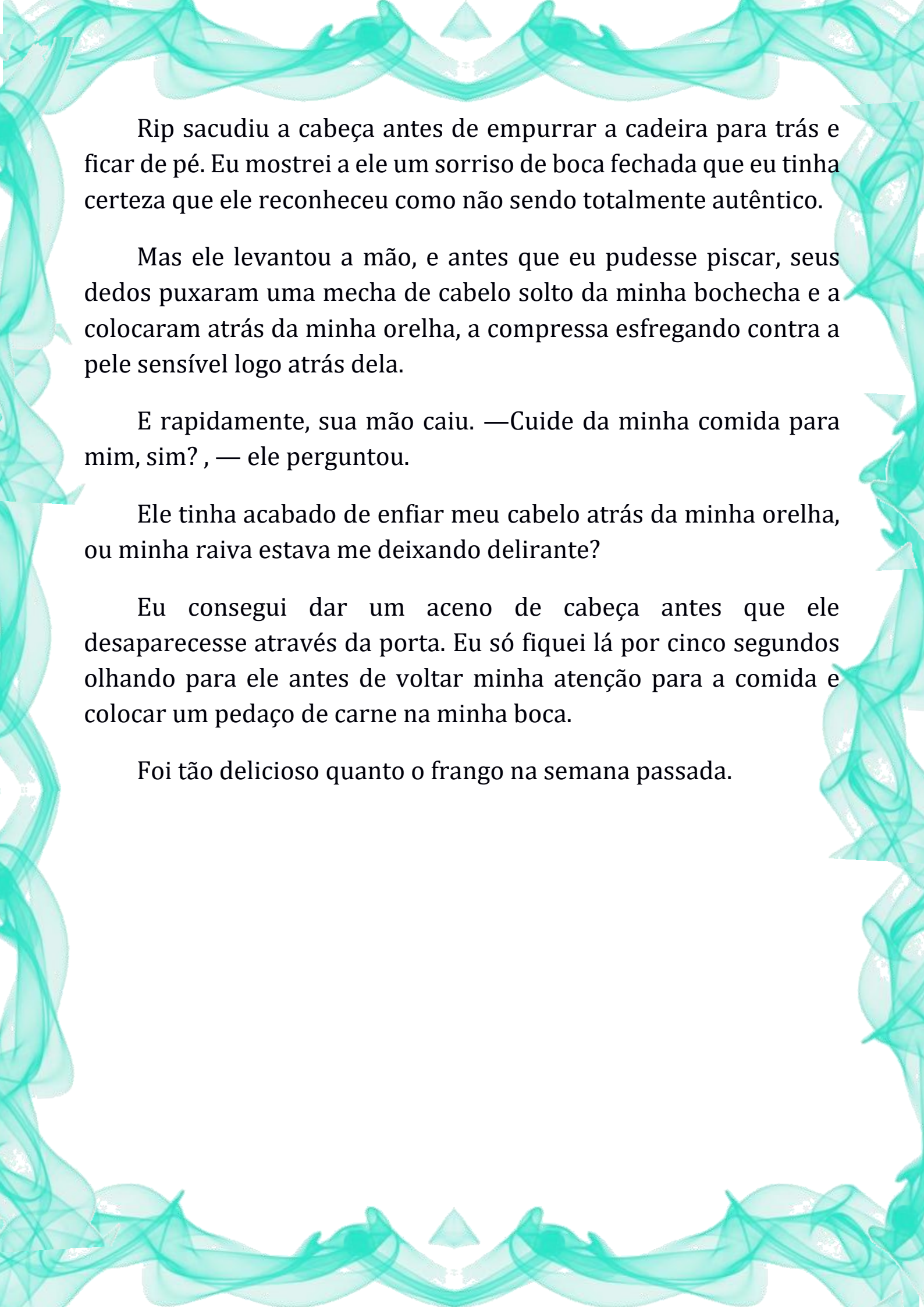
Agarrando um dos garfos de plástico de uma gaveta, peguei o assento ao lado do Rip e o peguei. Tirando a tampa do pote, abaixei minha voz o mais silenciosamente que pude, bati meu joelho para o lado até que bateu no de Rip e sussurrei: —Tem alguém chamado Gio do lado de fora perguntando por você. Eu disse a ele que você não trabalhava aqui, mas ele disse que ia esperar lá por mais vinte minutos e isso foi a 5 minutos atrás.

Eu podia sentir o congelamento de Rip.

Então eu o vi saindo da minha visão periférica, levantou sua cabeça e me deu uma expressão engraçada que fez sua bochecha subir naquele milímetro. —Você disse a ele que eu não trabalho aqui?

Peguei meu garfo e lancei um pedaço de carne com ele antes de sussurrar: —Sim.

Você não podia confiar em ninguém hoje em dia, okay. Nem mesmo na sua própria... Pare.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the text on the page.

Rip sacudiu a cabeça antes de empurrar a cadeira para trás e ficar de pé. Eu mostrei a ele um sorriso de boca fechada que eu tinha certeza que ele reconheceu como não sendo totalmente autêntico.

Mas ele levantou a mão, e antes que eu pudesse piscar, seus dedos puxaram uma mecha de cabelo solto da minha bochecha e a colocaram atrás da minha orelha, a compressa esfregando contra a pele sensível logo atrás dela.

E rapidamente, sua mão caiu. —Cuide da minha comida para mim, sim? , — ele perguntou.

Ele tinha acabado de enfiar meu cabelo atrás da minha orelha, ou minha raiva estava me deixando delirante?

Eu consegui dar um aceno de cabeça antes que ele desaparecesse através da porta. Eu só fiquei lá por cinco segundos olhando para ele antes de voltar minha atenção para a comida e colocar um pedaço de carne na minha boca.

Foi tão delicioso quanto o frango na semana passada.

Capítulo 20

Eu sabia que tinha cometido um erro quando o cara me chamou de —docinho— duas vezes seguidas.

Porque eu tinha certeza que o homem com quem eu estava em um encontro não se lembrava do meu nome.

Se eu fosse ser honesta comigo mesma, a piscina de pena e mágoa e raiva que eu vinha nadando nos últimos dias também não ajudava em nada. Por mais que eu tenha dito a mim mesma para engolir e lidar com o que aprendi sobre minhas irmãs — por mais que eu tenha dito a mim mesma para perdoá-las — eu não o fiz. Ainda não. Eu não tinha sido capaz de dizer a Lenny nada disso, muito menos a Lily. Eu estava tão... apenas... no limite. Eu não tinha dito uma palavra a ninguém sobre isso.

Então toda essa situação não ajudou em nada.

Também não mudou nada, e foi por isso que não cancelei o encontro em que eu tinha sido envolvida.

Como muitas coisas na minha vida, estava se tornando um grande erro. Um engano gigante.

Esse conhecimento só se instalou ainda mais na minha cabeça quando meu encontro ficou olhando em torno da mesa redonda em que estávamos sentados, e perguntou: —Você tem certeza de que não é casada?

Eu mal segurei uma carranca. —Sim. — Eu parei. —Por quê?

Ele era mais alto do que eu, com cabelo preto escuro e um sorriso que eu achava que estava bem quando vi no meu celular — Lydia me enviou uma foto sorrateira dele. Aparentemente, ele era fisioterapeuta na mesma clínica em que trabalhava. Você teria imaginado que ao ganhar a vida lidando com pessoas, ele teria sido caloroso, mas ele era meio que... agressivo e nada charmoso.

Ele tentou beijar minha bochecha no instante em que ele veio, e eu não era receptiva a esses gestos precoce. Eu gostava de fazer as pessoas se sentirem confortáveis e bem-vindas, mas eu não queria que um estranho colocasse sua saliva em mim. Se fôssemos amigos, teria sido uma história diferente.

Mas esse cara e eu não éramos amigos.

—Um cara está olhando para cá como se quisesse matar alguém nos últimos trinta minutos, — meu encontro respondeu, ainda olhando em volta do bar.

—Eu não sou casada, — eu confirmei, não me incomodando em dizer a ele que eu não tinha namorado há anos também, então as chances de eu ter um ex ciumento me perseguindo eram quase nulas.

Os olhos do homem se prenderam em algo por cima do meu ombro. —Tem certeza que...?, — ele pediu confirmação novamente, mudando de posição em seu assento. Contorcendo-se, ele estava se contorcendo.

—Sim. — Eu quase me virei completamente para ver de quem ele estava falando, mas decidi não o fazer.

Nós estávamos há apenas trinta minutos nesse encontro e eu estava prestes a ir para casa.

Se eu fosse ser honesta comigo mesma, estaria pronta para chegar em casa antes mesmo de sair de casa.

—Huh, — o cara cantarolou antes de rasgar o olhar de volta para minha direção. —Do que estávamos falando antes?

Isso confirmou. Ele não tinha ideia de qual era o meu nome. Isso confirmou com certeza. —Você estava me contando sobre o seu trabalho, — eu respondi, ouvindo o entusiasmo na minha voz. SQN.

Ele encolheu os ombros. —Oh. Não há muito o que contar. Era apenas isso. Lydia disse que você... pinta?

—Sim.

—Como arte?

Eu sabia que havia dito a ele especificamente que tipo de pintura eu fazia, quinze minutos atrás, quando ele me fez a mesma pergunta. Eu decidi soletrar para ele. —Não. Carros. Caminhões. Automóveis.

Ele piscou. —Não brinca?

—Sim, — eu confirmei, observando seu rosto enquanto ele ficava realmente pensativo. Ele era atraente, mas havia algo sobre ele que era apenas...

—Você consegue pinta carros de uma cor diferente? , — ele perguntou.

Havia mais do que isso, mas... —Sim.

Ele ainda estava se contorcendo.

Eu sabia exatamente onde essa porcaria estava indo.

. —..Você sabe, isso é trabalho de um homem.

—Não, — eu disse a ele pacientemente. —Eu também faço isso e não sou homem.

Eu deveria ter ficado em casa. Estar sozinha era melhor do que estar aqui com um homem que não sabia qual era o meu nome.

—Por quê? , — ele perguntou de repente.

Eu finalmente não consegui reprimir minha carranca. —Porque o quê?

—Não há mais alguma coisa que você pode fazer?

Eu estreitei meus olhos. —Eu gosto disso. Eu sou boa nisso. Por que eu faria outra coisa?

Esse idiota teve a coragem de rir.

Mordi o interior da minha bochecha e peguei o refrigerante entre nós, tomando um longo gole e me perguntando como diabos eu tinha me metido nessa posição. Por quê? Por que meus encontros eram tão importantes? Tudo na minha vida estava destinado a...

Pare.

Eu estava bem. Eu era amada. Eu tinha um bom trabalho. Eu tinha tudo e mais. Paciência. Paciência. Eu ia escolher paciência.

—Você é a única garota onde você trabalha? , — ele perguntou, voltando a olhar em volta, e acho que não deixando esse assunto de lado.

Levantei minha sobrancelha para ele enquanto dizia: —Uh-huh.

O rosto que ele fez foi tipo ‘vê’? Como ele pensou que ele estava fazendo um ponto.

Mas ele não sabia que o único ponto que ele estava fazendo era que ele era um grande babaca que poderia ser um pouco sexista.

—Eu não acho que eu poderia deixar minha garota trabalhar com um monte de caras com tesão, — disse ele, ainda me dando essa expressão paternalista.

Eu ri. —Por que eles estariam com tesão?

—Porque.

Que imbecil. —Sim, eu não trabalho com nenhum cara que tenha tesão constante. Eu não sei com que tipo de caras você trabalha, mas os meus... nunca. E se eles fizerem, eles não vão sair por aí demonstrando isso.

O olhar mortal que ele me deu me fez esperar o pior, e seu próximo comentário não me surpreendeu. —Lydia disse que você era muito legal... algo de errado com você?

Eu balancei a cabeça e não pude deixar de levantar minhas mãos até o meu rosto e rir. —Sim, acho que talvez isso tenha acabado. Podemos concordar com isto?

Eu deveria ter sido grata quando ele respondeu com —eu acho que você está certa— quase que imediatamente.

Mas, em vez disso, fiquei aliviada e ainda entorpecida.

Eu não estava exatamente ansiosa por esta noite, mas eu esperava... algo melhor que isso. Eu preferiria ter levado um bolo do que ter conhecido ele. Eu precisava apenas chegar em casa, ligar para Lily e deixá-la me animar.

Nenhum de nós disse muito quando eu chamei a garçonete e ela nos trouxe a conta, dividindo a conta quando ele não se ofereceu para pagar a minha única bebida, porque esse era o tipo de encontro que tinha sido.

A cobertura no sundae era o homem se levantando e saindo com um —Então, até mais.

E quando me levantei e me virei, esqueci de olhar em volta para quem ele estava falando que estava olhando.

Eu não me importei.

Nunca houve um cara grande ou um cara pequeno ou qualquer tipo de cara lá para mim também, e isso fez meu coração doer um pouco. Eu estava me sentindo muito triste por mim mesma, e isso não ajudou em nada.

Eu não ia desistir de namorar, mesmo que isso não estivesse indo tão bem, mas o que eu esperava? Encontrar uma alma gêmea em dois encontros? Em semanas? Meses?

Lily gostava de assistir a esse programa na TV sobre pessoas que estavam organizadas em casamentos arranjados, e eu nunca

tinha pensado que era tão estranho, ao contrário de suas crenças, que ela nunca poderia se casar com um estranho total. Mas agora... eu definitivamente poderia ver o apelo nele. O que havia de errado com alguém que queira estar em um relacionamento? Alguém que se importava com você e queira o melhor para você, queira ter uma família com você. O que era um relacionamento se não houvesse respeito nele?

Eu queria alguém que quisesse estar comigo, e não apenas como um telefonema.

Enquanto isso, eu tinha uma cama confortável em casa que eu poderia ir para a cama cedo.

* * *

Meus sentidos foram disparados no segundo em que estacionei meu carro na garagem.

Primeiro, eu sabia que tinha deixado as luzes da varanda acesas. Eu estava paranoica com alguém escondido no escuro e me atacando dos arbustos. Eu não iria brincar com a minha segurança.

Segundo, minha porta da frente está aberta, como uma boca escancarada no escuro, confirmaria que algo não era normal. Em nenhuma circunstância teria deixado a porta aberta. Eu era conhecida por sair do meu carro e checar a porta da frente se eu não conseguisse lembrar claramente de trancá-la.

E em terceiro lugar... se as luzes que eu sabia que não deixei acessas e a porta estando aberta, não teria sido suficiente, pedaços

de madeira quebrada em toda a varanda teriam confirmado que alguém invadiu minha casa. Pela porta da frente.

Alguém invadiu minha casa.

Alguém invadiu minha casa.

Merda.

MERDA.

Pressionando meus dedos sobre o meu osso da testa, algo feio e quente e... apenas horrível... imediatamente encheu meu peito. E minha garganta. E minha boca. E o desejo de vomitar explodiu na minha garganta e...

Pense, Luna.

Tentando acalmar aquela fera no meu corpo, tirei meu celular da bolsa, procurei o número no departamento de polícia e apertei o ícone da chamada.

Então eu ignorei o quão ruim minha mão estava tremendo e quão ruim eu queria vomitar e como eu estava preocupada com o fato de alguém ter invadido minha casa. Não era um bairro ruim. Era quieto. Se a casa tivesse sido totalmente remodelada antes de eu comprá-la, teria facilmente sido quatro vezes o preço que eu tinha conseguido. Até mesmo o corretor me disse que eu tinha tido muita sorte.

Ela era antiga, mas estável.

Enquanto eu ficaria perfeitamente feliz com qualquer estilo de casa, no instante em que Lenny me levara pelo bangalô dilapidado,

precisando desesperadamente de uma pintura e de uma reforma para trazê-lo para este século, eu me apaixonei.

E agora, alguém havia entrado no primeiro e único lugar que sempre foi meu. Eles podem ter roubado coisas pelas quais eu tinha trabalhado. Eles podem ter passado pelas minhas gavetas e coisas pessoais.

Não chore. Seu seguro deve cobrir tudo. Eram apenas coisa.

Você está feliz. Saudável. Você está segura. Você está viva. Você ainda tem um emprego.

É só material. É só material. Não importa.

Mas um olhar para a porta chutada fez todos os cabelos em minhas costas se levantarem.

Uma porta pode ser consertada. Um alarme pode ser definido. Um ferrolho colocado.

— Obrigado por ligar para o departamento de polícia de Houston—

Demorou cerca de vinte minutos para falar com o departamento de polícia e informá-los do que havia acontecido.

Fique aí, eles disseram.

Mas tudo que eu tinha que fazer era olhar para aquela porta...

Eu estremeci. Então eu tremi um pouco mais quando fiquei ali, olhando para a casa escura...

Outro arrepio na espinha me fez pegar meu celular. Tinha que discar o número no meu celular. Houve um toque antes de o correio de voz ser atendido. —Este é Allen Cooper de Cooper...

Eu tinha esquecido que ele desligava o telefone enquanto dormia.

OK. Tudo certo.

Concentre-se, Luna.

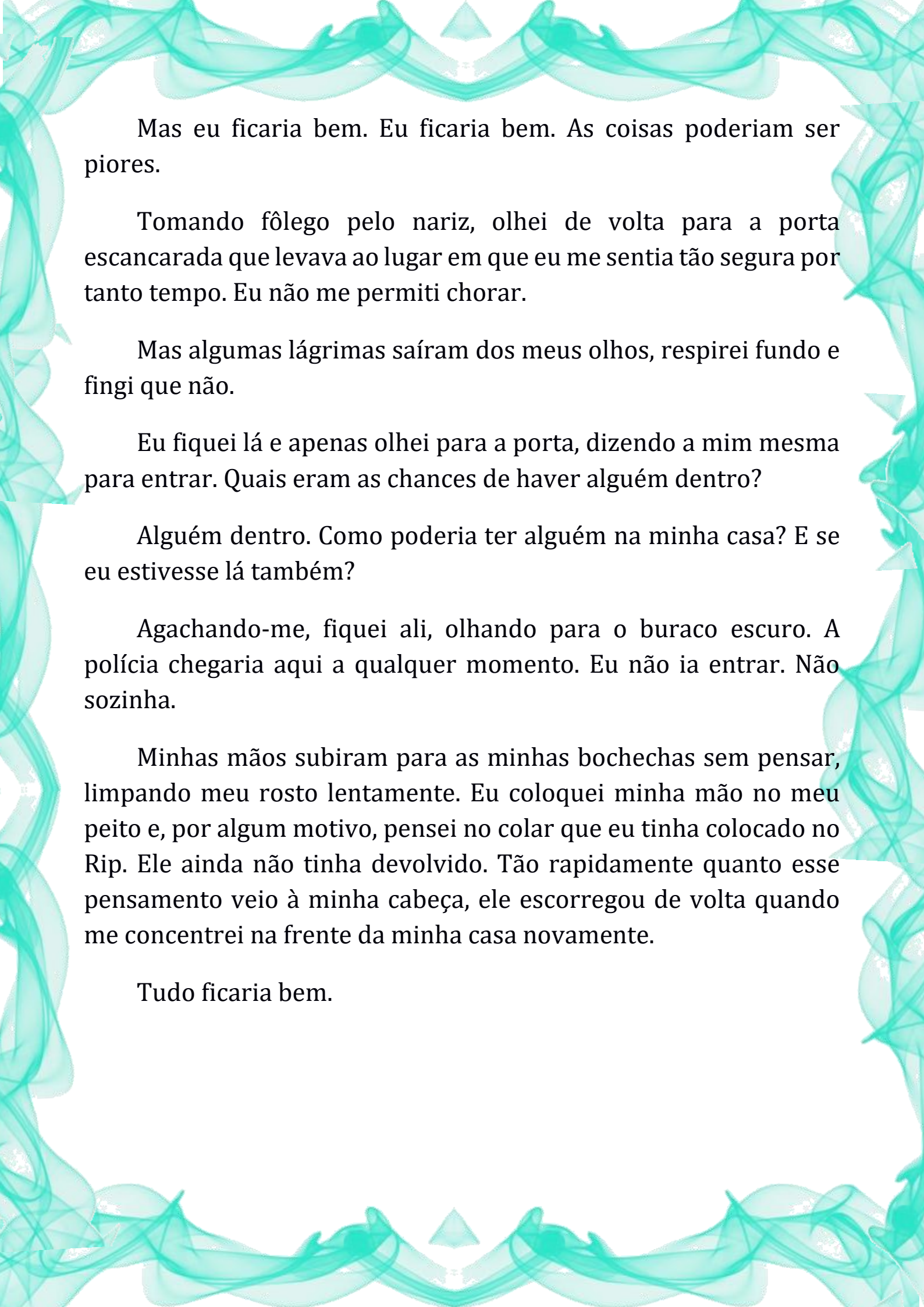
Eu respirei e disquei outro número. Ele tocou. Ele continuava tocando e tocando e tocando, até que —A caixa de correio de voz que você alcançou está cheia.

Lenny estava dormindo também. OK. Tudo bem. Eu poderia fazer isso. Eu poderia

Alguém invadiu minha casa. Alguém pode ter levado minhas coisas. Passou pela minha roupa. Esteve no quarto em que dormia. Alguém chutou minha porta. Alguém poderia fazer isso de novo... isso significa que uma voz maligna na minha cabeça sussurrou, me fazendo engolir enquanto eu olhava para a porta da frente.

Eu tranquei, sem sombra de dúvida. A mesma fechadura que eu sempre colocava todas as noites. A fechadura que deveria manter as pessoas fora, deveria me manter segura.

Lágrimas incharam nos meus olhos de repente, pungente, desconfortável, lágrimas de merda que me fizeram feliz por estar sozinha. Eu era uma otária. Eu era uma otária com uma terrível sorte. Eu deveria estar acostumada com isso. Você imaginaria que eu estaria.



Mas eu ficaria bem. Eu ficaria bem. As coisas poderiam ser piores.

Tomando fôlego pelo nariz, olhei de volta para a porta escancarada que levava ao lugar em que eu me sentia tão segura por tanto tempo. Eu não me permiti chorar.

Mas algumas lágrimas saíram dos meus olhos, respirei fundo e fingi que não.

Eu fiquei lá e apenas olhei para a porta, dizendo a mim mesma para entrar. Quais eram as chances de haver alguém dentro?

Alguém dentro. Como poderia ter alguém na minha casa? E se eu estivesse lá também?

Agachando-me, fiquei ali, olhando para o buraco escuro. A polícia chegaria aqui a qualquer momento. Eu não ia entrar. Não sozinha.

Minhas mãos subiram para as minhas bochechas sem pensar, limpando meu rosto lentamente. Eu coloquei minha mão no meu peito e, por algum motivo, pensei no colar que eu tinha colocado no Rip. Ele ainda não tinha devolvido. Tão rapidamente quanto esse pensamento veio à minha cabeça, ele escorregou de volta quando me concentrei na frente da minha casa novamente.

Tudo ficaria bem.

Capítulo 21

Não fiquei nada surpresa quando consegui dormir zero naquela noite.

Eu percebi que não era surpreendente quando a única coisa que mantinha a porta da frente fechada era uma mesa de console que tinha arrastado. Se eu tivesse qualquer coisa mais pesada que eu pudesse ter feito sozinha, teria feito. Mas não havia tanta coisa que eu podia fazer sozinha e não tinha tantos móveis.

Então eu não dormi. Eu estava muito paranoica, deitada na cama e ouvindo para ter certeza de que ninguém empurraria a porta. Quando eu não estava preocupada com isso, fiquei lá pensando em minhas irmãs conversando com meu pai.

Não foi exatamente a melhor noite da minha vida.

Então, quando o despertador tocou, assim como eu mal comecei a cochilar, quase chorei. Quase.

Por que coisas assim sempre tiveram que acontecer comigo? Por quê? Por que eu não conseguia parar de vez em quando?

Eu sabia que estava sendo dramática. Eu sabia que havia coisas piores no mundo do que ter sua casa arrombada e suas coisas roubadas e quebradas. Pelo menos eu tinha um lugar para chamar de lar. Pelo menos eu tinha seguro. Mas... tudo ainda parecia um chute forte na minha alma enlouquecedora.

Você dá um passo à frente e depois precisa levar cinco para trás. Essa era a vida, às vezes, não era? Para todos, não apenas para mim.

Eu estava apenas de mau humor e não sabia o que fazer comigo, ou como usá-lo corretamente.

Eu não chorei enquanto me arrastava do meu colchão danificado — porque eles tinham até mexido com isso. Eu não tinha nem mesmo o ânimo para trocar o lençol, de modo que isso serviria como uma barreira entre mim e a cama que tinha sido a primeira cama que eu já tinha comprado, então eu tinha tudo a ver com um tipo de conquista. E agora, ficou gravemente danificada. Alguém havia rasgado ela, arrastando a lâmina de um lado para o outro.

Porque algum idiota invadiu minha casa e rasgou sem motivo.

Eu parecia que era rica? Ou alguma espiã com segredos costurado no colchão? Parecia tão... sem sentido. Até os policiais concordaram. Eles tinham chegado a ponto de perguntar se havia alguém que pudesse estar chateado comigo.

Eu disse a eles, não, mas sabia que havia. Apenas alguém que eu imaginei que estaria chateado o suficiente para fazer algo assim. Me vigiar? Cortar meu pneu? Me chutar enquanto eu estava caída no chão? Sim.

Mas invadir minha casa? Ele não era tão ruim assim — pelo menos eu não achava isso.

Ficar vestida e pronta para o dia levou mais tempo do que deveria, e quando fui fechar a porta e não pude, porque tinha sido estourada, quase chorei de novo. Eu fiz o que pude para bloqueá-la por dentro, e então me esgueirei pela porta dos fundos e saí pelo

pátio. Eu fui para o trabalho, tentando muito me concentrar na direção e não o que estava me esperando em casa e...

Falhei.

Meu coração e todas as partes do meu corpo estavam pesadas quando entrei no CCC. Eu coloquei minhas coisas na mesa, então subi as escadas para fazer o café que eu realmente não sentia vontade de beber. Se eu fosse ser honesta, não me sentiria bem em fazer nada. Claro que não está funcionando. Mas eu sabia que precisaria de dinheiro e a única maneira de consegui-lo era indo para o trabalho. Mesmo que apenas por algumas horas. Um pequeno salário era melhor do que nenhum salário.

Fiz café e fiquei aliviada por não haver qualquer discussão no quarto ao lado. Quando eu ouvi ruídos vindo do andar de baixo, suspirei e preparei a outra caneca de café, porque não importa o quão ruim eu me sentisse, não fazer o de Rip seria como... não colocar desodorante — mesmo se eu tivesse certeza que eu poderia ter esquecido de colocar desodorante naquela manhã uma vez que pensei nisso.

Eu não ia chorar.

Perder minhas coisas não era grande coisa, porque pelo menos eu estava bem.

Desci as escadas, fazendo caretas para não perder. Eu poderia passar pelo dia. Eu gostaria. Durante a minha pausa para o almoço, eu poderia ligar para alguns trabalhadores manuais e ver se algum deles poderia ir à casa uma vez que eu saísse do trabalho e consertasse a porta para mim. Eu tinha certeza de que havia um

número decente de projetos na agenda, mas o sr. Cooper me deixaria sair assim que eu lhe contasse. Eu sabia que ele faria.

Eu engoli e teria beliscado a ponta do meu nariz se tivesse uma mão livre.

No chão principal, olhei em volta e encontrei Rip de pé ao lado de um dos baús de ferramentas, abrindo e fechando as gavetas enquanto ele procurava por algo. Ainda bem. Talvez eu pudesse sair com isso de volta para o meu estande sem ele olhar para mim. Isso aconteceu com bastante frequência, não foi?

Eu precisava desistir. O que eu tinha dito a mim mesma sobre coisas fora do meu controle? Não havia razão para ficar presa a elas.

Mas minha sorte decidiu me lembrar que nunca foi tão bom assim.

Porque eu mal tinha colocado a caneca para baixo quando Rip murmurou, —Obrigado, Luna, — então ele passou a olhar rapidamente em minha direção.

Eu poderia dizer que isso significava ser rápido. Apenas um relance. Mas assim que seus olhos voltaram para o que ele estava olhando, eles voltaram para mim. Rip se endireitou quando uma carranca tomou sua boca e suas sobrancelhas se uniram.

—O que há de errado? — Ele exigiu, aqueles incríveis olhos se movendo rapidamente sobre o meu rosto.

Eu tentei dar-lhe um sorriso, mas só consegui metade do meu rosto antes de desistir. —Nada.

Seus olhos pararam de se mover, e eu juro que sua voz ficou mais profunda quando ele perguntou novamente: —O que há de errado, Luna?

Minha boca se esticou em sua posição fraca enquanto eu repetia. —Nada.

Ele fechou a gaveta que ele abriu sem olhar para baixo e virou aquele corpo enorme na minha direção. —Me diga o que está errado.

—Nada está errado.

—Eu posso ver em seu rosto, — ele afirmou naquela voz áspera, dando um passo em frente.

Eu pressionei meus lábios e deixei-me piscar duas vezes, rapidamente. Quando minha voz saiu quase como um sussurro e foi mais rouca que o normal, tentei não deixar a frustração aparecer no meu rosto. —Não é nada que você precisa se preocupar, — eu tentei dizer a ele.

E assim, com o rosto encoberto, ele deu outro passo para mim. —Eu quero me preocupar com isso. Me diga o que está errado.

Ele

Eu senti minhas narinas se alargarem. Me senti pressionando meus lábios mais apertados juntos, e eu pisquei ainda mais. Mantenham juntos. Mantenham juntos. —Rip, não tem nada a ver com o trabalho. Eu não estraguei tudo.

Seus olhos se moveram sobre meu rosto ainda mais, e ele deu outro passo mais perto, aquela carranca não indo a lugar nenhum. —O que aconteceu?

Com minha mão livre, eu estendi a mão e apertei meu nariz naquele momento, deixando-me fechar os dois olhos brevemente antes que eles decidissem me trair como tudo e todos os outros na minha vida, aparentemente.

Pare.

Eu estava bem. Nada disso valia a pena chorar. Eu estava bem.

—Eu não consegui dormir, é tudo, — era tudo que eu podia dizer, e até para mim, parecia que eu estava cheia disso.

Rip respirou, e eu não precisei olhar para saber que ele estava ainda mais perto de mim do que tinha estado um momento antes. — Por quê?

Ele não ia desistir disso. OK. Tudo certo.

Eu não ia chorar. Eu poderia apenas dizer a ele. Rápido como um band-aid. Arrancá-lo. —Minha casa—

E eu ia chorar. Sim. Não havia como negar.

—O que aconteceu com a sua casa? , — ele perguntou devagar.

Minha voz tremeu como uma bandeira em um dia ventoso. — Foi invadida. — Lá. Eu disse isso. Eu sobrevivi a isso. —Eles roubaram algumas coisas, rasgaram outras coisas... — Eu tive que parar novamente depois disso. Minhas narinas se dilataram e eu belisquei meu nariz novamente, abrindo meus olhos. —Estou um pouco chateada com isso.

Eu tentei sorrir, mas imediatamente caiu.

Uma das mãos de Rip foi arranhar seu antebraço através do material do macacão que ele usava, mas seus olhos ficaram em mim. O pomo de Adão dele balançou, e até a voz dele estava desligada quando ele perguntou: —Eles foderam suas coisas?

Eu balancei a cabeça, mantendo meus lábios juntos.

Um nervo em sua bochecha começou a bater. —Muito ruim?

Tudo que eu pude fazer foi encolher os ombros e segurar minha respiração.

—Quão ruim?

Mordi o interior da minha bochecha e não me incomodei em conter meu grunhido de —Muito.

O pomo de Adão dele balançou novamente, e a cabeça dele se inclinou para o lado. Sua mão subiu e ele esfregou a bochecha com as costas da mão. A voz de Rip estava apertada. —Como eles entraram?

A tensão encheu toda a minha alma enquanto pensava em todas as coisas que aqueles idiotas haviam tirado de mim, não fisicamente, mas... —Eles chutaram a porta.

—Você chamou a polícia?

Eu assenti.

Um olho azulado se estreitou, e eu não pude perder a raiva baixa em sua voz quando ele perguntou: —Quem entrou na casa para você?

—Os policiais. — Quanto mais eu falava sobre isso, pior ficava. Como eu pensei que passaria o dia todo?

Talvez eu devesse pedir a ele para me dar o dia de folga. Ou pelo menos a manhã. Ou o resto da semana.

—Você já limpou?

Um sapo parecia residir em minha garganta porque o que saiu da minha voz ao lado foi, com certeza, um grasnido. Não chore, Luna. Você não faz isso. —Eu não fiz. Cheguei em casa tarde e os policiais demoraram tanto para vir...— Eu ia chorar. Eu ia chorar e não havia como parar. Eu só precisava segurá-lo um pouco mais. Só mais um pouco até eu estar sozinha em casa, ou pelo menos no meu estande, sozinha. Eu estava bem, eu estava bem, eu estava bem. —Eu deveria ter tentado limpar desde que eu não consegui dormir em primeiro lugar, mas eu vou começar isso hoje à noite. Eu ia chamar alguns marceneiros para consertar a porta...

Eu vi seu rosto escurecer antes de ouvir a mudança em sua voz. —Você dormiu lá?

—Era tarde, — eu continuei coaxando. —Eu tentei ligar para minha melhor amiga e Sr. C, mas nenhum deles respondeu.

E, meu Deus, não era outro lembrete de que eu estava sozinha. Eu poderia ter tentado o celular de Lydia ou a casa do Sr. Cooper, ou o número do vovô Gus. Inferno, eu poderia até ter chamado o Miguel. Mas eu não queria incomodar ninguém. Era a minha casa. Minhas coisas.

Rip me perfurou com aquele olhar intenso, não me preparando para a próxima pergunta. —Por que você não me ligou?

Para ele?

Naquela época eu consegui moldar minha boca em um sorriso, mas só porque não era feliz. —Eu não ia ligar para você porque minha casa foi arrombada. Não tem nada a ver com o negócio...

—Luna, — ele rosnou entre os dentes, dando mais um passo para frente. Aquele corpo grande pareceu se expandir diante dos meus olhos. —É da minha conta. Você é da minha conta.

O que?

—Você dormiu naquele maldito lugar com a porta não trancada corretamente? , — ele perguntou, mas não esperou pela minha resposta. —Cristo, o que você estava pensando?

O que eu estava pensando? —Eu não queria incomodar ninguém, — eu consegui sair, encolhendo os ombros apenas um ombro para ele, sentindo-se envergonhada, mas principalmente... oprimida. —Eu estava chateada, Rip. Todas as minhas coisas... — Minha voz ficou mais e mais alta até que eu me forcei a parar porque...

Foram todas as minhas coisas. Minhas. Pela primeira vez, tudo era meu. E alguém teve

Eu não percebi que tinha feito esse barulho estridente, e eu definitivamente não percebi, que no final das contas, as lágrimas iriam explodir dos meus olhos.

Não foram apenas coisas. São as minhas coisas. Minhas.

Ali. De pé bem ali, com uma xícara de café em uma garrafa térmica, com Rip na minha frente parecendo um trovão, eu comecei

a berrar. Gritando. Meus ombros se curvaram e comecei a tremer. Minhas mãos subiram para o meu rosto e, embora eu tenha dito a mim mesma para parar, disse a mim mesma que não era o fim do mundo, me lembrei que um bilhão de outras pessoas no mundo tinham problemas que me faziam parecer absolutamente insignificantes... Ainda chorei. Lágrimas escorriam pelos meus dedos e desceram pelas palmas das minhas mãos.

E eu chorei.

Porque eu tinha trabalhado tão duro para ter o que eu tinha, apenas para alguém entrar e estragar tudo.

Porque eu estava cansada. Cansada dessa merda.

Eu tinha o meu lugar onde me sentia feliz, orgulhosa e segura, e alguém que eu não conhecia decidira tirar isso de mim.

Pegue, pegue, pegue. Foi o que as pessoas fizeram comigo. Porque eu deixei. Porque eles eram gananciosos.

E era tão injusto.

Era besteira.

—Ah, porra, — eu ouvi murmurando enquanto estava lá, me sentindo tão triste por mim mesmo, tão magoada, tão frustrada...

O que tinha que ser duas mãos cobriram as minhas por um momento, antes de me mover para cobrir meus ouvidos, emoldurando meu rosto. Eu não precisava olhar para cima para saber que era o Rip. Quem mais poderia ser? Mas eu continuei chorando, porque nem mesmo ter Rip ali, sendo legal comigo, foi o suficiente para aliviar o quanto eu me sentia mal.

Por quê?

—Por que alguém faria isso comigo? — Eu perguntei a ele, com certeza minhas lágrimas provavelmente estavam descendo pelos seus pulsos enquanto ele segurava meu rosto, seus polegares passando por cima dos pequenos ossos nas costas das minhas mãos. —Eu não tenho nada que valha a pena roubar. Eu não fiz nada a ninguém ultimamente. Não sei por que isso aconteceria. — Minha voz falhou. Quebrou, quebrou, quebrou.

Por que alguém fez esse tipo de porcaria?

—São só coisas, mas são minhas coisas, e alguém acabou de invadir como se fosse nada. E parece que... algumas pessoas têm dias ruins, mas é como se eu estivesse tendo vinte e seis anos de dias ruins, e eu odeio me sentir desamparada, e me desculpe por estar descontando em você. E porcaria, eu odeio chorar. Eu sinto muito.

Tremendo, me enrolei ainda mais, tentando recuar. Tentando proteger aquela parte de mim que não parecia ter sido batida com um bastão porque era tudo o que eu tinha deixado que tinha esperança. Insensata. Eu fui tão idiota.

Dois grandes braços em volta de mim, cortando meus pensamentos. A próxima coisa que eu sabia, meu rosto estava em um pescoço muito quente e meu peito estava contra um maior... e eu fiz a única coisa que sabia. Minhas mãos foram para os quadris que não eram meus e meus dedos se enrolaram no macacão que ele usava.

E eu continuei chorando.

Se foi por causa das minhas coisas, ou a ideia de alguém vindo para da minha casa, ou eu não sabia muito bem. Eu não tinha ideia. Talvez eu achasse que a vida era injusta e isso era bastante, mas não era positivo.

Tudo o que eu sabia era que eu me sentia um lixo e estava cansada das coisas não funcionarem, e eu estava ainda mais cansada de as pessoas levarem sua bagunça para cima de mim. A vida era injusta e, às vezes, era uma idiotice total e, embora eu soubesse disso há muito, não facilitava. Se houvesse alguma coisa, sentia ainda mais difícil.

—Eu não sei o que fiz em outra vida para merecer isso, — eu tossi e sufoquei em seu peito, pressionando meu nariz o mais próximo possível daquela coluna de garganta quente e familiar.

O calor tocou o topo da minha cabeça levemente, e o que eu sabia, tinha que ser uma palma espalhada pelo espaço entre as minhas omoplatas, me puxando ainda mais para perto daquele corpo coberto de macacão. A voz de Rip estava baixa, enquanto ele dizia: —Tudo bem, Luna. Não chore.

A mão na minha coluna subiu e desceu, subindo e descendo.

—Eu sinto muito.

—Você não tem nada para se desculpar, — disse ele no meu cabelo, com os braços fortes. —Não há nada.

Eu não disse nada. Eu fiquei lá, inalando e exalando ele... principalmente por acidente, mas de propósito também. Como remédio, mas para tudo, pequenas coisas doem. As grandes doem também. E os de tamanho médio...

Dias depois, talvez eu lembrasse como sua pele tinha um cheiro fresco. Como ele cheirava como a loja de alguma forma também, mas melhor. Eu me lembraria de como ele cheirava tão bem que não tinha nada a ver com colônia ou loção pós-barba.

Mas então, naquele momento, eu o aceitaria como era. Apenas um homem em quem eu confiava, que se importava comigo, pelo menos um pouco, e me fazia sentir melhor. Pelo menos, ele me fez sentir menos sozinha.

—Quer tirar o dia de folga e lidar com isso? , — ele perguntou ao meu cabelo.

Eu balancei a cabeça e mal saiu —Não agora. — Pensando em tudo que eu precisava fazer... —Eu posso embrulhar algumas coisas esta manhã e talvez esta tarde...

Tudo estava arruinado. Eu precisava ligar para o meu seguro. Precisava ligar para um faz-tudo. Comprar sacos de lixo...

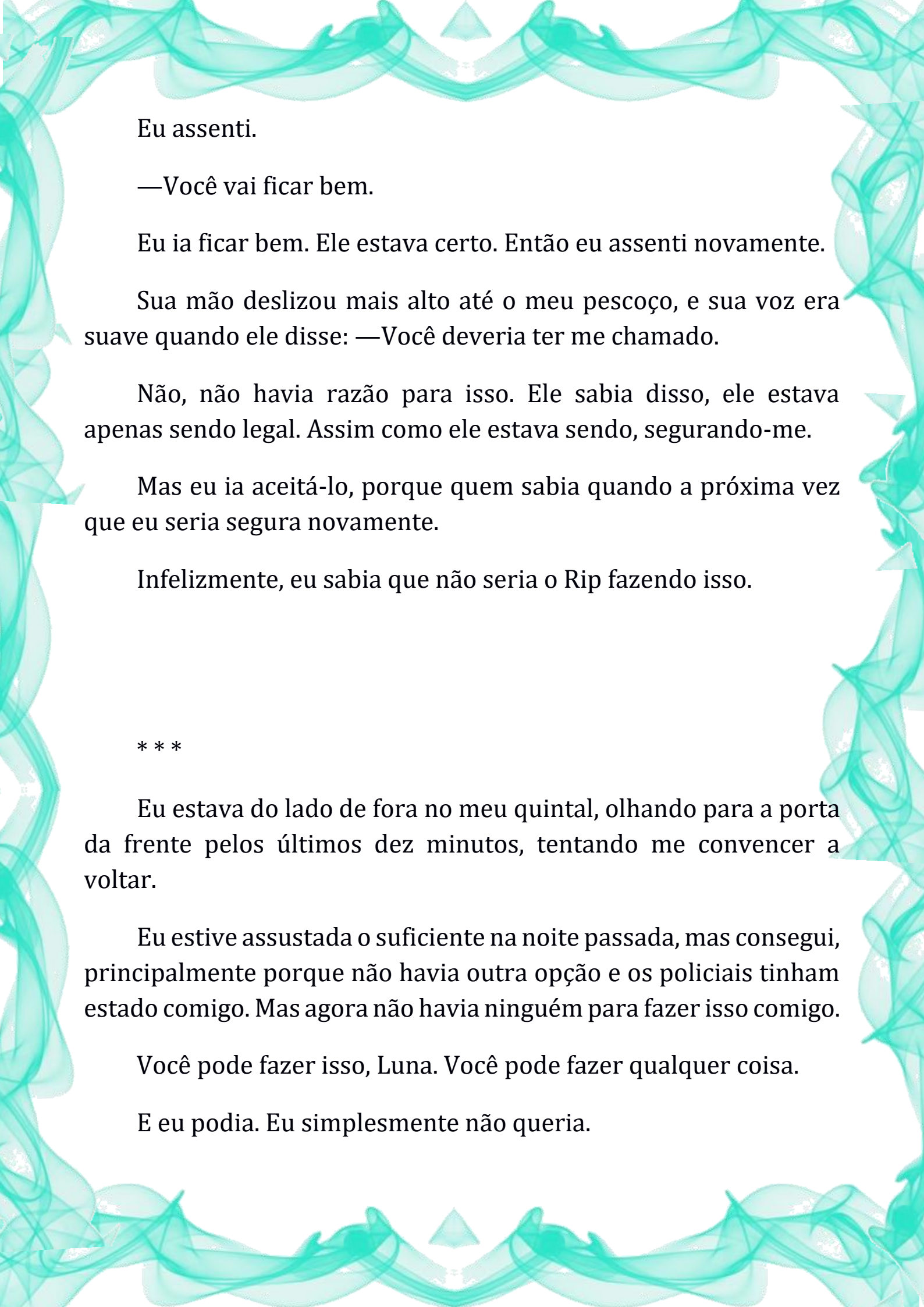
Não chore.

Tarde demais, não foi?

Eu me senti colocar meu rosto de volta no pescoço de Rip e ouvi-me fazer um barulho desesperado em sua pele.

Droga. Droga.

—Vá quando você quiser ir, Luna, — ele sussurrou, sua mão acariciando minha espinha e ficando entre minhas omoplatas, mesmo quando eu soltei um suspiro estremecido. —Tudo está bem, menina.



Eu assenti.

—Você vai ficar bem.

Eu ia ficar bem. Ele estava certo. Então eu assenti novamente.

Sua mão deslizou mais alto até o meu pescoço, e sua voz era suave quando ele disse: —Você deveria ter me chamado.

Não, não havia razão para isso. Ele sabia disso, ele estava apenas sendo legal. Assim como ele estava sendo, segurando-me.

Mas eu ia aceitá-lo, porque quem sabia quando a próxima vez que eu seria segura novamente.

Infelizmente, eu sabia que não seria o Rip fazendo isso.

* * *

Eu estava do lado de fora no meu quintal, olhando para a porta da frente pelos últimos dez minutos, tentando me convencer a voltar.

Eu estive assustada o suficiente na noite passada, mas consegui, principalmente porque não havia outra opção e os policiais tinham estado comigo. Mas agora não havia ninguém para fazer isso comigo.

Você pode fazer isso, Luna. Você pode fazer qualquer coisa.

E eu podia. Eu simplesmente não queria.

O negócio era que eu não queria ligar para a Lenny, o vovô Gus, o Sr. Cooper, ou qualquer outra pessoa para entrar. Eu não era responsabilidade deles. Eu poderia fazer isso. Eu poderia.

Eu estava no meio de obrigar-me subir as escadas para a varanda quando vi a picape preta Ford estacionar na minha garagem e estacionar atrás do meu carro. Eu não precisei olhar pelo para-brisa para ver quem estava atrás do volante. Eu sabia, como se eu soubesse o meu próprio nome.

Era Rip.

Que deve ter saído do trabalho cinco minutos depois de mim.

Eu conhecia esse corpo massivo. Eu conheci o homem batendo a porta fechada da caminhonete antes de pisar ao redor, seu olhar varrendo a frente da casa. De um lado para o outro, atrás dela e na frente dela. Olhando.

Seu olhar pousou em mim apenas ali, segurando minhas mãos no meu peito. Eu podia ver seus olhos estreitos. Vi o grande fôlego que ele expeliu da boca. Eu poderia dizer que seus ombros caíram, suas mãos soltas ao mesmo tempo.

—Você não me disse que estava saindo.

Algo dentro da minha maldita alma gaguejou. Minha garganta parecia sufocar em todas as letras do alfabeto, e tudo que eu pude fazer foi pressionar meus lábios e, depois de um segundo — depois que aquela coisa dentro de mim gaguejou e gaguejou mais um pouco — eu assenti.

Mas consegui soltar as palavras. —Eu não queria incomodar você.

E Rip... Rip piscou. Suas narinas se alargaram. Seu peito subiu e saiu, e ele disse com toda a calma que eu nunca tinha testemunhado dele antes, —Quantas vezes eu tenho que te dizer que você não é um incômodo?

Eu segurei minha respiração.

Ele fez questão de me olhar diretamente nos olhos. —Você precisa de mim, você me chama. A qualquer momento. Qualquer dia. É tão fácil.

Por que isso me deixou desconfortável?

—Você não precisa fazer tudo sozinha.

—Eu nunca quis, Rip.

E algo naquele rosto bonito e impressionante parecia se estilhaçar. O queixo de Ripley baixou uma vez, e então uma daquelas coxas longas e maciças foi para frente. Um tamanho de mais de dois metros assentado na minha grama, e então Rip estava vindo em minha direção. Suas mãos ao lado do corpo, suas narinas largas e aquele olhar fixo em mim.

E antes que eu percebesse, antes que eu pudesse processar onde ele estava indo, ele estava lá.

Parado em frente a mim, tão alto que eu tinha que inclinar a cabeça para trás para olhar para aquele rosto que era facilmente trinta centímetros mais alto que eu.

Eu não percebi que estava chorando até que senti as lágrimas se acumulando no canto do meu olho direito e, em seguida, senti algo roçá-las rapidamente.

Não foi minha mão que fez isso. Não foram os meus dedos que passaram por baixo daquele olho e depois passaram por baixo do outro olho.

Foram os dedos de Ripley que o fizeram.

Antes que eu pudesse falar outra palavra, e antes que eu pudesse piscar, aquela enorme mão escorregou na minha como se não fosse nada e ele me puxou para o lado da casa.

Eu abri minha boca para dizer a ele que eu gostei dele vindo para cá, mas que ele não precisava ficar. Mas mesmo que eu tenha aberto a boca, nada saiu. Eu não era burra ou teimosa o suficiente para dizer a ele para soltar a minha mão. Eu precisava disso. Eu queria isso. Então, mesmo que fosse por essas circunstâncias ruins, eu pegaria o que conseguisse.

Eu poderia mais do que provavelmente lembrar de tudo o que aconteceu depois, se eu me desse ao trabalho de tentar. Mas quando algo parece mais um sonho terrível que a realidade, na maioria das vezes, algumas coisas entram em suas memórias para sempre e outras coisas, você decide viver.

Às vezes você tem o suficiente de merda em sua vida que você é forçado a lembrar sem acrescentar mais. Eu estava escolhendo neste momento. Foi tudo que pude fazer.

Passar pela minha casa, sala por sala, com sacos de lixo era uma das coisas mais dolorosas que eu já fizera antes. Pior do que arrumar

minhas coisas quando eu tinha dezessete anos, empurrando o que eu podia em uma mochila e duas sacolas plásticas, e deixando a casa dos meus pais sem uma única pista do que eu faria ou para onde iria.

Mas o que eu podia e lembrava, era como Rip estava comigo, sua mão segurando a minha o tempo todo que jogamos as coisas fora.

Era tudo uma estranha memória que eu não ia apagar e esquecer tão cedo, mesmo que precisasse.

Meu corpo inteiro se apertou quando eu peguei na televisão que eu tinha guardado dinheiro por três meses para comprar, que agora tinha uma enorme rachadura no meio dela. Isso foi apenas o começo. Pratos quebrados, quatro cadeiras de jantar, meu colchão e gavetas que haviam sido arrancadas e arremessados.

Não me permiti chorar quando percebi que quase nada fora roubado, à exceção de uns cem dólares em dinheiro que eu escondia na gaveta e duzentos sob a pia do banheiro. Meu laptop estava faltando e meu tablet também estava faltando. Havia tanta destruição... Qual foi o ponto?

Meu peito doía e parecia que eu não conseguia respirar por um longo tempo.

Foi o suficiente para lembrar a noite anterior, quando eu tinha chutado minhas roupas de lado no chão, tentando o meu melhor para não imaginar um estranho passando por elas, colocando as mãos em todas as coisas que eu tinha comprado com muito amor.

E muito disso foi destruído.

Meu lugar seguro estava arruinado e eu não sabia o que fazer.

* * *

Horas e horas depois, depois de encher dez sacos do tamanho de um boi, depois de limpar tudo enquanto Rip ia para a loja de artigos para casa comprar as coisas que precisava arrumar a minha porta, depois de pedir comida vietnamita enquanto ele arrumava a porta porque eu tinha que alimentá-lo por fazer todas essas coisas para mim... quando eu estava exausta e queria ir para a cama, uma mão foi para o meu pulso e Rip agarrou-a.

—Vamos, — disse ele naquela voz que queria me acalmar para dormir.

—Se você ainda estiver com fome, eu posso pedir uma pizza.

—Eu não estou com fome. — Ele puxou novamente. —Você não pode ficar aqui esta noite.

Eu não queria ficar lá esta noite. Ou a noite seguinte. Mas eu não queria sair também.

—Você vem comigo.

Eu ia?

Eu era o que?

—Vamos. Eu não estou mais nos meus vinte anos. Eu geralmente estou na cama agora.

O que? Eu olhei para o meu relógio e vi a hora. Era quase meia noite. Puta merda. Como isso levou tanto tempo?

Como eu estava acordada?

Rip puxou meu pulso novamente. —Você não vai ficar aqui. Não me faz essa cara.

Que cara? Ele estava falando sério?

Eu não queria ficar, mas também não queria sair. Ele já tinha feito o suficiente. Ele já havia feito muito mais do que um chefe deveria fazer por seu empregado, o que só me lembrava que eu não havia contado a ninguém o que aconteceu ainda. Nem mesmo o Sr. C. E cara, isso me fez sentir culpada. O que Rip disse a ele como a razão pela qual eu saí?

Seu polegar varreu as costas da minha mão, e sua voz estava genuinamente muito cansada. —Vamos. Vou pegar um quarto de hotel para você, se não quiser ficar comigo.

Tudo que eu pude fazer foi ficar lá e piscar.

Ele piscou de volta. —Agora, Luna. Estou cansado demais para te dar uma merda.

Eu queria dizer a ele que estava bem. Que eu não precisava ir para casa com ele ou ficar em um hotel, mas minha boca não se movia.

Deus, eu era tão chata. Era patético. Eu poderia dormir aqui. Havia uma tranca na porta novamente.

Isso seria bom.

Eu me certificaria de que estava tudo bem.

Eu não estava

—Luna. Estou cansado, baby. — Rip suspirou, dando-me um aperto suave.

Eu olhei para ele, exaustão pesando minhas pálpebras. Eu observei quando a mão dele veio em direção ao meu rosto e seu dedo deslizou pelo fundo do meu olho. Não havia lágrimas ali. Não poderia haver. Eu já havia chorado o suficiente pela próxima década. Mas o dedo dele não foi para outro lugar; ficou lá, debaixo do meu olho.

—Vamos lá. — Ele ainda estava falando baixinho, seu rosto genuinamente exausto. —Você não vai ficar aqui. Você vai ficar bem. Você não quer ficar em um hotel? Fique na minha casa. Você não quer ficar na minha casa? Vamos pegar um quarto para você.

Eu olhei.

—Não é nada legal, mas eu tenho uma cama que você pode usar, uma tranca na minha porta e um pouco de comida na minha geladeira.

Eu não disse nada.

A mão ao redor do meu pulso afrouxou e ele deslizou seus dedos pelos meus mais uma vez. —Vamos, — ele tentou insistir novamente.

Mas eu não —fui. — Eu apenas fiquei lá, tentando imaginar como era o lugar dele, como sua cama parecia... e eu ainda não ia a lugar nenhum. Eu não queria ficar em um hotel, e por alguma razão

eu não entendia, eu não queria ficar na casa dele também. Ele era meu chefe em primeiro lugar. Meu chefe.

Mas Rip estava ainda mais cansado do que eu, ou queria ir para a cama mais cedo, porque ele suspirou: —Tudo bem, menina. Nós vamos ficar aqui.

* * *

Olhando ao redor do meu quarto, eu soltei um suspiro que parecia que teria pesado uma tonelada se tivesse alguma massa nele, e eu passei meus braços ao redor de todos os cobertores que eu consegui coletar ao redor da casa. Senhor, eu poderia finalmente sentir cada hora que estive acordada em cada centímetro dos meus ossos.

Fazendo meu caminho para a sala de estar, eu mantive tudo o mais apertado possível. Os cobertores, dois travesseiros... eu ia dormir no chão, decidi. Felizmente, o sofá era um sofá-cama, e os idiotas que invadiram minha casa não se incomodaram em fazer mais do que esfaquear algumas almofadas.

Mas a mesma pergunta que eu estava pensando desde a noite passada permaneceu. Quem diabos faria isso comigo? Por quê?

A ideia disso me fez querer vomitar. Foi tão mal...

São apenas coisas.

Foi só bem material.

E eu tinha seguro. Isso era alguma coisa. Eu os chamei enquanto Rip tinha ido à loja, e levei quase uma hora para arrumar tudo.

Algo era melhor que nada.

Eu encontrei Rip sentado no meu sofá com os braços cruzados sobre o peito, olhando para a televisão apoiada no pequeno centro de entretenimento em frente a ela.

Se ele parecia exausto, eu não queria saber como eu estava.

—Eu sinto muito, Rip, — eu disse, realmente me sentindo como uma idiota sem razão ou direito sobre, então. Quantas vezes ele mencionou o quanto estava cansado?

—Se você quer ir para casa... — Eu vou sobreviver sozinha.

Ele simplesmente balançou a cabeça, e eu juro pela minha vida que seus olhos caíram por um momento. —Eu vou ficar aqui, — ele repetiu pelo que tinha que ser pelo menos a quinta vez desde que ele mencionou essa opção.

—Sim, mas... — Eu me fiz dizer isso. —Você pode ir, se preferir ir para casa.

—Vou ficar.

Eu realmente queria implorar a ele? Na verdade, não.

—OK. — Engoli. —Obrigada então. — Foco. —Deixe-me ajudá-lo a fazer o sofá-cama.

—Sem sofá-cama. Eu posso dormir no sofá.

Eu olhei para as almofadas arruinadas e o comprimento, e então avaliei as chances de ele realmente dormir.

—Ei, Rip, você é tamanho enorme e meu sofá é tamanho normal.

Ele me lançou um olhar que, sob quaisquer outras circunstâncias, poderia me fazer rir. Sem outra palavra, aquele longo corpo desdobrou-se da mobília, levantando-se para pés que eu sabia serem longos, e ele se virou para mim, aquele rosto bonito apontado diretamente para mim. —O sofá está bem, Luna. Eu tenho isso.

Ele tinha isso.

Com um aceno de cabeça que eu não estava sentindo completamente, eu caminhei até o sofá, ao lado dele, e deixei cair o monte de lençóis e cobertores, e um travesseiro extra no final. Eu observei quando Rip se levantou quando eu sacudi o lençol e o enfiei nas almofadas.

Mas ele não disse uma palavra enquanto observava o que eu fazia por longos momentos, antes de finalmente perguntar: —Você quer dormir aqui também?

Ele...

Inesperadamente, pelo menos foi assim que eu me senti, pensei sobre a pergunta dele por quinze segundos — se foi — e disse: — Tudo bem, — antes que eu pudesse me conter.

OK. Para dormir no sofá também.

Quem faz isso?

Eu. É quem. Alguém ia se sentir muito burra e necessitada mais tarde.

Mas eu me preocuparia com isso depois. Depois disso. Meu orgulho não era tão grande que eu tentasse ser mais dura do que realmente era.

Porque a verdade era: eu não queria ficar sozinha.

E eu era uma idiota por pensar isso.

Mas tudo bem.

—Tudo bem, — Ripley disse suavemente... tão suavemente, eu não pude deixar de olhar para ele, imaginando de onde toda essa ternura estava vindo.

Ele só se sente mal, meu cérebro sussurrou.

—Vamos lá, — Rip continuou falando, e eu olhei para cima para vê-lo cair no sofá e me inclinar para trás com um grande suspiro. Seu braço estava no encosto do banco enquanto soltava um suspiro profundo e exausto. —Estique aqui, eu posso dormir neste canto.

Eu pisquei, a exaustão me batendo forte. Ele queria que eu me deitasse enquanto ele dormia sentado?

—Eu posso dormir em qualquer lugar. Venha deitar-se. Eu preciso descansar um pouco.

Eu não disse nada.

—Tudo vai ficar bem, — disse ele.

Pressionando meus lábios juntos, eu assenti. Ele estava aqui. Eu ia me deitar ao lado dele. OK.

Deus, como eu desejei que isso fosse verdade.

Não era, mas para esta noite eu pegaria.

Rip deu um tapinha no local ao lado dele. —Vamos.

Eu fiz.

Dei dois passos e me sentei no sofá, uma almofada afastada dele.

Ele bocejou, me observando o tempo todo. —Você está bem?

—Sim, — eu disse a ele sem entusiasmo, tirando minhas botas. Eu tinha esquecido de ter de colocar meias de Pac-Man naquela manhã. Foi o mais divertido que eu queria ser. Isso e todas as minhas joias estavam espalhadas por todo o lugar.

Antes que eu pudesse perceber o que ele estava fazendo, ele estendeu a mão pelo sofá e pegou minha mão, puxando a mim em direção a ele. Parei o que estava fazendo e pisquei ao ver sua mão grande, aqueles dedos longos, unhas perfeitamente curtas, engolfando as minhas. Então ele puxou novamente, fazendo-me esticar no sofá.

Rip se levantou, pegando o travesseiro e cobertores da poltrona. Ele sacudiu o cobertor bem antes de jogá-lo em cima de mim. Eu apenas o observei enquanto ele estava de pé ao lado do sofá, tirando os sapatos, as mãos indo para o botão de cima de sua calça jeans e desfazendo-a. Foi a minha vez de bocejar enquanto ele caminhava até o final do sofá, bem ao lado de onde eu estava deitada

e se sentou. Eu podia sentir o calor de sua coxa e o peso dele fez meu sofá afundar.

O que eu não estava pronta era a mão que se esgueirou por baixo da minha cabeça e levantou-a — Rip levantando minha cabeça — antes de deslizar, sem esforço, o travesseiro sob a minha cabeça antes que as pontas de seus dedos tocassem minha testa. —Vá dormir. Eu estou aqui, — ele disse para mim.

Eu olhei para cima, ou tentei olhar para trás, e o vi se esticar de cabeça para baixo.

Rip estava muito ocupado bocejando para perceber que eu não conseguia tirar os olhos dele. —Durma, Luna. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Eu não disse uma palavra. Eu não sabia o que dizer. Na maior parte do tempo, senti-me exausta.

Esticando no sofá, pensei em dizer a Rip que ele deveria deitar-se e que eu deveria ser a única a dormir sentada. Eu poderia ter dormido no chão.

Eu rolei para o meu lado, colocando minhas mãos debaixo do travesseiro sob a minha cabeça. Eu não pensei em nada. Eu só... me deitei lá, ouvindo as respirações profundas de Rip. Mas eu ainda não consegui relaxar.

Quando o relógio mudou para me dizer que dez minutos haviam se passado, um gemido baixo veio do homem ao meu lado, e um momento depois, os dedos se acomodaram bem na frente do meu rosto, com a palma para cima. —Nada vai te pegar, — ele murmurou baixinho, sua voz áspera e suave.

Eu olhei para aqueles dedos grandes, absorvendo os calos por toda parte e as palmas das mãos. Elas eram mãos fortes. Mãos fortes.

—Você acha que eu deixaria isso acontecer?

Eu rolei de bruços e apoiei as mãos sob o queixo, para poder olhar para ele. Quero dizer, se ele não estivesse dormindo também...
—Não.

Sua cabeça estava de volta contra o sofá, seus olhos pesados e baixos. —Bom, porque eu não faria. — Aqueles dedos impressionantes apertaram os meus. —Você falou com sua irmã?

Eu sabia exatamente qual ele estava perguntando e não podia me fazer de desentendida. —Não. Ela ainda está ignorando minhas ligações.

—Alguém mais ouviu falar dela?

Senhor, ele estava cavando aquela adaga profundamente quando eu senti que já tinha conseguido a porcaria expulsa de mim.
—Sim, sou só eu que ela está ignorando. — Respirei fundo pelo nariz e deslizei a adaga para dentro de mim.

Ele fez um barulho resmungando. —Eu pensei que todas vocês deixaram a casa porque seu pai era um merda.

Isso piorou. —Nós fizemos, mas meu pai estava em seu pior momento comigo. Ele simplesmente não dava a mínima para minhas irmãs. Essa era a diferença.

Essa pausa pairou no ar entre nós. Então, —O que isso significa?

—Eu te disse que as coisas são complicadas. Meu pai costumava me dizer que ele deveria ter me abandonado. Ele e sua esposa... embora agora que eu penso sobre isso, eu nem tenho certeza se eles eram legalmente casados... eles foram as piores pessoas que eu já conheci na minha vida. Eles eram maus e infelizes e egoístas. Eu não sei porque eles estavam juntos, em primeiro lugar. A miséria convida a miséria, ou seja, o que for que isso quer dizer. — Eu respirei fundo, pensando neles. —E meu irmão nunca fez nada. Ele nunca esteve realmente por perto. Ele nunca defendeu nenhuma de nós. Eu sei que ele os odiava tanto quanto eu. Ele saiu no segundo em que se formou no colegial e nunca olhou para trás.

Eu não contei a ele o resto. Sobre todas as vezes que meu pai me disse que eu era idiota e sem valor. Sobre aquela mulher dizendo essas mesmas coisas, exatas. Sobre o resto das coisas que eu não queria lembrar. Nunca.

Aqueles olhos fixaram nos meus e seu aperto aumentou. —Eu pensei que você só tinha irmãs.

—Não, eu também tenho um irmão mais velho, a mesma mãe e pai. Eu nunca falo sobre ele. Eu não o vejo há onze ou doze anos agora. Eu não me livreí deles até completar dezoito anos, você sabe. Eu deixei alguns meses no meu último ano do ensino médio. — Mas eu não deixei minhas irmãs. Essa parte eu não contei a ele.

—Eles te expulsaram? , — ele perguntou naquela voz calma.

Suspirei. —Não exatamente.

—O que isso significa?

Eu enruguei meus dedos debaixo do cobertor. —Quero dizer, eles estavam contando os dias até eu completar dezoito anos desde que eu tinha três anos. E um dia eles não me deram outra razão a não ser ir. Então eu parti.

—O que aconteceu?

Apertei a mão de Ripley e pensei sobre aquela época da minha vida. —Eu fiz alguma coisa, — eu disse a ele em uma voz muito pequena.

Houve uma pausa. —O que você fez?

Eu amassei novamente. —Eu não sei se eu quero que você saiba.

—Por quê? — ele perguntou implacavelmente, humildemente.

—Porque eu não me sinto mal com isso. Eu não me sinto nenhum pouco mal com isso, — eu admiti.

Sua respiração era suave quando ele disse: —Eu também fiz alguma coisa ruim, Luna. Eu seria a última pessoa a te julgar por qualquer coisa que você fez.

Eu segurei minha respiração.

Então ele acrescentou: —Diga-me outro momento, sempre que você quiser, sim? Coloque em nossa... como você chama? Caixa de segredos?

Eu não pensei duas vezes sobre isso, ou o fato de ele estar reconhecendo nossa caixa de segredos. Eu apenas concordei. —Sim, ok.

—Aonde você foi depois?

Eu quase suspirei de alívio. Eu poderia dizer ao menos isso para o Rip. —Eu tinha feito um plano com a minha avó que ela levaria minhas irmãs, desde que nós duas sabíamos que sua mãe não podia e não queria ser capaz de cuidar delas. — Oh, vovó Genie. —Ela me deu algum dinheiro, e eu também o peguei, e peguei o ônibus para Houston logo depois de sair da casa. Eu acho que eu te disse isso. Eu fiquei em um hotel horrível em Houston. Era o lugar mais sujo e nojento de Houston, provavelmente, mas eles não pediam identificação, nem cartão de crédito nem nada. Eu estava com tanto medo que tive que enfiar a cômoda na porta o tempo todo que fiquei lá.

Eu jurei que meu coração começou a bater um pouco mais rápido, pensando nos dias em que eu me preocupava tanto em ser pega e mandada de volta para San Antônio. De não saber quanto tempo eu poderia realmente esticar o dinheiro que minha avó me deixou. —Eu apliquei em quase todas as vagas de emprego que encontrei no Craigslist. Cerca de duas semanas depois de chegar a Houston, candidatei-me aqui a um emprego de recepcionista, na verdade. O Sr. Cooper tinha decidido aceitar a listagem no dia em que eu apareci, mas ele não me disse até eu chegar lá.

—Ele me disse que mudou de ideia sobre precisar de uma recepcionista e seria melhor contratar outro mecânico. Eu comecei a chorar em seu escritório, você sabe. Ele me perguntou se havia algo que ele pudesse fazer, e eu disse a ele que realmente precisava encontrar um emprego e perguntei se ele conhecia alguém que estivesse contratando. Eu não disse a ele que ninguém iria me contratar para um emprego em tempo integral porque eu não tinha

dezoito anos. Eu nem tinha dito a ele que eu tinha dezessete anos, mas eu sempre parecia muito jovem, então...

Houve uma pausa e depois: —Ele encontrou um emprego para você?

Pensar nele fazendo uma pessoa aleatória para fazer um trabalho que realmente não precisava ser feito, era uma decisão de negócios arriscada. O Sr. Cooper não precisava de mim, mas ele me levou de qualquer maneira. Então eu balancei a cabeça para o meu mais novo chefe. —Ele me avisou que eu poderia não gostar de muitas das coisas que eu teria que fazer em torno da loja, e ele disse que não ia me tratar de forma diferente porque eu era uma menina, mas se eu estava bem com isso, que ele me aceitaria como assistente geral, em vez de contratar um mecânico, afinal. Mas eu disse a ele que aprendia rápido e que faria praticamente qualquer coisa que ele ou qualquer outra pessoa pedisse, e que ele não iria se arrepender.

—Eu, literalmente, teria pegado lixo com minhas mãos naquele momento. Eu não me importei com o que ele me pedisse, desde que não envolvesse algo estranho. Ele perguntou quando eu queria começar, e eu disse a ele que poderia começar logo em seguida. Ele pegou o menor macacão que encontrou e eu comecei a limpar a loja. — Cocei meu lábio superior lembrando daquele dia, observando os olhares confusos de meus novos colegas de trabalho que se perguntavam o que eu estava fazendo.

—Naquele dia, às seis, quando todos estavam indo para casa, o Sr. C me disse que era uma tradição para os novos funcionários irem comer em sua casa... Ele me prometeu que era casado, o que realmente era, e que sua esposa estaria em casa. Eu estava comendo o cardápio do dólar e aqueles macarrões instantâneos todos os dias,

naquele momento. Então eu fui e Lydia me alimentou. Disseram que me dariam uma carona de volta ao meu hotel e, embora eu lhes dissesse que não precisavam, eles o fizeram de qualquer maneira. Eles deram uma olhada naquele motel e os dois entraram na sala comigo, pegaram minhas coisas e me disseram que eu ia ficar com eles até que decidi me mudar.

Eu engoli em pensar sobre como eles mentiram sobre a tradição de novos funcionários virem e comer. Ele soube que eu precisava de uma refeição. Ele deve ter percebido que algo estava errado. E o Sr. Cooper se aproximou da verdade. —Eu fiquei com eles por quatro anos. Eu poderia ter ficado mais tempo, eles me disseram, mas minhas irmãs já tinham morado com eles por um tempo também, e eu não queria tirar proveito... e me mudei depois. O Sr. Cooper me implorou para não, mas eu fiz. Moramos em um apartamento de dois quartos nos anos seguintes e depois comprei minha casa. E agora estou aqui.

O peito grande de Rip subiu e desceu enquanto eu falava, e ficou travado enquanto ele dizia: —Eu não posso ver você tirando vantagem de ninguém.

Eu sorri para ele. —Isso é legal, mas eu não faria. Eu tive muitas pessoas tentando tirar vantagem de mim para fazer isso com outra pessoa.

Rip soltou um suspiro tão profundo e lento, seu peito me lembrou de um balão que havia sido perfurado com uma agulha, perdendo lentamente todo o seu ar.

Eu não esperava a próxima pergunta vindo de sua boca. —Por que você ainda trabalha na Cooper's? E não me dê uma resposta

idiota sobre dever a Cooper, ou gostar de seus colegas de trabalho também.

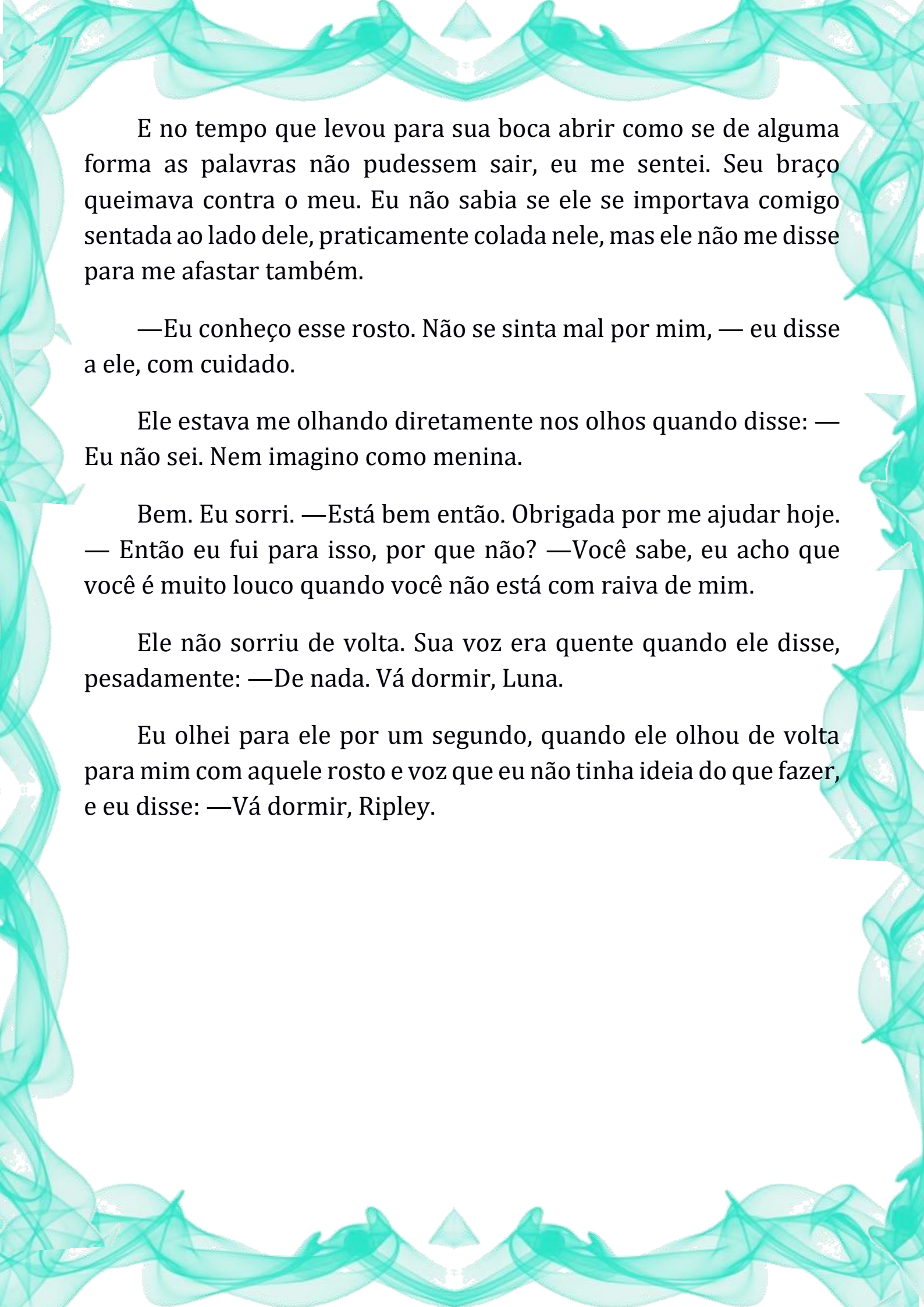
Levou apenas um segundo para pensar na verdade. —Eu gosto de consertar as coisas e fazê-las parecerem bonitas novamente. — Mordi o interior da minha bochecha, não tenho certeza de como isso soava, mas neste momento, eu estava além de me preocupar com a impressão que Rip tinha de mim e das coisas que saíam da minha boca. Ele deveria estar acostumado com isso agora. —Como... não é grande coisa, eles não são mais perfeitos — você sabe, se eles estiveram em um acidente — porque eles ainda vão correr. Os carros, eu quero dizer. Eles vão parecer e correr melhor do que antes e ainda terão uma vida longa e perfeitamente boa à sua frente. É como se estivéssemos dando a eles uma segunda chance. Bem, inferno. Eu posso me relacionar muito com isso, eu acho.

Ele me observou por um longo, longo momento.

Então, me surpreendeu quando ele perguntou lentamente: —O que há com você vestindo sua merda estranha todos os dias?

Oh. —Eu li um livro há muito tempo sobre ser feliz. — Eu não me importei como isso soou. —Um capítulo inteiro foi dedicado ao autocuidado, — expliquei com um pequeno sorriso. —Vestir algo que eu acho divertido todo dia me lembra que as coisas estão bem. Que eu mereço ser feliz. Que eu posso escolher como eu irei enfrentar o dia. Isso fez sentido para mim. Eu vou utilizar o que puder conseguir. Não vou morrer triste e miserável se puder evitar.

Rip não disse uma palavra, mas ele me observou tão de perto, então eu não sabia o que dizer.

A decorative border made of translucent, wavy teal lines frames the text on the page.

E no tempo que levou para sua boca abrir como se de alguma forma as palavras não pudessem sair, eu me sentei. Seu braço queimava contra o meu. Eu não sabia se ele se importava comigo sentada ao lado dele, praticamente colada nele, mas ele não me disse para me afastar também.

—Eu conheço esse rosto. Não se sinta mal por mim, — eu disse a ele, com cuidado.

Ele estava me olhando diretamente nos olhos quando disse: — Eu não sei. Nem imagino como menina.

Bem. Eu sorri. —Está bem então. Obrigada por me ajudar hoje. — Então eu fui para isso, por que não? —Você sabe, eu acho que você é muito louco quando você não está com raiva de mim.

Ele não sorriu de volta. Sua voz era quente quando ele disse, pesadamente: —De nada. Vá dormir, Luna.

Eu olhei para ele por um segundo, quando ele olhou de volta para mim com aquele rosto e voz que eu não tinha ideia do que fazer, e eu disse: —Vá dormir, Ripley.

Capítulo 22

Eu acordei principalmente porque o despertador do meu celular estava chiando junto ao meu ouvido, mas o torcicolo no meu pescoço que atravessou meus ombros e espinha também ajudou.

—Oww— Gemendo enquanto eu tentava pegar o meu celular, eu me forcei a abrir um olho quando eu não o encontrei imediatamente.

E foi em um segundo depois que eu abri um olho que percebi onde estava.

No sofá. Onde eu tinha adormecido na noite anterior. Ou, realmente, mais como quatro horas atrás.

Minha mão encontrou meu celular debaixo do meu peito, e eu o arrastei, batendo com o dedo para fazê-lo calar a boca, assim como algo saiu da minha visão periférica. Alguma coisa...

Eles eram dedos. Dedos compridos e grossos. E havia apenas uma pessoa que eu conhecia que tinha o que parecia ser um M e C no dedo anelar e no dedo mindinho.

Aqueles dedos eram de Ripley.

E os dedos de Rip se moveram pelo meu rosto enquanto eu estava lá, no sofá, do meu lado.

Ele passou a noite comigo. Dormiu no sofá ao meu lado. Eu mal tive esse pensamento quando o travesseiro sob minha cabeça se moveu.

O travesseiro embaixo da minha cabeça moveu?

—Fodido cansaço, — a voz de Rip — esse som ainda mais profundo e rouco do que o habitual — disse de perto quando o — travesseiro— embaixo de mim se moveu um pouco mais, quase como se estivesse... Se alongando?

Eu estava com a cabeça na sua coxa, não estava?

—Você está bem? , — aquela voz incrível resmungou.

Eu balancei a cabeça, ainda tentando juntar meus pensamentos. Como ele estava lá. Como eu estava com a cabeça no colo dele. Principalmente como ele estava lá.

Ele fez esse som rouco que poderia ser considerado ilegal. — Que horas são?

Eu olhei para o meu telefone com o meu único olho aberto que estava mais do que abarrotado. —Seis.

O homem que eu estava usando como um travesseiro grunhiu.

Eu movi minha cabeça para pressionar minha orelha contra a perna abaixo de mim. Eu precisava me levantar. Eu precisava dizer a ele obrigada por tudo que ele tinha feito. E eu precisava levantar só porque...

Mas eu não fiz nenhuma dessas coisas.

O que eu fiz foi deslizar as pontas dos dedos da minha mão esquerda sob sua coxa, como se eu estivesse me acomodando para voltar a dormir. Como se ele realmente fosse meu travesseiro. Ou como se eu tivesse o direito de tocá-lo.

—Eu não quero levantar-me também, — Rip bocejou, os dedos do meu rosto levantando... e pousando no meu ombro, pressionando-o.

Ele não disse nada e nem eu. Eu não conseguia nem ouvir sua respiração. Mas fiquei ali por um minuto e pensei em todas as coisas que precisava fazer, começando por me levantar e sair de cima dele. Mas em vez de tudo isso, minha mente disse, mais tarde.

A mão no meu ombro deu um leve aperto que fez meus olhos ficarem muito mais largos. —Tire o dia de folga, menina. Tenho que ir à loja por algumas horas, mas voltarei e te ajudo depois disso.

Isso me fez abrir os olhos e olhar diretamente para a minha televisão rachada. Minha linda e bonita televisão. Ok, era hora de me concentrar no que eu precisava fazer. Mas eu ainda não me mexi imediatamente. —Eu deveria começar a trabalhar também. Não posso me dar ao luxo de tirar um dia inteiro de folga, mas obrigada.

Ele bocejou mais uma vez. —Eu pensei que você disse que tinha seguro da casa.

—Eu tenho, mas tenho a sensação de que eles não vão cobrir tudo, e eu não sei quanto tempo vai levar para eles me darem um cheque, — eu expliquei. —Eu não quero acabar ficando endividada pelos próximos dez anos comprando tudo a crédito... — E lá se foi o dinheiro que eu estava guardando para minhas bancadas de granito, eu pensei. Ainda bem, eu acho. Eles não iam a lugar nenhum, e os meus ainda faziam o trabalho deles e continuavam.

Rip soltou outro bocejo.

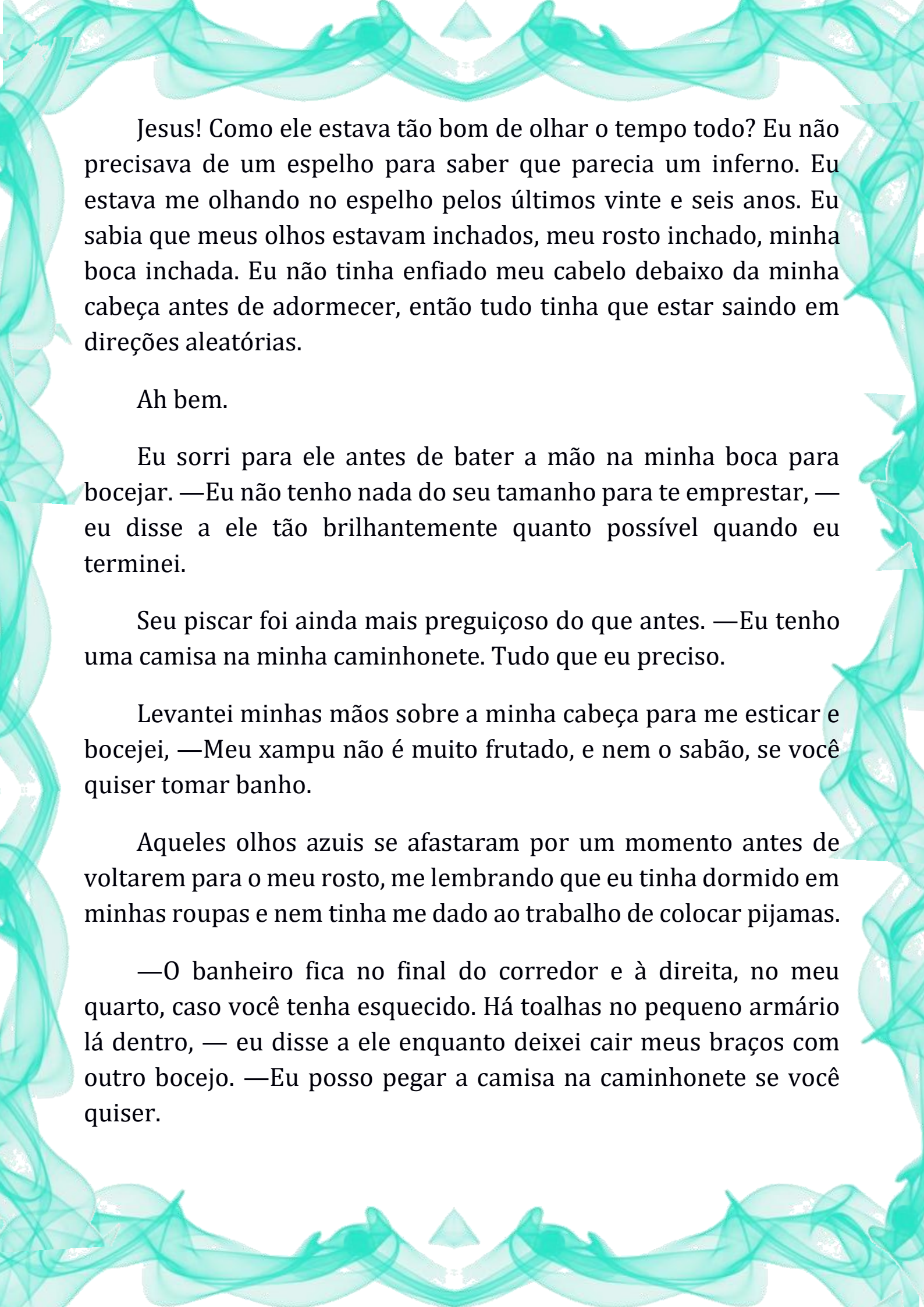
—Além disso, estou atrasada com o trabalho de ontem, e Jason nunca me ligou, então não tenho ideia do que ele fez ou deixou de fazer. Eu posso lidar com o resto dessas coisas — Nunca — depois do trabalho e durante o fim de semana. Eu vou fazer funcionar.

Houve um silêncio, e o músculo debaixo de mim endureceu. A mão no meu ombro deu outro aperto, tão gentil quanto o anterior. E Lucas Ripley moveu a mão de cima do meu braço para roçar minha bochecha... e preendi a respiração enquanto os dedos ásperos ficavam lá. —Tudo bem então, vamos para o trabalho.

De alguma forma, eu consegui provocar um sorriso cansado contra sua coxa — era adorável conhecê-lo, e infelizmente nós nunca nos encontraríamos novamente, a menos que algo assim acontecesse no futuro, mas eu esperava que não fosse o caso — e então eu pressionei contra a almofada debaixo de mim e sentei. Rip estava esparramado o máximo possível em uma posição relaxada sentada no meu sofá, praticamente o mais possível. Eu tinha escolhido porque era confortável, não por ser bonito, e com ele lá... era o sofá mais bonito que eu já vi, para dizer verdade.

Com um braço esparramado no braço da poltrona, sua camisa estava completamente coberta por toda a parte superior do corpo, enrugada e ondulada ao longo de suas costelas largas, com o enchimento do sofá em ruínas preso a diferentes lugares ao longo de seus lados. Sua calça jeans estava apertada em suas coxas... e abriu em um V na virilha, mostrando apenas um pequeno triângulo de material preto por baixo. Aquele rosto bonito e rude tinha — sonolento— escrito por toda parte.

Eu acho que ele pareceu tão melhor. Essa sensação de saudade apenas...

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the text on the page.

Jesus! Como ele estava tão bom de olhar o tempo todo? Eu não precisava de um espelho para saber que parecia um inferno. Eu estava me olhando no espelho pelos últimos vinte e seis anos. Eu sabia que meus olhos estavam inchados, meu rosto inchado, minha boca inchada. Eu não tinha enfiado meu cabelo debaixo da minha cabeça antes de adormecer, então tudo tinha que estar saindo em direções aleatórias.

Ah bem.

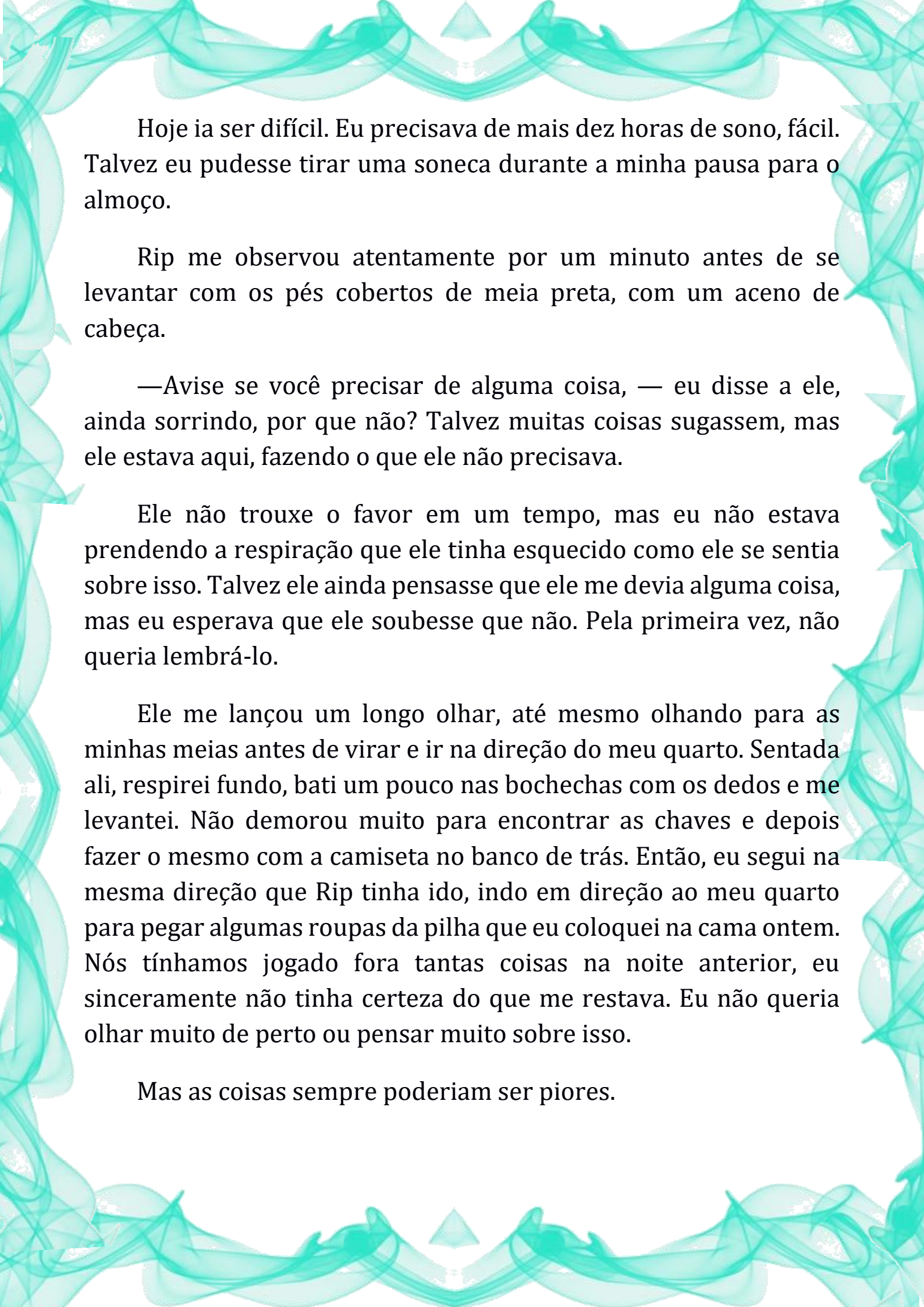
Eu sorri para ele antes de bater a mão na minha boca para bocejar. —Eu não tenho nada do seu tamanho para te emprestar, — eu disse a ele tão brilhantemente quanto possível quando eu terminei.

Seu piscar foi ainda mais preguiçoso do que antes. —Eu tenho uma camisa na minha caminhonete. Tudo que eu preciso.

Levantei minhas mãos sobre a minha cabeça para me esticar e bocejei, —Meu xampu não é muito frutado, e nem o sabão, se você quiser tomar banho.

Aqueles olhos azuis se afastaram por um momento antes de voltarem para o meu rosto, me lembrando que eu tinha dormido em minhas roupas e nem tinha me dado ao trabalho de colocar pijamas.

—O banheiro fica no final do corredor e à direita, no meu quarto, caso você tenha esquecido. Há toalhas no pequeno armário lá dentro, — eu disse a ele enquanto deixei cair meus braços com outro bocejo. —Eu posso pegar a camisa na caminhonete se você quiser.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the entire page. The lines are layered and overlap, creating a sense of movement and depth. They are more concentrated at the top and bottom, with some smaller, sharper peaks pointing inwards.

Hoje ia ser difícil. Eu precisava de mais dez horas de sono, fácil. Talvez eu pudesse tirar uma soneca durante a minha pausa para o almoço.

Rip me observou atentamente por um minuto antes de se levantar com os pés cobertos de meia preta, com um aceno de cabeça.

—Avise se você precisar de alguma coisa, — eu disse a ele, ainda sorrindo, por que não? Talvez muitas coisas sugassem, mas ele estava aqui, fazendo o que ele não precisava.

Ele não trouxe o favor em um tempo, mas eu não estava prendendo a respiração que ele tinha esquecido como ele se sentia sobre isso. Talvez ele ainda pensasse que ele me devia alguma coisa, mas eu esperava que ele soubesse que não. Pela primeira vez, não queria lembrá-lo.

Ele me lançou um longo olhar, até mesmo olhando para as minhas meias antes de virar e ir na direção do meu quarto. Sentada ali, respirei fundo, bati um pouco nas bochechas com os dedos e me levantei. Não demorou muito para encontrar as chaves e depois fazer o mesmo com a camiseta no banco de trás. Então, eu segui na mesma direção que Rip tinha ido, indo em direção ao meu quarto para pegar algumas roupas da pilha que eu coloquei na cama ontem. Nós tínhamos jogado fora tantas coisas na noite anterior, eu sinceramente não tinha certeza do que me restava. Eu não queria olhar muito de perto ou pensar muito sobre isso.

Mas as coisas sempre poderiam ser piores.

Olhei para a porta que ligava ao meu banheiro e imaginei, por apenas um segundo, o homem nu do outro lado. Então suspirei.

* * *

No meu horário de almoço, horas depois, eu subi as escadas para o segundo andar da CCC para encontrar dois dos caras saindo da sala de descanso com expressões engraçadas em seus rostos.

—De novo, — o mais alto dos dois murmurou.

—Eu não iria lá, — o mais baixo disse em um sussurro.

Eu fiz uma careta.

—Eles estão brigando, — o mais alto explicou, ainda sussurrando.

Bem, tinha sido apenas uma questão de tempo.

O outro ergueu as sobrancelhas enquanto eles passavam por mim, desaparecendo pelas escadas, enquanto eu continuava indo em frente. Eu tinha planejado pegar uma das refeições congeladas que eu comprei e deixei no freezer para emergências, já que eu ainda não tinha feito o meu próprio almoço, e Rip não tinha ido para casa, então eu não podia esperar algo mágico aparecer.

Eu nem precisei dar um passo dentro da sala de descanso antes de ouvir a discussão.

— Isso é porra de uma merda.

—Realmente não é.

—Não, é mesmo. Você não tinha o direito de tomar essa decisão sem mim.

—Eu tinha todo o direito de tomar essa decisão sem você. Você não precisou pular a arma...

—Eles precisavam de uma resposta e eu dei a eles uma. Eu tentei te ligar várias vezes, mas você não respondeu.

—Estava ocupado.

Houve uma pausa. —Então eu vi você tirar o dia de folga sem dizer nada.

Ah não. Foi minha culpa?

—Eu chego aqui antes de todo mundo e fico aqui mais tarde do que todos os outros. Se eu precisar tirar o dia de folga, isso não deve ser um problema. — Houve uma pausa e depois: —Eu não sou uma criança e você não é a porra do meu chefe. Você não pode me dizer quando posso tirar uma folga e quando não posso.

O Sr. Cooper não respondeu imediatamente, e eu fiquei lá, bem do lado de fora da porta da sala de descanso, ouvindo e me perguntando se eu deveria interrompê-los ou não. Eles discutindo me deixava louca. Realmente fazia.

— Eu não estou tentando —

—Sim, você estava fodendo tudo.

—Me dê uma folga. Estamos nisso juntos. Eu não quero você se metendo em confusão.

—Você acha que eu estou fazendo algo para entrar em apuros?

—Eu não sei, Ripley. Eu não sei! Você não me conta nada!

—Eu preciso?

—Por que você está tentando...

OK. Tudo certo. Com um suspiro, continuei andando, mas em vez de entrar na sala de descanso, cheguei à porta do escritório e bati antes que pudesse me conter. Eu não sabia o que diabos eu ia fazer exatamente, mas sabia que queria que parassem e dependia de mim, já que o resto dessas galinhas nunca faz nada.

Com certeza, um milésimo de segundo depois de bater, as vozes cortaram completamente.

—Sr. Cooper, é a Luna. Você viu Rip? — Eu gritei, revirando os olhos para mim mesma por ser uma péssima mentirosa.

—Claro, Luna, entre, — o Sr. Cooper chamou depois de um segundo.

Eu me perguntei que caras eles estavam fazendo um para o outro. Ou para mim, por ser inconveniente. Mas eu estava fazendo um favor a ambos. Eles simplesmente não sabiam disso.

Eu não esperei que eles mudassem de ideia, eu girei a maçaneta e espiei minha cabeça para dentro, certificando-me de colocar uma expressão de surpresa no meu rosto quando avistei Rip imediatamente. Ele estava de pé ao lado da porta, aqueles braços

maciços cruzados sobre o peito. Eu dei a ele um sorriso que não era totalmente brilhante — eu estava cansada demais para isso — mas era boa o suficiente para passar.

Eu ainda não havia contado a ninguém no trabalho o que tinha acontecido, e se o Sr. Cooper achava estranho que eu não tivesse vindo ao trabalho ontem, ele não se incomodou em ligar para verificar. Eu percebi então que Rip tinha dito algo sobre mim separadamente, mas não tinha dito onde ele estava por algum motivo. Eu ia dizer a ele, obviamente, mas o dia estava ficando difícil o suficiente. Eu não queria chorar sobre isso de novo tão cedo.

—Eu estava procurando por você para ver se você queria ir para o almoço, — eu disse rapidamente, apontando meu olhar direto para Rip. —Eu te devo por ontem.

Não me surpreendi com olhar confuso que o sr. Cooper enviou a Ripley, depois a mim.

Eu também não me surpreendi com o jeito que o corpo de Rip se apertou com a minha pergunta.

Ele ia dizer não, eu sabia, e eu ia ficar bem com isso. A única razão pela qual eu disse alguma coisa foi para quebrar a discussão.

—Vamos? — Eu perguntei, dando-lhe outro sorriso que era tão grande quanto ele ia conseguir, tentando dizer a ele com meus olhos que era bom ele dizer não.

Mas ele não fez isso.

—Tudo certo. — Ele descruzou os braços e deixou-os cair para os lados. —Mas você não está pagando.

Eu pressionei meus lábios e pisquei. Está bem então. Tudo certo. —Então eu não estaria pagando de volta por me ajudar, eu iria, chefe? — Eu perguntei docemente.

A cabeça do Sr. Cooper se virou de mim para Rip e de volta, e eu me senti mal por deixá-lo no escuro.

Eu contaria a ele assim que tivesse uma chance.

—Você não precisa me pagar de volta por merda nenhuma. — Ele deu um passo à frente. —Eu tenho isso. Vamos lá.

Eu mantive aquele sorriso doce e irritante no meu rosto, observando-o se aproximar de mim. —Mas, na verdade, você deveria me deixar pagar.

—Realmente, eu não deveria, — ele respondeu sarcasticamente, roçando seu ombro contra o meu quando ele passou por mim.

Agora ele estava brincando? OK. Tudo certo.

Inspirando através do meu nariz, eu balancei meu olhar para o Sr. Cooper, não tendo certeza se eu iria fazer a coisa certa ou... não. Mas eu sabia que, se alguém merecia a minha lealdade, era o sr. Cooper. Já era ruim o suficiente eu não ter dito a ele as outras coisas.

—Você gostaria de ir comer com a gente? — Eu perguntei a ele, propositalmente virando as costas para o seu parceiro de negócios, para que eu não visse a sua reação se ele estivesse tendo uma.

Mas é claro que ele estava.

A pergunta deve ter surpreendido o Sr. Cooper porque ele ficou lá por um momento. Eu não me surpreendi com jeito que ele deslizou seu olhar para Rip por talvez um segundo antes de voltar para mim. Ele colocou um sorriso que não era totalmente falso quando disse: —Obrigado, Luna, mas eu já almocei.

Ele queria ir embora?

Quando fomos comer no primeiro dia de Ashton, os dois se deram bem. Parte de mim pensava que eles estavam em seus melhores comportamentos na frente do novo cara. Eles não conversaram diretamente um com o outro nem fizeram contato visual, mas tudo correu bem. Eu os assisti como um falcão o tempo todo, esperando que algo acontecesse, mas nada aconteceu.

Nada tinha então.

—Próxima vez então? — Eu perguntei, dando-lhe um sorriso que parecia mais honesto do que o resto deles antes. Eu realmente precisava contar a ele a verdade.

O Sr. Cooper assentiu, sua expressão muito estranha, mas... tudo bem. Brilhante, mas tudo bem.

Eu olhei de volta para Rip, finalmente, mantendo essa expressão no meu rosto para que ele não pensasse que eu estava tentando puxar rápido para ele, mesmo que eu estivesse. —Pronto?

Seus olhos saltaram sobre os meus, algo neles que eu não estava familiarizado, mas ele assentiu eventualmente.

Com um aceno para o Sr. Cooper, saí pela porta e desci as escadas, Rip seguindo atrás de mim. Nós chegamos ao fundo antes

de perceber que eu não estava pronta para ir, e olhei por cima do meu ombro para encontrá-lo literalmente a 30 centímetros de distância. —Dê-me um segundo para pegar minha bolsa, ok?

Aqueles olhos azul-esverdeados deslizaram em minha direção. —Você não precisa de dinheiro.

Eu abri minha boca, mas ele me cortou.

—Você não precisa de dinheiro. Vamos, — ele insistiu.

Eu abri minha boca novamente, mas ele fez a mesma coisa, dando aquela expressão exasperada.

—Você pode me pagar de outra maneira, tudo bem?

—Eu não convidei você para que você pudesse acabar pagando pela comida.

Ele olhou para mim.

—Você já fez o suficiente. Eu não quero tirar vantagem de você, — eu disse a ele pelo que parecia ser a centésima vez ultimamente, sabendo que ele entenderia isso.

Aqueles olhos se concentraram em mim, e eu os assisti ir aos meus ouvidos. Eu coloquei o primeiro conjunto que encontrei na ruína do meu quarto: ursos de pelúcia dourados. —Eu vou te dizer se eu sentir que você está se aproveitando de mim. Mas vamos, estou com fome. Esses kolaches esta manhã passaram direto por mim.

Oh cara. Ele não ia deixar isso passar. —Bem. Mas eu vou te pagar pela minha comida, pelo menos. — Eu apertei um olho. —De alguma forma.

Ele não concordou, mas ele me deu outro olhar antes de balançar a cabeça. —Vamos.

Eu ia almoçar com Ripley.

Eu estava dizendo a mim mesma que não era excitação ou louca alta antecipação passando por mim. Apenas dois colegas saindo para comer em público. Nada demais. Não foi nem a primeira vez que fizemos isso.

Eu conduzi o caminho para fora das portas, percebendo que ninguém sequer olhou para Rip e para mim enquanto saíamos. Nós mal tínhamos saído pela porta quando ele me alcançou e nós caminhamos lado a lado em direção à sua caminhonete. Ele insistiu em nos levar para o trabalho naquela manhã, até mesmo empurrando minhas chaves no bolso para que eu não conseguisse nenhuma forma de ir. Eu juro que não sabia mais quem era esse homem. Nenhum de nós disse nada quando bipou as fechaduras e abriu a porta do lado do passageiro, e então deu a volta para fazer o mesmo do lado do motorista. Ele deslizou enquanto eu me prendia. Em pouco tempo, estávamos na estrada.

Para sair para comer juntos.

—O que você quer comer, chefe?

—Não me chame assim quando não estamos no trabalho, — disse ele, sua voz fácil, não significando ou nada parecido. Apenas... ele me dizendo para não chamar.

Por algum motivo.

Eu fiz uma careta. —Ok... como posso chama-lo quando não estamos no trabalho?

Seu grunhido foi sua resposta a isso, mas ele não olhou para mim quando perguntou: —O que você acha sobre churrasco?

—Eu acho que eu posso comer meio quilo de peito, — eu disse a ele como eu realmente pensava sobre o que mais eu poderia chamá-lo em vez disso, que seria traquina, mas não muito irritante.

Sua bochecha se contraiu, e eu levei isso como um sorriso. — Você ouviu alguma coisa do seu seguro?

Ah —Sim, eu falei com eles antes. Eles estão enviando um avaliador, e eu tenho que enviar alguns documentos para eles, então eu aposto que terei metade quando receber um cheque.

Seus dedos se esticaram novamente no volante e sua cabeça ficou tensa para o lado.

—Está bem. Eu vou fazer funcionar. Você consertou minha porta o suficiente para eu ficar bem, e não é como se as pessoas que entraram voltassem. Eles já levaram todas as coisas boas, — eu tentei brincar, mas na verdade, soou como qualquer coisa menos brincadeira.

Tudo estava bem. As coisas eram apenas... coisas. Elas não eram tudo. Eu poderia viver sem elas. Eu sobrevivi com menos antes. Mas...

—Luna...

—Estou bem. Eu sei que é estúpido estar preocupado que eles voltem, ou a mesma coisa voltar a acontecer.

—Não é estúpido.

Era e nós dois sabíamos disso.

—Você não se sente segura. Nada estúpido sobre isso, — Rip tentou me dizer naquela voz que eu não tinha defesa. —Pensou em conseguir um alarme?

—Eu pensei sobre isso, — eu disse a ele. —Mas a empresa que veio ver a minha casa uma vez pediu mais do que eu podia pagar. Eles pediam trezentos dólares para o equipamento. Esse é o custo do azulejo que eu quero para parede da cozinha.

Seus dedos flexionaram no volante e ele bateu neles. —Eu conheço alguém. Deixe-me ligar para ele e ver o que ele diz.

Eu não pude deixar de olhá-lo. —Você não tem que fazer isso, Rip. — Porque ele não precisava.

—Eu aviso para você depois que eu falar com ele.

Claro que ele ia me ignorar.

Bem, eu não poderia fazer nada sobre isso se ele fosse insistir. Ele teria que entender se eu não podia pagar. Os policiais haviam dito que houve alguns arrombamentos ao redor da área.

Então, deveria ser... normal. Conseguir a sua casa quebrada não era algo inédito. Mesmo se eu não tivesse ouvido uma única coisa de nenhum dos meus vizinhos sobre arrombamentos.

—Obrigada por oferecer, — eu disse a ele. —Você —

Aquele rosto bonito virou-se para mim e ele revirou os olhos, balançando a cabeça. — Pare de me agradecer por tudo.

Eu me certifiquei que ele me observasse revirar os olhos de volta para ele. — Ok, mas obrigada de qualquer maneira.

Ele balançou a cabeça novamente, voltando-se para o lado de fora do para-brisa. — Você não precisa me agradecer.

— Você não precisa fazer todas as coisas que você fez para mim também, mas...

— Pare, — ele grunhiu.

Eu teria cruzado meus olhos se ele estivesse olhando para mim. — Eu agradeço, ok? Você está sendo muito legal e não precisa. Eu só quero que você saiba que eu sou grata, então aceite.

Acontece que chegamos a um sinal de parada quando ele olhou para mim com aqueles olhos azul-esverdeados e disse, não suavemente, mas não rudemente, apenas... diferente, — Eu quero, tudo bem?

Tão rapidamente quanto abri a boca, fechei.

Ele queria?

Lucas Ripley queria ser legal comigo?

Meu primeiro pensamento foi: por quê?

Meu segundo foi: quem era eu para dizer a ele não? Não, senhor, por favor, seja um idiota e não se importe comigo. Eu não era tão burra assim.

* * *

Eu tinha acabado de dobrar as roupas que tirei da secadora, quando houve uma batida na porta da frente.

Olhei para o meu telefone e percebi que não havia perdido nenhuma ligação ou mensagem. Ninguém que eu conhecia estava chegando; caso contrário, eles teriam enviado mensagens. Peguei minha maior faca de cozinha porque, felizmente, elas haviam sobrevivido ao arrombamento e me dirigi para a porta da frente.

Mas quando cheguei ao olho mágico, dei um passo atrás depois.

Então dei mais um passo à frente para olhar novamente. A pessoa ainda era a mesma, e o rosto do outro lado também não tinha se transformado.

Eu não conseguia nem pensar quando abri a fechadura e abri a porta, encontrando uma mochila sentada na minha varanda e um homem alto com ombros largos e um peito largo parado ali.

Ele nem sequer me deu a chance de dizer uma palavra. —Você vai me deixar entrar?

Bem. —Não, — eu disse a ele com um sorriso, mesmo quando eu me movi para o lado para deixá-lo entrar.

Ele nem tentou se esgueirar também; todo o seu lado roçou minha frente quando ele fez.

—Você já jantou? — Ele perguntou quando eu estava fechando e trancando a porta.

—Sim, você já?

Quer dizer, ele me deixou há duas horas. Nós dois trabalhamos até tarde, e ele se ofereceu para me levar para casa quando eu estivesse pronta. Ele era o único que havia chegado ao meu estande antes das sete, perguntando se eu estava pronta para ir, e eu estava. Ou pelo menos eu estava bem perto disso.

—Não, — respondeu o homem, largando a mochila no pé da escada.

Meus olhos focaram na bolsa, juntando o que ele estava fazendo em minha casa às nove da noite com isso.

Ele ia passar a noite.

—Quer que eu te peça alguma coisa? Eu pedi um lanche, mas comi tudo, desculpe, — eu me desculpei, ainda olhando para aquela bolsa azul-marinho que tinha algumas milhas sobre ela.

—Não, — ele respondeu, inclinando-se para descompactá-lo e retirar o mesmo tipo de recipiente que ele me trouxe para o almoço. Mas então ele puxou mais três iguais, empilhando-os cuidadosamente em sua mão enquanto se endireitava. —Eu trouxe comida. Vou colocar o resto na sua geladeira, tudo bem?

—Ok, — eu basicamente resmunguei.

Aqueles olhos captaram os meus por um segundo antes que ele desaparecesse pelo corredor que levava à cozinha.

Assim como Lenny fez quando ela veio. Ou quando o Sr. Cooper ou Lydia se aproximaram. Ou quando minhas irmãs estavam aqui.

Como se fosse normal.

E ele me trouxe comida. Novamente.

Cara, eu poderia me apaixonar por esse homem se eu me permitisse. Eu realmente, realmente poderia. Mas apenas manequins se apaixonaram por seus chefes — chefes que não tinham namoradas ou relacionamentos.

Não adiantava sonhar com coisas que eu não poderia ter. Não adiantava pensar que eu poderia me apaixonar por ele, embora uma pequena parte de mim sussurrou que eu já estava. Isso era uma certeza. Foi com esse pensamento que eu gritei pelo corredor: — Rip! Vou tomar banho, mas sinta-se em casa!

—Okay, — ele gritou tão alto, fazendo o que quer que ele estava fazendo na cozinha. Comendo?

Eu parei onde eu estava. —Quer companhia enquanto você come? — Eu gritei.

—Estou bem, — ele respondeu.

OK.

Fui para o meu quarto, pegando as roupas que tinha organizado enquanto esperava o meu jantar, e tirei um pijama curto e top com um coração rosa que a Lily me comprara.

Não demorou muito para tomar banho e me vestir como fiz o meu melhor para ignorar o quanto estava cansada. Eu tinha

dormido talvez cinco horas nos últimos três dias e estava sentindo isso. Honestamente, tudo que eu queria fazer era cair de cara na minha cama. Eu estava com muito sono para me importar com a pequena possibilidade de alguém decidir voltar.

E... Rip estava aqui.

Eu até escovei os dentes e hidratei meu rosto, dando um suspiro aos círculos sob meus olhos. Eu realmente precisava dormir um pouco. E usar uma daquelas máscaras de gel não faria mal algum. Pelo menos o estresse não me fez começar a sair.

Suspirando de novo, abri a porta do banheiro e parei.

Eu parei ali e peguei o homem sentado na beira da minha cama.

O homem sentado na minha cama, tirando as meias, me dando uma bela visão das solas cor-de-rosa.

O homem que olhou para o segundo que eu abri a porta e me deu um sorriso que estava quase tão cansado quanto o meu.

—Se você ficar com fome no meio da noite, eu deixei comida na sua geladeira, — ele me disse baixinho, dobrando as meias e soltando-as em cima de suas botas de trabalho. —Você precisa ir até o mercado. Não há nada.

—Eu sei, mas obrigada, — eu disse a ele, parado ali. —Vou arrumar tempo para ir neste fim de semana. — Eu parei. —Você cozinhou tudo sozinho?

Seus olhos nunca deixaram os meus quando ele respondeu: — Sim.

Eu me perguntei se a mãe dele havia ensinado a ele como, ou se ele teve que aprender depois que ela se foi.

—Você quer tomar banho? — Eu perguntei, escolhendo isso para me concentrar.

Ele balançou sua cabeça. —Eu tomei antes de vir.

Bem.

—Eu não posso fazer isso outra noite em seu sofá, — ele me deixou saber, ainda falando naquela calma e tranquila voz que eu não sabia o que fazer com ela.

Oh.

Eu pensei sobre isso. —A cama de Lily é pequena demais, é apenas um sofá-cama e minhas outras irmãs levaram as delas.

Oh.

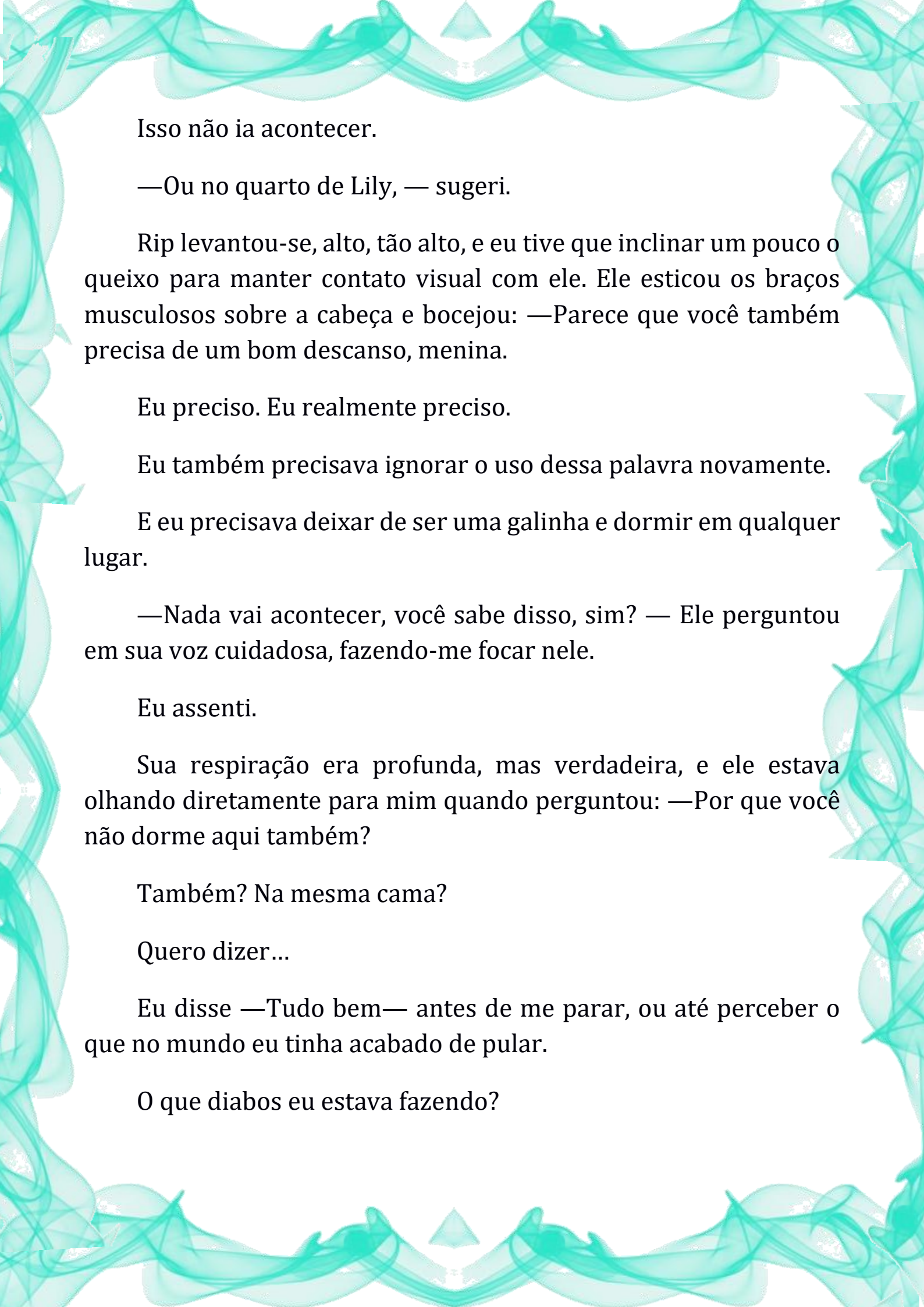
Oh.

Eu não precisava olhar para a minha cama para saber que, embora não fosse um colchão king-size, era uma queen. E a maior da casa.

—Você pode dormir na minha cama. Há algumas marcas no colchão, mas eu as cobri com os lençóis. Ainda vai ser melhor do que ontem à noite, — eu ofereci, dando-lhe um sorriso. —Eu vou dormir no sofá.

...por mim mesmo.

Mais perto das portas dianteiras e traseiras.



Isso não ia acontecer.

—Ou no quarto de Lily, — sugeri.

Rip levantou-se, alto, tão alto, e eu tive que inclinar um pouco o queixo para manter contato visual com ele. Ele esticou os braços musculosos sobre a cabeça e bocejou: —Parece que você também precisa de um bom descanso, menina.

Eu preciso. Eu realmente preciso.

Eu também precisava ignorar o uso dessa palavra novamente.

E eu precisava deixar de ser uma galinha e dormir em qualquer lugar.

—Nada vai acontecer, você sabe disso, sim? — Ele perguntou em sua voz cuidadosa, fazendo-me focar nele.

Eu assenti.

Sua respiração era profunda, mas verdadeira, e ele estava olhando diretamente para mim quando perguntou: —Por que você não dorme aqui também?

Também? Na mesma cama?

Quero dizer...

Eu disse —Tudo bem— antes de me parar, ou até perceber o que no mundo eu tinha acabado de pular.

O que diabos eu estava fazendo?

Antes que eu pudesse me parar, Rip disse: —Vamos para a cama então.

Bem desse jeito.

Bem. Inferno.

Eu estava tão nervosa que segurei a respiração quando fui até a parede e apaguei as luzes, cegamente fazendo o meu caminho em direção à lâmpada que sobreviveu a esses idiotas entrando em minha casa. A lâmpada iluminou o quarto apenas o suficiente, mostrando-me que Rip estava do outro lado do colchão — o lado em que eu não dormi , — já puxando a coberta branca para trás como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Eu desejei.

Ou pelo menos eu faria se estivesse pedindo por um ataque cardíaco.

—Isso é uma boa ideia? — Eu não pude deixar de perguntar. Dormir na mesma cama com o meu chefe parecia que não deveria acontecer. Pelo menos para mim. Pelo menos não quando aquele chefe era Rip.

—Por que não seria? — Ele perguntou de volta antes de escorregar sob os lençóis que eu havia colocado antes.

Hã.

Se ele pensasse que não havia nada que tornasse isso uma má ideia...

Eu poderia ignorar que isso era algo novo. Que meu coração bateu um pouco mais rápido com a ideia de dormir ao lado dele. Não havia razão para que isso não fosse estritamente platônico.

Eu puxei as cobertas para trás e entrei também. Sacudindo a lâmpada, eu me aconcheguei nas cobertas e senti o colchão ao meu lado se movendo, dizendo que Rip também estava se ajustando.

Eu rolei para o meu lado para encarar onde ele estava e deslizei minhas mãos sob a minha bochecha.

—Luna?

Fechei meus olhos sem sequer tentar. —Hmm?

—Você está bem?

—Uh-huh, e você?

—Sim.

Eu bocejei. —Obrigado por ter vindo. Me dê uma cutucada se eu estiver me mexendo demais, ok?

Meus olhos se abriram no segundo em que o ouvi rir.

Eu estava tão cansado, mas ainda ri.

Eu tinha certeza que ele disse outra coisa, mas eu tinha zero de energia, eu não conseguia nem pensar em Rip estar na mesma cama que eu, ou eu dizendo para ele me dar uma cutucada. Eu adormeci instantaneamente.

E eu tinha certeza que meus sonhos começaram instantaneamente também.

Talvez tenha sido o estresse de ser assaltada. Talvez fosse a minha preocupação e raiva sobre Thea... Talvez fosse a fúria que falar com o meu pai que me alimentou. Ou minha decepção com Kyra agora também...

Mas eu caí em um sonho que estrelou meu pai. Novamente.

Alguma parte de mim sabia que não era real, sabia que não estava realmente acontecendo, mas apesar de tudo isso, meu pânico parecia real. Muito real quando começou com Kyra dizendo que ela estava com fome, enquanto todas nós nos sentamos no meu quarto enquanto trabalhamos em nossa lição de casa. Eu fiz o meu caminho para a cozinha da parte de trás da casa, pegando duas caixas de macarrão e queijo do buraco secreto que eu cortei no fundo falso no meu armário. Eu podia ouvir meu pai e a mãe das meninas discutindo da sala de estar, e tentei me apressar — tentando alguma forma de fazer a água ferver mais rápido para que eu pudesse voltar para a sala — mas isso não aconteceu.

Algo quebrou na sala de estar, e pensei em me apressar.

Mas eu não tinha sido rápida o suficiente. Eu estava lá quando ouvi: —Que porra você está fazendo?

Eu fiquei tensa. Estremeci. Queria vomitar.

Eu não sei com o que eu respondi, mas eu estava ciente do que iria acontecer antes disso. Eu tentei acordar. Tentei me forçar a acordar antes... antes..., mas não o fiz, e o metal estava tão frio como sempre quando bateu na base do meu pescoço primeiro e...

Eu acordei com um suspiro no meu quarto escuro. Acordei de costas com todo o meu corpo amarrado. Acordei com arrepios nos

meus braços e minhas mãos instantaneamente indo para o meu rosto para esfregar.

Foi apenas um Sonho.

Eu sabia que era. Eu estava bem. Eu estava segura.

Algo pesado caiu no meu estômago um momento antes que a voz de Rip me puxasse ainda mais para o presente com um áspero —Luna?

Porcaria.

—Eu estou bem, — eu sussurrei, ouvindo a mentira em como minha voz vacilou.

O colchão se moveu como eu imaginei que ele rolou. — Pesadelo?

Ainda estava tão escuro, não devíamos ter dormido muito tempo, mas ainda me sentia culpada por acordá-lo. Já era ruim quando era só eu. —Sim. — Eu respirei pelo nariz e esfreguei meu rosto novamente, meus dedos tremendo um pouco, mas mais do que suficiente. —Estou bem. Sinto muito por te acordar.

A respiração quente no meu braço me disse que ele estava de frente para mim. —O que aconteceu? , — ele perguntou inesperadamente.

Eu preendi a respiração, pensando nos detalhes. Apenas mantive o arrepio no meu braço por mais tempo.

—Você não é a única que sabe como guardar segredos, — sua voz retumbou.

Eu congelei, olhando cegamente para a escuridão. Eu nunca havia contado a ninguém sobre o que aconteceu no dia anterior à minha partida. Nem mesmo Lenny. Não o Sr. Cooper. Ninguém.

Eu não estava no meio de fazer macarrão para as garotas como no meu sonho, mas...

—Luna, — ele disse meu nome com cuidado.

Eu respirei e estendi a mão para esfregar na minha nuca, tocando o local que nunca tinha sentido o mesmo depois daquele dia.

—Baby, você gritou, — uma suave voz doce murmurou um momento antes que eu soubesse que seus dedos alcançaram o meu braço, deslizando para baixo até que a mão dele tomou a minha e engoliu tudo. —Diga-me o que aconteceu. Não é real. Você sabe que não é.

Eu respirei pelo nariz, minha nuca coçando novamente. —Foi real, Rip, — eu disse, sentindo-o apertar meus dedos trêmulos.

—Alguém fez alguma coisa?

Eu tentei esfregar meus dedos sobre os ásperos.

—Alguém te machucou? , — o homem ao meu lado se repetiu.

Todos os dias há anos. Machucar não precisava ser físico, mas eu não disse isso a ele. Ele podia guardar segredos, ele disse, e eu acreditei nele. E talvez eu não devesse dizer a ele, talvez eu não devesse dizer as palavras em voz alta e torná-las mais reais do que elas já estavam vivendo na minha cabeça, mas...

Mas eu tive que tentar.

Não é isso que eu tentei fazer com Lily e Kyra por anos? Tente convencê-las a falar sobre as coisas para que elas não as engarrafem e explodam sobre pressões posteriores?

Eu era tão hipócrita às vezes.

—Eu tive um sonho com meu pai... — Inferno. Como eu poderia explicar isso? —Ele sempre foi um idiota. Sempre, sabe? Quando ele estava bêbado, louco ou porque eu estava respirando muito alto, se a TV estava ligada ou se algo deu errado e por acaso eu estava por perto...

Os dedos cobrindo os meus moveram-se para nos unir. Sua palma quente, muito mais quente que a minha, parecia que me dava força. Ou garantia. Ou alguma coisa. Algo muito bom e necessário. E não meu em tudo.

Mas continuei indo. —Ele me pegou roubando dinheiro dele. Minha irmãzinha Kyra estava com febre e, quando pedi dinheiro à mãe dela, ela disse para eu ir me foder. Eu disse a ele que estava apenas pagando pelo médico, mas ele não quis ouvir. Ele pensou que eu estava tentando roubar seu produto ou algo assim, eu nem sei... mas ele ficou tão bravo, muito mais furioso do que nunca... e ele disse todos os tipos de coisas, e quando eu tentei sair da sala, ele me agarrou pelos cabelos e ele... ele...

O ponto fraco na minha nuca coçava, mas eu não estava prestes a soltar a mão de Rip para mexer nela. Eu não estava. Eu não estava.

—Ele colocou uma arma na minha cabeça e me disse que se eu fizesse isso de novo, ele iria me matar, — eu sussurrei, incapaz de

segurar o tremor... e tentando pegar a fatia de raiva do que aquele homem tinha me feito passar, do que ele tinha feito para mim. — Às vezes, tenho sonhos sobre isso, mas é muito raro. Mas a parte de trás da minha cabeça começa a coçar, e eu sinto que estou lá novamente...

O silêncio entre nós se estendia para longe, e se não fosse por como os dedos dele tinham puxado os meus quando eu disse a última parte, eu teria pensado que talvez ele tivesse adormecido.

Mas imaginei que ele simplesmente não sabia o que dizer e eu não podia culpá-lo. Eu não saberia o que dizer se nossos papéis fossem invertidos também.

Eu nem tinha certeza se poderia contar a ele.

—Fui à casa da minha avó naquele dia, sabe. Eu disse a ela o que aconteceu, e ela me disse para ir. Não foi a primeira vez que ela mencionou isso. Ela disse que eu nunca estaria segura lá, e eu a fiz prometer que cuidaria das minhas irmãs o máximo que pudesse, e ela disse que sim. E eu disse a ela... Eu disse a ela que eu me certificaria de que ela ficaria com as minhas irmãs... — Eu apertei sua mão. —Eu não poderia ficar lá depois disso, Rip. Eu não pude.

—Liguei para os policiais no dia seguinte enquanto as meninas estavam na escola — enquanto eu deveria estar na escola também — e disse a eles que havia drogas em minha casa. Eu disse a eles onde encontrá-las e como havia crianças morando lá. E eles foram... eles foram e prenderam meu pai e a mãe delas. Ele gritou comigo que ele ia me matar... e eu descobri mais tarde no jornal que eles acabaram prendendo seu irmão também. Eu sabia desde o momento em que era pequena o que meu pai fazia. Como os policiais estavam

sempre no caso dele, de acordo com ele. Eles disseram-me mil vezes que era melhor manter a minha boca fechada, ou então.

O que eu não compartilhei foi como eu tinha avisado minhas irmãs que eu estava saindo. Sobre elas irem morar com a avó por um tempo. Como as coisas iam ser muito melhores. Como eu disse a elas que lamentava que não pudessem vir comigo, mas eu tinha apenas dezessete anos.

Ela nunca se ofereceu para me deixar viver com ela por qualquer motivo que tivesse, mas ela se ofereceu para elas.

Então eu fiz isso.

—Isso era o que eu não queria te dizer. Como eu o delatei. Quando ele foi preso por três anos por minha causa. Porque não me sinto mal pelo que fiz. Nem um pouco. Eu gostaria que ele tivesse ficado preso por mais tempo. É por isso que fui buscar minhas irmãs. Porque minha avó ligou quando descobriu que ele estava saindo, e ela sabia que elas não estariam seguras com ela, não com ele tão perto. E assim, nós organizamos tudo e eu fui buscá-las...

Eu respirei novamente, deixando a raiva me alimentar, deixando-me lembrar o que eu fiz e nunca iria olhar para trás. — Tudo bem se você acha que eu sou desleal ou uma merda por deletar meu próprio pai, você sabe.

Seus dedos empurraram enquanto se emaranhavam os meus novamente, e eu não tinha preparação para como ele respondeu. Pela força em seu tom, pela segurança. —Eu nunca pensaria isso sobre você, — ele disse naquela voz incrivelmente rouca, cheia de... alguma coisa. Algo que eu não tinha certeza. —Você fez a coisa certa.

Você fez a única coisa que você poderia ter feito. Não há nada que você tenha que se sentir mal. Você está me escutando?

Eu o ouvi? Ele estava falando sério? Eu não pude evitar o quão pequena minha voz soou, quão pequena eu estava me sentindo. — Você ainda quer ser meu amigo então?

—Cristo, — ele sussurrou antes de fazer um barulho sufocante. —Pelo amor de Deus, Luna.

Eu não tive a chance de pensar em suas palavras antes que a mão segurasse a minha, e a próxima coisa que eu soube, uma mão entre minha caixa torácica e a cama e outra foi para o meu quadril, e ele me puxou em direção a ele. Para ele.

Lucas Ripley me puxou até o meio do corpo, ou pelo menos foi assim quando o bíceps dele se enroscou no meu travesseiro e no quadril e na coxa, uma parte do meu colchão.

—Você me mata, garota, — ele murmurou com a voz mais áspera que eu já ouvi. —Eu juro por Deus, você é um fodido quebracabeça que eu pensei que estava na caixa, mas todo maldito dia eu encontro uma ou duas peças escondidas por todo o lugar.

Eu não tinha ideia do que ele queria dizer com isso. Talvez Rip estivesse ciente disso porque eu não esperava que ele rolasse para o lado dele só um pouquinho, apenas o suficiente para que ele pudesse olhar para mim com aquele rosto que eu não pude deixar de olhar em cada chance que eu tivesse. Os ângulos eram pesados e a sala estava tão escura que dificultava ver pouco mais.

Mas eu vi o suficiente. Me senti o suficiente.

Era realmente tarde demais para pensar que eu poderia amá-lo se ele me desse a chance, pensei, antes de afastar essa ideia o máximo possível. Eu não fui imprudente o suficiente para mexer com esse pensamento embora. Eu não seria.

Minha visão era apenas boa o suficiente para vê-lo quando ele se apoiou.

—O que é isso? — Eu perguntei, ouvindo os nervos na minha voz.

Ele não respondeu embora. Rip apenas apareceu lá, em um quadril e um cotovelo, olhando e olhando e procurando por tanto tempo, eu tive que lamber meus lábios. Por tanto tempo eu me perguntei se ele achava que havia algo errado comigo. Até que de repente, ele abaixou o rosto — e prendi a respiração — e ele fez a última coisa que eu esperava.

Rip passou seus lábios secos e quentes sobre os meus. Sobre o canto da minha boca. Sobre o comprimento dos meus lábios. Apenas o beijo mais rápido, mais leve e mais suave da minha vida.

E tão rapidamente quanto aconteceu, acabou. Ele rolou de volta para as costas, me deixando...

Bem desse jeito.

Rip me beijou. Eu.

Foi... foi para o conforto? Os amigos faziam isso? Se beijam às vezes para fazer a outra pessoa se sentir melhor?

Sim. Sim, eles disseram, eu disse a mim mesma quando o ouvi expirar. Isso é o que eu ia continuar dizendo a mim mesma. Ele não

tinha escorregado qualquer língua, isso não teria sido amigável. E você não teria dito não, meu cérebro tentou sussurrar, mas eu ignorei, por agora e para sempre, agarrei-me à única coisa pendurada em minha cabeça que fazia algum sentido. Minha única preocupação genuína naquele momento que não tinha nada a ver com esse homem talvez — sim — talvez — não me beijando. —Você ainda quer ser meu amigo? — Eu perguntei a ele.

Eu juro pela minha vida que ele só se aproximou de mim, e eu não ia pensar demais nisso. Eu definitivamente não iria pensar sobre o que acabara de acontecer também. —Luna, se você soubesse as coisas que eu fiz...

—Eu ainda gostaria de ser sua amiga, — eu disse a ele, respirando pelo nariz que o perfume irlandês Spring estava em cima dele. Lambi meus lábios novamente e disse a mim mesma que estava apenas imaginando que eles tinham um gosto diferente. —A menos que você tenha... machucado uma criança, um animal ou uma mulher.

Eu podia ouvir a respiração que ele tomou, sentir a tensão do seu bíceps debaixo do meu braço.

Eu estava deitada no braço de Rip. Eu estava deitada no braço de Rip. Depois que seus lábios encontraram os meus.

Ele estava me consolando, eu disse a mim mesma. Isso é tudo.

—Não, eu nunca fiz nada disso, mas outros homens... — Ele parou, ainda falando com aquela voz áspera. —Você não tem uma única ideia da merda que eu fiz, e eu não quero te contar. — Eu podia sentir o fôlego que ele tomou, porque fez o tórax que eu conhecia

pelo toque que estava diretamente na frente do meu rosto expandir, expandir e expandir.

Lá. Ele estava me contando um pouco. Só um pouco. —Tudo bem, você não tem que me dizer.

—Eu não quero, mas você deveria saber, você deveria saber de quem você quer ser amiga.

—Diga-me mais tarde, — eu disse a ele suavemente, tomando outro grande gole do cheiro masculino limpo. Mas eu pensei. Eu pensei sobre as palavras dele. Eu pensei sobre todas as diferentes histórias que eu tinha inventado ao longo dos anos.

—Mas posso te perguntar uma coisa? Uma coisa que não muda nada, independentemente do que você disser? Porque eu juro que não importa, mas eu pensei muito sobre isso e eu só... eu só quero saber. Nós não temos mais que falar sobre isso depois. E você pode contar isso como meu favor. Nós vamos colocá-lo em nossa caixa de segredos.

Eu não queria pensar que o seu —hmm— parecia preocupado, mas eu pensei que sim.

Apertei a mão dele novamente, deixando meus dedos se demorarem sobre os dois dedos que eu sabia que tinham um M e um C neles. —Você esteve em uma gangue antes?

O braço embaixo da minha cabeça ficou duro de novo, e levou segundos para relaxar. Segundos que pareciam minutos, enquanto seu corpo finalmente perdia a defensiva. E eu não poderia dizer que fiquei totalmente surpresa quando ele disse: —Sim, baby. Você pode crer nisso.

Bem. Eu não pude dizer que fiquei surpresa. Eu não estava, nem um pouquinho, mas a resposta dele fez cócegas naquela parte de mim que tinha uma dúzia de perguntas diferentes. Eu só ia escolher uma. —Posso te perguntar mais uma coisa?

Seu —sim— foi um estrondo.

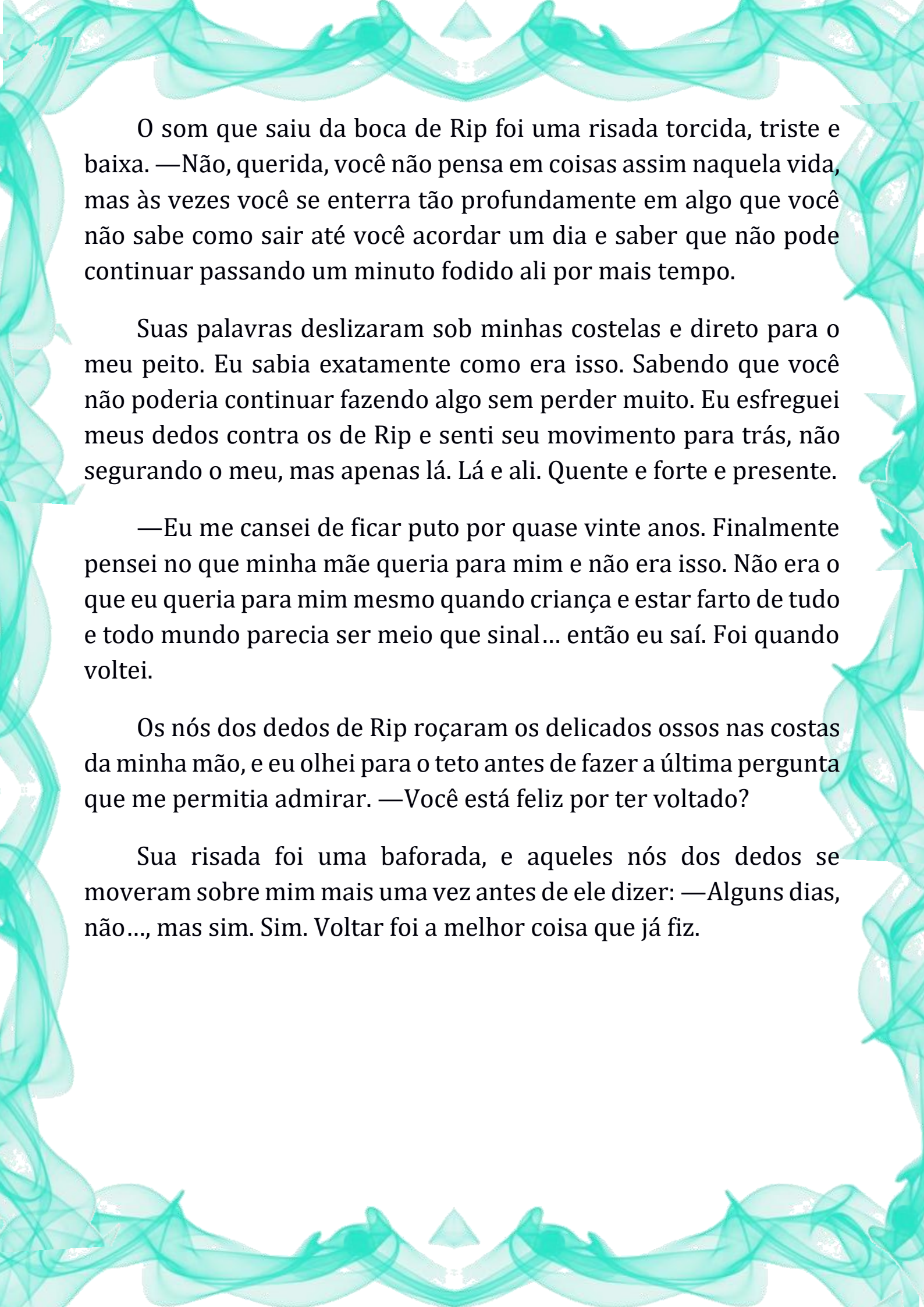
—Por que você fez isso?

Se a pergunta o surpreendeu, eu nunca saberia com certeza. O que eu estava ciente era o jeito que ele suspirou e como eu senti isso antes que ele respondesse: —Eu estava bravo depois que minha mãe morreu. Realmente louco. Eu não saí para me juntar... Eu fui criado aqui; eu acho que nunca te disse isso. Alguns meses depois que minha mãe morreu, eu fiz as malas e fui embora. Mudei muito por um tempo. Eu passava alguns dias aqui e ali, no Novo México, Colorado, Califórnia, por cerca de um ano, depois voltei. Eu não tenho muita família, mas naquela época eu tinha um tio em San Antônio...

Alguma parte de mim se assustou com a menção da cidade em que eu cresci, mas eu não dei um pio.

—Ele estava nessa vida. Irmão da minha mãe. Eu estava louco como o inferno pela vida, e eles me levavam. Era como ter uma nova família, família estava fodida e todo mundo tinha perdido a cabeça, — ele continuou explicando em uma voz firme. —Passei dezoito anos lá.

Enrolei os dedos dos pés embaixo dos cobertores, pensando no que ele acabara de dizer. —Você estava feliz?

A decorative border made of translucent, wavy teal lines frames the text on the page.

O som que saiu da boca de Rip foi uma risada torcida, triste e baixa. —Não, querida, você não pensa em coisas assim naquela vida, mas às vezes você se enterra tão profundamente em algo que você não sabe como sair até você acordar um dia e saber que não pode continuar passando um minuto fodido ali por mais tempo.

Suas palavras deslizaram sob minhas costelas e direto para o meu peito. Eu sabia exatamente como era isso. Sabendo que você não poderia continuar fazendo algo sem perder muito. Eu esfreguei meus dedos contra os de Rip e senti seu movimento para trás, não segurando o meu, mas apenas lá. Lá e ali. Quente e forte e presente.

—Eu me cansei de ficar puto por quase vinte anos. Finalmente pensei no que minha mãe queria para mim e não era isso. Não era o que eu queria para mim mesmo quando criança e estar farto de tudo e todo mundo parecia ser meio que sinal... então eu saí. Foi quando voltei.

Os nós dos dedos de Rip roçaram os delicados ossos nas costas da minha mão, e eu olhei para o teto antes de fazer a última pergunta que me permitia admirar. —Você está feliz por ter voltado?

Sua risada foi uma baforada, e aqueles nós dos dedos se moveram sobre mim mais uma vez antes de ele dizer: —Alguns dias, não..., mas sim. Sim. Voltar foi a melhor coisa que já fiz.

Capítulo 23

Se eu tivesse pensado que talvez eu tivesse uma folga da minha maré de azar, eu teria me enganado.

Grande momento.

Felizmente, por mais que eu esperasse que as coisas fossem diferentes e minha sorte pudesse ter mudado, eu não esperava nem por um segundo que esse seria o caso. Eu sabia como minha sorte funcionava e, na minha vida, quando chovia... havia um furacão chegando. Neste caso, a coisa com a minha irmã tinha sido o aviso que estava indo na minha direção — eu simplesmente não tinha visto o que aconteceria em breve. O arrombamento me levou ao olho da tempestade, e agora eu tinha a outra metade para viver. Então eu estava esperando não ter o melhor dia, ou dias, ou minha vida, a manhã em que acordei segurando a mão de Rip.

Na manhã seguinte à noite em que ele basicamente admitiu que ele estava em uma gangue, ou algo próximo disso, baseado em suas palavras.

Mas nós não iríamos falar sobre isso, não até que ele estivesse pronto. Se ele alguma vez estivesse.

Se alguém soubesse o quão difícil era admitir coisas intensamente pessoais, seria eu. Afinal de contas, eu tinha um punhado de pessoas em minha vida que eu confiava muito, muito, e eu nunca lhes contara sobre meu pai e a arma. Eu nunca lhes contara sobre chamar a polícia para ele. Eles apenas assumiram que eu tinha me cansado e fugido.

Então, eu não ia pensar nisso. Eu não ia trazer isso de novo, e não o fiz quando ele acordou depois que eu rolei para fora da cama, ou quando nós nos arrumamos para trabalhar juntos novamente, e quando nossos almoços se sobrepunham por trinta minutos e ele se sentou ao meu lado, lendo em silêncio sua revista, seu cotovelo roçando o meu com frequência.

Na manhã seguinte, depois que ele passou outra noite na minha cama comigo, nenhum de nós mencionou qualquer parte de nossas admissões... ou comentou sobre compartilhar o colchão de novo, só que desta vez eu tinha usado meu travesseiro em vez de seu ombro como eu fiz aquela primeira noite.

Infelizmente, nos dias que se seguiram à invasão, Jason esqueceu que estava trabalhando em dois, ou ele decidiu que não dava a mínima para o seu trabalho e levava a ser um idiota desagradável a um nível totalmente diferente. Ele estava ainda mais mal-humorado e sarcástico do que antes, e eu mal conseguia lidar com ele quando fervia com ele. Ele começou a desaparecer por longos períodos durante o dia, e quando perguntei a ele sobre isso, ele alegou ter diarreia porque ele desaparecia por vinte minutos de hora em hora.

Eu tinha cronometrado: vinte malditos minutos. Foi assim que ele me teve marcando seu tempo. Uma parte de mim não podia deixar de genuinamente esperar que, em algum momento, o karma voltasse e o mordesse na bunda, na forma dele realmente tendo uma diarreia terrível por ser um grande e gordo mentiroso.

Idiota.

Então naquela sexta-feira, no último dia antes de ele sair de férias por uma semana, um dia em que eu estava esperando, parecia ser desde o dia em que eu nasci, não fiquei surpresa quando ele apareceu em um humor podre. Eu poderia dizer, apenas olhando para o rosto dele, que ele estava prestes a soltar um xingamento, suspiros e comentários sob sua respiração.

Só isso me colocou no limite.

Eu não estava completamente surpresa quando nós não havíamos chegado ao meio-dia antes de entrarmos numa discussão, não agitando um pouco de tinta que eu pedi para ele preparar para mim enquanto eu tirava a fita de uma capa que eu estava fazendo listras alternadas, listras brancas grossas em um Shelby.

—Eu estava encomendando tinta para você, — ele tentou dizer quando saí do estande e encontrei a tinta no mesmo lugar em que estava antes.

Eu sabia que ele estava cheio disso instantaneamente. —Então você pediu para mim?

Seu olhar vazio confirmou minha resposta. —Eles me colocaram em espera e eu desliguei.

Paciência. Paciência.

Toquei a pulseira no pulso esquerdo e perguntei: —Quem colocou você em espera?

—Alguém.

—Homem ou mulher?

A expressão que ele me deu me fez pensar que ele achava que era uma pergunta capciosa, mas não era. —Homem.

—Qual era o nome dele?

Jason revirou os olhos e balançou a cabeça. —Como diabos eu deveria me lembrar qual era o nome dele?

—Se ele colocar você em espera, quero saber quem fez isso. Nós fazemos muitos negócios com eles, eles não deveriam colocar você em espera, — eu menti. É claro que às vezes até Hector me colocou em espera quando eu liguei para um pedido, mas isso estava fora de questão. Meu intestino disse que ele estava mentindo. —Qual era o nome dele?

—Eu não sei, — respondeu o idiota.

—Pense nisso. Foi Andy? Larry? Hector? Clarence? —

—Eu não sei. Clarence, eu acho? Eu não perguntei o sobrenome dele e onde ele mora ou o tipo de sangue dele, se você for perguntar isso a seguir.

Ninguém chamado Clarence trabalhava na loja de tintas. Ninguém chamado Andy ou Larry trabalhavam lá também. E tanto quanto eu disse a mim mesma para ser paciente com ele, essa paciência estava se esgotando rapidamente com esse tom. Este foi o período errado na minha vida para chegar até mim com essa porcaria.

Por mais que eu quisesse ser uma boa pessoa, e por mais que eu tentasse ter pessoas, se não como eu, mas que, pelo menos, me

respeitassem, reconhecia os sinais quando eles apontavam para um esforço sem sentido.

Jason era apenas isso.

—E você desligou depois de ficar em espera? — Perguntei-lhe devagar, ainda tentando me segurar melhor para ele do que para mim, não sendo rude em troca.

O toque de sobrancelhas que ele me deu tinha que ser um sim.

Essa mentirinha.

Eu respirei pelo nariz e disse a mim mesma para ser paciente, deixar ir. Mas era difícil. Foi tão difícil que fiquei sinceramente tentada a falar com o Sr. Cooper sobre o quão desonesto ele estava sendo naquele instante.

Mas de alguma forma eu consegui. Em vez disso, imaginei que lhe daria outro aviso sutil, mesmo sabendo que seria mais do que provável que fosse em vão. —Jason, eu não gosto de mentirosos, e nem o Sr. Cooper.

Algo brilhou em seu rosto — aborrecimento.

Ele não gostava de ser chamado a atenção, mas eu não gostava de mentir e brincar ainda mais.

—Por favor, não minta para mim nunca mais e, definitivamente, não minta para ele também, — eu terminei, dando-lhe uma expressão vazia que esperançosamente esconderia a quão frustrada ele me deixou. —Eu não preciso te dizer como Rip se sente sobre mentirosos também.

Isso o fez corar. —Eu não estou mentindo!

Eu não segurei meu próprio revirar de olhos então. —Olha, eu não estou discutindo com você. Tudo o que estou dizendo é que você não deve mentir para ninguém aqui. Nenhum de nós aprecia, especialmente eu.

—Eu não estou mentindo!

Eu quase disse a ele para abaixar a voz, mas não consegui. —Você está mentindo para mim agora, e você estava mentindo para mim sobre fazer uma ligação. —Ele abriu a boca, mas continuei indo em frente. —Não se incomode, eu sei que você estava. Há apenas dois funcionários que atendem o telefone na loja, e nenhum deles tem nomes que eu lhe disse. —

—Você me enganou?

Dei de ombros. —Sim, e eu não gostei disso, mas você me fez tomar essa atitude. Eu só queria a verdade. Eu te pedi para fazer algo e você não fez. Isso não está certo, e esse é o ponto. Eu não estou tentando te meter em problemas ou te despedir. Eu não quero que você perca seu emprego, então estou tentando ajudá-lo agora, dizendo-lhe o que não fazer no futuro. Independentemente de você ter ligado ou não, você deveria ter feito o que eu pedi para você fazer. Eu não sou seu chefe, mas estou tentando te ensinar porque eles me pediram.

—Mas eu não estou mentindo! , — ele gritou.

Paciência e gentileza, Luna. Paciência e bondade.

Eu engoli e me lembrei novamente. Não deixe que ele chegue até mim. —Tudo certo. Se você não está mentindo, sinto muito por acusá-lo. Então, quer que eu aperte o botão de rediscagem no telefone, ou quer me ajudar a tirar o capô do estande?

Foi a sua vez de pressionar os lábios juntos. O que diabos estava lá para pensar? Ele sabia que estava mentindo. Eu sabia que ele estava mentindo. Ele simplesmente não ia admitir isso. Nunca.

Quando alguns segundos se passaram e ele não disse outra palavra, eu disse: —Ajude-me a carregar o capô para fora, e então você pode colocar a tinta para agitar enquanto eu vou ao banheiro.

Na minha vida, eu tive muitas pessoas me dando olhares que poderiam ter me matado se eles tivessem esse tipo de poder por trás deles, mas o que Jason me deu naquele momento... foi honestamente um dos piores. E tudo o que fez foi me irritar. Eu não estava tentando fazer um concurso com ele. Eu realmente não queria. Se eu quisesse colocá-lo em apuros, eu teria mais do que o suficiente para isso — e poderia obter provas — para fazer exatamente isso.

Mas eu não fiz.

Eu só queria que ele fizesse um trabalho decente e me tratasse com um pouco de respeito.

E eu queria que ele não agisse como um idiota.

Aparentemente, isso era pedir demais.

Se eu tivesse sido criada por pessoas diferentes, eu poderia ter ficado arrasada com a expressão facial que ele me deu, mas eu sobrevivi a olhares maldosos de pessoas que realmente importavam

na minha vida, então este cretino não iria, sequer receber minha cara fechada em troca.

Nem mesmo um piscar de olhos.

Ele não sabia com quem estava mexendo.

—Vamos, — eu disse, soando quase tão rude e dura quanto Rip. Eu não dei a ele uma opção para me dizer que ele não seguiria.

Eu aprendi, ao longo dos anos, que se você queria alguma coisa, não fazia uma pergunta. Se você fizesse uma pergunta, às vezes a outra pessoa entenderia que eles tinham a oportunidade de expressar uma opinião. Você estava basicamente dando a eles uma abertura para dizer não.

O fato era que a última coisa que eu queria era que esse idiota me contasse mais do que ele já fez.

Levou apenas dez segundos até que as narinas de Jason se abrissem e ele sacudisse o queixo de acordo... com raiva.

Que criança doce e adorável, ninguém nunca diria.

Tentando manter meu corpo solto e minha boca fechada, guiei o caminho até a cabine. Eu já tinha aberto as portas duplas quando entrei para tirar a fita, então entrei e parei no capô. Andando mais devagar do que um maldito zumbi com uma perna e intestinos pendurados para fora da barriga, Jason deu a volta para o outro lado e parou.

Ele não olhou para mim, mas isso não importava.

—Em três, vamos levantar. — Ele ainda não disse nada. OK. — Um, dois, três— — gritei antes de levantá-lo. Por sorte, ele não brigou comigo por causa disso.

Eu recuei, carregando minha parte, mantendo a atenção sobre o ombro para ter certeza de que não estava de volta em nada. Em pouco tempo, colocamos o capô em cima de velhos baldes de cinco galões cobertos com trapos velhos. Por um segundo, pensei em lembrá-lo do que lhe pedi para fazer, mas decidi contra. Ele era um homem adulto e não havia nada de errado com sua memória.

Então fui ao banheiro, tomei um pouco de tempo e decidi parar no térreo e dizer a Rip que o capô estava pronto para eles irem buscar. Em vez disso, encontrei um dos construtores agachado para um Hummer, e disse a ele. Quando voltei para o meu estande, ouvi o som de uma pintura, mas Jason não estava na sala.

Onde diabos ele tinha ido?

Eu tinha planejado inicialmente deixá-lo pintar o bloco do motor que estava próximo no horário, mas depois de sua atitude, eu não tinha certeza se queria fazer isso.

Mas....

Bondade e paciência. Bondade e paciência.

Eu esperaria por ele.

E foi o que eu fiz. Eu esperei, passando por alguns arquivos, verificando meus suprimentos..., mas quando meu relógio me disse que já fazia meia hora e ele ainda não tinha voltado, minha irritação

passou pelo teto novamente. Primeiro ele estava enrolando por vinte minutos? Mas agora trinta?

Paciência, Luna, paciência.

Mas paciência não significava que eu tinha que esperar.

Eu ia procurar esse bosta e pedir que ele pintasse o bloco. Se ele tivesse outra atitude comigo, bem, então, talvez fosse hora de dizer ao Sr. Cooper o que estava acontecendo. Talvez eu até diga ao Rip, dependendo de quão feio ele falar comigo. Neste ponto, eu estava acima do fato de que a única pessoa com menos de vinte e um anos que eu podia confiar era Lily.

Suspirando, saí do meu quarto e desci o corredor, parando no banheiro masculino para chutá-lo e gritar: —Jason?

Mas não foi Jason que respondeu com —Luna! Está ocupado.

Mesmo com um pouco de mau humor não foi suficiente para me impedir de rir. —Desculpa! Estou procurando por Jason, Owen!

—Ele passou por mim quando eu estava indo pelo corredor, — ele respondeu, soando... tenso.

Eu cobri minha boca para que ele não me ouvisse rir dele. —Ok, obrigada! — Eu saí de lá e fiz meu caminho em direção ao andar principal. Subindo até a ponta dos dedos dos pés, tentei olhar ao redor para ver se conseguia avistá-lo..., mas ele não estava em lugar nenhum.

Onde ele estava?

Eu corri até as escadas e olhei na sala de descanso, mas ele não estava lá também. Por um segundo, pensei em perguntar ao sr. Cooper se ele o havia visto, mas decidi contra. Das escadas, ainda não o vi. Eu nunca cheirara a fumaça nele antes, mas talvez ele estivesse do lado de fora?

Eu deveria voltar para o meu estande e fazer o trabalho sozinha. Eu realmente deveria. Ou falar com o Sr. C primeiro e depois faça isso.

Mas, por algum motivo idiota, atravessei o andar principal, indo em direção à porta que levaria para fora.

—Você está bem? — Miguel perguntou, espiando a cabeça para fora da parte da frente do Malibu que ele estava detalhando, enquanto eu caminhava por ele.

—Você viu o Jason?

Ele inclinou o queixo em direção à porta. —Ele estava no telefone. Ele saiu depois. — Miguel fez uma cara pensativa. —Isso foi há um tempo. Logo depois que o Sr. C partiu.

Essa merda. —Sim, faz mais de meia hora desde a última vez que o vi. Deixe-me ver se ele está lá fora.

Meu colega de trabalho balançou a cabeça e eu fiz uma careta para ele antes de cortar o resto da distância em direção à porta. Eu vi Rip parar onde ele estava, ao lado da SS que ele estava trabalhando, e acenei para ele. Ele não acenou de volta, mas eu juro que sua boca se moveu e sua covinha estalou.

Bom o suficiente para mim.

Três passos depois, eu abri a porta e fiquei na porta, gritando:
—Jason?

Eu poderia jurar que ouvi vozes.

—Jason? — Eu chamei novamente.

Ainda assim, eu podia ouvir... alguma coisa.

Eu precisava ir em frente e tagarelar. Eu realmente fiz. Eu deixei a porta se fechar atrás de mim enquanto atravessava o estacionamento, tentando descobrir de onde as vozes estavam vindo. O lote estava cheio de funcionários e carros dos clientes. Eu provavelmente tinha atravessado metade do lote principal quando vi a cabeça de Jason por cima do seu Mitsubishi Eclipse.

—Hey, — eu chamei, parando no lugar.

Ele se virou para olhar para mim e eu pude ver a hesitação em seu rosto antes que ele parecesse acenar para si mesmo e começar a andar na minha direção.

—O que você está fazendo? — Eu perguntei. —Eu estava esperando por você.

Jason estava ocupado olhando para o chão enquanto se aproximava, e ele não respondeu.

Eu disse o nome dele novamente quando ele passou por mim.

Ele ainda não se incomodou em olhar para mim.

Eu fiquei onde estava e tentei novamente. —Jason

Nada ainda.

O que estava acontecendo com ele?

Eu me virei para observá-lo enquanto ele caminhava em direção à porta que eu acabara de atravessar e abri a boca para dizer alguma coisa — eu nem sabia ao certo — quando ouvi os passos batendo.

Mas eu não tinha certeza do que estava pensando. Não tinha certeza do porquê de ter desacelerado tanto para olhar por cima do ombro e descobrir porque parecia que alguém estava correndo atrás de mim. Mas o ponto era que eu não me virei. Não rápido o suficiente.

Eu não juntei as peças, até muito tarde.

Até que fui empurrada para frente, por trás, com tanta força que eu voei. Até as minhas mãos estenderem-se para parar minha queda, elas e meus antebraços raspando o concreto quando eu aterrissei, o que tinha que estar a três metros de distância. Não foi até então que eu descobri o que diabos estava acontecendo.

Eu não tinha certeza do porquê, eu não tinha certeza se algum dia saberia o porquê, mas a primeira coisa que saiu da minha boca foi um grito: —RIP! , — no topo dos meus pulmões. Eu gritei de novo no segundo que eu pudesse pegar outro bocado de fôlego no meu corpo.

Mas foi no segundo que o nome saiu da minha boca que eu ouvi o grunhido, — Foda-se, vadia, — acionou uma parte do meu cérebro um segundo antes de uma mão cavar no meu cabelo, meu cabelo curto que mal passava do meu queixo quando estava ondulado e

puxou minha cabeça para trás, dando-me uma visão fracionada de um rosto que reconheci.

Um rosto que eu fiz um plano para cuspir em um segundo antes de meu primo me dar um sorriso sarcástico como o pedaço de merda que ele era.

Estrelas brilharam em meus olhos apenas por um momento, só por um segundo, quando aquele anel estúpido que ele sempre usava estalou na minha bochecha.

—Que porra você está fazendo, Rudy? , — uma voz que não reconheci gritou em pânico. —Você disse que íamos falar com ela!

—Eu ..., — meu primo começou a dizer quando o som de uma porta sendo aberta se filtrou pelo estacionamento. Eu abri meus olhos contra os minúsculos pontos preenchendo minha visão, cada coisa que tinha dado errado na minha vida ultimamente me reabastecendo naquela fração de segundo... e eu balancei minha perna, varrendo meu primo perfeitamente... apenas o suficiente para ouvi-lo bater o chão.

Eu levantei tão rápido quanto minhas mãos e pés me deixavam, adrenalina e raiva como eu nunca tinha sentido em minha vida.

O bastardo estava tentando me prender.

Minha própria porra de primo estava tentando me ferrar. Por que isso era surpreendente? Por que isso me deixou louca? Eu me perguntei, quando eu finalmente parei, olhando para o homem piscando para o céu no chão, atordoado, gemendo.

—LUNA! — A voz de Rip rugiu do outro lado do lote, o som de vários conjuntos de pés batendo no asfalto me dizendo que ele não estava sozinho.

Mas nem eu também.

—Porra! — o homem com a voz que eu não reconheci assobiou, me forçando a olhar para ele assim que ele se virou e começou a correr em direção ao portão do lote. O portão que estava em processo de fechamento.

Eu juro pela minha vida que minha visão ficou vermelha.

Mas a próxima coisa que eu sabia, abaixei-me, arranquei a minha bota e agradei por nunca as ter amarrado com muita força — e atirei mais forte que pude no homem que tentava fugir. Eu observei quando minha bota de metal bateu bem entre as omoplatas, ouvi o —Oh! — escapar dele quando foi a sua vez de ir voando em direção ao chão, braços esticados na frente dele. Ouvi o —Porra! — que explodiu dele que me disse que não foi apenas a minha bota que o machucou.

E tudo que eu conseguia pensar era ‘muito bom’.

Atrás de mim, ouvi os passos pararem, ouvi o som de algo batendo na carne.

Mas nada poderia ter me preparado para a visão de Miguel e Rip chutando a porra do meu primo, meu primo que estava no chão, enrolado de lado em uma bola apertada. Como o covarde que ele era e sempre foi.

Eu adicionei outra coisa na minha lista de coisas que eu nunca iria me sentir mal, e que estava lá, assistindo-os chutá-lo. Pelo menos até que eu cortasse a distância entre nós e, em seguida, apontasse um chute duro bem em seu cóccix com o pé da bota.

—Que porra é essa, Rudy! — Eu gritei para ele, cambaleando para trás e chutando-o na bunda novamente, vindo fora da minha visão periférica que Rip parou e deu um passo para trás, me observando, seu rosto bonito e rude vermelho, suas mãos penduradas em seus lados.

—Você está bem? — Ele perguntou, os olhos descendo para os meus antebraços e pulsos, absorvendo o que eu ainda não tinha visto, tinha arranhões através deles.

Eu olhei para ele, respirando com tanta força, que não consegui pegar, respirando com tanta força que não gostei de Miguel mirando outro chute na metade inferior do meu primo. —Ele só... correu atrás de mim e me empurrou... — Eu tentei explicar, perdendo minhas palavras entre a minha respiração, e o quão fodidamente louca eu estava.

Meu primo veio me empurrar no estacionamento do meu trabalho.

Ele colocou as mãos em mim.

—Pare! Deus! Porra, pare! , — meu primo gritou. —Jesus Cristo!

Miguel olhou para mim, com os pés equilibrados no ar, suas feições normalmente relaxadas rearranjadas em genuína raiva e descrença. —Quer que eu pare?

—Não, — eu disse a ele sem pensar. —O que você está fazendo, Rudy?

O homem, só um pouco mais velho que eu, ficou em posição fetal quando disse: —Foda-se!

—Meu pulso está quebrado, Rudy! , — o homem que eu joguei minha bota chorou.

Todos nós o ignoramos.

Rip chutou Rudy no traseiro daquela vez, muito mais do que eu.

—Porra! , — meu primo gritou novamente. —Pare!

—O que você está fazendo aqui? — Eu repeti, totalmente pega de surpresa por toda essa situação, pelo fato de que ele estava aqui. Em Houston. No meu trabalho.

Como ele descobriu?

Meu pai encontrou meu número. Quão difícil seria descobrir meu trabalho nesse caso?

Meu pai o colocou nisso?

—Nós dissemos a você para não voltar para San Antônio! — Rudy teve a coragem de gritar com a voz entrecortada, mas de dor. —Nós dissemos a você o que aconteceria se você fizesse isso! , — ele tentou usar como uma desculpa, mas tudo o que fez foi me fazer congelar. —Deveria ter te levado para fora do seu maldito lugar...

Ele estava aqui em retaliação por eu voltar lá? Para o funeral da vovó Genie? Sério isso?

Essa sensação terrível de medo me atingiu naquele momento. 'Deveria ter te levado para fora do seu maldito lugar'. Algo clicou dentro de mim, e eu olhei para o meu primo e queria chutá-lo nas bolas o mais forte que pude. Eu não queria acreditar, mas isso era ele. Eles. Nada disso deveria ser surpreendente.

—Rudy, você invadiu minha casa?

Eu vi a mão dele tremer. Vi-o recuar.

—Você invadiu minha casa?

—Eu vou ser chutado novamente se eu responder isso? , — ele teve a frieza para perguntar.

Ele fez isso. Este pequeno idiota, saco de merda, tinha feito isso. Não foram ladrões aleatórios.

Não seria nem a primeira vez que eu ouvira falar dele entrando na casa de alguém para roubá-lo. Ele estava fazendo coisas assim desde que éramos crianças.

Eu estava muito ocupada olhando para ele para ver quem o chutou de novo, mas eu sabia que isso acontecia porque ele gritou de novo, —Droga!

Ele tinha sido o único a invadir a minha casa.

Ele entrou na minha propriedade privada para me ferir. Para me machucar. E não foi a primeira vez.

Se eu tivesse pensado que as coisas estavam vermelhas há um minuto, eu teria me enganado, mas as coisas definitivamente

ficaram vermelhas então. Raiva surgiu através de mim. Tão forte, tão penetrante, eu não conseguia respirar.

Mas de alguma forma, de alguma forma, também me acalmou saber que tinha sido ele.

Acalmei-me por saber exatamente o que ia fazer.

E então não foi tão difícil ficar lá, olhando para ele. Não foi difícil dizer: —Rudy, meu pai nunca me disse para não voltar a San Antônio. Ele me disse para nunca mais voltar para casa. Se você quiser jogar o jogo específico, ele nunca disse San Antônio.

Porque era verdade.

Talvez meu primo não tivesse vindo me matar, mas ele voltou para destruir minha vida. Para me destruir. Para me machucar.

Eu não estava bem com isso. Eu nunca ficaria bem com isso.

Um Miller nunca voltou atrás em sua palavra, e talvez eu fosse um Allen agora, mas eu tinha sido uma Miller primeiro. Meu primo me lembrou disso. Infelizmente para ele.

—Foda-se, sua puta estúpida, — Rudy continuou desabafando, estupidamente.

Mas eu passei por isso.

—Você se lembra do que eu te disse no funeral? — Eu perguntei a ele, calmamente, sabendo que não ia receber uma resposta. Ele não me decepcionou. Então eu me agachei ao lado dele, não perto o suficiente para estar a pouca distância, se ele fosse burro o suficiente para tentar algo, mas perto o suficiente para eu poder

falar mais baixo, para que ele soubesse que eu não estava falando irracionalmente. Rip me ensinou o quanto isso era mais eficaz do que gritar.

E no caso de ele ter esquecido, respondi minha própria pergunta. —Você veio e tentou me machucar, e eu vou viver com isso. Mas eu disse a você no funeral que se você colocasse suas mãos em mim novamente, eu ia quebrar sua mão.

Seu corpo inteiro congelou, e eu ouvi um barulho de Miguel, mas eu não me virei para olhar para ele. Eu estava muito focada. Eu estava nesta zona, eu tinha esquecido o quão bem eu estava familiarizada.

—E você sabe o que isso significa, não sabe? — Eu perguntei a ele novamente.

—Oh, porra, — ouvi Miguel murmurar.

Mas eu não desviei o olhar quando perguntei ao meu chefe e ao meu amigo: —Algun de vocês o segurar  por mim?

Miguel não hesitou. Ele se aproximou do meu primo e se ajoelhou sobre as pernas enroladas, pressionando as mãos no braço que Rudy tinha mais perto do chão. Se ele fosse um pouco bom demais para isso, eu ia perguntar a ele mais tarde sobre isso.

Assim que peguei a mão de Rudy, outra caiu no meu ombro, e a voz de Rip ficou clara quando ele disse: —Deixe-me fazer isso.

Eu não olhei para ele. Em vez disso, percebi o rosto do meu primo angustiado, furioso e tenso — um lembrete de uma época da

minha vida que nunca mais quis voltar depois disso. —Eu posso fazer isso, — eu disse a Rip.

—Eu quero, — ele me assegurou em voz baixa.

E foi isso que me fez olhar para ele novamente. Seu rosto ainda estava vermelho, sua respiração ainda estava irregular e ele parecia... furioso.

Por mim?

—Vá cuidar dos seus arranhões. Nós vamos lidar com isso, — Rip disse naquela voz muito fria, observando-me com um rosto que eu nunca tinha visto antes. Um que fez os pelos dos meus braços ficarem arrepiados e ao mesmo tempo fez meu peito apertar.

Havia uma emoção por trás de seus olhos que eu não sabia o que fazer com ela. Que eu não sabia como lidar.

Eu balancei a cabeça para ele, sabendo que eu estava deixando meu primo para ele quebrar sua mão.

E tudo que eu conseguia pensar era que ele merecia isso. Depois de tudo o que ele fez, e estava disposto a fazer, ele mereceu.

Mas eu sabia que havia mais uma coisa que eu precisava fazer, e olhei para o homem no chão, debatendo-se até então, e disse: — Diga ao meu pai que se eu ver algum de vocês novamente, se ele me ligar alguma vez. Mais uma vez, farei mais do que chamar a polícia e dizer-lhes que há drogas em casa. Diga a ele que ainda me lembro de muitas coisas de dez anos atrás, você me entende?

—Foda-se— Rudy começou a chiar antes de gritar quando Rip pegou sua mão.

—Lembre-se do que eu disse, — eu avisei, dando um passo para longe. Deveria ter me incomodado o quão bem eu estava sobre tudo isso. Eu pensaria sobre isso mais tarde. Talvez. —Eu pedi para você me deixar em paz, Rudy. Lembre-se disso. Eu te avisei.

—Pegue sua bota, — Rip disse baixinho. —Então entre, Luna.

Eu balancei a cabeça para ele, olhando para o grande homem agachado sobre o meu primo, segurando a mão em uma posição que eu conhecia bem. Ouvi um gemido vindo de algum lugar do estacionamento e fui em direção a ele, encontrando minha bota a poucos passos de distância de um homem sentado entre dois carros, segurando seu antebraço e olhando para a mão, ou pulso, com horror.

Eu não ia me preocupar com ele, pensei enquanto pegava minha bota. Eu sabia que Miguel e Rip podiam lidar com eles.

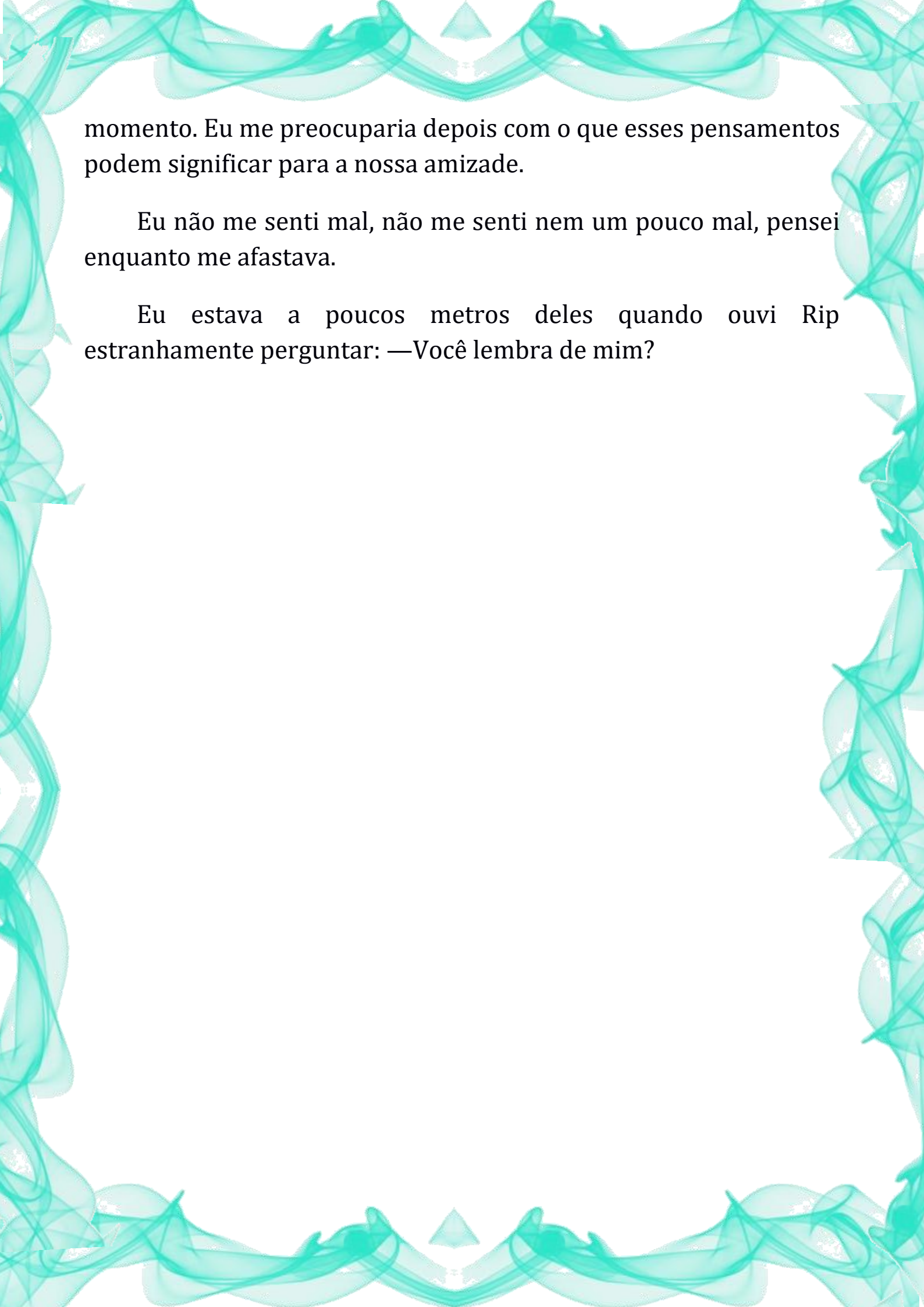
Um pouco bem demais.

Ou apenas bem o suficiente. Hã.

Estendendo a mão para tocar minha bochecha agora dolorida, eu não pude deixar de balançar a cabeça para a figura no chão enquanto deslizava minha bota e me dirigia de volta pelo caminho que tinha vindo.

—Nós conseguimos, — Miguel me assegurou, ainda segurando meu primo enquanto eu passava por eles. Seu olhar era pensativo e de alguma forma louco ao mesmo tempo.

—Obrigada, Miguelito, — eu disse cuidadosamente, imaginando por um segundo o que ele estava pensando naquele



momento. Eu me preocuparia depois com o que esses pensamentos podem significar para a nossa amizade.

Eu não me senti mal, não me senti nem um pouco mal, pensei enquanto me afastava.

Eu estava a poucos metros deles quando ouvi Rip estranhamente perguntar: —Você lembra de mim?

Capítulo 24

Eu acabara de tirar meu traje de proteção quando a maçaneta da porta do estande balançou. A maçaneta e a porta tremeram mais uma vez quando quem estava do outro lado tentou abri-la novamente. Eu não os culpei por estarem confusos de que a porta estava trancada. Nunca foi trancada antes.

Mas o fato era que eu não via Jason há horas. Não desde que ele passou por mim e entrou no prédio, deixando-me lá fora sozinha. Bem, não tecnicamente sozinha. Demorei dez minutos depois de lavar as mãos até os cotovelos para juntar as peças. Elas não faziam sentido. Não exatamente, pelo menos..., mas o suficiente.

Alguém deixou meu primo e o outro entrarem no estacionamento.

E não foi preciso ser um gênio para saber que só havia uma outra pessoa no lugar. Uma outra pessoa que de bom grado deixaria alguém que não gostasse de mim. Pelo menos foi o que meu instinto disse.

A única pessoa que desapareceu. Eu não tive coragem de perguntar a qualquer um dos caras que tinham entrado na sala de descanso o que aconteceu, ou se eles sabiam alguma coisa sobre Jason. No momento em que eu tinha terminado e Rip e Miguel não tinham voltado, eu tinha ido até a porta dos fundos e olhei para fora para encontrá-lo vazio.

Que bagunça. Que maldita bagunça.

O que meu pai estava pensando? Eu não achei que nada me surpreenderia, mas ele fez. Depois de todo esse tempo, ele ainda fez.

Eu não ia pensar mais nisso. Estava feito. Eu sabia como as coisas eram para eles. Mesmo que Rip não tivesse... machucado Rudy... o ponto havia sido feito. Eu iria para a polícia novamente se eles voltassem. Mas eu sabia que, no meu coração, eles não iam.

—Espere, — eu disse enquanto limpava meu rosto com uma toalha de papel.

Tomando o rosto do outro lado, virei a fechadura e abri-a.

—Luna, — Owen espiou a cabeça para dentro da porta.

—Ei. — Virei de costas para ele, precisando me sentar para tirar o resto do traje. —O que está acontecendo? — Eu perguntei assim que cheguei à minha mesa e puxei a cadeira rolante para que eu pudesse me sentar.

—Sr. Cooper me pediu para lhe dizer para ir ao escritório dele, —meu colega de trabalho respondeu, parecendo muito mais sério do que o normal.

Eu tirei o macacão dos meus pés, olhando para ele para atirar-lhe um sorriso que fez minha bochecha doer. Eu tinha já colocado pomada sobre isso, então eu sabia que doía menos do que deveria se não tivesse. Eu precisava de um maldito intervalo. Uma pausa agradável e longa, e se as coisas pudessem dar certo por pouco tempo, bem, isso também seria bom.

Mas eu não ia segurar minha respiração.

Especialmente não quando uma irmã ainda não estava respondendo minhas ligações e outra estava sendo estranha também.

—Ok, eu vou lá em cima em um segundo.

Owen hesitou. —Você está bem?

Dei de ombros. —Minha bochecha dói e os cortes nas minhas mãos doem, mas eu vou ficar bem.

Meu amigo de longa data olhou para mim de uma forma que dizia que ele acreditava em mim, mas não o fez se sentir melhor. Ele não estava por perto quando eu estava no andar de cima, mas os caras da loja eram intrometidos. Eles sabiam que algo havia acontecido, mas eu não tinha dito exatamente o que. Eu aposto que em menos de três minutos, eles chegaram a alguma conclusão e estavam apenas me dando espaço agora.

Eu apreciei isso. Havia algo realmente confuso sobre um membro da família tentando te machucar, especialmente quando foi o seu pai que arquitetou tudo.

Mas felizmente nada disso era novidade para mim.

E se eu tinha algum prazer em Rudy se machucar... bem, eu não me sinto mal. Eu podia me sentir bem depois de tudo o que aconteceu. Foi o mínimo que ele mereceu.

—Luna...

Eu não conseguia nem encontrar em mim como criar um sorriso. —Sim?

Seus olhos castanhos escuros deslizaram de um lado do quarto para o outro, e sua voz caiu, então eu mal podia ouvi-lo quando ele disse: —Você quer que a gente lide com isso?

—Lidar com o quê? — Eu perguntei a ele quando me levantei.

Ele ainda estava olhando ao redor da sala. —Com o garoto.

Eu fiquei lá.

Ele olhou para mim e deixou seu olhar ficar. —Nós olhamos o vídeo. Foi ele quem os deixou entrar, — ele me disse solenemente. —Você quer que nós lhe ensinemos uma lição?

Eu não sabia o porquê, mas eu me senti mais amada pelos meus colegas de trabalho, mais do que nunca naquele momento.

Você não se oferece para bater em alguém, a menos que significasse algo para você.

E é isso que Owen estava fazendo aqui, sendo o representante. Foi o que Miguel e Rip fizeram por mim correndo para o estacionamento para me ajudar. Era isso que a família fazia.

E mesmo que eu não deveria ter sorrido, eu fiz. Eu provavelmente soava mais animada do que deveria, respondendo: —Essa é uma das coisas mais legais que alguém já me ofereceu, Owen, mas tudo bem.

Seus olhos se estreitaram. —Você tem certeza? Porque ninguém mexe com um dos nossos.

Eu sempre soube que eu era um deles, ou eles eram um dos meus, mas ouvir isso...

Bem, isso cuidou da dor, mais do que qualquer outra coisa.

—Tenho certeza, mas obrigada. E diga aos outros caras que eu também agradeço. Estou tocada, honestamente, — eu disse a ele.

— Se você mudar de ideia, diga-nos. — Owen deu outro passo para trás e então disse: —Não precisamos ser nós para fazermos isso, eu conheço pessoas. Miguel conhece pessoas.

Miguel sabia como segurar Rudy..., mas isso era algo para perguntar a ele mais tarde.

Todos os meus colegas de trabalho tiveram alguns passados obscuros, aparentemente.

Foi bom saber que eu não era a única. Era tão bom que eu sorria para Owen, mesmo que doesse, e disse: —Eu vou te dizer se eu mudar de ideia, mas eu estou bem. Ele não vai chegar até mim. Mais do que ele já fez, pelo menos.

—Todos nós tentamos ligar para ele, mas ele não está respondendo. Parece que ele fugiu logo depois do que Rip e Miguel fizeram.

Espere. Espere.

Eles assistiram as câmeras... e viram o que aconteceu? Não foi isso literalmente o que ele disse há um minuto? Nós olhamos o vídeo?

—Idiota. É melhor que ele nunca pense em tentar voltar.

Eu apreciei o que ele disse, mas eu estava muito focada em uma coisa. —Você assistiu a filmagem de segurança?

Owen sorriu... e ele assentiu. —Tudo.

Bem.

Depois recuou com aquela expressão sorrateira e, de algum modo, estranhamente satisfeita, em seu rosto.

Bem, se eu estivesse preocupada que eles não gostassem de mim uma vez que descobrissem que eu não era sempre 'Adorável Luna', eu teria certeza de que eles estavam bem com isso.

Agora eu precisava falar com o Sr. Cooper. Ele nunca me pediu para ir ao seu escritório antes, e eu não estava delirando o suficiente para pensar que desta vez não teria sentido. Ele não estava por perto enquanto eu estava no andar de cima. Ele havia saído para um longo almoço.

Eu imaginei que ele queria falar comigo sobre Jason, mas...

Por que ele não desceu então?

Eu percebi agora que eu poderia ter evitado a maior parte disso, não sugando tudo. Se eu tivesse dito ao Sr. C sobre o quanto as coisas tinham sido difíceis o tempo todo em que fui jovem... bem, eu não estaria aqui, com a minha bochecha machucada e os antebraços arranhados. Ou se eu tivesse terminado de dizer ao Rip que não podia suportar essa família...

Foi minha culpa. A única pessoa que eu poderia culpar era o meu próprio ego.

Talvez se eu tivesse realmente tentado ser mais gentil com ele, poderíamos ter construído uma relação de trabalho melhor.

Então, novamente, provavelmente não.

Esfregando o ponto entre os meus seios, onde estava o colar de raposa que eu coloquei naquela manhã, eu ergui a cabeça em direção à porta e a abri. Acenei para os caras no andar principal e dei um sorriso sombrio quando cheguei lá. Eu consegui uma mistura de duas inclinações de cabeça, um par de mãos levantadas e um sinal de positivo em resposta.

Mas foi Miguel, em pé no meio da sala, que me fez parar. —Você está bem, — ele murmurou com um sorriso lento que parecia muito satisfeito.

—Obrigada, — eu murmurei de volta, recebendo um sorriso ainda mais amplo em resposta.

Eu balancei a cabeça para ele antes de me virar e voltar para as escadas.

No escritório, bati na porta. —É a Luna, — eu chamei, empurrando minhas mãos nos bolsos do meu jeans.

—Entre, — o Sr. Cooper gritou de volta.

Com o cotovelo, abaixei a alavanca e abri a porta. Com certeza, o homem que tinha levantado este negócio de uma oficina de automóveis para incluir um negócio de restauração de sucesso estava sentado atrás de sua mesa, clicando em seu computador com uma expressão preocupada no rosto. Ele tentou levantar um sorriso, mas caiu tão rápido quanto havia surgido.

— Pequena lua , — ele respirou, empurrando a cadeira para trás e ficando de pé... principalmente. Foi mais uma curva quando ele me olhou.

—Eu estou bem, Sr. C. Eu prometo, sente-se. — Eu dei a ele um sorriso que eu sabia que estava tenso quando peguei uma das cadeiras antigas em frente à sua mesa. Tirando minhas mãos dos meus bolsos, eu pressionei as palmas das mãos juntas e as coloquei entre as minhas coxas. Eu não estranhei os rígidos movimentos do Sr. Cooper quando ele se sentou de volta em sua cadeira e empurrou-a para frente para se acalmar. Com uma camisa cinza de polo e calça cáqui preta, ele estava vestido exatamente como sempre esteve desde que Rip tinha vindo, e ele parou de trabalhar no térreo.

—Eles não me disseram sobre o seu rosto, — ele murmurou baixinho, sua feição se tornando mais e mais preocupada a cada momento.

—É só um pequeno corte, — eu disse a ele, atirando-lhe um pequeno e apertado sorriso que apenas fez meu rosto doer. Provavelmente já era hora de colocar mais pomada nele.

Ele balançou a cabeça, seus olhos colados no que eu sabia que era o corte na minha bochecha. —Sinto muito, querida.

—Você não tem nada para se desculpar, — eu disse a ele, honestamente. —É tudo culpa da minha família, Sr. C. Sinto muito que tenha acontecido aqui.

A expressão do meu chefe me disse que ele não acreditava em mim, e a maneira como seus ombros se curvaram e se inclinaram

confirmou. —Rip está a caminho. Vamos esperar por ele, ok? , — ele me perguntou, ainda falando gentilmente.

—Tudo bem, — eu concordei, mostrando-lhe uma expressão que esperançosamente dizia que eu não queria que ele se sentisse um pouco mal com isso.

A culpa foi minha.

E do Jason.

E Rudy.

E meu pai.

Mas eu poderia e seria responsável pelas minhas próprias ações.

—Você se importa de falar sobre outra coisa até ele chegar aqui? — Eu perguntei.

Aqueles olhos esverdeados me observavam. —Como está a casa? , — ele decidiu ir com isso.

Eu tinha esquecido que não tinha tido uma conversa real sobre o meu lugar ser invadido. A única pessoa que eu contei foi para Lily. O que eu não tinha dito a ela era que eu não estava ficando lá sozinha.

Muito menos que Rip e eu tínhamos compartilhado um sofá e uma cama ao mesmo tempo.

Eu não estava surpresa que ele não tivesse falado sobre dormir na minha cama para o Sr. Cooper também, mas eu tentei o meu

melhor para não pensar nisso em primeiro lugar. Então, novamente, por que Rip diria alguma coisa sobre mim?

—Ok, — eu disse a ele, sentindo-me ainda mais mentirosa do que o habitual. —Minha casa foi roubada há dias. O seguro vai cobrir muitas das coisas que foram roubadas e destruídas. Eles não roubaram nada além do meu laptop e meu tablet. — Eles. Meu primo e quem mais o ajudou. Talvez o homem que eu tenha jogado minha bota.

Eu gostaria de poder jogar de novo, honestamente. Na cabeça dele.

—Oh, Luna, me desculpe. Eles não sabem quem fez isso?

Lá foi ele. —A polícia havia dito que houve alguns roubos na área, mas ninguém que eu conheço disse que ouviu isso. — Eu engoli, ignorando a dor no centro do meu peito. —Meu primo... o cara com quem eu tive um problema... ele admitiu que foi ele quem fez isso. — Quanto mais eu falasse, mais fácil seria. Eu esperei. — Então foi ele.

Uma mão subiu para sua cabeça para esfregar no topo, lembrando-me de Rip que faz a mesma coisa. O Sr. Cooper suspirou. —Eu não posso acreditar que eles fariam isso.

Então ele não precisou saber que tinha que ter sido meu pai que o enviou. Eu não tive coragem de contar a ele.

O homem mais velho balançou a cabeça, claramente parecendo arrasado. —Sinto muito, querida. Você deveria ter me contado antes.

Eu não queria dizer a ele que o chamei na noite em que aconteceu, mas ele tinha desligado o celular. —Obrigado, Sr. C. Está tudo bem. Vou consertar tudo, mas, se precisar de ajuda, vou avisar com certeza.

O rosto de meu chefe de longa data caiu e pude ver a dúvida em seu rosto. Mas ele segurou as palavras de volta e disse em um tom que me fez sentir um pouco mal, —Se há algo que Lydia e eu podemos fazer, nos diga. Você sabe que nós vamos ajudá-la com qualquer coisa, pequena lua. Nós te amamos.

Eu sabia que eles fariam, é claro que eu sabia, mas eu ainda disse a ele: —Eu sei, eu também amo vocês dois. — Essa foi talvez a décima vez, em todos os anos em que nos conhecemos, que eu havia dito aquelas palavras. —E eu vou deixar você saber, eu prometo. Eu ainda estou apenas tentando envolver tudo isso. Estas últimas semanas parecem um sonho muito ruim.

Seu aceno disse que ele entendeu e eu sabia que ele entendia. Mas isso não apagou a resignação do rosto dele. —Talvez você devesse procurar um sistema de alarme?

É. —Sim. — Fiz uma pausa e pensei em reter minha conversa com Rip, mas não havia nada a esconder. E mesmo se houvesse, eu não queria. —Rip me ajudou com isso, no dia seguinte, foi por isso que ele tirou o dia de folga. Para me ajudar. Desculpe-me se isso causou um problema entre vocês dois.

O Sr. Cooper piscou e, felizmente, não havia ressentimentos no rosto dele por tê-lo poupado, mas por ter recorrido a Rip. Sua voz estava um pouco alta, um pouco chocada quando ele basicamente ofegou, —Nosso Rip?

Obviamente, não fui a única surpresa com essa gentileza, e me senti um pouco mal e um pouco defensiva. —Sim. — Não havia nada a esconder, e eu não queria mais manter isso dele. —Ele sabia que eu estava com medo, e ele ficou comigo nas últimas noites.

Eu nem acho que ele quis perguntar: —Ele fez? — Mas a pergunta saiu de sua boca.

Tudo o que fiz foi concordar.

Eu não sabia o que fazer com o olhar que apareceu em seu rosto.

Então eu decidi mudar de assunto. —Como está a Lydia, a propósito?

Eu me perguntei se ele ainda estava preso em Rip me ajudando, mas ele conseguiu dizer, distraidamente: —Ela está ótima. Ela estava me perguntando sobre você há alguns dias. Acho que ela estava planejando convidá-la para almoçar ou jantar neste fim de semana, se você estiver livre.

—Eu estou sempre livre para vocês dois, — eu disse a ele honestamente.

—Você tem ido em seus encontros?

—Mais ou menos, — eu disse a ele, dando-lhe um pequeno sorriso.

Ripley tinha me feito companhia no bar em que eu levei um bolo do cara, pensei comigo mesmas. —Eu fui em dois, e levei um bolo em outro.

Eu poderia dizer que ele estava distraído, mas ele ainda conseguiu perguntar. —Alguns vencedores?

Eu quase bufei. —Não. Nem perto, mas eu só fui em três. Eu não quero perder meu tempo, e muitos desses caras não querem nada sério então... — Dei de ombros. —Eu só estou sendo exigente e não quero resolver. Eu só quero... o homem certo. — E meu coração queria o errado, mas eu não pensaria nisso novamente no próximo milênio. Não.

O aceno do Sr. Cooper era grave, mas sua voz era ainda mais séria. —Eu entendo, querida. — Ele suspirou. —Eu era casado antes de Lydia. Você sabia disso?

Eu não sabia até que eu ouvi a conversa dele e de Rip — uma conversa que eu não deveria estar ouvindo. Então eu menti e balancei a cabeça.

Ele pareceu engolir, pensar por um minuto antes de dizer: —Eu tinha quarenta anos quando ela morreu. Nós estávamos juntos desde os vinte e um anos. — Sua voz era baixa e séria. —Estávamos juntos há dezenove anos e pareciam seis meses. Foi uma vida inteira, mas nunca foi assim.

Foi tolice minha eu me sentir envergonhada e até um pouco protetora com Lydia? Sabendo agora que o Sr. Cooper esteve com outra pessoa por tanto tempo?

Ele continuou, sua voz ainda segurando sua gravidade... e algo mais que poderia ter sido agido. O duro golpe de sua garganta confirmou isso. —Ela era... ela era o amor da minha vida, — ele admitiu. —Lydia é também, de certa forma, mas Bea era o meu

mundo. Já faz vinte e três anos, e eu sinto falta dela da mesma forma de quando ela morreu. Lydia entrou na minha vida muito mais cedo do que eu teria sonhado, muito mais cedo do que eu gostaria, mas... — Seus ombros pareciam ter trezentos quilos. — Era para ser. Lydia veio quando veio e eu não pude dizer que não foi o destino que nos uniu.

Ah, caramba. Eu pisquei. —Quão logo depois?

Ele passou a mão sobre a cabeça novamente e olhou para o teto. —Eu a conheci seis meses depois.

O que eu ia fazer? Julgá-lo? Se ele fosse qualquer outra pessoa, eu teria zombado ou pensado em algo terrível, mas o Sr. Cooper sempre foi honesto comigo. Ele me amou de volta quando eu não me amava muito. Eu o tinha visto com Lydia. Eu sabia que havia um amor profundo lá.

Eu fui a primeira pessoa no mundo a entender que a vida não era branca e preta. Eu não tinha sido capaz de encontrar uma pessoa para me amar romanticamente, muito menos duas. Tudo o que eu sabia era que, com base no olhar que ele estava me dando, outras pessoas no passado tinham lhe dado um tempo difícil por seguir em frente, por encontrar o amor. Depois de tudo que este homem fez por mim, eu não seria um deles também.

—Posso perguntar a causa do seu falecimento?

Sua hesitação me fez sentir terrível. A respiração que ele sugou e depois soltou me fez sentir como um idiota. —Ela era —

O som dos nós dos dedos batendo na porta veio um segundo antes que a porta se abrisse e uma voz familiar dissesse: —Pronto?

O rosto do Sr. Cooper instantaneamente ficou vermelho e ele baixou a voz: —Terminaremos essa conversa mais tarde, ok?

Ele não queria terminar a conversa por causa de Ripley, não é? Eu me perguntei..., mas acenei de qualquer jeito. Havia algumas coisas nesta vida que você não queria falar. Nunca. E, especialmente, não na frente de certas pessoas.

Eu entendi isso melhor que a maioria. Houve muitos anos que eu não gostei de falar.

—Entre, Rip, — o Sr. Cooper chamou um momento depois.

Com certeza, o maior homem que eu já vi na minha vida, abriu a porta completamente e entrou, fechando-a atrás dele. Ele estava lá em uma camisa cinza que estava grudada em sua parte superior do corpo. Olhei de relance para o sr. Cooper, enquanto Ripley se sentava no assento que eu havia deixado desocupado perto da porta. Ele olhou para mim uma vez, grunhindo um —Luna— que eu respondi com —Oi, Ripley.

—Você está bem?

—Eu vou viver. Não é a primeira vez que ele me machuca.

Talvez essa fosse a coisa errada a dizer.

—Bem, — o Sr. Cooper continuou quando seu coproprietário parecia ter se acomodado no assento ao meu lado. —Nós trouxemos você aqui por causa do que aconteceu antes.

E eu estava certa. Isso era sobre o Jason. Ou talvez meu primo vindo para o meu trabalho e começando os problemas..., mas eu não achava que o Sr. Cooper me culparia por isso. Felizmente, não havia

nenhum cliente por perto para vê-lo, por isso não causaria impacto nos negócios.

Rip se inclinou para frente e pegou a conversa, seu olhar se espalhando diretamente em mim. —Diga-nos o que está acontecendo com Jason.

O Sr. Cooper falou rapidamente, —Desde o começo, Luna. Diga-nos o que está acontecendo com ele quando ele está com você. Você me contou um pouco, mas acho que Rip deveria ouvir isso desde o começo também.

Então era para onde estávamos indo. Não tinha nada a ver com Rudy — felizmente. Mas, ou eles assistiram ao vídeo, ou ouviram que Jason tinha sido o único a deixá-lo entrar no grupo, e seu desaparecimento depois disso também não ajudou. O idiota não tinha pensado nisso. Ele não sabia que, mesmo se nunca voltasse, os empregadores checariam as referências?

Então eu disse a eles: —Eu nunca disse nada, mas o conheci antes dele começar a trabalhar aqui.

De alguma forma eu me surpreendi de como os olhos de Rip se estreitaram quando eles passaram do Sr. Cooper para mim e de volta para o homem mais velho novamente. Eu não gostei do olhar que apareceu no rosto de Rip antes dele perguntar: —Como?

Aqui vamos nós. —Ele namorou minha irmã há dois anos. Foi uma bagunça. Eu não gostei dele quando ela me apresentou, e eu não gostei dele seis meses depois, quando aconteceu que ele engravidou outra garota. Fiquei fora disso, mas quando ele passava pelo apartamento e tentava vê-la, se eu estivesse em casa, eu lhe

dizia para sair. De qualquer forma, então ele entrou aqui — eu nem sabia que ele estava interessado em trabalhar neste campo naquela época — mas eu não queria trazer coisas pessoais para nenhum de vocês. Eu poderia viver pensando que ele era um... você sabe, não fosse uma boa pessoa.

—Mas quase imediatamente depois que ele começou aqui, ele começou a ser muito rude e desrespeitoso. Eu não era exatamente a pessoa mais gentil e calorosa para ele, mas ele era muito defensivo sobretudo. Eu não gostava dele e ele sabia disso, mas eu tentei ser profissional. Nada ajudou embora.

—Ele estragou as coisas um monte de vezes desde que começou a vir me ajudar, e eu juro que ele fez isso de propósito. Ele não escutava. Ele tem uma atitude ruim. Insubordinado. Ele é mesquinho e preguiçoso, — continuei. —Entramos nisso sobretudo, antes mesmo de ele chegar à minha seção. O Sr. C sabe que fez algumas besteiras, mas foi de propósito, juro. E, Rip, você o ouviu no telefone comigo, você sabe que ele é um idiota.

—Hoje, porém, entramos em desacordo e ele saiu da sala e não voltou por meia hora, então foi quando eu fui procurá-lo. Você pode perguntar a Owen e a alguns outros caras, eles me viram ou perguntaram o que eu estava fazendo, e eu disse a eles. Miguel me disse que o viu do lado de fora e foi por isso que eu saí de lá em primeiro lugar. Eu o vi, e ele me ignorou e passou direto por mim, e a próxima coisa que eu soube... Eu estava sendo empurrada por trás.

—Você viu isso acontecer? — O Sr. Cooper perguntou a Ripley com uma carranca.

—Eu cheguei lá depois, — meu chefe mais jovem confirmou, sua expressão apertada. —Miguel e eu estávamos na porta dos fundos quando ouvimos Luna gritar e fomos direto a ela ao sair pela porta. Eu também estava... distraído para parar e pensar sobre o que ele estava fazendo. — Eu observei o jeito que ele empunhava uma grande mão.

—Você deveria ter voltado e ter certeza que ele não iria embora, — respondeu o Sr. Cooper muito enlouquecidamente, soando mais irritado do que eu já tinha ouvido, e isso estava dizendo alguma coisa porque eu tinha espionado seus argumentos com Rip antes.

A boca do meu chefe mais novo se afrouxou e eu sabia que o que estava prestes a sair de sua boca não era bom.

Então eu tentei, mas em. —É minha culpa. Eu deveria ter dito algo para um de vocês e dito a verdade quando ele estava fazendo merda nas últimas semanas. Eu não deveria tê-lo seguido de volta ao prédio quando ele estava deixando claro que ele estava me ignorando...

Rip me cortou, descaradamente me ignorando enquanto perguntava ao Sr. Cooper com firmeza, —Eu estava ocupado me certificando que Luna estava bem. O que deveria ter acontecido é que você deveria ter me ouvido quando eu disse que precisava parar de tentar fazer dele o aprendiz de Luna.

Esperar. Ele disse ao Sr. C para não o colocar comigo?

Rip continuou em frente. —Eu te disse que havia algo sobre o garoto. Eu lhe disse que ela não gostava dele trabalhando com ela.

Ele também fez isso?

—Eu disse a você que deveríamos tê-lo demitido depois de sua primeira merda, mas você disse ‘Vamos dar-lhe outra chance. Ele é jovem. Todo mundo comete erros’, não é?

—Eu não sabia que era tão ruim, — o homem mais velho afirmou em voz vacilante, com o rosto corado.

—Eu te dizendo não foi o suficiente? — Rip retornou. —Ela dizendo a você não foi o suficiente?

Merda, merda, merda. —Não, é minha culpa. Sr. Cooper, eu deveria ter insistido...

A mão de Ripley surgiu e ele me dispensou. —Não. Eu disse a ele. — Ele apontou um dedo longo e grosso na direção do sr. Cooper. —Eu te disse, e o primo dela poderia ter uma arma com ele. Ele poderia ter tido um bastão com ele, um aro de ferro. Ela poderia ter tido seu cérebro esmagado. Porque você sempre acha que sabe o que é certo!

Eu não poderia estar lá ou dentro de dez milhas, com base em quão intenso era o olhar que estavam dando um para o outro.

E, de repente, tive a sensação de que essa conversa acabara de se transformar em algo que não tem nada a ver comigo.

Eu estava certa.

—Eu não fazia ideia —

—Você nunca tem uma ideia, — disse Ripley, em voz alta.

—Isso não é culpa de ninguém, mas do meu próprio primo, — eu tentei dizer a eles, tentando fazer contato visual com um deles, mas ambos estavam olhando muito um para o outro. Era como se eu nem estivesse no mesmo universo. —Era meu primo. Minha família. E eu não sei se ele pagou Jason para abrir o portão e deixá-lo entrar ou o que, mas é minha culpa, — eu tentei dizer..., mas eles não estavam ouvindo. Eles não estavam nem perto de ouvir.

—Isso é injusto, Ripley, — disse o homem mais velho, completamente focado nele.

—Você acha?

O Sr. Cooper passou a outra mão pela cabeça. —Eu sei que é. Eu te disse que não sabia.

—Você não acha que essa desculpa está ficando velha depois de todos esses anos?

—Filho, me dê um tempo, — o Sr. Cooper quase resmungou, esfregando a mão sobre o peito, o rosto rosado e avermelhado.

Mas o homem na cadeira decidiu que ele não ia dar a ninguém um descanso, não seu parceiro de negócios, não o homem que tinha sido tão gentil comigo por tanto tempo. —Não me venha com essa de filho. Você sempre acha que sabe mais do que todo mundo, mas não sabe.

OK. Tudo certo. Eu precisava acalmar isso. —Ei, Rip. Não coloque isso no Sr. C. Sou eu. Eu deveria ter dito alguma coisa desde o começo...

Eles ainda estavam me ignorando enquanto suas vozes ficavam mais altas.

—Eu não sabia! — O Sr. Cooper respondeu quando Rip se levantou. —Não é justo que você continue trazendo coisas de vinte anos atrás.

Como eles se conheciam há vinte anos?

—Ei, vocês dois, podemos concordar que não é culpa de mais ninguém, mas de Jason? — Eu falei, ficando de pé para esperançosamente lembrar que eles não estavam aqui sozinhos.

Eu estava invisível, porque nada mudou.

Nada mudou porque Rip apontou o dedo na direção do Sr. Cooper e atirou, —Vinte e dois anos atrás, não vinte, e poderiam ser outros quarenta e eu ainda não esqueceria o que você fez com a minha mãe...

Espere.

Espere.

Mãe?

Mãe?

O Sr. Cooper engasga me fazendo olhar para ele quando ele estendeu a mão e colocou a outra mão no centro do peito.

—Sr. C? — Eu perguntei, dando um passo em direção à sua mesa enquanto a voz de Ripley parecia se apagar.

A decorative border made of overlapping, wavy teal lines frames the entire page. The lines are thin and translucent, creating a delicate, lace-like effect. They are arranged in a rectangular frame with slightly irregular, organic edges.

O Sr. Cooper sugou outro suspiro quando seus dedos se enrolaram sobre a camisa que ele usava. —Eu... eu...

—Ligue para o 911! —

Capítulo 25

—Vou pegar um chá ou café no refeitório. Você quer alguma coisa?

Eu perguntei quando fiquei de pé, ignorando a maneira como meus joelhos saltaram de tanto tempo que eu estava sentada na sala de espera do hospital.

No Hospital.

No hospital depois de seguir a ambulância carregando o Sr. Cooper.

O Sr. Cooper, que eu tinha 99% de certeza, sofrera um ataque cardíaco.

Duas horas na sala de espera haviam me dado tempo suficiente para cuidar de uma dor de cabeça latejante, um nó no meu peito que parecia um tumor maligno se as pessoas se sentissem como algo, e joelhos que estalaram quando eu me levantei. Depois que os paramédicos apareceram, eu segui atrás, querendo vomitar e orar ao mesmo tempo, mas eu não tinha orado por nada há tanto tempo, eu não tinha certeza se sabia mais como fazê-lo.

E atrás de mim, no carro do Sr. Cooper, havia Ripley em sua caminhonete.

Rip, que não tinha dito mais do que um punhado de palavras para mim desde que ele primeiro gritou para alguém chamar uma ambulância. Quem ficou parado ao lado enquanto os paramédicos

carregavam o Sr. C. Quem não fez um movimento para sair, e foi por isso que eu peguei o carro dele, já que o meu estava em casa.

Rip e eu nos sentamos ali, três cadeiras separadas, em silêncio o tempo todo. Eu não tinha certeza do que ele estava pensando, ou o que ele sentiu. E eu, com certeza, não sabia o que dizer.

Eu não sabia o que pensar, se fosse honesta comigo mesma.

Mãe.

Vinte e dois anos.

Toda essa raiva...

Não era hora de pensar sobre isso, mas era difícil não deixar minha mente vagar por essas palavras e o que elas possivelmente significavam.

Eu não era idiota.

Eu tive meu coração na garganta pelas últimas duas horas. Meu estômago estava seco e quente, e eu realmente me sentia enjoada de preocupação com um homem que amava e cuidava. Não ajudava que eu estivesse explodindo o telefone de Lydia e ela não tivesse respondido. Eu deixei correios de voz em seu celular e seu telefone de casa dizendo para ela me ligar, mas ela ainda não o fez.

Era normal que o que quer que estivessem fazendo com ele demorasse tanto? Eu me perguntei. Eu não tinha certeza. Eu tentei procurar coisas na internet, mas a informação era tão ampla, tudo o que fez foi me deixar mais doente.

Foi por isso que eu sabia que precisava levantar e me mover por um tempo, mesmo que fosse apenas uma curta viagem até o refeitório. Ser impotente era uma das coisas mais horríveis do mundo.

Rip olhava direto para a televisão, mostrando um episódio de Law and Order, enquanto respondia com uma voz que eu nunca tinha ouvido antes. —Não.

Ele mal tinha se movido nas horas em que estávamos sentados lá. Ele também estava preocupado? Ele se sentiu culpado por entrar em uma discussão com o Sr. Cooper — o pai dele talvez-possivelmente-eu-acho — bem antes? Eu não poderia culpá-lo se ele fizesse isso.

Eu me senti culpada por não fazer mais. Por não os parar. Por não abrir a boca e reclamar daquele pequeno idiota quando o Sr. C o prendeu pela primeira vez comigo.

Uma pequena parte de mim, que honestamente não era tão pequena, sentiu-se idiota por não colocar os pontos juntos.

Outra pequena parte de mim se sentiu um pouco traída de que, se fosse verdade que estavam relacionados, nenhum dos dois jamais dissera uma palavra.

Especialmente não o Sr. Cooper, que tinha sido uma figura paterna melhor para mim do que meu próprio pai tinha sido. Este homem que eu realmente amava, nem sequer insinuou o fato de que o homem de quarenta e um anos que eu via cinco dias por semana, se não seis dias por semana, poderia ser seu filho.

Se eu pensasse sobre isso... se eu realmente pensasse sobre isso... ambos tinham as mesmas construções altas e amplas. Ombros largos, peitos grandes, eles eram como um tanque. Ripley não tinha os olhos, mas ele tinha o queixo. E se eu não tivesse conhecido o Sr. Cooper depois que ele tivesse ficado completamente grisalho, eles poderiam ter a mesma cor de cabelo também. Eles gostavam do café da mesma forma, tinham alguns dos mesmos tiques...

Se eles fossem parentes, a hostilidade deles em relação um ao outro fazia tanto sentido que era irritante.

Se alguém sabia como era ficar ressentido com um parente, era eu.

E eu não sabia.

Eu não tinha nem ideia depois de nove anos conhecendo o homem mais velho.

Talvez não fosse verdade. Talvez eu tenha entendido mal, mas eu duvidei seriamente disso. Por que mais o Rip usaria a palavra — mãe— ao redor do Sr. Cooper? Se eles fossem relacionados por qualquer outro meio, eu aposto que teria sido criado por esse ponto. E os anos faziam sentido. Rip não disse que tinha dezoito anos quando sua mãe morreu? O Sr. C não se casou novamente um ano depois e esteve com Lydia vinte e dois anos?

Eles estavam relacionados.

Eles tinham que estar.

E eles mantiveram esse segredo.

Segredos, segredos não são divertidos. Segredos sempre machucam alguém.

Não era hora de me concentrar nisso, tentei dizer a mim mesma. Era hora de se preocupar com o Sr. Cooper. Isso não teve nada a ver comigo.

Às vezes, era muito mais fácil aceitar as coisas quando você percebia que no final do dia, você era apenas uma vítima inocente em um acidente de trem que havia sido causado por algo que lentamente se deteriorou ao longo de décadas.

Subindo na ponta dos pés para esticar minhas panturrilhas, olhei a expressão no rosto de Ripley enquanto ele se sentava em sua cadeira a poucos metros de distância do que eu estava, e perguntei: —Rip? Você quer alguma coisa? Eu posso te dar um refrigerante também se você não quiser café.

Ele ainda não tirou sua atenção da televisão quando disse em uma voz rouca e firme: —Não.

Eu não tinha certeza se ele tinha sequer comido seu almoço. Eu não tinha vontade de comer o meu depois de tudo o que aconteceu com meu primo. —Algo para comer? — Eu perguntei, lutando contra aquela sensação de desamparo pelo homem na sala de operações.

—Não.

Eu vi seus dedos se espalharem onde eles estavam em suas coxas, observei o jeito que ele ergueu seu olhar para mim enquanto seus lábios se separaram um pouco, essa expressão... irritada vindo

em seu rosto. Eu conhecia essa expressão. Eu vi meus pais fazerem o mesmo o suficiente na minha vida.

Especificamente, quando eu tentava falar com eles e acabava incomodando-os. Era a idiota, pobre garota idiota. Como se eles tivessem pena de mim. Por querer algo que eles sabiam que eu não conseguiria, algo que eu deveria saber que não me dariam, mas que era jovem demais para entender.

Era a cara que eles fizeram antes que eu tivesse um motivo para me arrepender.

—Eu não quero fodidamente nada, Luna, ok? , — ele disse tão calmamente que era estranho.

Engoli. Lembrei-me de que ele poderia estar se sentindo culpado e irritado porque alguém com quem ele tinha uma história estava no hospital, e ele se sentiu mal. Alguém que pode ser seu pai. Talvez.

Então eu tentei dar de ombros. Eu tentei perdoá-lo por aquele rosto que fez meu estômago apertar mais forte. Tentei dizer a mim mesma que às vezes as pessoas não sabiam o que precisavam ou queriam quando estavam sofrendo. Ninguém era racional quando estava chateado. Nem mesmo eu. Eu pedi a este homem que quebrasse a mão de alguém por mim em retaliação há horas atrás. Olá hipócrita.

—Você tem certeza? — Eu deixei as palavras caírem, porque eu sabia que ele precisava comer, ou pelo menos beber alguma coisa. —Eu não acho que você tenha comido nada e...

Aquela expressão feia e voz irritada não coincidia com aquela calma, estranha e macia passando por suas cordas vocais. —Eu já disse que não quero porra nenhuma, ok? , — ele rosnou.

Seu pai teve um ataque cardíaco e você precisa ser paciente com ele, eu disse a mim mesma, disse ao meu coração que doía e meu estômago ficava incrivelmente mais apertado.

Eu mantive meu olhar em seu rosto e disse-lhe pacientemente: —Eu estou apenas perguntando, Rip. Você não tem que morder minha cabeça. Estou apenas tentando ajudar. Eu não vou perguntar de novo, ok?

Este homem que dormiu na minha cama revirou os olhos. Suas mãos se abriram e se fecharam em suas coxas e eu tentei me preparar. Tentei dizer a mim mesma, use a gentileza. Escolha paciência. E isso tudo desmoronou e se afastou, pois, esse homem que eu conhecia, mas não muito, rosnou: — —Volte para a loja, Luna. Não estou com vontade de lidar com as suas merdas.

Lidar com a minha merda?

OK. Tudo certo. Ele estava lidando com coisas. Eu tive que lembrar disso. Eu tive que fazer. Ele não quis dizer o que ele disse. Então mantive minha voz tão amigável e paciente quanto pude reunir. —Estou aqui pelo Sr. Cooper. — Então tentei dar-lhe um pequeno sorriso. Um paciente, então ele saberia que eu estava apenas tentando ajudar. Se eu não me importasse com ele, não daria a mínima para sua ingestão de calorias ou líquidos. Ele não sabia disso? —Eu também estou aqui por você, Rip. Você não deveria estar aqui sozinho.

Foi sua cabeça inclinada para o lado que me colocou ainda mais na borda. O tom de sua voz não ajudou. De modo nenhum.

—Eu não estou de bom humor, você me entende? Eu não preciso que você se preocupe comigo agora. O que eu preciso é que você me dê algum espaço sem me preocupar em ferir seus sentimentos.

Eu queria recuar, mas não fiz. —Você não precisa se preocupar em ferir meus sentimentos.

—Eu sempre me preocupo em machucar seus sentimentos, Luna. Me dê um tempo— — ele retrucou.

Não me surpreendeu que eu não tenha voltado às suas palavras. Nem mesmo se sua declaração me picasse como uma queimadura sob a água quente. —Desde quando? — Eu perguntei a ele, ouvindo a tensão na minha voz e não gostando de como ele estava me fazendo sentir.

Esse homem balançou a cabeça. —Eu não estou no humor do caralho.

Ele não estava de bom humor?

—Eu não estou com vontade de ter você sendo malvado comigo quando estou apenas tentando ser sua amiga, — eu respondi, sentindo meu rosto ficar quente e indignação encher minha alma de como ele estava apenas tentando se livrar de mim, como se fôssemos estranhos.

Ele dormiu na minha cama na noite anterior. Ele me fez almoçar e jantar. Comprou meu café da manhã.

Amigos estavam lá um para o outro, e é isso que eu estava fazendo. Tentando ficar de olho nele. Estar lá para ele.

E ele estava me afastando, e não de um jeito legal.

As próximas palavras da sua boca provaram isso. —Você está tentando ser minha amiga? Seja minha amiga dando-me algum espaço antes de dizer ou fazer alguma coisa, que vou acabar lamentando mais tarde. Dê-me algum espaço para que mais tarde eu não tenha que me sentir mal por fazer você se sentir mal.

Talvez eu devesse ter deixado ir, deveria ter ido embora e dado a ele o espaço que ele queria, mas tinha sido um longo dia e me senti irritada. Espinhosa. Machucada já fisicamente e emocionalmente. Eu não senti vontade de deixá-lo me ignorar.

Especialmente depois de tudo que aconteceu ultimamente com o funeral, minhas irmãs e meu pai. Talvez se minha irmã não tivesse me chutado para fora de seu apartamento, ou essas feridas do meu pai não tivessem sido reabertas, ou se meu primo não tivesse acabado de aparecer no meu trabalho para tentar me machucar... Talvez eu pudesse ter deixado para lá, se todas essas coisas não existissem tão frescas em meu coração. Se eles não tivessem me esfregado tanto quanto eles já tinham.

Agora isso? Dele, de todas as pessoas?

Eu não gostei de ser ameaçada, especialmente hoje.

—O que isto quer dizer? — Eu perguntei a ele com cautela, com medo acumulando no meu estômago enquanto eu tentava pensar sobre ele ter coisas para dizer que intencionalmente me machucariam.

—Esquece.

Esquecer? Havia algo a ser esquecido? Meu coração começou a bater mais rápido, e esse instinto de sobrevivência me disse para deixá-lo ir. Me disse que isso não valia a pena. Mas eu não pude. Eu não pude. —O que isso deveria significar? — Eu repeti a mim mesma —O que você diria para mim que feriria meus sentimentos?

O rosto que ele fez... o rosto que ele fez me avisou. Era o único prefácio que eu iria conseguir antes que ele apontasse os olhos verde azulados para mim como se tivessem fogo neles.

—Diga-me, — eu continuei, embora uma parte de mim soubesse que eu não queria saber.

—Pare.

Eu não pude embora. Eu não pude. Hoje não. Não depois dessa vida, eu estava vivendo há tanto tempo que parecia que metade dos meus entes queridos não confiava em mim, ou não me davam o suficiente. Eu não queria tirar outra pessoa em quem estava tão investida. Eu não queria que Rip estivesse nessa lista. Isso era tão errado? —Eu quero saber. Não quero que você ande na ponta dos pés ao meu redor porque acha que sou fraca e patética. Eu não sou. Eu também não sou estúpida. Eu quero que você me diga.

Sua expressão triste poderia ter me matado. —Sim? É o que você quer? — Ele perguntou, algo sobre seu tom quase cruel. —Eu sei o que você fez com sua família antes do dia em que fomos ao funeral, Luna. Não é nenhum segredo. Eu sabia. Todo mundo sabia, Jesus Cristo.

Não deixe ele ver você recuar.

Mas ele não estava parando. Ele não estava enlouquecendo. — Você quer saber como eu sabia? Você quer saber a verdade? Eu não li sobre isso no jornal. Eu sabia disso por causa daquela gangue que você me perguntou se eu era. Eu estava em uma MC. Um clube de motoqueiros. Os Reapers. E nós não fodemos com as drogas da sua família, mas eu conhecia seu tio. Eu conhecia seu pai. Eu ouvi tudo sobre a garota que teve metade da família presa. Eu sabia sobre você, antes de te conhecer.

Alguma parte racional do meu cérebro tentou dizer ao resto que o que ele estava dizendo não era grande coisa. Isso não mudava nada. Isso não significava nada.

Eu não estava envergonhada por isso. Eu não me senti mal com isso.

Mas...

—Cooper também sabe disso o tempo todo, então você sabe. Ele me disse, anos atrás, que havia contratado um investigador para investigar você e sempre soube de onde você veio e quem era sua família.

Ele também sabia. Pois sabe há muito tempo, talvez desde o começo, ele sabia.

E ele nunca disse uma palavra.

Eu poderia entender manter sua primeira esposa em segredo. Talvez até conseguisse entender que ele escondia um segredo, se eu realmente quisesse ser lógica. Mas ele sabia do meu passado e nunca disse nada? Não em nove anos?

—Isso é bom o suficiente? Você vai agora me dar um tempo, ou eu preciso soletrar para você? Me deixe em paz.

‘Deixe-me em paz’, minha irmã havia jogado para mim inúmeras vezes essas palavras.

‘Deixe-me em paz’, meu pai sibilou para mim incontáveis vezes mais.

‘Deixe-me em paz’.

Eu poderia ter tido muita raiva em meu coração. Quando pessoas como Thea ou Kyra me deixavam chateada, havia um milhão de coisas que eu poderia ter pensado em machucá-las, mas eu nunca faria isso. Porque eu nunca iria querer que alguém que eu amava se machucasse por minha causa. Eu saía do meu caminho para me certificar de que isso não acontecesse.

Ainda...

Eu congelei. Eu pisquei e engoli em seco, quando eu disse, quase rigidamente, tentando ignorar a familiaridade do que tinha saído de sua boca: —Estou apenas tentando ser sua amiga.

—Parece que eu dou a mínima sobre isso agora?

Eu nunca tinha me sentido bem em ser pisada pelas pessoas. Tirarem proveito de mim.

Mas não de pessoas que eu achava que podia confiar. Quem me fez acreditar que eu poderia. No entanto, aqui estava eu.

Você não pode fazer alguém te amar ou se importar com você. Eu sabia disso melhor que ninguém.

Os pelos dos meus braços se levantaram, minhas costas se arrepiaram, e eu simplesmente fui... entorpecida enquanto estava lá, olhando para o homem que eu tinha tomado cuidado, por anos. Aquele que começou a me fazer sentir que eu não era um incômodo, que estava tudo bem em pedir-lhe coisas. Isso me fez sentir segura.... compreendida.

E percebi que a queimadura em mim era na verdade uma queimadura gelada.

‘Deixe-me em paz’, Lucas Ripley acabara de me dizer.

Eu não tinha muito orgulho. Mas tinha o suficiente.

Talvez Rip não conseguisse juntar as coisas o suficiente, mas eu deixei as pessoas que não me queriam por perto e nunca olhei para trás. O suficiente foi o suficiente. Eu estava superada — aquelas palavras, sendo empurradas para o lado por todas aquelas pessoas que eu me importava, sendo feitas para me sentir dispensável — que tudo isso parecia ácido em minha alma.

Ele queria que eu o deixasse em paz também? Ele não queria ser meu amigo? Ele queria manter as coisas de mim como todo mundo?

Mordendo o interior da minha bochecha, eu mantive meu olhar fixo nele enquanto o gelo queimava a dor através de mim. Eu podia sentir nos poros do meu rosto, ao longo da minha boca, nos meus olhos.

Eu deveria ter deixado ir, eu sabia. Eu deveria ter evitado essa conversa, mas não o fiz. Eu tinha entrado direto nisso, e essa dor era

toda minha própria culpa. Eu não tinha mais ninguém para culpar além de mim mesma.

Então, novamente, ele poderia ter dito qualquer outra coisa para mim também, que não doesse nem um pouco.

Mas as coisas engraçadas eram: ele não tinha. Estava farta. Eu estava tão cansada que não conseguia me lembrar da última vez que me senti mais exausta. E de repente, tão solitária que eu não aguentei.

Isso foi o que eu tenho para esperar. Por esquecer.

Todo mundo merece amor, mas há pessoas que não querem, não importa o quão desesperada e verdadeiramente você possa dar a elas.

Eu dei um passo para trás e depois outro, dando-lhe um único aceno de cabeça, como eu disse com uma calma que ele não merecia: —Você está certo, Sr. Ripley. Você sabia melhor do que eu que você poderia ferir meus sentimentos, mas você fez isso de qualquer maneira. — Mordi o interior da minha bochecha e apertei o inferno da minha alma. —Sinto muito por passar por cima da linha. Sinto muito por te empurrar. Eu nunca mais farei isso novamente.

Eu não derramei uma única lágrima quando me virei e saí da sala de espera. Eu não derramei uma lágrima quando cheguei ao refeitório e consegui café. E quando eu levei de volta comigo para a mesma sala de espera onde eu deixei a última pessoa a quebrar meu coração, eu estava orgulhosa de mim mesma.

Só porque ele não queria o meu apoio não significava que eu iria correr e me esconder, não quando alguém com quem eu me

importava e alguém que se importava comigo também estava passando por uma cirurgia. Lucas Ripley poderia ter me chutado no peito agora, mas ele não ia me fazer esquecer porque eu estava lá.

Isso era pelo Sr. Cooper. O homem que não teria me expulsado da sala. Aquele que esteve lá para mim uma e outra vez.

Talvez ele soubesse de onde eu tinha vindo, e isso me machucou por ele manter escondido de mim, mas eu lidaria com isso mais tarde. Lidaria com isso quando soubesse que ele estava bem. Eu não teria nenhum sentimento ruim por ele quando não tivesse certeza se ele estaria bem.

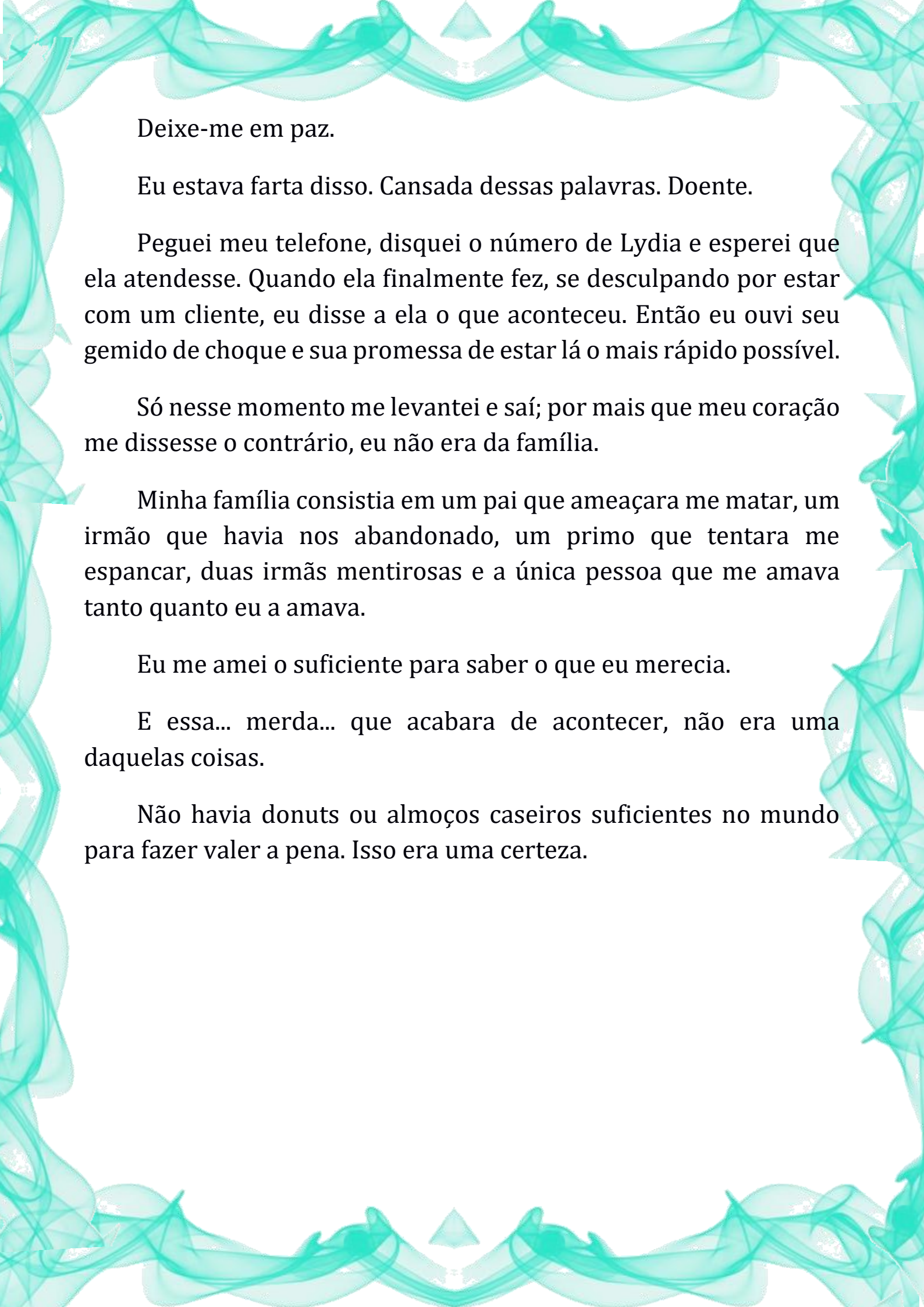
Graças ao vidro transparente que era usado como paredes para a sala, eu podia ver que ainda estava vazio, exceto pelo homem de cabelos escuros que eu não ia olhar.

Eu mantive meu queixo alto enquanto eu tomava o mesmo lugar em que eu estava antes em vez de me afastar de meu chefe.

Então me sentei, coloquei os olhos na tela da televisão e não olhei para Ripley de novo até trinta minutos depois, quando um médico entrou, perguntando por parentes do sr. Cooper. Eu escutei o suficiente na conversa para ouvir que ele tinha conseguido passar pela cirurgia com sucesso, mas estaria em tratamento intensivo por enquanto, o que poderia ser de horas ou dias. Até então, só família.

E isso era uma coisa que eu não era. Alguém da família deles.

Talvez eu não tivesse a melhor base para o que uma família deveria ser, mas eu estava farta de mentiras. Farta de ser chutada para o lado, repetidamente. Até eu sabia que não era assim que a família deveria ser.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text, resembling a stylized floral or water pattern.

Deixe-me em paz.

Eu estava farta disso. Cansada dessas palavras. Doente.

Peguei meu telefone, disquei o número de Lydia e esperei que ela atendesse. Quando ela finalmente fez, se desculpando por estar com um cliente, eu disse a ela o que aconteceu. Então eu ouvi seu gemido de choque e sua promessa de estar lá o mais rápido possível.

Só nesse momento me levantei e saí; por mais que meu coração me dissesse o contrário, eu não era da família.

Minha família consistia em um pai que ameaçara me matar, um irmão que havia nos abandonado, um primo que tentara me espancar, duas irmãs mentirosas e a única pessoa que me amava tanto quanto eu a amava.

Eu me amei o suficiente para saber o que eu merecia.

E essa... merda... que acabara de acontecer, não era uma daquelas coisas.

Não havia donuts ou almoços caseiros suficientes no mundo para fazer valer a pena. Isso era uma certeza.

Capítulo 26

A notícia de que o Sr. Cooper, nosso amado chefe, havia sofrido um ataque cardíaco abalou todos na loja. Não tinha sido um fatal, mas tinha sido grave o suficiente para que seus médicos insistissem que ele demorasse a voltar. Que ele descansasse. E administrasse melhor seus níveis de estresse.

Lydia teve a gentileza de me ligar logo depois que eu saí do hospital — no processo, perguntando por que eu não tinha esperado por ela — e depois me manteve em dia sobre como ele estava. No dia seguinte, fui visitá-lo novamente, assim que o vovô Gus estava saindo do hospital.

—Você me salvou, querida, — meu chefe sussurrou quando eu cheguei em sua cama no dia seguinte ao ataque cardíaco.

Eu estendi a mão para pegar sua mão, dando-lhe um aperto suave enquanto sorria para o rosto alinhado, ainda muito pálido, tentando não pensar sobre o que poderia ter acontecido com ele se não tivesse sido um ataque menor. Eu cometi o erro de ler que a doença cardíaca era a principal causa de mortes no país. —Tudo o que fiz foi dar-lhe uma aspirina, — eu disse a ele, tentando o meu melhor para ignorar a dor quando eu pensava sobre as coisas que ele tinha mantido em segredo por tanto tempo.

—Você me disse para comprar um novo frasco de aspirina quando a última expirasse, lembra? Você insistiu que eu pegasse aspirina, 'apenas no caso, Sr. C', — ele tentou argumentar em sua voz mais fraca que o habitual, dando à minha mão outro aperto.

Eu estava pensando nele especificamente quando insisti que ele comprasse mais aspirina. Quando ele me disse que estava com pressão alta, eu fiz uma pequena pesquisa, não que eu tenha mencionado isso. Mas ele é importante para mim, e eu queria ter certeza de cuidar dele de qualquer maneira que pudesse para que ele não piorasse. Porque é o que você faz quando se importa com as pessoas. —Bem, eu estou feliz que você ouviu, — eu disse a ele.

O sorriso que ele me deu em troca, quando ele se deitou na cama do hospital, estava fraco. —Eu não sei quando vou voltar para a loja.

A primeira coisa em que pensei foi Ripley.

—Você vai segurar o forte para mim até então, não vai? , — ele perguntou.

A emoção tinha entupido minha garganta quando olhei para ele, e foi a minha vez de apertar a mão dele. —Eu seguraria o mundo por você, se você quiser, Sr. C. Não se preocupe com a loja. Todos estaremos bem.

Eu especificamente não me deixei pensar em o que Ripley e o Sr. Cooper estavam passando, significaria para o resto de nós.

O dia tinha sido duro o suficiente como foi. Tenso e desajeitado e até um pouco carregado não eram boas descrições sobre como todos nós estávamos. Todos nós menos Rip, com quem eu não tinha falado, ou visto, ou até mesmo estive no mesmo estande que eu. Com o tempo, todos os meus colegas de trabalho entraram no meu estande para perguntar sobre o nosso chefe favorito.

Bem, além de Jason, que não apareceu no trabalho, e quem eu aposto que nunca faria de novo. Mas eu não dava uma única porcaria sobre esse cretino mais de qualquer coisa. Eu poderia conseguir o endereço dele fácil. Mas, felizmente para ele, tudo isso parecia sem importância comparado ao ataque cardíaco do Sr. C. E se eu tivesse que escolher entre chutar sua bunda ou do meu primo, eu sempre escolheria meu primo. Sempre.

Esse homem que eu amava e me amava de volta, dava-me um sorriso gentil e caloroso que colocava as coisas em perspectiva para mim. A vida era muito curta para se enforçar amando alguém que nunca iria amar você de volta, eu finalmente vi isso claramente agora. —Eu sei que você iria, Luna, — o Sr. Cooper me disse. Então ele suspirou, e seus olhos se estreitaram um pouco e ele disse: — Sinto muito por Jason. Você não tem ideia—

Oh inferno. Nós estávamos de volta para isso. —Não se preocupe com ele ou meu primo. Está tudo bem, — eu tentei assegurar a ele, até mesmo dando-lhe um sorriso para que ele soubesse que eu não estava dizendo isso por causa do que aconteceu. —Não é a primeira vez que meu primo tenta pular em mim, mas será a última.

Miguel teve a certeza de me dizer que eles haviam deixado claro, o que quer que tivessem feito ou dito, que tivesse resolvido as coisas. Eu não pedi detalhes porque isso tinha sido bom o suficiente para mim.

Espero que ele dê minha mensagem ao meu pai para que ele saiba também que eu não estava dando voltas. Eu sabia o suficiente para colocá-lo em apuros ainda, e se não o fizesse, não teria nenhum problema em descobrir o que aconteceria. Porque ir tão longe não

estava fora do reino da possibilidade se eles tentassem fazer algo de novo, e ele tinha que ser esperto o suficiente para perceber isso.

—Não está bem, mas sinto muito, — o homem mais velho argumentou. Seus olhos deslizaram na direção de onde Lydia estava sentada antes de voltar para mim. Sua garganta balançou suavemente, e ele soltou outro suspiro profundo. —Há algumas coisas que eu quero te dizer... algumas coisas que eu deveria ter dito antes... — Ele parou, a expressão que ele estava fazendo quase como se ele estivesse tentando me dizer alguma coisa.

Ele estava confirmando isso, não era?

Ele estava tentando me dizer que ele realmente era o pai de Rip e eles guardaram o segredo para si mesmos.

Ele não mentiu. Não tecnicamente. Ele só não tinha... me dito ou a qualquer outra pessoa, a verdade.

O homem que trabalhou conosco nos últimos três anos é seu filho. Um filho da esposa que ele teve antes da outra esposa a metros de nós. Um filho da mesma mulher que ele me dissera que era, ou tinha sido, o amor de sua vida.

E aquele filho era o homem com quem ele não conseguia falar por dois minutos sem entrar em uma discussão.

O mesmo que tinha deixado claro, vinte e quatro horas atrás, que ele me via da mesma maneira que quase todo mundo que realmente me machucou via.

Cara, não foi bom pensar sobre isso.

—Eu venho vê-lo amanhã, — eu prometi, dando-lhe um sorriso de confiança para que ele soubesse que, se eu tivesse colocado as coisas juntas, eu estava bem com o que ele tinha escondido de mim.

Eu não estava. Não totalmente.

Mas eu não seguraria contra ele. Ele tinha suas razões. Ele teve. Eu apenas lidaria com a pequena sensação de traição que eu sentia com essa não-mentira até então.

Eu não estava querendo adicionar outra pessoa à minha lista.

—Eu vou à sua casa para te visitar depois que você sair daqui também, — eu continuei, mal segurando o fio dentro de mim que decidi não se machucar. —Eu vou ter que mantê-lo atualizado sobre as fofocas da loja, hein?

O olhar do Sr. Cooper procurou o meu, e depois de um momento, ele inclinou o queixo para baixo apenas o suficiente para mostrar como ele concordou. Mas ter ou não alguma coisa a ver com ele concordando que precisava ouvir o que estava acontecendo na loja, era uma história diferente. Nós dois estávamos bem conscientes do elefante gigante no quarto pairando sobre nós. Há algumas coisas que eu quero te dizer... algumas coisas que eu deveria ter dito antes...

Porque naquele momento — e eu tinha a sensação de que não seria apenas naquele momento ou no próximo, ou no seguinte — eu sabia que não me importaria o suficiente para obter a história completa.

Meu coração honestamente simplesmente não dava mais uma porcaria.

Meu coração tinha sido quebrado, pisado, e virou pó ontem, e como nas outras vezes, a mesma coisa aconteceu, eu sabia que poderia regenerá-lo. Essa foi a minha outra superpotência. Eu sempre voltaria do caos.

Porque foi exatamente onde Rip me deixou para chafurdar.

Eu disse a ele uma vez que não ficava de mau humor, pelo menos não por muito tempo, e não estava prestes a começar por ele. Era mais fácil esquecer e ignorar do que segurar as coisas que doem.

Antes que o sr. Cooper ou eu tivesse a chance de dizer outra palavra, houve uma batida na porta antes de abrir uma fresta e depois completamente. Eu soube imediatamente quem estava vindo antes de realmente ver as botas de trabalho manchadas e a camisa de compressão branca longa o suficiente para passar por cima das calças jeans manchadas, que o novo visitante da sala de hospital estava usando.

Eu sabia que era Ripley.

E foi por isso que eu tirei a mão do Sr. Cooper e me inclinei para lhe dar um beijo na bochecha. —Eu devo ir. Me ligue se algum de vocês precisar de alguma coisa. Tenho certeza de que meu chefe não terá problemas se eu sair sorrateiramente da loja um pouquinho, se for preciso, — eu disse, tentando soar o mais alegre possível.

A cabeça do Sr. Cooper já estava inclinada na direção da porta quando ele disse: —Obrigado, pequena lua, — no mesmo tom que ele falou comigo toda vez que Rip estava por perto. Com um pouco menos de carinho. Com um pouco mais de distância.

Eu sempre achei que ele não queria deixá-lo louco ou fazê-lo se sentir como se estivesse tocando, mas eu podia ver agora que era por outras razões que eu não tinha certeza se entendia. Para não o deixar com ciúmes? Para não esfregar nosso relacionamento e como nos damos bem?

Eu não sabia, e honestamente não era da minha conta descobrir. Não mais. Nunca, desde o começo, aparentemente.

—Você também, Lydia, — eu disse a ela antes de me curvar para dar-lhe um beijo na bochecha também, observando seus olhos fixos no homem que eu podia ouvir entrando na sala.

Seus olhos se voltaram para mim, mas seu sorriso era tão frágil e cansado quanto ela assentiu. —Muito obrigada querida. Eu te ligo em breve.

Eu balancei a cabeça e dei um passo para trás. —Descanse, Sr. C. Eu vejo você amanhã.

Eu ouvi um —dirija com cuidado e um —cuide-se— deles, quando eu me virei para sair, mas eu não podia perder a tensão em suas vozes quando eles disseram isso.

Com certeza, naquela época, uma figura uma cabeça mais alta do que eu e muito mais larga, parou ao meu lado.

Eu queria fingir que ele não estava lá, mas eu não faria.

Não era culpa dele eu ter começado a acreditar que ele realmente dava a mínima para mim. Eu poderia lidar com o humor dele no trabalho. Eu poderia lidar com o segredo dele. Mas me

fazendo sentir idiota, me afastando, aquelas coisas ditas que eu não conseguia esquecer.

Era minha culpa pensar que as coisas estavam mudando entre nós. Por ser desesperada e grudenta. Foi minha culpa.

Em vez disso, eu olhei diretamente para o meu outro chefe e disse, muito calma e friamente: —Oi, Sr. Ripley.

Ele já estava olhando para mim. Seu rosto, aquela máscara, eu nunca soube o que pensar. Foi a mesma máscara que eu tentei usar, só por um momento, porque foi por quanto tempo fiquei lá antes de dizer —Tchau— por cima do meu ombro para os três.

Meu peito doía apenas um pouco quando saí do hospital e, como tantas outras coisas, esmaguei-o em uma ferida ainda menor e joguei fora.

Eu era amada e tinha tudo. Eu não estava feliz agora, mas eu estaria de novo.

Meu peito só continuava doendo um pouco toda vez que eu via Rip na loja.

No primeiro dia, três dias depois da nossa conversa na sala de espera, eu tive que encontrá-lo para perguntar sobre alguns detalhes vagos em um pedido. Ele estava no andar da loja principal, puxando estofados dentro de um Ford Bronco de 1970. Eu só tinha ficado no meu estande por talvez um minuto tentando treinar na minha cabeça como falar com ele do jeito que eu imaginava que poderia e iria.

Como se ele não tivesse ferido meus sentimentos.

Como se ele não tivesse sido malvado, frio e cruel.

Eu poderia fazer isso, eu tinha dito a mim mesma.

Eu não joguei, e não ia começar então.

Então, naquele minuto, eu me juntei e me fui.

—Sr. Ripley? — Eu o chamei, um pouco orgulhosa de mim mesma por manter minha voz sob controle.

Ele parou instantaneamente, estava agachado no lugar do lado de fora do SUV.

Eu não esperei para parar ao lado dele e empurrei a fatura entre nós. —Eu estava prestes a fazer um pedido, mas queria confirmar o que você marcou e escreveu. Não havia notas adicionadas ao computador. Você quer a cor que escreveu, correto?

Corrigi. Cara, eu estava bem.

Rip me observou em silêncio, passivamente, por um momento antes de pegar o papel e examiná-lo.

Eu deixei-me levar em suas feições, mesmo que eu não deveria. Havia bolsas sob seus olhos e uma séria tensão nos cantos enquanto ele lia seus rabiscos. Mordi o interior da minha bochecha enquanto ele olhava para mim, todo descolado frio, e disse: —Está certo.

Eu não dei a ele o sorriso que geralmente dava, eu tinha acabado de acenar para ele e, com a mesma rapidez, disse — obrigada— antes de voltar.

E quando ele entrou no meu estande algumas horas depois para dar uma olhada no capô que eu havia feito naquela manhã, tudo o que eu tinha feito foi dizer —oi— e depois voltar direto para o trabalho. Assim como quando ele não estava lá. Assim como eu deveria ter feito desde que ele era meu chefe e eu era a sua empregada.

E se a raiva tivesse percorrido minhas veias, deixando-me quente e tensa por alguns minutos, ignorei-a.

Eu não estava brava. Eu não me machuquei. Eu estava bem.

Eu sempre ficaria bem.

E foi daí que eu fui desde então.

Eu fui ver Lily um fim de semana com a Lenny. Outro fim de semana, nós tivemos a noite do jogo na casa do vovô Gus. Eu fiz algumas horas extras, mas não muitas. Fui para a academia, tive um encontro que não abalou minhas meias. Eu bebi. Eu fiz isso.

Fazia duas semanas e a loja estava sobrevivendo. Eu não tinha certeza de quem estava pagando, mas eu era uma empregada e não me preocuparia com isso. Isso é o que Rip era para mim. Meu chefe. A única coisa extra que eu tinha feito era encomendar as coisas para a sala de descanso e retirá-los na loja, mas era isso.

As coisas estavam bem. Todos na loja estavam indo bem. Pelo que eu ouvi do resto dos caras durante o almoço e em pedaços quando nós estávamos na sala de descanso ao mesmo tempo, ou eles vinham para o meu estande para mudar alguma coisa ou pegar alguma coisa, eles diziam sobre o quão mais mal-humorado Rip

estava sendo, e quão irritante era quando ele era o único a quem eles podiam fazer perguntas.

Eu não disse uma palavra. Eu não concordei nem discordei. Eu apenas dei um tapinha nas costas deles ou tentei fazê-los rir.

Eu não ia falar mal dele.

Naquela época, o Sr. Cooper e eu ainda não tínhamos tido a chance de conversar. Eu tinha ido visitá-lo todos os dias em sua casa depois que ele foi liberado e trouxe comida e filmes do Redbox mais próximo de sua casa, mas ele não tinha me dito muita coisa.

Pode ter sido porque Lydia nunca esteve longe.

Se eu tivesse pensado meses atrás que eu teria dificuldade em cortar alguém que eu via regularmente da minha vida, eu teria me enganado. Eu tinha esquecido como era fácil.

Eu tinha a sensação de que era principalmente porque eu não conseguia tirar as palavras de Rip da minha cabeça. Eu as memorizei. Ou bem perto disso. Deixe-me em paz, ele me disse naquela sala de espera.

Eu parei de ansiar por pessoas que não me trataram tão bem quanto eu as tratava quando criança. Eu prometi a mim mesma naquela época que nunca mais me apaixonaria por essa porcaria, e em uma vida onde eu falhara uma dúzia de vezes, aquele juramento tinha sido o único que consegui sustentar.

Foi por isso que não tive nenhum problema em fazer meu café e ignorar Rip quando descí as escadas e fui para o meu estande.

Ele queria café? Ele poderia conseguir isso sozinho. Ele queria que eu o deixasse em paz? Coisa feita. Eu não iria implorar a ninguém pelo seu tempo, amor ou atenção. Eu definitivamente não imploraria por amizade ou companhia também.

Não mais.

Então, quando eu tive um sonho há cerca de duas semanas na recuperação do Sr. Cooper, sobre o meu pai novamente — um sonho que era uma réplica exata da noite antes de eu deixar San Antônio para sempre — eu estava chateada e irritada como se eu não pudesse sequer começar explicar. Não ajudou que minha nuca tivesse coçado e queimado desde o momento em que eu acordara. Ou que isso me lembrou de ter um sonho muito parecido com Rip na cama comigo há não muito tempo atrás. Uma noite quando ele me puxou para perto...

Mesmo uma manhã ocupada no trabalho e toda a trilha sonora de Hairspray não foram capazes de me livrar da inquietação que se formava sob minha pele.

Quando o almoço chegou e subi e encontrei a sala cheia, peguei minha comida na geladeira – pote de caçarola seca e esquisita — esquentei e decidi que ia fazer um favor a mim e aos meus colegas de trabalho e ir a algum lugar melhor onde eu poderia estar de mau humor. Não era por causa de Ripley também. Ele não se incomodou em olhar para cima quando entrei na sala. Se isso não dizia o suficiente sobre como as coisas estavam entre nós, eu não sabia o que mais poderia.

Então eu peguei minha comida e a comi em uma das cadeiras ao redor da parte de trás da loja onde os caras faziam pausas para

fumar. Era Northside Houston, quente e sempre úmido, mas na sombra, com uma brisa decente, uma falta de insetos, e longe do pior da poluição da rua, mais perto da entrada da loja, era... bem.

Honestamente, era meio que relaxante, mesmo que eu estivesse na esquina de onde meu primo me deu uma surra. Mas eu não tinha uma cicatriz no meu rosto, e eu não ia me concentrar naquele idiota. Não quando ele tinha feito coisas parecidas comigo quando criança, quando eu estava voltando da escola para casa.

Rudy não era ninguém. Meu pai não era ninguém. E ninguém não machucou ninguém.

Eu estava bem. Eu tinha um emprego. Eu era amada.

O Sr. Cooper ia se recuperar totalmente.

Lily estava feliz, saudável e ganhando muito dinheiro de gorjeta.

Thea e Kyra estavam ambas vivas, mas eu só sabia disso porque Lily confirmava.

Meu pai não ligou de novo.

Jason nunca voltou ao trabalho.

Eu estava segura. Eu tinha um teto sobre minha cabeça e comida para comer. Eu tinha muito. Nem tudo era perfeito — e eu odiava o quanto me sentia ressentida com as minhas irmãs, — mas era melhor do que a maioria das pessoas tinham.

É o que eu ficava dizendo a mim mesma enquanto ficava sentada lá sozinha.

Cerca de vinte minutos no meu almoço, eu empurrei a bainha da minha calça de moletom até pouco acima dos meus joelhos e estiquei minhas pernas pálidas na minha frente para pegar um pouco de sol.

Quando eu tinha dez minutos restantes no meu intervalo, eu arrumei minhas coisas e voltei para dentro. Eu não olhei ao redor para ver quem estava na loja principal antes de subir as escadas, mas quando cheguei à sala de descanso e encontrei quase vazia, exceto por dois dos caras da equipe — e Rip — eu fiz questão de sorrir para ambos.

Quando eu acidentalmente desviei meu olhar apenas o suficiente para encontrar os olhos de Rip, não deixei o sorriso escapar do meu rosto.

Eu não ia dar a ele a minha mágoa. Eu ia tratá-lo do jeito que ele queria que eu fizesse dias atrás. Como ele era meu chefe. Como se ele não tivesse cavado um espaço em minha vida e então decidido que ele não queria mais ser parte disso.

Como se ele não tivesse me dito aquelas três malditas palavras.

Mas quando eu encontrei seus olhos, mantendo o sorriso no meu rosto, aqueles olhos cor do céu saltaram por todo o meu rosto, demorando-se no colar de estrelas que tinha caído de onde eu coloquei debaixo da minha camisa.

Durou por um segundo.

Porque eu desviei o olhar e fui em direção à geladeira, mantendo o meu olhar naquilo quando passei pelos três homens para poder colocar o resto da minha caçarola longe.

—Luna, o que você comeu no almoço? — Um dos caras perguntou enquanto eu colocava minha bolsa de volta.

Fechei-a com as costas da mão enquanto dizia: Caçarola. Tem gosto de bunda, mas se você não tiver papilas gustativas, pode servir.

Eles não pareciam tão interessados, mas eu enchi minha garrafa de água do filtro e saí da sala apenas dizendo —até mais— para os dois com quem eu estava falando.

Voltei para o meu estande e terminei de gravar o carro que estava preparado para começar o trabalho naquela tarde. Eu estava repassando minhas anotações para isso, checando três vezes a cor da tinta na fatura com o número no rótulo, quando a porta se abriu. Eu não olhei para cima depois de ouvir os dois primeiros passos dados dentro. Apenas uma pessoa andava assim.

—Você precisa de mim para fazer alguma coisa? — Eu perguntei antes que ele fosse longe demais.

Os passos continuavam vindo e sua voz também. —Eu queria verificar novamente algo na SS, — Ripley respondeu imediatamente.

Eu não apertei meus lábios ou fiz uma careta. Levantei-me e imediatamente entreguei a prancheta com as anotações que estava segurando. Ele já estava de pé ao meu lado. Eu mantive meus olhos no quadro enquanto ele pegava, os dedos longos virando para a página que eu tinha acabado de ler.

Então eu dei um passo para trás e me dirigi ao estande para olhar em volta e me certificar de que toda a gravação estava correta, mesmo sabendo que estava.

Rip não disse imediatamente nada; consegui chegar ao meio do caminho antes de ele chamar de algum lugar fora do estande: —Não estou achando.

Eu não entendi por que ele não apenas procurava o pedido no computador, mas eu não ia perder meu tempo sequer imaginando.

A parte mesquinha de mim quase queria ignorá-lo, mas não o fiz. Eu não ia dar a ele nem isso. Então eu chamei em retorno: —Ok.

Quando voltei para a sala principal e não o encontrei lá, fiquei aliviada.

Eu realmente estava.

* * *

No dia seguinte, eu estava no meio da espera para a máquina terminar de agitar a tinta que eu estava prestes a começar a usar em um modelo final do Audi A4, quando a porta do meu estande abriu. Uma grande figura entrou, deixando a porta fechar atrás dele.

Eu sabia quem era.

Eu ia ser a pessoa maior, então me obriguei a perguntar: —O que posso fazer por você?

Rip esperou até que ele tivesse dado mais alguns passos dentro do estande antes de dizer: —Eu queria checar as rodas que estavam na sua lista esta manhã.

Quando ele olhou para a minha agenda?

Mas eu não perguntei. Em vez disso, certifiquei-me de encontrar seus olhos brevemente — muito brevemente. O rosto dele era aquela máscara habitual de aperto e controle, e eu chupei e cuspi de volta, então gesticulei na direção da minha direita, onde eu tinha movido as rodas uma hora atrás. Fora da minha visão periférica, eu observei ele se mover para elas, aquelas longas pernas comendo o quarto que geralmente parecia enorme para mim. Então, concentrei-me na máquina, esperando que ela se apressasse e terminasse seu ciclo, para que eu pudesse continuar com meu próximo projeto antes do almoço.

Rip ficou quieto, e eu propositadamente me movi para dar a ele minhas costas.

O ciclo terminou antes de ele terminar de inspecionar meu trabalho, e eu fui em direção ao estande para transferir a tinta.

Quando voltei para a sala principal para colocar meu traje de proteção, ele ainda estava lá, desta vez olhando através de um dos catálogos de tinta que eu tinha no balcão. Se ele olhou para mim, eu sinceramente não tinha ideia. Eu mantive meus olhos para frente, na parede do outro lado da sala. Ele não disse uma palavra para mim quando eu coloquei meus tênis primeiro, em seguida, pisei no meu traje e fechei o zíper, e ele não respondeu quando eu me dirigi para a cabine e gritei por cima do meu ombro, —Bata se você precisa de mim.

Fechei-me no meu estande e, em algum momento depois, quando olhei para uma das únicas janelas da sala branca, encontrei Rip parado ali, olhando para dentro.

Eu me concentrei de volta nos painéis que precisavam da minha atenção.

Quando fiz minha pausa para o almoço mais tarde, saí novamente. Assim como no dia anterior, quando voltei para a sala de descanso para deixar minha bolsa e as sobras na geladeira, Rip estava sentado lá, comendo algo feito com frango e folheando uma revista. Fizemos contato visual, e eu só quebrei quando cheguei perto demais e tive que abrir a geladeira.

Então eu me levei de volta para o andar de baixo.

* * *

Na manhã seguinte, bem depois das nove da manhã, uma vez que todos os caras da loja estavam lá, eu fiz o meu caminho para o andar principal para pedir-lhes para me ajudar a mover o que chamamos de rotisserie — um bloco do motor foi montado no andar principal para o estande. Nós o havíamos montado no dia anterior, mas era pesado demais para eu mudar sozinha ou com apenas uma outra pessoa.

Foi de propósito que eu fui direto para Owen e Ashton para me ajudar a rolar a rotisserie para a sala de pintura? Com certeza foi. Mas eu mantive minha cabeça erguida e um sorriso no meu rosto

enquanto eu me movia entre os carros estacionados e fiz o meu caminho para os dois homens que sempre foram muito legais comigo.

—Hey, — eu disse quando cheguei até eles.

Ashton, que era o único em pé, imediatamente levantou o queixo e me deu um sorriso caloroso. —Ei, Luna.

Sob o carro, Owen gritou: —Precisa de ajuda com a rotisserie?

Havia uma razão pela qual Owen era um dos meus caras favoritos no CCC. —Sim, — eu respondi, parando ao lado de Ashton para dar uma olhada no que ele estava olhando. Havia uma mancha de algo escuro e líquido no chão ao lado de onde Owen estava deitado, olhando para cima com uma chave na mão. —Vocês me ajudariam leva-la para fora quando vocês tiverem uma chance, por favor?

—Cinco minutos? — Perguntou Owen.

Eu balancei a cabeça de onde eu estava olhando para ele. — Obrigada. Eu os encontrarei no meu estande quando vocês estiverem prontos— — eu disse a eles.

O novo cara assentiu.

Mantendo meu olhar fixo nos carros no chão enquanto eu fazia meu caminho de volta para o meu estande, eu podia ver Rip virando no mesmo corredor que eu estava indo, mas ele entrou no banheiro em vez disso. De volta ao meu estande, passei pela cabine mais uma vez para me certificar de que tudo estava onde precisava estar. Logo ouvi a porta se abrir e bater com força. Imaginando que eram eles,

eu voltei e quase parei completamente de andar quando encontrei Rip parado ali com as mãos nos quadris.

—Precisa de ajuda para mudar alguma coisa? — Ele perguntou enquanto limpava as mãos em um pano, aqueles olhos intensos em mim.

Eu não pude evitar deslizar meu olhar para a porta por uma fração de segundo antes de apontá-lo de volta para seu rosto e dizer: —Eu já pedi ajuda aos rapazes.

Um músculo em sua bochecha se contraiu.

Eu parei de olhar para ele. —Eles disseram que seriam cerca de cinco minutos, — eu terminei, olhando para a porta mais uma vez.

O nariz de Rip enrugou-se por um momento antes de enfiar o pano em um dos bolsos do macacão e dizer cuidadosamente: —Você não me pediu.

Eu pisquei. —Pedir para você? Como permissão?

—Por ajuda, — ele esclareceu, sua voz firme.

Oh. —Eu imaginei que você diria a eles para me ajudarem. — Eu mantive minha voz calma, controlada. —É o que você sempre faz. — Então eu não pude evitar quando olhei para a porta mais uma vez. —Eu não queria perder seu tempo quando posso eu mesma perguntar.

Seu nariz enrugou de novo ao mesmo tempo em que eu disse a frase do meio, e não foi a lugar algum enquanto eu falava. O que eu notei foi o jeito que ele cruzou os braços sobre o peito, aquele olhar ainda preso no meu como se ele não tivesse intenção de movê-lo

para outro lugar. Ele inclinou o queixo para trás, me dando uma boa visão de seu longo e forte pescoço. —O que eu te disse sobre desperdiçar meu tempo? , — ele perguntou na mesma voz.

A pele ao longo da minha espinha instantaneamente arrepiou, e eu não pude deixar de sentir essa pequena pontada de dor bem no meu coração. Indignação. Essa teria sido a palavra perfeita para descrever como me senti naquele momento.

Isso e traição.

E raiva.

Mas principalmente indignação.

Eu não me deixei ficar irritada quando disse: —Eu não quero assumir nada, Sr. Ripley.

Ok, talvez a parte do Sr. Ripley fosse um pouco mesquinha, mas eu não iria me criticar por isso.

Quando eu olhei para o rosto de Ripley enquanto eu dizia as palavras, e observei o jeito que toda a extensão da sua mandíbula ficou apertada, isso não me fez sentir melhor. Isso me fez sentir uma porcaria. Eu não estava tentando fazer ele se sentir mal. Eu não queria isso dele.

Eu não queria nada dele.

Então eu voltei ao caminho certo. —Você tem coisas melhores para fazer com o seu tempo. Você tem o suficiente acontecendo agora, com o Sr. Cooper fora. — Seu pai. Não apenas o Sr. Cooper. O pai dele.

Ele não disse uma palavra. Esse homem enorme ficou parado ali, me observando.

Eu continuei, minha voz ainda... talvez um pouco monótona. — Se houver um problema, eu vou deixar você saber, é claro.

Rip ainda não respondeu.

Deslizando meu olhar em direção à porta, eu desejei que ela abrisse e Ashton e Owen estivessem lá, prontos para ajudar.

Mas nada aconteceu. A história da minha vida.

—Eu agradeço a sua verificação, mas podemos movê-lo por conta própria, eu acho, — eu terminei, mantendo a minha voz da mesma maneira que eu teria usado em qualquer outro chefe que eu teria, exceto o Sr. Cooper e Rip se isso fosse há meses.

Mas isso era o que ele queria, e isso era o que eu daria a ele.

Então, quando ele deu quatro longos passos em minha direção, parando no exato momento em que as pontas de suas botas encontraram as minhas, sua mão cutucando meu queixo para cima, preendi a respiração. Porque o Rip estava bem ali. No meu espaço. Forçando-me a olhar para ele.

E olhar para ele foi o que eu fiz.

Olhei para as tatuagens que apareciam logo acima da bainha da pequena cobertura de gola olímpica que sua camisa de compressão lhe dava. Tomou as minúsculas formas escuras logo acima da bainha. Eu peguei a barba muito fraca na parte de baixo do queixo e sobre a metade inferior do rosto. Eu peguei aquela boca rosada

quase fina em linha com a expressão de raiva que ele estava atirando no meu caminho.

E eu peguei o jeito que seus olhos pareciam estar brilhando em mim.

Como se ele quisesse gritar comigo ou algo mais.

Eu não sabia o que era esse —algo mais, — mas da linha de sua mandíbula eu não tinha certeza se queria saber.

O queixo de Rip desceu mais baixo, aproximando ainda mais o seu rosto do meu. —Podemos acabar com isso? — Ele perguntou, sua voz áspera e tão baixa que eu mal podia ouvi-lo.

Eu segurei minha respiração. —Com o que?

Aquele rosto incrivelmente bonito permaneceu distante, mas aqueles olhos... —Com a merda do Sr. Ripley. Com esse tom. Com você não querendo falar comigo ou me pedir por uma porra de ajuda. — Aquele queixo mergulhou e eu juro que podia sentir sua respiração no meu rosto em pequenas baforadas. —Com você me dando gelo.

Eu queria levantar minhas sobrancelhas, mas não fiz. —Eu não sei do que você está falando, — eu menti apenas parcialmente. Porque não poderia ser uma mentira completa quando eu não entendia por que ele estaria dizendo essas coisas para mim quando foi ele quem pediu por elas.

—Você sabe exatamente do que eu estou falando, Luna, — Rip respondeu, sua voz ainda tão baixa que eu quase tive que forçar meus ouvidos para ouvir.

As pontas de suas botas subiram ainda mais nas minhas.

Não importava. Isso não importava.

—Você é o senhor Ripley, — eu disse, ainda firme. —Estou falando com você como eu faria com qualquer um que fosse meu chefe, com profissionalismo, porque é isso que eu deveria estar mostrando desde o começo.

Este som rouco escapou de sua garganta, soando quase como um... resmungar? Um grunhido?

—Eu não vou te incomodar quando eu posso lidar com as coisas sozinha.

Suas botas bateram nas minhas tão rudemente, que recuaram minhas próprias botas meia polegada.

—Estou apenas tratando você do jeito que eu sempre deveria ter feito, — interrompi antes de adicionar outro —Senhor Ripley— ao final. Algo dentro de mim disse que era uma ideia terrível, como atrair um leão faminto ou algo assim. —Você é meu chefe, e eu não deveria ter esquecido disso.

Eu poderia jurar que o pescoço dele inchou cada vez mais com cada palavra que saía da minha boca. Seu rosto poderia ter ficado mais vermelho também.

Mas quando seu rosto ficou vermelho em primeiro lugar?

A mão no meu queixo levantou meu rosto ainda mais, até que eu quase me inclinei com a pressão, com o alongamento. Então eu definitivamente poderia sentir sua respiração suave no meu rosto. Na minha boca. Eu podia sentir o calor do seu corpo ao longo da

frente do meu. Um mês atrás, isso teria feito meu maldito ano. Uma semana atrás, teria me feito querer desmaiar.

Mas agora...

Agora eu forcei toda essa bobagem para baixo e para longe. Eu enterrei com uma pá e meia tonelada de sujeira. Se foi. Foi, foi, foi.

Ele pedira, e eu tinha dado tudo que estava dando, toda a distância possível por muito tempo.

Só um idiota continuava dando depois de um certo ponto, e eu não era idiota de ninguém. Saco de pancada de ninguém. Não há entretenimento temporário.

Eu tinha dado a ele mais do que eu tinha dado a qualquer pessoa e ele queimou aquela ponte entre nós de uma vez por todas. Ele havia me dito a mesma coisa que outras pessoas tinham: deixe-me em paz.

—Eu só estou fazendo o que você pediu, — eu disse a ele lentamente, cada palavra saindo, sílaba por sílaba. Eu mantive meu olhar no dele por um batimento cardíaco, e depois dois, e então o puxei de volta para o queixo enquanto me deixava respirar pelo nariz.

Então eu dei um passo para trás. Então outro.

—Eu aprecio você vindo checar e ver se eu preciso de ajuda, mas não preciso. Ashton e Owen estão chegando — expliquei para ele. —Qualquer coisa que eu possa resolver sozinha, eu farei. Mas obrigada, Sr. Ripley.

O Sr. Ripley não se moveu nem um centímetro.

Então ele abriu a boca e disse: —Precisamos...

E eu agradeceria a um deus que eu não tinha certeza se acreditava no fato de que a porta se abriu naquele exato momento e Owen disse: —Desculpe por isso, Luna. Vamos mover a rotisserie... Ah. — — Ele parou por aí. Ele olhou de um a outro, arregalando os olhos quando o novo cara entrou logo atrás dele.

Sorri para meus colegas de trabalho e dei um passo na direção deles. —Estou pronta, se vocês dois estão.

* * *

Determinada como o inferno a manter distância do meu chefe, eu peguei meu almoço pelo terceiro dia seguido e fui para as cadeiras e mesa no estacionamento do CCC.

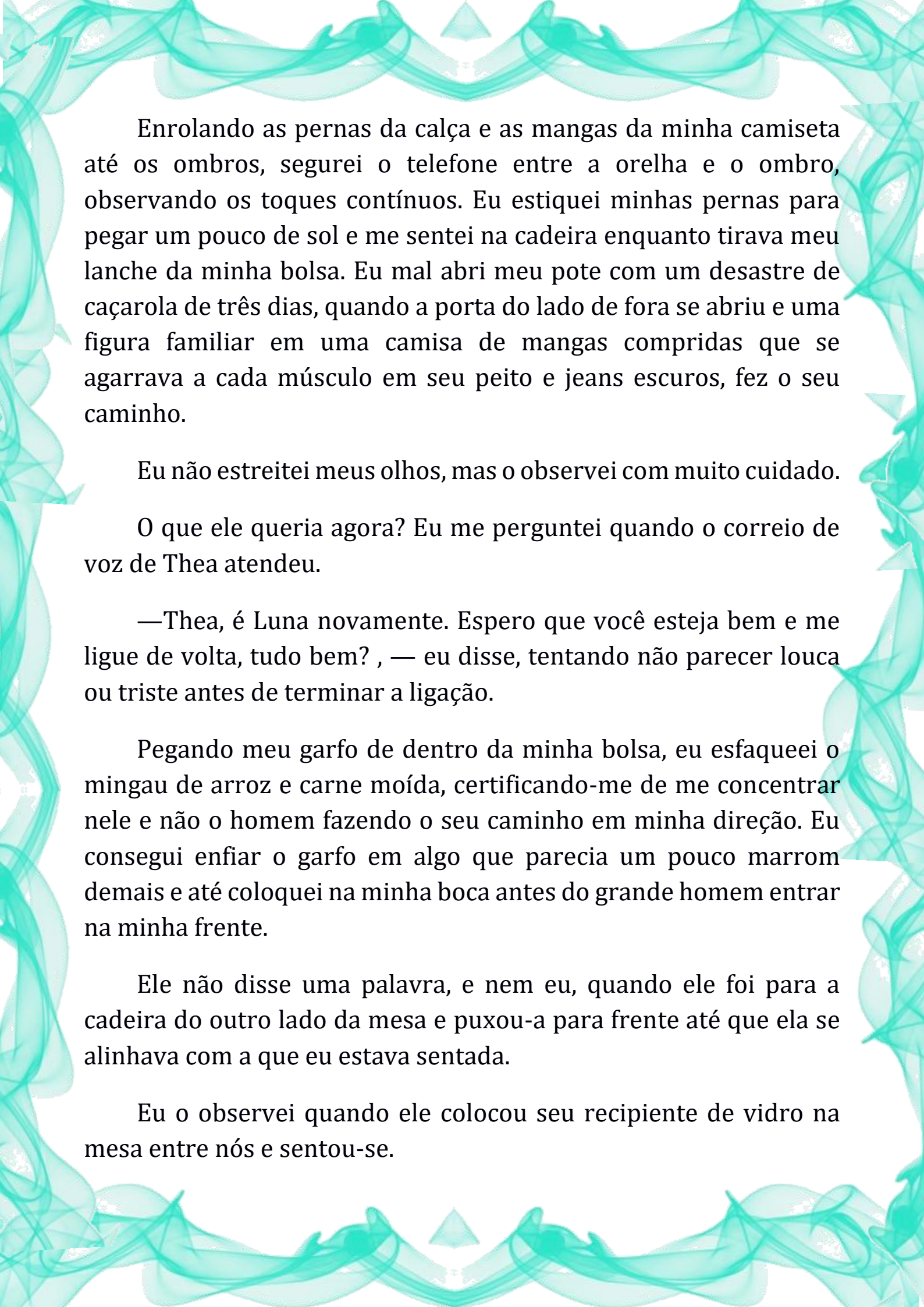
Era outro dia quente, não que não fosse um dia quente em cada maldito dia em Houston, mas sob a sombra, não era insuportável. Como não havia insetos, era o melhor que eu ia conseguir. Ar fresco. Algum espaço aberto.

Eu deveria ter vindo aqui anos atrás.

O que me lembrou...

Peguei meu telefone e disquei o mesmo número que eu tinha ligado todos os dias durante uma semana agora.

Ele tocou.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines that resemble smoke or water, framing the text on all sides.

Enrolando as pernas da calça e as mangas da minha camiseta até os ombros, segurei o telefone entre a orelha e o ombro, observando os toques contínuos. Eu estiquei minhas pernas para pegar um pouco de sol e me sentei na cadeira enquanto tirava meu lanche da minha bolsa. Eu mal abri meu pote com um desastre de caçarola de três dias, quando a porta do lado de fora se abriu e uma figura familiar em uma camisa de mangas compridas que se agarrava a cada músculo em seu peito e jeans escuros, fez o seu caminho.

Eu não estreitei meus olhos, mas o observei com muito cuidado.

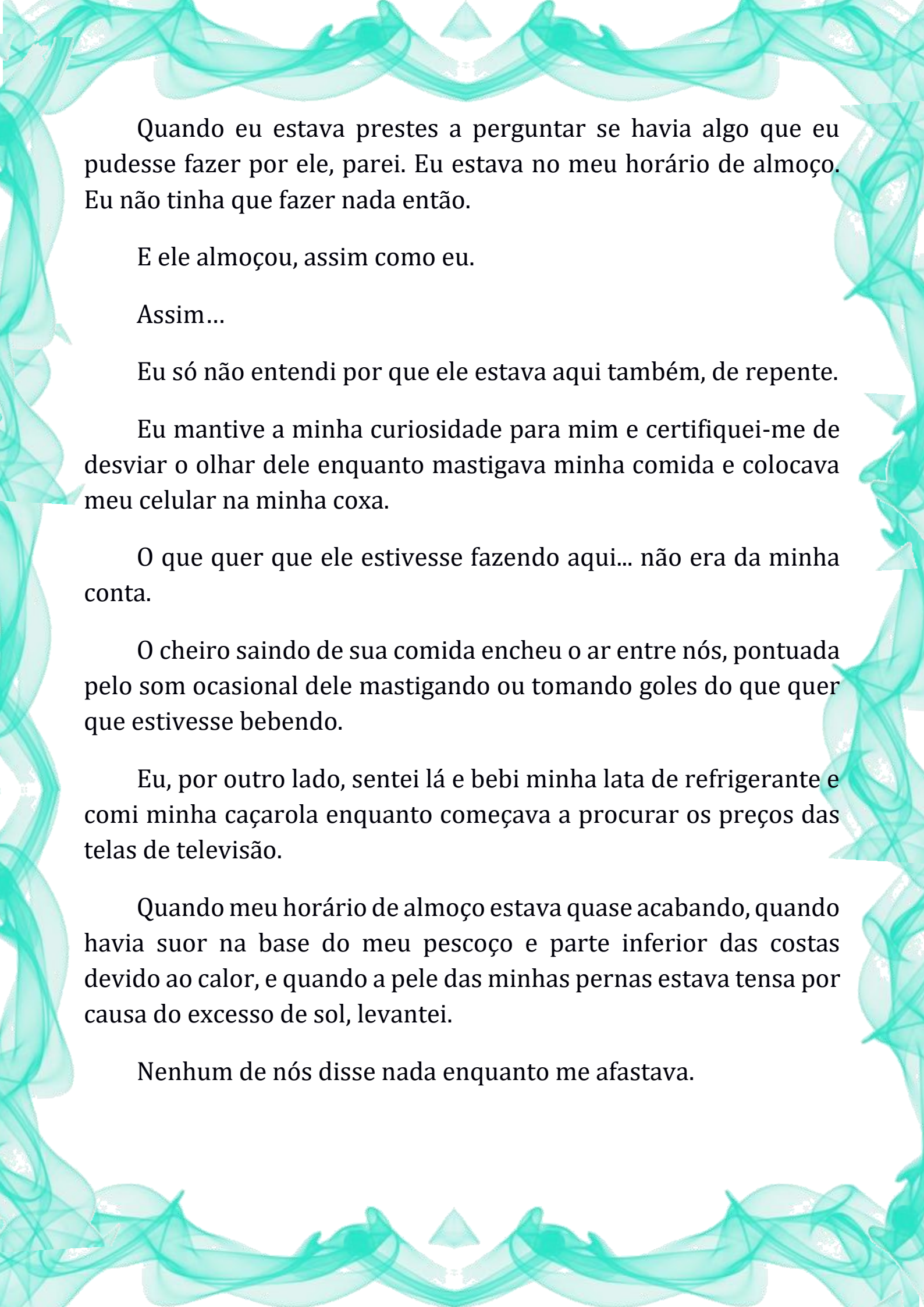
O que ele queria agora? Eu me perguntei quando o correio de voz de Thea atendeu.

—Thea, é Luna novamente. Espero que você esteja bem e me ligue de volta, tudo bem? , — eu disse, tentando não parecer louca ou triste antes de terminar a ligação.

Pegando meu garfo de dentro da minha bolsa, eu esfaqueei o mingau de arroz e carne moída, certificando-me de me concentrar nele e não o homem fazendo o seu caminho em minha direção. Eu consegui enfiar o garfo em algo que parecia um pouco marrom demais e até coloquei na minha boca antes do grande homem entrar na minha frente.

Ele não disse uma palavra, e nem eu, quando ele foi para a cadeira do outro lado da mesa e puxou-a para frente até que ela se alinhava com a que eu estava sentada.

Eu o observei quando ele colocou seu recipiente de vidro na mesa entre nós e sentou-se.



Quando eu estava prestes a perguntar se havia algo que eu pudesse fazer por ele, parei. Eu estava no meu horário de almoço. Eu não tinha que fazer nada então.

E ele almoçou, assim como eu.

Assim...

Eu só não entendi por que ele estava aqui também, de repente.

Eu mantive a minha curiosidade para mim e certifiquei-me de desviar o olhar dele enquanto mastigava minha comida e colocava meu celular na minha coxa.

O que quer que ele estivesse fazendo aqui... não era da minha conta.

O cheiro saindo de sua comida encheu o ar entre nós, pontuada pelo som ocasional dele mastigando ou tomando goles do que quer que estivesse bebendo.

Eu, por outro lado, sentei lá e bebi minha lata de refrigerante e comi minha caçarola enquanto começava a procurar os preços das telas de televisão.

Quando meu horário de almoço estava quase acabando, quando havia suor na base do meu pescoço e parte inferior das costas devido ao calor, e quando a pele das minhas pernas estava tensa por causa do excesso de sol, levantei.

Nenhum de nós disse nada enquanto me afastava.

Capítulo 27

Meu intervalo para o almoço no dia seguinte foi uma repetição do anterior, e eu sinceramente não sabia o que pensar sobre isso.

Ou mesmo se eu perderia meu tempo pensando nisso.

Eu saí, comi toda a minha comida, minhas roupas estavam enroladas do jeito que eu gostava, e eu tinha minhas pernas esticadas ao sol quando a porta se abriu e entrou o mesmo homem que eu tinha acabado de ver horas atrás, quando ele entrou no meu estande e espiou pela janela do estande enquanto eu pulverizava. Naquele dia, ele usava uma camisa de compressão cinza e outro par de jeans que estavam de alguma forma sujos, mesmo com o macacão que ele usava sobre eles.

Tudo nele estava coberto como de costume.

De seu pescoço para baixo sobre seus ossos do pulso, tudo acentuou aquela figura grande e musculosa que eu tinha verificado todas as chances que eu podia, sem ser pega por anos.

Mas desta vez, não foi tão difícil desviar o olhar. Realmente não foi nada difícil.

Eu tive outro sonho sobre o meu pai na noite anterior, o mesmo de antes que deixou minha cabeça desconfortável e tensa e me deixou na cama suada e sem fôlego. Levou apenas algumas horas para me livrar dele. Tudo o que fiz foi me lembrar de porque não era difícil desviar o olhar de Rip naquele momento.

A coisa era que eu não precisava usar meus olhos para saber o que ele estava fazendo.

Rip fez a mesma coisa que fizera no dia anterior. Ele veio e se sentou ao meu lado, e nenhum de nós disse uma palavra. Não enquanto comíamos. Não nos poucos minutos que tive depois de ter forçado minha comida. Não enquanto eu olhava para o meu telefone e passava por avaliações de sofás que estavam à venda.

Quando chegou a hora de voltar ao trabalho, eu nem sequer fiz mais do que olhar para ele enquanto pegava minhas coisas e voltava para o meu estande, mais de meia hora depois que ele apareceu.

* * *

O dia seguinte foi muito parecido com os dois dias antes, pelo menos desde o ataque cardíaco do Sr. Cooper.

Eu apareci para trabalhar. Ripley já estava lá. Fingi não o ver quando me dirigi ao meu estande e depois fingi não o ver mais quando subi para preparar meu café ou quando descii as escadas com ele na mão. Só meu. Não o dele. Como se fosse nossa novidade, porque era. Eu não deveria ter que sair do meu caminho para ser legal com meu chefe quando ele não queria, e não era como se ele estivesse me fazendo um favor, empregando-me.

Ele não podia me demitir sem passar pelo Sr. Cooper. Porque mesmo que as chances fossem muito, muito altas, elas eram relacionadas, eu sabia que, quando chegava a hora, eu tinha um

relacionamento melhor com ele do que o Rip. Eu tinha ido ver o Sr. C na noite anterior, jantei com ele e Lydia e fiquei para assistir a um filme. Eu sabia o meu lugar na vida do homem mais velho.

Mas, como todos os dias, ultimamente, em algum momento no começo da manhã, eu tinha um visitante no meu estande.

Um visitante de um metro e noventa de altura que eu apostaria, pesava em torno de duzentos e cinquenta quilos.

O homem que eu não queria mais no seu espaço.

—Eu posso te ajudar com alguma coisa? — Eu perguntei, usando as mesmas palavras exatas que eu usei todas as outras vezes em que ele entrou. Calma, legal, profissional.

Ao contrário de todos os outros dias, meu chefe não usou uma desculpa sobre querer checar alguma coisa ou ver alguma coisa.

Ele apenas ficou lá com as mãos nos quadris, cerrou os dentes e disse: —Você terminou?

—Sim. Acabei de terminar o capô no estande, e estou esperando um minuto antes de tirá-lo daqui e começar nos painéis. Ashton já disse que me ajudaria a mudar isso.

Ele olhou fixamente.

Eu olhei de volta.

Então soltou um profundo suspiro, inclinou o queixo para o lado e resmungou: —Você sabe do que estou falando. Você vai continuar com isso de verdade?

Eu usei minha melhor voz quando perguntei: —Com o quê?

Senhor, ele estava olhando diretamente para mim enquanto segurava as mãos para os lados. —Com isso.

—Com o que?

Ele apertou os lábios juntos. Se eu olhasse forte o suficiente, aposto que podia ver como ficavam brancos quando ele fazia isso, mas eu não sabia. Eu nem sequer olhei muito. —Com isso, Luna, — respondeu ele, lançando as mãos novamente.

Olhando para trás, eu deveria ter escolhido uma abordagem diferente. Mas essa era a questão de olhar para trás em suas ações: a vida não tinha um botão de rebobinar. Infelizmente.

Mas pelo menos eu podia olhar para trás e lembrar que tinha levantado a cabeça, mantinha a voz equilibrada e olhava diretamente nos olhos do meu chefe quando lhe disse: —Estou tratando você do jeito que você queria que eu tratasse. Você, Sr. Ripley. Com respeito. Como quem paga meu salário. Eu estou deixando você sozinho. Eu não estou te incomodando. Eu não estou me forçando em você ou pedindo que você faça coisas que você não gostaria. Eu não sei o que mais você quer de mim.

Aquele olhar intenso não perdeu um centímetro. Nem por um segundo. Não por um milésimo segundo. Ele olhou para mim como se seu olhar fosse feito de feixes de laser e ele queria me queimar em cinzas.

E então ele tentou.

—Você poderia parar com o Senhor Ripley?

Eu não recuei. Não me mexi. Apenas olhei para ele como se suas palavras não me afetassem. —Esse é o seu nome, senhor.

Talvez o —senhor— estivesse exagerando.

—Você está brincando comigo agora? , — Rip perguntou, sua voz começando a subir.

Tudo bem, foi um pouco demais, eu imaginei, mas isso não mudou nada. Não sobre mim, não sobre esta situação. —Não, eu não estou, — eu respondi calmamente. —E eu não entendo por que você está levantando sua voz. Eu não estou fazendo nada.

Os olhos de Rip quase saltaram do crânio quando ele se inclinou para frente. —O caralho que você não está fazendo nada. Você está falando em círculos, fazendo exatamente o que você sabe que vai me incomodar.

—Eu não estou fazendo nada para incomodar você. Eu fiz o suficiente para incomodar você no passado, lembra? Então estou parando. Eu parei. Tudo o que estou fazendo é exatamente o que você pediu.

Meu chefe deu um passo à frente. —Pare de falar comigo assim.

—Como se você fosse meu chefe? — Eu perguntei lentamente, sabendo que eu estava irritando-o, mas não tinha certeza do que mais eu poderia dizer. —Como um funcionário que não mentiu para a polícia quando eles apareceram uma manhã perguntando onde você estava? Quando te dei um álibi porque acreditei que estava sozinho em casa? Então eu disse a eles que estive com você naquela noite e você me deixou te dar um beijo na bochecha?

—Droga, Luna, — ele reclamou.

Eu podia ouvir a voz do meu pai usando esse tom comigo. Eu podia ouvi-lo dizendo exatamente essas mesmas palavras.

Mas eu acabei de ouvir esse tom e essa frase quando foi dito assim juntos. Eu realmente ouvi. Eu ouvi quando estava fora da boca de Rip.

—Eu sei que você não fez nada, Rip. É por isso que quando os policiais vieram, eu disse a eles que você estava comigo naquela noite. Eu não esperava nada disso. O que estou dizendo agora é que sei onde estamos. Eu não tive nenhum problema em mentir por você, mas você começou esse negócio de favores. E você me disse para deixá-lo sozinho, — eu cuspi de volta para ele, tentando parecer recolhida e distante, mas sabendo que estava falhando. — Então é isso que estou fazendo. Eu queria ser sua amiga. Eu tentei ser sua amiga. E achei que você queria ser meu amigo também. Eu queria que você gostasse de mim e eu gostaria que você gostasse de mim mais do que como uma amiga, Rip. Você sabe, eu tinha desejado isso mais que tudo.

—Eu sabia que não, mas ainda me sentia assim. Mas eu realmente teria apenas aceitado ser sua amiga, se isso era tudo o que você estava disposto a me dar. Eu estava tentando não pensar mais em você assim. Eu acho que um dia, eu teria, eventualmente, me mudado com essa paixão estúpida que tive com você, tudo por minha conta. Provavelmente, encontraria alguém para gostar. Estou acostumada a me importar com pessoas que não se importam comigo em troca, Sr. Ripley.

—Mas eu tenho pessoas suficientes que amo e que não me queriam por perto. E eu não estou indo por essa estrada novamente. Você quer ser malvado comigo e me afastar porque estava chateado ou o que quer que fosse com o Sr. Cooper? Entendi. Eu não posso começar a descobrir o quão confuso é seu relacionamento com ele. Eu entendo que você é louco, ele se casou com alguém tão logo depois de sua mãe falecer. Entendi. Mas eu não fiz nada para merecer você me chutando de lado. Eu tentei estar lá para você, e mesmo se você me avisasse que não queria me machucar, você ainda queria.

—Mas eu parei. Eu sei escutar. Eu posso dizer quando estou perdendo meu tempo e não vou mais perder meu tempo. Eu não vou dar e dar e dar para alguém que não quer o que eu tenho para compartilhar. Meus pais fizeram isso comigo, meus irmãos fizeram isso comigo, todo mundo faz isso comigo quando eu os deixo, e você vai ser a última pessoa que me faz sentir como um maldito incômodo.

—Tudo o que estou fazendo é o que você pediu. Estou fazendo o que você me disse e estou totalmente bem com isso. Não se sinta culpado. Você está me fazendo um favor. Você está acelerando exatamente o que teria acontecido.

—Eu não vou desistir. Eu não vou começar a fazer um trabalho ruim, ou começar a decidir que não vou ficar até mais tarde se for preciso, então você não precisa se preocupar com isso afetando meu trabalho, certo? Eu só estou indo para cuidar do meu próprio negócio como eu deveria estar fazendo desde o início, Sr. Ripley, em vez de gastar meu tempo e energia em algo que nunca iria acontecer, — eu terminei de falar, o vento correndo dos meus pulmões, meus

ombros descendo com força quando eu nem tinha percebido o quão duros e altos eles estavam em primeiro lugar.

Deus, eu estava chateada.

Eu estava ferida. Mas principalmente, eu estava chateada e exausta, e uma parte de mim queria chorar, mas eu não ia. Não para alguém com culpa equivocada. Não para alguém que queria que eu o deixasse em paz. Não para alguém que não me queria e nunca iria me querer.

Nós não queríamos as mesmas coisas, e eu tinha sido muito teimosa e desesperada para ver isso.

Eu o observei o tempo todo em que falei. Testemunhei o modo como seus punhos se apertaram. Tomou a forma como os tendões em sua garganta se tornaram mais pronunciados.

Mas eu me surpreendi com jeito que o olhar dele mudou.

E as chances eram que isso não importaria de qualquer maneira.

Eu me senti mal por falar desse modo com ele. Não era totalmente culpa dele eu estar nesse ponto da minha vida, era? Ele tinha sido apenas mais um martelo na minha unha já quebrada. E nada disso tinha sido feito para forçá-lo a sentir algo que ele não era capaz de fazer.

—Olha, — eu disse, ignorando o quão vazia e cansada eu soava, —eu deveria ter tratado você como meu chefe desde o início. Eu não fiz, mas vou de agora em diante. Sinto muito por fazer parecer que você partiu meu coração. Às vezes eu esqueço que foi quebrado há

muito tempo, antes de te conhecer. Sinto muito por fazer parecer que eu estava te pressionando para me fazer companhia ou ser legal comigo. Sinto muito por forçá-lo a me fazer todos esses favores.

Eu encontrei seu olhar, ignorando a expressão estranha em seu rosto. Ignorando o modo como seus olhos estavam estreitados. — Eu tenho o suficiente acontecendo sem adicionar mais problemas. Eu só... quero fingir que isso não aconteceu. Quero que as coisas voltem ao que deveriam ter sido desde o começo.

A partir do momento em que nos conhecemos.

Rip piscou para mim. Ele até engoliu também. Era tão áspero que o colarinho de sua camisa desceu para expor mais do crânio em sua garganta do que o habitual.

Eu consegui dar um passo para trás antes que ele dissesse meu nome.

Eu olhei para ele.

Ele inclinou o queixo para cima e manteve as íris azul-esverdeadas em mim enquanto ele dizia a última coisa que eu poderia esperar dele. — Eu não queria te machucar, menina.

Sim, eu tinha certeza que ele não queria.

— Eu não queria, — ele insistiu como se tivesse lido minha mente, observando-me com aqueles olhos intensos.

Certo.

Claro, ele não queria.

Eu estava tão cansada e queria acabar com isso. Eu só queria voltar a quando as coisas estiveram menos complicadas. Eu só queria ser feliz novamente.

—Bem, você fez, Sr. Ripley, e está tudo bem. — Eu deslizei minha língua sobre os meus dentes e dei um passo para trás. —Eu preciso voltar ao que você me paga para fazer. Se precisar de mais alguma coisa, avise-me. Eu estarei aqui para isso.

* * *

—Oh, querida, — Lydia murmurou quando ela me acenou para a mesma casa que eu tinha vivido com eles por anos.

Dando-lhe um abraço primeiro, entrei e esperei enquanto ela fechava a porta atrás de nós. Eu não precisava olhar em volta para saber exatamente como era o layout. Não mudou muito desde que eu saí. Lydia gostava de antiguidades e a maioria dos móveis era escura e de cerejeira. Pelo que ela me contou, muito disso tinha sido herdado de sua família, mas parte disso ela comprara para si mesma — algumas coisas comigo quando eu a acompanhei nos fins de semana de folga.

Lembrei-me de como fiquei nervosa nos primeiros meses depois de me mudar. Eu me preocupava em derrubar algo que estava em sua família há gerações. Eu tinha saído do meu caminho para não tocar em nada. A única coisa boa que eu tinha na casa do meu pai tinha sido a televisão, e a menos que eu estivesse em casa

sozinha, ou permanecesse realmente, muito quieta, eu não tinha realmente assistido.

Se eu fosse ser honesta comigo mesma, mesmo agora, ainda estava nervosa por derrubar alguma coisa na casa dos Cooper.

—Como você está? — Eu perguntei enquanto tirava meus sapatos.

Ela suspirou. —Estou bem. Estressada, preocupada e esperançosa. — Ela me deu um sorriso exausto. —Você?

Dei de ombros, propositadamente empurrando todos os pensamentos sobre Ripley e suas ações mais cedo, naquele dia em minha lata de lixo imaginária. —OK. Ocupada no trabalho. — Eu deixei cair meus ombros e retornei seu sorriso. —Você precisa de ajuda com algo?

Ela balançou a cabeça e parou. —Na verdade, você se importaria de ficar tempo a mais para eu correr até a loja e pegar uns remédios? Eu ia esperar até que Allen adormecesse, mas se eu pudesse evitar dirigir à noite... Esses olhos não são o que costumavam ser...

—Você sabe que não me importo. Eu estava planejando ficar de qualquer maneira. — Eu inclinei minha cabeça para a porta.

Lydia me deu um sorriso que me fez imaginar que tipo de mulher a primeira mulher do Sr. Cooper tinha sido, que ela tinha sido o amor de sua vida e essa mulher... não era.

Esse foi um pensamento injusto. Eles sempre foram felizes, amorosos e calorosos, e o Sr. C sempre a tratou como uma rainha.

—Eu não vou demorar, — ela prometeu, já alcançando as chaves deixadas na tigela perto da porta.

—Leve o tempo necessário, — eu disse enquanto esperava por ela para pegar sua bolsa também.

Não demorou muito para ela sair. Deixei minha bolsa onde estava a dela e segui para a sala no final do corredor. Eu passei inúmeras noites no sofá ao lado da poltrona que eu encontrei o Sr. Cooper sentado. A metade superior estava inclinada para trás, os pés apoiados no apoio para os pés e ele parecia sinceramente muito bem.

—Sr. C, — eu gritei suavemente quando percebi que não podia ver seu rosto para ver se ele estava dormindo.

Ele não estava.

—Pequena lua? — Sua mão foi para o ar, me acenando mais perto. —Venha se sentar, a menos que você queira algo para beber.

Fiz meu caminho até o sofá e me sentei. —Eu estou bem, mas você quer alguma coisa?

—Não, eu tenho um pouco de água aqui. — Ele apontou para uma garrafa na mesa lateral entre a poltrona reclinável e o sofá. — Lydia me fez afogar.

Eu não pude deixar de sorrir para ele quando cheguei a deslizar minha mão na dele. —Eu te disse que você precisava estar engolindo.

Ele apertou minha mão. —Ainda tem gosto de sujeira.

—Você sabe o que teria gosto de sujeira?

O Sr. Cooper me deu uma cara engraçada.

—Sem sal na sua comida. — Eu levantei minhas sobrancelhas quando tirei minha mão da dele. —Nada de bacon.

O homem mais velho gemeu. —Não me lembre. Eles também me disserem nada de cafeína. — Ele suspirou. —Eu acho que deve ter sido bom você estar colocando descafeinado nos últimos anos.

Se eu já não tivesse soltado sua mão, eu teria então. —Você sabia?

—Sim. — Ele riu. —Garota sorradeira. Você me lembra muito de alguém que eu costumava conhecer.

—Alguém bom?

—A melhor, — ele disse suavemente antes de mirar aquele olhar, que eu percebi que era muito parecido com o de Ripley, para mim. —Luna... me desculpe, querida. Eu tenho que te dizer, está me comendo por dentro.

Foi eu quem engoliu. —Você não tem nada para se desculpar, — eu disse a ele porque era a verdade.

O homem mais velho balançou a cabeça, o rosto que tinha envelhecido durante a noite de seu ataque cardíaco, mostrando cada centímetro dos dez anos que parecia que ele tinha perdido. —Na verdade, eu realmente tenho. —

Ele sabia que eu sabia, ou pelo menos presumia que eu tinha uma ideia ou um palpite disso, ele tinha guardado alguma coisa de

mim. —Eu entendo que as coisas são complicadas, às vezes, Sr. C. Eu tenho certeza que você teve suas razões, — eu disse o mais gentilmente possível. Eu tinha tentado o meu melhor para não pensar sobre ele e Rip, eu realmente tinha

Eu vi a mão dele subindo em direção ao seu rosto antes de ver o modo como as lágrimas tinham descido em seus olhos e as tornado brilhantes. —Nenhuma delas parece tão boa quando eu olho para trás, — ele admitiu, seu punho fechado vindo para descansar sobre um olho. —Eu tenho estragado muito ao longo dos anos, pequena lua, e eu não tenho nenhuma boa desculpa do porquê.

—Nós todos estragamos muito, — tentei assegurar-lhe. Era a verdade.

—Parece que eu fiz mais do que qualquer outra pessoa fez.

—Isso não é verdade. Eu ainda estou viva. —

Sua risada foi aguada. Seu rosto ainda estava parcialmente coberto quando ele balançou a cabeça e fungou. —Oh, Luna, eu realmente sinto muito por nunca ter contado a verdade. Eu pensei nisso cem vezes. Talvez até mil. Toda vez que você me trazia meu café. Toda vez que você tentava apaziguar uns dos meus argumentos com Ripley... pensei, devo contar a ela. E eu estava com vergonha demais. — Ele exalou. —Eu não queria mais uma pessoa ficando desapontada comigo, especialmente você. Eu sei que é egoísta, mas não suportaria se você ficasse.

Eu tinha ficado desapontada com ele por não ser sincero comigo.

Eu fiquei desapontada por pensar que ele não se importava comigo ou valorizava nosso relacionamento o suficiente para me dizer que ele tinha um filho.

Um filho com quem trabalho

Eu estava um pouco magoada por ele ter olhado meu passado, mas pensando nisso, eu entendi. Eu era uma garota de dezessete anos que apareceu magicamente em sua vida.

Mas isso não era tudo sobre mim, e eu não era ninguém para falar sobre manter as coisas para mim mesmo, para não decepcionar os outros. Isso era sobre ele e tudo o que estava passando por seu cérebro. O que quer que tenha passado por seu coração antes de nos conhecermos.

Eu não queria mentir e dizer a ele que eu não estava desapontada por ele ter guardado algo tão grande, então eu disse a ele o que eu podia. Eu disse a ele minhas próprias verdades que guardara. —Eu nunca disse a você que meu pai mexia com drogas, ou que meu tio as produzia, que meus primos as vendiam, ou que eu saí no dia em que meu pai apontou uma arma para mim e me disse que gostaria que eu nunca tivesse nascido. — Eu comecei a sorrir, mas parei porque... porque eu não tinha um sorriso em mim. —Eu nunca lhe disse que tinha um irmão mais velho que se foi um dia. Eu não queria que você soubesse de onde eu tinha vindo, para que você não esperasse o pior de mim como todo mundo enquanto eu crescia. Me desculpe por ter feito você descobrir de outro jeito, Sr. C. Eu deveria ter lhe contado a verdade, mas eu estava muito envergonhada disso. —

Ele respirou fundo e balançou a cabeça, os olhos borbulhando até que uma lágrima escorreu pela bochecha desgastada. Eu não fiquei surpresa quando sua mão se aproximou e pegou a minha, sua voz um pouco trêmula enquanto ele cheirava: —Você é a melhor garota que eu já conheci, Luna Allen. Eu não conseguiria pensar isso. Eu não pensaria isso. Nunca. O diabo poderia ter sido seu pai e você ainda seria a mesma garota.

Foi a minha vez de fungar, prender a respiração.

—Espero que você possa me perdoar por não ser sincera com você todos esses anos, se vamos falar sobre guardar segredos. — As costas da minha mão vieram até o meu rosto para limpar minha bochecha. —Eu estraguei tudo, Sr. C. Todos nós fazemos coisas que não podemos explicar ou não queremos. Há um monte de pequenas coisas que eu não te contei ultimamente também.

O Sr. Cooper engoliu em seco e assentiu.

Mas achei que era hora de pelo menos fazer uma coisa antes de perder a coragem. —Rip é realmente seu filho?

Ele assentiu, mas pareceu... Eu não tinha certeza exatamente como me sentia. Parecia um peso no meu peito, mas só se movia para os meus ombros. Talvez eu tivesse aceitado que ambos tinham suas razões para mantê-lo entre eles, mas eu estava lutando com isso. Só um pouco.

—Como você pode ver, nós não temos o melhor relacionamento, — ele bufou, tentando fazer soar como uma piada, mas falhando nisso.

—Não que isso ajude, mas também não tenho uma relação tão boa com meus pais. — Então eu pensei sobre isso. — Eu não tenho o melhor relacionamento com Thea ou Kyra agora, se isso faz você se sentir melhor, e eu realmente não quero falar sobre isso ainda, se estiver tudo bem.

Sua risada foi outro som aguado que não parecia nada feliz. — Mas aposto que suas irmãs não te odeiam.

Ele pensa que Rip o odeia. Mas o que eu poderia fazer? Negar isso?

Em vez disso, tudo que consegui dizer foi: —Sinto muito, Sr. C.

—Não se desculpe por mim, — ele respondeu rapidamente. — Eu mereço.

Inferno. —Sua mãe era sua primeira esposa?

Ele assentiu com a cabeça, voltando para cobrir a maior parte do rosto. —Eu estraguei tanto com ele... Nada que eu faça será suficiente. — Ele fez uma pausa e emitiu um som sufocante que partiu meu coração um pouco mais. —Eu não posso trazer sua mãe de volta, mas se eu pudesse trocar nossas vidas, eu faria. Eu faria isso em um piscar de olhos, — ele disse em uma voz estripada que quebrou meu coração de novo.

Eu sabia o que era viver com arrependimentos, e pelo tom de sua voz, isso não era apenas um arrependimento. Era muito mais.

Foi uma amputação que nenhuma prótese do mundo poderia substituir.

E o pobre homem continuou falando naquela voz rachada e dolorida. —Eu não o vi por vinte anos. A única razão pela qual eu sabia que ele estava vivo era porque eu paguei a um investigador particular por vinte anos para encontrá-lo.

Eu não pude deixar de ficar tensa. Não que eu fosse de falar, mais de vinte anos? Isso foi uma vida inteira.

Claro, eu não sabia dizer nada porque saí da minha casa por quase dez. A única diferença era: eu sabia que ninguém dava a mínima para mim. Se eu estava viva ou morta, se eu tinha algum lugar quente para dormir ou comida para comer. Ninguém que eu abandonei deu uma única merda.

A saudade que eu tinha visto no rosto do Sr. Cooper quando ele olhou para Rip, de repente, fez muito sentido.

—Quando você chegou à loja, todo mundo que conhecia Ripley como um menino havia desistido ou se mudado, então parei de falar sobre ele na loja quando não havia ninguém por perto para pedir uma atualização. Os anos... rolaram, um após o outro, e antes que eu percebesse, eu não tinha mencionado ele a nenhum de vocês até que ele voltou, — ele explicou.

Eu engoli por ele. Pela maneira como sua voz vacilou quando ele me contou essa história.

—Ele apareceu do nada um dia, Luna, e disse que queria comprar uma parte da loja, eu não queria mentir. Não falar sobre ele... ficou fora de controle até que, se eu dissesse toda a verdade, não pareceria mais tão inocente.

—Eu entendo, — eu disse a ele, em voz baixa. Porque eu entendia. Eu realmente entendia.

Seu suspiro foi pesaroso. —Eu não sei como sair dessa confusão.

—Eu não contei nada a ninguém, — eu o deixei saber. —E eu não faria. Nunca. É a sua história e a dele, de mais ninguém. Não há uma razão pela qual alguém mais deveria saber.

O homem mais velho se engasgou, esfregando a mão sobre o rosto enquanto algumas lágrimas escapavam por entre os dedos. — Ele não quer que ninguém saiba que sou seu pai. Ele não quis em décadas; isso não vai mudar tão cedo. Eu poderia morrer amanhã, e ele estaria perfeitamente bem com isso, — ele sufocou, seu peito soluçando de emoção e talvez até uma dúzia de outras emoções que eu nunca entenderia.

—Eu me importo, — eu disse a ele. —Eu sei que não sou uma substituta para ele, e eu nunca tentaria ser, mas você é a única figura paterna que eu já tive. E eu me importaria muito se você fosse embora. Sentiria sua falta pelo resto da minha vida.

A mão que ele tinha sobre o rosto mudou, e ele olhou com seus óculos de armação vermelha para mim.

Então eu continuei. —E acho que o Rip também se importaria. Eu estava lá enquanto esperávamos pela ambulância, e eu estava lá a maior parte do tempo enquanto esperávamos para ouvir o que aconteceu com você. Ele estava preocupado, Sr. C. Eu não sei se isso vai significar alguma coisa, mas se ele realmente odiasse você, ele não teria ficado sentado lá por horas para ouvir do seu médico.

—Ele provavelmente estava se certificando de que eu realmente morresse.

—Ou você tem um relacionamento com ele que ninguém jamais entenderá. — Suspirei. —Sr. C, posso dizer-lhe que se o meu pai tivesse um ataque cardíaco, eu não teria esperado no hospital para saber como ele estava. Eu não iria visitá-lo. E quando o dia chegar e ele morrer, não estarei no funeral dele. Eles poderiam me oferecer um milhão de dólares para ir, e isso não seria suficiente. Talvez Rip não seja seu maior fã, e ele não sabe como te perdoar por qualquer coisa que ele te culpa, mas poderia ser pior entre vocês dois. Se as coisas fossem tão ruins, ele não voltaria, e ele não seria capaz de olhar para você todos os dias.

O pomo de Adão do meu chefe balançou quando ele assentiu. Seu peito subiu e desceu. Ele fungou e seguiu com outro suspiro que fez meu coração doer.

Eu não sabia o que aconteceu com a esposa dele. Eu não sabia o que aconteceu com o Rip. Eu não sabia o que aconteceu com eles.

Mas eu me importava com o Sr. Cooper, e apesar de eu ter dito a mim mesma que não me importaria com o Rip da mesma maneira, uma parte de mim ainda fazia e faria.

Eu queria o melhor para os dois.

Eu era a pessoa errada para dizer qualquer coisa sobre relacionamentos familiares, e essa era a verdade.

Ele fungou, e sua fungada me atingiu bem no peito. —Você sabe como fazer um velho se sentir um pouco menos como a escória da Terra, pequena lua.

—Você nunca poderia ser a escória da Terra. E eu sei lhe dizer a verdade a maior parte do tempo e, neste caso, não precisei mentir. Eu vi o rosto de Rip. — Então baixei a voz e acrescentei: —E se isso faz você se sentir melhor, ele também não gosta muito de mim.

Isso o fez enxugar o rosto com o antebraço. —Eu duvido muito disso, querida.

Eu sorri para mim mesma, mas ele deve ter visto, porque ele continuou falando.

—Ele não faz, Luna. Eu não sei Rip... — Ele respirou fundo. — Meu filho, assim como eu deveria dizer, mas sei que você é a última pessoa a qual ele poderia não gostar.

Bem. —Podemos concordar em discordar, hein? — Eu perguntei e me levantei. —Estou pegando um copo d'água. Você quer alguma coisa da cozinha? —

Sua expressão estava vacilante quando ele deixou cair o outro braço e me mostrou seu rosto rosado e inchado que foi puxado para um sorriso parcial. —Que tal um saco de batatas fritas?

—Que tal algumas frutas?

O Sr. Cooper gemeu quando eu fiz meu caminho ao redor do sofá e me dirigi para a cozinha, diretamente ao lado da sala de estar.

E foi então que, quando me virei, quase mordi a língua.

Porque no corredor que levava da porta da frente para a sala de estar e cozinha, estava uma pessoa.

Somente. Ali parado. Silenciosamente. Parado.

E esse alguém era Rip, que ocupava a maior parte desse corredor.

Ele estava parado lá me olhando com olhos pesados e uma mandíbula que estava mais apertada do que nunca.

—Luna, o que—— o Sr. Cooper começou a dizer antes de se cortar, a cabeça virada para a porta. —Rip.

Os olhos de Ripley deslizaram para o... pai... por um momento. Sua voz era rouca e sua pergunta era a última coisa que eu esperava. —Você está bem?

O Sr. Cooper não hesitou em concordar. —Sim.

Sim? Foi isso? Quer dizer, eu acho que não deveria esperar que ele dissesse a ele que não, ele não estava bem porque ele tinha acabado de falar sobre como seu próprio filho o odiava.

—Alguma notícia do médico? , — Rip perguntou.

Mordi o interior da minha bochecha e me dirigi para a cozinha. Eu escutei a voz baixa de Rip e o do Sr. Cooper um pouco mais alto quando puxei um copo para fora do gabinete e enchi com água da geladeira.

—Eu não quero que você morra, — Rip disse, tão baixinho que eu mal podia ouvi-lo.

A pausa de resposta dizia tudo, pensei, e isso me fez recuar.

—A merda nunca vai ser a mesma, mas eu não te odeio também, meu velho, — ele continuou rindo. —Não suporto você, mas eu não te odeio. Entendeu?

Houve uma fungada e um —entendi— de volta.

Bem. OK. Tudo certo.

Foi quando eu puxei um saco de uvas da geladeira que as vozes dos dois homens pararam.

No momento em que terminei de enxaguar e colocar as uvas em uma xícara de café, eles ainda não tinham voltado a falar, mas percebi que estava tudo bem. Espreitando por cima do balcão que levava à sala de estar, encontrei o sr. Cooper no mesmo lugar, e Rip não estava em lugar nenhum.

—Aqui estão suas uvas. — Eu entreguei a taça de frutas para o Sr. Cooper.

Ele enrugou o nariz quando ele pegou. —Obrigado?

Eu não pude deixar de sorrir para ele. —Você tem medicação ou qualquer coisa que você precisa tomar, Sr. C?

—Não, senhora, — ele respondeu secamente.

Assim que abri a boca, outra voz cortou o ar. —Fale comigo lá fora por um minuto, menina.

Eu congelei lá e só movi meus olhos para o homem que reapareceu no mesmo lugar que eu o vi pela última vez. Eu mantive meu rosto agradável e uniforme. —Eu devo ficar com o Sr. Cooper até Lydia voltar. — Essa era a verdade, e era crível, não era?

—Eu posso ficar sozinho por um minuto, — o Sr. Cooper jogou no segundo que terminei o meu argumento.

Eu fechei minha boca.

Quando voltei a olhar para Rip, ele estendeu a mão.

Para mim.

E ele deu um passo mais perto para que ele estivesse a uma curta distância.

Então eu pude pegar a mão dele.

Ele só estava tentando compensar por ser tão feio para mim semanas atrás. Talvez ele tenha se cansado de ter que pegar seu próprio café. Talvez ele tivesse ouvido o que eu dissera ao sr. Cooper. Já não sabia que ele era capaz de sentir culpa?

—Venha comigo, — disse ele naquela voz lenta e suave, os dedos ainda me alcançando.

Mágoa apertou meu peito, mas eu me levantei de qualquer maneira. E eu peguei a mão dele. Talvez eu não tivesse, se não tivesse acabado de saber que Rip tinha problemas com o Sr. Cooper sobre sua amada mãe que havia morrido, sobre como ele havia se casado novamente tão cedo depois de sua morte, mas eu nunca saberia.

Mas o que eu sabia por experiência era como era dar um salto e não ter ninguém lá para te pegar. Ou pelo menos aparar a sua queda. E foi por isso que eu peguei.

Por que quem saberia quando foi última vez que ele tinha contato com alguém?

Suavemente, ele puxou minha mão e me levou para a porta da frente, fechando a porta atrás de nós no segundo em que estávamos do lado de fora. Eu observei quando ele deu um passo à frente, sua mão livre subindo até o topo de sua cabeça e alisando as costas dela. Ele ainda não soltou minha mão.

Grilos chilreavam na noite no gramado da frente do Sr. Cooper. Eu não precisava olhar em volta para saber que estávamos cercados por arbustos e flores. Eu também não precisava olhar para cima para saber que Lucas Ripley estava olhando para mim quando eu tentei puxar a minha mão da dele, e seu aperto aumentou em vez de afrouxar.

Então eu não fiquei surpresa quando ele não hesitou, sua voz forte e segura, quando este homem disse: —Não fique mais com raiva de mim.

Mordi o interior da minha bochecha e me forcei a olhar para aquele rosto que eu havia memorizado. Cabelos castanho-escuros atravessavam fios de prata, olhos profundos, maçãs do rosto largas e chatas e aquele queixo que teria sido uma obra de arte, se alguém fosse esperto o suficiente para recriá-lo, olhava para mim. Seus olhos se concentraram em mim, decididos e inflexíveis.

Deixe-me em paz, ele dissera.

—Eu não quis dizer toda essa merda que eu disse, e você sabe disso, — ele me disse, puxando a mão que ele não tinha deixado ir.

Eu respirei fundo e mantive a minha voz mesmo. —Sr. Ripley...

Ele não me deixou ir mais longe do que antes de quebrar, — Pare com isso.

—Parar com o que?

Aquela garganta dele balançou quando ele aproximou o queixo.
—Você sabe o que, Luna.

Eu olhei para ele, mantendo meu rosto em branco.

—Essa besteira de Senhor Ripley, — ele finalmente rosnou.

—Mas esse é o seu nome.

Ele fez um barulho na garganta.

—Você é meu chefe, — eu o lembrei.

Os dedos ao redor dos meus sacudiram. —Eu sou mais do que seu chefe.

Isso me fez tentar tirar a minha mão da dele. —Não, Rip. Isso é o que você é, e eu esqueci disso.

Ele amaldiçoou. Rip amaldiçoou em voz baixa, os dedos apertando. —Não, menina, não havia nada para você esquecer.

Deixe-me em paz.

Eu agarrei-me a essas palavras com as duas mãos e segurei firme. Ele era meu chefe. Hoje, amanhã, no dia seguinte. Ele não queria o que eu tinha para oferecer, e eu não seria ingênua o suficiente para acreditar que as pessoas mudavam.

Rip perdeu a cabeça por um tempo antes de decidir o que queria.

E isso não era eu ou minha amizade ou meus problemas.

Ele se sentiu culpado e foi isso.

Eu inclinei meu queixo para cima, lembrando-me que eu tinha passado por coisas piores e passei por coisas mais dolorosas do que as palavras ditas por raiva. E eu disse a ele o que ele queria ter certeza. —Eu já lhe disse que não vou desistir, se é com isso que você está preocupado. — Eu engoli e fechei minha mão livre, mantendo minha voz calma. —Eu recebo ofertas a cada poucos meses de outras empresas, mas não penso duas vezes sobre elas. Eu amo trabalhar na CCC, mesmo que você não goste de mim...

Esse homem enorme recuou e piscou, sua mão ficando tensa e sua voz rouca. —Não gosto de você?

Seja forte. Você pode lidar com qualquer coisa, Luna.

Eu assenti. —Podemos chamar o que você quiser. Estou bem com isso, Sr. Ripley. Você não é a primeira pessoa a não gostar de mim ou não me querer por perto. Está bem.

Ele soltou minha mão tão rapidamente que eu não tive tempo de reagir antes que o homem na minha frente cortasse tanto a distância entre nós que não havia distância.

Aquela mão grande que estava bem no meu rosto se movia como um raio, a palma da mão embalando a parte de trás da minha cabeça. Antes que eu pudesse terminar minha frase, antes que eu pudesse respirar, Lucas Ripley mergulhou seu rosto perto do meu. —Eu não desgosto uma única porra de cada osso em seu corpo, Luna.

Eu senti minha boca fechando e provavelmente meus olhos também estão saindo.

—Você me deixa louco...

—Isso não é muito legal, — eu disse antes de poder me conter.

Eu não surpreendi com jeito que as sobrancelhas dele subiram.
—Deixe-me terminar, sim?

Eu fecho minha boca.

—Mas eu sinto falta de você, brincando comigo todo o tempo, me provocando demais, sempre rindo e sorrindo e sendo uma dor na minha bunda. — O seu dedo passou pela minha nuca enquanto eu estava lá. —Eu disse alguma merda para a única pessoa neste mundo que...

Ele parou, e se não fosse por seu pomo de adão, eu não teria percebido que ele estava lutando com suas palavras. Lutando com o que ele estava tentando me dizer. Confundindo o maldito inferno fora de mim.

—Você. Eu nunca iria querer machucar você, — ele respirou, me irradiando com aquele olhar intenso. —Por nada neste mundo. Desculpe-me. Eu não lhe disse que conhecia sua família, mas eu não queria exatamente que você soubesse como ou por que eu os conhecia. Você me entende?

Assim que abri a boca, sua mão se moveu e seu polegar pousou sobre os meus lábios, me calando.

—Eu juro, por Jesus Cristo, se você disser algo sobre o trabalho ou sobre como você não vai desistir, eu vou fechar sua boca, da minha maldita maneira, do próprio jeito. — Rip me disse.

Isso me fez calar a boca.

Isso fez meu coração bater, bater, bater, o que diabos está acontecendo?

—O que? — era tudo que eu conseguia cantar.

—Eu não dou a mínima, quantas outras empresas lhe oferecem empregos ou como você está feliz na loja. Eu e o velho não a deixaríamos ir a lugar nenhum— — disse ele, com o olhar atento.

—Eu só disse que eu não quero ir a lugar algum em primeiro lugar... , — eu murmurei, tentando o meu melhor para ignorar o quão rápido meu coração estava indo por causa do jeito que ele estava olhando para mim.

Na maneira como ele estava falando comigo.

As bochechas de Rip se contraíram e sua voz ficou ainda mais baixa quando ele sussurrou: —Ótimo. — O dedo mindinho que ele tinha na parte de trás do meu pescoço se movia pela pele levemente, apenas roçando-o. —Eu não quero que você me deixe sozinho. Eu estava chateado e você estava lá, e eu não deveria ter atirado isso em você. Eu não quero te machucar. Você me entende?

Eu fiz e não fiz.

Eu estava lá e, como sempre, era um alvo fácil. Isso não era novidade.

Mas eu sabia que as palavras mantinham uma ponta da verdade sempre.

Eu também sabia que estava certa em pensar que perdera meu tempo vagando por este homem que nunca seria mais do que meu

chefe. Ele se sentiu mal e isso foi bom, mas foi isso. Isso foi tudo. Eu tinha dado a ele as ferramentas que ele usou para me machucar.

E eu realmente estava cansada de sofrer, mas isso estava em mim. Eu só queria passar por isso.

Um hálito quente e doce lavou meu rosto quando ele se inclinou ainda mais perto de mim. Trazendo-o tão perto eu tive que segurar minha respiração. —Você me perdoa por estragar tudo?

Eu perdoo?

Eu só tive que parar por um momento antes de saber minha resposta.

—Sim.

—Sim?

Eu balancei a cabeça e isso me deu um piscar lento e cauteloso.

—Estamos bem?

Eu balancei a cabeça novamente.

O dedo no meu pescoço era leve quando seus olhos se moveram de um para o outro e voltaram novamente. Eu ainda podia sentir sua respiração no meu rosto. Eu podia sentir sua palma inteira na parte de trás da minha cabeça.

—Nós superamos essa bobagem de 'Sr. Ripley'?

Eu não disse uma palavra em resposta a isso, principalmente porque eu o perdoei — Rip era tons de preto, cinza e branco, e assim

era seu relacionamento com o Sr. C — mas isso não mudou minha própria realidade. Minha própria verdade.

Além disso, eu não queria mentir.

Eu não tinha certeza se tinha acabado com a bobagem ‘Sr. Ripley’. Isso me ajudaria a lidar. Isso me lembraria da minha lição suada.

E algo sobre isso teve seu rosto nublando seus olhos se estreitando, movendo-se de um para o outro como ele sabia — sabia — o que eu estava pensando. —Eu não desgosto de você. Nem um pouco, nem um pouco. Quantas vezes eu tenho que dizer isso para entrar pela sua cabeça?

Meu peito doía quando olhei para aquele rosto bonito e másculo!

Mas eu me lembrei.

Eu me lembraria do que ele disse por muito, muito tempo.

—Eu te perdoo, Rip, eu realmente faço. Eu não posso imaginar o estresse que você estava sentindo, e eu aprecio que você se sinta mal pelo que você disse. Você não tinha ideia de que eu não me importaria menos que você soubesse o que eu fiz antes de te contar. Mas eu nunca pensei que você me diria para te deixar sozinho ou que você me afastaria, e é isso que me magoou. Porque eu cresci ouvindo para deixar as pessoas em paz. Quero que você seja feliz e quero ser feliz também. E nada disso ultimamente tem sido feito. Isso só me deixa triste. Então, acho que é melhor manter as coisas do jeito que sempre deveriam ter sido. Com você sendo meu chefe, e eu pintando seus carros para você, e é isso.



Capítulo 28

Na manhã seguinte, deixei cair minha bolsa — cheia de comida, telefone e toda a porcaria extra que levo comigo todos os dias — no chão ao lado da porta.

Porque às sete da manhã, em cima da minha mesa, em um pequeno frasco de vidro, com uma fita branca enrolada no caule, havia uma rosa alaranjada brilhante.

Apenas... estava lá.

Apenas esperando.

Para mim?

Havia apenas uma pessoa no prédio que poderia colocá-la lá.

Não havia uma dúvida em minha mente.

Ele mudou seu jogo de me trazer donuts para... uma flor. Uma flor que fez minha garganta apertar, mesmo quando eu disse a mim mesma que eu sabia porque ele fez isso.

Por causa da culpa.

A primeira flor que alguém já me comprou foi por culpa.

Eu tive que soltar uma respiração profunda com isso.

Eu tinha dito a ele — não tinha dito a ele? — que eu queria voltar o tempo para sermos o que deveríamos ter sido desde o começo?

Eu disse a ele. E aqui ele estava complicando as coisas, dando ao meu cérebro ideias que eu tinha que jogar no lixo antes de pensar nelas. Aqui ele estava apenas... mexendo comigo. Tentando me puxar para um lugar que eu não queria mais estar.

Eu deveria ter deixado ir, ou deveria ter fingido que não vi, mas...

Eu não fiz isso.

Eu estava cansada e desgastada, apenas... extremamente cansada.

Assim como eu deixei cair minhas coisas, eu deixei lá e saí do meu estande. Um pé na frente do outro. Um passo na frente do outro. Levando-me cada vez mais perto. Eu mal passei o corredor para a parte principal do prédio quando avistei Rip de pé ao lado do baú de ferramentas, vasculhando as gavetas.

Eu não sabia por que meu coração começou a acelerar, mas aconteceu. A cada passo, ficava cada vez mais rápido, apesar de meu cérebro dizer que precisava me acalmar. Não significava nada.

Foi um gesto legal, mas forçado e completamente desnecessário.

E eu não queria que ele perdesse seu tempo fazendo isso de novo.

—Sr. Ripley— — gritei, sabendo que não deveria, depois da nossa conversa de ontem, mas também não recuando da promessa que fizera a mim mesma.

Ele olhou para cima imediatamente, atirando em mim aquele olhar de laser. Hoje ele usava uma camisa de compressão azul-marinho e já estava vestido com seus macacões. A coisa que me pegou de surpresa foi o fato de que ele não parecia irritado por eu chamá-lo de senhor e que ele parecia estava calmo demais. Muito descontraído.

Mesmo que eu fosse bastante positiva, ele tinha deixado a flor, eu ia me punir perguntando de qualquer maneira. —Você deixou aquela rosa no meu estande?

Ele se endireitou de onde estava ligeiramente inclinado sobre o baú de ferramentas. Sua expressão ficou tão misteriosa e calma. Ele respondeu da maneira que eu sabia que ele iria: diretamente. — Sim.

Sim.

Meu coração ficou ainda mais rápido, mas eu ignorei. Isso não era novidade. Quem diabos mais teria sido?

Eu segurei minha respiração. Deixe-me em paz. —Obrigada, mas você não precisa. Eu te disse ontem...

—Eu não esqueci, — ele me cortou.

Inferno. —Mas você não precisa se sentir culpado ou tentar fazer alguma coisa comigo

—Eu não estou tentando fazer nada com você, — ele se intrometeu novamente.

Isso me fez parar de falar. Porquê... por que mais ele faria isso? Para o inferno? De repente, ele queria comprar uma rosa para

alguém, e eu acabei sendo a única mulher que ele poderia enviar uma?

Ele bateu a gaveta com o quadril. —Você gostou?

Eu gostei? Por que diabos meu coração não estava diminuindo a velocidade? —Sim, — eu disse a ele com sinceridade. —É linda, mas você não precisa...

—Bom, — ele me cortou pela terceira vez.

Oh cara. —Sr. Ripley...

—Rip.

Nós não estávamos indo para lá. —Por favor, não me compre mais nada.

Seu grunhido não era o que eu chamaria de convincente.

—Não há nada para se sentir mal sobre qualquer coisa, — eu continuei.

Ele apenas grunhiu novamente, mas ele continuou olhando para mim, manteve essa expressão em seu rosto também. Aquele que eu não sabia o que significava.

—Eu preciso começar o meu dia, mas tudo que eu queria fazer era agradecer e dizer que você não precisava, — eu disse.

O olhar de Ripley pareceu passar pelo meu rosto antes de se fixar em meus ouvidos. Ele estava olhando meus brincos de coração. Eu apenas sabia disso.

Eu dei a ele um sorriso apertado que eu sabia que ele sabia que era falso, mas tudo bem. Assim que eu me virei para voltar para o meu estande para começar o meu dia como eu havia dito, o homem gritou atrás de mim.

—A que horas você sai hoje?

Parei, mas não me virei para olhar para ele. Deixe-me em paz. —Hoje eu só posso ficar até às seis. Eu tenho planos. — E por planos, eu quis dizer um encontro. Com um estranho total.

Eu estranhei que ele não explicou por que estava perguntando.

Mas sinceramente, voltei para o meu estande tão rápido que não tive a chance de me perguntar por muito tempo.

* * *

Eu sabia que foi uma ideia burra aparecer no bar quando ouvi a segunda pergunta que meu encontro fez: —Quantos anos você tem?

Ele era um cara decente.

Meu encontro recostou-se em sua cadeira e murmurou: —Huh, — sua expressão engraçada depois que eu disse a ele.

Algo sobre isso não estava certo comigo, isso ou eu estava apenas pegando coisas que eu deveria deixar para lá. —Por quê?

—Pensei que você fosse mais jovem, — o homem teve a coragem de responder.

Eu levantei minhas sobrancelhas, positiva, eu definitivamente não estava gostando de onde isso estava indo, mas... eu poderia dar a ele o benefício da dúvida. Tanto quanto eu estava dizendo a mim mesma que estava bem, eu não estava. Na verdade, não. —O que? Eu sou velha demais? — Eu tentei brincar.

Ele encolheu os ombros.

Encolheu os ombros?

Realmente?

O sorriso parcial que eu tinha no meu rosto acabou de cair. — Quantos anos você tem?

Ele ainda estava me observando um pouco de perto quando disse: —Trinta e quatro.

Trinta e quatro? Trinta e quatro e eu era muito velha?

—Você parece mais jovem do que vinte e seis anos.

—Oh— Eu esperava que soasse tão sarcástico quanto eu me sentia. —Obrigada? — Cara, eu estava mal-humorada. Eu não tinha certeza se já fui tão rabugenta antes.

Seus olhos deslizaram em torno do bar por um momento antes de voltar para mim, me olhando como... bem, eu não tinha certeza do que, mas eu não gostava disso.

—Então, — tentei pegar ritmo na conversa naquele momento, porque tudo que eu queria era ir para casa. Tudo o que eu tinha que fazer era mandar uma mensagem para Lenny dizendo RED e ela me ligaria e me salvaria. No segundo em que tive a opção filtrada pelo

meu cérebro, eu me lembrei que deveria tentar. Eu tinha que tentar. Eu tinha que querer que alguém me comprasse flores, e não porque elas feriram meus sentimentos. —Você já foi casado antes? — Eu perguntei a ele.

O homem riu, seu olhar se movendo ao redor da sala novamente. —Por cerca de uns dez anos atrás. Mais um erro da minha vida. Você?

Eu balancei a cabeça, não tendo certeza de como levar o comentário dele sobre isso ser um erro.

—Graças a Deus, — ele murmurou, fazendo uma careta enquanto dizia que teria algo errado em eu estar divorciada.

Eu abri minha boca assim que a cadeira ao lado da minha foi arrastada para trás. Minhas mãos pararam, e eu olhei, imaginando quem estava ocupando a cadeira sem perguntar, quando meus olhos se concentraram nas articulações que segurava o assento. Eu poderia ter conseguido reconhecer seus dedos mesmo se eu estivesse longe, porque estes longos dedos não eram algo que todos tinham.

Especialmente não nas articulações conectadas às mãos do tamanho de um prato de jantar... mãos conectadas a pulsos cobertos por uma conhecida camisa elástica e apertada.

Eu tinha certeza que minha boca deveria estar parcialmente aberta quando Rip caiu no assento com força, suas pernas se abriram em forma de V instantaneamente, sua atenção em frente ao homem em frente a... nós.

Em frente a nós.

Ah

O que ele estava fazendo aqui?

—Isso acabou agora? , — meu chefe falou com facilidade, cruzando os braços sobre o peito enquanto se recostava na cadeira, de alguma forma fazendo-se parecer ainda maior se abrindo.

O outro homem franziu a testa. —Você perdeu alguma coisa?

—Rip, — comecei a dizer, ignorando o homem com quem eu deveria estar em um encontro, se você poderia até mesmo chamar de um encontro desde que ele me fez pagar pelo meu refrigerante. —O que você está fazendo aqui?

O outro homem olhou para mim. —Quem diabos é ele?

Eu o ignorei novamente, mas Rip não estava prestando atenção em mim. Ele estava olhando para o meu encontro com uma expressão enganosamente preguiçosa. Mas não havia nada de fácil em suas próximas palavras. —Hora de você ir.

Hora de ele ir?

O outro homem fez uma careta antes de se concentrar em mim e perguntar, com raiva: —Você tem um namorado?

Eu? Um namorado?

—Você não tem nada a ver com isso. — Rip continuou falando. —Você pode ir para casa agora.

Eu não tinha certeza do porquê de ter estendido a mão, mas fiz, e toquei o antebraço do meu chefe, ganhando sua atenção. —O que você está fazendo aqui? — Eu quase assobieei para ele.

Aqueles olhos azul-esverdeados deslizaram em minha direção, ainda preguiçosamente, e sua bochecha se moveu apenas o suficiente para me dizer que poderia ter sido considerado um sorriso. —Acabando com essa merda que você chama de encontro, — ele afirmou, confundindo-me ainda mais.

—Com quem diabos você pensa que está falando? , — o homem perguntou com uma carranca.

Suas palavras provocaram Rip, porque seu olhar varreu para o lado e ele deu ao cara um olhar vazio que eu estava bem familiarizada. —Você.

—Eu?

—Ela não está interessada, — Rip afirmou calmamente.

O cara decidiu me incluir na conversa novamente, girando o olhar para mim. —Ele está falando sério?

Eu decidi ignorá-lo e bati meus dedos no antebraço do homem maior. —O que você está fazendo aqui?

Aquela expressão insolente caiu, e ele apenas... olhou para mim. Todo ele apenas... focado. Muito focado. Em mim.

—Você é a porra da garota dele? , — o outro cara exigiu, seu tom indo mais alto.

A garota dele? A garota do Rip?

Meu —não— saiu ao mesmo tempo em que Rip disse: —O que você acha?

O que você acha?

Era esse homem com quem eu não tinha falado em duas semanas até ontem, implicando que eu era sua namorada?

—Não, — eu disse a Rip, batendo em seu antebraço novamente através do material de sua camisa elástica. —Do que você está falando?

—Ela é?

A expressão de Rip não vacilou por um segundo, mas ele continuava atento no homem.

—Você está falando sério? — O homem cuspiu, empurrando a cadeira para trás antes de me dar um olhar irritado. —Você sabe o quê? Eu não tenho tempo para lidar com esse tipo de merda. Você pode se foder e ela pode...

Rip ficou de pé tão rápido que era um borrão. —Você gosta de ter todos esses dentes em sua boca? Ou você prefere ir para casa sentindo falta de alguns deles?

—Foda-se, — o outro homem começou.

—Confie em mim quando eu disser que você não quer terminar a frase, — Rip cuspiu lentamente. —Eu quebrei garotos fodidos como você por diversão, e agora você está me dando uma razão para isso. Você não quer chegar lá. Confie em mim.

Ele quebrou

Ah Merda.

—Foda-se você e..., — o outro cara começou a dizer.

Eu empurrei minha cadeira de volta instantaneamente, minha mão girando dentro do cotovelo de Ripley, dando-lhe um puxão.

Ele não se mexeu, mas eu sabia que ele me sentiu quando seus olhos se voltaram para me olhar com uma expressão doida no rosto dele. Isso me atingiu diretamente no coração.

—Você sabe, eu acho que é hora de eu sair. — Eu apertei Rip. —Estamos saindo.

O cara rosnou quando ele deu um passo para trás, parou por um momento, e então pegou outro, como se alguém não tivesse colocado distância suficiente entre os dois homens. —Eu não sei o que diabos está acontecendo aqui, mas eu terminei. Você precisa dizer ao seu homem que você está procurando por outro, porra.

Eu poderia ter discutido com ele ou explicado que Ripley não era meu homem. Ele não era homem de ninguém. Muito menos meu.

Mas...

Eu realmente não me importava muito, especialmente quando ele me fez sentir-me velha e era, no geral, apenas uma espécie de idiota, e um lembrete de porque eu não tinha nenhum negócio em encontrar um encontro em um aplicativo qualquer.

Porque a única pessoa pela qual eu poderia culpar esta noite era eu mesma. Eu tinha definido este encontro. Eu tinha baixado o aplicativo duas noites atrás e tinha concordado em sair com a

primeira pessoa que me convidou. Porque eu disse a mim mesma que estava tentando seguir em frente.

O idiota contornou a mesa, e no último minuto, levantou o dedo do meio para nós antes de basicamente colocar o rabo entre as pernas e acelerar saindo do bar.

—O que você está fazendo? — Eu digo para Rip no segundo que o outro cara estava fora de vista.

Rip ficou lá e olhou para mim, sua expressão de volta ao vazio. —Ele era um merdinha do caralho, Luna.

Ok, ele tinha sido uma merdinha, mas... —Se ele era ou não, o que você está fazendo aqui? — Eu perguntei a ele, empurrando minha cadeira ainda mais para trás e fingindo que não vi os outros frequentadores de bar ali perto, olhando para nós. Eu terminei. — Eu estou indo para casa.

—Eu vim para ter certeza de que você estava bem.

Eu não daria grande proporção ao seu comentário. Eu não daria, e por isso fui capaz de me manter bonita e calma quando perguntei: —Por que eu não estaria?

Rip ignorou minhas palavras, mas observou quando eu peguei meu telefone e as chaves e as enfiei nos bolsos. —Onde está o seu carro?

Eu dei um passo para trás. —Eu não vim dirigindo.

Ele deu um passo à frente, contornando a mesa enquanto dizia: —Ótimo. Vou te dar uma carona para casa.

Não, eu ainda não pensei demais em seu comentário ou sua oferta. Eu não tinha ideia de que tipo de jogo ele estava jogando — ou mesmo quando ele decidiu que queria começar a jogar, especialmente referindo-se a mim como sua garota, de repente — mas não era problema meu. Eu não ia ficar toda empolgada por ele ser legal comigo agora, então, mais tarde, decidir que ele não queria ter nada a ver comigo depois. Eu não conseguiria lidar com isso. Eu não faria.

—Obrigada pela oferta, mas não preciso de uma carona. Eu vou pegar um Uber... —

Uma mão pousou nas minhas costas um segundo antes que Rip começasse a me guiar para a porta, alheio ao jeito que eu estava olhando para ele como se eu não fizesse ideia de quem diabos ele era.

Porque eu não fazia.

Eu não sabia quem era esse homem me empurrando através do bar, aparecendo e arruinando um encontro já ruim, implicando que eu era a garota dele, sendo legal, protetora e ciumento e...

Eu não estava fazendo isso. Eu não estava me colocando nessa posição. Eu já sabia que eu estava fraca, onde Rip estava preocupado, e é por isso que eu tive que encerrar isso no instante em que estávamos do lado de fora.

—Você já comeu? — Ele perguntou assim que ele me levou pela porta, o segurança me dando uma expressão curiosa desde que ele tinha me visto tantas vezes ultimamente.

—Não. — Eu tentei diminuir meus passos, mas aquela mão nas minhas costas apenas me manteve em marcha pelo estacionamento. —Rip, eu realmente não preciso de uma carona. Olha, eu só vou pegar um...

—Você está com vontade de comer um hambúrguer? — Ele perguntou quando vi sua caminhonete estacionada a uns cinco metros sob as luzes do estacionamento.

Eu olhei para ele por cima do ombro e disse ao meu coração para recuar. —Estou tentando falar com você. Você poderia ouvir, por favor?

Isso fez com que ele parasse, sua mão subiu pela minha espinha para parar no meu ombro, e eu juro que ele não apenas olhou para mim, mas seu corpo parecia enrolar-se no meu enquanto suas sobrancelhas subiam e ele disse: —Eu sempre escuto você.

Eu não estava pronta para esse comentário — não naquele momento e, mais do que provavelmente, não para o resto da minha vida, especialmente quando a pessoa que dizia essas palavras era esse homem.

A mão no meu ombro viajou ainda mais para cima, segurando minha nuca com um aperto forte e quente. —Você quer gastar dinheiro tomando um táxi ao invés de sair comigo para comer, estou certo? , — ele perguntou suavemente.

Inferno.

Inferno, inferno, inferno.

O que eu sabia, sem dúvida, tinha uma mão que veio até o topo da minha orelha, enrolando-se ao redor da concha tão levemente que quase fazia cócegas. —Você me disse que me perdoou, — ele me acusou na mesma voz de papel de seda.

Eu poderia fazer isso. Eu poderia lidar com isso. —Eu te perdoo, Rip. Eu entendo que as pessoas dizem coisas das quais se arrependem mais tarde.

Sua expressão ficou turva. —Eu me arrependo do que disse, mas você está perdendo a parte em que eu lhe disse que não quis dizer isso. Eu disse que lamentava não ter lhe dito desde o começo que sabia da sua família.

Ele quis dizer isso. Tudo tinha algum tipo de raiz de verdade por baixo. Tudo.

E mesmo que isso não... isso não mudou o fato de que eu não queria passar por algo assim novamente. Nunca. Não com ele.

Aquele leve toque se moveu sobre a concha da minha orelha novamente, fazendo aquele formigamento começar na base da minha espinha. O hálito quente lavou minha testa enquanto ele se enrolava em mim ainda mais. —Seja o que for que você pense, você é a última pessoa que eu gostaria de machucar. Por que você está lutando contra isso? — Ele perguntou, varrendo o dedo novamente sobre a minha orelha e arrastando-o através dos lóbulos da minha orelha.

Eu poderia ser forte. Eu poderia ser corajosa. Eu poderia fazer isso. —Eu não estou... lutando contra isso. Eu só estou sendo real. Não quero que você perca seu tempo...

—Você nunca é um desperdício do meu tempo.

De onde isso veio? —Rip —

Essa montanha de homem tirou a outra mão das minhas costas e a colocou na minha garganta, conseguindo segurá-la entre as mãos antes que eu percebesse o que ele estava fazendo. Lucas Ripley mergulhou seu rosto ainda mais perto do meu... tão perto que tentei me mover para trás para poder dar uma boa olhada nele, mas ele não deixou isso acontecer. Ele trouxe sua boca, seu rosto, seus olhos, algumas das coisas que eu mais gostei dele, a centímetros de mim. Sua boca está um pouco longe...

O que diabos eu estava fazendo pensando sobre isso? Nossa.

—Você não ouviu uma única merda que eu disse, ouviu? Viu uma única coisa que fiz? Você é a única pessoa que não colocou as merdas juntas?

Eu respirei pelo nariz e ouvi o barulho saindo de mim.

—Eu não sei como te dar palavras floridas e essa merda, Luna. Eu não sei como te dizer o que você quer ou precisa ouvir. Tem sido um longo tempo desde que eu dei a mínima para alguém. Você entende isso?

Eu poderia fazer isso. Eu poderia

—Eu não gosto da ideia de você sentado ao lado de algum idiota aleatório que quer entrar em suas calças.

E isso não era nada do que eu esperava que ele dissesse.

—O quê? — Eu não queria sussurrar.

Seu dedo subiu e a ponta de seu polegar arrastou pela minha bochecha. —Não gosto da ideia de você sair com alguém. — Seu dedo se moveu de volta do jeito que tinha vindo, e ele disse baixo, — Não posso suportar isso. Apenas quando eu pensei que não poderia ficar mais chateado...

Ele...

Ele...

Ficou... ciumento?

—Eu entendo que eu estraguei tudo e sinto muito. Eu não queria que você soubesse que eu era um Reaper. Não tinha certeza se eu queria que você soubesse que eu estava em um clube como aquele. Você disse que cresceu em San Antônio. O clube tinha um mau representante lá, mas eu saí de lá. Desculpe-me por não ter te contado aquela noite em sua cama quando você disse algumas coisas, mas como você disse, essa merda está em mim. Mas eu quero de volta de qualquer maneira.

Como uma idiota, perguntei: —O que você quer de volta?

—Eu quero a minha maldita Luna de volta, — ele respirou, roubando o ar dos meus pulmões. —Eu não quero que você me deixe em paz. Eu quero que você bata minha bunda por merda aleatória novamente. Eu quero ver a porra da sua cara logo de manhã, mesmo que você não me traga mais café. Eu quero fazer algo para você comer para que você não acabe com salmonela daquela merda que você tenta cozinhar, — ele disse com essa voz estranhamente calma que parecia o oposto do que alguém usando uma britadeira em toda a minha existência teria sido.

E ele me disse calmamente, com muito cuidado: —Duas fodidas semanas e eu quero de volta. Você me deu esses pedaços que eu sei que você não deu a mais ninguém, e eles são meus. Você não pode pegá-los de volta. Eu preciso deles mais do que você, você está me ouvindo?

Eu respirei pelo nariz, ignorando aquela coisa borbulhando e vivendo sob e dentro de mim. Mas enquanto eu estava lá, observando-o, a desconfiança correndo tão ferozmente através de mim enquanto meu cérebro chamava mentirosa, mentirosa, maldita mentirosa, algo grande e duro se formava em meu peito. Esse nó. Esta... previsão. Eu não tinha certeza do que seria, mas ia ser algo... algo que eu não estava certa de que estava pronta para lidar depois de tudo.

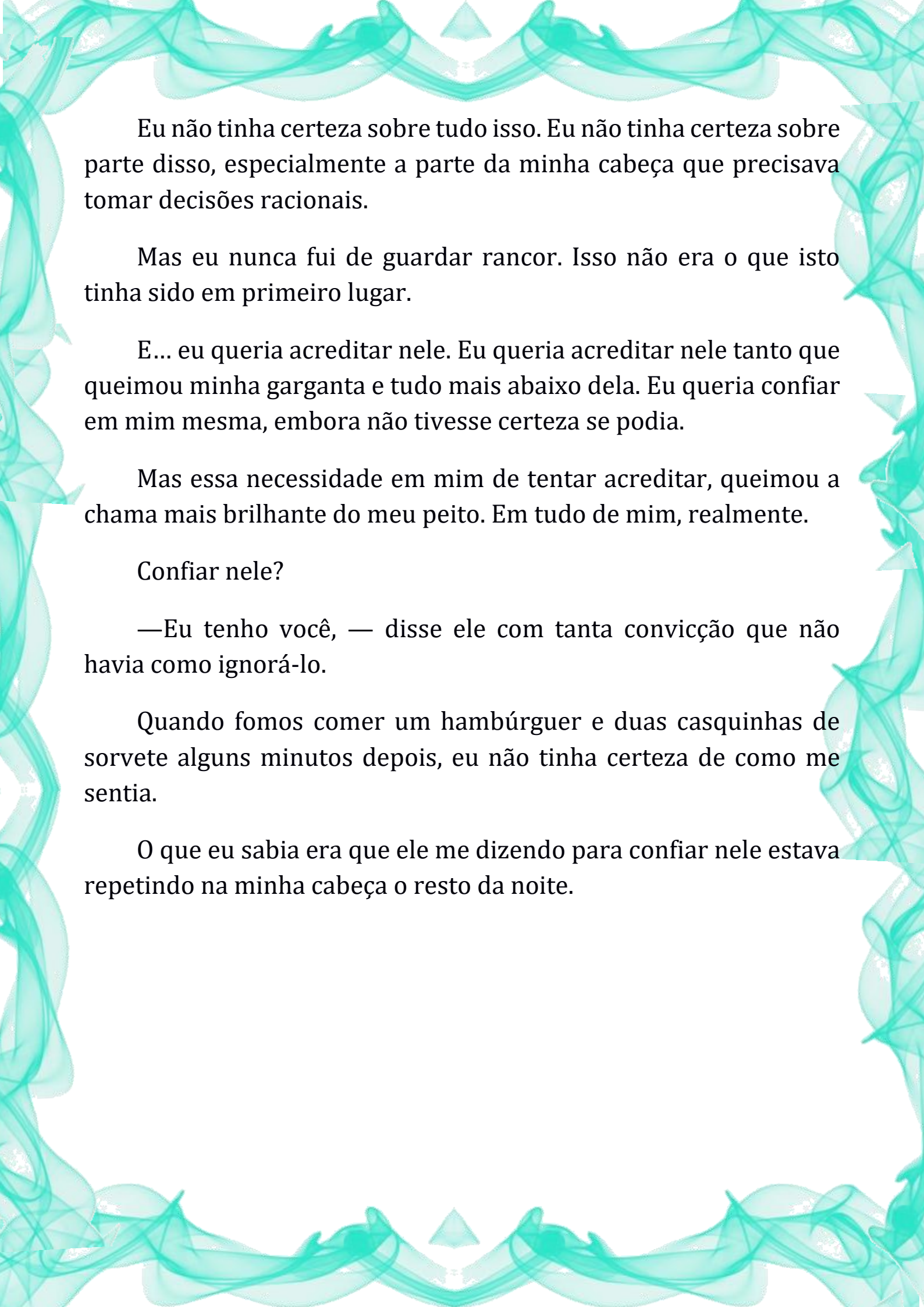
As mãos na minha garganta deslizaram para cobrir meus ombros, e foi sua vez de soltar um suspiro profundo. —Eu sei que estraguei tudo e posso dizer que você não vai facilitar isso para mim, e eu entendo. Mas eu quero que você coma um hambúrguer comigo nesse meio tempo, sim? Tome um sorvete comigo. Você prometeu no dia do acidente, lembra?

Claro que me lembro. Como eu poderia esquecer?

Rip deu um passo para trás e eu ainda não disse nada.

Ele deu outro passo e, ainda assim, nada.

Então, outro e outro, até que ele parou bem diante da porta e me deu um olhar atento quando disse: —Vamos comer uma porra de hambúrguer e um pouco de sorvete, garotinha. Não há nada para você ter medo. Você pode confiar em mim.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the text on the page.

Eu não tinha certeza sobre tudo isso. Eu não tinha certeza sobre parte disso, especialmente a parte da minha cabeça que precisava tomar decisões racionais.

Mas eu nunca fui de guardar rancor. Isso não era o que isto tinha sido em primeiro lugar.

E... eu queria acreditar nele. Eu queria acreditar nele tanto que queimou minha garganta e tudo mais abaixo dela. Eu queria confiar em mim mesma, embora não tivesse certeza se podia.

Mas essa necessidade em mim de tentar acreditar, queimou a chama mais brilhante do meu peito. Em tudo de mim, realmente.

Confiar nele?

—Eu tenho você, — disse ele com tanta convicção que não havia como ignorá-lo.

Quando fomos comer um hambúrguer e duas casquinhas de sorvete alguns minutos depois, eu não tinha certeza de como me sentia.

O que eu sabia era que ele me dizendo para confiar nele estava repetindo na minha cabeça o resto da noite.

Capítulo 29

Na manhã seguinte, eu não deixei cair as minhas coisas no chão quando entrei no meu estande e encontrei outra flor na minha mesa. Desta vez, era uma rosa púrpura — uma lavanda pálida que era quase branca, mas não — com uma fita branca amarrada em volta dela. Era bonita. Honestamente, apenas enlouquecidamente linda.

Mas foi por culpa?

Ou foi por causa das coisas que ele disse ontem à noite? As coisas que eu não conseguia parar de pensar desde que nos sentamos em frente um ao outro comendo hambúrgueres e dividindo um pedido de batatas fritas. As coisas que ele disse que iluminaram uma parte de mim que era assustadora. Isso me deu muita esperança.

Ele queria sua Luna de volta.

Dele.

De que maneira embora?

E porque eu queria isso mais do que tudo, mesmo que eu tivesse dito a mim mesma, antes de ter dormido sozinha na minha cama na noite passada, que era perigoso e estúpido e muito arriscado... porque era. Realmente era todas essas coisas.

Não seja burra, tentei dizer a mim mesma enquanto colocava minha bolsa na gaveta direita, ainda olhando para a rosa. Ela era

perfeita. Não havia uma única mancha em qualquer pétala. As pontas tinham um tom ligeiramente mais escuro de roxo nelas.

Era tão bonita quanto a de ontem, colocada sozinha em sua jarra.

Minha mão ficou instável quando a peguei, senti uma brisa, tentei o meu melhor para ignorar o modo como meu coração acelerou, e então coloquei no pote ao lado da laranja.

Era apenas uma flor. A segunda que recebi na minha vida. Comprada por culpa ou apenas porque Rip tinha perdido a cabeça e ficou delirando, imaginando coisas que ele não tinha nenhum negócio em compartilhar comigo.

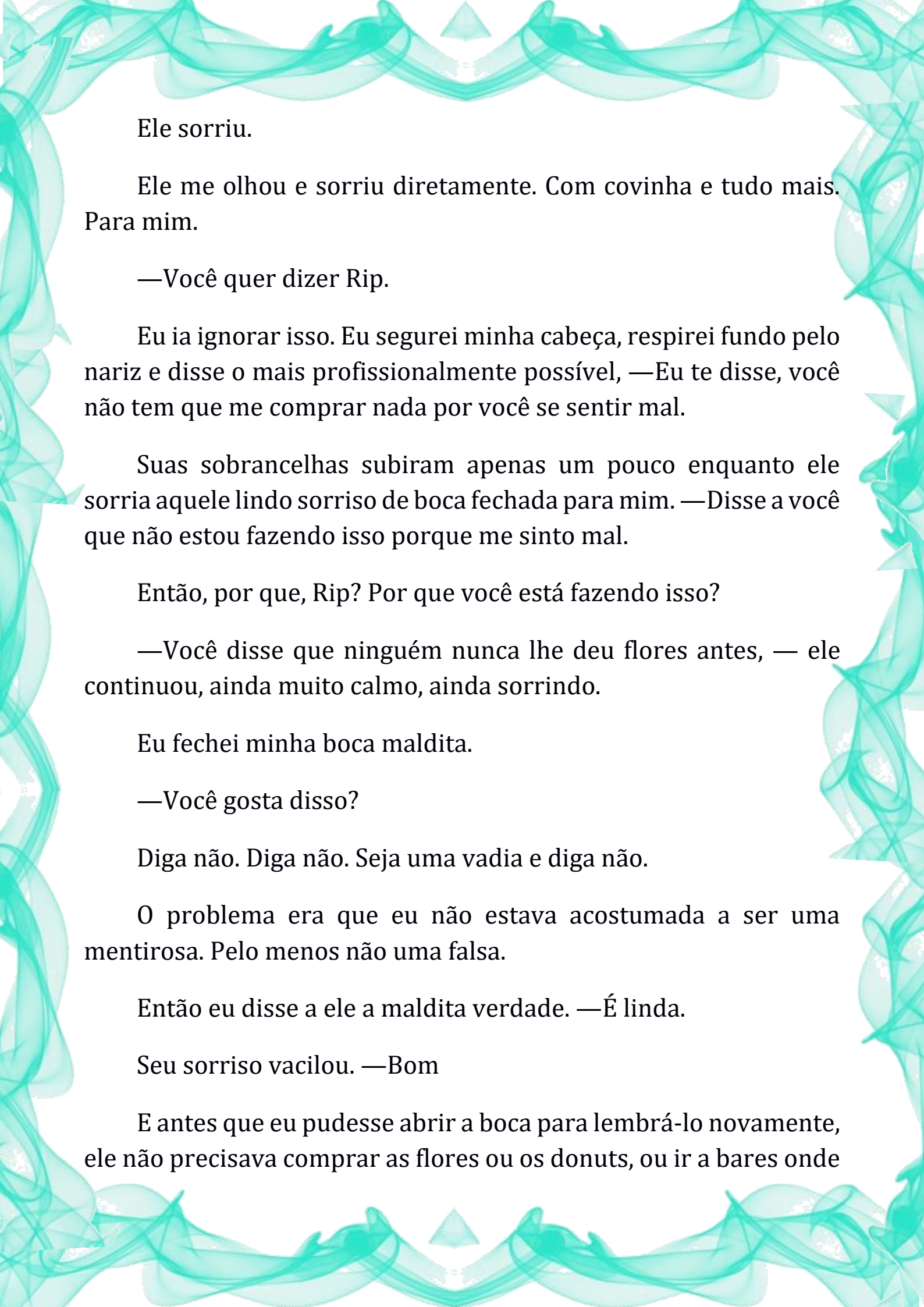
Mas...

Você sabe o que? Se ele quisesse continuar me comprando flores, tudo bem. Eu ainda ia dizer a ele que não precisava, porque ele não sabia.

Com a minha lancheira na mão, eu sabia exatamente o que precisava fazer enquanto me dirigia para o andar principal para ter uma conversa, antes de começar o café e seguir em frente com o meu dia.

Rip estava olhando através de um manual ao lado de um velho Corvette que eu não tinha visto antes. Ele olhou no segundo que meus passos começaram a ficar mais altos. Ele tinha o mesmo rosto que tinha no dia anterior, quando lhe perguntei sobre a flor laranja. Calma, paciente, séria.

—Sr. Ripley...



Ele sorriu.

Ele me olhou e sorriu diretamente. Com covinha e tudo mais. Para mim.

—Você quer dizer Rip.

Eu ia ignorar isso. Eu segurei minha cabeça, respirei fundo pelo nariz e disse o mais profissionalmente possível, —Eu te disse, você não tem que me comprar nada por você se sentir mal.

Suas sobrancelhas subiram apenas um pouco enquanto ele sorria aquele lindo sorriso de boca fechada para mim. —Disse a você que não estou fazendo isso porque me sinto mal.

Então, por que, Rip? Por que você está fazendo isso?

—Você disse que ninguém nunca lhe deu flores antes, — ele continuou, ainda muito calmo, ainda sorrindo.

Eu fechei minha boca maldita.

—Você gosta disso?

Diga não. Diga não. Seja uma vadia e diga não.

O problema era que eu não estava acostumada a ser uma mentirosa. Pelo menos não uma falsa.

Então eu disse a ele a maldita verdade. —É linda.

Seu sorriso vacilou. —Bom

E antes que eu pudesse abrir a boca para lembrá-lo novamente, ele não precisava comprar as flores ou os donuts, ou ir a bares onde

eu tinha encontros, ele empurrou o queixo para o lado, em direção à parede dos baús de ferramentas e disse: —Fiz o seu café. Não tenho certeza se acertei, mas acho que sim.

Ele fez meu café?

O que diabos estava acontecendo? Ele realmente estava como se eu tivesse sido atingida na parte de trás da cabeça e estava tendo ilusões, ou algo assim. Parecia que... eu não sabia como era. Mas não é real.

Nem mesmo como uma fantasia maldita. Nem mesmo perto.

Tudo que eu pude fazer foi ficar lá. Fique lá sentindo como se este homem tivesse me dado um soco o mais forte que podia no peito. Então, como se isso não fosse suficiente, ele chutou minhas pernas em uma rasteira.

Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, antes que eu pudesse lembrar como falar ou pensar sobre o que eu poderia ou deveria dizer, seu celular começou a tocar. Sua mão estava puxando-o para fora do bolso quando ele disse, seu sorriso se derretendo em um menor, mais suave, —Usei um pouco do descafeinado que você escondeu também, no caso de você estar preocupada com o seu chefe.

E então ele atendeu sua chamada. Como se eu não estivesse lá parada como uma palhaça enquanto tentava entender o porque de ele estar levando isso tão longe ao ponto de ele fazer meu café. Eu conhecia ele. Quanto ele era preguiçoso, ele nem sequer fazia seu próprio café do jeito que ele gostava.

Mas ele fez o meu.

No mesmo dia ele me trouxe uma flor roxa que me lembrou da minha casa.

A noite depois que ele chutou meu encontro para o meio-fio e me levou para comer hambúrgueres, batatas fritas e uma casquinha de sorvete, enquanto eu ficava olhando para ele o tempo todo, pensando.

Com certeza, quando peguei minha caneca de café enquanto ele falava com o que eu achava que era uma das empresas que a CCC encomendou, eu tomei um gole e... provei exatamente como faço o meu.

Exatamente.

E como a assustada que eu estava agora, voltei para o meu estande antes que ele desligasse o telefone.

Eu precisava pensar. Bem, eu precisava fazer mais do que pensar, mas...

Eu não tinha contado a Lenny sobre a rosa no dia anterior porque eu não tinha visto um ponto, mas quando eu voltei para o meu estande com meu café queimando um buraco direto no meu coração, eu tive que puxar meu telefone e digitar uma mensagem.

Eu: Ele me trouxe uma rosa roxa e me fez café.

Houve possivelmente um atraso de trinta segundos antes de ela responder.

Lenny: quem?

Eu: adivinha

Lenny: OO

Lenny: Por quê?

Eu não tinha tido a chance de contar a ela sobre qualquer coisa que aconteceu ontem, e tenho certeza que não havia contado sobre ele saber sobre minha família. Tudo o que ela sabia era que ele tinha sido um idiota no hospital e nós não estávamos em condições de falar desde então.

Eu: Ele me comprou uma rosa laranja ontem e deixou no meu escritório também. Então eu fui dizer a ele que ele não tinha que fazer isso para mim ou qualquer coisa... e ele disse que não estava tentando fazer as pazes comigo.

Lenny: E???

Eu: Você sabe que eu tive esse encontro ontem? Ele apareceu no bar e despachou o cara. Então ele disse que queria sua Luna e como ele queria ver meu rosto todas as manhãs, e depois fomos comer hambúrgueres.

Eu: Eu pensei que ele estava cheio de porcaria e apenas me amarrando para que eu não ficasse chateada e não pedisse demissão, mas agora ele está me fazendo café e me trazendo rosas e me perguntando se eu gosto delas, e me dizendo que ele ouviu tudo. Eu te digo... e não sei o que estou fazendo.

Eu: Ninguém nunca me comprou flores antes, e ele se lembrou disso.

Eu: o que eu faço?

Lenny: E por que você está me perguntando o que você deve fazer? Eu não sei.

Lenny: Ele meio que merece que você diga a ele para se foder, mas eu estou no meu período e quero matar metade dos caras na academia.

Lenny: Eu tenho que dizer que é bem legal.

Lenny: Os únicos homens que já me fizeram café são o vovô Gus e o Peter.

Eu: Você é inútil

Eu: vou pensar sobre isso.

Lenny: desculpe

Eu: Eu não te disse que ele vem ao meu estande todos os dias sem motivo.

Lenny: Agora você está apenas jogando toda essa merda.

Lenny: Me diga o que acontece. Eu preciso viver através de você, já que é o único romance da minha vida.

Eu: eu não acho que seja romance. Eu acho que ele só se sente mal.

Lenny: Vaca, eu cresci com caras. Mesmo que eles se sintam mal com alguma coisa, na maioria das vezes, eles nem vão pedir desculpas. Eles apenas agem normais e esperam que você esqueça. Eles não vão te dar flores e fazer café e dizer coisas assim para você. Nem mesmo se eles querem entrar em suas calças. Apenas dizendo.

Eu: Você acabou de dizer que não sabe o que devo fazer.

Lenny: Eu não sei, mas conheço homens e conheço idiotas, e nenhum deles vai comprar flores para você sem motivo. Ou te dizendo merda como eles te querem de volta.

Lenny: Quer que eu pergunte ao vovô Gus e veja o que ele pensa? Ele é um homem há setenta e dois anos. Mesmo que ele não saiba, ele inventará algo.

Eu não estava tão louca ao ponto de ela perguntar ao vovô Gus o que eu deveria fazer, mas quem mais eu tinha para me dar conselhos? Sr. Cooper? Miguel?

Eu esfreguei a palma da mão sobre a minha testa e suspirei enquanto respondi.

Eu: Tudo bem. Pergunte a ele.

Lenny: De nada.

Eu: OBRIGADA. Tenho que começar a trabalhar agora.

Lenny: Alguns de nós já estão no trabalho...

Lenny: beijos

Suspirei de novo e coloquei meu celular no bolso de trás enquanto meus olhos voltavam para as duas flores no jarro, apenas... me provocando.

* * *

Lenny tinha me mandado uma mensagem ontem à noite e disse que o vovô Gus tinha dito a ela que ela estava certa: Rip não teria

dito esse tipo de coisa a menos que ele quisesse dizer isso, e que Len estivesse certa. Ele não estaria me comprando flores se ele se sentisse culpado também.

Mas...

E se esse não fosse o caso?

E se ele mudasse de ideia?

* * *

Uma semana se passou e as flores continuaram aparecendo na minha mesa todas as manhãs. Diferentes tons de rosa, vermelho, laranja, amarelo, lilás, roxo... Todas elas de caule curto e sem espinhos, esperando por mim.

E se isso não bastasse, minha xícara de café também estava lá todas as manhãs. Apoiada ao lado da cafeteira, ao lado do pequeno pote de flores um dia, e em três outras ocasiões em qualquer caixa de ferramentas que estava ao lado dele. E quando eu ia buscá-lo, ele me dava um sorriso e perguntava se eu gostei da flor que ele deixou.

Eu nem ia pensar em como todas as tardes havia um recipiente na geladeira com o meu nome nele.

Muito menos como eu comi, em vez do almoço que eu trouxe, que não era um décimo tão bom quanto o que ele fez.

Se nada disso fosse suficiente, quando eu comecei a trabalhar uma manhã aleatória, descobri que meu frasco de vidro tinha sido substituído. Em seu lugar, havia um lindo vaso em forma de globo, com uma fita de renda azul e branca enrolada na extremidade canelada. Linda, era tão linda, eu quase tive medo de tocá-la.

Rip não era fácil. Era como se ele estabelecesse um limite que ele precisava para ir além.

Ele começou a vir para o meu estande sem motivo. Ele aparecia todas as manhãs por volta das dez, sem falta, e à tarde também, e olhava para mim pela janela se eu estivesse na cabine, ou apenas ficava olhando para as coisas que ele tinha visto uma dúzia de vezes no meu estande.

Mas ele me observou, mesmo quando eu propositalmente evitei olhar para ele.

Ele me observou e foi paciente.

Ele manteve aquele sorriso caloroso, ou muito perto disso, em seu rosto toda vez que eu olhava para ele, como se ele estivesse propositalmente me dando tempo e espaço para... Eu não tinha certeza do que.

Eu realmente não tinha certeza.

Toda vez que eu o chamava de 'Sr. Ripley', ele me corrigia e então continuou com a nossa conversa, mesmo que fosse principalmente eu respondendo em uma palavra e tentando ser profissional.

Uma semana se transformou em duas, e a próxima coisa foram dois vasos na minha mesa, cheios das rosas mais lindas e perfeitas. Quando um começou a murchar, ele o tirou antes mesmo de eu começar a trabalhar, mas um novo estava sempre na minha mesa como, se ele quisesse que eu o visse e apreciasse.

Lenny: Ele está tentando. Você tem que dar crédito para ele.

Eu: Ele não precisa tentar. Eu não quero que ele tente.

Lenny: Mentirosa.

Lenny: Você o ama e está tudo bem.

Eu: Isso é o que me assusta. Estou cansada de amar as pessoas que decidem que estão fartas da minha presença.

Lenny: Você só sente falta de todos os momentos que você não tira da mente, Lu, você sabe disso.

Ele estava tentando.

E Lenny tinha um ponto.

Mas...

Mas.

* * *

Eu ia culpar o sono terrível da noite anterior por eu perder a hora na manhã seguinte.

Eu poderia culpar a carta que encontrei no correio na noite anterior porque eu não tinha conseguido dormir. A carta que eu havia lido e relido uma dúzia de vezes. Sabendo que acabaria lendo mais uma dúzia. Eu dormi com ela na mesa de cabeceira.

Cara Luna

Quero te dizer que sinto muito, mas parece uma desculpa agora. Mas sinto muito. Eu sinto muito por tudo. Eu queria te ligar, mas eu

não acho que posso lidar com você sendo toda atenciosa depois da forma que eu tenho agido ultimamente.

Eu não quis dizer para você descobrir sobre o papai do jeito que você fez, ok? Ele me ligou logo depois que ele saiu da prisão e ficava ligando para mim de vez em quando anos depois disso, e eu nunca respondi, até que um dia finalmente consegui. Eu estava tendo um dia ruim, e eu respondi com a intenção de dizer a ele... Eu gritei com ele, eu perguntei por que ele tinha sido tão idiota toda a minha vida. Passei pelo menos dez minutos gritando para ele e ele pegou tudo. Ele pediu desculpas, Luna. Ele me disse o quanto estava arrependido, como estava infeliz e o quanto se arrependia de como as coisas funcionavam. Ele disse que estava sóbrio e estava tentando consertar as coisas que tinha feito.

Se isso faz você se sentir melhor, eu desliguei naquele primeiro dia depois de tudo isso. Ele ligou novamente alguns dias depois, e eu também fui uma cadela. Mas ele continuou ligando e eu continuei respondendo.

Eu sei que não é uma desculpa ou mesmo uma explicação, mas foi assim que aconteceu. Por favor, não fique mais brava do que já está, mas ele não é tão ruim assim. Ele mudou muito. Ele pergunta sobre todos. (Sim, incluindo você.) (Mas principalmente eu, Kyra e Lily, mas tenho certeza que você já sabe disso. Eu só não quero mais mentir para você.)

Pedi-lhe para não ligar de novo para você saber. Eu sei que você nunca vai perdôá-lo, e eu entendo, mas eu acho que só estava preocupada que você me faria escolher entre você ou ele. Kyra e eu pensamos a mesma coisa. Se isso faz você se sentir melhor, meu namorado acha que eu sou uma idiota e diz que eu mereço que você

me desligue da sua vida agora. Mas eu espero que você não faça isso. Espero que um dia você possa me perdoar.

Se você ainda está lendo isso, você deve saber o quão ruim ainda me sinto sobre a noite que você veio. Desculpe-me. Sinto muito por tantas coisas que não sei por onde começar.

A outra coisa é... olha... eu não sabia como te dizer isso, e eu ainda não sei, mas... eu não estou vendendo drogas ou algo assim. Não enlouqueça. Eu comecei a ser stripper, ok? Eu não contei a ninguém. Eu mal disse à Kyra um ano atrás. Eu não poderia manter isso em segredo por mais tempo. Ganho dinheiro suficiente para pagar a maior parte das minhas despesas escolares e só tenho que trabalhar algumas horas por dia. Minha colega de quarto também é uma stripper. Eu só estou fazendo isso até me formar.

Eu namorei esse cara mais velho por um tempo, e ele foi a razão pela qual eu consegui o apartamento em que estava. Nós nos separamos e as coisas ficaram estranhas, e... para encurtar a história, foi ele quem entrou no meu apartamento naquela noite. Ele estava com ciúmes do meu novo namorado, mas eu tenho uma ordem de restrição agora e estou saindo quando meu contrato terminar em janeiro.

Você sempre faz a coisa certa, e eu não quero que você fique com raiva de mim. Até o momento eu sabia que tinha que dizer alguma coisa, tem sido muito tempo e eu não sei como consertar mais nada disso. As mentiras sempre saem do controle, mesmo que você não queira que elas saiam, hein.

Eu te amo, Luna. Sinto muito por foder tanto e mentir para você e ser apenas uma irmã de merda, mas eu quero que você saiba tudo.

Por favor, não fique brava.

Amor, Thea

PS Você deve saber que Rudy foi para sua casa e trabalho sozinho. Papai não o mandou para lá. Ele disse que Rudy me ouviu dizendo-lhe sobre a invasão na minha casa e teve a ideia de tentar escapar impune. Papai me pediu para verificar com você um dia para ter certeza de que você estava bem. Ele tinha a sensação de que Rudy tentaria fazer alguma coisa. Eu deveria ter te avisado, mas agora eu tenho que viver com isso também, se isso te faz sentir melhor. Estou muito feliz por você estar bem. Lily me contou tudo sobre isso. Não que isso signifique muito, mas me desculpe.

Foi o que eu consegui.

Então eu culparia a minha irmã de passivo-agressivo por eu dormir como uma merda.

Eu ainda estava brava. Eu, que raramente ficava brava. Mas como ela poderia pensar que eu daria uma única porcaria sobre ela tirando a roupa por dinheiro? Eu não me importo com o que ela faz.

Por que ela não podia simplesmente me ligar? Por que ela não podia me dizer? Eu não sou assustadora. Eu entendi, eu acho que até certo ponto, mas ainda parecia apenas bobagens.

E isso era o que eu culparia, isso como a razão pela qual eu perdi o sono.

Então, novamente, talvez estivesse encontrando Ripley inclinado sobre o motor de um Corvette que ele estava restaurando, e obtendo uma ótima visão de sua bunda que poderia ter sido a cereja no topo do bolo.

Talvez tenham sido as seis rosas vermelhas cortadas e colocadas em um vaso de vidro que era a cereja do bolo. Elas eram lindas. E quando eu realmente peguei o vaso e vi que ele estava imaculado, sem uma única impressão digital no vidro, e imaginei o Rip carregando algo super delicado em suas mãos e depois enxugando com a camisa dele ou um pano, antes de deixá-lo lá para eu encontrá-lo....

Eu perdi isso.

Foi assim tão simples.

Eu mal me lembrei de deixar minha bolsa e as coisas no chão e voltar para o andar principal para encontrar o homem que havia deixado meu presente lá.

—Rip! — Eu chamei, sabendo exatamente onde ele estava.

Não houve lapso em resposta. —Sim? , — ele respondeu da extremidade mais distante do chão, ainda olhando para algo dentro do Corvette.

Meu café estava em uma caneca com estampa do Rocky Horror Picture Show.

Isso não existia neste edifício antes. Ele comprou... para mim?

Eu respirei fundo, olhando até que eu estava ao lado dele, antes de me forçar a olhar e dizer: —Rip, — eu comecei, nem mesmo

percebendo que tinha esquecido a parte ‘senhor’, —você pode parar agora com as flores, tudo bem?

Ele não olhou para cima quando perguntou com aquela voz suave e gentil: —Você não gostou delas?

—Não é sobre se eu gosto delas ou não.

Ele ainda não olhou quando ele me cortou. —Você gostou delas então?

—Você sabe que eu gostei. Elas são lindas. Ma...

—Você não gosta mais delas no seu estande?

Eu pisquei. —Não, eu gosto delas lá

—Então ...? — ele perguntou, ainda ocupado fazendo o que quer que estivesse fazendo.

Eu não olhei para a sua bunda.

Eu não fiz.

—Então, você não precisa continuar comprando, ok? Eu já te disse, eu entendi o que aconteceu, se é por isso que você está fazendo isso.

Agora que ele se endireitou, a cabeça dele quase batendo no capô do Corvette.

—Você pode parar. Eu entendo que você está tentando fazer as pazes comigo, mas você fez o suficiente. Está apenas mexendo com a minha cabeça e me confundindo, e eu preferiria que você parasse

agora do que parar daqui a um mês, ou daqui a seis meses ou daqui a um ano, quando decidir que não quer mais fazer isso, ok?

Isso fez com que ele se virasse devagar para me encontrar. Ele esperou até que estivesse totalmente de frente para mim, aquele corpo gigante sintonizado no meu, enquanto ele dizia: —Eu não estou tentando fazer nada com você. Eu já te disse isso. — Ele pousou a chave na mão e respirou fundo, observando-me de perto. —Eu estou lhe dando flores porque eu quero. Porque você disse que ninguém nunca deu a você, e eu não vou deixar ninguém fazer isso. Isso não é uma merda de chefe, baby. Isso não tem nada a ver com a Cooper. Isso é Luna e Rip. Este sou eu tentando fazer você me dar uma chance. Me compreende?

Oh inferno. Ele estava falando sério. Luna e Rip.

Ele estava tentando... o que? Conquistar-me? Eu não estava me iludindo. Apenas nervosa e com medo.

Você só perde os momentos que não esquece, Lenny me mandou uma mensagem. Era o que eu estava fazendo? Não querendo viver o momento porque eu não queria perder? Foi tão ruim querer me proteger de me machucar?

Eu não tinha certeza, mas uma parte de mim deve ter sido porque eu perguntei: —Você não está?

Seu sorriso cresceu lentamente. —Não, baby, tenho certeza que não.

—Por quê? — Eu perguntei a ele tão lentamente quanto seu sorriso cresceu.

—Porquê.

Meu coração estava batendo rápido. Quando começou a bater tão rápido? Droga. —Você não pode apenas decidir de repente, você quer que eu... tenha... — O que eu ia dizer? Tenha uma queda por ele? Eu não tinha experiência em como falar com pessoas, especificamente homens, sem parecer pior do que uma adolescente. —Você não pode decidir de repente que você quer que eu goste de você.

—Não sou eu querendo que você goste de mim. Não é isso que eu quero. Essa é a menor parte do que eu quero, Luna.

Por alguma razão estúpida, dei um passo para trás e esbarrei no carro ao lado do Corvette. —O que você quer então?

Rip deu um passo para frente, e então sua mão veio em direção ao meu rosto. A parte de trás de seus dedos roçou minha bochecha... e eles ficaram lá, apenas tocando minha pele, apenas por pouco. — Eu quero o que eu deveria ter obtido de você desde o momento em que você começou a ser doce para mim. Desde a primeira vez que você saiu do seu caminho para me fazer eu me sentir bem... me fez sentir melhor do que qualquer um, pela primeira vez em muito tempo.

Ele lambeu os lábios, e eu assisti a cada segundo enquanto sua mão permanecia exatamente onde estava. Na minha bochecha.

Seus dedos percorreram meu queixo e se demoraram no lado do meu pescoço. —Você me acalma. Você sabe disso? Você faz comigo o que todas as joias que você usa fazem por você. Apenas olhar para você faz eu me sentir melhor. E não apenas bem, mas

melhor. Diferente. Como se você olhasse através de mim e da minha merda e você sabe o que há lá melhor do que eu.

Eu fiquei ali de boca aberta, sem saber o que dizer.

—A moça na loja de flores disse que laranja significa admiração.

Meu cérebro e sistema nervoso decidiram que tudo o que eu seria capaz de fazer naquele momento era piscar e, mesmo assim, parecia quase demais para eu lidar.

Porquê... me desculpe?

—A rosa é felicidade... gratidão... apreciação. Essas púrpuras são desejo... amor à primeira vista... Amarelo é carinho. Vermelho é amor. Eu te devo um par de brancos, mas eu ia esperar mais um pouco, porque eu sei que estraguei tudo. — Ele baixou a mão. — Mas eu não vou a lugar nenhum. Hoje não. Amanhã não. Eu pensei que você fosse a garota mais linda que eu já vi quando você entrou naquele escritório minúsculo, três anos atrás sendo toda arrogante e chata. E eu penso naquela garota todas as noites enquanto vou para a cama, Luna. Eu sei que me afastei de alguma merda na minha vida, mas a última coisa que eu quero... a última coisa que eu posso lidar é com você não falando mais comigo. Você me estragou, Luna, e eu sei que tenho sido um verdadeiro pedaço de merda. Eu sei que você merece coisa melhor do que alguém como eu. Eu já disse isso a mim mesmo mil vezes, mas isso não mudou nada. Eu sinto sua falta, e meu traseiro ganancioso precisa de você por perto.

Capítulo 30

—O que é esse olhar conturbado em seu rosto, pequena lua? — Sr. Cooper perguntou mais tarde naquele dia.

Sentada em frente a ele em sua mesa de jantar, eu levei um segundo para terminar de mastigar o peito de frango levemente temperado que Lydia tinha feito naquela noite. O mesmo pedaço de peito de frango que eu estava, mais do que provavelmente, mastigando nos últimos dois minutos enquanto eu estava ocupada pensando na primeira parte do dia. Especificamente, a parte do dia que envolveu minhas interações com Ripley.

A parte em que ele me disse que me queria em sua vida de uma maneira que não tinha nada a ver com o trabalho.

Toda aquela conversa que deixou meu coração batendo, meu cérebro confuso e toda a minha existência arrancada.

Isso foi o que eu estava pensando o dia todo. Mesmo naquele momento, enquanto comia com os Coopers e passava tempo com eles... até meu encontro em duas horas.

Meu encontro.

O que diabos eu estava fazendo?

—Problemas no trabalho? Ripley disse que Jason nunca voltou, — o Sr. Cooper continuou investigando, seu rosto genuinamente preocupado, o que puxou meu coração.

Finalmente engolindo o frango, balancei a cabeça, sem saber o que dizer. Senhor, seu filho estranho que esteve em um clube de motocicleta, diz que precisa de mim. Eu o amo, mas estou com medo de que ele mude de ideia e não se importe comigo algum dia, ou ele vai me dizer para deixá-lo em paz novamente.

Isso não ia acontecer.

—Sim, ele nunca voltou. Ele provavelmente sabia que os caras chutariam sua bunda se ele fizesse, — eu disse a ele com um sorriso que era genuinamente sincero, pelo menos sob a confusão estragando o resto de mim em um nó.

Isso fez o Sr. Cooper sorrir. —Não me surpreende. Eu estou velho demais para lutar com meninos jovens o suficiente para serem meus netos, mas eu tenho que dizer, eu teria colocado um mundo de dor naquele menino se eu fosse dez anos mais jovem. Gus — ele estava se referindo ao vovô de Lenny — me ligou depois que descobriu o que aconteceu e tentou convencer-me a fazer algo a respeito.

O sorriso que lhe dei naquele momento foi totalmente genuíno. Eu já podia imaginar o maluco do vovô Gus querendo fazer algo a respeito. Ele não tinha recebido o memorando que ele chegou aos setenta anos.

—O que é então, querida? — Lydia perguntou do seu lugar do outro lado da mesa da sala de jantar.

Isso me confortou. Eles me confortaram. Viver com eles foi a primeira vez que eu me sentei em torno de uma mesa de jantar para comer. Nós tínhamos feito isso todas as noites depois do trabalho, a

menos que todos saíssemos para comer, ou saíssem e eu ficasse em casa. Foi uma das minhas coisas favoritas sobre morar com eles. O senso de família.

Isso me fez querer isso para mim mesma algum dia.

Eles mereciam mais do que eu esconder as coisas deles, mesmo que essas coisas girassem em torno de um homem com quem ambos tinham relações tensas. Mas eu acho que a vida foi apenas uma grande complicação de qualquer maneira que você olhasse para ela.

A vida não era fácil, ou preta e branco.

E eu realmente precisava contar a verdade.

Porque se Rip não estivesse mentindo...

—É... , — comecei a dizer antes de abaixar meu garfo e faca no prato. —É Rip.

Ambos piscaram e ficaram muito, muito quietos.

—Ele finalmente decidiu tirar sua cabeça do buraco? , — Sr. Cooper perguntou com um sorriso cauteloso depois de um momento.

—O quê?

Ele repetiu a si mesmo. —Ele finalmente conseguiu sua cabeça fora de sua bunda e lhe chamou para um encontro?

Minha boca se abriu e eu fiquei muito, muito feliz por ter largado a faca e o garfo. Com o canto do olho, pude ver o sorriso cauteloso no rosto de Lydia enquanto ela se curvava em direção à

comida e começava a cortar o frango, enquanto o sr. Cooper e eu fazíamos contato visual.

—Eu sabia que você não via, pequena lua. Eu sabia desde o primeiro momento que vi aquele olhar nos olhos de Ripley. Eu não te contei, Lydia, querida? , — ele perguntou à sua esposa.

Lydia assentiu enquanto mastigava a comida e, em seguida, levantou a mão para cobrir a boca ao concordar. —Você fez, e eu vi com meus próprios olhos também.

—O que você disse a ela? — Eu perguntei devagar, tentando processar o que ele estava sugerindo.

Ele inclinou a cabeça para o lado. —Isso você não sabia.

—Não sabia o que?

Seu sorriso era agri-doce. —Que ele deu uma olhada em você e soube.

—Sr. Cooper, você sabe que eu não sou tão boa com pistas e contextos. O que ele soube olhando para mim?

—A mesma coisa que eu sabia quando olhei para Lydia. — Seu sorriso mudou de um amargo para um suave, e pude ver em seus olhos que ele pensava em outra mulher que conhecera uma vez. — Meu pai era do mesmo jeito. Seu pai era do mesmo jeito. Nós, Coopers, nós apenas sabemos. A única diferença é que Ripley teve sua teimosia do lado da família de sua mãe. Eu não lutei.

—Você acha que Ripley... gosta de mim? — Eu perguntei.

O homem mais velho inclinou a cabeça para o outro lado e começou a cortar um pedaço de frango enquanto respondia: —Não acho. Eu sei. Eu já vi isso em seu rosto mil vezes, Luna. Especialmente quando ele estava sendo duro com você. Eu tentei dizer a ele algumas vezes que ele deveria fazer algo sobre isso, mas Deus sabe quando ele coloca sua mente em algo, não há como convencê-lo a mudar, a menos que ele decida. E eu sei que isso leva um ato de Deus. Assim como a mãe dele. Ele tem aquele sangue Ripley nele.

Ele ainda não olhou de volta para mim enquanto continuava. — Eu não o conheço mais assim, mas ainda vejo o menino que ele costumava ser, ou pedaços dele. Ele tem a pele mais grossa que eu já vi, mas eu sei que esses ossos ainda são feitos de amor como eles eram... antes.

Antes do acidente de sua mãe? Antes de sair de Houston e fazer todas aquelas coisas que ele não queria falar?

—Luna, querida, — Lydia falou. —Nossas relações com Ripley são o que são. Eu não poderia segurá-lo contra ele, mas eu gostaria que ele nos perdoasse depois de tanto tempo. Nunca tive filhos, mas era muito próxima de meus pais e, se meu pai se casasse com uma mulher estranha um ano depois da morte de minha mãe, não posso dizer que teria me comportado melhor do que ele. Eu sabia o que estava fazendo entrando na vida de Allen e Ripley naquela época. Eu tenho que viver sabendo que, porque eu amava alguém, o filho dele empacotou suas coisas e o deixou por vinte anos, — ela fez uma pausa. —Nós dois temos que viver com isso.

Tudo fez sentido de repente. Rip reage a Lydia. E tanto quanto eu gostaria de pensar que se eu tivesse um relacionamento saudável

com meu pai, eu gostaria que ele fosse feliz... bem, eu não tinha certeza do que eu pensaria se, ou quando ele voltasse a se casar.

Eu tentei pensar em como Lenny teria reagido ao vovô Gus se casar novamente, e realmente, não era uma cena bonita quando eu imaginei isso.

Uma grande mão passou pelo meu antebraço e se instalou ali, e mesmo sabendo que era do sr. Cooper, eu ainda olhava para o rosto dele. —Ele é um homem difícil. Confie em mim. Ninguém sabe disso melhor que eu. Mas ele empurra as pessoas que o amam, empurra-as como se ele estivesse tentando se certificar de que elas não vão a lugar nenhum. Rip é o total oposto de você. Deus sabe que eu o amo e vou até o dia em que morrer, mas também te amo. E vocês dois merecem ser felizes. Ele pensa no mundo com você, e eu não posso deixar de pensar que Deus te trouxe em nossas vidas por uma razão.

Eu olhei para este homem, sentindo o medo no meu peito, e perguntei-lhe: —Mas ele amava você e ele deixou você por vinte anos, Sr. C. Isso não é... o que eu quero.

Seu sorriso era lento e sinceramente desolador. —Luna, ele ameaçou desistir de mim cem vezes no primeiro ano em que ele voltou.

Eu pisquei.

—Ele não ficou por perto por minha causa, querida.

* * *

Por que eu estava aqui mesmo? Eu me perguntei quando coloquei meu carro no estacionamento e desliguei a ignição.

Por que eu estava? Eu deveria ter cancelado o encontro idiota. Eu estava perdendo meu tempo, gasolina e dinheiro, e fazendo o mesmo por qualquer pobre idiota que estivesse me encontrando aqui.

Porque eu não queria conhecer esse cara que minha irmã Kyra tinha escolhido para mim há mais de um mês.

Eu não queria conhecer nenhum dos caras que eu encontrei. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu aceitava.

Essa coisa toda era uma bagunça que eu não sabia como lidar ou o que pensar.

O Sr. Cooper tinha sido inflexível quando eu saí, que independentemente do que aconteceu entre ele e seu filho, que Rip se importava comigo. E Rip foi Lucas Ripley Cooper em um ponto. Ele ainda estava lá.

Mas porque ele esperou até agora, eu nunca saberia.

Ou talvez eu faria.

Eu queria, embora?

Essa foi uma pergunta estúpida. Claro que sim. Eu queria saber tudo.

Eu queria que fosse verdade.

Eu queria que fosse verdade, mas também sabia o que era esperar e sonhar com as coisas e não as fazer acontecer.

Eu estava sendo uma pateta. Eu estava sendo uma pateta gigante, não estava? Eu dei à Thea o inferno por não ter me dito a verdade, porque parecia tão fácil para mim, e aqui estava eu, fazendo a mesma coisa que ela.

Com meu celular no colo, mandei uma mensagem para Lenny.

Eu: Você acha que eu estou sendo uma covarde com essa coisa do Rip? Diga-me a verdade.

Nem sequer um minuto se passou antes que eu recebesse uma resposta.

Lenny: sim

Lenny: Eu não escolhi uma pateta como minha melhor amiga.

Eu ignorei a culpa e os nervos fluando no meu estômago enquanto eu me sentava lá, lendo a mensagem de Lenny uma e outra vez.

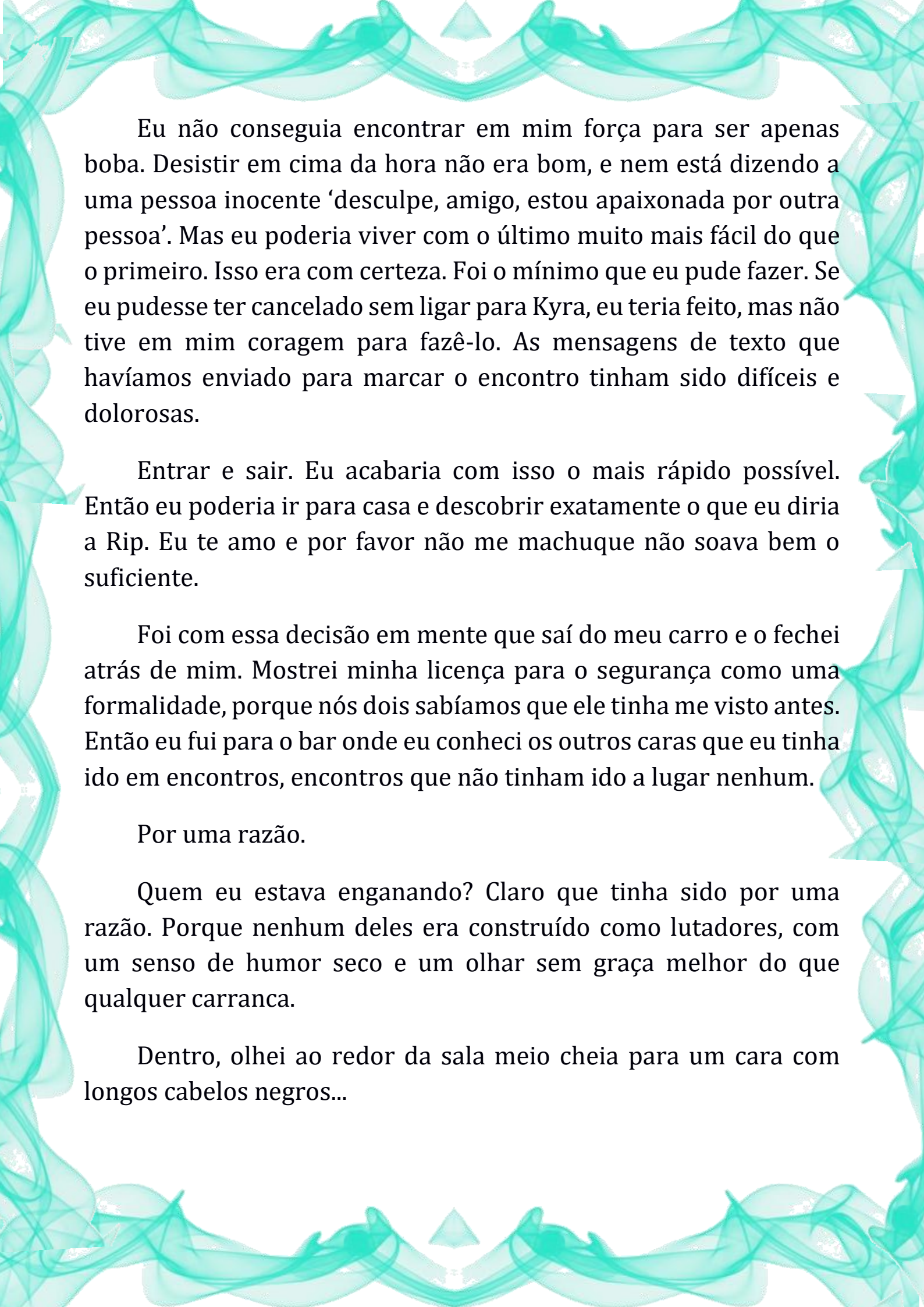
Não havia razão para meu estômago doer.

Luna, Luna, Luna, minha consciência parecia sussurrar em decepção. Você está mentindo para si mesma agora.

Eu estava. Eu realmente estava. Eu estava sendo uma covarde. Uma boba. Um maldito gato assustado.

E eu estava sentada no meu carro, prestes a ir a um encontro que eu não queria fazer parte.

Mas...

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the text on the page.

Eu não conseguia encontrar em mim força para ser apenas boba. Desistir em cima da hora não era bom, e nem está dizendo a uma pessoa inocente ‘desculpe, amigo, estou apaixonada por outra pessoa’. Mas eu poderia viver com o último muito mais fácil do que o primeiro. Isso era com certeza. Foi o mínimo que eu pude fazer. Se eu pudesse ter cancelado sem ligar para Kyra, eu teria feito, mas não tive em mim coragem para fazê-lo. As mensagens de texto que havíamos enviado para marcar o encontro tinham sido difíceis e dolorosas.

Entrar e sair. Eu acabaria com isso o mais rápido possível. Então eu poderia ir para casa e descobrir exatamente o que eu diria a Rip. Eu te amo e por favor não me machuque não soava bem o suficiente.

Foi com essa decisão em mente que saí do meu carro e o fechei atrás de mim. Mostrei minha licença para o segurança como uma formalidade, porque nós dois sabíamos que ele tinha me visto antes. Então eu fui para o bar onde eu conheci os outros caras que eu tinha ido em encontros, encontros que não tinham ido a lugar nenhum.

Por uma razão.

Quem eu estava enganando? Claro que tinha sido por uma razão. Porque nenhum deles era construído como lutadores, com um senso de humor seco e um olhar sem graça melhor do que qualquer carranca.

Dentro, olhei ao redor da sala meio cheia para um cara com longos cabelos negros...

Eu não precisava olhar para o meu celular para saber que estava alguns minutos adiantada. Talvez ele estivesse atrasado? Se ele estava, quanto tempo demoraria um tempo aceitável para esperar antes de sair? Três minutos? Cinco?

Observando uma mesa mais próxima da parte de trás, sentei-me ali, ainda olhando para a multidão para ter certeza de que o homem que Kyra tinha me mandado uma foto não estava sentado em algum canto escuro onde eu não pudesse encontrá-lo. Ele tinha trinta e dois anos e trabalhava em uma plataforma de petróleo. É por isso que tivemos que esperar um mês para nos encontrar. Eu olhei para o meu telefone novamente quando me sentei.

Sentada de volta na cadeira, eu continuei olhando ao redor do bar, esperando que ele aparecesse magicamente para que eu pudesse dizer a ele na sua cara, obrigada, mas não, obrigada.

A porta se abriu exatamente quando esse pensamento entrou em meu cérebro. Chegando, já olhando em volta, estava um homem loiro demais para ser aquele com quem eu estava me encontrando. Ele era alto, magro e... não Rip.

Ele não era Rip.

Ele era muito jovem. Muito magro.

Mas principalmente, ele não era o homem que passou as mãos pelo meu cabelo quando eu estava chateada.

O cara era tudo o que teria sido exatamente meu tipo há quatro anos.

Antes de um homem de um metro e noventa e dois com o peito duas vezes maior que o do sujeito, com antebraços ondulados de músculo, pescoço grosso e parte inferior do corpo que deveria ter inspirado os criadores de esculturas a recriá-lo, entrava na minha vida.

Dane-se. Eu ia me esconder no banheiro.

O pensamento mal me ocorreu quando um homem sentado no bar se virou em seu banquinho e se levantou.

Eu percebi que conhecia aquele corpo. Aquela forma da cabeça. Eu conhecia essa altura.

E quando o corpo familiar virou e começou a ir na direção de onde eu estava sentada, ali fiquei. As luzes escondiam muitas das partes mais bonitas dele, mas eu sabia quem era. Eu sempre saberia quem ele era.

E ele tinha um olhar irritado em seu rosto.

O que diabos ele estava fazendo aqui? Como ele sabia...

Ele não disse uma palavra quando puxou o acento oposto ao que eu estava e deslizou para dentro dele. No escuro, eu não conseguia ver aqueles incríveis olhos cor de mar, mas eu sabia onde eles estavam focados. Eu podia ver a inclinação das sobrancelhas dele.

Sim. Ele estava definitivamente chateado.

E honestamente, eu definitivamente nunca estive menos chateada.

Nunca.

Ele estava aqui. Aqui.

—O que você está fazendo? — Eu perguntei a ele, sentindo a tensão no meu estômago se desenrolar lentamente.

Ele colocou os cotovelos sobre a mesa entre nós e cruzou os braços enquanto respondia: —Você sabe o porque que eu estou aqui.

Eu segurei minha respiração, e então eu menti... esperança e amor florescendo dentro de mim tão rapidamente que eu não pude deixar de mexer com esse homem. —Não, eu não sei.

Sua voz era um grunhido baixo e baixo de —Sim, você sabe.

—Você está se certificando de que eu não seja sequestrada de novo? — Eu brinquei o mais seriamente possível. Por que isso parece a coisa mais fácil do mundo agora? Brincar com ele? Fazendo piadas? —Ou você está me perseguindo agora?

Ele piscou. Então ele respirou fundo... e sua bochecha subiu um milímetro em um piscar de olhos. —Não é engraçado, Luna.

Eu não pude evitar o sorriso que instantaneamente veio ao meu rosto enquanto eu falava novamente, não deixando isso ir, não planejando deixar isso passar. —Eu não preciso de uma babá, se é com isso que você está preocupado.

Aquela bochecha subiu outro milímetro. —Você está bem aí, menina. Você não precisa de uma babá. Especialmente quando o idiota com quem você está se encontrando não parecia velho o suficiente para você.

Eu processei suas palavras..., mas depois as processei de volta e foquei apenas na parte importante. —Quando você o viu?

Ele sorriu para mim. —Antes de você aparecer.

Eu não precisava olhar em volta do bar para me certificar de que o homem ainda não estava por perto. Eu sabia que ele não estava aqui. Como ele sabia quem procurar estava além de mim, mas isso não importava. Nem um pouco. Eu também tive a sensação de que sabia exatamente o que havia acontecido, mas precisava ter certeza. Eu inclinei minha cabeça para mais perto dele. —Onde ele foi?

Ele encolheu um ombro arredondado. —Em algum lugar que não seja aqui.

Uh

—Eu disse a ele para dar o fora, — ele continuou indo sem pedir desculpas. —Disse a ele que você não ia se encontrar com ele hoje à noite ou qualquer outra noite, e ele poderia muito bem ir atrás da garota de outra pessoa porque ele não pegaria a minha.

Meu coração não deveria ter começado a correr para ele referindo-se a mim como dele. Não deveria. Eu sabia. Eu definitivamente não deveria ter ficado arrepiada nos meus braços e costas.

Mas isso foi exatamente o que aconteceu.

Deixei a emoção passar por mim antes de decidir que brincar com ele era divertido demais. Brincar com ele sempre seria divertido demais. —Rip, você não tinha o direito de fazer isso.

—Eu tinha todo o direito de fazer isso.

Ele poderia dizer essas palavras para mim todos os dias pelo resto da minha vida e elas não envelheceriam.

Ele provou isso quando se inclinou para frente e me lançou o olhar mais quente que eu poderia ver na minha vida. —Sim, eu fiz, Luna. Você quer sair para comer? Eu te levo. Você quer sair e tomar um refrigerante? Avise-me. Você quer assistir a um filme do caralho? Vou levá-la aos malditos cinemas. Se você quiser bater na merda do seu primo novamente, eu vou te ajudar. Quando precisar de alguém para ser seu melhor amigo e seu parceiro? Eu estou bem aqui, menina.

Oh inferno.

Oh maldito inferno.

—Quantas vezes eu tenho que te dizer que eu gosto de estar perto de você? — Ele perguntou, sua voz abaixando enquanto seu olhar percorria o que era meu rosto estupefato. Por que precisava de outro rosto quando o homem que eu gostava há anos, sempre espantando os meus encontros, agira sentado aqui me dizendo que ele me levaria em qualquer programa que eu quisesse?

Nenhum. Não havia outro rosto.

—Eu posso fazer a mesma coisa uma centena de vezes, Luna, essa coisa de namoro, mas isso nunca vai acontecer. Eu vou te dizer agora, eu não vou ter problema em dizer isso a eles. Eu entrei em muitas lutas fodas em minha vida, e estou começando a pensar que era tudo para me preparar para você, — ele ameaçou.

Eu respirei fundo e me sentei lá, olhando para ele, sentindo-me muito feliz e aterrorizada igualmente. Querendo isso mais do que eu queria alguma coisa, mas ainda assim...

—E se você mudar de ideia? Vou ter que encontrar outro emprego porque não vou poder olhar para você. Mal posso olhar para você agora— — eu admiti para ele, esse sentimento de baixo nível que poderia ter sido terror, mas era mais do que provável adrenalina correndo em minhas veias de forma constante.

Este homem lindo me deu a expressão mais sincera que eu já vi. —Luna, por que diabos eu faria algo tão estúpido?

Eu cerrei minha mão. —Você sim, você nunca teve uma namorada.

—E... você quer que eu minta e diga que tive algumas dúzias? Ou você acha bom em saber que será apenas você?

Bem.

Inferno.

—Você é muito jovem. Você é tão doce. Você é boa demais para mim. Mas eu sou um parasita tentando sugar toda a bondade que você me faz sentir sem você mesmo saber, Luna. Você é minha garota. Só você. Ninguém mais já foi ou será como você.

Eu respirei fundo e levantei meu rosto para olhar para o dele. —Eu sou?

Ele assentiu com a cabeça, sua expressão algo diferente de qualquer outra que eu já tinha visto antes.

—Mesmo?

—Realmente, — ele concordou, seu sorriso suave e quase tímido.

Mordi meu lábio inferior e não pude deixar de torcer minhas mãos enquanto ele se concentrava em mim tão intensamente que me fez querer segurar minha respiração. Você só sente falta de todos os tiros que você não aguenta, disse Lenny. Eu sempre disse a mim mesma que nada e ninguém me assustava porque eu tinha visto o pior nas pessoas.

Mas também vi o melhor, não vi?

—Você sabe tudo o que importa, Luna. A única coisa que você não sabe é o que aconteceu com os policiais naquele dia em que você mentiu por mim. Eu estava com Gio, e ele fodeu o namorado de sua irmã porque ele bateu nela. Eu não fiz nada, mas eu estava lá. Sua família fez o mesmo por ele. É por isso que eles vieram. Eles precisavam de alguém para tentar culpar, mas eu juro que não fiz nada.

Lá estava, e era exatamente o tipo de coisa que eu poderia ter esperado se tivesse pensado sobre isso. —Eu sei, Rip. Eu não sei como eu sabia, mas eu sabia.

Aqueles olhos penetraram os meus como ele disse, com tanto cuidado: —Você quer saber outra coisa, tudo que você precisa fazer é perguntar, e eu vou te dizer. Eu já te contei sobre o resto e você ainda está aqui.

Ele fez isso parecer tão fácil. Poderia ser assim tão fácil?

—Rip? — Perguntei-lhe com cuidado, minha apreensão desapareceu no segundo.

—Sim?

Eu engoli e me fiz olhá-lo naqueles olhos azul-esverdeados. — Você gosta de mim, ou é mais que isso?

Ele respirou fundo antes de responder. —Saia daqui comigo e eu vou te dizer.

* * *

O passeio de volta ao seu lugar não demorou muito a considerar o tráfego interminável, mesmo à noite.

Rip se ofereceu para nos levar até a casa dele, mas eu não queria deixar meu carro no estacionamento do bar, então eu segui atrás, observando a estrada quando entramos em uma rua sonolenta no norte de Houston com um único carro, casas e calçadas cheias de carros.

Quando Rip virou seu caminhão em um lote de cascalho aberto, com uma nova casa retangular instalada bem no meio, eu sabia que este era o lugar onde ele morava. Estacionei meu carro atrás da caminhonete, observando enquanto ele saía e se aproximava, abrindo-o também antes que eu realmente fizesse um grande esforço para abrir eu mesma.

Rip me deu aquele sorriso de apenas uma bochecha com uma covinha enquanto ele pegava minha mão e me levava para casa, batendo a porta com força.

—Você fez parecer que você vivia em um lixão, — eu o acusei.

—Não é uma bonita casa roxa, — ele tentou explicar enquanto brincava com as chaves.

Eu observei os lados estendidos e o comprimento de sua casa. —Rip, aposto que essa coisa custa quase tanto quanto a minha casa.

Ele encolheu os ombros, apertando minha mão enquanto colocava uma chave na fechadura e a virava. —Ainda não é uma bonita casa roxa.

Ele obviamente nunca concordaria, embora eu estivesse certa.

Mas naquele momento, eu não consegui encontrar em mim para discutir com ele sobre isso. Isso porque... porque... conectada ao mesmo chaveiro em que sua chave da casa estava ligada, algo pendia. Algo que parecia um pingente de casquinha de sorvete. Um pingente de casquinha de sorvete que eu tinha em um colar. Um colar que eu coloquei nele depois do acidente de carro.

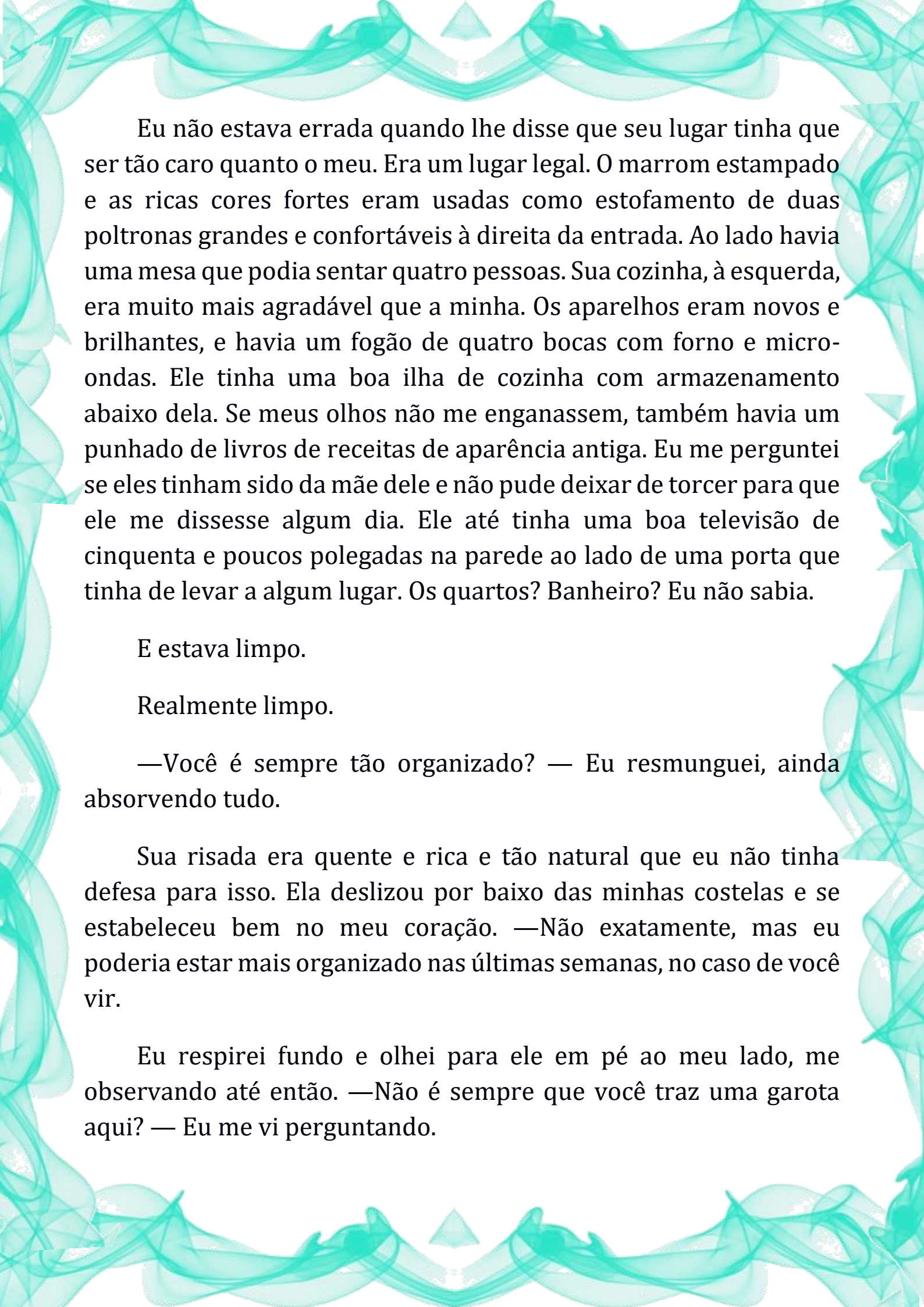
Ele manteve? Ele colocou em seu chaveiro?

Eu era um caso perdido. Eu estava tão perdida que nunca iria me encontrar novamente. Levou tudo em mim para manter a boca fechada. Para salvar o momento para mais tarde, já que parecia haver um mais tarde entre nós. Eu esperava.

Ele empurrou a porta abrindo-a, conduzindo-me até os degraus de metal enquanto ele apertava um interruptor de luz na parede mais próxima a ele.

A luz brilhou dentro do trailer.

Ele me puxou para dentro, fechando uma porta de tela e uma mais pesada enquanto eu olhava para dentro de sua casa.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the text on all sides.

Eu não estava errada quando lhe disse que seu lugar tinha que ser tão caro quanto o meu. Era um lugar legal. O marrom estampado e as ricas cores fortes eram usadas como estofamento de duas poltronas grandes e confortáveis à direita da entrada. Ao lado havia uma mesa que podia sentar quatro pessoas. Sua cozinha, à esquerda, era muito mais agradável que a minha. Os aparelhos eram novos e brilhantes, e havia um fogão de quatro bocas com forno e micro-ondas. Ele tinha uma boa ilha de cozinha com armazenamento abaixo dela. Se meus olhos não me enganassem, também havia um punhado de livros de receitas de aparência antiga. Eu me perguntei se eles tinham sido da mãe dele e não pude deixar de torcer para que ele me dissesse algum dia. Ele até tinha uma boa televisão de cinquenta e poucos polegadas na parede ao lado de uma porta que tinha de levar a algum lugar. Os quartos? Banheiro? Eu não sabia.

E estava limpo.

Realmente limpo.

—Você é sempre tão organizado? — Eu resmunguei, ainda absorvendo tudo.

Sua risada era quente e rica e tão natural que eu não tinha defesa para isso. Ela deslizou por baixo das minhas costelas e se estabeleceu bem no meu coração. —Não exatamente, mas eu poderia estar mais organizado nas últimas semanas, no caso de você vir.

Eu respirei fundo e olhei para ele em pé ao meu lado, me observando até então. —Não é sempre que você traz uma garota aqui? — Eu me vi perguntando.

Ele balançou a cabeça e virou-se completamente para me encarar, sua mão subindo e deslizando pela minha garganta, espalmando-a. Aqueles olhos cor de mar não se afastaram dos meus nem por um segundo enquanto ele respirava, —Eu disse a você que comprei isso depois que me mudei para cá.

—Eu sei. — Minha voz precisava soar tão baixa? —Não é da minha conta se você tiver...

—Sim é, — — disse ele, ainda balançando a cabeça.

Eu pisquei. —Mas isso foi há três anos.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Mas você nem gostava de mim.

—Oh, eu gostava muito de você, baby. Eu sempre gostei muito de você.

Sim, eu era um caso perdido. —Mas você foi malvado comigo.

Seu sorriso foi lento. —Eu fui duro com você, isso não significa que eu não gostasse, essa merda me consumiu por horas e dias depois.

Será?

—Você poderia sempre ter sido doce.

—Eu pensei que era muito velho para você. Pensei que tinha feito muitas coisas de merda na minha vida para ter você nela, Luna— — explicou ele suavemente. —Eu não queria me importar com você, e lutei contra essa merda enquanto pude.

—Por causa das coisas ruins que você acha que fez?

Seu rosto suavizou. —Por causa das coisas ruins que eu sei que eu fiz, — ele confirmou, e isso também escapou por baixo das minhas costelas.

Eu sabia tudo sobre a culpa que vinha com as coisas que você não se orgulhava. Males necessários. Desnecessários também.

Eu dei um passo para perto dele, meus seios roçando o peito dele. Senti sua mão escorregar em minhas costas para aterrissar na pequena parte, me puxando ainda mais. —Mas e se eu tivesse começado a namorar alguém?

Rip inclinou a cabeça para mais perto da minha, trazendo a boca a poucos centímetros de mim. —Eu teria me assegurado de que não houvesse um segundo encontro, menina. Eu sei que você foi em sete deles até essa besteira recentemente. Eu sei que você foi jantar em três, ao cinema em dois, um jogo de beisebol em um, e no Mickey em outro. Eu escutei. Eu sei. Eu estava lá a noite em que sua casa foi arrombada. Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

Isso foi verdade. Isso foi tudo verdade. —Como você sabia disso?

Eu juraria que já podia sentir seus lábios nos meus. —Eu escuto, eu te disse.

—O que mais você ouviu?

—Tudo. — Sua cabeça se moveu, sua boca roçando minha garganta tão levemente que foi a melhor sensação da minha vida.

E assim que ele roçou seus lábios rosados sobre os meus, ele se afastou.

—O que há de errado? — Eu perguntei a ele, tentando sorrir para que ele soubesse que eu estava feliz... e eu esperava que ele também estivesse.

Uma daquelas mãos grandes subiu até o topo de sua cabeça e ele esfregou-a para frente e para trás no topo, ainda me observando com aqueles olhos que diziam uma dúzia de emoções diferentes. O único que eu poderia focar era incerteza, embora.

—O que é isso? — Eu perguntei a ele, ainda segurando meu sorriso. Pelo menos até me bater. Talvez... —Não precisamos fazer nada que você não queira fazer.

Ele piscou os longos cílios, e eu não estranhei o jeito que os olhos dele meio que me olhavam. —Baby, não é nada disso.

—O que é?

Mas ele ainda olhou longe. Sua mão subiu e atravessou seu peito, de um peitoral maciçamente arredondado para o outro e depois subindo até a base de sua garganta, onde seus dedos se enrolaram no tecido de sua camisa de compressão e ele a afastou de seu pescoço, talvez uma polegada. —Eu deveria lhe dizer uma coisa primeiro.

Ah não. —Há algo errado com o seu... — Eu mergulhei meus olhos para a metade inferior do seu corpo.

Isso me deu um piscar de olhos. —Desculpe?

Tudo bem, talvez não fosse isso. —Você tem três mamilos? Porque isso não seria um grande problema. Eu tenho estrias — Por que você está me olhando assim?

Porque ele estava me olhando estranho. Ele realmente estava. —Eu não poderia dar menos que uma merda sobre você ter algumas marcas, e eu não tenho três mamilos.

Não fiquei surpresa por minhas mãos estarem firmes enquanto as colocava em seus quadris, sentindo o calor de seu corpo através de sua camisa. —Então o que é?

Sua mão puxou sua camisa novamente, atraindo meu olhar para a polegada de pele tatuada que eu podia ver... e então finalmente se estabeleceu em meu cérebro.

Ohhh

—Você tem o nome de uma garota tatuado em você?

Isso fez com que ele revirasse os olhos. —Deixe-me dizer, sim?

Eu ampliei meus olhos, observando quando ele deu a sua camisa outro puxão no colarinho.

—Eu tenho algumas tatuagens...

—Eu sei. Eu vi algumas delas.

Ele me lançou um olhar enquanto esfregava a cabeça novamente. —Luna, eu tenho que te dizer antes de te mostrar, tudo bem?

Eu assenti.

—Eu te disse o que fiz com cerca de vinte anos da minha vida.

Eu balancei a cabeça porque ele tinha. Como eu poderia esquecer que ele estava em uma gangue de motoqueiros... clube... o que quer que fosse chamado?

—Eu tenho um monte de tatuagens daqueles dias, e eu não consegui cobri-las, — disse ele em voz baixa, e algo apenas puxou meu coração. Apenas bateu apertado e louco.

Eu amei esse homem. Eu o amava, eu o amava, eu o amava.

—Rip, eu não me importo com suas tatuagens, — eu disse a ele gentilmente. —A menos que você tenha o nome de outra garota em algum lugar, mas você não tem, certo?

Seu rosto instantaneamente suavizou tanto que eu não pude deixar de sorrir. —Pare com as perguntas idiotas, sim? E não, eu não tenho o nome de alguém em mim.

—Está bem então. — Eu inclinei meu queixo para cima. —Você tem tatuagens de gangues. Obrigada por dizer.

—Não são tatuagens de gangues.

—Tatuagens de clube, o que você quiser chamá-lo. — Levantei minhas sobrelanceiras e mexi meus dedos no espaço entre nossos corpos. —Mostre-me as melhores.

Sua risada levou a borda de sua palavra. —Luna

—Estou falando sério, — eu disse a ele com cuidado. —Eu não me importo. — Eu estendi minha mão para ele e abri e fechei para que ele se aproximasse de mim. —Nenhum de nós é quem

costumávamos ser e, felizmente para você, acho que você é o homem mais quente de todo o planeta, e isso porque eu só te vi completamente vestido. — Eu sorri. —Mostre-me.

Rip me observou com aqueles olhos pesados, e a respiração depois saiu profunda e áspera.

Eu reconheci a expressão incerta que fez as linhas em seus olhos se aprofundarem, e isso fez meu coração apertar novamente.

Eu amava esse homem. Eu amava esse homem há muito tempo, mas nunca o amei mais do que naquele exato momento em que ele estava ali, com medo em seus olhos. Porque ele estava preocupado com o que eu pensaria.

—Venha aqui, — eu disse novamente, sorrindo.

O pequeno fôlego que ele respirou pelo nariz me fez amá-lo ainda mais.

Então eu gesticulei para ele novamente. —Eu não acho que já lhe contei quantas vezes eu roubei coisas da mercearia ou das carteiras das pessoas.

Esse homem enorme piscou. —Você? — Ele perguntou, mas soou mais como se ele não acreditasse em mim.

E isso só me fez sorrir mais quando assenti. —Sim, eu. Se fosse pequeno o suficiente para eu escondê-lo no bolso do meu casaco, eu estava pegando. Eu estava com fome, e não queria gastar meu dinheiro quando comecei a sair correndo— — expliquei, sem me esforçar para lembrar o que aquela Luna sentiu quando cheguei ao fim do meu dinheiro.

—Eu roubei todos os tipos de coisas antes disso também. Geralmente doces da loja de conveniência desde que ninguém nunca me levou para a loja ou qualquer coisa assim. E quando eu podia tirar dinheiro dos meus pais, eu voltava e dava dinheiro ao dono. Tenho certeza de que o velho sabia exatamente o que eu estava fazendo, mas ele nunca me repreendeu ou chamou a polícia para mim.

Ripley deu um passo à frente quando seus dedos se afastaram do colarinho de sua camisa. —Eles nunca te deram doces?

Eu balancei a cabeça. —Eu costumava fazer meus próprios bolos de aniversário. — Dei de ombros. —Depois que roubei as misturas de bolo da mercearia. Meu pai amava leite e ovos, então sempre havia alguns na casa. Ele sempre me dava dinheiro para isso. — Eu pisquei. —Ele pedia seu recibo e se certificava de que eu trouxesse cada centavo de volta.

Este homem deu mais um passo para perto de mim. —13 de fevereiro, sim?

Ele estava me perguntando sobre meu aniversário e o fato de que ele até sabia que dia era meu aniversário. —Sim.

Ele deu outro passo à frente. —Eu tenho você a partir de agora.

—Para bolos de aniversário? — Eu perguntei, esperando que eu não soasse tão... esperançoso quanto eu tinha certeza.

—Sim. — Ele deu outro passo. —Eu vou fazer para você aquele bolo red velvet que você gosta.

—OK. — Eu sorri. —Agora, deixe-me ver o que você tem desde que você sabe que não é o único que fez algumas coisas obscuras.

Ele deu outro passo mais perto, outro passo que fez com que ele parasse diretamente na minha frente, seus dedos subindo para me cutucar sob o queixo. —Você é uma brigona embaixo de toda essa doçura, não é?

—Quando eu preciso.

Seu dedo traçou ao longo da linha do meu queixo até o meu ouvido, e sua voz estava baixa quando ele disse: —Sim, eu notei quando você me fez quebrar a mão do seu primo. Eu não vou mentir, Luna, eu estava pronto para agarrar sua bunda, mas eu estava muito ocupado pensando em como você chutou a bunda dele e jogou aquela porra de sapato como uma estrela ninja, foi a melhor coisa que já vi.

Puxando para a frente, pressionei as pontas dos dedos contra a faixa ao longo do topo de sua calça jeans, onde as alças do cinto iam. —Você ainda gosta de mim mesmo depois disso?

Seu sorriso foi gentil. —Você poderia roubar a Mona Lisa e sei que faria isso por um bom motivo. Acho que não há nada que você possa fazer que eu não vou gostar, menina.

Eu ri, e isso apenas o fez sorrir mais largo e arrastar o dedo na direção oposta da minha mandíbula, seu polegar apenas roçando levemente a pele sob a minha garganta.

—Você é a coisa mais doce e mais linda que eu já tive em minha vida, e eu não quero que você seja de outro jeito, você me entende? Um dia vou lhe falar sobre tudo— — ele disse suavemente.

Eu apenas olhei para ele, e se ele tirasse uma foto, tenho certeza de que minha boca estaria parcialmente aberta, e se pudesse haver corações grandes e cor-de-rosa atrás da minha cabeça, eles estariam lá.

Eu não conseguia nem encontrar um pouco em mim para ficar envergonhada quando passei meus braços ao redor de sua cintura. —Eu quis fazer isso cem vezes.

—O que? , — ele perguntou baixinho.

—Te abraçar.

Demorou um momento, mas no segundo que as palmas das mãos pousaram no topo da minha cabeça, eu pressionei minha bochecha contra ele. Uma daquelas palmas grandes segurou a parte de trás da minha cabeça enquanto a outra caiu entre as minhas omoplatas, e sua voz estava rouca quando ele sussurrou: —Baby girl.

—Você é a coisa mais doce que eu já tive na minha vida, — eu disse a ele.

Algo que soou como uma risada que passou por um moedor de carne saiu de sua boca.

—Você é. Não discuta comigo.

Aquele sorriso lindo apareceu na sua boca de novo, e eu o abracei tão apertado que era fácil ignorar que meu antebraço estava pressionado contra as bochechas de sua bunda.

—Eu não estou dizendo isso só para você me mostrar suas tatuagens.

—Eu sei.

—Posso vê-las agora?

Sua risada era mais leve, mas eu o senti se movendo, senti seus dedos me deixarem antes de senti-lo puxar a camisa sobre a cabeça. Ele apenas se afastou de mim.

Apertei-o mais uma vez antes de finalmente levantar o rosto e instantaneamente vi a pele quase morena em sua cintura...

Coberto por linhas grossas e formas em tinta preta desbotada.

Eu segurei minha respiração enquanto eu arrastava meus olhos sobre a tinta sobre ele, sob seu umbigo letras soletradas para fora, EXECUTOR, grandes e moldadas em meio círculo. Acima da palavra, em cima de suas costelas havia dois crânios com asas. As linhas eram finas e detalhadas. E tudo acima eram linhas tribais enormes que se espalhavam por seus peitorais, seus ombros, bíceps, subindo por sua garganta...

Elas eram bonitas.

Elas não eram bonitas em tudo.

Sem dizer uma palavra, Rip virou na minha frente, me mostrando as costas.

E é aí que ficava o esqueleto superdimensionado segurando um guarda-chuva dentro de um círculo imperfeito. A palavra REAPERS MC 1978 foi tatuada diretamente diante dela, as letras irregulares e inclinadas para cima mais em um lado do que no outro. E ao redor de tudo aquilo, as mesmas curvas tribais gigantescas e linhas.

Eu estendi a mão para arrastar meus dedos sobre a pele lisa puxada sobre seus músculos.

E eu o ouvi soltar um suspiro profundo.

Arrastando meus dedos para cima, por cima de sua espinha e mais acima, onde os entalhes de sua coluna estavam debaixo dele, eu disse: —Estou um pouco desapontada por não haver um símbolo chinês para a força.

A risada que explodiu dele só me fez rir também.

—Sua pele é muito macia também, você hidrata?

Ele continuou rindo. —Não. Elas não são algo que eu quero que dure. Não mais.

—Então, o que você está tentando dizer é que sua pele é naturalmente macia?

Seu —mm-hmm— era baixo.

Eu arrastei as pontas dos meus dedos para cima ao longo da curva de onde sua espinha ia, levando até seus ombros. Tinta cruzou sua espinha, e não precisou ser um gênio para saber que deve ter doído como o inferno para ser tatuado.

—Eu tenho uma tatuagem.

Sua cabeça se inclinou e seus olhos focaram nos meus. —Você tem?

—Sim.

—Onde?

—Nas minhas costelas. Eu queria no meu quadril, mas o artista me convenceu disso.

—É pequena?

Eu balancei a cabeça e isso só me rendeu outro piscar de olhos. Um lento.

—O que é?

—É uma raposa.

—Uma raposa?

Eu balancei a cabeça, descendo para pegar a parte inferior da minha camisa, puxando-o sobre a minha cabeça em um movimento. Eu estava usando um sutiã decente, nada sexy, mas era bonito e turquesa. Eu levantei meu braço direito e girei apenas o suficiente para ele ver meu lado claramente.

Mas só dei uma olhada rápida para notar que ele não estava olhando para minhas costelas. Ele estava olhando para tudo de mim. Para meus seios erguidos pelo meu sutiã, no suave declive do meu estômago, na faixa do meu jeans alto nos meus quadris.

—Olha, — eu disse a ele, mostrando-lhe a cabeça de raposa que se estendia desde logo abaixo da faixa do meu sutiã até um pouco abaixo da minha costela.

E eu vi seus olhos finalmente se moverem lá, suas narinas dilatadas.

—Bonita, hein? — Eu perguntei, sabendo que era. Delicadas linhas pretas delineavam a cabeça e as orelhas da raposa, um pouco

feminina, mas feroz. Linda e feminina e forte. —Eu fiz quando eu tinha dezenove anos.

Uma mão quente pousou no meu quadril, logo abaixo do alto da cabeça da raposa. —Por que uma raposa?

—Porque, — eu mal disse enquanto seus dedos acariciavam minha pele. —As pessoas acham que têm que ser leões ou cordeiros, mas eu sempre quis ser algo entre os dois. — Mordi o lábio e levantei um ombro. —Algo que ainda tem dentes afiados, apenas no caso.

Ele cantarolou baixo em sua garganta enquanto arrastava seus dedos até as minhas costelas, logo acima do rosto da raposa. — Apenas uma?

—Por enquanto, quase desmaiei com isso. Eu chorei, não conte a ninguém, — eu respondi, rangendo quando seus dedos se moveram sobre a frente do meu estômago, um dedo mergulhando levemente no meu umbigo. —Eu provavelmente deveria dizer-lhe outra coisa agora também.

—Hmm? — Ele perguntou, todo rouco e sexy enquanto arrastava o mesmo dedo direto para o meu estômago.

—Eu também tenho um piercing.

A cabeça de Rip mergulhou até que sua boca pousou no meu ombro, seus lábios quentes e secos enquanto eles subiam pela minha garganta, dando um beijo após o outro no caminho para cima. A mão que ele tinha em meu estômago arrastou de volta para minha espinha, e eu o senti puxando meu sutiã enquanto seus lábios se agarravam a esse ponto bem onde meu pescoço encontrava meu

ombro, sugando-o levemente, forçando-me até as pontas dos dedos enquanto eu chiava de novo.

—É apenas um também, — eu avisei. —Eu queria fazer dois, mas doía muito, eu me acovardei.

Seu grunhido flutuou sobre a minha pele quando ele moveu a boca um pouco mais sobre o meu ombro, arrastando sua língua também, antes que ele chupasse um ponto ali, sua mão ainda mexendo com o fecho do meu sutiã. Eu o amava lutando com isso, o quanto eu nunca me importaria de ajudá-lo a chegar atrás de mim para desfazê-lo, sentindo-o soltar e escorregar no instante em que aconteceu.

E foi quando eu disse a ele. —É um dos meus mamilos.

Ele respirou tão alto que os pelos dos meus braços ficaram em pé. A mão que ele tinha no meu sutiã caiu um momento antes de ambas as mãos pousarem nos meus quadris e sua cabeça mergulhar. Direto para o mamilo com um pequeno aro através dele. O piercing que doeu como um maldito filho da puta por meses.

Mas, de repente, a lembrança da dor não parecia tão aguda quanto antes.

Não quando os lábios de Rip chuparam meu mamilo em sua boca, sua língua quente sacudindo o piercing para frente e para trás antes que ele abrisse a boca um pouco mais e pegasse mais do meu peito. Seu —maldito— foi direto para os meus ossos, assim como suas mãos se moveram dos meus quadris para a frente do meu jeans, desfazendo o botão e arrastando o zíper para baixo, assim como eu

consegui colocar minhas próprias mãos em seus ombros para me segurar.

Arqueando minhas costas, eu respirei fundo e o deixei enfiar minha calça jeans o mais longe que podia, o que era apenas alguns centímetros mais baixo já que eles estavam tão apertados. E quando eu fui para meus dedos novamente, tentando levá-lo a prestar atenção ao meu outro seio ou ser ganancioso e tê-lo levando mais do que o atual em sua boca, Rip agachou e puxou meu jeans para baixo mais ou menos o resto do caminho. Impaciente, espasmódico e tão quente. Como esse homem era tão louco?

—Rip, — eu gemi quando as mãos dele voltaram para meus quadris e puxaram minha calcinha para os meus pés no mesmo movimento rápido que picou minha pele do tecido raspando-a. No momento em que tomei outro fôlego, minhas calças, roupas íntimas, meias e sapatos estavam por todo o carpete.

—Eu sei, baby, — o homem mais sexy do mundo resmungou quando ele se levantou novamente e me puxou tão perto dele que estávamos pressionados juntos.

Aquelas mãos enormes foram para a minha bunda e ele começou a nos movimentar para trás. Sua boca mudou de um mamilo para o outro, sugando, sacudindo, sugando ainda mais, esses ruídos ásperos e famintos borbulhando na garganta de Rip enquanto continuávamos nos movendo e nos movendo...

Então ele caiu de volta em uma das poltronas ao lado da porta, e comigo totalmente nua, ele me puxou para o seu colo, me fazendo sentar em seus quadris. Sua boca se arrastou, bicando beijos ao

longo do meu peito, para cima e para cima, sobre o meu pescoço antes que ele me beijasse.

E me beijou. Um beijo quente e de boca fechada que me deixou louca e me fez encontrar seus lábios. Estava deslizando minha língua contra a dele, roçando-a. Beijos molhados e molhados que me fizeram moer meu corpo totalmente nu contra o seu seminu. Se não fosse pela suave ondulação e o roçar das mãos dele contra o meu estômago, ou como ele arqueava seus quadris por um momento, eu não saberia que ele tinha aberto sua calça jeans.

Pelo menos não até algo rude, e quente, e tão enlouquecidamente duro e grosso me cutucar logo abaixo do umbigo.

Provocando

Esfregando.

Beijando.

Abaixando minhas mãos para o meu colo, eu as envolvi em torno do pau duro e grosso que balançava entre nós. E santa merda. Rip estava quente, mais suave e macio ao mesmo tempo, mas na maioria das vezes ele era grosso e comprido e pingava sobre meus dedos e ele mesmo.

—Foda-se, — ele sussurrou e mordeu minha pele.

Com minhas mãos empilhadas uma em cima da outra, terminando logo abaixo de uma cabeça larga com ponta de cogumelo, eu não conseguia olhar para baixo quando Rip teve a cabeça inclinada para trás e a boca dele se separou. Eu o apertei,

amando o quão grande ele era. Quão bom ele se sentiu. Quão bonito ele parecia respirando profundamente. Então eu agarrei-o um pouco mais apertado e movi minhas mãos para cima e de volta para baixo, em direção à base.

E foi quando ele abriu os olhos, mirando aquelas íris azul-esverdeadas diretamente para mim com um suspiro profundo. Eu sabia, eu sabia exatamente o que ele queria. Sabia o que eu queria. O que meu corpo não queria esperar outro segundo para qualquer coisa, se a umidade entre as minhas pernas significasse alguma coisa.

Eu olhei para aquele rosto com seus ossos ásperos e bochechas ocas e movi minhas mãos.

Até que a cabeça úmida do seu pau encontrou o lugar que ambos queríamos e... eu levantei meus quadris, assim como se fosse a coisa mais natural do mundo, e lenta, lentamente, lentamente deixei meu corpo cair para baixo, ofegante como um só. Uma polegada depois de outra polegada lentamente diminuiu dentro de mim. Puta merda. Levantando meus quadris novamente, eu caí ainda mais baixo, tomando cada centímetro longo para dentro, nossos beijos nunca terminando. De novo e de novo, eu senti aquele eixo longo e grosso em mim, respirando fundo quando consegui, até que eu cheguei ao fundo do que tinha que ser vinte três centímetros sólidos, rígidos e duros.

—Jesus, fodido, Cristo, — ele sussurrou quando minha bunda encontrou suas bolas quentes.

Eu respirei fundo, contorcendo-me o suficiente em cima dele quando nós dois ofegamos.

Eu o montei devagar, triturando aquela base larga, para cima e para baixo, seus cabelos crespos apenas roçando perfeitamente contra o meu clitóris enquanto suas mãos descansavam nos meus quadris, me guiando enquanto eu o levava de novo e de novo. Dentro e fora. Dentro e fora. Beijando-o. Ele me beijando. Arrastando a boca no meu pescoço. Lambendo um mamilo, depois o outro. Chupando o direito profundamente em sua boca quente tanto antes de tomar o outro e fazer exatamente a mesma coisa. Rip lambeu e chupou e amamentou cantinhos e recantos que eu não tinha ideia que poderia me sentir tão bem...

—Foda-se, — ele gemeu, arqueando os quadris, empurrando como se eu já não estivesse totalmente sentada nele. Mas ele estava tão enraizado quanto podia. Ele se contraiu duro dentro de mim quando ele enrolou seus quadris novamente, fazendo nossos corpos apertarem ainda mais juntos.

Eu circulei meus quadris, mais rápido, mais áspero, pegando cada coisa que ele tinha para me dar, repetidamente até que eu gozei, apertando em torno dele em um choro que nem eu conseguia ouvir.

E quando ele respirou fundo e com as mãos e o corpo apertados nos meus, Rip me empurrou para o chão um momento depois, enchendo-me tão profundamente que meus músculos se agitavam sobre ele, seus grunhidos estavam roucos em meus ouvidos. Quando ele veio dentro de mim. Aquele corpo enorme estremeceu, seu pau pulsando devagar e de forma constante. Eu peguei tudo. Cada gota.

Eu me envolvi com ele depois, meus braços sobre o pescoço, nossos peitos suados pressionados um contra o outro enquanto nós dois lutávamos para respirar. Aqueles enormes braços ao meu

redor, me segurando perto, foi a maior e mais bem-vinda surpresa da minha vida. Não havia outro lugar em que eu quisesse estar além de estar bem ali. Lugar algum. Nem por um milhão de dólares.

Eu pressionei meu nariz contra sua garganta, absorvendo aquele doce aroma dele: desodorante limpo e fresco e pele quente.

Suas palmas se moveram sobre minhas costas, em ambos os lados da minha espinha. Varrendo-me para cima e para baixo e para cima e para baixo. —Você está bem?

Eu sorri. Como eu não conseguia sorrir? —Eu não acho que eu já estive melhor, Rip.

Sua risada foi suave contra o meu ouvido. —Não posso dizer que não sinto o mesmo.

—Oh sim? — Eu perguntei, absorvendo o calor dele. O amor dele. A sensação dele.

—Sim, — foi sua resposta enquanto suas mãos faziam aquela jornada sobre minha espinha novamente, quase como se ele também amasse a sensação de estar ali...

Eu esperava que ele fizesse.

Ficamos ali por um tempo, ele em mim, suavizando, mas seus braços estavam sólidos como sempre. E eu adorei. Eu amei tanto que eu não tinha palavras para o quanto.

—Desculpe-me, querida. Desculpe, eu não estive lá por você ultimamente, desculpe, eu fui tão idiota por um tempo, mas você tem que saber que eu não farei isso de novo, — Rip me disse, soando

tão grave. —Eu não poderia nem mesmo se eu tentasse, você sabe disso?

Eu não me permiti ficar tensa e mesmo que eu realmente não quisesse perguntar, não queria ser o tipo de pessoa que precisava de garantias... eu era essa pessoa. Eu sempre poderia ser essa pessoa, mas eu esperava não ser. Mas eu ainda perguntei: —Por quê?

O bonito, incrível Rip não hesitou por um único segundo quando ele disse: —Porque eu amo você, Luna. Porque eu amo a merda fora de você, garota, e aquelas duas semanas em que você estava agindo como se tivesse terminado comigo foram alguns dos piores dias da minha vida.

Isso me fez sentar para poder olhar para ele. Olhar para ele foi o que eu fiz. Naquele rosto sério. Naqueles olhos intensos. Na sinceridade vindo direto dele como uma viga. Eu poderia ser honesta, eu poderia admitir que eu sussurrei: —Você me ama?

Não sim. Não uh-huh. Nada diluído ou quebrado. Ele me deu as quatro maiores palavras que eu jamais ouvi. —Eu te amo, garota. — Uma confirmação. Uma promessa. Um Band-Aid que não deveria ter sido um Band-Aid, mas foi.

Porque eu sabia que Rip não diria essas palavras se ele não quisesse dizer isso. Talvez ele tenha dito algumas coisas semanas atrás, que ele não quisera dizer, mas eu entendi porque elas saíram do jeito que tinham saído. Eu definitivamente sabia que ele não os aceitaria de volta sem motivo.

Naquele momento, eu sabia que ele queria dizer aquelas três palavras do fundo daquele coração complicado e áspero.

—Eu também te amo , — eu disse a ele, enlouquecendo por isso, por que não? As pessoas, mais espertas do que eu, diriam que o mundo não era para covardes e eu não queria ser uma covarde.

Os cantos da boca se inclinaram e seu sorriso era gentil, mas brilhante e doce. —Eu sei que você ama, baby. — Uma dessas mãos subiu pela minha espinha novamente quando ele se inclinou para frente um pouco, sem quebrar o contato visual nem por um segundo. —Eu sei que você faz. E eu sei que você teve muitas pessoas que não foram boas com você, e eu sei que as coisas com sua irmã não são tão boas...

—Ela me enviou uma carta, — eu o interrompi. —Eu preciso dizer a você.

Ele não disse nada, mas eu poderia dizer que ele queria que eu lhe contasse o resto, pela forma como as sobrancelhas dele ficaram planas.

—Ela disse que sentia muito. Que ela não sabia como me falar sobre ter contato com meu pai...

Seu bufo não estava nem perto de ser uma surpresa. Eu não podia dizer que o culpei.

—Supostamente um ex-namorado foi quem invadiu seu apartamento, e ela estava agindo de forma estranha porque ela não queria me dizer que ela era uma stripper. É assim que ela está pagando pelo apartamento dela, — eu terminei com um piscar de

olhos. —Achou que fiquei preocupada por um momento que ela estava vendendo drogas, então...

O rosto de Rip estava cuidadosamente em branco quando ele perguntou: —Como você está se sentindo?

Eu me inclinei para frente e beijei sua bochecha, ganhando uma expressão que estava em algum lugar entre um sorriso e um sorriso que foi direto para a minha alma.

Era assim tão fácil? Era assim que deveria ser? Rip só me deixando beijá-lo sempre que eu quisesse? Eu era tudo para ele. Eu realmente era. —Fiquei triste porque ela não confiou que poderia me dizer. Eu não vou mentir. Dói muito que ela esteja conversando com meu pai entre todas as pessoas e tem sido por anos. Eu não entendo, Rip, você sabe? Quer dizer, eu acho que faço, mas não ao mesmo tempo. Ele não era nem de perto tão mau para elas, só para mim, mesmo assim, não entendo como ela poderia se incomodar em querer tentar. Ela e Kyra. Ele foi horrível. Ele não dava uma única porcaria sobre ela ou qualquer uma delas quando viviam com ele, e eu não estou exagerando nisso. Se fosse ela que tivesse sido maltratada, eu nunca seria capaz de perdoá-lo. Nunca.

Aquela mão grande e quente foi para a minha garganta. —Você não entende porque você não é como elas. — Seu polegar varreu minha bochecha. —Estou falando de suas irmãs. Você não faria isso, Luna. Eu não entendo porque também.

—Ela também disse que meu pai não mandou meu primo para a minha casa, que ele fez isso sozinho, — eu disse a ele. —Eu não tentei ligar para ela novamente desde então. Eu não sei o que vou fazer. Eu a amo, mas estou com raiva.

—Você vai fazer a coisa certa.

—Acredito que sim.

Seu sorriso era suave. —Você vai, baby. Você sempre faz. Não conheço ninguém com um coração tão bom quanto o seu.

—Aww, há muitas pessoas

—Não, não há. — Rip beijou o lado da minha boca, depois o lado oposto, as cerdas curtas em suas bochechas beijando as minhas. — Realmente não existe. Você tem aquela pequena raposa em você, mas você é um lobo, baby. Um maldito milagre. Eu não sei como você saiu do jeito que você é, mas você me ensina algo sobre perdão e amor a cada dia. E aqui eu pensei durante a maior parte da minha vida, até conhecer você, que tinha parado de aprender coisas há muito tempo.

—Eu?

Essa risada foi suave. —Sim você. Só você.

Eu engoli, engoli em seco e levantei minhas sobrancelhas para ele porque não sabia o que dizer. Não tinha ideia do que pensar. Ele deve ter sabido disso porque continuou.

—Eu não sei o que diabos dizer a você sobre suas irmãs, mas eu sei que você vai descobrir. Eu com certeza não sei o que dizer sobre seu pai, mas se você quer saber o que eu penso, eu digo que vamos queimar a casa em que você viveu com ele. Se você quer apenas seguir em frente com sua vida, eu ficaria atrás disso.

—O que eu sei é que eu vou te dizer agora mesmo Eu nunca vou deixar ninguém te tratar como merda, ou fazer você se sentir como

se eles não a quisessem por perto. Não eu, nem mesmo sua família. Eu não estava fodendo quando eu disse que te amo, e eu sei que há muita merda que eu preciso te contar, mas nós vamos descobrir. — Seu polegar esfregou minha bochecha novamente, e aqueles olhos azul-esverdeados que me sugaram e não me cuspiram estavam trancados no meu rosto quando ele disse: —Se você quiser.

Se eu quisesse.

Oh cara.

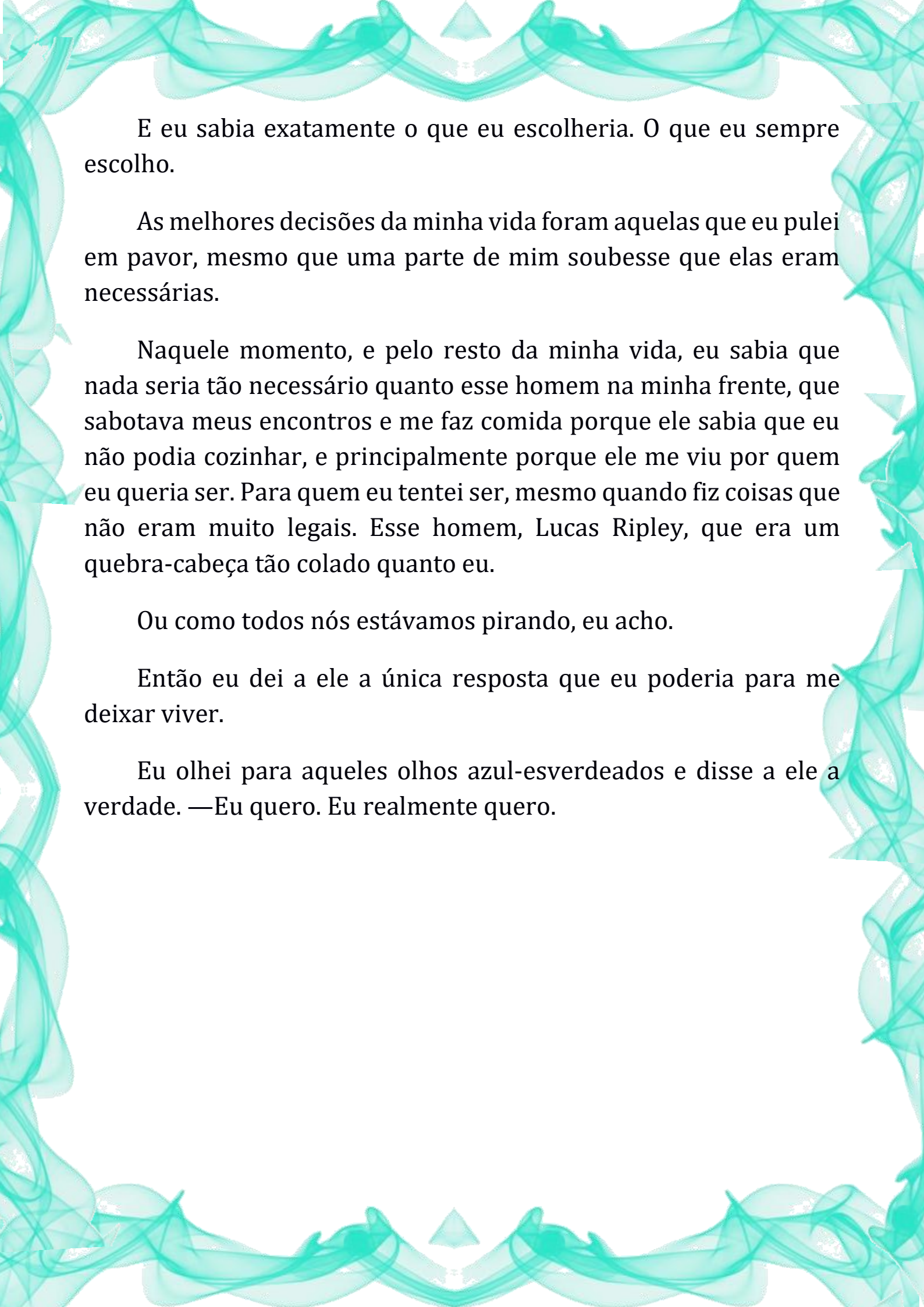
Eu mordi o interior da minha bochecha. —E se eu não quiser? — Eu perguntei a ele, embora nós dois soubéssemos que não seria o caso.

—Então eu tenho mais trabalho a fazer para convencê-la, — ele respondeu suavemente.

O engraçado da vida é que há muita coisa que você não pode escolher. Você não consegue escolher quem será sua família. Você não consegue escolher a cor do cabelo, a altura ou os talentos naturais que lhe são dados. Você não pode escolher onde você nasceu, ou quem, ou o que o mundo verá, quando olhar para você.

Mas a melhor parte da vida é que, no final, nada disso importa. Você pode escolher quem você é. Quem você ama. Você pode mudar a cor do cabelo e, até certo ponto, pode até mudar a cor dos olhos ou talvez alterar sua altura. E você pode aprender a ser bom em alguma coisa.

Há muito que você não tem escolha, mas há muito mais que você pode mudar.

A decorative border made of flowing, translucent teal wavy lines frames the text on the page.

E eu sabia exatamente o que eu escolheria. O que eu sempre escolho.

As melhores decisões da minha vida foram aquelas que eu pulei em pavor, mesmo que uma parte de mim soubesse que elas eram necessárias.

Naquele momento, e pelo resto da minha vida, eu sabia que nada seria tão necessário quanto esse homem na minha frente, que sabotava meus encontros e me faz comida porque ele sabia que eu não podia cozinhar, e principalmente porque ele me viu por quem eu queria ser. Para quem eu tentei ser, mesmo quando fiz coisas que não eram muito legais. Esse homem, Lucas Ripley, que era um quebra-cabeça tão colado quanto eu.

Ou como todos nós estávamos pirando, eu acho.

Então eu dei a ele a única resposta que eu poderia para me deixar viver.

Eu olhei para aqueles olhos azul-esverdeados e disse a ele a verdade. —Eu quero. Eu realmente quero.

Epílogo

Foi o sonho que me acordou.

Esse sonho que me fez acordar com um suspiro.

Não era real, eu disse a mim mesma enquanto piscava para o teto escuro. Tinha sido, pelo menos, dois ou três meses desde a última vez que eu tinha sonhado sobre o meu pai e aquela casa, e os estúpidos e idiotas que tinham meu subconsciente empurrado para sair dela. Não foi real. Não foi real.

Eu estava bem, estava segura e era amada.

Eu não tinha dezessete anos e estava bem.

Mas eu não tive que me virar para saber que era depois da meia-noite agora, então tecnicamente eu tinha trinta e um anos agora. Trinta e um malditos anos. E foi esse conhecimento que me fez sorrir no meu quarto, que fez minha frequência cardíaca desacelerar, e isso me arrepiou, recuando.

Claro que eu tive um sonho sobre o meu pai depois de uma das melhores noites da minha vida. Era assim que essas coisas funcionaram. Aquelas memórias estúpidas se espalhavam cada vez mais conforme o tempo passava, mas ainda estavam lá naquelas escuras e pequenas esquinas que eu não visitava com frequência.

Estendendo a mão para o outro lado da cama, eu a encontrei vazia, mas ainda quente, as cobertas parcialmente em cima de mim. Eu olhei para o banheiro para encontrar a porta fechada e a luz

apagada, e eu sabia exatamente onde Rip estava. Eu sabia exatamente o que ele estava fazendo.

E isso, ainda mais do que a lembrança da minha noite anterior, me acalmou aquele último pouquinho.

Balançando as pernas para o lado da cama, eu rolei para sentar-me na beirada, pegando meu copo meio cheio de água e bebendo o resto antes de me levantar. A casa estava silenciosa, o que honestamente me surpreendeu porque, de acordo com a tela do meu celular, eram três da manhã. Rip e eu chegamos à meia-noite antes de irmos para o nosso quarto tomar banho juntos — e depois fomos para a cama, deixando todo mundo de pé e andando pela casa.

Todos os outros. Isso me fez sorrir ainda mais e ficar de pé, ainda segurando meu copo vazio.

Abrindo a porta o mais silenciosamente que pude, eu escutei pelo corredor, mas ainda não consegui ouvir um pio.

E eu já sabia bem o suficiente para não estragar uma coisa ruim, então fui em direção à sala o mais silenciosamente possível. Foi então que ouvi os barulhos. Os malditos roncos vinham dele. Antes de irmos para a cama, eu disse a todos que não tinham ido para casa, onde os colchões de ar estavam no caso de quererem ficar aqui. Aparentemente, alguém tinha.

Fui até a sala de estar para encontrar a televisão de setenta e cinco polegadas que Rip insistira em comprar há dois anos, mas sem som, tive de parar ali e olhar os dois colchões de ar que haviam sido enchidos. Em um deles estava Lily e seu namorado dos últimos dois anos, esse cara muito legal chamado Abner. No outro colchão estava

Kyra e seu namorado, um cara que eu não gostava nem de perto. Eles estavam completamente vestidos sem um único cobertor ou travesseiro, mas totalmente desmaiados, Kyra roncando como motosserras.

No sofá foi a maior surpresa do meu dia, Thea.

Para ser justa, Thea e Kyra, ambas, vindo para a minha festa de aniversário em primeiro lugar, surpreenderam.

Lily não foi surpreendente em tudo. No ano em que terminara a graduação, ela conseguiu um emprego em Houston, mas mudou-se para o seu próprio lugar, embora passasse a noite em nossa casa com mais frequência do que em seu apartamento. Rip e eu garantimos que ela poderia voltar, mas ela insistiu que estava bem sozinha.

Mas Thea e Kyra? Alguns dias eu queria pensar que as coisas entre nós eram as mesmas de antes, mas não eram. Eu poderia aceitar isso agora. Eu poderia passar pela minha vida sabendo que eu amava o inferno fora de minhas irmãs e que elas me amavam de volta, mas que tudo o que aconteceu há quase cinco anos mudou esses pequenos laços entre nós.

Não ajudava que eu pudesse ver isso em seus rostos toda vez que conversávamos. A hesitação. A preocupação de que eu lhes perguntasse algo que elas não quisessem responder. A preocupação de que elas diriam algo que eu não queria ouvir.

Mesmo que houvesse apenas um tópico que eu não queria ouvir e começava e terminava com um —P.

Mas eu não ia pensar naquela pessoa hoje à noite ou amanhã, ou em qualquer outra noite. O sonho que eu acabei de ter era suficiente. Além disso, era o meu maldito aniversário agora, e eu tive uma ótima noite, e nada chegaria a mim neste momento. Nada mesmo.

Então eu continuei rastejando pela casa, indo para a cozinha que nós nunca tínhamos feito a abertura porque a parede lá era estruturalmente importante, e eu não queria gastar dinheiro refazendo, especialmente quando eu comprei todos os meus eletrodomésticos e consegui bancadas de granito pelo preço que custaria uma viga de suporte. Tudo graças ao dinheiro que vovó Genie me deixou em seu testamento.

A porta se fechou atrás de mim silenciosamente enquanto eu acendi as luzes e me dirigi para o bolo que eu tinha colocado na geladeira horas atrás.

O bonito bolo branco de duas camadas com glitter azul que Rip tinha me feito, que estava a meio caminho agora.

Puxando-o para fora, cortei uma fatia grande e coloquei em um prato, puxando um garfo antes de colocar o bolo de volta na geladeira.

Eu mal havia me sentado em um dos banquinhos sob a ilha novinha em folha que havíamos instalado dois anos atrás, quando a porta se abriu novamente e um corpo grande e familiar estava lá.

Eu sorri.

—O que você está fazendo, baby? , — o pedaço gigante de um homem que eu poderia olhar a cada minuto pelo resto da minha

vida, perguntou, enquanto ele estava lá em uma camiseta branca apertada que se agarrava a cada centímetro daquela parte superior sólida do corpo. A calça azul-marinho cortada que ele usava agora não estava em seu corpo antes de irmos para a cama.

—Conseguindo um pedaço deste bolo incrível, — eu respondi, deslizando o prato em direção a ele uma polegada e levantando as sobancelhas. —Venha dividir comigo.

Rip sorriu aquele sorriso maldito que foi direto para o meu coração antes dele se aproximar, puxando o banquinho ao lado do meu com uma mão enquanto a outra deslizou pelo meu cabelo até a parte de trás do meu pescoço. Eu estava deixando isso crescer ultimamente, e os fios rosa e azul de algodão doce apenas roçavam meus ombros agora. Eu não fiquei nem um pouco surpresa quando ele se inclinou e beijou meu pescoço antes de colocar o banquinho ainda mais perto de mim, uma coxa escancarando a parte de trás da minha enquanto a outra roçou o joelho mais próximo a ele.

—Eu te acordei?

Eu deslizei o garfo pela ponta do bolo enquanto respondi a ele. —Nem um pouco. Eu tive um pesadelo e imaginei que poderia vir aqui e pegar uma fatia enquanto você terminava. — Nós dois sabíamos que eu ainda lutava para voltar a dormir em noites como essas, mas geralmente eu o acordava quando eu dormia, ou me esticava na cama até que eu pudesse pressioná-lo para relaxar para que eu pudesse pegar no sono novamente. Ele nunca se importava, e honestamente, nossas melhores conversas sempre aconteciam em momentos como esses, quando podíamos dizer um ao outro, coisas que não eram tão fáceis ou bonitas.

Sua resposta foi um resmungo quando eu segurei o garfo até a boca e ele deu uma mordida.

—Obrigada por tudo, — eu disse a ele quando tirei o garfo da boca, olhando para aqueles lábios rosados por um segundo a mais do que o necessário, antes de mergulhar os dentes de volta no bolo e cavar mais em minha própria boca.

Cara, estava delicioso.

Uma mão grande e quente pousou no meio das minhas costas e fez um círculo. —Você se divertiu esta noite? , — ele perguntou baixinho.

Eu balancei a cabeça para ele e sorri antes de engolir.

Todos os nossos colegas de trabalho e suas namoradas ou esposas vieram, alguns de seus filhos também. Sr. Cooper e Lydia. Minhas irmãs e seus namorados. Lenny e sua gangue. E até dois amigos de Rip e suas damas.

Rip e Lydia fizeram toda a comida. Ele fez o bolo. Lily comprou os lanches. Lenny e o Sr. Cooper, as bebidas.

Tudo para celebrar meu aniversário. Na casa que eu comprara e que, ao longo dos anos, Rip e eu havíamos consertado ainda mais. Uma casa que estava sob nossos nomes agora. Uma casa que nós tínhamos feito ainda mais, uma casa junto. Um lugar onde nossa filhinha bebê acordava no meio da noite e seu pai se levantava para alimentá-la ou trocar a fralda, ou apenas aconchega-la como se fosse a maior honra.

Ele nunca me acordou para ajudar, mas metade do tempo, o monitor me disse o que estava acontecendo de qualquer maneira. A maioria daquelas noites, especialmente se ele deixasse o pequeno dispositivo na sala, eu apenas me deitava na cama e ouvia ele falar com ela, pacientemente, com tanto amor que parecia que eu iria explodir. Não foi difícil para mim aceitar que ele era um ótimo pai.

Quero dizer, antes das coisas terem ido para o inferno, o Sr. C tinha sido um grande pai para ele. Rip tinha me contado histórias aqui e ali das coisas que haviam feito enquanto sua mãe ainda estava viva. Ele teve um ótimo modelo.

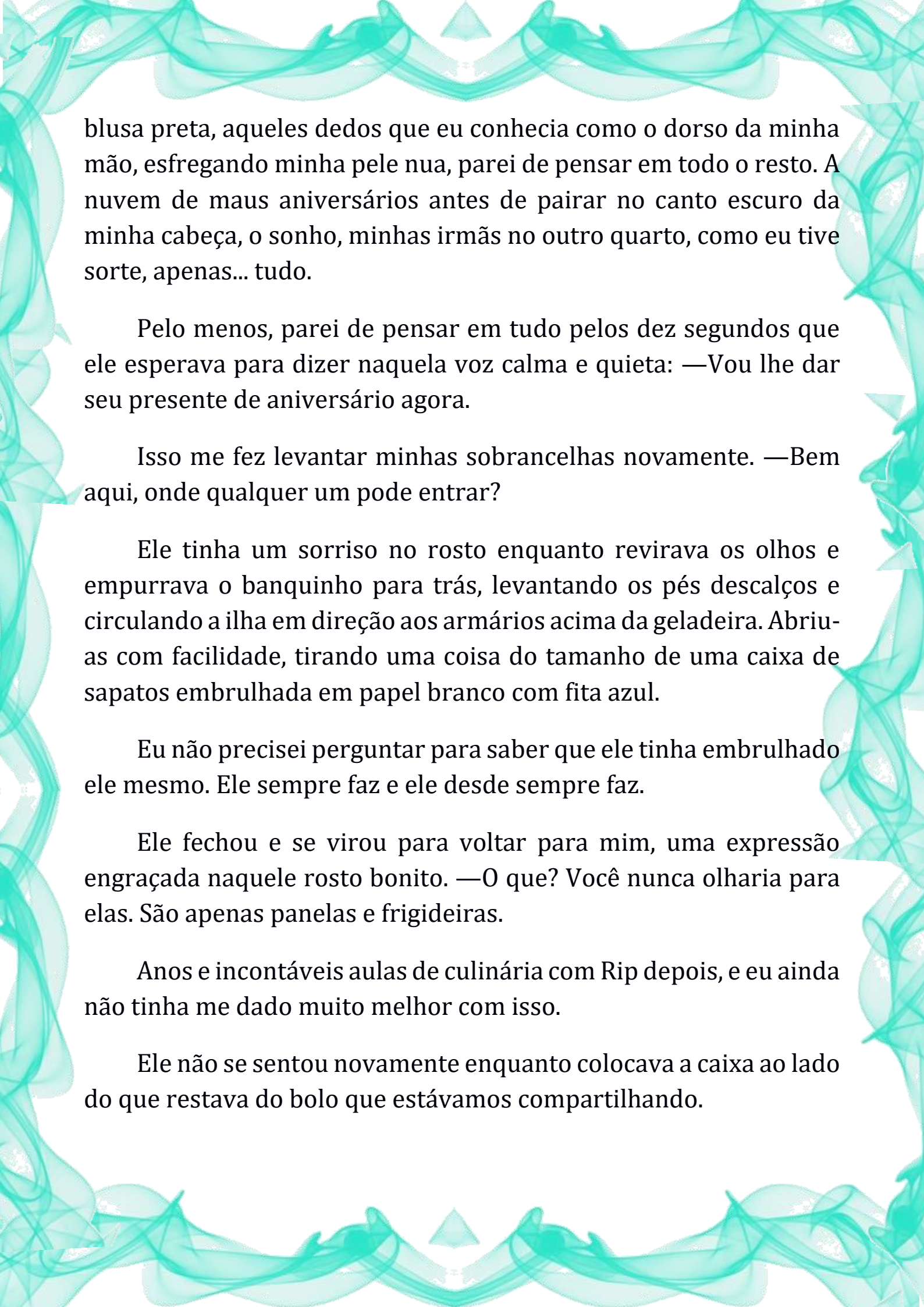
As coisas entre ele e o Sr. Cooper não eram ótimas, mas também não eram ruins. Pode ter ajudado que, depois do ataque cardíaco do Sr. C, ele tenha começado a trabalhar metade das horas que tinha antes, apenas agendados. Eles até contrataram outro mecânico também para ajudar Rip, já que ele tinha que assumir mais do que o Sr. Cooper.

Eles dificilmente discutiam mais. Eles não concordavam metade do tempo, mas eles não lutavam. Eu duvidava que eu os visse abraçar ou falar sobre qualquer coisa que não fosse trabalho ou família, mas era algo. Eu até vi Rip e Lydia conversando duas vezes.

Se isso não fosse algo, eu não sabia o que era.

Então, bem, eu me inclinei e o beijei na boca. —Todo ano é o melhor aniversário de todos.

Rip não sorriu quando me afastei dele, mas ele me observou com aqueles olhos, e me perguntei o que ele estava pensando. Mas quando a mão dele escorregou debaixo da parte de trás da minha

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines surrounds the text, resembling smoke or flowing fabric.

blusa preta, aqueles dedos que eu conhecia como o dorso da minha mão, esfregando minha pele nua, parei de pensar em todo o resto. A nuvem de maus aniversários antes de pairar no canto escuro da minha cabeça, o sonho, minhas irmãs no outro quarto, como eu tive sorte, apenas... tudo.

Pelo menos, parei de pensar em tudo pelos dez segundos que ele esperava para dizer naquela voz calma e quieta: —Vou lhe dar seu presente de aniversário agora.

Isso me fez levantar minhas sobrancelhas novamente. —Bem aqui, onde qualquer um pode entrar?

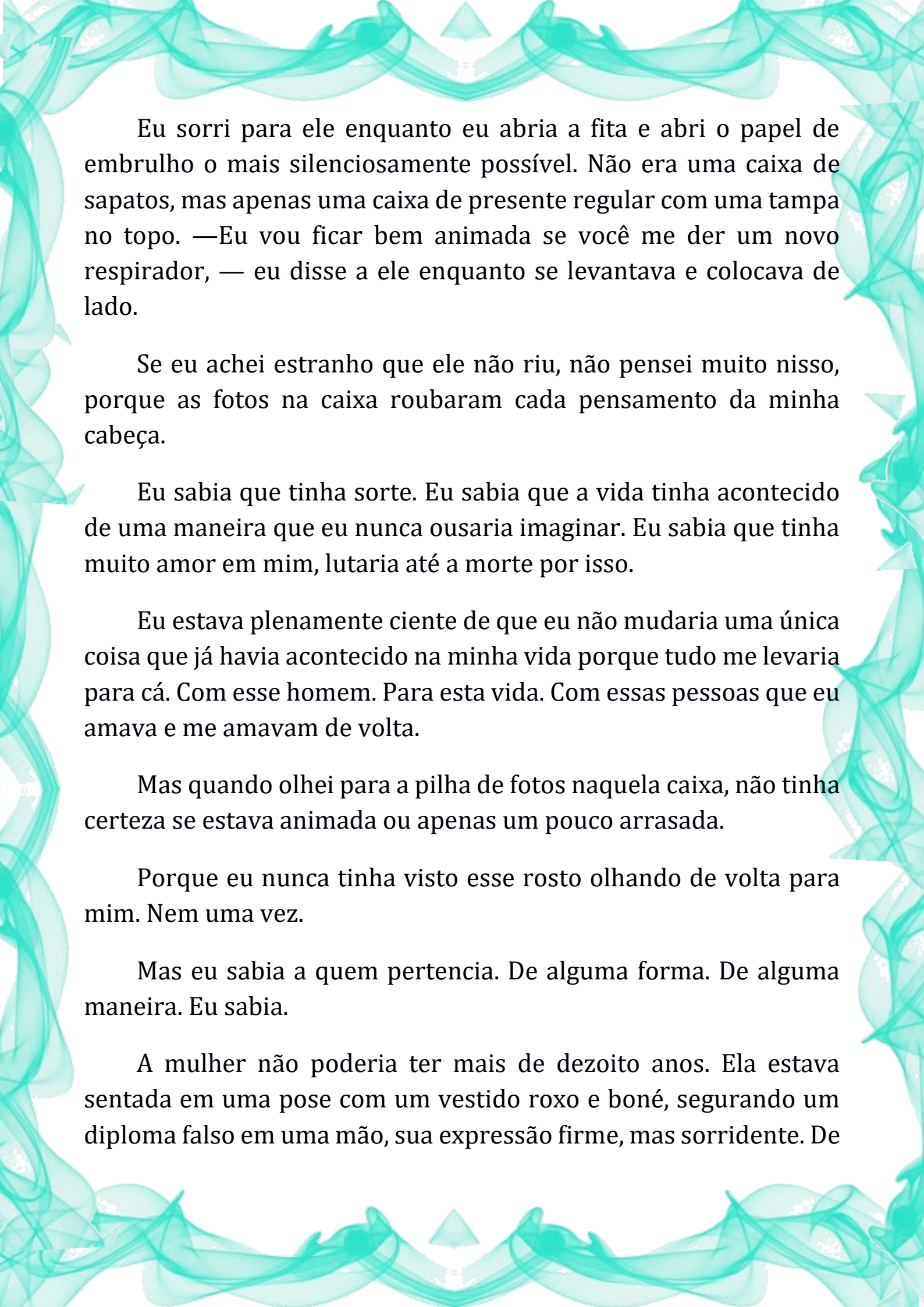
Ele tinha um sorriso no rosto enquanto revirava os olhos e empurrava o banquinho para trás, levantando os pés descalços e circulando a ilha em direção aos armários acima da geladeira. Abriu-as com facilidade, tirando uma coisa do tamanho de uma caixa de sapatos embrulhada em papel branco com fita azul.

Eu não precisei perguntar para saber que ele tinha embrulhado ele mesmo. Ele sempre faz e ele desde sempre faz.

Ele fechou e se virou para voltar para mim, uma expressão engraçada naquele rosto bonito. —O que? Você nunca olharia para elas. São apenas panelas e frigideiras.

Anos e incontáveis aulas de culinária com Rip depois, e eu ainda não tinha me dado muito melhor com isso.

Ele não se sentou novamente enquanto colocava a caixa ao lado do que restava do bolo que estávamos compartilhando.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines frames the text on all sides.

Eu sorri para ele enquanto eu abria a fita e abri o papel de embrulho o mais silenciosamente possível. Não era uma caixa de sapatos, mas apenas uma caixa de presente regular com uma tampa no topo. —Eu vou ficar bem animada se você me der um novo respirador, — eu disse a ele enquanto se levantava e colocava de lado.

Se eu achei estranho que ele não riu, não pensei muito nisso, porque as fotos na caixa roubaram cada pensamento da minha cabeça.

Eu sabia que tinha sorte. Eu sabia que a vida tinha acontecido de uma maneira que eu nunca ousaria imaginar. Eu sabia que tinha muito amor em mim, lutaria até a morte por isso.

Eu estava plenamente ciente de que eu não mudaria uma única coisa que já havia acontecido na minha vida porque tudo me levaria para cá. Com esse homem. Para esta vida. Com essas pessoas que eu amava e me amavam de volta.

Mas quando olhei para a pilha de fotos naquela caixa, não tinha certeza se estava animada ou apenas um pouco arrasada.

Porque eu nunca tinha visto esse rosto olhando de volta para mim. Nem uma vez.

Mas eu sabia a quem pertencia. De alguma forma. De alguma maneira. Eu sabia.

A mulher não poderia ter mais de dezoito anos. Ela estava sentada em uma pose com um vestido roxo e boné, segurando um diploma falso em uma mão, sua expressão firme, mas sorridente. De

pele oliva claro. De cabelos médios. Ela não tinha os olhos verdes dos Miller, mas por que ela teria?

—Sabe quem é? — Rip perguntou baixinho, colocando a mão de volta na minha espinha.

Eu engoli em seco e mal consegui sair: —Minha mãe, certo?

Aquela mão grande subiu e desceu antes que ele confirmasse: —Sim, baby. É sua mãe.

Eu tirei a foto de cima e olhei para a próxima. Era outra foto de formatura com um histórico diferente, com ela sentada em uma posição diferente, ainda sorrindo firmemente para a câmera como se ela preferisse estar em outro lugar.

Era a minha mãe. Minha mãe.

—Demorei três anos para encontrar isso. Ela esteve na equipe de perfuração por um ano. Supostamente ela era muito boa em arte, mas ela não gostava muito da escola— — ele falou baixinho. — Vocês duas são muito parecidas, eu acho.

Eu olhei para outra foto e encontrei a mesma mulher sentada em um uniforme de equipe de perfuração, a mesma expressão em seu rosto.

Era minha mãe.

—Ela saiu de casa logo após a formatura e ninguém sabia onde ela estava, — Rip continuou falando. —Ninguém sabia que ela faleceu. Eles não sabiam sobre você ou seu irmão. Eu pensei com certeza que eles estavam inventando, mas eles não estavam, Luna,

baby. Eu poderia dizer que eles não sabiam. Eles não tinham ideia sobre você...

Eu tive que engolir. Pressionei meus lábios juntos. Pisquei porque meus olhos começaram a queimar de repente, e eu não sabia o que fazer. Sacudindo meu olhar para cima, minha mão foi para a dele — para aquela mão que segurei em todas as chances que eu tinha, — e eu perguntei a ele antes que pudesse pensar duas vezes sobre isso. —Quem são eles?

Lucas Ripley se inclinou e passou a boca sobre a minha, depois recuou, a mão livre indo para o meu rosto. —A família da sua mãe, baby. Se você quiser conhecê-los, você tem uma avó e uma tia hospedadas em um hotel, agora mesmo, a alguns quilômetros de distância, que adorariam ver você amanhã.

—Você está falando sério?

—Sim. — Seu polegar roçou minha bochecha novamente. — Você está bem com isso? — Ele perguntou suavemente, com ternura naquela voz áspera. —Você está bem em fazer a família um pouco maior ao conhecê-los?

Você teria imaginado que ele teria se acostumado com meus abraços ao longo dos anos, mas ele não tinha. Ele ainda suspirou no meu pescoço como se fosse algo novo, e envolveu seus braços em volta de mim tão apertado como sempre quando eu joguei meus braços ao redor dele de repente. Apertando-o com força. Apertando-o como se ele significasse o mundo para mim e tivesse feito a minha vida dez vezes melhor apenas existindo. Por ser apenas a pessoa que ele era.

Eu era seriamente a pessoa mais sortuda do mundo.

Fim

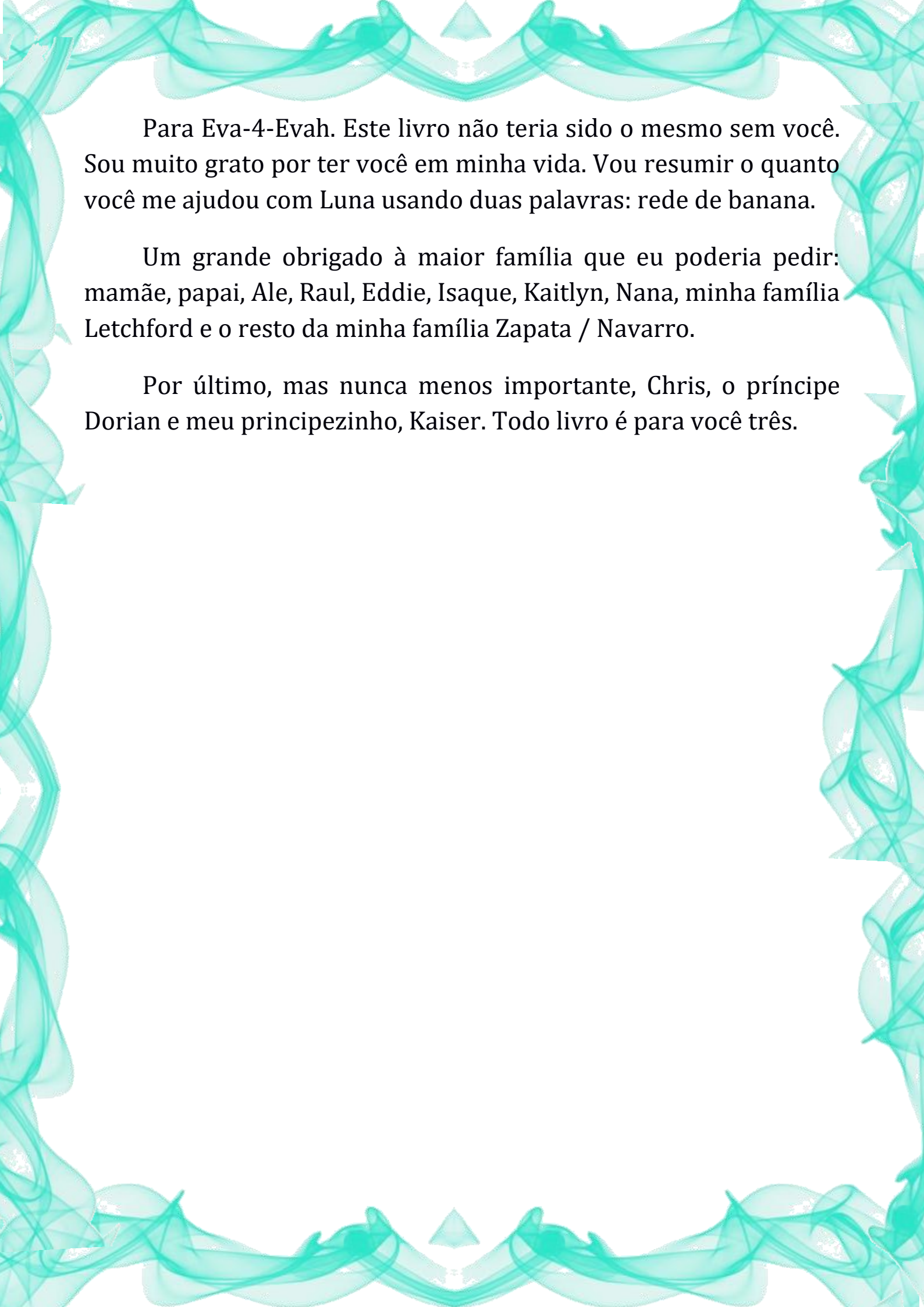
Agradecimentos

Um livro nunca é escrito sem muito amor e paciência de muitas pessoas.

Em primeiro lugar, para os maiores leitores de todo o universo - não posso agradecer o suficiente por seu amor e apoio. Cada e-mail, mensagem, postagem e revisão significa o mundo para mim. Vocês nunca deixam de me surpreender. A sério. Você é realmente o melhor leitor de todos os tempos.

Para o melhor grupo de leitura, meus Slow Burners, obrigado por sua paciência e amor. Aos meus pré-leitores / amigos por me aturarem e aos destroços eu chamo os rascunhos que lhe envio. Ryn, meu amigo, eu não posso te agradecer o suficiente por não ser apenas uma pessoa incrível, mas também por me ajudar muito com essa sinopse. (Perdoe-me por ser um teimoso-burro com isso.)

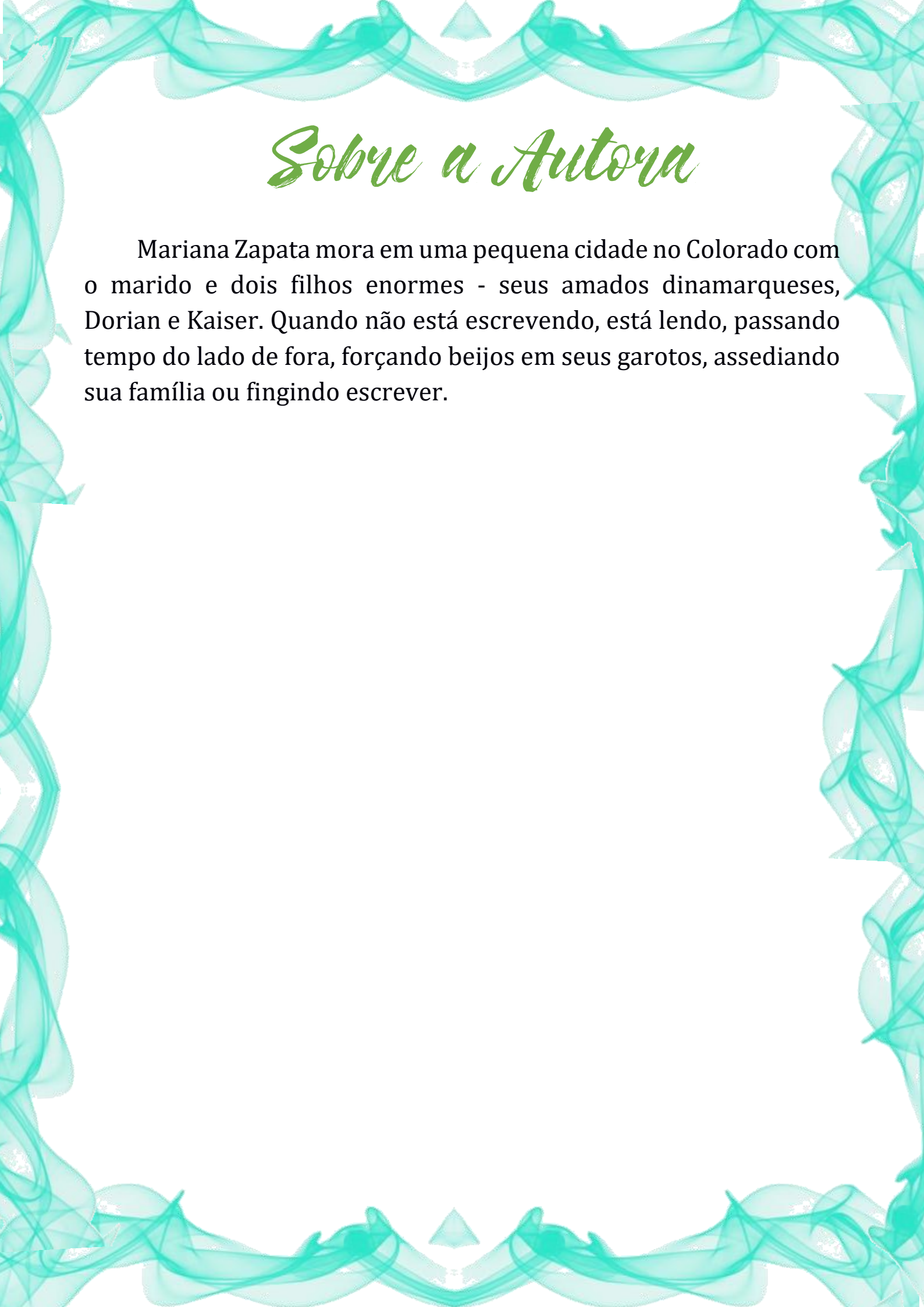
Um enorme obrigado a Letitia Hasser da RBA Designs por projetar as melhores capas de todos os tempos e por me ajudar a mudar minha mente o tempo todo. Jeff at Indie Formatting Services, obrigado por sua excelente formatação e sempre ser tão legal. Para Virginia e Kim na Hot Tree Editing, obrigada por me ajudarem muito com a história de Luna e Rip. Para Ellie no editor do meu irmão. Kemi Faderin, Lauren Abramo e Jane Dystel da Dystel, Goderich & Bourret, por seu apoio e me ajudando a alcançar o público que eu não tinha ideia, eram uma possibilidade.



Para Eva-4-Evah. Este livro não teria sido o mesmo sem você. Sou muito grato por ter você em minha vida. Vou resumir o quanto você me ajudou com Luna usando duas palavras: rede de banana.

Um grande obrigado à maior família que eu poderia pedir: mamãe, papai, Ale, Raul, Eddie, Isaque, Kaitlyn, Nana, minha família Letchford e o resto da minha família Zapata / Navarro.

Por último, mas nunca menos importante, Chris, o príncipe Dorian e meu príncipezinho, Kaiser. Todo livro é para você três.

A decorative border made of teal, wavy, translucent lines that resemble smoke or liquid, framing the entire page. The border is thicker at the top and bottom and tapers slightly on the sides.

Sobre a Autora

Mariana Zapata mora em uma pequena cidade no Colorado com o marido e dois filhos enormes - seus amados dinamarqueses, Dorian e Kaiser. Quando não está escrevendo, está lendo, passando tempo do lado de fora, forçando beijos em seus garotos, assediando sua família ou fingindo escrever.